

Marcelo Calegare, Luiz Paulo Ribeiro e Alejandra Olivera-Méndez  
Organizadores

# PSICOLOGIA RURAL: PERCURSOS, PRÁTICAS E REFLEXÕES LATINO-AMERICANAS

## PSICOLOGÍA RURAL: RECORRIDOS, PRÁCTICAS Y REFLEXIONES LATINOAMERICANAS



**PSICOLOGIA RURAL:  
PERCURSOS, PRÁTICAS E REFLEXÕES  
LATINO-AMERICANAS**

---

**PSICOLOGÍA RURAL:  
RECORRIDOS, PRÁCTICAS Y REFLEXIONES  
LATINOAMERICANAS**

Marcelo Calegare  
Luiz Paulo Ribeiro  
Alejandra Olivera-Méndez  
Organizadores

**PSICOLOGIA RURAL:  
PERCURSOS, PRÁTICAS E REFLEXÕES  
LATINO-AMERICANAS**

---

**PSICOLOGÍA RURAL:  
RECORRIDOS, PRÁCTICAS Y REFLEXIONES  
LATINOAMERICANAS**



**ALEXA**  
Embu das Artes - SP  
2023



# COMITÊ CIENTÍFICO ALEXA CULTURAL

## Presidente

Yvone Dias Avelino (PUC/SP)

## Vice-presidente

Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP)

## Membros

Adailton da Silva (UFAM – Benjamin Constant/AM)  
Alfredo González-Ruibal (Universidade Complutense de Madrid - Espanha)  
Aldair Oliveira de Andrade (UFAM - Manaus/AM)  
Ana Paula Nunes Chaves (UDESC – Florianópolis/SC)  
Arlete Assumpção Monteiro (PUC/SP - São Paulo/SP)  
Barbara M. Arisi (UNILA – Foz do Iguaçu/PR)  
Benedicto Anselmo Domingos Vitoriano (Anhanguera – Osasco/SP)  
Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira (PUC/SP – São Paulo/SP)  
Claudio Carlan (UNIFAL – Alfenas/MG)  
Denia Roman Solano (Universidade da Costa Rica - Costa Rica)  
Débora Cristina Goulart (UNIFESP – Guarulhos/SP)  
Diana Sandra Tamburini (UNR – Rosário/Santa Fé – Argentina)  
Edgard de Assis Carvalho (PUC/SP – São Paulo/SP)  
Estevão Rafael Fernandes (UNIR – Porto Velho/RO)  
Evandro Luiz Guedin (UFAM – Itaquatiara/AM)  
Fábia Barbosa Ribeiro (UNILAB – São Francisco do Conde/BA)  
Fabiano de Souza Gontijo (UFPA – Belém/PA)  
Gilson Rambelli (UFS – São Cristóvão/SE)  
Graziele Açcolini (UFGD – Dourados/MS)  
Iraíldes Caldas Torres (UFAM – Manaus/AM)  
José Geraldo Costa Grillo (UNIFESP – Guarulhos/SP)  
Juan Álvaro Echeverri Restrepo (UNAL – Letícia/Amazonas – Colômbia)  
Júlio Cesar Machado de Paula (UFF – Niterói/RJ)  
Karel Henricus Langermans (Anhanguera – Campo Limpo - São Paulo/SP)  
Kelly Ludkiewicz Alves (UFBA – Salvador/BA)  
Leandro Colling (UFBA – Salvador/BA)  
Lilian Marta Grisólio (UFG – Catalão/GO)  
Lucia Helena Vitalli Rangel (PUC/SP – São Paulo/SP)  
Luciane Soares da Silva (UENF – Campos de Goitacazes/RJ)  
Mabel M. Fernández (UNLPam – Santa Rosa/La Pampa – Argentina)  
Marilene Corrêa da Silva Freitas (UFAM – Manaus/AM)  
María Teresa Boschín (UNLu – Luján/Buenos Aires – Argentina)  
Marlon Borges Pestana (FURG – Universidade Federal do Rio Grande/RS)  
Michel Justamand (UNIFESP - Guarulhos/SP)  
Miguel Angelo Silva de Melo - (UPE - Recife/PE)  
Odenei de Souza Ribeiro (UFAM – Manaus/AM)  
Patricia Sposito Mechi (UNILA – Foz do Iguaçu/PR)  
Paulo Alves Junior (FMU – São Paulo/SP)  
Raquel dos Santos Funari (UNICAMP – Campinas/SP)  
Renata Senna Garrafoli (UFPR – Curitiba/PR)  
Renilda Aparecida Costa (UFAM – Manaus/AM)  
Roberta Ferreira Coelho de Andrade (UFAM - Manaus/AM)  
Sebastião Rocha de Sousa (UEA – Tabatinga/AM)  
Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFRRJ – Rio de Janeiro/RJ)  
Vanderlei Elias Neri (UNICSUL – São Paulo/SP)  
Vera Lúcia Vieira (PUC – São Paulo/SP)  
Wanderson Fabio Melo (UFF – Rio das Ostras/RJ)

# UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

## CONSELHO EDITORIAL

### **Presidente**

Henrique dos Santos Pereira

### **Membros**

Antônio Carlos Witkoski  
Domingos Sávio Nunes de Lima  
Edleno Silva de Moura  
Elizabeth Ferreira Cartaxo  
Spartaco Astolfi Filho  
Valeria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel

### **COMITÊ EDITORIAL DA EDUA**

Louis Marmoz - Université de Versailles  
Antônio Cattani - UFRGS  
Alfredo Bosi- USP  
Arminda Mourão Botelho - UFAM  
Spartacus Astolfi - UFAM  
Boaventura Sousa Santos - Universidade de Coimbra  
Bernard Emery - Université Stendhal-Grenoble 3  
Cesar Barreira - UFC  
Conceição Almeida - UFRN  
Edgard de Assis Carvalho - PUC/SP  
Gabriel Conh - USP  
Geresa Ferreira - PUC/SP  
José Vicente Tavares - UFRGS  
José Paulo Netto - UFRJ  
Paulo Emílio - FGV/RJ  
Élide Rugai Bastos - UNICAMP  
Renan Freitas Pinto - UFAM  
Renato Ortiz - UNICAMP  
Rosa Ester Rossini - USP  
Renato Tribuzy – UFAM

### **Reitor**

Sylvio Mário Puga Ferreira

### **Vice-Reitora**

Therezinha de Jesus Pinto Fraxe

### **Editor**

Sérgio Augusto Freire de Souza

## *Agradecimentos*

*Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por meio do Edital nº 002/2022 – Programa de Apoio à Realização de Eventos Científicos e Tecnológicos do Estado do Amazonas (PAREV), pela concessão financeira que permitiu a realização do IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural (CLAPRU). À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP).*

*Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), à Faculdade de Psicologia e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas pelo apoio e concessão do espaço para realização do CLAPRU.*

*Ao apoio na organização geral recebido pela Red Latinoamericana de Psicología Rural (RedPsiRural), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidad de la Cuenca del Plata e Colegio de Postgraduados.*

*Aos Programas de Pós-Graduação da UFAM em Agronomia Tropical (PPGATR), Antropologia Social (PPGAS), Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPGCASA), Educação (PPGE), Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS). Ao Núcleo de Socioeconomia (NUSEC) e ao Grupo Inter-Ação de pesquisas e extensão sócio-ambientais na Amazônia.*

*À Fiocruz Amazônia - Instituto Leônidas e Maria Deane. Ao Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA) e à Rede Amazônica de Tecnologia Social, ambos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). À Universidad del Centro Educativo Latinoamericano (UCEL). À Associação Brasileira de Psicologia Ambiental e Relações Pessoa-Ambiente (ABRAPA).*

*À Rede Maniva de Agroecologia (REMA) e à Cesta Verde Dona Walda.*

*Nossos sinceros agradecimentos.*

*Dedicatória*

*Aos povos e comunidades do interior, do campo, das florestas, dos cerrados, das estepes, dos Andes e outras montanhas, das águas doces e marinhas, dos pampas, dos semiáridos e dos desertos da América Latina.*

*A la Red Latinoamericana de Psicología Rural como un entramando de personas que se sigue ampliando y fortaleciendo en el tiempo en pos de visibilizar las diversas áreas rurales con las bondades y complejidades que implican.*

© by Alexa Cultural

**Direção**

Gladys Corcione Amaro Langermans

Nathasha Amaro Langermans

**Editor**

Karel Langermans

**Capa**

K Langer

**Revisão Técnica**

Marcelo Calegare e Michel Justamand

**Revisão de língua**

Marcelo Calegare, Luiz Paulo Ribeiro e Alejandra Olivera-Méndez

**Editoração Eletrônica**

Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 - Psicologia Rural: percursos, práticas e reflexões latino-americanas = Psicología Rural: recorridos, prácticas y reflexiones latino-americanas [livro eletrônico] / Organizadores Marcelo Calegare, Luiz Paulo Ribeiro, Alejandra Olivera-Méndez. – Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2023.

705 p. : il.

Formato: PDF

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-85-5467-316-1

1. Psicologia. 2. Ruralidades. 3. América Latina – Condições rurais. I. Calegare, Marcelo. II. Ribeiro, Luiz Paulo. III. Olivera-Méndez, Alejandra.

CDD 305.56

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Índice para catálogo sistemático

1 - Psicologia

2 - Ruralidades

3 - América Latina

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da editora e dos organizadores

**ALEXA**

Alexa Cultural Ltda

Rua Henrique Franchini, 256

Embu das Artes/SP - CEP: 06844-140

alexa@alexacultural.com.br

alexacultural@terra.com.br

www.alexacultural.com.br

www.alexaloja.com



**Editora da Universidade Federal do Amazonas**

Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos,  
n. 6200 - Coroado I, Manaus/AM  
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio  
Filho, Centro de Convivência – Setor Norte  
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290  
E-mail: ufam.editora@gmail.com

## PREFACIO

“Psicología Rural: recorridos, prácticas y reflexiones latinoamericanas” es un libro que ofrece diversidad de perspectivas y estudios en el campo de la Psicología Rural o Psicología en contextos rurales, instalado en el conocimiento de frontera al trascender los cánones instaurados en la Psicología en su *status* de ciencia y los paradigmas hegemónicos que le acompañan, cuestiona los procesos de reflexión y acción de conocimiento desde el ámbito de lo rural y/o la ruralidad. A la par, trasciende la delimitación del área de estudio más allá de la polarización entre el contexto de lo urbano-ciudad y lo rural-campo, al poner el acento en lo rural como categoría analítica de “los procesos” intrínsecos a la trama y urdimbre psico-socio-rural.

El libro tiene un carácter móvil al ubicarse en la frontera del conocimiento como un espacio borroso, pero sugerente, donde la trama o urdimbre social de lo rural en la Psicología se reflexiona a partir de investigaciones que se desarrollan en las “fronteras del conocimiento”. Frontera de conocimiento entendida como espacio intersticial en el plano epistemológico que, da cuenta de los límites en los lugares, en los linderos en la construcción y producción de conocimiento, que indican dónde inicia y termina la frontera de ese lugar cartográfico del conocimiento en la Psicología sobre el estudio del contexto rural y/o la ruralidad.

En este sentido, el libro tiene la potencialidad de influir en el lector para movilizarle a espacios del conocimiento de frontera en la medida que plantea abordajes y metodologías sobre las que existe una fuerte controversia en la comunidad científica, en la Psicología, de forma que cuestiona el estatus de paradigma dominante desde su propia nominación y autoadscripción como Psicología Rural. Como también, al utilizar metodologías y conceptos atípicos o poco convencionales en el ámbito disciplinar e interdisciplinar, que, a su vez, aportan resultados que permiten un desarrollo significativo en el conocimiento, siendo productores de paradigmas que transitan hacia nuevos enfoques y formas de pensar, que no son posibles en el *statu quo* de la Psicología.

La polifonía de voces que hablan de lo rural y/o la ruralidad desde la diversidad y la frontera del conocimiento, se conjugan como espacio reflexivo desde un lugar de enunciación que es América Latina. Desde América Latina no solo se produce conocimiento en este libro, sino también, se interviene en los procesos psicológicos, comunitarios y psicosociales en una sociedad rural a diferencia de una urbana. Ahora, determinar cuáles problemáticas y necesidades atender desde la Psicología en el campo de lo rural está determinado por la observación de los fenómenos actuales y su análisis contextual en el devenir histórico de la región.

Al respecto, la época de la invasión o mal llamada “conquista” y la colonia no refleja la dicotomía del entramado de lo rural y lo urbano como forma de asentamiento humano, más bien es a partir de los procesos de industrialización que se generan dinámicas sociales donde se van diferenciando la conformación de regiones y se establecen poblaciones que se diversifican por la densidad demográfica; la función, actividad productiva de la región; la infraestructura de servicios que poseen; el ordenamiento espacial y ubicación geográfica, de manera que se contrasta lo que se define como espacios rurales en relación con los urbanos.

Empero, desde la invasión hasta el siglo XX, lo que se iría configurando como vida rural, se enmarca en las problemáticas asociadas a la tenencia de la tierra, la cual, a su vez, se relacionan con las formas de dominación y poder establecidos por los españoles y portugueses, el despojo territorial sobre los pueblos indígena y el usufructo de las posesiones coloniales concedidas a los “conquistadores”, órdenes religiosas y funcionarios de la Corona. Posteriormente, en los procesos de independencia y la conformación de los Estados-Nacionales, se crean nuevos grupos de poder y terratenientes con usufructo de la tierra y territorio que, convergen a partir de mediados del siglo XX, con predominio en las zonas rurales del sistema latifundista y, al margen, los minifundios familiares.

La plantación de cultivos que existen desde la época de la colonia y que se transforman con la posterior incursión en los procesos de industrialización de los cultivos tradicionales y el control de las empresas transnacionales en la zona, va determinando la dinámica y entramado de la ruralidad, acompañados con la creación en diversos

países de América Latina de enclaves de empresas transnacionales que explotan minerales e hidrocarburos. Los derivados de este entramado dentro de las economías de dependencia en América Latina, van a expandir la brecha de pobreza y desigualdad en la zona rural, aun en los países de mayor desarrollo relativo.

Esta panorámica del devenir histórico rural, descrito *grosso modo*, constituye una necesidad fehaciente por atender en las Ciencias Sociales y demanda de la Psicología en contextos rurales de su análisis, atención e investigación.

En razón a ello, el libro ofrece diversas perspectivas de la Psicología que responde a las problemáticas y necesidades fehacientes de los modos de producción, reproducción y transformación de la vida rural, a los estudios de la producción a partir de la materia prima que se produce en el campo; de los sistemas de asistencia técnica y extensión rural en la perspectiva de desarrollo.

La producción intelectual de la obra es producto del trabajo colectivo de los y las intelectuales de habla castellana y portuguesa de América Latina, que participaron como ponentes y coordinadores de grupos de trabajo en el IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural (CLAPRU), celebrado en la Universidad Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Brasil en el año 2022.

Los/las autoras del libro se introducen en experiencias de salud, educación, ambiente, cambio climático en el ámbito rural; estudios de género, movilidad humana entre contextos rurales y urbanos. El diálogo entre autores se extiende y coloca a discusión reflexiones críticas sobre las luchas agrarias, las acciones de movimientos sociales con demandas campesinas y de los pueblos originarios. Así también, ofrece un espacio de disertación en materia de políticas públicas, agrarias y rurales.

Allende, considero que esta obra es necesaria en la formación profesional de la Psicología al ofrecer al lector la posibilidad de rescatar memorias negadas y ausentes en los Programas de Licenciatura y posgrado en Psicología sobre el estudio de los contextos rurales. A la par de establecer diálogos inter y transdisciplinarios en aras a reflexionar sobre los abordajes, teorías, epistemologías y metodología de trabajo en las tramas rurales.

Les invitamos a leer este libro que constituye un desafío para *pensar* la Psicología, ubicándonos en un espacio-tiempo que incita a

la deconstrucción de conceptos, categorías analíticas en, con y desde los entramados rurales.

Katherine Isabel Herazo González  
Facultad de Psicología, Universidad Nacional Autónoma de  
México (UNAM)

Ciudad Universitaria a 12 de mayo de 2023

# SUMÁRIO

PREFACIO

- 8 -

MOVIMIENTOS DE LA PSICOLOGÍA RURAL  
LATINOAMERICANA EN SU CUARTO CONGRESO

Alejandra Olivera-Méndes, Luiz Paulo Ribeiro e

Marcelo Calegare

- 23 -

## - PSICOLOGIA RURAL -

PSICOLOGIA FLORESTAL AMAZÔNICA E OS PROCESSOS  
PSICOFLORESTAIS

Marcelo Calegare

- 35 -

SUSTENTABILIDAD Y RESILIENCIA, GUÍAS PARA LA  
ACCIÓN DEL PSICÓLOGO EN AMBIENTE RURAL

Concepción Sánchez Quintanar

- 52 -

HACIA LAS AUTONOMÍAS EN ABYA YALA: (RE)PENSANDO  
EL FORTALECIMIENTO DESDE UNA PSICOLOGÍA  
COMUNITARIA CON ENFOQUE DECOLONIAL

Felipe Valenzuela-Levi

- 66 -

RURALIDADES ANTISISTÉMICAS: CULTIVO DE OTRAS  
PSICOLOGÍAS DESDE EL ANARQUISMO AGRARIO

Donatto Daniel Badillo Cuevas

- 78 -

PSICOLOGIA COMUNITÁRIA EM CONTEXTOS RURAIS NA  
AMÉRICA LATINA E CARIBE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA  
DE LITERATURA

Letícia Lopes de Souza, Mateus Vitor dos Reis,

Weverton Corrêa Netto e Telmo Mota Ronzani

- 95 -

PSICOLOGIA E RURALIDADES: REVISÃO DE PRODUÇÕES  
CIENTÍFICAS EM UMA PLATAFORMA DE INDEXAÇÃO

Clarice Regina Catelan Ferreira, Luani Akemi Furyama,  
Mariana Duarte Milani de Holanda e Isabela Santos Mendonça  
- 105 -

CONTEXTOS RURAIS COMO POSSIBILIDADE DE  
DISCUSSÕES E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Clarice Regina Catelan Ferreira e Claudia Lopes Perpétuo  
- 117 -

EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO EM PSICOLOGIA  
COMUNITÁRIA: AS POTENCIALIDADES DAS  
INTERATUAÇÕES PSICOSSOCIAIS NA COMUNIDADE  
RURAL DE SARANDIRA

Conrado Pável de Oliveira, Andressa Camila Lenz Sott,  
Roberta de Castro Moreira, Oetsia Vargas Smits,  
Thamara Barbosa Teixeira Dias, Vinicius Farage Silva e  
Rafaella Carvalho de Souza  
- 127 -

COMUNIDADE INDÍGENA PLURIÉTNICA SOL NASCENTE:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Janaína Léia Passos Silva e Marcelo Calegare  
- 139 -

PROJETO AGRICULTORAS EM AÇÃO: INTERVENÇÕES NA  
REGIÃO NOROESTE DO RS

Luthiane Pisoni Godoy, Lissandra Baggio,  
Cléia dos Santos Moraes e Bruna da Rosa Ramos  
- 149 -

DIVERSIDADES IMPERFECTAS Y ANHELO DE UN MUNDO  
DONDE QUEPAN MUCHOS MUNDOS: REFLEXIONES SOBRE  
LA CANCELACIÓN DEL IV CONGRESO LATINOAMERICANO  
DE PSICOLOGÍA RURAL EN BOLIVIA

Fernando Landini e Alejandra Olivera-Méndez  
- 158 -

**- AMBIENTE E RURALIDADES -**

DESAFIOS PSICOSSOCIAIS NO ENFRENTAMENTO DA  
MUDANÇA CLIMÁTICA

Maria Inês Gasparetto Higuchi

- 171 -

AGROECOLOGIA, BEM VIVER E COMPROMISSO PRÓ-  
ECOLÓGICO: ARTICULAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DA  
PSICOLOGIA AMBIENTAL

Cícera Mônica da Silva Sousa Martins,

Halaine Cristina Pessoa Bento e Zulmira Áurea Cruz Bomfim

- 179 -

O SENTIMENTO DE PERTENÇA DE COMUNITÁRIOS  
INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS EM UMA COMUNIDADE  
PLURIÉTNICA NA CIDADE DE MANAUS

Kássia Pereira Lopes e Marcelo Calegare

- 191 -

MEU LUGAR, MINHA IDENTIDADE: RELAÇÃO AFETIVA  
PESSOA-AMBIENTE E OS PROCESSOS DE DESAPROPRIAÇÃO  
EM COMUNIDADES RURAIS DO CEARÁ, BRASIL

Cícera Mônica da Silva Sousa Martins, Zulmira Áurea Cruz

Bomfim e Liana de Andrade Esmeraldo Pereira

- 201 -

**- CICLOS DE VIDA E RURALIDADES -**

A CONSTRUÇÃO DO DIAGNÓSTICO SOCIAL SOBRE  
A PRIMEIRA INFÂNCIA CAMPISTA: O QUE DIZEM AS  
CRIANÇAS DAS ÁREAS RURAIS?

Beatriz Corsino Pérez, Juliana Thimóteo Nazareno Mendes e

Leda Regina de Barros Silva

- 214 -

BRINCADEIRAS, NARRATIVAS E TROCAS  
INTERGERACIONAIS: CRIANÇAS E JOVENS COMO AGENTES  
NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL

Amanda Thuns Biazzzi e Beatriz Corsino Pérez

- 225 -

PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SOLIDÃO NA VELHICE:  
UM ESTUDO COM MULHERES HORTEIRAS NA ZONA  
RURAL DE SANTA CRUZ/RN

Ingrid Jonária da Silva Santos, Agna Clara Cândido dos Santos,  
Agacy Vieira de Melo Neto, Yoná Ingrid Trajano de Morais e  
Fernanda Fernandes Gurgel

- 236 -

**- EDUCAÇÃO E RURALIDADES -**

OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA LUTA PELA EDUCAÇÃO  
DO CAMPO E O CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO DO CAMPO

Thayslla Araújo Falcão, José Eduardo da Silva Azevedo e  
Maria Ivonete Barbosa Tamboril

- 249 -

PROJETO GESTÃO SOCIAL NAS ESCOLAS: IMPACTOS  
NA EDUCAÇÃO A PARTIR DOS CONCEITOS DA GESTÃO  
SOCIAL, PARTICIPAÇÃO SOCIAL, TERRITORIALIDADE E  
PROTAGONISMO JOVEM

Hellen Alves de Oliveira, Eduardo Leite Alves, Cícera Mônica da  
Silva Sousa Martins, Waléria Maria Menezes de Morais Alencar e  
Maria Jéssica Sousa Lima

- 261 -

COEDUCACIÓN EN LA RURALIDAD: LOS ESTEREOTIPOS DE  
GÉNERO NO SON UN JUEGO, PERO PUEDEN ELIMINARSE  
JUGANDO

Carlos Manuel Luna Maldonado e Sandra Forero Salazar

- 270 -

TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO RECURSO PEDAGÓGICO  
PARA ENSINO DE ALUNOS AUTISTAS EM ESCOLA DE  
ASSENTAMENTO

Wania Ribeiro Fernandes e Maísa Lemos de Lima

- 282 -

DUAS ESTUDANTES E AS POTENCIALIDADES, DESAFIOS E  
A PROFISIONALIZAÇÃO EM UM CURSO DE LICENCIATURA  
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ESTADO DO RIO DE  
JANEIRO

Katia Antunes Zephiro, Nathalia Pereira da Silva e  
Priscila Cristina Corrêa da Silva

- 291 -

RUPTURAS E ENFRENTAMENTOS NA TRAJETÓRIA DE  
ESTUDANTES INDÍGENAS PARA PERMANECEREM NA  
PÓS-GRADUAÇÃO

Thaís de Negreiros Sales e Marcelo Calegare

- 302 -

O MEU MUNDO EM OUTROS MUNDOS: O DIALOGISMO  
DURANTE A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UM  
ESTUDANTE INDÍGENA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Thaís de Negreiros Sales e Marcelo Calegare

- 314 -

**- EXTENSÃO RURAL -**

REPRESENTACIONES DE LOS ACTORES SOBRE EL ROL  
Y LA PRÁCTICA DEL EXTENSIONISTA EN PROCESOS  
DE INNOVACIÓN AGRÍCOLA EN LOS TERRITORIOS DE  
MISIONES, ARGENTINA Y GRANMA, CUBA

Haydelín Rosa Rodríguez Chávez

- 327 -

APRENDIZAJES ENTRE PRODUCTORES/AS Y  
EXTENSIONISTAS RURALES Y SU INCIDENCIA EN LAS  
PRÁCTICAS DE EXTENSIÓN EN LA PROVINCIA DE  
MISIONES

Fátima Santa Clara, María Guadalupe Candia Gomez

Camila Belén Soler, Aldana Yisel Oliva e

Catalina Ayelén Zapponi

- 339 -

AVATARES INSTITUCIONALES QUE DIFICULTAN LA LABOR  
DE EXTENSIÓN RURAL EN CORRIENTES Y MISIONES,  
ARGENTINA

Sandra Emilia Hoffman Martins e Manuela Rocío Martinez  
- 350 -

**- MOVIMENTOS SOCIAIS E RURALIDADES -**

SENTIDOS SUBJETIVOS DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE  
JOVENS DO COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST  
Rafael Silva dos Santos, Jader Ferreira Leite e Maria da Graça Costa

- 361 -

“E O FRUTO DO TRABALHO É MAIS QUE SAGRADO”: UMA  
REFLEXÃO ACERCA DA CATEGORIA TRABALHO A PARTIR  
DE UMA EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MST

Thamara Dias e Kíssila Mendes

- 374 -

POPULAÇÃO DE RUA NO SERTÃO PERNAMBUCANO:  
ENTRE A INDÚSTRIA DA SECA E AS CIDADES DO  
AGRONEGÓCIO

Lorena Silva Marques

- 384 -

AS MULHERES RURAIS NA CONSTRUÇÃO DA  
AGROECOLOGIA NO BRASIL:  
PERCEPÇÕES A RESPEITO DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL E  
CIDADANIA.

Maria Alane Pereira de Brito e Suely Salgueiro Chacon

- 395 -

ROL DE LAS ASOCIACIONES CAMPESINAS EN EL  
FORTALECIMIENTO PSICOLÓGICO DE SUS MIEMBROS

Ginny Rocio Luna Rodríguez

- 409 -

MULHERES CAMPONESAS E ESTRATÉGIAS DE  
ORGANIZAÇÃO COLETIVA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alais Benedetti e Inês Hennigen

- 423 -

NÍVEL DE PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM  
COOPERATIVAS AGRÍCOLAS NO ESTADO DO AMAZONAS

Paloma Leandra Garcia Melo, Francimara Souza da Costa,  
Rita de Cássia Barros Nunes, Lucas Nascimento de Almeida e  
Wladson de Jesus Souza  
- 434 -

**- POLÍTICAS PÚBLICAS E RURALIDADES -**

O AVANÇO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A  
AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL: O CASO DO  
PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA  
AGRICULTURA FAMILIAR – PRONAF.

Maria Alane pereira de Brito e Suely Salgueiro Chacon  
- 443 -

POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA, CONDIÇÕES DE  
ACESSO DOS POVOS TRADICIONAIS AOS BENS E SERVIÇOS  
SOCIAIS

Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves  
- 455 -

¿POR DÓNDE? SI NO ES POR ARRIBA NI DESDE  
ABAJO... ESPACIOS POSIBLES PARA TRABAJAR LA  
INTERCULTURALIDAD EN ATENCIÓN PRIMARIA DE LA  
SALUD

Lucrecia Petit  
- 468 -

HACIA UN INTA INTERCULTURAL. PROPUESTAS,  
TENSIONES Y DESAFÍOS

Florencia Lance e María Luz Vallejos  
- 480 -

**- POVOS ORIGINÁRIOS E SAÚDE -**

ANÁLISE DA LITERATURA SOBRE A SAÚDE INDÍGENA NO  
BRASIL

Ryanne Wenecha da Silva Gomes, Brisana Índio do Brasil de  
Macêdo Silva e João Paulo Macedo  
- 496 -

EL TRABAJO COMO POLÍTICA DE SOMETIMIENTO DE LAS  
POBLACIONES INDÍGENAS EN EL CHACO ARGENTINO: EL  
CASO DEL PUEBLO NIVAÇLE

Joice Barbosa Becerra

- 507 -

PANDEMIA DE COVID-19 E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E  
REEXISTÊNCIA DO POVO XUKURU-KARIRI NA MATA DA  
CAFURNA

Maria M. M. P. Pedrosa e Saulo Luders Fernandes

- 519 -

SAÚDE RURAL DESDE OS POVOS:  
A SAÚDE COMO CUIDADO DA VIDA

Rodrigo Miguel Rojas-Andrade, Socorro de Fátima Moraes Nina e  
Saulo Luders Fernandes

- 531 -

PRÁTICAS DE CUIDADO À SAÚDE E TRANSMISSÃO DE  
SABERES: VOZES DE RE-EXISTÊNCIA DE MULHERES  
QUILOMBOLAS

Lara de Araújo Miranda, Narciso Barrera Bassols e  
Ladjane Ramos Caporal

- 544 -

INTERSECCIONALIDAD GÉNERO, RURALIDADES E  
INTERCULTURALIDAD: A PARTIR DEL CASO DE LAS  
NIVAC'CHEI

Luciana Vazquez e Joice Barbosa Becerra

- 555 -

**- SAÚDE E RURALIDADES -**

SAÚDE COMUNITÁRIA EM SARANDIRA: PRÁTICAS  
POPULARES DE CUIDADO E SUAS INTERFACES COM AS  
RURALIDADES

Marcela Almeida Faria e Conrado Pável de Oliveira

- 572 -

PSICOLOGIA EM MOVIMENTO: PROVOCAÇÕES E  
ALIANÇAS ENTRE PSICOLOGIA E MST PARA O CUIDADO  
INTEGRAL EM SAÚDE MENTAL DO CAMPO  
Juliana Camargo de Faria Pirró e Saulo Luders Fernandes  
- 583 -

NOVOS POSSÍVEIS PARA ATENÇÃO À CRISE PSÍQUICA  
GRAVE NA ZONA RURAL  
Ingrid Silva Costa e João Paulo Macedo  
- 597 -

**- REFLEXÕES A PARTIR DO IV CLAPRU -**

GT01. AÇÕES COLETIVAS, MOVIMENTOS SOCIAIS E  
POLÍTICAS PÚBLICAS EM CONTEXTOS RURAIS  
Santiago Conti e Maria Laís dos Santos Leite  
- 609 -

GT02. AMBIENTE Y CAMBIO CLIMÁTICO  
Shutther González Rosso  
- 624 -

GT 03. CICLOS DE VIDA Y RURALIDADES  
Krisna Tolentino-Toro e Silvia Pimentel-Aguilar  
- 629 -

GT04. EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS RURAIS  
Gabriel Rodrigues do Nascimento e Luiz Paulo Ribeiro  
- 638 -

GT06. GÊNERO E RURALIDADES  
Luciana Vazquez, Maria da Graça Silveira Gomes da Costa e  
Rita de Cássia Maciazeki Gomes  
- 646 -

GT 07. GRUPOS ÉTNICOS, POVOS ORIGINÁRIOS E  
RURALIDADES  
Lucrecia Petit e Geana Baniwa  
- 652 -

GT 08. SAÚDE EM CONTEXTOS RURAIS

Liana de Andrade Esmeraldo Pereira, Saulo Luders Fernandes e  
Rodrigo Miguel Rojas-Andrade  
- 657 -

GT09. TRABAJO, DESARROLLO Y EXTENSIÓN RURAL

Arlex Angarita Leiton e Sandra Hoffman Martins  
- 665 -

AGORA VALE A ALEGRIA QUE SE CONSTRÓI DIA A DIA  
FEITA DE CANTO E DE PÃO:

ENCONTROS E PARTILHAS NA ASSEMBLEIA DA REDE  
LATINO-AMERICANA DE PSICOLOGIA RURAL EM MANAUS,  
BRASIL

Maria Laís dos Santos Leite, Sandra Emilia Hoffman Martins,  
Conrado Pável de Oliveira e Arlex Angarita Leiton  
- 668 -

**SOBRE OS AUTORES**

- 682 -

# MOVIMIENTOS DE LA PSICOLOGÍA RURAL LATINOAMERICANA EN SU CUARTO CONGRESO

Alejandra Olivera-Méndez

Luiz Paulo Ribeiro

Marcelo Calegare

El presente libro recopila una parte de los trabajos completos de ponencias y simposios presentados durante el IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural (CLAPRU), realizado en la Universidade Federal do Amazonas (UFAM) en Manaus, Brasil, del 28 de noviembre al 1º de diciembre de 2022. Asimismo, se presentan las reflexiones de las y los coordinadores de los grupos de trabajo, con el fin de incluir aquellas ponencias que no presentaron trabajos completos. Es importante destacar que, debido a que los trabajos abarcan a países Latinoamericanos, donde se hablan dos idiomas predominantes (español y portugués), se tomó la decisión de mantener el idioma original en que se enviaron.

## **Antecedentes**

En las últimas dos décadas, han surgido cada vez más publicaciones que resaltan el trabajo de la psicología dentro de contextos rurales. Asimismo, se han generado diferentes eventos para el intercambio de conocimientos y experiencias en el campo, destacando los Congresos Latinoamericanos de Psicología Rural, que se han venido realizando cada tres años, a partir del 2013, con el 1er CLAPRU organizado por la Universidad de la Cuenca del Plata, en Posadas, Argentina, entre 09 y 11 de octubre. Se reunieron aproximadamente 500 participantes de Argentina, Brasil, Bolivia, Chile, Ecuador, México, Uruguay, Venezuela y Holanda para presentar 153 trabajos, incluyendo talleres, simposios y conferencias. Su presidente fue el Dr. Fernando Landini y tuvo apoyo del Dr. Enrique Saforcada, como presidente honorífico, y los coordinadores generales Dr. Walter Brites, Lic. Eliana D'Amore y Lic. María Inés Mathot, además de los coordinadores generales estudiantiles Jorge Martínez, Manuela Martínez y Eduardo Tarantini, y varios académicos de diferentes países

dentro del Comité de Honor, Comité Científico y Comité Organizador.

El 2do CLAPRU ocurrió en Seropédica (Rio de Janeiro), Brasil, entre el 18 y 21 de octubre de 2016. Fue organizado por la Universidad Federal Rural de Rio de Janeiro (UFFRJ), teniendo como presidente a la Dra. Rosa Cristina Monteiro y como coorganizadores al Dr. Bruno Simões Gonçalves, Dr. Fernando Landini, Dr. Jáder Ferreira Leite y Dr. Marcelo Calegare, contando con el apoyo de académicos de diferentes países dentro de los Comités Científico y Organizador. Tuvimos aproximadamente 600 inscritos que presentaron 189 trabajos, originarios de Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Cuba, Ecuador, México y Uruguay.

El 3er CLAPRU, entre el 09 y 11 de septiembre de 2019, en Bogotá, Colombia, sucedió en la UNIAGRARIA, a la par que el IV Encuentro Latinoamericano de Extensión y Desarrollo Rural. El congreso tuvo como presidente al argentino Dr. Santiago Conti, con apoyo del Dr. Fernando Landini y Mg. Luisa Fernanda Mejía, en la Coordinación General, así como académicos de diferentes países en el Comité Científico y el Comité Organizador. Fueron aproximadamente 400 participantes presentando 127 trabajos, originarios de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, Guatemala, México, Paraguay, Perú, Uruguay y Venezuela, aparte España y Estados Unidos. Durante el 3er CLAPRU se formalizó la Red Latinoamericana de Psicología Rural (RedPsiRural) con el fin de promover el desarrollo de la psicología rural en el ámbito latinoamericano como campo de conocimiento y acción.

Pasado el momento más crítico de la pandemia de Covid-19, pero todavía en atención y tensión mundial, decidimos que era hora de reunirnos nuevamente. El 4to CLAPRU ocurrió en Manaus (Amazonas), Brasil, entre el 28 de noviembre y el 01 de diciembre de 2022, organizado por la Universidad Federal del Amazonas (UFAM), Universidad del Estado del Amazonas (UEA), Universidad del Cuenca del Plata (Argentina) y Colegio de Postgraduados (México), por medio del Dr. Marcelo Calegare, Dra. Socorro de Fátima Moraes Nina, Sandra Emilia Hoffman Martins, Manuela Rocío Martínez y Dra. Alejandra Olivera-Méndez, con apoyo directo de la RedPsiRural a través de las y los integrantes del Grupo Impulsor, y de académicos

cos latinoamericanos que participaron en los Comités Científico, de apoyo y de organización local. Fueron 352 inscritos y se presentaron un total de 210 ponencias presenciales o virtuales, talleres, simposios y conferencias, por personas originarias de Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Cuba, México y Uruguay.

Las memorias de todos los CLAPRU se pueden acceder por el sitio web <https://sites.google.com/view/redpsirural/inicio> y otras páginas virtuales que la RedPsiRural posee en las redes sociales. Este creciente interés ha surgido como respuesta a diferentes procesos que se han vivido en América Latina, como son: el resurgimiento/reforzamiento de los sistemas de asistencia técnica y extensión rural, el reconocimiento a la agricultura familiar como un medio de vida sustentable, el surgimiento de movimientos sociales a favor del reconocimiento de los derechos de los campesinos y de pueblos originarios, los procesos de migración forzosa y cambios en las políticas públicas.

## **¿Qué Entendemos Por Psicología Rural?**

La psicología rural surge como respuesta a “la ausencia de temáticas propiamente rurales en la discusión sobre el rol y la praxis psicológica” (Conti et al., 2020). Para nosotros, el contexto rural no solamente hace referencia a la diferenciación tradicional entre urbano-ciudad y rural-campo, sino que abarca saberes, modos de vida y de interacción entre las personas y su ambiente. Así, la práctica de la psicología debe adaptarse al contexto social, histórico, cultural, económico, político y ambiental del individuo o comunidad. Reconocemos que el contexto rural no es hegemónico y que es necesario aprender y construir nuestro quehacer en conjunto con las comunidades. La psicología rural retoma conocimientos, teorías, métodos y herramientas de varias subdisciplinas, así como de conocimientos y saberes locales, y los trata de ajustar a la problemática específica. Luego, la psicología rural no es una subdisciplina nueva de la psicología, si no un “campo de problemas que articulan psicología y ruralidades” (Landini, 2015, p. 28) por una mirada interdisciplinar que agrega distintas áreas científicas y conocimientos locales sobre el ser humano en su contexto ambiental, de vivienda y productivo. Como se menciona en el estatuto de la Red Latinoamericana de Psicología Rural:

Hemos reconocido la importancia de abordar las heterogeneidades que surgen de las tensiones entre cosmovisiones rurales y urbanas, evidenciadas tanto en las formas que las personas tienen de vincularse entre sí, con la tierra y la naturaleza, como en la diversidad de los modos de producción, reproducción y transformación de la vida. Prácticas que se sostienen en modos de vida, luchas sociales, históricas y actuales, por modelos de desarrollo alternativos, reconocimiento de derechos y la autonomía política como afirmación de la propia identidad (Red Latinoamericana de Psicología Rural, 2020).

Otro punto en este camino es pensar una psicología rural en América Latina, dada la multiplicidad de experiencias sobre lo rural que se pueden advertir. ¿Qué sería lo rural en nuestro continente? ¿Podemos combinar las experiencias de las personas que viven en el desierto, con las que viven en las montañas y los bosques? Si bien existen estas interrogantes que aún no tienen una solución explícita, lo que buscamos a través y desde este concepto-constructo de la psicología rural es pensar que existen (otras) subjetividades marcadas por (otros) fenómenos que se relacionan con el ambiente y las sociabilidades territorializadas. Los textos que tenemos en este libro pueden contribuir con esta charla.

## **Sobre el IV CLAPRU**

El objetivo general del IV CLAPRU fue generar un espacio de intercambio y aprendizaje para comprender y mejorar el contexto rural desde un enfoque transdisciplinario por parte de diferentes actores de diferentes países latinoamericanos: académicos, investigadores, agricultores, extensionistas rurales, pueblos indígenas, activistas en movimientos sociales, miembros de instituciones gubernamentales y no gubernamentales.

El contexto pandémico nos hizo repensar las maneras de presentación de ponencias, entonces decidimos que una parte del congreso sería exclusivamente presencial (presentaciones orales, talleres), otra virtual (presentaciones orales por videos grabados) y otras híbridas (conferencias de apertura y cierre, seis simposios, asambleas). Los ejes temáticos decididos por el comité científico del 4to CLAPRU se tradujeron en nueve grupos de trabajo (Tabla 1).

Tabla 1. Grupos de trabajo durante el IV CLAPRU

---

GT01. Acciones colectivas, movimientos sociales y políticas públicas en contextos rurales
GT02. Ambiente y cambio climático
GT03. Ciclos de vida y ruralidades
GT04. Educación en contextos rurales
GT05. Estudios coloniales y poscoloniales, conflictos y procesos migratorios en contextos rurales-urbanos
GT06. Género y ruralidades
GT07. Grupos étnicos, pueblos originarios y ruralidades
GT08. Salud en contextos rurales
GT09. Trabajo, desarrollo y extensión rural

---

## Organización Del Libro – Apartados

En total, este libro cuenta con 55 capítulos. Aunque se tomó en cuenta la organización del IV CLAPRU de acuerdo con los grupos de trabajo mencionados anteriormente, optamos por dividir los capítulos en diez apartados que creemos que reflejan las temáticas más importantes dentro del campo de la psicología rural (Tabla 2). Esto con el fin de facilitar la fluidez en la lectura. Sin embargo, la actuación de la psicología en estos contextos es integral y se encontrarán capítulos que podrían haberse considerado en otros de los apartados.

Tabla 2. Organización del libro por apartados

- 
- Psicología Rural
  - Ambiente y Ruralidades
  - Ciclos de vida y Ruralidades
  - Educación y Ruralidades
    - Educación y ruralidades
    - Educación y pueblos originarios
  - Extensión Rural
  - Movimientos Sociales
    - Movimientos sociales y ruralidades
    - Movimientos sociales, género y ruralidades

- Políticas Públicas
    - Políticas públicas y ruralidades
    - Políticas públicas, pueblos originarios y ruralidades
  - Pueblos Originarios, Salud y Ruralidades
    - Pueblos originarios, salud y ruralidades
    - Pueblos originarios, salud, género y ruralidades
  - Salud y Ruralidades
  - Reflexiones a partir del IV CLAPRU
- 

El primer apartado, “Psicología Rural”, conjunta aquellos trabajos, once en total, que consideran aportaciones generales al quehacer de ese campo interdisciplinar dentro de contextos rurales. Se presentan propuestas de aportaciones que la psicología, en conjunto con los saberes locales, puede tener en la construcción de estrategias dentro de contextos rurales. Se discute la importancia de considerar conceptos de la ecología a nuestra disciplina para lograr una mayor sustentabilidad y resiliencia en las comunidades rurales, así como la integración del enfoque decolonial y el anarquismo agrario. También se muestran resultados de dos revisiones sistemáticas de publicaciones científicas sobre la temática. De manera similar, cuatro capítulos examinan el doble beneficio de realizar extensión, investigación y pasantías en contextos rurales, tanto para la formación académica de estudiantes universitarios, como para las comunidades. Finalmente, se plantea la necesidad de cuestionar hasta qué punto los posicionamientos ético-políticos personales pueden convertirse en instrumentos de exclusión y de negación de la diferencia dentro de las dinámicas sociales, como es el caso de la Red Latinoamericana de Psicología Rural.

La sección de “Ambiente y ruralidades” es resultado de las discusiones en torno a temas rurales y socioambientales relacionados con la crisis climática y social que se vive en el mundo. Esta sección contiene cuatro trabajos con aportes de la psicología para el cambio climático y los problemas ambientales, los cuales generan vulnerabilidad en las poblaciones rurales. El primer capítulo nos proporciona una base general para comprender opciones en que nuestra disciplina puede aportar en beneficio del ambiente y la sustentabilidad. Los siguientes dos proporcionan perspectivas de cómo la pertenencia, la

identidad y el apego, así como conceptos como comunidad, el buen vivir y la agroecología afectan la forma en que nos relacionamos con el ambiente, al mismo tiempo que se fortalecen los lazos comunitarios. Finalmente, en el último capítulo se presenta un ejemplo del resultado de no considerar la relación entre los factores ambientales y la vulnerabilidad social dentro de las políticas públicas, y la respuesta de la comunidad en la generación de un movimiento de resistencia.

En “Ciclos de Vida y Ruralidades” se exponen las diferencias y desigualdades que están influenciadas por el proceso del ciclo de vida en el que se encuentran los residentes rurales o migrantes, ya sea en la infancia, la adolescencia o la vejez. El primer artículo se enfoca a las condiciones de vulnerabilidad y precaria oferta de servicios públicos para la primera infancia. El segundo capítulo aborda la relación intergeneracional como una forma de fortalecer los vínculos de los niños y jóvenes con las generaciones anteriores y con su comunidad. Finalmente, el último busca comprender las configuraciones de los procesos socioculturales y de trabajo de ancianas, y su impacto en su salud mental y bienestar en su conjunto.

“Educación y ruralidades” aborda temas relacionados con las formas de implementar la educación en contextos rurales latinoamericanos. Debido a las temáticas específicas, el apartado se divide en dos: (1) educación y ruralidades y (2) educación y pueblos originarios. La primera temática, más general, abarca primero un análisis de la trayectoria histórica de la lucha por la educación en el campo en Brasil, incluyendo el papel de los movimientos sociales. Después, de manera más específica, se presentan ejemplos de acciones específicas realizadas en un proyecto de gestión social en una escuela primaria; otro proyecto para descubrir y eliminar los estereotipos de género existentes por el arraigo cultural presente en poblaciones rurales de Colombia; un estudio para evaluar las contribuciones de los recursos de tecnología asistencial en la enseñanza de niños autistas; y, finalmente, reflexiones de estudiantes urbanos en un curso de licenciatura en educación rural, señalando el impacto en sus vidas y percepciones sobre la realidad. En la segunda temática, se presentan dos trabajos que estudian las experiencias y desafíos que viven estudiantes indígenas para permanecer en estudios de posgrado.

En el apartado de “Extensión rural” se presentan tres trabajos enfocados a comprender y mejorar la práctica de extensión rural

con aportaciones de la psicología: las representaciones de los actores sobre el rol y la práctica del extensionista en procesos de innovación agrícola; la forma en que aprenden las y los extensionistas rurales en relación con productores; y las dificultades que presentan una serie de avatares institucionales con los que se enfrentan a diario las y los extensionistas rurales.

“Movimientos Sociales” está organizado en dos subapartados: uno general y otro con un enfoque de género. El primero reúne tres trabajos, los dos primeros con proyectos que surgieron a partir del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST), el Colectivo Nacional de Jóvenes del MST y la campaña “Plantio Solidário”, mientras que el tercero estudia el fenómeno de la población en situación de calle. La primera investigación del segundo subapartado analiza la contribución de los movimientos sociales de mujeres rurales en la construcción de la agenda y las políticas públicas relacionadas con la agroecología en Brasil. La segunda realiza una tipología de asociaciones, a partir de los aspectos dominantes sobre sus dinámicas de empoderamiento. La tercera retrata el Movimiento Nacional de Mulheres Camponesas (MMC) y la experiencia en una comunidad rural caracterizada por el modo de producción y reproducción social de la agricultura familiar. Finalmente, el último proyecto evalúa el nivel de participación de las mujeres en las cooperativas agrícolas del Estado de Amazonas.

El siguiente apartado, “Políticas Públicas y Ruralidades” contiene una temática general y otra con énfasis del impacto de las políticas públicas en los pueblos originarios. Se presentan dos trabajos generales, el primero de los cuales hace un recorrido histórico para examinar la agenda de la agricultura familiar en las políticas del Estado, especialmente el Programa Nacional de Fortalecimiento de la Agricultura Familiar (PRONAF), mientras que el segundo analizó las condiciones de acceso a bienes y servicios sociales por parte de las comunidades tradicionales ribereñas en la Amazonía. En cuanto a los capítulos con temática de políticas públicas con énfasis en pueblos originarios, ambos examinan la importancia de contemplar la interculturalidad y la transdisciplina en las políticas y enfoques de trabajo en comunidades, uno enfocado en el sector salud y el otro en el agropecuario.

El apartado de “Pueblos originarios, salud y ruralidades” también se organiza en dos temáticas: “pueblos originarios, salud y ruralidades”, y “pueblos originarios, salud, género y ruralidades”. En la primera temática, se muestran cinco estudios: una revisión sistemática de la producción científica sobre la salud de los pueblos indígenas en Brasil; una descripción del contexto sociohistórico del genocidio contra los pueblos del Gran Chaco durante las campañas militares, especialmente los efectos que tuvieron para el pueblo Nivac’che; un estudio para comprender las estrategias de resistencia y re-existencia adoptadas por el pueblo Xukuru-Kariri de la aldea Mata da Cafurna frente a la pandemia de COVID-19; y una reflexión sobre la experiencia de trabajo en una comunidad ribereña amazónica y una comunidad quilombola. La segunda temática, con perspectiva de género, cuenta con dos trabajos: el primero analiza la forma de transmitir los conocimientos ancestrales sobre las prácticas de cuidado de la salud entre mujeres rurales quilombolas y el segundo indaga cómo la multiplicidad de factores que atraviesan la salud de las comunidades afecta de modo particular a las mujeres nivac’che y cómo se expresa su rol social comunitario.

“Salud y ruralidades” enmarca tres trabajos. Por un lado, un capítulo está dedicado a comprender la relación de una comunidad con las prácticas de atención a la salud y cómo el sentido de pertenencia puede contribuir a una salud más amplia y mejores condiciones de vida. Por otro lado, se presenta un análisis de las contribuciones de la Red de Salud Mental del MST a la psicología y la atención integral a la salud mental de las poblaciones rurales. Por último, se ofrece una mirada a cómo la Reforma Psiquiátrica en Brasil se ha reflejado en la atención a la salud en contextos rurales, surgiendo la necesidad de establecer alternativas para el proceso de desinstitutionalización psiquiátrica en el país, considerando la diversidad geográfica y cultural.

Finalmente, en el último apartado se presentan las compilaciones y reflexiones que realizaron las y los coordinadores de ocho grupos de trabajo sobre las ponencias presentadas durante el IV CLAPRU. Dichos grupos de trabajo son los siguientes: GT01. Acciones colectivas, movimientos sociales y políticas públicas en contextos rurales; GT02. Ambiente y cambio climático; GT03. Ciclos de vida y ruralidades; GT04. Educación en contextos rurales; GT06. Género

y ruralidades; GT07. Grupos étnicos, pueblos originarios y ruralidades; GT08. Salud en contextos rurales; y GT09. Trabajo, desarrollo y extensión rural. Los coordinadores del GT05 no presentaron una compilación porque las cinco ponencias presenciales y las tres virtuales fueron agregadas a los otros GTs, lo que nos hizo pensar si fue una buena elección la definición de ese eje temático.

## **Hacia Dónde Vamos**

Consideramos que cada vez es más urgente visibilizar las diferencias psicosociales existentes entre comunidades. En nuestra experiencia, el contexto rural es el menos considerado dentro de la psicología y, sin embargo, es de vital importancia comprender los diferentes factores que forman la identidad y la personalidad de las personas. Los Congresos Latinoamericanos de Psicología Rural (CLAPRU), la conformación de la Red Latinoamericana de Psicología Rural (RedPsiRural) y las publicaciones académicas son grandes avances en este proceso, pero aún queda mucho camino por recorrer.

Como mencionamos en un inicio, la psicología rural no es algo homogéneo y, por ende, las investigaciones, resultados y aportaciones contienen una gran diversidad de métodos, enfoques y estrategias, todos los cuales tienen validez por sí mismos. Sin embargo, el mayor aporte que los estudios de psicología en contextos rurales es la aceptación de la diversidad y la interculturalidad, así como el reconocimiento a la necesidad de trabajos inter y transdisciplinarios, con aportes no solo de diferentes áreas dentro de la psicología y de otras disciplinas científicas, sino con la integración de los saberes y conocimientos locales.

## **Referencias**

Conti, S., Olivera-Méndez, A., Landini, F., & Monteiro, R. (2020). Psicología rural en América Latina: Proceso de institucionalización, reflexiones epistemológicas y desafíos. In M. Calegare, & A. S. C. Mezzalira (Eds.), *Processos Psicossociais I. Prática e Reflexões sobre Educação, Saúde, Ruralidades e Política* (pp. 149-169). Alexa Cultural; EDUA.

Landini, F. (2015). La noción de psicología rural y sus desafíos en el

contexto latinoamericano. In F. Landini (Eds.), *Hacia una psicología rural latinoamericana* (pp. 21-32). Clacso.

Red Latinoamericana de Psicología Rural (2020). Reglamento de la Red Latinoamericana de Psicología Rural. <https://sites.google.com/view/redpsirural/qui%C3%A9nes-somos/estatuto>

**- PSICOLOGIA RURAL -**

# PSICOLOGIA FLORESTAL AMAZÔNICA E OS PROCESSOS PSICOFLORESTAIS

Marcelo Calegare

## Da Psicologia Florestal Amazônica

A Psicologia Florestal amazônica é a Psicologia Rural latino-americana renomeada conforme nosso contexto local, para marcar o caráter regional de onde estamos discutindo. *Psico-logia*, do grego, significa estudo da alma (sinônima de interioridade), que só é presente na Terra graças ao corpo. Substituímos a palavra rural (do latim *ruralis*: campo, terra para agricultura), pela palavra em português *floresta* (uma extensão de terras onde existem muitas árvores), por ser este o aspecto mais saliente da Amazônia. *Amazônica(o)* é tudo que é deste lugar. A Psicologia Florestal amazônica, que estuda as particularidades das relações das pessoas das florestas da Amazônia, tem como foco a articulação entre os fenômenos do universo amazônico e os *processos psicoflorestais*: as relações e vivências da pessoa consigo, com as outras pessoas e com todos os seres e objetos nas cidades, florestas, rios, terras e todos os ambientes amazônicos, que se expressam no jeito ser e viver amazônica. Trata-se de um campo da relação, do “entre”: aquilo que está na interioridade da pessoa e nas interações desta com outros seres humanos (grupos, comunidade, instituições, sociedade) ou outros seres materiais e imateriais, no contexto multidimensional da Amazônia.

A Psicologia Florestal amazônica é como o rio Amazonas, formado por vários afluentes: vem sendo configurada pela junção de perspectivas de algumas ciências psicossociais aos saberes dos povos amazônicas. Os afluentes das ciências psicossociais que contribuíram para nossas leituras psicoflorestais foram as Psicologias (especialmente a Ambiental, Ancestrais Nativoamericanas, Comunitária, Crítica, Cultural, da Libertação, Social, Política) e outras ciências (ambientais, humanas e sociais). Quanto aos afluentes dos conhecimentos dos povos florestais amazônicos, estes foram oriundos de nossos contatos com povos indígenas, comunidades tradicionais e pessoas comuns da Amazônia nas florestas e cidades. Assim, em nos-

sa consciência reunimos estudos acadêmicos às vivências interiores e interpessoais para configurar esse saber psicoflorestal. Biografia e percurso acadêmico são um só.

Há anos já havíamos apontado para a necessidade de abertura aos mitos, crenças, espiritualidade, práticas, religião, senso comum, superstições e todas as formas de conhecimentos presentes no cotidiano dos povos da floresta, pois tudo aquilo não quantificável e formalizável pelos parâmetros unidimensionais da ciência moderna sim existe e é real (Calegare, 2010; Calegare & Silva Jr., 2014). Para os povos amazônidas, é verdade. A realidade e a verdade são muito mais do que aquilo que um cientista ou filósofo atestam ser. Nessa esteira, as bases da Psicologia Florestal amazônica estão sendo construídas pela convergência epistemológica, isto é, considerando a diversidade e pluralidade epistemológica numa atitude inter e transdisciplinar (Calegare & Silva Jr., 2012). Ou seja, consideramos que para desvendar o enigma amazônico (Mendes, 2006) é necessário adotar as múltiplas formas de conhecimentos, dentre os quais constam, imprescindível e especialmente, aquelas dos povos amazônidas.

Um paradigma científico é composto por cinco dimensões: epistemológica (natureza, fonte, validade do conhecimento oriundo da relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível), ontológica (natureza e essência do objeto, do ser), metodológica (caminho, ferramentas de investigação para obtenção do conhecimento), ética (valores que conduzem a relação entre sujeitos e destes com objetos) e política (direção dada à produção do conhecimento, finalidade do ato de pesquisar) (Montero, 1996; Guareschi, 2008). Considerando que é preciso desenvolvermos nossa ciência a partir da realidade local (Calegare & Tamboril, 2017), na Psicologia Florestal amazônica postulamos essas dimensões assim:

- *Epistemológica.* Os povos amazônidas nos ensinam que há distintas fontes do conhecimento, que vão além do método experimental: oralidade (saberes transmitidos de boca a ouvido pela tradição dos mais velhos), vivência prática (aprendida pela experiência; o erro e acerto classificado como científico), observação da natureza (que indica sinais para tudo), sentir e intuição (reveladores de algo à pessoa), saber interior (conhecimentos inerentes à pessoa; dons; expertise); sonhos (premonitórios; revelações; viagens astrais); con-

tatos com outros seres (que transmitem a ciência). A natureza do conhecimento sobre a realidade é uma construção consciencial de cada pessoa em palavras, e não apenas pelos números. Assim, a validade da palavra com conhecimento é conferida pela comunidade, especialmente os mais sábios, o que nos indica que a verdade é relativa aos coletivos de nosso pertencimento. Para chegar à verdade universal é preciso ir mais além. Em suma, nessa epistemologia amazônica há diversidade (fontes diversas do saber) e pluralidade (existe mais do que um tipo de saber coexistindo) que são reunidos na consciência da pessoa numa convergência epistemológica.

- *Ontológica*. O ser amazônico é um ser humano igual outro, porém que vive na Amazônia. Os povos florestais nos demonstram que, ao contrário do ceticismo científico, se considera que sim possuímos um aspecto espiritual em nossa existência. Além disso, ensinam que aquilo que nos caracteriza primordialmente como gente, pessoa, ser humano, é o nosso corpo. Portanto, a pessoa é um ser com uma face interna (*psico*, que a rigor significa alma) e uma externa (corpo), que se relaciona com outros seres viventes materiais e imateriais no espaço amazônico por meio de sua consciência, isto é, a ciência que tem consigo,

- *Metodológica*. Mais do que procedimentos externos sensíveis auferíveis por critérios objetivos, ou interações sociais e operações de entendimento cognitivo, temos que considerar no método o sentir, intuir e experiências existenciais que os povos amazônidas têm. Só podemos traduzir as vivências pelas palavras, que não são precisas como os números, havendo a necessidade da negociação de sentidos e significados entre as pessoas sobre o que é a realidade e a verdade. O caminho para chegar ao conhecimento parte da abertura consciencial do agente externo (nós pesquisadores) aos fenômenos, narrativas e experiências junto aos agentes internos (as pessoas nas comunidades florestais). É preciso aprender a lidar com a alteridade e superar o medo do desconhecido e do outro. Para tanto, necessitamos nos implicar com o cotidiano comunitário. Isso alude ao que outrora chamamos de *interatuação psicossocial* (atuação entre), que é um método de cunho colaborativo e participativo cujos instrumentos e *quefazer* são inventados a partir das potencialidades trazidas pelas comunidades locais (Calegare, 2021).

• *Ética*. Há diferentes lógicas valorativas que conduzem a relação com o outro ser humano e o seu agir (Guareschi, 2008). Os povos amazônidas mostram que há um código de ética relacional entre as pessoas e destas com os seres e ambientes, oriundos das narrativas míticas e da ancestralidade familiar presentes na organização cosmopolítica de clãs e nações, bem como nas formas atuais de ser e estar na Amazônia. É importante considerarmos que estabelecemos relações entre sujeitos sociais (agentes internos e externos) num mundo relacional que envolve pessoas, seres e ambientes do passado e do presente na concretude cotidiana. Isso exige respeito à alteridade e ao modo de vida, abertura consciencial e a consideração de que o outro é sujeito ativo, capaz, com grau de consciência e protagonista de seu destino.

• *Política*. Compartilhamos que necessita haver compromisso ético-político de uma atuação do psicólogo florestal implicado com a melhoria da vida das pessoas com quem atuamos e pesquisamos, segundo a direção que elas nos indicam (Calegare & Tamboril, 2017). Para muitos povos, o conhecimento não se presta apenas ao domínio do mundo externo, e sim para melhorar a si mesmo e ajudar a comunidade, o que é indicativo de sabedoria. Nesse sentido, é importante que a ciência produzida entre os coautores (agentes internos e externos) se reverta para o bem viver do amazônida.

Feitas essas delimitações preliminares, a seguir trataremos o entendimento do que são os processos psicossociais e as florestalidades, ampliando definições que demos em produções anteriores por meio da contribuição do ponto de vista dos povos florestais e nativoamericanos, para então explicarmos o que são os processos psicoflorestais. Nesse sentido, podemos considerar que a Psicologia Florestal amazônica é também correlata às Psicologias Ancestrais nativoamericanas (Romero et al., 2021).

## **Processos Psicossociais e Florestalidades**

Nesta seção trataremos de temas que lidamos em nossas produções recentes. Iniciamos definindo que os processos psicossociais são “atividades, operações e fenômenos que acontecem simultaneamente e em múltiplas dimensões entre o bio (organismo), o psíquico (interioridade) e o social (exterioridade) nas interações e relações

humanas, com seres humanos entre si ou destes com outros elementos materiais ou imateriais” (Calegare, 2021, p. 29). Os aspectos psíquicos e sociais são bastante debatidos na Psicologia Social e ciências adjacentes, havendo convergências e divergências teóricas. Quanto ao elemento biológico, nós das ciências humanas e sociais pouco acentuamos às influências e interferências do corpo para nossa caracterização enquanto pessoas, apesar de sabermos que sim, os fatores biológicos são fundamentais à nossa constituição e desenvolvimento até a morte. Por outro lado, os geneticistas e evolucionistas dão muito acento a tais fatores e atribuem importância teórica secundária aos aspectos sociais. Não há ainda uma fórmula clara que equalize o grau de influência biológica e social no desenvolvimento humano. Algum dia, talvez, se chegará à medida certa. Enquanto isso, contentamo-nos em afirmar, baseado nos saberes dos povos nativos mesoamericanos e amazônicos, que o corpo é o que nos caracteriza enquanto gente, pessoa, unidade primária humana (Barreto, 2022; Fernandes et al., 2021; Seeger et al., 1979; Zavala Olalde, 2010). Precisamos, portanto, entender melhor o corpo, a vida que o anima e porque ele é o fundamento para nos entendermos enquanto seres humanos.

Além disso, consideramos que os processos psicossociais acontecem em múltiplas dimensões porque pode haver mais elementos do que a tríade mencionada constituída pelo bio, psíquico e social. Nosso contato com os povos da floresta nos tem ensinado que eles se relacionam com muitos seres, invisíveis para alguns, porém visíveis para outros, o que faz com que consideremos que o social englobe não apenas nós humanos neste corpo. É necessário considerar a multidimensionalidade da existência de formas de vida, presentes nas relações cotidianas dos amazônidas. Para os povos da floresta o mundo é encantado e cheio de seres vivos, e a natureza é viva e relacional. Enquanto nós ocidentais modernos buscamos encantamento em filmes e livros, eles vivenciam isso enquanto realidade que faz parte do cotidiano. Dessa feita, os processos psicossociais amazônicos envolvem uma perspectiva relacional com seres de outras dimensões existenciais.

Também é importante compreender que nos processos psicossociais que nos constituem enquanto pessoas estão presentes as tramas e enredamentos de nossa ancestralidade, de nossos antepassados. Apesar de nossa cultura ocidental moderna pouco valorizar

os velhos e as raízes ancestrais, há povos nativoamericanos, como os Aymara, que consideram que o passado e os antepassados estão sempre presentes e estão na frente de nossa visão, enquanto o futuro está atrás de nós porque é incerto e não o vemos (Pizarro, 2021). Compreensão semelhante é encontrada entre alguns povos africanos, para os quais a ancestralidade e os mortos estão constantemente presentes e, para o progresso pessoal e comunitário, é necessário buscar forças nas origens familiares e coletivas (Nogueira, 2019). Aqui na Amazônia temos a consideração das origens humanas e da ancestralidade pelas narrativas míticas indígenas, que se expressam socialmente pela divisão em clãs e nações intra e/ou interétnica, que por sua vez configuram os aspectos cosmopolíticos basais à constituição da pessoa e à organização social cotidiana (Fernandes et al., 2021, 2022). Portanto, os elementos transgeracionais, ancestrais e cosmológicos também devem ser considerados nos processos psicossociais amazônicos. Em nosso ponto de vista, estes são diferentes dos processos de pertencimento grupal que configuram as identidades sociais e relacionamentos intergrupais estudados na Psicologia Social (Calegare, 2010).

Além disso, também lembramos que o próprio espaço onde estamos inseridos é elemento importante aos processos psicossociais, que fundamenta a relação pessoa-ambiente. Nesse sentido, outrora argumentamos (Calegare, 2015) que tanto a cidade quanto floresta, rios e campos são espaços empiricamente observáveis enquanto diferentes e que integram uma paisagem – esta última entendida como uma porção do espaço que combina dinâmica e dialeticamente elementos físicos, biológicos e antropológicos num conjunto único e indissociável em constante mudança (Bertrand, 2004). E dissemos também que as práticas sociais, as representações e o universo simbólico das diferentes perspectivas humanas a respeito desses espaços, sejam imaginadas ou concretas, configuram as identidades e a qualidade do que é o urbano ou florestal/rural, isto é, a urbanidade e a florestalidade/ruralidade.

Por essa compreensão, pudemos definir que as florestalidades são as especificidades das relações humanas (segundo distintas dimensões) que ocorrem em função das vivências e representações da floresta, rios e terras, sejam elas imaginadas ou concretas, que produzem e são produzidas pelo cruzamento de diferentes aspectos

subjacentes à relação pessoa-floresta, configurando diversas identidades, práticas sociais e universos simbólicos (Calegare, 2017). Esses aspectos dependem do viés e recorte teórico que queremos atribuir à leitura das florestalidades: afetivo, ancestral, classe social, cognitivo, cultural, étnico, espiritual, intergrupar, gênero, geofísicos, histórico, socioeconômicos, políticos etc.

Dessa feita, urbano e florestal/rural não são meras categorias operatórias para definir o que é cada um desses espaços e, assim, guiar a elaboração de políticas públicas, programas e projetos sociais, classificações e ordenamentos do espaço e das pessoas que nele habitam. São, em verdade, categorias analíticas que nos ajudam a examinar práticas sociais na sociedade. Considerando, portanto, que a florestalidade é um processo psicossocial que acontece atravessado pela paisagem florestal, pontuamos que o mundo florestal é um lugar de vida integrado pela vivência e apropriação das pessoas ao ambiente florestal (floresta, rios, terras etc.) integrado com aquele cidadão. Isso porque as florestalidades e as urbanidades acontecem não apenas nas relações diretas com o lugar, mas também naquelas imaginadas a respeito da floresta e da cidade.

Por exemplo, um habitante de Manaus, capital do Amazonas, vivencia diretamente a cidade e imaginariamente a floresta, relacionando-se com a cidade e floresta concretamente, mesmo que com esta última indiretamente. Apesar da floresta estar distante, ela é vivenciada concretamente pelo que se imagina dela, bem como pelo usufruto de produtos agroflorestais e culturais. Igualmente, um habitante de uma comunidade ribeirinha vivencia diretamente a floresta e imaginariamente a cidade, mas ao usar produtos oriundos da cidade (TV, eletrodomésticos, roupas, utensílios, alimentos etc.) e adotar práticas da cultura urbana (corte de cabelo da moda, ouvir músicas exógenas etc.), ele demonstra que cotidianamente possui uma vivência concreta com o florestal e o urbano integradamente.

Portanto, os processos psicossociais urbanos e florestais estão entrelaçados no cotidiano da vida das pessoas, sejam estas habitantes das cidades ou das florestas. Por outro lado, as vivências e representações sobre esses lugares são atravessados por todos aqueles fatores que compõem o mosaico amazônico. Assim, há uma compreensão difundida socialmente de que o progresso acontece pela domesti-

cação da natureza e o avanço civilizatório se expressa pela vida urbana: o florestal é tido como sinônimo de atraso, de rústico, local apenas de produção de alimentos e produtos agroflorestais, fonte de matéria-prima; o urbano é símbolo do novo, do progresso, local de residência e de trabalho, onde encontramos o conforto e lazer da modernidade. Por isso, o florestal deve ser domesticado, industrializado, modernizado. As comunidades florestais devem ser alvo de políticas de desenvolvimento. E as pessoas que vivem nesses lugares também estão inseridas nessa mesma falsa linha evolutiva civilizacional: o indígena habitante da floresta é o mais atrasado e deve ser extinto; o caboco/ribeirinho, que é miscigenado e possui traços da cultura exógena, é um pouco menos atrasado e deve ser civilizado; as pessoas que vivem nas cidades do interior já são menos atrasadas, mas ainda o são; as pessoas da capital são as avançadas (Fernandes et al., 2016). Isso se manifesta também pela cor das pessoas: da pele escura (negros, pardos, indígenas) à pele clara (branco).

Essa compreensão difusa se manifesta de distintas formas na vida cotidiana do povo amazonense. Manaus, com seu pomposo Teatro Amazonas da época da borracha, é tida como símbolo do progresso civilizacional, que negou a floresta e rechaçou a herança genética e cultural indígena e africana, apesar de visíveis na população. As árvores sujam e atrapalham a cidade, por isso elas são cortadas. Os indígenas, cabocos e interioranos são todos culturalmente inferiores, por virem do mundo florestal. Dessa feita, atribuir aos manauaras qualquer característica social associada ao que é da floresta é considerado ofensivo, preconceituoso e discriminatório. O aspecto amazônico da identidade amazonense é ambíguo: artesanato, culinária, festivais, hábitos e turismo amazônicos são valorizados apenas quando vendidos como cultura colonizada e domesticada. Como a “Amazônia é pop” para o paraense, a identidade amazônica no Pará é aspecto forte e demarcado da cultura daquele povo.

Em suma, os processos psicossociais da florestalidade envolvem múltiplas dimensões das relações da pessoa consigo mesma, dela com outros seres humanos e com seres viventes desta e outras dimensões, e com a floresta como um todo. Entretanto, a partir de nosso contato com os povos amazônidas e outros povos nativoamericanos, percebemos a necessidade de ampliar nossa compreensão teórica, como discutiremos a seguir.

## Os Processos Psicoflorestais

A partir desta seção, trazemos inovações em nossa produção acadêmica. Nos demos conta que é preciso ampliar e integrar a compreensão dos processos psicossociais das florestalidades, que estão separados por uma questão didática, mas que na prática estão intrinsecamente ligados. Para tanto, é preciso compreender nossa existência de forma integral, e não fragmentada. O pensamento complexo de Morin (2000) nos ajuda nisso ao conceber a unidualidade como realidade humana, isto é, somos um ser íntegro caracterizado como contendo um elemento (uno), mas paradoxalmente contemos integralmente outro elemento ou mais (dual): somos plenamente um ser cultural e, paradoxalmente, plenamente um ser biológico; plenamente um ser espiritual e plenamente um ser corpóreo; entre outras características aparentemente opostas e/ou complementares que possamos atribuir ao ser humano. Nesse sentido, precisamos considerar a unidade humana que foi separada em partes diferentes, mas reunidas novamente numa operação semântica: biopsicossocial, *corpespírito*, *sentipensante*, unidual, entre outras palavras que procuram expressar a integralidade e unidade.

Somos conduzidos, portanto, à necessidade de criar uma palavra que expresse a integração dos processos psicossociais às florestalidades, englobando esses outros aspectos acima enunciados: os processos ancestral-bio-corpo-floresta-psico-social e muitas outras palavras ou, simplesmente, *processos psicoflorestais*. Examinemos ao que se refere essa palavra. O *psico* remete à unidade do corpo com vida. Neste texto compreendemos que a vida se manifesta por nosso corpo expressando sua interioridade, esta última entendida como equivalente às demais designações referentes ao nosso aspecto interior: alma, consciência, espírito, essência, mente, psíquico, subjetividade etc. Essa interioridade existe e é verificável por todos nós aqui na Terra por estarmos vivos neste corpo, que é nosso aspecto exterior, que há tempos imemoráveis é gerado graças à união sexual de dois corpos complementares biologicamente. Ou atualmente também pela fecundação por métodos científicos. Essa união gera um novo organismo que cresce no corpo feminino e, ao maturar suficientemente, vem ao mundo como bebê. A exceção a isso é narrada em mitologias científicas, indígenas, religiosas etc., pelas quais se conta a origem dos primeiros humanos que passaram a existir de outra maneira, ou de pessoas que surgiram na Terra de forma mirabolante.

Entendemos, dessa feita, que nossa unidade humana fundamental é o corpo vivo, por ser ele a manifestação de nossa face externa e conter uma face interna. Poderíamos nomear como *psicorpo* ou *corpespírito* essa integração entre interno e externo, mas simplificamos utilizando apenas *psico*, já que somos oriundos das ciências *psicossociais* – palavra que também reflete a unidade entre o interno (psíquico) e externo (social) (Calegare, 2021). Utilizamos também a palavra *persona* para designar essa unidade fundamental humana, pois todos a compreendemos claramente como se referindo a nós seres corpóreos viventes. A *persona* é um ser real e palpável em um corpo vivo que, como característica fundamental, se singulariza na aparência física e marcadamente por sua interioridade, o que confere a cada ser uma condição de genuíno e único. As leis que regem o corpo, nosso aspecto biológico, vem sendo estudadas por algumas áreas científicas e por sabedores de várias tradições culturais. Como afirmamos anteriormente, sabemos que estas leis corpóreas existem, atuam em nossa constituição e desenvolvimento humano. Vemos isso acontecer, porém não podemos afirmar categoricamente qual o peso exato no processo humano.

Em função de nosso corpo ser gerado por pessoas que nos precedem existencialmente, estamos inseridos em tramas transgeracionais ancestrais que integram o passado ao presente, condicionando nossa progressão ao futuro. Essa precedência se presentifica na vida da *persona* por narrativas míticas e familiares, enunciadas em palavras que contam acontecimentos e histórias, moldando nossa condição existencial. Em função disso, se argumenta que a constituição e desenvolvimento da *persona* acontece por um processo sócio-histórico, como defendido por muitas tradições da Psicologia Social e áreas afins (Calegare, 2010). Entretanto, há um nível de transmissão pela via do não dito, que não passa pela linguagem. Como isso acontece ainda é tema de estudos de algumas ciências, científicas e outras, que neste texto não abordamos, mas reconhecemos enquanto fenômeno existente. O que queremos acentuar neste momento é que compartilhamos o ponto de vista de que uma *persona* sempre está em relação com outras (Guareschi, 2005), seja no presente pelas interações sociais concretas ou imaginadas, seja no passado pelos enredamentos originados pela ancestralidade das tradições familiares e das narrativas míticas. Assim, o corpo é, em si, *socioancestral*, pois ele

só existe no mundo, cresce, se desenvolve e morre graças aos outros seres humanos e às tramas de relações em que estamos inseridos, sejam com pessoas presentes fisicamente no cotidiano – incluindo aqui as relações que imaginamos sobre os outros e as virtuais – ou simbolicamente pela presença dos antepassados que se processa em função de nossos clãs de pertencimento.

Para os amazônidas, a condição fundamental de sociabilidade humana envolve as tramas de relações com seres visíveis e invisíveis, existentes no mundo florestal e urbano presentes no universo amazônico. Por isso acrescentamos a palavra *florestal* aos processos psicossociais, que simplifica o que seria designado também como *urbanoflorestal* ou *amazônico*. A eleição de *florestal* é porque queremos dar o devido destaque ao ambiente majestoso amazônico ainda verde onde estamos inseridos, que não é considerado pelos povos amazônicos como simples recurso ou objeto, e sim um lugar repleto de vida, encantos, segredos e mistérios. Por tais características, o território é sagrado e compõe a existência da pessoa. Diversas vezes ouvimos de povos indígenas que o território é sagrado porque somos filhos da mãe-Terra. Se o território adocece, o povo adocece. Se o povo adocece, o território adocece. Não há, portanto, divisão entre a pessoa e a floresta, o que nos faria considerar a palavra *pessoafloresta* para designar essa integração vivida com o território.

Na perspectiva de povos amazônicos, não só os animais, mas também as plantas, rios e outros objetos tidos como inanimados possuem espírito, isto é, são seres vivos com os quais podemos interagir. O povo Paiter-Suruí, por exemplo, nos narrou que o rio falava com eles e que houve um momento em que parou de se comunicar, fazendo com que eles pelejassem para encontrar uma maneira do rio voltar a falar com eles. Também nos narraram que havia seres habitando em algumas espécies de árvores, mas não eram a árvore, e outros seres que levavam o nome de alguns animais, mas não eram o animal, com os quais havia uma ética relacional conhecida pelo pajé. Além disso, havia aldeias nas profundezas das águas e em camadas dos céus, cujos habitantes às vezes vinham até onde estavam, cabendo ao pajé lidar com eles. E disseram também que há uma aldeia num outro plano existencial para onde iam após a morte do corpo, porém precisavam passar por provas para chegar até lá, sendo necessário superá-las pelos conhecimentos adquiridos durante a vida física.

Outro exemplo nos é dado pelo povo Yepamahsã (Tukano), para os quais há também outros três tipos de seres humanos, os *waimahsã*, que habitam nos domínios do ar, terra/floresta e água sob outras condições, com os quais a pessoa se relaciona no cotidiano (Fernandes et al., 2021). O que diferencia o ser humano *waimahsã* do *yepamahsã* é este nosso corpo. O *yepamahsã* completou o processo de transformação conforme contado nas narrativas míticas, tendo um corpo constituído pela síntese dos seis elementos imateriais que possuem vida no universo: água, animal, floresta, humano, luz, terra (Barreto, 2022). A não observância do código de ética de relações com os *waimahsã*, prescrito segundo as narrativas míticas (*Kihti Ukuse*) e executado em forma de palavras (*Bahsese*) e em rituais e festividades (*Bahsamori*) por qualquer *yepamahsã* e, mais particularmente, pelos *especialistas* (os pajés, em outra linguagem), pode resultar no mal-estar, doenças e desarmonia pessoal e coletiva (Fernandes et al., 2022). Faz parte do código relacional pedir licença para entrar na floresta, no rio ou em outro ambiente, pois é o lugar de morada dos *waimahsã*.

Pedir licença para adentra num ambiente amazônico é uma prática difusa entre muitos amazônidas, porém o pedido é a outros seres ou feito de modo impessoal à floresta, ao rio etc. Numa perspectiva amazônica mais geral, a floresta é morada de seres que nós ocidentais não possuímos classificação ou que lhes atribuímos o rótulo de seres mitológicos, como aqueles presentes nas lendas amazônicas: o Boto, o Curupira, a Iara, o Mappinguarí, entre outros. E, obviamente, a floresta é também local de morada de todos os seres que conhecemos dos reinos descritos pela Biologia (animal, vegetal, fungi, protista, monera), com os quais as pessoas possuem formas particulares de relacionamentos: querem proximidade ou distância, são bem ou malvistos, fazem bem ou fazem mal, e assim por diante.

Em suma, os *processos psicoflorestais* se referem às atividades, fenômenos e relacionamentos concretos, sentidos ou pensados da pessoa (corpo vivo) consigo mesma, com os seres humanos e não humanos visíveis e invisíveis do presente e passado, e com todos os elementos materiais e imateriais criados pelos humanos e existentes na natureza nas múltiplas dimensões existenciais do universo amazônico. Traremos algumas explicações das palavras que compõem essa definição:

- *Processos*: para dar a noção de transformação e movimento presentes em todo universo por seus ciclos, que também acontece ao longo do desenvolvimento humano desde a concepção até a morte física.

- *Psicoflorestais*: palavra que inventamos para designar a integração unidual da pessoa, que se manifesta por uma face interna (psico) e uma face externa (corpo, que é um elemento da natureza) em relações com outras pessoas. Ela vive no universo amazônico, composto pela cidade, florestas e rios, mas que resumizamos utilizando a palavra *floresta*, pois esta é o que representa o elemento mais destacado caracterizando a Amazônia. Assim, a relação pessoa-ambiente designada por nosso neologismo *psicoflorestal* poderia ser equivalente a *peçoamazônico* ou *psicoamazônico*.

- *Atividades*: englobam todas as ações, operações e procedimentos realizados pelas pessoas, sejam estas na esfera psíquica ou física, ou dito de uma maneira mais afim a algumas linhas da Psicologia Social, no plano subjetivo ou no mundo externo material (Lane, 1984).

- *Fenômenos*: para nos referirmos a aquilo que acontece na natureza, humana e não humana, e que são percebidos por nós segundo nossa condição consciencial. Os fenômenos podem existir por si, porém só são percebidos e compreendidos pelas pessoas, que lhes conferem o estatuto de real.

- *Relacionamentos concretos, sentidos ou pensados*. O que nos caracteriza enquanto pessoas são nossas relações, que acontecem pela convivência com os outros, vendo, ouvindo e interagindo com eles (Guareschi, 2005). Como afirmamos, pode haver também relacionamentos com seres invisíveis ou com antepassados, que são *concretos* porque estão presentes na vida das pessoas, fazem parte de seu cotidiano. O *pensar* engloba o que algumas abordagens em Psicologia Social consideram como a dimensão cognitiva das interações sociais, que geram atitudes, expectativas, influências, pensamentos, percepções, representações etc. (Michener et al., 2005). E o *sentir* é a dimensão afetiva da constituição humana nas interações sociais (Lane, 1984), que guia os relacionamentos psicoflorestais ao expressar em nosso corpo uma emoção ou sentimento originados pela vivência com ambientes, memórias, pessoas ou outros seres.

• *Consigno mesma*: as relações, operações e fenômenos que acontecem no âmbito interno da pessoa. É a dimensão interior que caracteriza o ser humano e que é estudado pelas ciências psicossociais, pelos sabedores de distintas culturas e por qualquer pessoa comum no mundo. Entretanto, como já defenderam muitos cientistas psicossociais, o mundo interior é social, pois nossa interioridade é repleta de acontecimentos, atores e lugares oriundos do mundo externo numa dimensão interior pessoal.

• *Com os seres humanos e não humanos visíveis e invisíveis*: as relações com outros seres humanos são amplamente estudadas pelas ciências psicossociais (Michener et al., 2005), tomando-se como pressuposto fundamental que eles são sempre pessoas visíveis. Entretanto, entre os povos amazônidas há também relações com seres humanos invisíveis, que habitam outros domínios da natureza sob outras condições (Barreto, 2022; Fernandes et al., 2021, 2022). Existem na floresta também os seres não humanos visíveis, com os quais as pessoas se relacionam, como os animais e plantas. E há os seres não humanos invisíveis, que os povos indígenas classificam à sua maneira, mas muitos não indígenas rotulariam como *espíritos*, *encantados* ou *seres da floresta*. Portanto, as relações psicoflorestais envolvem muitos outros atores florestais e que exige da pessoa uma ética relacional apropriada.

• *Do presente e passado*: uma pessoa só existe devido à precedência de outras pessoas e vive com pessoas no cotidiano, o que confere às relações psicoflorestais um estatuto *ancestrosocial*. A tendência das ciências psicossociais é considerar apenas o contexto sócio-histórico na constituição da pessoa (Lane, 1984). Todavia, os povos amazônidas nos indicam que devemos considerar também o passado das origens humanas segundo narrado nas mitologias de cada povo – que nós ocidentais consideramos serem válidas apenas a bíblica ou a evolucionista – pois isso molda relacionamentos entre pessoas e destas com o universo amazônico. Assim, não se trata apenas de rotular isso como um aspecto cultural, mas sim considerá-lo como elemento cosmológico que liga a pessoa ao sagrado e molda, inclusive, a organização sociopolítica e produtiva de alguns povos. Além disso, o passado está presente no cotidiano das pessoas pelos enredamentos ancestrais manifestados nos laços familiares e comunitários. Por isso afirmamos que as tramas das relações psicoflores-

tais são *ancestrosociais*.

- *Com todos os elementos materiais e imateriais criados pelos humanos e existentes na natureza*: as criações humanas se expressam por bens materiais e imateriais. Os primeiros são bastante visíveis, como aparelhos tecnológicos, construções, instrumentos em geral etc. Os imateriais já vêm sendo bastante estudado pelas ciências psicossociais, classificados muitas vezes como bens culturais ou simbólicos, como por exemplo as instituições sociais, os artefatos culturais e os conceitos sociais descritos pela Psicologia Macrocultural (Fernandes et al., 2021). Além destes elementos criados pelas pessoas, temos também todos aqueles da natureza que estão presentes em todo universo e que compõem as relações psicoflorestais: águas, ar, astros, florestas, fogo, luz, metais, terras, entre outros, que podemos observar. E há aqueles elementos imateriais, como as forças da natureza – também chamadas em alguns contextos religiosos de forças espirituais – com as quais as pessoas podem interagir tendo conhecimento apropriado sobre essas.

- *Nas múltiplas dimensões existenciais do universo amazônico*: se há seres e domínios da natureza que não podemos ver diretamente, mas sob certas condições podemos estar nelas por outras formas de percepção, nos parece pertinente considerar que a realidade amazônica é multidimensional. Há distintas dimensões onde estão os seres e elementos, que as rotulamos aqui como imateriais – e alguns nomeiam de espirituais –, havendo especulações da ciência moderna e por saberes de distintos povos de como ou quantas são essas dimensões.

Por fim, a Psicologia Florestal amazônica se propõe a ampliar o ponto de vista científico agregado a sabedoria amazônica para realizar uma leitura dos processos psicoflorestais. Para tanto, é importante reconsiderar os paradigmas científicos em todas suas dimensões e, desse modo, sermos capazes de conhecer os segredos e desvendar os mistérios da Amazônia e de seus povos. Muitos dos temas aqui tratados necessitam de aprofundamento e explicações. Deixaremos isso para futuras produções, conforme tivermos desenvolvimento consciencial por meio de experiências e aquisição de sabedoria no universo amazônico.

## Referências

Barreto, J. P. L. (2022). O mundo em mim: uma teoria indígena e os cuidados sobre o corpo no Alto Rio Negro. IEB mil folhas.

Bertrand, G. (2004). Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. RA E GA, 8, 141-152.

Calegare, M. G. A. (2010). Contribuições da Psicologia Social ao estudo de uma comunidade ribeirinha no Alto Solimões: redes comunitárias e identidades coletivas [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca digital USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03052010-163111/pt-br.php>

Calegare, M. G. A. (2012). Questões à Psicologia Social a partir de experiências em comunidades ribeirinhas amazônicas. In A. Lima (Ed.), *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo* (pp. 197-218). Sulina editora.

Calegare, M. G. A. (2015). Rural-urbano, estudos rurais e ruralidades: saberes necessários à Psicologia Social. In A. F. Lima, D. C. Antunes, & M. G. A. Calegare (Eds.), *A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil* (pp 437-457). Editora Abrapso.

Calegare, M. G. A. (2017). Rumo a uma abordagem psicossocial da florestalidade (ruralidade) amazônica. In E. F. Rasera, M. S. Pereira, & D. Galindo (Eds.), *Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção* (pp. 285-300). Editora Abrapso.

Calegare, M. (2021). Processos e interatuação psicossocial. In M. Calegare, & A. S. C. Mezzalira (Eds.), *Processos psicossociais vol.2: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política* (pp. 27-48). Alexa Cultural; Edua.

Calegare, M. G. A., & Silva Jr., N. (2012). Inter e/ou transdisciplinaridade como condição ao estudo de questões socioambientais. *INTERthesis*, 9(2), 216-245. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2012v-9n2p216>

Calegare, M. G. A., & Silva Jr., N. (2014). Crise do racionalismo moderno e transição paradigmática: uma utopia ecológica? *Gaia Scientia*, 8(1), 338-350. <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/>

## index

Calegare, M. G. A., & Tamboril, M. I. B. (2017). Formação, atuação e produção do conhecimento em Psicologia Social na Amazônia brasileira: retalhos da nossa história. *Textos & Debates*, 1(31), 11-31. <https://revista.ufrb.br/textosedebates/article/view/4254>

Fernandes, F. O. P., Azevedo, D. L., Barreto, J. P. L., & Calegare, M. (2021). The macro cultural psychology understanding of the constitution of a Yepa Mahsã person. *Culture & Psychology*, 27(2), 243-257. <https://doi.org/10.1177/1354067X20951890>

Fernandes, F. O. P., Azevedo, D. L., Barreto, J. P. L., & Calegare, M. (2022). Noção de pessoa e bem-estar integral Yepamahsã. In M. Calegare, R. Suárez P., P. A. Pérez G., & L. E. León R. (Orgs.), *Por los caminos de las psicologías ancestrales nativoamericanas vol.2: investigaciones y experiencias sobre y desde los pueblos originarios* (pp. 157-177). Alexa Cultural; EDUA.

Fernandes, S. L., Zakabi, D., & Calegare, M. G. A. (2016). Humilhação social e contextos rurais: discussões a partir de pesquisas em três comunidades rurais. *Revista Psicologia Política*, 16(37), 287-303. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2016000300004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000300004&lng=pt&tlng=pt)

Guareschi, P. (2005). *Psicologia Social Crítica como prática de libertação* (3ª ed.). Edipucrs.

Guareschi, P. A. (2008). Ética e paradigmas. In K. S. Ploner, L. R. F. Michels, L. M. Schlindwein, & P. A. Guareschi (Eds.), *Ética e paradigmas em Psicologia Social* (pp.18-38). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. <https://books.scielo.org/id/qfx4x/pdf/ploner-9788599662854-03.pdf>

Lane, S. T. M. (1984). A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In S. T. M. Lane, & W. Codo (Eds.), *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 10-19). Brasiliense.

Mendes, A. D. (2006). *A invenção da Amazônia* (3ª ed., rev. e ampl.). Banco da Amazônia.

Michener, H. A., Delamater, J. D., & Myers, D. J. (2005). *Psicologia Social*. Pioneira; Thomson Editora.

Morin, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro. Cortez; UNESCO.

Montero, M. (1996). Paradigmas, corrientes y tendencias de la Psicología Social fineseculares. *Psicologia & Sociedade*, 8(1),102-119.

Nogueira, S. G. (2019). Libertação, decolonização e africanização da psicologia: breve introdução à psicologia africana. EdUFSCar.

Pizarro, J. M. (2021). Tiempo aymara en época de pandemia. In M. Calegare, R. Suárez P., P. A. Pérez G., & L. E. León R. (Eds.), *Por los caminos de las psicologías ancestrales nativoamericanas vol.1: teoría, avances epistémicos y praxis comunales* (pp.171-180). Alexa Cultural; EDUA.

Romero, L. E. L., Calegare, M., Pérez G., P. A., & Suárez P., R. (2021). Veredas hacia las psicologías ancestrales nativoamericanas. In M. Calegare, R. Suárez P., P. A. Pérez G., & L. E. León R. (Orgs.), *Por los caminos de las psicologías ancestrales nativoamericanas vol. 1: Teoría, avances epistémicos y praxis comunales* (pp. 27-49). EDUA; Alexa Cultural.

Seeger, A., Marra, R., & Viveiro de Castro, E. B. (1979). A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, 32, 2-19.

Zavala Olalde, J. C. (2010). La noción general de persona. El origen, historia del concepto y la noción de persona en grupos indígenas de México. *Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey*, 27-28, 293-318.

# SUSTENTABILIDAD Y RESILIENCIA, GUÍAS PARA LA ACCIÓN DEL PSICÓLOGO EN AMBIENTE RURAL

Concepción Sánchez Quintanar

## **Sustentabilidad y Resiliencia, Guías para la Acción del Psicólogo en Ambiente Rural**

Los profesionales de la psicología que deseamos orientar nuestra labor al medio rural, tenemos retos cognitivos que necesitamos superar: *Sustentabilidad y Resiliencia*, ambos son conceptos complejos y sintetizados para su divulgación, sin embargo, se requiere comprender el propósito desde una acción de un compromiso concreto. Cuando los analizamos desde procesos de desarrollo, lo que entendemos es que hay que ir a nuestros puntos limitantes de conocimiento y de acciones para discernir caminos.

Congruentes con la orientación profesional que estamos asumiendo, nos ubicaremos en el ambiente natural del sector rural, y necesitamos apoyo de conocimientos elementales de la Ecología. Por qué ella es la ciencia de la naturaleza, que se aboca al estudio de las interacciones de los sistemas biológicos, lo hace con una mirada holística y mundial. Al comprender que la naturaleza es un pilar de la sustentabilidad, nuestro acercamiento resulta necesario, para valorar situaciones globales, a la vez que concretas de la vida en las comunidades rurales y pueblos originarios.

### **Sustentabilidad**

Es un concepto generado en el informe de la Comisión, Brundtland de la ONU (1987), lo explica en la fórmula conocida como: “*Satisfacer las necesidades de las generaciones presentes sin comprometer las posibilidades de las futuras*”; esto se completa hacer con apoyo de la economía, el medio ambiente y la sociedad, para lograr un desarrollo económico y social respetuoso con el medio ambiente. Se indica que crecimiento y desarrollo se refieren a la biología básica del planeta y sus partes, y que la forma de avanzar debe

ser armónica porque una afecta a la otra; bajo el presupuesto y deseo que la correcta distribución traerá mayor equidad ambiental, social y económico.

En ambientes académicos, de los sectores públicos y privados, es muy conocida esta definición. Lo que complica la acción profesional en muchas ocasiones, es no conocer *la biología básica del planeta*. Por ello este escrito desea señalar elementos y motivar el estudio básico para la comprensión que requerimos en función de desarrollo sustentable en el medio rural:

La Ecología es la ciencia de la naturaleza, se aboca al estudio de las interacciones de los sistemas biológicos que la constituyen, su unidad de estudio es la interacción de diversos sistemas biológicos en una zona determinada, que toma el nombre de Ecosistema. Al estudiarlo se han integrado los grandes ecosistemas aceptados mundialmente: desiertos, mares, llanuras, tundras, bosques y selvas. El concepto involucra la interacción de diversos sistemas biológicos en una zona determinada. En cada ecosistema se distinguen los elementos básicos en mayor o menor proporción: aire, suelo, agua, flora y fauna, los cuales son necesarios para cualquier organismo vivo, desde los uni celulares hasta el ser humano. Los ecosistemas se reproducen de forma permanente, si no hay explotación excesiva, catástrofes naturales o guerras que interfieran en sus procesos. El impulso intrínseco de los ecosistemas es conservar los sistemas que lo integran, sus ciclos y componentes. En estos sistemas hay elementos que se consideran de vida; sin los cuales no hay sobrevivencia: agua, aire y suelo, son base de vida; sin ellos la flora, fauna y cualquier organismo, no pueden crear un hábitat.

El ecosistema o conjunto de sistemas orgánicos se relacionan de manera que siempre todos tengan equilibrio en el mismo lugar. Si alguna especie o sistema sobrepasa los límites de todos, hay desequilibrio y dependerá del grado de éste y colaboración de todos sus elementos en la promoción del nuevo equilibrio. Las leyes de los Ecosistemas son diferentes a las humanas. Las leyes *naturales captan la necesidad del todo y los elementos más fuertes y sanos dan más energía, para que los débiles se fortalezcan*. En el “todo” pueden faltar algunos elementos frágiles, pero nunca los más fuertes, bajo riesgo de sufrir perturbaciones difíciles de recuperación para el todo. Una

fortaleza global significa la energía de la totalidad del ecosistema; no obstante que, si hay algunos elementos compartidos con otros ecosistemas y son débiles, pueden sucumbir. Por el contrario, si los elementos compartidos son fuertes se fortalecen ambos ecosistemas (Hernández,1971).

En la vida de los ecosistemas, hay repercusiones favorables o desfavorables; y lo mismo sucede entre sistemas que comparten elementos entre ellos. Ejemplo: un río que proviene del deshielo, baja de las alturas y se diluye en los entornos necesarios para que subsistan otros sistemas que pueden contener elementos básicos, en diferentes modalidades y proporciones. Así un río caudaloso (Fotografía 1.) Se hace vital para grupos humanos que de acuerdo a las posibilidades tecnológicas se abastecen de éste; pero a la vez deriva en ríos más pequeños o riachuelos, o solo conserva la humedad del subsuelo. Como líquido vital contiene los mismos elementos para el apoyo de todos los sistemas y sus integrantes. También es un signo de vida en zonas altas o secas, deja olores o permanece en bajo suelo alimentando musgos, que cobijan insectos, para aves, que son presa alimenticia de mamíferos inferiores y superiores; los restos mortales de todos se vuelven al “todo” (Hernández).

**Figura 1 - Rio Caudaloso**



En el Ecosistema cada uno de los subsistemas y elementos, tienen una función insustituible, porque se alimentan y retroalimentan entre ellos. Además, los seres vivos, (desde los microscópicos, plan-

tas, animales y seres humanos) que forman poblaciones, tienen posibilidad de incluirse en los sistemas, dependiendo del soporte que le proporcionen al ecosistema en su conjunto. La armonía del conjunto *responde* a un principio inteligente de equilibrio homeostático, que sostiene la energía para conservar la salud de los seres vivos, y “del todo”. Esto es posible por un complejísimo mecanismo de conectividad entre todos los integrantes del Ecosistema, que Odum y Barrett (1971) descubrieron y describieron como un poder energético y dislocante, que no emerge de una sola fuente. Se puede entender que, la inteligencia del proceso homeostático se despliega en todos los sistemas que constituyen el ecosistema, y sus elementos para conservarse como un todo.

**Figura 2 - Subsistemas del ecosistema mar**



Nota. Los Arrecifes de coral, se relacionan entre sí con hidrozoos, medusas y anémonas de mar, las algas les proveen alimento que generan por fotosíntesis, y color. Son hábitat de especies marinas, (ostras, cangrejos) y se relacionan variedad de peces. Funcionan como centro de actividad de la vida marina.

Fuente EPA Agencia de Protección Ambiental de EUA.

## **Resiliencia**

El concepto originalmente relativo a la vida de los ecosistemas, se aplica también a la vida de individuos, familias, empresas, grupos de cualquier actividad. Del inglés “*resilience*, y del latín *resiliens, act. de resiliere: saltar hacia atrás, rebotar, replegar-se*”. La Real

Academia Española RAE la define como la capacidad de adaptación de un ser vivo frente agente perturbador o estado o situación adversa. También es factible el concepto para señalar la capacidad de un material, mecanismo o sistema para recuperar su estado cuando ha cesado la perturbación. Es la capacidad de un sistema para absorber un disturbio; sufrir un cambio y aún retener esencialmente la misma función en el conjunto de sistemas, estructura y retroalimentaciones. Esta capacidad permite el cambio o su afrontamiento sin cruzar el umbral a un régimen de sistema diferente.

Walker y Salt, (2006, p. 35) señalan que en todos los sistemas integrantes del ecosistema tienen la misma capacidad de experimentar algún cambio, lo que pone de manifiesto un complejo comportamiento de todo el sistema; que no se puede predecir por la comprensión de mecanismos individuales. De tal manera que la reconfiguración del ecosistema puede cambiar a otro estado, con todos sus componentes. Cada uno de sus subsistemas retienen sus mismas funciones para el ecosistema total. Podemos pensar también que todos los sistemas se movilizan para recuperar su homeostasis y continuar aportando al homeostasis de todo el organismo mayor.

La resiliencia de un ecosistema trata de cultivar la capacidad de sostener su equilibrio frente al cambio esperado o inesperado, y las diversas vías de subsistencia de acuerdo a sus posibles umbrales de respuesta a las afectaciones. Los ecosistemas tienden al equilibrio o equilibrarse ante una perturbación, porque sus herramientas son las mismas de los sistemas que los integran, (Folke, 2016); todos buscan de nuevo los elementos que necesitan para su homeostasis. Además, la perturbación ecosistémica es la falta de elementos que sustentan algún eslabón del todo. La respuesta global la manifiesta como un sistema complejo de adaptación frente a los cambios; esto es, su capacidad de resiliencia y el proceso que la identifica. La explicación de Folke es que la capacidad del ecosistema puede graduar cambios al interactuar con otros sistemas más fuertes o de aparición inesperada. Se considera que la respuesta de cualquier sistema a los daños y perturbaciones, depende de su contexto particular, de sus conexiones entre escalas o segmentos en el estado presente; porque cada situación es diferente y los elementos siempre están en interacciones y movimiento, que pueden estar en atención, por ejemplo, de sus recursos en el momento o momentos adecuados. De estos procesos se perfila el concepto de "pensamiento de resiliencia".

## ***Resiliencia Humana***

Para abordar este concepto es pertinente aceptar la base ecológica que explica la Resiliencia, en cuanto a capacidad de respuesta y superación de perturbaciones ecosistémicas. En el ser humano se entiende la resiliencia como posibilidad de resolver problemas adversos con afrontamientos eficientes. También es acertado identificarla como capacidad de superación que, se traduce en aprendizaje y fortalecimiento de la persona.

La Psicología, en sus diferentes orientaciones coincide al identificar en el comportamiento humano las dimensiones: emocional, motivacional y social. Para (Tenorio, 2021) fueron la base para redefinir la resiliencia en docentes: Como capacidad, proceso y habilidad que permiten conocer la integración de capacidades y la unidad del comportamiento de las personas y grupos. Dados sus características sistémicas que van más allá de la persona, pueden ser de resonancia en agentes sociales como la familia, instituciones escolares o trabajo.

Desde la perspectiva de profesionales de la psicología o educación, un problema de integración personal o conflictos de relaciones entre individuos, dirigen la atención y diagnóstico hacia la relación entre de las tres dimensiones, y sus respectivas funciones, interacciones e indicadores en los comportamientos concretos. Aceptando la esencia holística y tendencia al desarrollo de la persona, que aporta la Psicología Humanista (C. Rogers, 1903-1987), podemos equiparar el comportamiento humano resiliente al del ecosistema. En este marco los dos comportamientos se asemejan, y son compatibles.

## **Ecología Humana**

La aparición del ser humano en los ecosistemas es particularmente explicada por las teorías de la evolución, en un tiempo también estimado, de forma integrada con los ecosistemas tuvo alimentación y fue creando hábitat. En el proceso e interacción entre humanos y naturaleza, se crearon nichos favorables y creció su hábitat entre ellos. La identificación del ser humano y sus comunidades en la vida de los ecosistemas, indujeron el estudio de sus interacciones, para integrarlas al quehacer científico. En 1960 aparece la Ecología Humana con el propósito de conocer la forma en que las sociedades usan y afectan el ambiente y viceversa. Fue definida por

Marten (2001) como el estudio de la estructura y desarrollo de las comunidades humanas, así como sus necesidades, en términos de poblaciones humanas adaptadas a los ambientes naturales, incluyendo los sistemas tecnológicos, patrones de organización social y su forma de adaptación.

De acuerdo a Bates y Tukey (2010) el *pensamiento resiliente* se genera en la interacción humano-ambiental y las posibles reacciones frente a los cambios de adaptación, como la conservación o preservación de su desarrollo, o bien la transformación que sería el cambio por vías emergentes. La definición de Marten, y el concepto del pensamiento resiliente, proporcionan elementos para revisar los parámetros de las sociedades actuales: ¿En qué forma están adaptadas a sus ambientes?; ¿cómo funcionan sus sistemas sociales, industriales, tecnológicos, económicos y políticos; así como, su sintonía con las tendencias de los sistemas mundiales? En el marco de estos interrogantes podemos identificar los problemas ambientales actuales más cercanos a nuestras vidas y a la acción pro ambiental de nuestro país.

## **Sistemas Socio Ecológicos**

En su desarrollo la Ecología incluyó a los seres humanos, a las interacciones que establecen y sostienen las comunidades humanas con los ecosistemas. Consideraron, entre otras, las actividades cotidianas con apoyo de la naturaleza para alimentación y sostén de sus vidas; así como sus acciones de cuidado y aprecio de los recursos naturales. Este avance se produjo al pensar en las comunidades humanas, como en cualquier otro tipo de comunidad biológica implicada en el proceso de preservación de todo el ecosistema.

Las circunstancias que han influido en el desarrollo de la Ecología, Ecología Humana y la actual Ecología Social son: 1) El inevitable crecimiento de los centros humanos hacia sociedades complejas y lo inequitativo que ha resultado su relación con los ecosistemas. 2) La suposición básica de la Ecología, de que los encuentros de organismos – entornos, están influenciados por factores contextuales. El segundo aspecto direcciona la mirada a muy diversos escenarios, y de inicio, a delimitar los espacios de interés. (Haberl et al., 2016).

La Ecología con perspectiva humana encontró las limitaciones de las condiciones comunitarias y sociales. En este sentido no se

puede pensar en una distinción clara y tacita entre la Ecología y la Ecología Social, pero si las características de enfoques: En la primera son los procesos homeostáticos y de equilibrio; y de la segunda los modelos que enfatizan procesos de desequilibrio y desestabilización en los entornos humanos. (Borden, 2014).

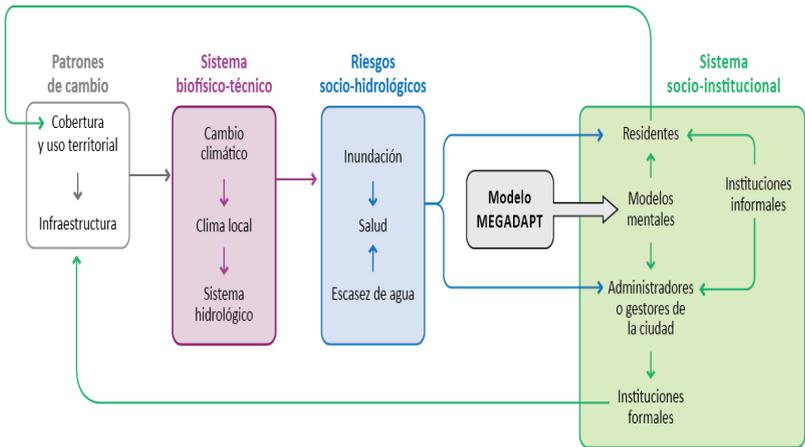
Los perfiles de cada una se apoyaron en las explicaciones descriptivas que condujeron a la inclusión humana, y la comprensión de las necesidades de sus comunidades, así como un panorama de transformación social. Se asientan responsabilidades de preservar los conocimientos ecológicos de las comunidades sociales como, la medicina tradicional, formas y lógicas de organización e inclusión de la naturaleza en sus usos y costumbres.

Los objetivos de la actual Ecología Social fueron avanzando más allá de la ciencia medioambiental. De acuerdo a Borden, en la actualidad reconoce: 1) Cualquier investigación destinada a mejorar la calidad de las transacciones de las personas con su entorno construido, social y virtual, así como con el mundo natural. 2) Los Análisis ecológicos incluyen escalas geográficas, sociales y temporales que facilitan comprender el comportamiento de las comunidades e interesarse en situaciones como la salud, recursos e interacciones entre zonas y regiones. Con la apremiante necesidad de entender las relaciones ambientales incorporando estudios socioeconómicos e incluso niveles nacionales e instituciones internacionales. 3) Adopción metodológica de modelos que permitan comprensiones amplias de las interacciones. Lo anterior produce información de variables contextuales y de amplitud (límites espaciales, temporales y socioculturales) de las investigaciones, transacciones humanas y medioambientales, por lo que la Ecología Social adoptado también metodologías de modelos.

La figura 1 Ilustra un Modelo Socio – Institucional para encontrar acciones de cambio sostenibles en un territorio definido. Este camino se describe entre las etapas de un sistema hidrológico institucional y sus relaciones con redes institucionales: Se trata del sistema biofísico-técnico y una situación de riesgos hidrológicos. En el espacio Socio-institucional hay una posición clave y decisiva para el objetivo de cambio: “*Modelos Mentales*”, que nos invita a pensar en la participación de nuestra profesión y lo que podemos ofrecer,

comprendiendo la problemática del Sistema socio ecológico del que se trate.

**Figura 3 - Ejemplo de Sistema socioecológico**



Fuente: [https://lancis.ecologia.unam.mx/iai/sistemas\\_socioecologicos](https://lancis.ecologia.unam.mx/iai/sistemas_socioecologicos)

## Desarrollo rural sustentable

La dificultad para el desarrollo sustentable que nos interesa, se presenta cuando el ecosistema y la comunidad rural, tienen desequilibrios en su capacidad energética para interactuar de forma homeostática. Los deterioros o problemas en los ámbitos de la naturaleza y socio económicos son claves para este propósito. El interés por los socio-ecosistemas nos abre caminos para la interacción y colaboración multidisciplinaria, a diferentes niveles sociales, económicos y de educación ambiental y gestión institucional.

## Psicología en Ambiente Rural

Si elegimos o confirmamos compromiso con el ambiente rural, necesitamos:

» Considerar que las comunidades rurales en América Latina están incluidas en un ambiente globalizante, porque contienen recursos naturales, producen alimentos más económicos que en las

ciudades y comparten diferentes formas de vida. Por lo anterior *son vulnerables* a la *aceleración* de demandas y competencia económica; introducción de mejoras de variedades de cultivos; cambios agroecológicos, participación en la industria turística a niveles desde comunitarios hasta internacionales; influencia de la urbanización y acercamiento de conglomerados poblacionales que generan pobreza y emigración. Los cambios inducidos en las sociedades rurales, a su población y recursos, lo recientes principalmente en la organización social, familiar y económica.

» Comprender que los grupos y comunidades humanas mientras más incluídas viven en la naturaleza, más interactúan con ella, más conocen sus ciclos por que los sienten, perciben sus señales y las distinguen, también por conocimiento empírico de los ciclos que se repiten. Los pueblos originarios más que los campesinos y rurales, siguen una vida en el ecosistema, por lo general no viven de un solo cultivo o fuentes de alimentación. Su desarrollo incluye explicaciones de cosmovisión, de tal manera que pueden percibir “reacciones” de las plantas en relación a los ciclos lunares y del sol, así como de interacciones de otras manifestaciones cósmicas. También que los conocimientos empíricos, observaciones y conocimiento ancestral, los transmiten de generación en generación, de diferentes maneras. Por usos y costumbres, los mezclan con historias, parábolas, cuentos, descripciones e interpretaciones para el futuro, o bien en las enseñanzas para la crianza de los hijos.

» Lo anterior en conjunto es la herencia cultural que de alguna manera se conoce en las ciudades, e históricamente han sido valorados como manifestaciones culturales. En la actualidad hay conocimientos valorados que trascienden los ámbitos rurales: en especial los medicinales para los humanos; y los procesos del folklor que forman una parte importante de su identidad regional y campesina, o como actividad económica para difundir y atraer turistas y visitantes en las fiestas conmemorativas.

» Identificar los sistemas socio-ecológicos para delinear marco de estudio y acción profesional, buscar indicadores en donde confluyan el interés para promover sustentabilidad y aspectos resilientes para los grupos y comunidades rurales.

## Visión Para La Acción Psicológica En Medio Rural

En este apartado se presentan consideraciones sobre la sustentabilidad y resiliencia como pilares del ejercicio profesional de la psicología que queremos desarrollar. La primera como concepto necesita de un medio resiliente, y capacidades de apertura.

» El pensamiento resiliente identificado como impronta de sustentabilidad puede iniciarse por dos procesos: 1) Pensamiento sistémico para comprensión de unidades de comportamientos humanos (personas, comunidades y grupos) y socio ecosistemas en las comunidades; y 2) apertura y disposición al cambio. Ambos como hábitos de desarrollo de las personas y profesionales, implicados en procesos de sostenibilidad, en la vida social, comunitaria y de gestión en general; al menos por tiempos razonables para que faciliten aprendizajes en los directamente implicados y sus comunidades.

» Los procesos anteriores abrirán caminos de diálogo y aprendizaje entre las personas que se requieren en el trabajo de campo, autoridades locales y municipales; con los profesionales de las ciencias naturales y sociales, nos necesitamos para logros y metas a corto, mediano y de ser posible a largo plazo, en procesos *sustentables* de desarrollo. Esto sería una actitud-acción inicial para buscar personas afines a la promoción humana, social, productiva, y consolidación de equipos para asistir los cambios que se generen en la población rural e instituciones que las atienden.

***Pensamiento sistémico.*** La ecología revela la esencia de la naturaleza: relaciones interactivas y comportamientos resilientes de los sistemas que la integran. Para nuestra profesión los comportamientos y procesos sistémicos sería un vehículo de crecimiento personal y profesional, que derivarían en la identificación de los elementos y procesos que relacionan a las personas, grupos y comunidad.

Ambos tipos de pensamientos pueden incidir en la creación de espacios de relaciones de confluencia y descubrir recursos y posibilidades para decidir y actuar. Si la apertura al cambio nos detiene o conflictúa, señal de que no podemos hacerlo de inmediato, se requeriría más información del caso, y alcances o riesgos de provocar o no un cambio y una ruta crítica.

El aprendizaje en grupo facilita que las personas familiaricen con procesos de cambio y la preparación en lo individual y grupal, para acciones o cambios en las costumbres en las familias o comunidades de que se trate. También en trabajo de grupos, se pueden prevenir errores y preparación para la recolección de información asertiva vs rumores y deformación de la información; que sería apuntar a un error o déficit para alcanzar la meta.

***Buscando la sustentabilidad.*** La acción del profesional de la psicología en el medio rural se puede plantear en tres grandes áreas: Educación ambiental; apoyo para el cambio sustentable de grupos y comunidades; colaboración en relaciones multi e interdisciplinarias para investigación o diseño de acciones conjuntas de desarrollo.

Sugerencias de acción para facilitar el cambio hacia procesos sustentables, en el ambiente rural, sea en las comunidades o instituciones. Los cambios y conflictos más comunes se pueden presentar en:

» *Cambios y legalidad.* Las formas de tenencia de la tierra que se identifican como base de los ecosistemas tienen una dimensión de legalidad: de quien es el derecho, de quien es la responsabilidad y como es el daño.

» *Conflictos* Los cambios previstos y afrontados para desarrollo pueden generar problemas, desde las reflexiones internas, hasta acciones defensivas. Entre los pueblos que recientes la limitación de satisfactores, en especial el agua, suelen ser fuertes y de división; cuando sienten el peligro o la causa fuera del pueblo, por lo general aparece la solidaridad y cohesión, pero también peligros dependiendo de las formas de defensa o la complejidad del conflicto (local, regional, nacional...que apoyen).

» *Precaución ante los cambios ambientales* Se requiere que la población tenga una orientación para comprender los riesgos secuenciados que provocan los problemas que deterioran el contexto.

» *Cambios y política pública* Estos cambios requieren de atención, porque las que se ejecutan en las comunidades, con frecuencia se implementan sin comprensión de los efectos que causaran en la población, o lo que implicará en su vida diaria.

» *Cambios y educación* Es común que los maestros de escuelas rurales no comprendan la trascendencia casi inmediata, de que los niños y jóvenes se interesen en el desarrollo de su comunidad o región. Los enlaces entre maestros y padres de familia son costumbres ya asimiladas en muchas regiones, son estructuras factibles de operar si es en beneficio de las comunidades.

## **Apoyos Para La Acción**

» *Paulo Freire*. Tuvo una visión muy grande al *asociar la alfabetización a los problemas* de la población adulta y generó otros procedimientos de educación, también para adultos en países más pobres y necesitados que los nuestros. Este método y el de Investigación-Acción, podrían volver a dar sus frutos, ahora para la sustentabilidad de las comunidades rurales y sus entornos, así como, para las gestiones a realizar, elaboración de informes o documentación requerida.

» *Carl Rogers*. Otro enfoque educativo para la población adulta puede ser con el Enfoque Centrado en las Personas, para identificar necesidades y problemas, que requieran orientación psicológica, así como comprensión de los sus estados de ánimos, miedos y temores.

Nuestra profesión es muy adecuada para las personas adultas que pueden tomar decisiones en su ambiente, solo necesitamos comprender las formas de relaciones entre grupos de la población y autoridades.

## **Referencias**

Aquae Fundación. (2013). *Cuáles son los ríos más largos del mundo*. <https://www.google.com.mx/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.fundacionaquae.org%2Flos-rios-mas-largos-del-mundo2%F&psig=AOvVa3wqEUjxfdIcpz2zfQxna1aL&ust-1667594373557000&source=images&cd=vfe&ved=0CAkQjRxq-FwoTCLCN9qPvkvsCFQAAAAAdAAAAABAE>

Bates D. G., & Tucker J. (2010). *Human Ecology: Contemporary Research and Practice*. <https://doi.org/10.1007/978-1-4419-5701-6>

Borden, R. J. (2014) *Ecology and experience: reflections from a hu-*

*man ecological perspective.*

Folke, C. (2016). Resilience (Republished). *Ecology and Society* 21(4), 44. <https://doi.org/10.5751/ES09088210444>

Haberl, H., Heinz, K. E., Fischer, K. M., Gross, R., Krausmann, F., Plutzer, C., Schmid, M., & Winiwarter, V. (2016). *Social ecology: society-nature relations in time and space*. Springer.

Hernández X. E. (1971). *Curso Etnobotánica*. Colegio de Posgraduados.

Marten, G. G. (2001). *Human Ecology: basic concepts for sustainable development*. Earthscan Publications

MEGADAPT. *The Dynamics of Multi-Scalar Adaptation in Megacities: Autonomous action, institutional change and social hydrological risk in Mexico City*. (Institute of Ecology). UNAM <https://mexico.asu.edu>

Odum, E. P., & Barrett, G. W. (1971). *Fundamentals of ecology (Vol. 3)*. Saunders.

Organización de las Naciones Unidas. (1987, 4 de agosto). *Informe de la Comisión Mundial sobre el Medio Ambiente y el Desarrollo*. Asamblea General. Desarrollo y Cooperación Económica Internacional: Medio Ambiente. [https://www.ecominga.uqam.ca/PDF/BIBLIOGRAPHIE/GUIDE\\_LECTURE\\_1/CMMAD-Informe-Comision-Brundtland-sobre-Medio-Ambiente-Desarrollo.pdf](https://www.ecominga.uqam.ca/PDF/BIBLIOGRAPHIE/GUIDE_LECTURE_1/CMMAD-Informe-Comision-Brundtland-sobre-Medio-Ambiente-Desarrollo.pdf)

Real Academia Española. (2021). Reproducción. En *Diccionario de la lengua española* (edición del tricentenario). Consultado el 29 de agosto de 2022. <https://dle.rae.es/resiliente>

Tenorio V. C. (2021). Entender la resiliencia docente. Una mirada sistemática. *Revista Innova Educación.*, 3(3). <https://doi.org/10.35622/j.rie.2021.03.012>

Walker, B., & Salt, D. (2006). *Resilience Thinking. Sustaining Ecosystems and People in a Changing World*. Island Press.

# HACIA LAS AUTONOMÍAS EN ABYA YALA: (RE) PENSANDO EL FORTALECIMIENTO DESDE UNA PSICOLOGÍA COMUNITARIA CON ENFOQUE DECOLONIAL

Felipe Valenzuela-Levi

## Introducción

El presente trabajo hace una reflexión sobre el concepto de *fortalecimiento* desarrollado por la Psicología Comunitaria, buscando una nueva propuesta que integre el enfoque decolonial. Para ello, se recogen las definiciones pasadas y actuales que han influido mayormente en la práctica de la disciplina. Junto a ello, se problematizan estas definiciones a partir de los aportes que emergen del enfoque decolonial en la psicología comunitaria.

La necesidad de esta reflexión se sitúa desde un posicionamiento crítico al desarrollo de la psicología en Latinoamérica. Pues, las ciencias sociales en el continente se han desarrollado desde una epistemología hegemónica (Álvarez, 2010). La forma de saber dominante en Latinoamérica ha sido la eurocéntrica, asociada con la modernidad, la globalización, la naturaleza del pensamiento poscolonial, la colonialidad del poder, el globocentrismo y las actuales posiciones de las ciencias sociales latinoamericanas (Montúfar, 2001). Esto ha provocado una dominación epistemológica que excluye como posibilidad todo cuanto queda “al otro lado” de sus márgenes válidos, resultando en su invisibilización e incluso en su olvido (De Sousa Santos, 2013).

Para Martín-Baró (1998) la psicología tiene una vinculación intrínseca con el desarrollo de las sociedades occidentales. A partir de allí se consolida en la psicología la hegemonía del enfoque eurocéntrico y urbanocéntrico, trasladándose incluso a contextos no urbanos (Logiovine et al., 2017).

El enfoque decolonial es cada vez más influyente en las ciencias sociales, recibiendo aportes de variadas disciplinas (Montúfar, 2001; Zapata, 2018) y es una alternativa que considera la realidad

social latinoamericana, obviada por el posicionamiento colonial, eurocéntrico y/o urbanocéntrico (Castro-Gómez & Crosfoguel, 2007; De Sousa Santos, 2013; Rozas, 2018).

Cobra mayor relevancia re-pensar el fortalecimiento comunitario en el contexto de las luchas de reivindicación, reparación y/o soberanía de los pueblos originarios y tribales de Abya Yala. Aún más considerando que las metodologías derivadas de la epistemología hegemónica en la psicología y utilizadas ampliamente en el continente, tienen intereses y condicionamientos históricos distintos a las mayorías de los pueblos latinoamericanos (Martín-Baró, 1998).

En este trabajo se mencionará a Latinoamérica como Abaya Yala:

Abya Yala, que significa Tierra Madura, Tierra Viva o Tierra en Florecimiento, fue el término utilizado por los Kuna, pueblo originario que habita en Colombia y Panamá, para designar al territorio comprendido por el Continente Americano. De acuerdo con el momento histórico vivido, se referían a este territorio de diferente forma: Kualagum Yala, Tagargun Yala, Tinya Yala, y Abya Yala, siendo este último el que coincidió con la llegada de los españoles. El término Abya Yala es en sí mismo un símbolo de identidad y respeto hacia las raíces de los pueblos originarios; y en ese sentido, el poema Abya Yala Wawgeykuna (Hermanos Americanos), originario del pueblo Quechua de Argentina, hace un llamado a la unidad de los pueblos a mantener presente su origen y a continuar su camino siguiendo las huellas de sus ancestros (Carrera y Ruiz, 2016, p. 12).

## **Método**

### **Tipo De Investigación**

Esta investigación es una revisión bibliográfica y busca conocer el *estado del arte* sobre el *fortalecimiento* y las discusiones que han emergido a partir del *enfoque decolonial* y de las luchas de los pueblos originarios y tribales en Abya Yala.

### **Pregunta De Investigación**

Se intenta construir una respuesta a la pregunta ¿qué aportes se pueden hacer desde el enfoque decolonial a la definición y práctica del *fortalecimiento* en la Psicología Comunitaria en miras de con-

tribuir a la recuperación de la autonomía de las naciones-pueblos originarios y tribales en Abya Yala?

### **Rigurosidad**

Este trabajo fue revisado en cuatro instancias por dos profesores guía y una ayudante, con dedicación en la Psicología Social Comunitaria.

## **Resultados**

### **¿Cuáles Son Las Bases Epistemológicas Que Han Dado Curso A Un Giro Decolonial En La Psicología Comunitaria?**

La *colonización* comúnmente se refiere al proceso de explotación económica y dominación política que se ejerce sobre otros territorios a lo largo de la historia, normalmente a través del uso de la violencia (Moane y Sonn, 2014). El *colonialismo* refiere a las estructuras de dominación y explotación sobre el control de los recursos productivos y el trabajo de la población colonizada (Quijano, 2007). La *colonialidad* responde a un patrón de poder fundado en la clasificación racial/étnica que permite la reestructuración de las relaciones intersubjetivas de dominación a partir de los intereses de los colonizadores, siendo un proceso más profundo y duradero que el *colonialismo* (Quijano, 2000, 2007).

Desde Abya Yala, numerosos autores y autoras de las ciencias sociales y pensadores y pensadoras pertenecientes a los pueblos originarios y tribales han señalado que, pese a la independencia de las Naciones-Estado de sus colonizadores, la colonización ha dejado secuelas que persisten hasta el día de hoy (Quijano, 2000; Castro-Gómez & Grosfoguel, 2007; Zapata, 2011; Walsh, 2013; Carrera y Ruiz, 2016; Rozas; 2018; Maldonado-Torres, 2020; Valenzuela, 2020).

Así, la *descolonización* se propuso como el proceso de independencia de países colonizados (Castro-Gómez y Grosfoguel, 2007; Rozas, 2018). El estudio de las huellas que dejó la colonización en las subjetividades y la sociedad fueron llamados *estudios poscoloniales* (Moane y Sonn, 2014; Zapata, 2018).

La apropiación desde Abya Yala de las propuestas de este tipo de estudios derivó en corrientes de pensamientos o iniciativas de articulación que acogieron la crítica hacia la modernidad y occidente,

hacia los estados nacionales y sus configuraciones de poder, las que son contrastadas con la historia, la cultura y los saberes de grupos subalternos (Zapata, 2018). Uno de los grupos que han acogido este posicionamiento epistemológico se ha denominado Grupo Modernidad-Colonialidad, quienes proponen el *giro decolonial* o *decolonialidad* como un pensamiento que entiende que en la formación de los Estados-nación en la periferia, prevalecieron las estructuras sociales y dinámicas de poder, y, aún cuando han cambiado las formas de dominación, se mantiene a la periferia en una posición de subordinación (Castro-Gómez & Grosfoguel, 2007; Dussel, 2016; Zapata, 2018).

De manera similar, otras corrientes han denominado pensamientos parecidos *proyecto de interculturalidad crítica*, teniendo como punto común la crítica a la epistemología eurocéntrica como sistema cognitivo y de poder que subalterniza a otras culturas o epistemologías (Cuevas, 2013). Por ello, el *pensamiento decolonial* plantea que la liberación política y cultural debería darse con revalorización de los sistemas de pensamiento y la organización social que precede a la colonización (Mazotti, 2018).

Así es como el *giro decolonial* intenta invertir el esquema de sometimiento que viene de la mano con la *colonialidad*, siendo necesario tanto un cambio de actitud como a la convicción en un proyecto de acción que involucre intervenciones políticas, artísticas, intelectuales, epistemológicas, entre otras (Maldonado-Torres, 2020).

### **¿Cuáles Son Las Principales Nociones Y Enfoques De Empowerment Y Fortalecimiento Que Han Guiado El Trabajo De La Psicología Comunitaria?**

Uno de los objetivos fundacionales de la Psicología Comunitaria ha sido la transformación social, que solo se consigue con la transformación en las relaciones y estructuras de poder (Montero, 2003).

El desarrollo de la Psicología Social Comunitaria en Latinoamérica dejó instalados dos caminos para la transformación social. Por una parte, la *psicología crítica* promovía la concientización y la educación popular como medio de para la transformación de los grupos oprimidos (Silva, 2015) y su liberación del “ser nadie” frente

a las lógicas dominantes (Álvarez, 2018). Por otra parte, la *psicología de la liberación* señala que la estructura social es determinante en la subjetivación, siendo un marco de referencia para los modos de ser, pensar, sentir y actuar (Martín-Baró, 1998), y despierta la necesidad la transformación de las sociedades y el reconocimiento del potencial negado a través de la concientización, la problematización y la recuperación de la memoria histórica (Moane, 2014).

Otro de los caminos para la transformación social desarrollado en la Psicología Social Comunitaria Latinoamericana es el *fortalecimiento*. Su origen está en el *empowerment*, definido como:

Un proceso mediante el cual las personas, organizaciones y comunidades adquieren o potencian la capacidad de controlar o dominar sus propias vidas, o el manejo de asuntos y temas de su interés, para la cuál es necesario crear las condiciones que faciliten ese *empowerment* (Rappaport, 1984, p. 3).

De acuerdo con Silva (2015), este fue rápidamente apropiado en Latinoamericana traducido como “empoderamiento”, “potenciación” o “apoderamiento”. Sin embargo, en su definición original generaba una confusión entre “tener poder” y “crear una sensación de poder” (Montero, 2010). El *fortalecimiento* podría entenderse como:

El proceso mediante el cual los miembros de una comunidad (individuos interesados y grupos organizados) desarrollan conjuntamente capacidades y recursos para controlar su situación de vida, actuando de manera comprometida, consciente y crítica, para lograr la transformación de su entorno según sus necesidades y aspiraciones, transformándose al mismo tiempo a sí mismos (Montero, 2003, p. 72).

Con la nueva definición de este concepto, Montero expande la versión original y cambia el propósito de generar condiciones para que ocurra el *empowerment* por el concepto de transformación del entorno y del sujeto.

### **¿Cuáles Son Las Discusiones Actuales Que Existen Respecto Del Fortalecimiento Desde La Psicología Social Comunitaria Y Desde El Enfoque Decolonial?**

El enfoque decolonial en la psicología ha permitido producir hilos interdisciplinarios que posibilitan analizar, deconstruir y/o

transformar las dinámicas subjetivas y sociales que se relacionan con la colonialidad (Moane & Sonn, 2014; Rozas, 2018). En relación con el *fortalecimiento*, Mitchell et al. (2018) mencionan que es apenas una parte de la solución para la colonización y la justicia social en poblaciones vulnerables y marginadas, siendo también necesaria la concientización y el desempoderamiento de los grupos dominantes.

Por otra parte, Burguete (2018) menciona que las luchas por la reconstitución es una variable imprescindible en la autonomía como estrategia hacia la descolonización, la cual debe comprender una articulación entre la defensa y reconstitución de los territorios; la reindianización, en el sentido de la recuperación de la memoria colectiva; el reforzamiento de la identidad; y, la reconstitución de las instituciones o formas de organización propias de la cultura.

Para, Valenzuela y Gutiérrez (2018), en los procesos de diagnóstico y planificaciones participativas debe tomarse en cuenta el *fortalecimiento comunitario* para generar “la articulación y el potenciamiento de las capacidades de gestión de las organizaciones y los liderazgos comunitarios presentes en el territorio. Así también, la valoración y afianzamiento de los lazos identitarios de los habitantes con su espacio físico y la historia” (p. 118).

Mitchel y Bustamante (2020) evidencian como metodologías de consideración de los saberes occidentales y los de pueblos originarios y tribales tienen utilidad tanto para el empoderamiento como en la sanación colectiva de las heridas transgeneracionales dejadas por el trauma colonial.

Por su parte, Miranda Gierbolini (2021) explica que en la Psicología Comunitaria con enfoque decolonial el lenguaje propuesto por conceptos como *empoderamiento* pierden sentido en la búsqueda por un devenir liberado, ya que pone como objetivo del cambio social al poder, el que se relaciona tanto con dinámicas patriarcales como con la reproducción de las formas relacionales del opresor. Agrega también que, en cambio, la equidad, el respeto y la autogestión son valores fundamentales en la comunidad para resistir al capitalismo y la modernidad.

El acercamiento conceptual hacia las propias propuestas de los pueblos originarios en nociones sobre *fortalecimiento comunitario* ha sido desplazado por el de autodeterminación, autogobierno o

por conceptos propios como el de kizugünezuan en el caso mapuche (Mitchell y Bustamante, 2020).

## Discusión

Las discusiones sobre el *fortalecimiento* y la *autonomía* permiten pensar en que apuntan hacia objetivos comunes. Sin embargo, la Psicología Comunitaria sigue siendo, sin ser consciente, subyugada, utilizada, colonizada, trabajando y esforzándose en los marcos dispuestos por las nociones de bienestar impuestas por la modernidad (Rozas, 2018; Mitchell y Bustamante, 2020). En el mismo sentido, se observa que la Psicología Comunitaria tiene una conceptualización apropiada para responsabilizarse de la recuperación de las *autonomías* de los pueblos originarios y tribales, pero tiene dificultades para lograr su objetivo transformador.

Se podría explicar por la insuficiencia de una perspectiva crítica ante su rol hegemónico, que nubla su práctica transformadora. Se trata de un asunto “interno” de la disciplina, relacionado con sus epistemologías de raíz colonial. Por ejemplo, el *fortalecimiento* puede ser una práctica promovida por el extractivismo, que termina por erosionar el tejido social (Silva, 2016). Otro ejemplo son los Estados que mayoritariamente buscan desarticular y disminuir la *autonomía* (Makaran, 2018). En estas situaciones, el *fortalecimiento* (re)produce las estructuras y las dinámicas coloniales y las vulnerabilidades que genera.

Otra explicación puede ser las limitaciones que las estructuras sociales propias del sistema hegemónico ofrecen a las posibilidades de transformación de las comunidades y la autonomía. En este caso, “el afuera” comprende los patrones coloniales que dificultan la resolución del conflicto modernidad/colonialidad. Por otra parte, cualquier análisis con enfoque decolonial debe cuidarse de la radicalización de las ideas y de la reproducción de la invisibilización de las voces que sufren mayormente la colonialidad, sobre todo de pensadores y pensadoras con su arraigo en los pueblos originarios o tribales (Zapata, 2018). Por ejemplo, en cuanto a la *autonomía*, Rozas (2018) indica que cuando se habla de autodeterminación la tendencia de los pueblos no hace referencia a la sucesión o separación territorial o de la sociedad, sino más bien, hacia una sociedad más

democrática que reconozca la plurinacionalidad y la pluriculturalidad como ejes transversales de la vida social.

## Conclusión

En este momento es oportuno traer nuevamente la pregunta que motiva este trabajo: ¿qué aportes se pueden hacer desde el enfoque decolonial a la definición y práctica del *fortalecimiento* en la Psicología Comunitaria para contribuir a la recuperación de la autonomía de las naciones-pueblos originarios en Abya Yala?

La Psicología Comunitaria tiene las posibilidades teóricas para un quehacer que contribuya a las demandas de los pueblos originarios y tribales. De todos modos, el enfoque decolonial, en cuanto declara a la Psicología Comunitaria como parte del engranaje de la colonialidad, en tanto impone modelos y teorías que provienen de otros territorios distintos a Abya Yala, propone una necesaria revisión que empuja a la apertura hacia otros horizontes de entendimiento y cosmovisiones. Estos pueden ir desde denominaciones como la autonomía y la autodeterminación, modelos de integración de epistemologías o la incorporación de nombres y significados que nacen exclusivamente de la cultura en cuestión. No obstante, se identifica que la práctica de la Psicología Comunitaria, aunque adopte el enfoque decolonial, se puede encontrar con dificultades y limitaciones provenientes de las estructuras, relaciones y patrones propios de la colonialidad.

La propuesta del pensamiento decolonial será entender la teoría y praxis de la psicología comunitaria como un engranaje más los patrones coloniales, permitiéndonos adquirir una perspectiva crítica que ayude a (re)pensar los objetivos del quehacer de la Psicología Comunitaria contemplando las necesidades que despierten la concientización. Tal como aportan Mitchell y Bustamante (2020), es una necesidad la generación de teoría desde las realidades de Abya Yala y solo adoptar teorías provenientes de otras regiones cuando estas han sido sometidas a la crítica.

Este trabajo entrega una sistematización de algunos aportes propuestos en el diálogo entre la Psicología Comunitaria de Abya Yala y el giro decolonial. De este modo permite pensar posibles soluciones ante distintas circunstancias que puedan existir en la práctica de la profesión o de otras disciplinas afines.

Para contribuir a trascender las tensiones que esto provoca, las definiciones hegemónicas de *fortalecimiento* en la Psicología Comunitaria podrían nutrirse de conceptos como autonomía, autodeterminación, concientización, reconstitución, recuperación, reparación, justicia social, memoria histórica y liberación. Con ello, el *fortalecimiento comunitario* desde un enfoque decolonial podría definirse como: el proceso sostenible en el tiempo por el cual una comunidad, de manera crítica y comprometida, se libera de su opresión y (re) constituye, desarrolla o refuerza su autonomía, autodeterminación y el control de sus capacidades, sus recursos y saberes, considerando como medios la memoria, la concientización, la reconstitución, la recuperación, la reparación, la justicia y la transformación social.

## Referencias

Álvarez, A (2010). *Formación de nación y educación*. Siglo del Hombre Editores.

Álvarez, J. (2018). Desempolvar Pedagogía del oprimido. Relectura crítica a 50 años de su publicación. *Praxis Pedagógica*, 18(23), 1-29. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6805402>

Burguete, A. (2018). La autonomía indígena: la polisemia de un concepto. A modo de prólogo. En P. López, & L. García, (Eds.), *Movimientos indígenas y autonomías en América Latina: escenarios de disputa y horizontes de posibilidad* (pp. 11-22). CLACSO.

Castro-Gómez, S., & Grosfoguel, R. (Eds.) (2007). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Siglo del Hombre Editores.

Carrera, B., & Ruiz, Z. (Eds.) (2016). *Abya Yala Wawgeykuna. Artes, saberes y vivencias de indígenas americanos*. Hacer-VOS. Patrimonio Cultural Iberoamericano.

Cuevas, P. (2013). Memoria colectiva: Hacia un proyecto decolonial. En C. Walsh (Ed.), *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Serie Pensamiento decolonial. Abya Yala.

De Sousa Santos, B. (2013). *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. LOM.

Dussel, E. (2016). *Filosofías del sur: descolonización y transmodernidad*. Ediciones Akal.

Logiovine, S., Rotman, J., & Bianqui, V. (2010). Psicología y Ruralidades: aportes sobre salud, educación, género y desarrollo rural. En IX Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XXIV Jornadas de Investigación XIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Acta Académica. [https://www.easypanners.net/alas2017/opc/tl/9023\\_sabrina\\_logiovine.pdf](https://www.easypanners.net/alas2017/opc/tl/9023_sabrina_logiovine.pdf)

López, P., & García, L. (Eds.) (2018). *Movimientos indígenas y autonomías en América Latina: escenarios de disputa y horizontes de posibilidad*. CLACSO.

Makaran, G. (2018). Disputar la autonomía. Estado Plurinacional de Bolivia y resistencias Indígenas. En P. López, & L. García, (Eds.), *Movimientos indígenas y autonomías en América Latina: escenarios de disputa y horizontes de posibilidad* (pp. 33-68). CLACSO. <https://elibro.net/es/ereader/bibliotecasuc/119390?page=34>.

Maldonado-Torres, N. (2020). El Caribe, la colonialidad, y el giro decolonial. *Latin American Research Review* 55(3), pp. 560–573. <https://doi.org/10.25222/larr.1005>

Martín-Baró, I. (1998). *Psicología de la liberación*. Editorial Trotta.

Mazotti, J. (2018). Estudios coloniales latinoamericanos y colonialidad: una breve aclaración de conceptos. En M. Moraña (Ed.), *Dimensiones del latinoamericanismo* (pp. 17-28). Iberoamericana y Vervuert. <https://doi.org/10.31819/9783954876976>

Miranda Gierbolini, S. (2021). Decoloniality and Participatory Action Research in Puerto Rico. En G. Stevens, & C. Sonn, (Eds.), *Decoloniality and Epistemic Justice in Contemporary Community Psychology* (pp. 121-139). Springer.

Mitchell, T. L., Thomas, D., & Smith, J. A. (2018). Unsettling the Settlers: Principles of a Decolonial Approach to Creating Safe(r) Spaces in Post-secondary Education. *American Journal of Community Psychology*, 62(3-4), 350–363. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12287>

Mitchell, T. & Bustamante (2020). La Intervención Comunitaria con

Pueblos Indígenas: Desafíos y Apuestas desde la Psicología Comunitaria. En Alfaro, Olivares, Monreal, Gamonal, & Jeannerett, *Diálogos Contemporáneos en Psicología Comunitaria* (pp. 86-115). Astrolabio Ediciones.

Moane, G. (2014). Liberation Psychology. En T. Teo (Ed.), *Encyclopedia of Critical Psychology* (pp. 1079-1084). Springer.

Moane, G., & Sonn, C. (2014). Postcolonial Psychology. En T. Teo (Ed.), *Encyclopedia of Critical Psychology* (pp. 1444-1448). Springer.

Montero, M. (2003). *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre comunidad y sociedad*. Paidós.

Montero, M. (2010). Crítica, autocrítica y construcción de teoría en la psicología social latinoamericana. *Revista colombiana de psicología*, 19(2), 177-191.

Montúfar, C. (2001). La colonialidad del Saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latinoamericanas. *Revista del Centro Andino de Estudios Internacionales*, 2, 243-248.

Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *CLACSO*.

Quijano, A. (2007). Colonialidad del poder y clasificación social. En S. Castro-Gómez, & R. Grosfoguel (Eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 93-126). Siglo del Hombre Editores.

Rappaport, J. (1984). Studies in empowerment: Introduction to the Issue. En J. Rappaport, R. Hess, & C. Swift (Eds.), *Studies in Empowerment* (pp. 1-7). The Haworth Press.

Rozas, G. (2018). *Decolonialidad, desde la Psicología Social Comunitaria*. LOM.

Silva, J. (2015). *Empoderamiento y fortalecimiento: Significados en un posgrado en psicología comunitaria* [Tesis de magister, Universidad de Pontificia Universidad Católica del Perú]. Repositorio. <https://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/handle/20.500.12404/6716>

Silva, R. (2016). Perros y antimineros: discursos extractivistas y prácticas represivas en el Perú. *Tabula Rasa*, 24, 79-104. <https://www>.

Valenzuela, C., & Gutiérrez, M. (2018). Buen vivir y economías solidarias desde el Maule: Alternativas para una psicología comunitaria decolonial. En G. Rozas (Ed.), *Decolonialidad, desde la Psicología Social Comunitaria* (pp. 109-127). LOM.

Valenzuela, F. (2020). El desarrollo de la Psicología Latinoamericana, Colonización, Subjetividad y un Giro Decolonial ¿Qué hacer con los saberes ancestrales? En J. Nogueira, & S. Luders (Eds.), *Colonialidade, psicologia e povos tradicionais* (pp. 59-82). Editora CRV.

Walsh, C. (Ed.) (2013). *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Serie Pensamiento decolonial. Abya Yala.

Zapata, C. (2018). El giro decolonial. Consideraciones críticas desde América Latina. *Pléyade*, 21, 49-71.

# RURALIDADES ANTISISTÉMICAS: CULTIVO DE OTRAS PSICOLOGÍAS DESDE EL ANARQUISMO AGRARIO

Donatto Daniel Badillo Cuevas

## Introducción

Después de la segunda guerra mundial, fueron algunos circuitos académicos y organismos internacionales, entre ellos la Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO), el Banco Mundial (BM) y el Fondo Monetario Internacional (FMI), quienes generalizaron el uso del término “ruralidad”, que alude a la complejidad de la organización de las sociedades rurales y su capacidad de cambio, pensado en la integración de los países “pobres” o “subdesarrollados” a la modernidad y al desarrollo, la aplicación de tecnologías fue una punta de lanza, un plan conocido como revolución verde.

El término ruralidad puede verse como un concepto que pretende explicar una nueva época agrícola, que como toda la trama de la vida, es calculada bajo las estrategias de un imperialismo ecológico para asegurar la voracidad energética basada en la acumulación continua e incesante del valor abstracto (Navarro & Machado; 2020), operada como negocio y rama de la industria, bajo una descomposición social en un “terreno impersonal de la producción de alimentos”, es un proyecto liberal norteamericano que pretendió modelar al campesino como “operador de enormes máquinas agrícolas que sabe más de motores que de botánica” (Boockchin, 1991, p. 68).

La separación de los agricultores de las experiencias naturales íntimas podría verse como algo siniestro, lo que Mike Davis (2007) señalaba para las siniestras cualidades de la gran ciudad, podría observarse en alguna medida en las estrategias de sujeción de los agricultores a la lógica del capital: un entorno calculable y seguro, pero que paradójicamente ha producido una radical inseguridad, porque, así como la gran ciudad capitalista resulta extremadamente peligrosa, la ruralidad capitalista es su parangón, porque en lugar de cooperar con la naturaleza, la domina. El autor punteaba: “lo siniestro

es justamente esa ‘nada [no integración con la Naturaleza] que se sitúa detrás del mundo mecanizado’” (p. 23), pero como lo señala, efectivamente la agricultura es ahora secundaria en el inmenso drama de la superurbanización, asistimos a una transformación del clima mundial sucedida por el excesivo requerimiento de energía y el consecuente metabolismo del carbono de las áreas urbanas.

Siguiendo a este autor, el control capitalista de la naturaleza necesita de inversiones sistemáticas para el desbroce de la biodiversidad, principalmente es necesaria para la expansión de la escala metropolitana, en la urbanización, por ejemplo, el requerimiento de la inmensa cantidad de agua para las megalópolis se ha transformado en un imperialismo medioambiental subcontinental.

La instalación de “hombres económicos” desvalorizados – “una “metamorfosis grotesca de las destrezas en carencias, de los ámbitos de comunidad en recursos, de los hombres y mujeres en mano de obra comercializable, de la tradición en carga, de la sabiduría en ignorancia, de la autonomía en dependencia” (Esteva, 2013) – fue la condición del surgimiento de la sociedad económica, un hecho que fue conseguido con violencia y una continua resistencia.

Una conversión que viene desde las primeras empresas coloniales y que tomó mayor fuerza en el siglo XIX, aún más después de la segunda guerra mundial la incesante máquina productiva estadounidense buscó consolidar su hegemonía, a través de una campaña política iniciada en 1949 bajo una visión evolucionista lineal con la bandera del “desarrollo”, que para Latinoamérica implicó escapar de la impuesta condición de subdesarrollo, de una supuesta superioridad sobrepuesta a una supuesta inferioridad, basada en la idea de crecimiento económico.

En ese sentido pueden ubicarse en una larga duración histórica distintas energías sociales que han pugnado por una sociedad diferente al desarrollado por la hegemonía económica y política mundial capitalista, de hecho, es basto el conocimiento que se ha realizado desde el marxismo hacia el mundo agrario, pero también de los feminismos y ecologismos diversos.

Lo que me propongo en este ensayo es revisar los horizontes que desde el anarquismo se han propuesto en el ámbito rural, de cara a la expansión de la dominación y la intensificación de la explotación,

que se ha instaurado en la consolidación del Estado moderno y la mundialización del capitalismo. Desde esa trama, brevemente también me propongo revisar de manera general un tema central para una psicología anarquista, la crítica a las múltiples escisiones que la modernidad capitalista ha instaurado con el avance de la industrialización y que, en las ciencias, en particular en la psicología, se establecieron bajo modelos cartesianos y positivistas, en específico en la ruptura y sobre posición de la razón sobre los afectos y la naturaleza.

El estilo y metodología de este texto es ensayística, podría decir que “ideológico” porque asumo una postura crítica a las visiones más difundidas de la ruralidad y la psicología en América Latina, una opinión que tiene más como afinidad un marco discursivo de exposición y argumentación, que tiene por estructura una revisión historiográfica general para el sustento de las ideas presentadas.

## **Horizontes Del Anarquismo En El Ámbito Rural**

Queremos la tierra para sembrar en ella pacíficamente y recoger tranquilamente, quitando desde luego el sistema de explotación; dando libertad a todos, para que siembren en el lugar que más les acomode, sin tener que pagar tributo alguno; dando libertad para reunirse en la forma que más crean conveniente, formando grandes o pequeñas sociedades agrícolas que se vigilen en defensa común, sin necesidad de un grupo de hombres que les ordene y castigue (López Chaves, 1984).

Los anarquistas que vivían la expansión industrial del capitalismo en la primera mitad del siglo XIX en Europa occidental, en medio de la violenta y deplorable explotación y dominación sobre los campesinos y obreros por parte de la clase burguesa, propusieron pensar en algo que para la época se categorizaba de utopía, otros mundos libres eran posibles ponerlos en práctica, vieron en las comunidades rurales grietas de un mundo mejor, discurrían en la posesión colectiva de la tierra basada en la ayuda mutua, como proyecto central que podría sustituir a la propiedad privada en la cual se sustenta la organización jerárquica de aquella sociedad, la consolidación de éste último tipo de propiedad estaba sustrayendo siglos de esfuerzo común, de aquello que garantizaba y sostenía su vida, ya que esta forma negaba el derecho de su disfrute (Proudhon, 1840).

Proudhon (1840) lo explicó con claridad ante la Asociación Internacional de los Trabajadores (1864), la solución que propuso ante las relaciones de dominación y explotación es de orden agrario, la esencia es la idea de una sociedad libremente unida por asociación que pone los medios de producción en manos de los trabajadores; el federalismo, la descentralización, la formación de comunas vistas como células primarias de interrelación humana y la eliminación de fronteras, fueron las bases de acciones y reflexiones que desplegaron desde esos años en los contextos rurales, pero también en las ciudades.

Lo rural para la corriente libertaria se relaciona con los mundos agrarios, el campesinado es visto como agente central de las transformaciones radicales de la historia, otro referente inicial ocurrió en el contexto social ruso de la segunda mitad del siglo XIX, los deseos de emancipación de la servidumbre feudal permitieron al ácrata Mijaíl Bakunin idear una explicación al respecto de la revolución social.

Bakunin apuntó algunos sentidos de larga data comunicados entre la gente de aquellos lugares reconocidos con la idea común de “la tierra es de quien la trabaja”, bajo el cobijo de una comunidad rural (*mir*) encargada de la organización de la reproducción de la vida y del ejercicio autonómico. Habla de una sociedad antagónica con el Estado, pero también de una complejidad de contrastes y contradicciones al interior de la comunidad, como el patriarcado, la confianza en el *zar* o emperador, pero también de la absorción del individuo por la comunidad; ante lo cual la emancipación de aquellas comunidades también tendría que ocurrir en esa doble vía: la interna y la externa; pensaba que se lograría si las comunidades rurales se organizaban libremente unidas en federaciones (Sevilla, 2011).

Una posición central en la explicación de Bakunin es no aceptar que la totalidad de relaciones sociales están subordinadas al capitalismo, desde éste anclaje, existen zonas vacías del capitalismo, por las cuales no resultaría necesario transitar por el avance progresivo de las fuerzas productivas para conseguir las transformaciones profundas en la sociedad; la comunidad rural al tener los elementos centrales de propiedad colectiva de la tierra, la redistribución y la autonomía, servirían de base para construir sociedades libres, criterios que constituyen una “ética campesina” ajena al capitalismo (Bakunin

en Sevilla, 2011, p. 64). Para el anarquismo de Bakunin las situaciones de dominación social movilizan los elementos de autonomía y federación de las comunidades rurales como instrumentos de resistencia a las injerencias del Estado, de lucha y destrucción de éste.

A demás de acción social, con el ruso Piotr A. Kropotkin (1842-1921) el apoyo mutuo tiende a pensarse como una categoría científica, claramente opuesto al liberalismo económico entonces emergente en aquella época, que era impulsado desde los ámbitos científicos naturalistas y evolucionistas, en esta última corriente se proponía entender al nacimiento de la civilización humana como un tránsito de guerra mutua propia del estado animal, hacia otro de evolución moral que traería la paz, pero sin ser suficientes, la lucha por la existencia traería un estado de guerra.

Kropotkin se propuso debatir contra aquellas teorías darwinianas, él observaba que, en vez de una lucha cruel entre especies, el apoyo mutuo entre estas fue un factor principal de evolución, lo que propició que las comunidades rurales se sustentaran en esa dimensión ética; en sus variadas formas de expresión la ética libertaria garantizaba el acceso igualitario al cultivo de la tierra y a la regulación en común, así como el ejercicio de justicia y defensa comunitaria; en este sentido, la comuna rural es una formación social persistente en la historia humana; si la comuna rural se fue desvaneciendo en Europa fue por “varios siglos de medidas estatales persistentes para desarraigar la comuna y cosificar las tierras comunales” (Kropotkin en Sevilla, 2011, p. 65).

Las propuestas de Bakunin y Kropotkin para comprender la ruralidad, contribuyen con las bases teóricas de lo que se ha llamado anarquismo agrario, para ellos la dominación política sobre el campesinado es el móvil central para la construcción de horizontes emancipatorios en el ámbito rural; para el agroecólogo Eduardo Sevilla (2011), ésta teoría se sustenta en cuatro categorías clave: 1) el *apoyo mutuo* como base de la comunidad; 2) la *acción social directa*; 3) el deseo compartido del campesinado de *liberar su trabajo de los explotadores*; y 4) que contribuye a superar también las contradicciones internas de la comunidad, desde la *producción de los comunes* intereses de la clase trabajadora, para desatar una auténtica rebeldía. Sin embargo, es fundamental resaltar las condiciones históricas de cada comunidad rural y su posición en el sistema capitalista, de lo

contrario y evidentemente, un análisis sin esa ubicación sincrónica y diacrónica sería errado.

La Comuna de París de 1871 fue un movimiento clave en la formulación del anarco-comunismo, y de esta manera también surgieron nuevas propuestas ligadas al anarquismo agrario; debido a la represión que sufrieron sus participantes fue desvirtuada en la clandestinidad, las reflexiones teóricas y prácticas retomaron la autonomía comunal, además agregaron la propuesta autonómica municipal, y la centralidad de los trabajadores del campo para disponer de los medios de trabajo, para crear una sociedad justa, inclusiva, democrática y equitativa; en resumen con la experiencia de éste movimiento se innovó el imaginario colectivo de la época en cuatro sentidos: 1) la implantación de libertades municipales con base a la democracia directa, 2) la autodefensa del pueblo en armas, 3) el establecimiento del pacto federalista de comunas libres, y 4) la transformación de las clases por medio de la revolución social (Lida & Illades, 2001, p. 108).

Con la Comuna de París y el Congreso Internacionalista de Londres en 1881, las ideas anarco-comunistas tuvieron un alcance mundial, en España, Italia y Francia fueron sobresalientes la formación de federaciones y las insurrecciones campesinas, aunque la represión persistió obligando a que las acciones fueran clandestinas al menos hasta ese año. En Italia la propaganda anarquista fue dirigida especialmente en zonas rurales, ahí resalta la sublevación armada en la región meridional del Matese entre 1886-1887. En el complejo panorama francés de aquellos años el Congreso Socialista Obrero Independiente de La Hevre, en 1880, se apuntala el proyecto de la disolución de la propiedad a través de la “propaganda de hecho”, que consistía en llevar a la práctica los sentidos generados en la Comuna de París (Lida & Illades, 2001).

Si bien se había planteado como una clave para el anarquismo agrario el apoyo mutuo, los trabajos de Elisée Reclus que aparecen en el contexto francés de la segunda mitad del siglo XIX, son importantes para señalar la relación dialéctica entre la humanidad y el medio, el autor recalca que reconocer la influencia mutua entre humanidad-naturaleza es necesaria para establecer una relación armónica, a contrapelo de la ruptura de esa mutualidad bajo las

relaciones de dominación generadas por el progreso tecnológico y cultural capitalista, que tiene como resultado la eliminación de la naturaleza (Ribas, 2003).

El internacionalismo anarquista también alcanzó a la población latinoamericana, por ejemplo, Edward Nathan-Ganz portavoz de la Confederación Mexicana Socialista estuvo presente en el congreso de Londres de 1881 informando sobre cómo se estructuró la Confederación, así como de la sublevación anarquista en Querétaro en 1879. Pero fue una vinculación que inició décadas atrás, una primera oleada de ideas de Charles Fourier fue traída de España por el comerciante panameño Sotero Prieto, que formó grupos socialistas en Tampico y Guadalajara hacia 1837, pero su acción se concentró en los gremios de artesanos en las ciudades (Méndez, 2015, p. 105).

Las comunidades rurales ante las Reformas Liberales de mediados de aquel siglo enfrentaron un embate hacia sus tierras comunales, que pretendían ser desprendidas para que fueran administradas por el Estado y fomentar la propiedad privada, las poblaciones campesinas encontraron en el socialismo libertario un horizonte para mejorar sus condiciones de vida.

El griego Plotonio Rhodakanathy llegó a México en 1861 y comenzó a difundir las ideas de Fourier, Proudhon, entre otros, ideas que encontraron un campo ya fértil debido al malestar de las comunidades rurales, y en la demanda de la transformación de la propiedad rural y la promulgación de una ley agraria basada en el reparto justo de la tierra y disolución de las haciendas (Lida e Illades, 2001, p. 127-129).

Entre otros grupos de estudio socialista y organizaciones mutualistas, Rhodakanathy fundó en 1865 el Club Socialista en Chalco, en el Estado de México, después conocida como Comuna de Chalco, junto con una escuela para campesinos llamada Escuela del Rayo y del Socialismo o Escuela Moderna Socialista, en conjunto con Francisco Zalacosta; años más tarde inspiró para la creación de un núcleo llamado La Social en 1871. La acción de la Comuna de Chalco se basó en gran parte en un proyecto educativo comunitario que consistía no sólo en la alfabetización, sino en el aprendizaje de bases filosóficas de libre voluntad, de propaganda, de la bondad de la especie humana y la espontaneidad (Méndez, 2015, p. 107).

La Comuna de Chalco alcanzó una rebelión campesina donde destacó la participación de Julio López Chaves hacia 1868, con un

epígrafe de su *Manifiesto dirigido a los Pobres de México y del Universo* he iniciado este ensayo, la intención de los campesinos rebeldes fue restituir las tierras comunales arrebatadas por las haciendas, debido a la fuerte violencia que ejerció el Estado en su contra, el movimiento fue diezmado considerablemente, pero una victoria del movimiento fue la permanencia tenaz de las tierras comunales frente a las haciendas mercantiles, a pesar del imparable avance industrial de la zona, que implicó, por ejemplo, de la introducción de ferrocarriles y la agricultura intensiva mediada por la ganadería, sucedida entre 1760 a 1920 (Tortolero, 2009).

Si bien el movimiento de la Comuna de Chalco podría o no caracterizarse como anarquista, eso resulta poco relevante si lo que está de fondo es el horizonte social por el que luchan los pueblos campesinos: la base común de reproducción de su vida, tierras, agua y autonomía para autogestionar y autogobernarse, cuyos elementos son centrales en la práctica anárquica y la teoría del anarquismo agrario, elementos basados en la acción directa y apoyo mutuo de las comunidades rurales, para conseguir una sociedad libre de dominación y explotación.

La Social también coincidió en sus objetivos con la Comuna de Chalco, en la resistencia campesina y la expropiación de la tierra a los usurpadores, pero ya con la experiencia e influencia de la Comuna de París también en la exigencia de autonomía municipal, la redistribución de la tierra, el alza de los jornales y la venta directa de los productos por los productores agrícolas.

Desde finales de los años de la década de 1870 hasta 1880 ocurrieron varias insurrecciones en todo el centro del país, proyecto que se deseaba llevara a la transformación agraria mediante el pueblo en armas, una propuesta que resuena con la Comuna de París, pero que es un proyecto que se gesta en las añejas tradiciones mexicanas que llegan hasta nuestros días, sólo por referir a dos ejemplos contemporáneos, véase el levantamiento de los Municipios Autónomos Rebeldes Zapatistas en Chiapas (Ornelas, 2004), o la experiencia del Municipio de Cheran K'eri, Michoacán, en México (Pérez, 2017).

El primer anarquismo de la segunda mitad del siglo XIX, fue el preámbulo que influenció al pensamiento magonista y al Partido Liberal Mexicano, que provocó a la vez un profundo influjo en las

ideas de la revolución mexicana en el primer cuarto del siglo XX, sobre todo en las ideas zapatistas y en la creación de la Comuna de Morelos, principalmente en la construcción del autogobierno, la auto-organización y el municipalismo libertario, como formas de lucha en contra del capital, la autoridad y la propiedad privada (Olmos, 2009).

Rebasa los objetivos de este ensayo hacer un recorrido apenas general de los múltiples y variopintos movimientos comunialistas y anarquistas en Latinoamérica, tan sólo centrarse en México ya es una tarea ardua y compleja, lo que de manera muy escueta puedo generalizar, las ideas anarquistas más que ser linealmente importadas de Europa, las formas de organización política, económica y cultural de las comunidades campesinas e indígenas de América Latina, la mayoría de ellas, estaban basadas en una memoria larga de persistencia y reinención de formas mutualistas, de colaboración, libre determinación y autonomía. Esta circunstancia favoreció para que las ideas del primer anarquismo se arraigaran en un sector de la sociedad mexicana y otras partes del continente, los modelos mutualistas y cooperativistas que los anarquistas comenzaron desde 1850, continuaron hasta la revolución de 1910 en México, y contribuyó a la intensificación de levantamientos agrarios que terminaron con el asesinato de Emiliano Zapata, en el año de 1919.

Apenas puedo hacer mención de algunos otros movimientos anarquistas que se desarrollaron en ámbitos rurales en el siglo XX, a modo de ilustrar que es un tema abundante y digno de ser estudiado con detenimiento. Un agrarismo radical muy cercano a las propuestas del anarquismo agrario, se reimpulsaron 1920 en Veracruz con Úrsulo Galván; Primo Tapia como líder campesino en Michoacán y José Guadalupe Rodríguez Favela caudillo agrarista en Durango, su planteamiento central fue la autonomía del movimiento campesino frente al Estado y buscar una organización nacional. Sin embargo, la feroz represión que el Estado mexicano desplegó hacia los agraristas radicales y comunistas desde antes de 1928 desarticuló las Ligas del radicalismo agrario en México (Reynoso, 2020).

Para seguir con los casos de México se puede estudiar la importante labor de Juana Belén Gutiérrez (1967), que, con su larga trayectoria ligada al magonismo y zapatismo, y mediante su laud-

able labor educativa, desde 1926, fundó el Consejo de los Caxcanes, para resignificar la larga memoria de lucha de su pueblo Xochipillan, Zacatecas, por su autonomía y en contra los colonizadores españoles.

Por otra parte, se puede revisar el proceso que se dio a conocer el 16 de junio de 1920, cuando fue fundado el Comité Pro-Derecho Indígena Tahuantinsuyo en Lima, Perú, con “la convicción de exigir del Estado el respeto o la integridad de esas Comunidades del país, (...) denunciando toda clase de abusos, ya sean cometidos por las autoridades políticas o religiosas, o por los gamonales (hacendados del lugar) o sus agentes” (Sandoval, 1922). Una de sus mayores influencias se concretó en Huancané, Puno, con una sublevación campesina en contra de los hacendados, la organización desplegó un proyecto educativo y la fundación de una comunidad libre de dominación y explotación de los gamonales en 1923 llamada Hancho Lima, con la instalación de un gobierno con autonomía, que cuestionaba al poder centralista, entre sus líderes se encontraban: Rita Puma, Isidro Wawaluque, Mariano Paqo Mamani, Carlos Condonera y Antonio F. Luque, entre otros; tras una fuerte represión por parte del ejército peruano, el movimiento fue neutralizado (Ayala, 2006).

El objetivo de Hancho Lima era crear un espacio que fuera la semilla de la restitución del Tahuantisuyo, crear un nuevo orden social, en donde fuera posible la eliminación de la desigualdad y la miseria, su base fue un proyecto educativo de formación política para conseguir la redistribución de la tierra arrebatada por los gamonales, de producción de conocimientos y de aprendizaje de oficios, funcionaba basado en las labores comunales, la ayuda mutua como el ayni<sup>1</sup>, la minqa<sup>2</sup>, la mita<sup>3</sup> y la yanapa<sup>4</sup>, de tal manera que pudiera conseguir vivir en una sociedad más justa y con solidaridad humana (Ayala, 2006).

Sin embargo, debido al auge autoritario que se padece en Latinoamérica desde la década de 1930, los movimientos anarquistas, obreros y campesinos, sufrieron una gran declinación que los merató hasta casi desaparecer, la sistemática represión del Estado fue especialmente brutal hacia estos sectores; aunado al nacimiento de

---

1 Modo de colaborar en trabajos comunales.

2 Asistencia al trabajo comunal, debe de ser remunerado.

3 Trabajos gratuitos en beneficio de la comunidad.

4 Acción de ayuda a la persona que necesita un servicio personal.

partidos comunistas, y otras corrientes nacionalistas-populistas ligadas al reformismo pro-estatista que produjo a una caída y profunda crisis en el anarquismo, una situación que empieza a cambiar hasta la última década del siglo XX.

## **Esbozo de una Perspectiva Anarquista de la Psicología**

Un punto que me resulta debatible de cierto marxismo es el que señala que el “sujeto libre en proceso de constituirse” es el origen de la comunidad, concibiendo la “libertad” como un trascender, “origen de toda causa” (Heidegger, 1955 en Echeverría, 2012, p. 166), definiendo que dicha libertad es constitutiva y específica del ser humano. De ésta manera, se abren las siguientes preguntas: ¿para el marxismo la naturaleza está subordinada a la intención y expectativa de forma, propuesta por el trabajo que en ella fue compuesta?, ¿la importancia de la naturaleza, solamente reside en la *voluntad* del ser humano, como acción formadora –consiente– que la asuma y la hace concreta?

Si se piensa que el marxismo sostiene como inherente y exclusiva del ser humano la voluntad –consiente– sobre la naturaleza, una visión un tanto divergente de esta afirmación, se puede encontrar en el anarquismo de Proudhon, Bakunin y Kropotkin, ya que, siguiendo ésta vertiente, no es que el ser humano sea libre y luego busque constituirse, sino que la posibilidad de constitución es la posibilidad de su libertad; su individualidad y la libertad se alcanza por la fuerza colectiva de la sociedad, manifestada históricamente; en este sentido, no hay sujetos libres sino en tanto sujetos asociados, es la asociación como saber y potencia la que genera lo común, o el sostenimiento de la vida social y la libertad. De esta manera, la libertad, más que ser una potencia para causar, sería un saber mantener asociaciones recíprocas, conmutativas, específicas y rescindibles (D’Auria, 2012). Siguiendo esta argumentación, es la asociación mutua históricamente definida el sustrato de la comunidad, del individuo y su subjetividad, ya que esta es la potencia que produce lo común.

Esta crítica es sugerente para problematizar, por un lado, la relación vertical o instrumentalista hacia la naturaleza que podría notarse en un tipo de entendimiento patriarcal del tema, y por otro, a la reproducción de lo común respecto a las formas micropolíticas

o afectivas, un tema que compete a la psicología. No es un tema nuevo, pero es completamente vigente en tiempos contemporáneos, por ejemplo, Charles Fourier (1973) planteaba desde el socialismo libertario en la primera mitad del siglo XIX la importancia de las pasiones en los procesos emancipatorios, una transformación de las relaciones sociales y la abolición de las formas esclavizadas de esas pasiones, la lucha por la capacidad de disfrute libre y complementario contra las costumbres de la economía industrial y su domesticación; son las pasiones libres donde se cimentarían las comunidades urbanas libres, falanges o falasterios, una propuesta donde el trabajo creativo nunca se separaría del juego, una sociedad donde lo principal son las necesidades emocionales humanas y no la necesidad de la fuerza de trabajo de las fábricas, una atracción pasional que sustituye al esfuerzo.

Hay una cercanía entre las propuestas anarquistas del siglo XIX y las propuestas micropolíticas contemporáneas respecto a la importancia de los afectos, los espacios locales, cotidianos y la experiencia, para plantear la realización de procesos emancipatorios. De esta manera se puede retomar cómo Plotonio Rhodakanaty (1998) [1863-1876] resalta las relaciones de mutualidad entre la sociedad y los individuos, también entre las sensaciones, sentimientos y conocimientos, así como las comunidades humanas y las naturales en un sólo principio orgánico que tiene como medio la libertad y la atracción pasional dirigidas al bien común e individual, que son fuente de legítima defensa de las leyes represivas, civiles, políticas, morales o religiosas.

En éste mismo sentido, pero ya a finales del siglo XX, Murray Bookchin (1978; 1991) estudiaba desde la ecología social libertaria o ecoanarquismo la noción de jerarquía, como formas existentes de dominación, especialmente aquellas anteriores a la formación de clases y del Estado, y cómo atraviesa en nuestras vidas, incluida la percepción humana de la naturaleza como objeto de dominación; de ahí la importancia de reconocer a la naturaleza como sujeto y no como objeto, para conciliar las comunidades humanas y las naturales, como principal desafío emancipatorio de las sociedades, una relación de *mutualismo simbiótico* basada en el apoyo mutuo con la naturaleza sería fundamental en una ética de complementariedad, que es realizable como búsqueda de alternativas para construir so-

ciedades orgánicas, es decir, armónicas consigo mismas y los ecosistemas naturales.

Los espacios micro, las unidades de convivencia básica puede facilitar un *logos* donde fluya la democracia directa, el cara a cara, las cuales son la expresión del ecologismo libertario de Bookchin (2004), un espacio local que llamó Municipalismo Libertario, retomando los postulados anarquistas, basado en la propiedad comunal y en la dirección colectiva de la economía local, estas ecocomunidades posibilitarían las sociedades orgánicas regidas por el apoyo mutuo; planteamientos que provienen de viejas propuestas revolucionarias incluidas las de Rhodakanaty y Julio López Chaves en la Comuna de Chalco, así como la posterior proclama revolucionaria zapatista.

En un esfuerzo por desplegar psicologías que no permitan divisiones entre mente y cuerpo, sociedad y naturaleza, razón y sentimientos, y más bien conjugue y cultive los procesos sentipensantes conscientes e inconscientes en la heterogeneidad de lo común:

Que nos enseñemos a ser tocados por la emoción de otros cuerpos, que volvamos a recobrar la confianza en nuestros sentidos, que irrumpamos en el lenguaje, y lo llenemos de tierra, que abramos nuestra percepción sensible adormecida por los artefactos de la civilización industrial, y que despertemos nuestros afectos a través del contacto con los diversos modos de vida (Giraldo & Toro, 2020, p. 14).

Giraldo y Toro (2020) proponen la epistemo-estesis como un método afectivo, una forma de conocer desde la piel, el contacto y los sentidos, que ayuda a concebir una ética ambiental corporizada que emerge cuando los cuerpos humanos son afectados por el encuentro con otros seres sensibles en el mundo. Sería la “empatía ambiental” –según proponen– la condición básica no sólo para experimentar la propia corporalidad, también el estado sensible del lugar habitado sería esta empatía la sustancia que conecta los distintos tipos de cuerpos, en la medida que interactúan mutuamente y se pueden sintonizar y configuran una ecología de inter-sensibilidades.

Finalmente, en esta porfía, es una propuesta que ya resonaba en las ideas anarquistas del siglo XIX:

De consiguiente, siendo el hombre [y la mujer] por su naturaleza sensación, sentimiento y conocimiento indivisiblemente unidos, su

vida consiste en ejercer y desarrollar toda su esencia en estas tres fases de su ser, y su vida normal depende de no separarlos jamás en ninguno de sus actos. Por estas tres fases de su naturaleza, [están] en relación con los otros hombres, [mujeres] y con el mundo, los cuales, uniéndose (...), son los que lo determinan y lo revelan o lo hacen revelarse. Y he aquí su vida objetiva, sin la cual su vida subjetiva queda latente y sin manifestación. (Rhodakanaty, 1998, p. 128).

## Consideraciones finales

Los horizontes rurales anti sistémicos que se han desplegado en contra de la modernidad y desarrollo capitalista, una fuerza antagonista a la ampliación tecnológica en todos los ámbitos de la vida y en refracción al modelaje del campesinado para su sujeción a la lógica de capital; requirió de un cambio en las formas de creencias, disolución de los ámbitos de comunidad para convertirlos en recursos y mano de obra comercializable, estos son elementos sustanciales de la ruralidad hegemónica que se planteó como estrategia desde el imperialismo ecológico estadounidense.

No hay una única ruralidad anti sistémica, ni un solo anarquismo, ni una sola práctica anárquica en los mundos rurales, sin embargo, hay elementos que son comunes en los que se puede poner énfasis, las comunidades de productores agrícolas son un agente central en las transformaciones necesarias hacia otros mundos y psicologías posibles, diferentes a una vida que se presenta como dominación sea esta ejercida por una sociedad colonial, una estructura estatal o las relaciones patriarcales, lo que refleja una práctica comunitaria que es autocrítica consigo misma.

Lo que se presenta aquí como anarquismo agrario es una teoría que tiene como raíz un horizonte histórico que cruza ideas provenientes de Europa y su re-significación en las prácticas comunitarias campesinas latinoamericanas, en su lucha por la reproducción de su vida, tierras, aguas y autonomía, la acción directa y el apoyo mutuo han sido ideas que ya eran y son prácticas anticoloniales en los pueblos de este continente que se vinieron gestando desde el siglo XVI, y que el anarquismo encontró coincidencia y un campo fértil.

Muchas comunidades campesinas en México y Perú, también en otras geografías latinoamericanas, tienen su base en la re-

producción material de la vida, pero también en las múltiples formas de organización social autónoma de la tierra y la redistribución del trabajo colectivo y de los bienes comunes, que las coloca a contrapelo de los intereses de la propiedad privada y la mercancía, que es eje central de la reproducción del capital.

La construcción comunitaria de modelos educativos, el ejercicio de la democracia y acción directa han sido fundamentales para conseguir o mantener autonomía contra el Estado, pero también la reinención de formas de deliberación asamblearia, de trabajo colaborativo, recíproco y rotativo, ha elaborado un entramado que muestra una forma psicosocial distinta a la que surge los ámbitos hegemónicos de Europa y Estados Unidos, que han trascendido y puesto al mundo en su conjunto en una lucha por la existencia, en crisis y/o estado de guerra.

Las variopintas comunas campesinas que persisten en nuestra América, bajo este lente toman también una centralidad en los procesos de movilización social, como una construcción actual de procesos de emancipación, no ha sido mi objetivo presentar la actualidad del tema, sino su profundidad histórica, como material que pueda ser usado críticamente en la motivación del reconocimiento del cultivo de psicologías libertarias, que ya son de larga data y poco han sido estudiadas y difundidas, pero que guardan un valor a contracorriente, en un mundo que atraviesa por múltiples crisis de índole económica, de salud, ambiental, política, cultural, etcétera, resulta relevante reconocer la propuesta fundamental que es el conectar inextricablemente la humanidad de la naturaleza que es una misma, para buscar establecer una relación armónica, es ahí en la mutualidad entre comunidades humanas, naturales y espirituales donde se puede reconstituir las individualidades y su libertad, que también es la de las comunidades. En ese horizonte es fundamental resaltar la importancia de las sensibilidades, de las pasiones, del disfrute libre, pues son fuente legítima de defensa y autonomía. Una apuesta integral por procesos sentipensantes para abrir la percepción sensible adormecida por la civilización industrial, lo cual despertaría nuevas formas de revelarse y manifestarse de y en la vida.

## Referencias

- Ayala, J. L. (2006). *El presidente Carlos Condorena Yujra*. Editorial San Marcos.
- Boockchin, M. (1978). *Por una sociedad ecológica*. Editorial Gustavo Gili.
- Boockchin, M. (1991). *Ecología libertaria*. Madre Tierra.
- Davis, M. (2007). *Ciudades muertas. Ecología, catástrofe y revuelta*. Traficante de Sueños.
- D'Auria, A. (2007). *Teoría y crítica del Estado*. Eudeba.
- Echeverría, B. (2012). *Valor de uso y utopía*. Siglo XXI Editores.
- Esteva, G. (2013). "Desarrollo". *Movimientos sociales, solidaridad internacional y construcción de alternativas. ¿Más allá del desarrollo?* Broederlijk Delen.
- Fourier, C. (1973). *La armonía pasional del nuevo mundo*. Taururs.
- Giraldo, O., & Toro, I. (2020). *Afectividad ambiental. Sensibilidad, empatía, estéticas del habitar*. El Colegio de la Frontera Sur/Universidad Veracruzana.
- Gutiérrez, J. B. (1967). ¡Por la tierra y por la raza! Laura Mendoza Gutiérrez.
- Lida, C. E., & Illades, C. (2001). El anarquismo europeo y sus primeras influencias en México, desde la Comuna de París: 1871-1881. *Historia Mexicana*, LI(1), 103-149.
- López Chaves, J. (1984). "Manifiesto a todos los oprimidos y pobres de México". En G. García Cantú (Ed.), *El socialismo en México. Siglo XIX* (pp. 58-61). Ediciones ERA.
- Navarro, M. L., & Machado Aráoz, H. (Eds.). (2020). *La trama de la vida en los umbrales del Capitaloceno. El pensamiento de Jason W. Moore*. Bajo Tierra A.C.
- Ornelas, R. (2004). *La autonomía como eje de la resistencia zapatista. Del levantamiento armado al alzamiento de los Caracoles* [Archivo PDF], <https://geopolitica.iiec.unam.mx/node/164>
- Pérez Ponce, P. (2017). El gobierno autónomo indígena de Cherán

K'eri, Michoacán, México. *FAIA*, 6(29), 1-20. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6257760>

Proudhon, P. J. (1840). ¿Qué es la propiedad? Libros Tauro.

Ribas Rabasa, P. (2003). L'homme et la terre. Las relaciones hombre-medio en el pensamiento de Elisée Reclus. *Geografía y anarquismo*. Dossier-2003. <http://seneca.uab.es/hmic>

Sevilla Guzmán, E. (2011). *Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamiento marxista y libertario*. CDE; Plural editores; AGRUCO y NCCR.

Méndez Lecona, F. (2015). Las rutas del primer socialismo en México. En O. Domínguez Prieto (Ed.), *El anarquismo en México*. Palabra de Clío A.C.

Olmos, V. (2009). El anarquismo del Partido Liberal Mexicano. En O. Domínguez Prieto (Ed.), *El anarquismo en México* (pp. 119-130). Palabra de Clío A.C.

Reynoso Jaime, I. (2020). *El agrarismo radical en México. Una bibliografía política de Úrsulo Galván, Primo Tapia y José Guadalupe Rodríguez*. Universidad Autónoma del Estado de Morelos, Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales y Estudios Rurales, Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones en México.

Rhodakanaty, P. (1998), *Obras*. Universidad Nacional Autónoma de México.

Sandoval, D. F. (1922). Declaración de principios del Comité Central "Pro-Derecho Indígena Tahuantinsuyo" y su reconocimiento por resolución suprema como institución de carácter nacional. *PUTUTU Revista Mensual Pro Indígena*, 1(1), 14-16.

Tortolero Villaseñor, A. (2009). ¿Anarquistas, ambientalistas o revolucionarios? La conflictividad rural en Chalco. San Francisco Acuaufra contra Zoquiapa, 1850-1868. *Revista Historia*, 59-60, 15-34.

# PSICOLOGIA COMUNITÁRIA EM CONTEXTOS RURAIS NA AMÉRICA LATINA E CARIBE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Letícia Lopes de Souza  
Mateus Vitor dos Reis  
Weverton Corrêa Netto  
Telmo Mota Ronzani

## Introdução

Os contextos rurais latino-americanos são marcados por problemas sociais que atravessam o continente como, por exemplo, a violência e a desigualdade social comuns entre toda a população rural (Gonçalves et al., 2016). Tais problemas são consequências de um modelo de sociedade que é marcado pela exploração, pela opressão e por um sistema econômico que tem como base o lucro e o esgotamento de recursos naturais, o que coloca para a América Latina um enorme desafio em relação às populações rurais (Ronzani et al., 2019).

Em decorrência dessas problemáticas que afligem os contextos rurais latino-americanos e em conjunção com elas, Dantas et al. (2018) apontam a existência de particularidades em relação às necessidades e características presentes nesses territórios, as quais revelam um cenário preocupante e desafiador para a Psicologia. Segundo os autores, a formação profissional e os referenciais teórico-metodológicos tradicionais da Psicologia se apresentam como insuficientes para a apreensão das especificidades do mundo rural, pois são historicamente voltados para a atuação do psicólogo em contextos urbanos.

É nesse sentido que a Psicologia Comunitária Latino-americana, que possui como características fundamentais o trabalho com fenômenos psicossociais produzidos pela relação com o território, a noção de práxis e a consideração das diversidades dos contextos sociais e a relatividade das culturas (Montero, 2004), se apresenta na literatura como norteadora para realização de interven-

ções coerentes com a realidade da população rural e comprometidas com a transformação da mesma (Ronzani et al., 2019).

Diante deste breve cenário, o presente trabalho objetivou realizar uma revisão sistemática da literatura científica sobre os trabalhos produzidos pela Psicologia Comunitária em contextos rurais nos países da América Latina e Caribe.

## **Método**

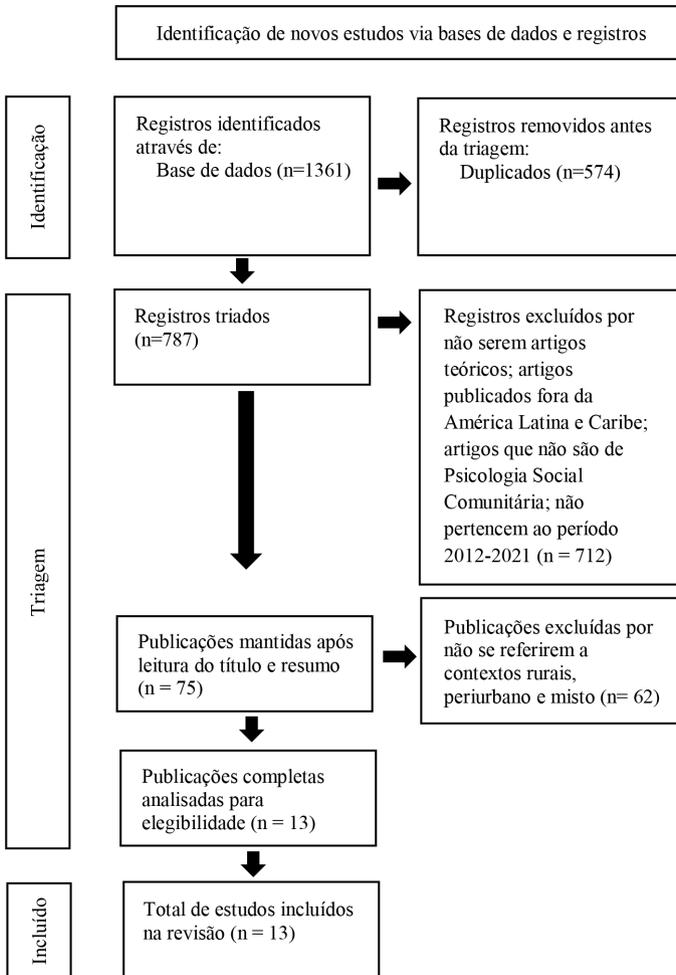
A revisão sistemática foi conduzida de acordo com os critérios estabelecidos pelo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (Page et al., 2021). As buscas pelos descritores “Community Psychology” e, em seguida, “Community Social Psychology” foram realizadas em fevereiro de 2022 nas bases de dados BVS, INDEXPsicPeriod, PubMed, Scielo, PsycNET, LILACS e Pepsic. A definição dos descritores ocorreu a partir da literatura de referência da área, uma vez que os mesmos não foram encontrados no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Após a retirada dos trabalhos duplicados, foi realizada a leitura do título e do resumo dos artigos encontrados e os mesmos foram submetidos aos critérios de inclusão: relatos de pesquisa ou relatos de experiência, que ocorreram nos países da América Latina e Caribe, publicados em Inglês, Espanhol e Português entre o período de 2012 a 2021. Foram excluídos às publicações que não fossem de Psicologia Comunitária a partir da definição:

Ramo da psicologia cujo objeto é o estudo dos fatores psicossociais que permitem desenvolver, fomentar e manter o controle e poder que os indivíduos têm condições de exercer sobre seu ambiente e social, para solucionar problemas que os afligem e conseguir mudanças nesses individual ambientes e na estrutura social [...] versa sobre formas específicas de relação entre as pessoas unidas por laços de identidade construídos em relações historicamente estabelecidas, que por sua vez constroem e delimitam um campo: a comunidade (Montero, 1984, p. 387-400).

A partir disso, os artigos foram lidos na íntegra e foram selecionados aqueles que tiveram como foco territórios rurais e/ou mistos, restando para as análises descritivas um quantitativo final de 13 trabalhos.

**Figura 1** - Fluxograma PRISMA. Procedimentos de identificação e seleção dos estudos incluídos na revisão sistemática



A partir de então, os artigos selecionados foram classificados de acordo com as categorias pré-estabelecidas (ver tabela 2). Destaca-se o Brasil como o país com o maior número de publicações (38,5%), seguido pela Colômbia (23,1%). O idioma mais frequente foi o Inglês (53,8%). Todos os artigos selecionados tratam-se de relatos de pesquisa e a Psicologia aparece como área principal das revistas em que estes trabalhos foram publicados (84,6%). O uso de

abordagens qualitativas de aparecem em 69,2% dos artigos analisados (ver Tabela 2).

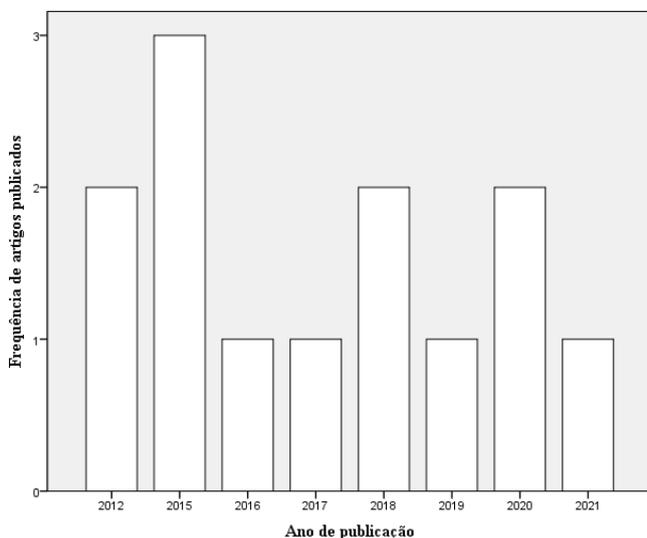
**Tabela 2 - Dados descritivos gerais dos artigos selecionados**

Categoria		Frequência	Porcentagem
País	Brasil	5	38,5
	Colômbia	3	23,1
	Chile	1	7,7
	Argentina	1	7,7
	México	1	7,7
	Multicêntrico*	1	7,7
	Peru	1	7,7
Idioma	Inglês	7	53,8
	Português	4	30,8
	Espanhol	2	15,4
Tipo de publicação	Relato de Pesquisa	13	100
Área principal da Revista	Psicologia	11	84,6
	Interdisciplinar	1	7,7
	Saúde	1	7,7
Abordagem metodológica	Qualitativa	9	69,2
	Quantitativa	3	4,2
	Mista	1	1,4

\* Pesquisas realizadas em mais de um país da América Latina

Em relação à distribuição de artigos publicados ao longo dos anos, de acordo com o período estabelecido (2012-2021), observa-se que o ano de 2015 representa o maior número de publicações deste período (03 artigos) (Figura 2).

Figura 2 - Número de artigos publicados por ano (n=13)



A Tabela 3 apresenta os resultados das análises categóricas realizadas, que estão divididos em Área predominante dos estudos, à destaque para a área Social que representa 84,6% dos trabalhos, seguida dos trabalhos realizados na área Educacional, 7,7% das publicações, e de Saúde Mental, 7,7% das publicações. Além disso, a grande maioria das pesquisas se dividiu entre territórios mistos (46,2%) e rural (38,5%).

**Tabela 3 - Análise categórica dos estudos selecionados (N=13)**

Categoria		Fre- quência	Porcenta- gem
Área predominante do Estudo	Social	11	84,6
	Educacional	1	7,7
	Saúde Mental	1	7,7
Utilização de Metodolo- gias Participativas	Sim	8	61,5
	Não	5	38,5
Território	Misto	6	46,2
	Rural	5	38,5

	Pesquisas online	2	15,4
Gênero da população	Ambos os gêneros	12	92,3
Estudada	Feminino	1	7,7

## Área principal dos trabalhos e marco teórico

O marco teórico utilizado para a elaboração da maioria dos trabalhos da área social localiza-se em autores que partem da Psicologia Crítica, como por exemplo Maritza Montero, Ignacio Martín-Baró, Maria de Fátima Quintal de Freitas e Cezar Wagner de Lima Góis. Destaque para o trabalho de Escobar (2021), que destoa da área anteriormente citada, uma vez que parte de uma perspectiva de “solidariedade espiritual”.

No que se refere à área educacional (1,4%), Trigos-Carrillo et al (2020) partem de uma perspectiva de humildade cultural. Já para o trabalho com foco em saúde mental, Atallah (2018) parte de uma práxis crítica de resiliência comunitária e da teoria crítica de raça aplicada à saúde pública.

## Técnicas utilizadas e metodologia

A utilização de metodologias participativas aparece em 61,5% dos artigos analisados e entre as técnicas utilizadas destacam-se as entrevistas e a observação participante. Destaque para os trabalhos de Araújo e Calegare (2018), Sousa e Bernardo (2017), Angnes e Ichikawa (2019) que utilizam dessas duas técnicas de investigação. Existiram ainda artigos que utilizaram grupos focais como metodologia de investigação. As investigações que não utilizaram metodologias participativas representam 38,5% da amostra e fizeram o uso de entrevistas e questionários.

## Grupos investigados

O público alvo das investigações e os recortes específicos das realidades rurais apresenta certa heterogeneidade dentro da amostra de artigos selecionada. Esse quadro é coerente com a marcante diversidade de grupos sociais presentes em contextos rurais apontado

por Dantas et al. (2018), ao discutir a necessidade de reconhecimento das diferentes condições de vida e trabalho, de sociabilidade e organização social, assim como dos modos de subjetivação existentes nesses territórios que, além de físicos, são sociais e simbólicos.

Nesse sentido, existe um recorte de gênero nos artigos de Parra et al. (2012) e de Espinoza et al. (2018). Ainda que o trabalho de Parra et al. (2012) seja o único com uma amostra composta unicamente por um gênero específico, a saber, meninas adolescentes de contextos rurais que faziam parte de um grupo armado na Colômbia, a intervenção realizada por Espinoza et al. (2018) - na qual participaram tanto mulheres quanto homens - teve como objetivo fomentar a participação das mulheres na tomada de decisões em nível comunitário em três distritos rurais em contexto de pós-conflito no Peru.

Alguns artigos tiveram como público alvo categorias específicas de trabalhadores e profissões relacionadas aos contextos rurais, como por exemplo, extensionistas rurais (Landini, 2012; 2015), agricultores/feirantes e organizadores de uma feira agroecológica (Angnes & Ichikawa, 2019) e estudantes de graduação em Psicologia (Trigos-Carrilo et al., 2020).

É válido ressaltar ainda que boa parte dos grupos e contextos investigados nos artigos aqui reunidos são compreendidos pelos autores dos estudos a partir do prisma da vulnerabilidade social - e de seu enfrentamento -, sejam comunidades rurais em situação de pobreza (Ximenes et al., 2015; Moura Jr. et al., 2020) e de pós-conflito armado (Parra et al., 2012; Espinoza et al., 2018; Trigos-Carrilo et al., 2020), sobreviventes da violência estatal (Escobar, 2021), comunidades originárias (Atallah et al., 2018) e, como já citado, mulheres que vivem em contextos rurais. Por fim, os movimentos sociais do campo também tiveram representatividade dentre os artigos desta revisão, através do trabalho de Sousa e Bernardo (2017) em um assentamento de Reforma Agrária em Araras (SP).

## **Conclusão**

A partir do exposto, é possível inferir que houve uma relativa diversidade de grupos estudados, uma vez que se trataram de diferentes populações que são atravessadas pelas ruralidades e por suas características. A vulnerabilidade social, por exemplo, aparece

como foco em alguns dos artigos, e como apresentado na introdução deste trabalho, a literatura aponta a necessidade da Psicologia Comunitária na América Latina se aproximar deste tema e de contextos marcados por essas vulnerabilidades. Além disso, as intervenções realizadas obtiveram resultados que apontam para o fortalecimento dos laços comunitários, processos de organização coletiva, contribuições na construção de políticas públicas, assim como a valorização dos conhecimentos e das práticas culturais dos sujeitos como aspectos a serem promovidos para um melhor enfrentamento dessas condições.

É válido ressaltar ainda que a citação de autores que partem de uma Psicologia Crítica entre os marcos teóricos trazidos pelos pesquisadores na realização das investigações, é entendida no presente trabalho como um posicionamento coerente para a atuação dos psicólogos em contextos rurais, e ainda, um comprometimento com a fundamentação teórica latino-americana. De maneira geral, considera-se necessário que novas discussões e reflexões acerca da produção acadêmica em torno das ruralidades e suas especificidades sejam produzidas, com o intuito de aproximar e aperfeiçoar o conhecimento e as intervenções realizadas.

## Referências

Angnes, J. S., e Ichikawa, E. Y. (2019) Feira agroecológica de Francisco Beltrão (Paraná): um projeto de participação sob o enfoque da psicologia social comunitária na perspectiva latino-americana? *Organizações & Sociedade*, 26(91), 665-690. <https://doi.org/10.1590/1984-9260913>

Araújo, K. B., & Calegare, M. G. A. (2018). Os Festejos como Estratégia de Fortalecimento Comunitário em Comunidade de Manaus (AM). *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 537-550. <https://doi.org/10.1590/1982-37030002292017>

Arellano, R., Balcázar, F.E., Alvarado, F., & Suárez, S. (2016). A Participatory Action Research Intervention in a Rural Community of Mexico. *Universitas Psychologica*, 15(2). <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.upsy15-2.pari>

Dantas, C. M. B., Dimenstein, M., Leite, J. F., Torquato, J., & Macedo,

J. P. (2018). A pesquisa em contextos rurais: desafios éticos e metodológicos para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 30, e165477. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165477>

Escobar, J. (2021). The role of memory practices in building spiritual solidarity for survivors of state violence. *American Journal of Community Psychology*, 69(3), 403-414. <https://doi.org/10.1002/ajcp.12570>

Espinoza, E. C., Rivera-Holguín, M., Pacheco, M. S., Sotelo, E. A., & Béjar, P. U. (2015). Women's Participation in a Postconflict Community in Peru. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 43(4), 279–290. <https://doi.org/10.1080/10852352.2014.973298>

Gonçalves, B. S., Landini, F., Leite, J., Calegare, M. G. A. & Monteiro, R. C. (2015) Construyendo un Abordaje Psicosocial de la Ruralidad desde América Latina: Contribuciones desde el 2do Congreso Latinoamericano de Psicología Rural. *Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*, 11(14), 6-16.

Landini, F. P. (2012). Expectativas de los agentes de desarrollo rural argentinos sobre la psicología y sobre la inserción profesional de los psicólogos en el ámbito de la extensión rural. *Interdisciplinaria Revista de Psicología y Ciencias Afines*, 29(2), 359–377. <https://doi.org/10.16888/interd.2012.29.2.10>

Landini, F. (2015). Contributions of Community Psychology to Rural Advisory Services: An Analysis of Latin American Rural Extensionists' Point of View. *American Journal of Community Psychology*, 55(3-4), 359–368. <https://doi.org/10.1007/s10464-015-9712-4>

Montero, M. (1984). La psicología comunitaria: orígenes, principios y fundamentos teóricos. *Revista latinoamericana de Psicología*, 16(3), 387-400.

Moura Jr, J. F., Barbosa, V. N. M., Ramos, T. O., Silva, A. M. S., & Ximenes, V. M. (2020). Validação do Índice Breve de Sentido de Comunidade para contextos rurais em situação de pobreza no Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 25(1), 91-101. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20200009>

Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan,

S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., McGuinness, L. A., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ (Clinical research ed.)*, 372(71). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

Parra, J. A. C., Martín, F. M., & Hoyos, J. F. T. (2012). Child Soldiers in Colombia: Five Views. *Universitas Psychologica*, 11(3), 755-768.

Ronzani, T. M., Mendes, K. T., Pável, C. & Leite. J. F. (2019). Contextos rurais e Psicologia Comunitária: um encontro possível e necessário. In M. N. Carvalho-Freitas, L. C. Freitas, & T. C. Pollo (Org.), *Instituições, saúde e sociedade: contribuições da Psicologia* (pp. 59-79). EdUEMG.

Sousa, C. C., & Bernardo, M. H. (2017). Sem-terra com terra: Resistências cotidianas no assentamento de Araras-SP. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 453-465. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809=89082017000200015-&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809=89082017000200015-&lng=pt&tlng=pt)

Trigos-Carrillo, L., Fonseca, L., & Reinoso, N. (2020). Social Impact of a Transformative Service-Learning Experience in a Post-conflict Setting. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi:10.3389/fpsyg.2020.00047>

Ximenes, V. M., Cidade, E. C., & Nepomuceno, B. B. (2016). Psicología Comunitaria y expresiones psicosociales de la pobreza: contribuciones para la intervención en políticas públicas. *Universitas Psychologica*, 14(4), 1411. <https://doi:10.11144/javeriana.up14-4.pcep>

# PSICOLOGIA E RURALIDADES: REVISÃO DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS EM UMA PLATAFORMA DE INDEXAÇÃO

Clarice Regina Catelan Ferreira  
Luani Akemi Furyama  
Mariana Duarte Milani de Holanda  
Isabela Santos Mendonça

## Introdução

O presente artigo resulta de Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no ano de 2021 no curso de graduação em Psicologia na Universidade Paranaense – UNIPAR e tem como objetivo mapear as produções científicas publicadas na plataforma de indexação *Scielo*, a respeito da Psicologia nos contextos das ruralidades no Brasil. Pretende-se com isso a organização das publicações feitas por psicólogos vinculados ao tema Psicologia e Ruralidades, tendo em vista que é um tema pouco abordado na comunidade acadêmica e que acreditamos necessitar de mais aprofundamentos e reflexões.

As pessoas que vivem em contextos rurais carregam estigmas resultantes de um projeto de urbanização e desenvolvimento das cidades como modelo de progresso e conseqüente exclusão daqueles que não se envolvem neste processo. Neste sentido, consideramos que a Psicologia tem muito a contribuir no cuidado e promoção de saúde dessas populações e, para isso, necessita de uma prática que seja contextualizada às demandas da comunidade e crítica a ponto de abarcar as especificidades e singularidades envolvidas nesta tarefa.

## Método

O trabalho foi desenvolvido por meio de levantamento sistemático de publicações de trabalhos produzidos por Psicólogos nesta mesma temática. Para esse levantamento, elegemos o repositório Scielo como referência para a pesquisa ao considerar que o mesmo adota processos rigorosos para divulgação de informações, que o mesmo indexa 88 periódicos na área de ciências humanas e é uma plataforma gratuita. Os descritores utilizados foram “Psicologia” e “Rural”, e não foram especificados os anos das produções como filtro. Como resultado desta busca, obtivemos artigos publicados entre os

anos 1999 e 2020. Os artigos levantados foram lidos e sistematizados e a análise deste processo apresentamos a seguir.

## Resultados

A pesquisa no repositório reportou 88. A etapa seguinte constituiu-se pela leitura das palavras-chaves para selecionar somente os trabalhos escritos sobre Psicologia e Ruralidades. Nesta etapa, 43 artigos foram descartados. A próxima etapa foi composta pela leitura dos resumos dos 45 artigos restantes para análise da relação entre Psicologia e Ruralidades. A partir da leitura dos resumos, foram eliminados 12 artigos, considerando que os mesmos não tinham Psicólogos entre seus autores e/ou que não se referiam a contextos brasileiros.

Através dessa análise, restaram 33 artigos que de fato estavam relacionados com a proposta da pesquisa. A partir da leitura dos resumos destes artigos, optamos por dividi-los em oito categorias com o intuito de especificar os temas que perpassam os caminhos das produções reportadas em nossa pesquisa. O quadro abaixo apresenta esta sistematização.

**Quadro 1.** Características das produções acadêmicas selecionadas para análise.

Categoria	Autores	Título	Ano
Tradições, Cultura e Significações	ARAÚJO, Kamila Bezerra de; CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar	Os Festejos como Estratégia de Fortalecimento Comunitário em Comunidade de Manaus (AM)	2018
	BONOMO, Mariana et al.	Princípios organizadores das representações de rural e cidade	2013
	POLLI, Gislei Mocelin et al.	Representações sociais da água em Santa Catarina	2009
	ALBUQUERQUE, Francisco José Batista de et al.	Integração entre assentados agrários e comunidades vizinhas	2005
	MASSOLA, Gustavo Martineli; SILVA JUNIOR, José Barbosa de Araújo	Identidade de lugar e de trabalho entre trabalhadores rurais na fronteira Cotia-Ibiuna (SP)	2019
	SILVA, Marcela Sobreira; BARROS, Vanessa Andrade de.	Saberes sobre o trabalho: experiência e história nos canaviais	2014

Políticas Públicas no Campo	REIS, Rosana Gomes; CABREIRA, Lucimaira	As políticas públicas e o campo: e o Psicólogo com isso?	2013
	COSTA-FERNANDEZ, Elaine; MUNOZ, Claudio Andres Baradit	Subjetividades de beneficiárias do Programa Bolsa Família em contexto rural	2019
	ALBUQUERQUE, Francisco José Batista de; PIMENTEL, Carlos Eduardo	Uma aproximação semântica aos conceitos de urbano, rural e cooperativa	2004
	ROCHA, Francisco Eduardo de Castro et al .	Avaliação do programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar: a intenção de pagamento do crédito	2009
	ALBUQUERQUE, Francisco José B.; LOBO, Alexandre Lucena; RAYMUNDO, Jorge da Silva	Análise das repercussões psicossociais decorrentes da concessão de benefícios rurais	1999
	COSTA, Eliane Silvia; SCARCELLI, Ianni Regia	Psicologia, política pública para a população quilombola e racismo	2016
	ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; RAMON, Fabiola; SILVA, Ana Paula Soares	Políticas de atendimento à criança pequena nos países em desenvolvimento	2002
Reflexões sobre a atuação do Psicólogo no campo	SILVA, Kátya de Brito e; MACEDO, João Paulo	Psicologia e Ruralidades no Brasil: Contribuições para o Debate	2017
	ALBUQUERQUE, Francisco José Batista de.	Psicologia social e formas de vida rural no Brasil	2002
	DANTAS, Candida Maria Bezerra et al .	A pesquisa em contextos rurais: desafios éticos e metodológicos para a Psicologia	2018

Infância e Adolescência no campo	MARTINS, Priscilla de Oliveira; TRINDADE, Zeidi Araújo; ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira	O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural	2003
	RUELA, Sanya Franco; MOURA, Maria Lucia Seidl de.	Um estudo do nicho de desenvolvimento de um grupo de crianças em uma comunidade rural	2007
	LOPES, Leandro Gomes Reis; CARVALHO, Denis Barros de.	Juventude assentada e a identidade vinculada com a terra	2017
	FURLANI, Daniela Dias; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz	Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos	2010
	CASAGRANDE, Daiana Panciera; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ESTEVAM, Dimas de Oliveira	Projetos profissionais de jovens universitários/as que residem no meio rural: estudo de caso dos/as jovens do município de Meleiro, SC	2012
	FLORES-MENDOZA, Carmen Elvira; NASCIMENTO, Elizabeth do.	Condição cognitiva de crianças de zona rural	2007
	MIRANDA, Valter Paulo Neves et al	Imagem corporal de adolescentes de cidades rurais	2014
	PORTUGAL, Alda Patrícia Marques; ALBERTO, Isabel Maria Marques	Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos adolescentes: estudo das variáveis sociodemográficas	2015
Mulheres no campo	VASQUEZ, Gislayne Cristina Figueiredo	A Psicologia na área rural: os assentamentos da reforma agrária e as mulheres assentadas	2009
	PIZZINATO, Adolfo et al.	Jovens mulheres no âmbito rural: gênero, projetos de vida e território em fotocomposições	2016
	MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia; ORTUNO, Judit Herrera	Devir Margarida: narrativas de si em experiências	2020

Movimentos Sociais no campo	SILVA, Alessandro Soares da.	O caminho da terra: revisitando a história do MST no Pontal do Paranapanema - SP - desde uma ótica psicopolítica	2010
	DOMINGUES, Eliane	Vinte anos do MST: a psicologia nesta história	2007
	LIMA, Alexandre Bonetti	Os sentidos na mídia: o MST em dois jornais diários	2006
Educação no campo	ALVES, Cássia Ferrazza; SIQUEIRA, Aline Cardoso	Os direitos da criança e do adolescente na percepção de adolescentes dos contextos urbano e rural	2013
	BEZERRA, Delma Rosa dos Santos; SILVA, Ana Paula Soares da.	Educação do Campo: apropriação pelas professoras de uma escola de assentamento	2018
Saúde dos moradores do campo	NEVES, Pedro Dias Mangolini et al .	Intoxicação por agrotóxicos agrícolas no estado de Goiás, Brasil, de 2005-2015: análise dos registros nos sistemas oficiais de informação	2020

Na categoria (1) *Tradições, Cultura e Significações* reunimos os artigos que versam sobre especificidades culturais de algum grupo rural: são artigos que relatam tradições, modos de vida e história de populações atreladas ao contexto rural. Na categoria (2) *Políticas Públicas no Campo* reunimos trabalhos de Psicólogos que descrevem e problematizam as políticas nacionais voltadas aos que vivem no campo. Como (3) *Reflexões sobre a atuação do Psicólogo no campo* estão agrupados artigos que versam sobre compromisso social do psicólogo e suas possibilidades de intervenção em contextos rurais. Na categoria (4) *Infância e Adolescência no Campo* temos trabalhos que descrevem a infância e adolescência no meio rural, com discussões sobre desenvolvimento humano e os determinantes sociais e também sobre especificidades de aspectos da identidade, sentido e significado da infância e adolescência nestes contextos. Na categoria (5) *Mulheres no Campo* estão trabalhos que se pautam em discussões de gênero e identidade da mulher em contextos rurais. Na categoria (6) *Movimentos Sociais no Campo* reunimos os trabalhos com auto-

ria de psicólogos que discutem especificidades do Movimento Sem Terra (MST). Na categoria (7) *Educação no Campo* estão trabalhos que se ocupam principalmente da educação e das especificidades da educação em contexto rural. E, por último, na categoria (8) *Saúde dos Moradores do Campo* temos um artigo que versa sobre intoxicação por agrotóxico.

## Discussões

Através desta sistematização, nota-se que apenas três artigos abordam sobre reflexões do *Psicólogo no Campo* e que somente um discorre sobre *Saúde dos Moradores do Campo*, o que enfatiza a necessidade de mais estudos sobre como estes profissionais estão se inserindo nessa área e em como essa atuação está se interseccionando com os fatores biopsicossociais que constituem o ser humano, apesar disso, nota-se que gradualmente essa inserção da Psicologia nos espaços rurais vai se transformando, se antes era improvável uma atuação fora de contextos urbanos, atualmente já há uma interiorização dos cursos de graduação e uma tendência, mesmo que timidamente, de crescimento da profissão dentro dos ambientes rurais.

Identifica-se ainda, que foram encontrados sete artigos relacionados às *Políticas Públicas e a atuação do Psicólogo*, sendo este um tema de extrema importância e emergência para ser evidenciado em estudos. Reis e Cabreira (2013) apontam que historicamente perdura uma dicotomia entre urbano e rural, na qual a ótica destinada ao rural é de uma localidade atrasada, inferior e afastada do urbano em vários sentidos, desse modo, além de poucos profissionais que visam o trabalho no campo, há poucas políticas públicas destinadas a estes locais, o que os coloca em uma situação mais dificultosa de acesso aos serviços de saúde, educação, assistência, etc. (Reis & Cabreira, 2013). Assim, a própria ausência de acesso e de Políticas Públicas especificamente voltada à população rural, agem representando a pouca oportunidade aos psicólogos para trabalhar neste contexto.

*Tradições, Cultura e Significações* foi uma categoria com número expressivo de publicações dentre os trabalhos reportados. As temáticas dos artigos encontrados, divulgam a riqueza e as possibilidades de convivência dos ambientes rurais, trazendo à luz movimentos sociais, festejos, significações e formas de ser e estar no meio

rural. Os relatos publicados pelos psicólogos autores demonstram a possibilidade de o Psicólogo inserir-se nas atividades cotidianas das comunidades e atuar como profissional auxiliando nos processos de apoio ao desenvolvimento de emancipação e autonomia das comunidades rurais.

A categoria *Infância e Adolescência no Campo* se intersecciona com a categoria *Educação no Campo*, e permite a visualização de como são os significados das vivências em espaços rurais desses indivíduos em processo de desenvolvimento. Através do conhecimento dessa realidade também há a possibilidade de se pensar em como trazer políticas públicas que possam facilitar o acesso dos jovens à educação, à saúde, ao lazer e aos seus direitos básicos indicados no Estatuto da Criança e do Adolescente, uma vez que é necessário considerar os multideterminantes presentes no cotidiano do desenvolvimento humano e produção de qualidade de vida e saúde.

Em relação à categoria *Mulheres no Campo*, verificou-se um número restrito de publicações em relação às demais publicações da Psicologia nessa área. Mulheres do campo sofrem com as consequências de pouco acesso aos serviços públicos às populações rurais, assim como, soma-se ao fato de serem mulheres e serem muitas vezes envolvidas em fatores como violência de gênero, incredibilidade nos rendimentos monetários de lavoura, sobrecarga de atividades domésticas e cuidado exclusivos direcionados aos filhos (Vasquez, 2009). Embora pouco abordado em artigos acessados por esta pesquisa, considerando os elementos apresentados nestes trabalhos, apontamos a preocupação em como estas temáticas vêm sendo estudadas e quais intervenções vêm sendo desenvolvidas nestes contextos.

Considerando-se que o número de 33 trabalhos reportados é de fato um número baixo de publicações, concluímos que existe carência de produções nessa área e, considerando a importância da temática, consideramos a urgência de maior inserção da atuação da Psicologia nesta temática com a inserção de práticas que estejam de fato vinculadas às demandas dessas populações.

De acordo com o IBGE (2015) 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais o que representava, à época da divulgação deste dado, cerca de 32 milhões de pessoas. Trata-se de um dado bastante ex-

pressivo, principalmente quando nos atentamos que esta população vive em um contexto que representa um nicho econômico bastante explorado pelo país, principalmente no cenário das relações internacionais de exportação agropecuária e extrativista. Por outro lado, mesmo considerando a importância do meio rural ao país, os dados acessados com essa pesquisa evidenciam que há pouco investimento em políticas públicas voltadas às pessoas que vivem em tal contexto e há pouca publicação de trabalhos que reflitam sobre as ruralidades (Lopes et al., 2018).

O fato de poucas publicações nessa área pode estar relacionado com uma prática profissional que se reflete em ações padronizadas direcionadas ao meio urbano, tendo-se a falsa ilusão de que ambos os locais exigem práticas iguais e trazendo dos contextos urbanos metodologias e demandas diferentes das exigidas pelo campo. Há diversos equívocos quando se pensa que levar um profissional a dado contexto representa de fato oferecer o atendimento do qual a população precisa.

Quando observamos a inserção de Psicólogos em trabalhos em contextos rurais, vemos que o mesmo acontece de modo bastante tímido e voltado principalmente para o atendimento de políticas de contenção de pobreza – como é o caso do trabalho proposto ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) – ou em situações de violação de direitos – sendo o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) o principal equipamento de referência a este trabalho. Assim, CRAS e CREAS representam ações de políticas públicas que se voltam a problemáticas específicas – vulnerabilidades e violação de direitos – em todo o país, sem considerar nenhum aporte extra aos atendimentos em contexto rural, a não ser o suporte para o deslocamento e tudo o que isso gera na condição de trabalho da equipe de referência (Lopes et al., 2018).

No caso do Sistema Único de Saúde existe a especificidade de ações voltadas para populações que vivem em contextos não urbanos, porém, equipes específicas para este trabalho são estabelecidas apenas para municípios onde o número de pessoas para tais atendimentos representam um número alto de habitantes vivendo em contextos não urbanos.

Diversos autores da Psicologia problematizam a formação profissional voltada para o desenvolvimento de habilidades profes-

sionais referentes à vida nos espaços urbanos, sem levar em conta a necessidade de formação de profissionais que conheçam de fato a realidade brasileira e a importância de compreender a subjetividade e especificidades que se expressam nos meios não urbanos. Essa discussão, na Psicologia, já vem de autores anteriores como Martin Baró e Silvia Lane, por exemplo, que apontavam desde os anos 1980 a necessidade de uma psicologia coerente com as necessidades do povo Latino Americano (Leite et al., 2013).

Também Albuquerque (2002), ao falar sobre essa tendência da Psicologia em não se ocupar com o aprofundamento em estudos sobre a temática ruralidades, refere-se ao fato de que há uma tendência, na formação profissional, em estudar problemas que mais comumente estão presentes no meio que nos cercam. Historicamente falando, o grande número de migrações das zonas rurais para os meios urbanos transformou os grandes centros em grandes demandantes imediatos da Psicologia, acarretando em um apagamento da necessidade dessa profissão em localidades rurais.

A carência de profissionais Psicólogos nos espaços rurais também se deve ao fato de que a Psicologia foi regulamentada e fortificada em ambientes urbanos. Inicialmente, seu compromisso social se alinhava aos interesses das elites brasileiras, acarretando em uma objetificação dos saberes visando categorização e controle das classes menos favorecidas Leite et al., 2013).

Outro fator que também pode estar relacionado a esse número é o próprio desenvolvimento do país, onde optou pela amplificação de um desenvolvimento agrário de grandes proporções ao invés da valorização da agricultura familiar, o que coloca essas populações do campo ainda mais à margem dos cuidados (Albuquerque, 2002).

Ainda de acordo com Albuquerque (2002), a inserção dessa temática no processo de formação profissional pode ser considerada como uma das mais eficazes ferramentas para modificação dessa realidade, podendo desempenhar um papel de grande importância, uma vez que a remodelagem dos currículos de formação de Psicólogos poderia atuar no sentido de ampliar o conhecimento do Psicólogo sobre a realidade brasileira e também sobre a importância da compreensão da subjetividade humana pautada em condições materiais de vida.

Segundo Leite et al. (2013), há de se pensar em algumas diretrizes para nortear o avanço da Psicologia como ciência e profissão nesses espaços como: conhecimento da dinâmica cultural, social e política dessa realidade e das diversas relações com a terra dentro deste mesmo âmbito; considerar os diferentes modos de subjetivação vivenciados; contribuição através de reflexões críticas, políticas públicas, movimentações e assistência técnica; reconhecimento das articulações com as diversas áreas de conhecimento que podem contribuir com os processos de autonomia; e, considerar uma atuação de Psicólogo generalista, dispostos a atuar nas diferentes configurações existentes nessas relações.

Neste mesmo sentido, Bock (2015) explana sobre a necessidade de rompimento com uma Psicologia positivista e colonizada por saberes europeus e enfatiza a importância de trazer à tona uma Psicologia crítica, que esteja vinculada à realidade, que zele pelas relações sociais e que acredite e invista nas potencialidades de um ser humano capaz de transformar o mundo e a si mesmo.

## **Conclusão**

Neste trabalho, nosso propósito foi o desenvolvimento de um levantamento sistematizado de publicações feitas por psicólogos sobre essa temática disponíveis no Scielo. O resultado do levantamento aponta o baixo número de trabalhos publicados: apenas 33. Nossa interpretação deste dado caminha no sentido de corroborar com a análise dos autores supracitados e assim, interpretamos como resultado da pouca inserção da Psicologia para um trabalho na área não urbana, também resultado da falta de espaços de trabalho que considerem de fato as especificidades das ruralidades e, ainda, como consequência da formação profissional que pouco investe neste tema.

Os elementos reflexivos acima nos levam a analisar que, até os dias de hoje, os profissionais de Psicologia adentram os espaços rurais com pouco embasamento teórico para suas atuações. Desde a graduação a temática em questão aparece muito timidamente nas matrizes curriculares ou em atividades não obrigatórias – de pesquisa e extensão – oferecidas pelas instituições de ensino. Neste sentido, seria possível que houvesse de fato um número mais expressivo de trabalhos publicados?

Para finalizar, consideramos que o cenário reportado com a pesquisa não representa um completo estudo do estado da arte, visto que muitas produções podem ter sido publicadas em livros ou em outros repositórios não acessados nesta pesquisa. O que mostramos aqui retrata que há pouca produção disponibilizada no repositório em questão e que os autores lidos afirmam a necessidade de investimentos tanto na ampliação da inserção do psicólogo em contextos rurais e a necessidade de que essa temática seja contemplada na formação profissional. A Psicologia brasileira carece de publicações sobre as especificidades da vida neste contexto que lhe é tão peculiar.

## Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Paranaense - Unipar (Umuarama, Paraná - Brasil), pela oportunidade do desenvolvimento da pesquisa aqui relatada neste trabalho, bem como por viabilizar e incentivar a participação das autoras no evento.

## Referências

Albuquerque, F. J. B. (2002) Psicologia Social e formas de vida rural no Brasil. *Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(01), 37-42. jan./abr. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000100005>

Bock, A. M. B. (2015) Perspectivas para a formação em Psicologia. *Rev. Psicologia: Ensino & Formação*, 6 (2), 114-122. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nrm=iso)

IBGE. (2015). *Pesquisa nacional de amostra por domicílio: síntese de indicadores*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=298887>

Leite, J. F., Macedo, J. P. S., Dimenstein, M. & Dantas, C. (2013). A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais. In J. F. Leite, & M. Dimenstein (Orgs.) *Psicologia e contextos rurais* (p. 27-55). EDUFRRN.

Lopes, E. M., Ferreira, C. R. C., & Friedrich, D. R. (2018) Psicologia e ruralidades: caminhos para um fazer psicológico transformador. *Psicol. Conoc. Soc.*, 8(1), 225-245. <https://doi.org/10.26864/pcs.v8.n1.12>

Reis, R. G., & Cabreira, L. (2013). As políticas públicas e o campo: e o Psicólogo com isso? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(n. spe), 54-65. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/8zpkB98rTkHCsRxKy7JwKNR/?format=pdf&lang=pt>

Vasquez, G. C. F. (2009). A psicologia na área rural: os assentamentos da reforma agrária e as mulheres assentadas. *Rev. Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 856-867. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400015>

Ximenes, V. M., Gomes, L. M., Alves, K. S. et al. (Org.). (2017). *Implicações psicossociais da pobreza na saúde comunitária da população de Pentecoste (Ceará), Humaitá (Amazonas) e Cascavel (Paraná)*. Expressão Gráfica e Editora.

# CONTEXTOS RURAIS COMO POSSIBILIDADE DE DISCUSSÕES E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Clarice Regina Catelan Ferreira

Claudia Lopes Perpétuo

## Introdução

Este trabalho apresenta o relato de experiência desenvolvida na Universidade Paranaense – UNIPAR com a inserção de estágios de Psicologia em contextos rurais. A UNIPAR é uma instituição privada localizada no interior do estado do Paraná, na cidade de Umuarama distante 630 kms da capital.

Umuarama é uma cidade que conta com aproximadamente 115 mil habitantes, dos quais cerca de 10 mil vivem na área rural (IBGE, 2017). Fica localizada ao noroeste do estado, próxima à divisa com os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul e também próxima 100 km da fronteira entre Brasil e Paraguai. É uma cidade que tem como economia predominante a agricultura e a pecuária e as comunidades rurais são habitadas por pessoas que trabalham tanto no campo quanto na cidade.

O desenvolvimento de estágio em áreas rurais é possível graças a convênio formado entre a universidade e o município, onde o município autoriza a entrada dos acadêmicos estagiários e extensionistas nos campos das políticas públicas de Saúde, Assistência Social e Educação e viabilizam o transporte para o deslocamento dos mesmos até o local das práticas.

A UNIPAR oferece o curso de Psicologia já há 33 anos e, nesse período, vem construindo uma relação de confiança com a comunidade em geral, o que permite que convênios sejam formados e que as atividades de ensino, pesquisa e extensão sejam aceitas e valorizadas por parte dos conveniados e da população em geral.

De um modo geral, as comunidades rurais dispõem de recursos limitados para ao atendimento à população, sendo oferecido pelos municípios apenas escolas e Unidades Básicas de Saúde (UBS). Os atendimentos das políticas de Assistência Social são oferecidos com o deslocamento de equipe profissional periodicamente ao cam-

po para realizar os atendimentos e todos os demais trabalhos sistemáticos de Assistência Social e de Saúde carecem do deslocamento da população desde onde moram até a cidade de Umuarama.

Falando especificamente da área de saúde, Umuarama conta com um Centro de Especialidades Médicas e um Serviço de Atendimento Psicológicos disponibilizados pela prefeitura e conta também com um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que atende adultos. Quando as pessoas precisam de atendimento são encaminhados pelo médico clínico geral da UBS para as filas de espera destes serviços.

As parcerias desenvolvidas entre a Unipar e os municípios para o trabalho com a população rural teve início em 2015, sendo que neste trabalho, vamos nos focar nas atividades desenvolvidas em 2019 e 2022 por acadêmicos do curso de Psicologia no distrito rural de Serra dos Dourados, distante 18 kms da cidade, no município de Umuarama. Trata-se de um distrito onde vivem aproximadamente cinco mil pessoas dentro do vilarejo e cerca de mil pessoas nas propriedades rurais espalhadas pelo território.

O objetivo desta experiência tem mão dupla: do ponto de vista da formação, visa aproximar os acadêmicos com o contexto rural e também levar a discussão dessa temática para dentro da universidade, possibilitando a reflexão sobre aspectos relacionados às ruralidades de um modo transversal ao longo da graduação. Por outro lado, o município ao firmar o convênio se beneficia ao oferecer atendimentos às pessoas desta comunidade que não conta com Psicólogo em seu quadro de trabalhadores.

## **Método**

Neste relato de experiência incluímos três projetos de estágios que vêm sendo desenvolvidos simultaneamente neste distrito rural envolvendo acadêmicos das 4ª e 5ª séries de Psicologia: um deles trata-se do trabalho de mapeamento psicossocial do distrito rural, o outro trata-se da descentralização do serviço de saúde mental do município levando atendimento clínico individual à população residente e, o terceiro, desenvolve oficinas com o objetivo de cuidados ao cuidador, atendendo os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que lá atuam.

## Discussão

O mapeamento psicossocial é uma estratégia que visa caracterizar a comunidade detalhando suas potencialidades e suas vulnerabilidades, com vistas a potencializar os serviços oferecidos à comunidade. A identificação dessas questões permite a melhor gestão de políticas públicas e também a implantação de propostas de trabalhos que se voltem à superação de vulnerabilidades vivenciadas pela comunidade.

O projeto de mapeamento psicossocial aqui proposto pretende oferecer suporte às ações dos profissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF) com a formulação de propostas de intervenções condizentes com a caracterização da realidade de vida da comunidade e com as necessidades da comunidade em questão.

O processo de mapeamento utiliza estratégias como caminhadas comunitárias, visitas domiciliares, entrevistas com profissionais, entrevistas com pessoas da comunidade, visita a equipamentos de políticas públicas presentes na comunidade – no caso: colégio estadual, escola municipal e Centro de Educação Infantil (CMEI) e UBS -, visita a espaços comunitários e religiosos e levantamento de dados demográficos, econômicos e históricos da comunidade em questão.

Para que o acadêmico desenvolva este projeto é necessário estudar sobre o trabalho com indicadores, sobre metodologias de trabalho comunitário, sobre políticas públicas e sobre comunicação assertiva com os gestores de políticas públicas. É preciso desenvolver sensibilidade para coletar informações e analisá-las de modo coerente com as especificidades do contexto da população. E ainda, por tratar-se de uma atividade desenvolvida em contexto rural, é preciso estudar sobre o contexto de ruralidades, modos de vida e subjetivação.

O desenvolvimento deste projeto representa à equipe da ESF a oportunidade de contar com um trabalho técnico de qualidade que sistematiza informações norteadoras ao trabalho cotidiano, o que não seria possível de ser desenvolvido sem o apoio do estágio em questão, visto que o município não dispõe nem de profissionais para isso nem se utiliza dessa ferramenta para gerir suas equipes.

A descentralização dos serviços de saúde mental representa a possibilidade de que algumas pessoas sejam atendidas sem necessitar deslocar-se do distrito rural até a cidade. Para este percurso os

moradores contam com o serviço de transporte público com horário bastante reduzido, de modo que, deslocar-se à cidade representa um dia fora de casa e também de ausência no trabalho. Facilmente entendemos que os casos de saúde mental que são de fato encaminhados são atendidos quando os sintomas que demandam atenção já estão se manifestando de um modo mais elevado. Casos como ansiedade e enurese noturna em crianças, por exemplo, tem acesso aos atendimentos quando o comprometimento da vida e saúde da criança já se encontram bastante avançados, visto que um membro da família precisaria acompanhá-la no deslocamento semanalmente para ser atendida em Psicologia Clínica por tempo indeterminado. O convênio de estágios permite que os moradores sejam atendidos sem a necessidade de todo este deslocamento.

Outro ponto interessante sobre este projeto é que os estagiários se aproximam da realidade onde estas pessoas vivem e assim tem a oportunidade de compreender melhor a vida cotidiana das pessoas que atendem. Considerando que a vida em contextos rurais tem especificidades, ir até o campo atender favorece a análise e compreensão das demandas que levam aos encaminhamentos.

Com relação ao trabalho grupal desenvolvido com os ACS, o planejamento das intervenções desenvolvidas é feito após uma caracterização do contexto de trabalho desses profissionais. Além de estudar as referências técnicas do Sistema Único de Saúde (SUS) sobre a atuação destes profissionais, os estagiários iniciam o trabalho se inserindo na rotina de trabalho dos ACS, acompanhando-os em visitas domiciliares e em atendimentos como grupos de gestantes, grupos de hipertensos, campanhas de vacinação e puericultura, por exemplo, como modo de conhecer a realidade de trabalho e planejar intervenções que se voltem à saúde mental destes trabalhadores de um modo crítico e contextualizado.

No caso deste grupo de profissionais, a maioria dos ACSs são moradores do próprio distrito, contratados mediante concurso público e com pouco investimento em capacitações para o melhor desempenho do trabalho. Isso recorrem em entendermos esses profissionais como moradores da comunidade e, assim, identificados com as demandas que a própria comunidade vivencia, vizinhos e, às vezes, amigos das pessoas que têm em sua área de referência e tendo

que atender demandas que, na maioria das vezes, coincidem com suas próprias demandas.

A oferta de atendimento grupal a estes trabalhadores representa a oportunidade de refletir sobre o trabalho, avançar em conhecimentos sobre o trabalho, criar espaço de troca entre os pares para partilha de dificuldades e outras vivências no trabalho e também representa a oportunidade para pensar e valorizar questões referentes à própria saúde mental.

Nestes parágrafos anteriores destacamos aspectos que entendemos como benefícios que a comunidade tem ao ser atendida por estes projetos. Mas, convém retomarmos que, como dito anteriormente, se trata de um caminho de mão dupla e que também os acadêmicos e a própria Psicologia se desenvolvem ao articular práticas como estas ao longo da formação profissional.

Para falarmos sobre a formação profissional em Psicologia é preciso retomarmos um pouquinho da história da Psicologia no país. Dimenstein (2010) e Dantas (2013) discutem sobre o modo como a Constituição Federal de 1988 impactou sobre o trabalho do Psicólogo e também sobre a necessidade de formação profissional condizente com uma nova realidade que despontava. A Psicologia foi introduzida no Brasil há mais de 60 anos como uma profissão que atendia os interesses das elites econômicas, de modo que este profissional atuava em espaços privados com atendimentos individualizados e com custos e métodos que atendiam apenas à elite do país. Além da clínica, os espaços de recrutamento e seleção profissional eram os espaços predominantes da Psicologia. E, em ambos, o papel do Psicólogo era o de auxiliar nos processos de padronização e adaptação dos indivíduos às demandas que a sociedade apreçoava (Dimenstein, 2010).

Com a promulgação da Constituição de 1988, novos espaços de trabalho foram abertos, uma vez que tal constituição previa a garantia de acesso a serviços de saúde, educação e assistência social viabilizadas por meio de políticas públicas. Para se concretizar essa premissa, foi preciso implantar serviços públicos com a contratação de profissionais, dentre eles psicólogos.

Diante desta demanda, a Psicologia passou a adentrar espaços públicos e assim deparar-se com demandas alinhadas com o con-

texto de vida da população brasileira. E, neste sentido, a formação até então oferecida pelas instituições formadoras não forneciam o aporte teórico metodológico necessário para formar profissionais que pudessem atuar de um modo comprometido e alinhado com as reais demandas da população (Dimenstein, 2010).

Essa situação evidenciou a necessidade de mudanças na formação e investimentos no sentido de buscar uma compreensão da realidade brasileira para assim ser possível construir uma Psicologia capaz de honrar com um compromisso social a favor da população que pretendia atender. Essa necessidade de alinhamento teórico e metodológico é bastante discutida por Martin-Baró (1996) e Lane (1984), ambos defendem em suas produções a necessidade de uma Psicologia que considere a história e a cultura do povo Latino Americano em vez de atuar na defesa de padrões de cientificidade desenvolvidos pela classe dominante. Martin-Baró (1996) criticou o que chamou de *mimetismo científico*, que seria a utilização de procedimentos profissionais pautados em uma visão de cientificidade como atrelada a padronizações positivistas implantadas em prol de um desenvolvimento de ordem social e desconsiderando as reais necessidades da população e as possibilidades de intervenção da Psicologia em si. Lane (1984), por sua vez, apontou o quanto a Psicologia estava distante da realidade brasileira ao desconsiderar índices de desigualdade, pobreza e exclusão social e atuar com diagnósticos que atribuíam aos indivíduos a responsabilidade por suas dificuldades e processo de adoecimento.

Falando especificamente sobre a atuação de psicólogos em contextos rurais, autores como Leite, Macedo e Dimenstein (2013) apontam para o quanto a população rural é desassistida de políticas públicas e o quanto é negligenciada em suas características subjetivas. Toda a história de êxodo rural vivida no Brasil desde o início do desenvolvimento industrial e dos grandes centros urbanos, é contada de modo que se entende que viver nas cidades é o que se tem como normalidade e, assim, a vida em contextos rurais é desvalorizada e desassistida. A relação do homem com o meio onde vive é colocado em segundo plano, frente às necessidades de investimentos que impulsionem o mercado agrícola lucrativo em detrimento das pessoas que encontram sentido em viver no campo.

No que diz respeito a formação do Psicólogo para atuar em contextos rurais, Leite, Macedo, e Dimenstein, (2013) apontam que a formação destes profissionais se ocupa predominantemente – ou quase exclusivamente – de aspectos urbanos relativos à formação e subjetividade humana, de modo que, para o psicólogo que atua em contextos rurais é bastante complexo atuar em uma realidade para qual não está preparado a olhar. E vale destacar que inclusive os programas transmitidos na televisão e notícias divulgadas em outras mídias também levam à população em geral a supervalorizar aspectos da vida urbana como se isso fosse o natural ao ser humano e, em consequência, a vida cotidiana que difere disso, passassem a ter menos valor.

Os cursos de Psicologia formam profissionais com discussões predominantemente urbanas sem considerar dados que cerca de 70% das cidades brasileiras têm menos de 20 mil habitantes (IBGE, 2016) e que conservam em suas rotinas características rurais (Lopes, Ferreira e Friedrich, 2018; Monteiro, 2015; Landini, 2015; e Cidade, 2008).

A experiência de formação profissional aqui relatada leva em consideração esta lacuna na formação profissional e pretende assim oferecer uma possibilidade de adentrar localidades não urbanas e desenvolver habilidades profissionais voltadas à capacidade de olhar de um modo mais sensível às necessidades da população atendida. O deslocamento até a zona rural para desenvolver as práticas é um desafio aos acadêmicos, o estabelecimento de relação com pessoas que vivem em um ambiente cultural tão específico é outro dos desafios. E podemos ainda enumerar ainda outros tantos, tanto de ordem epistemológica quanto metodológica.

Como refletir sobre o processo de cuidado de pessoas acometidas por transtornos mentais quando se vive no meio rural? Como vivem as crianças autistas? Como é engravidar e parir num local tão diferente daquele que conhecemos nos centros urbanos? Como as crianças brincam e se desenvolvem? Essas são questões que precisam ser refletidas e respondidas epistemologicamente para que um atendimento psicológico de qualidade possa ser oferecido.

Sobre os procedimentos de intervenção profissional, ficam também interrogações: como montar grupos com indivíduos que

moram tão distantes uns dos outros e que tem uma rotina de trabalho tão distinta daquela que esperamos de nossos “pacientes” urbanos? Como proceder com suporte familiar se desconhecemos a realidade das famílias que sobrevivem da agricultura familiar? Como atuar junto aos jovens que traficam e usam drogas, quando a vida em um vilarejo no campo é consumida pelo desemprego e pela desassistência de políticas públicas?

Ainda outros aspectos entram em questão: na relação mais direta com a natureza outros caminhos são percorridos para o tratamento da saúde: os chás, as simpatias, as tantas crenças que a Psicologia muitas vezes desconhece e precisa conhecer para poder atuar.

Neste sentido, consideramos que as experiências de formação profissional aqui relatadas contribuem para a inserção da Psicologia em questões referentes à vida em contextos rurais: oportuniza aos acadêmicos e professores o contato direto com a realidade e a busca por respostas epistemológica e metodologicamente coerentes com as demandas da população. Entendemos que estes acadêmicos, ao voltar para as salas de aula na universidade têm também a oportunidade de socializar essas experiências com os colegas e assim disseminar a ideia de que há realidades diferentes a serem consideradas. Por outro lado, consideramos também que este é um exercício bastante pontual e que, por isso, é um movimento muito tímido e que para ter o impacto necessário, precisaria ser inserido como conteúdo obrigatório no processo de formação. E, enquanto isso não acontece, continuamos desenvolvendo estratégias que permitam a melhoria na implantação de intervenções como estas.

## **Conclusão**

Conforme já dito anteriormente, por meio desta prática aqui relatada, oportuniza-se aos acadêmicos o estudo de temáticas relacionadas às ruralidades, o contato com a realidade dessas pessoas e a inserção de estagiários de Psicologia em equipes de trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS), do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e da Educação que atuam no meio rural. Desse modo, os acadêmicos são estimulados a estudar cientificamente a temática, observar rotinas de trabalho e desenvolver intervenções vivenciando, inclusive, práticas em equipes multiprofissionais.

Por sua vez, a população rural se beneficia ao ser atendida pelos projetos oferecidos sem a necessidade de deslocamento e com práticas que buscam estar contextualizadas com a realidade da própria comunidade rural.

Consideramos que esta ação permite que o tema das ruralidades seja levado à formação de Psicólogos e assim fomentar discussões que promovem debates e inquietações quanto à necessidade de maior aprofundamento sobre essa temática na formação profissional generalista. Além disso, a inserção de estagiários de Psicologia no SUS e no SUAS no meio rural conduz a uma ampliação da discussão teórico-epistemológica entre os profissionais que compõe as equipes de trabalho, uma vez que este aspecto é presente no plano de atuação dos estudantes de graduação.

Assim, entendemos que o desenvolvimento de estágios no meio rural é uma estratégia de formação voltada a formar profissionais com maior conhecimento da realidade de atuação profissional em municípios do interior do estado do Paraná.

## **Agradecimento**

Agradecemos a Universidade Paranaense – UNIPAR, pela oportunidade do desenvolvimento das práticas relatadas nesse trabalho e por viabilizar a participação das autoras no evento.

## **Referências**

Cidade, E. C., Mendonça, F. W. O., Nepomuceno, L. B., Soares, C., & Ximenes, V. M. (2008). Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação. *Psico*, 39, 456-464.

Dantas, C. M. B. (2013). *A ação do psicólogo na assistência social: interiorização da profissão e combate a pobreza* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2017). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018*. IBGE.

Landini, F. (2015). *Hacia una psicología rural latino-americana*. CLACSO.

Lane, S. T. M. A. (1984). Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In W. Codo, & S. T. M. Lane (Orgs.), *Psicologia Social: o homem em movimento*. Editora Brasiliense.

Lane, S. T. M. (1981). *O que é psicologia social*. Brasiliense.

Leite, J. F., Macedo, J. P. S., & Dimenstein, M. (2013). A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais. In J. Leite, & M. Dimenstein (Orgs.), *Psicologia e contextos rurais*. EDUFRN.

Lopes, E. M., Ferreira, C. R. C., & Friedrich, D. R. (2018). Psicologia e ruralidades: caminhos para um fazer psicológico transformador. *Psicol. Conoc. Soc.*, 8(1), 225-245.

Martin-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 7-27.

Monteiro, R. C. (2015). Educación y ruralidades contemporáneas. Aportes psicológicos para el debate. In F. Landini (Ed.), *Hacia una psicología rural latino-americana* (pp. 103-106). CLACSO.

# EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA: AS POTENCIALIDADES DAS INTERAÇÕES PSICOSSOCIAIS NA COMUNIDADE RURAL DE SARANDIRA

Conrado Pável de Oliveira  
Andressa Camila Lenz Sott  
Roberta de Castro Moreira  
Oetsia Vargas Smits  
Thamara Barbosa Teixeira Dias  
Vinicius Farage Silva  
Rafaella Carvalho de Souza

## **Introdução - ou alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho<sup>1</sup>**

O presente trabalho é fruto das interações psicossociais realizadas na comunidade rural de Sarandira, localizada no município de Juiz de Fora, Zona da Mata Mineira, Brasil, com enfoque nas potencialidades da articulação entre extensão, pesquisa e ensino no campo da Psicologia Comunitária. O projeto teve início em março de 2019 como um campo de estágio curricular em Psicologia Comunitária e se consolidou a partir do projeto de extensão<sup>2</sup> *Sarandirando: psicologia comunitária e ruralidades* realizado pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia).

## **Método**

Fundamentados teórico-metodologicamente na psicologia comunitária latino-americana (Martín-Baró, 2011) e na pesquisa participativa (Fals-Borda, 1986), construímos um relato de experiência que tem como objetivo um balanço e a sistematização de saberes e práticas construídas junto à comunidade rural de Sarandira. Utilizaremos, para tanto, a noção de interações psicossociais e algumas pistas dos caminhos metodológicos apontados por Calegare (2021) para a reflexão sobre a experiência.

1 Trecho da canção *Alguém me avisou* de Ivone Lara.

2 Para conhecer melhor os frutos do projeto Sarandirando ver Oliveira et al. (2019, 2020) e Rezende et al. (2021).

## Resultados

O início das práticas não se deu por demanda da própria comunidade e sim por desejo de se construir um espaço de relações proficuas para a formação em Psicologia comunitária em contextos rurais. Este ponto de partida é fundamental pois implica reconhecer um elemento fundamental de nossa cosmovisão enquanto docente e discentes de Psicologia, uma área de formação profissional e de saberes acadêmicos que historicamente pouco se atenta aos processos psicossociais emergentes em suas relações com as ruralidades. A seguir destacamos os principais elementos do processo de construção, ainda em desenvolvimento, das interatuações psicossociais na comunidade.

### **Interatuações psicossociais em Sarandira – ou o fruto bom dá no tempo<sup>3</sup>**

A partir dos contatos iniciais, observação participante, fortalecimento dos vínculos, construção de alianças e análise de necessidades e recursos, Oliveira et al. (2019) se propuseram inicialmente a compreender e fomentar a memória comunitária, a fim de fortalecer a identidade e o pertencimento. Neste primeiro momento, o trabalho foi pautado na atenção às tarefas urgentes propostas por Martín-Baró (2011) para a construção de uma Psicologia socialmente relevante – a recuperação da memória histórica, a desideologização da experiência cotidiana e o fortalecimento das virtudes populares. Prosear, ouvir causos, ou, recuperar a memória comunitária, além de um bom ponto de partida para a familiarização e construção dos vínculos, poderia, segundo uma primeira informante chave, contribuir no fortalecimento da autoestima dos comunitários.

A breve pesquisa documental sobre a história oficial de Sarandira – contada, em geral, pela perspectiva dos grandes latifundiários que se enriqueceram no auge do ciclo econômico do café - se contrastou nitidamente, já em uma primeira impressão, da história baseada na memória do cotidiano miúdo presente nas narrativas colhidas principalmente de mulheres idosas. De fato, para Darcy Ribeiro (2015), a história, na verdade das coisas, se passa nos quadros

---

<sup>3</sup> Trecho da canção Frutos da Terra, composição de Jurandy da Feira, encantadoramente interpretada por Renato Braz.

locais, como eventos que o povo recorda e a seu modo explica. É aí, dentro das linhas de crenças coparticipadas, de vontades coletivas abruptamente eriçadas que as coisas se dão (p. 201).

Sarandira - um distrito com características predominantemente rurais e com uma população estimada em 250 pessoas - traz as violentas marcas da colonização, especificamente do ciclo econômico do café, com o extermínio dos povos puri e coroados, a superexploração do trabalho escravizado e a devastação da Mata Atlântica (Foscarini Neto, 2008). De acordo com Sott et al. (2020), tais marcas persistem na constituição subjetiva das pessoas em Sarandira ainda hoje. Segundo os autores, o trabalho de recuperação da memória histórica, colhido nas narrativas de moradores, pode ser fator chave para a transformação da identidade, enraizamento e fomento da capacidade de agir e cuidar da comunidade. De fato, de acordo com Nascimento (2007), a memória comunitária, ou a oralidade histórica, é um poderoso instrumento de fortalecimento da coesão grupal.

Com esse ponto de partida, as interações psicossociais foram desenvolvendo-se de modo a acumular significativas vivências na relação entre agentes externos – pesquisadores, extensionistas, estudantes de psicologia – e agentes internos – moradores e pessoas que trabalham em Sarandira - em uma diversidade de frentes de atuação em curso: o aprofundamento das relações entre memória comunitária e identidade, as mobilizações comunitárias a partir das práticas culturais e, por fim, as experiências de saúde comunitária e práticas populares de cuidado.

Diante das condições sanitárias desencadeadas pela pandemia da COVID-19 e as necessárias medidas de isolamento social, tais interações foram construídas de maneira remota de março de 2020 a outubro de 2021. Se, a princípio, parecia-nos improvável a continuidade do trabalho, considerando a realidade e o perfil da maioria das pessoas com quem mais nos relacionamos - comunidade rural e mulheres idosas com pouco ou quase nenhum acesso à internet – a inventividade e criatividade expandiu diante dos desafios (Oliveira et al., 2020). Reinventaram-se práticas que fazem da tela do computador um instrumento de encontro entre pés que já sentiram e/ou ouviram a comunidade, por meio da criação do Mural de Memórias Afetivas de Sarandira<sup>4</sup> em uma plataforma virtual/interativa.

---

4 Para visitar e participar do mural: <https://padlet.com/AndressacLs/2kg99ebv89jhlf15>

Por outro lado, aquecemos os vínculos por meio de troca de cartas escritas à mão e objetos afetivos entre extensionistas e moradores da comunidade.

Tamanha inventividade permitiu o aprofundamento das reflexões em torno dos processos de enraizamento, dos espaços de sociabilidade e sua importância para as práticas populares de cuidado em saúde (Rezende et al., 2021). Percebemos, significativamente, a importância do trabalho miúdo, singelo e contínuo brilho no(s) olhar(es), quando retornamos as atividades presenciais a partir de outubro de 2022, seguindo todos os protocolos sanitários.

Uma estratégia contínua de fortalecimento de vínculos desde então é a participação como colaboradores em uma diversidade de ações culturais promovidas por lideranças na comunidade, como no ciclo de Residências Artísticas relacionadas à questão do patrimônio cultural e, principalmente, nas edições do Festival de Cinema Ambiental de Sarandira – SaranCINE – de forma remota em 2021 e presencial em 2022, promovidos pela Carabina Cultural<sup>5</sup>. Além disso, conviver regularmente e participar nos mutirões de organização dos festejos juninos entre outras celebrações como a festa da padroeira, fortalece a mobilização de redes comunitárias e os laços de confiança, como aponta também a experiencia de Calegare (2021).

No ano de 2022, realizamos rodas de conversa, escuta e troca de saberes pautadas na perspectiva da saúde comunitária, em parceria com a Unidade Básica de Saúde (UBS)<sup>6</sup>. Expressão potente de diálogo com a comunidade, a academia e as políticas públicas de saúde, que permite refletir sobre como o pertencimento na comunidade pode contribuir para a promoção de saúde e fortalecimento de práticas populares de cuidado.

Como mediador da articulação entre a memória, identidade e saúde comunitária, destacamos nosso encontro, a partir de publicação no Mural de Memórias Afetivas de Sarandira, com a história de dona Jovina - uma mulher preta, importante parteira, nascida em 1905 e falecida em 1992. Em pesquisa documental, descobrimos que há 14 anos houve a demanda, colocada em reunião itinerante da Câmara Municipal de Juiz de Fora, para homenagear Jovina, dando seu

5 Para conhecer mais: <https://www.carabinacultural.com.br/>

6 Para saber mais, ver o trabalho “Saúde Comunitária em Sarandira: Práticas Populares de Cuidado e suas Interfaces com as Ruralidades” também publicado neste volume.

nome para a UBS de Sarandira. A solicitação, porém, não teve dobramentos no poder legislativo e caiu no esquecimento da comunidade. Desde que descobrimos essa história, objetivando contribuir para a consolidação da identidade coletiva que emerge das práticas de cuidado, temos contribuído na mobilização da comunidade em torno da luta pela saúde comunitária (Sott et al., 2021).

No dia 23 de novembro de 2022, no marco do mês da consciência negra, como síntese e fruto da combinação entre todo esse processo de mobilização comunitária e articulações políticas com diversos atores, como o Movimento Negro Unificado (MNU), Conselho Municipal de Políticas de Igualdade Racial (COMPIR), Departamento de Memória e Patrimônio Cultural e Câmara Municipal de Juiz de Fora, foi realizada uma celebração de homenagem à memória de dona Jovina. Na ocasião, com forte aclamação popular, foi protocolado o projeto de lei para a denominação da UBS Aurélia Jovina do Amaral Santana. Evocar sua memória é contribuir na construção de um outro modelo de saúde, mais popular e comunitário, menos biomédico e psicologizante, ou, como sintetiza Zanella (2013), é convidar vozes sociais de variados tempos a reinventar o vivido e projetar cenários que quiçá possam vir a se concretizar. Memória do futuro, a balizar as escolhas no presente que ressignifica o que foi, condição para o que pode vir a ser (p.43).

## Discussão

A indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino é um princípio constitucional difícil de ser garantido no ensino superior, devido à pouca importância da extensão quando comparada à do ensino e pesquisa (Frutuoso, 2021). É candente, na atualidade, o desafio da construção com qualidade da curricularização da extensão<sup>7</sup>, para que, segundo Frutuoso (2021), a garantia das práticas extensionistas não seja uma mera formalidade acadêmica prevista em lei, e sim, a oportunidade para a concretização do princípio da indissociabilidade a partir de ações transformadoras da realidade.

A ênfase na extensão implica necessariamente na problematização e mudanças nas matrizes curriculares e projetos políticos

<sup>7</sup> Se expressa na obrigatoriedade, a partir de 2023, da inclusão de no mínimo 10% de carga horária de atividades de extensão nos cursos de graduação, previstas no Plano Nacional de Educação (2014-2024) e na Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 07 de 2018.

pedagógicos de cada curso de Psicologia. Pode, portanto, abrir uma janela histórica para a Psicologia Comunitária ocupar seu espaço devido na formação em Psicologia – tradicionalmente pautada na clínica. Um desafio importante é, de forma dialógica, sistemática e continuada, construir ações que rompam com atitudes messiânicas, mecanicistas, com ares de superioridade e de invasão cultural, tão presentes na extensão, como já denunciava Paulo Freire (1977).

Construir as ações extensionistas em Sarandira significa, portanto, promover espaços de encontro e fortalecimento da maneira de se relacionar com os outros e analisar o mundo a partir de outras miradas e, assim, fomentar a produção de conhecimento no diálogo entre o saber acadêmico e o popular.

### **Indissociabilidade da extensão, pesquisa e ensino na Psicologia Comunitária – ou o tudo é uma coisa só<sup>8</sup>**

O projeto de extensão Sarandirando, tem sido um terreno fértil e articulador de práticas de pesquisa e ensino em Psicologia Comunitária. Ainda que com as limitações da iniciação científica no nível da graduação em um centro universitário privado, importantes projetos de pesquisa vêm sendo produzidos relacionados aos temas memória, identidade e saúde comunitária. Destaca-se as apresentações de trabalhos em diferentes espaços, que permitiram tecer uma rede de troca de experiências, nos encontros regionais e nacionais da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), nos encontros do GT de Psicologia Comunitária da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) e, principalmente, nos congressos promovidos pela Rede Latino-americana de Psicologia Rural.

Produzir conhecimento em psicologia comunitária constitui uma linha tênue entre a relação implicada com a comunidade - o que possibilita um olhar agudo sobre a realidade – e um distanciamento objetivo que permite um olhar crítico para assim estranhar, perguntar, questionar a partir de outras perspectivas. Desafio imenso, que provoca a estar dentro e fora do contexto investigado, compartilhar as mesmas miradas e delas se distanciar, num movimento de “distanciamentos e retornos, em uma dança” (Zanella, 2013, p. 127).

---

8 Título da canção de Fernando Anitelli de O Teatro Mágico

Como lembra Paulo Freire (1977), pesquisar com rigor científico, nada tem a ver com uma suposta neutralidade de quem pesquisa, e sim com o desafio da experiência de movimento do pensamento, do questionamento, das inquietações aguçadas pela presença curiosa do sujeito face à realidade e transformadas em conhecimento crítico que conduz à ação e reinvenção da própria realidade.

Sarandira também se tornou espaço de vivência significativa no ensino de Psicologia Comunitária na graduação, por meio do campo de estágio específico supervisionado e na disciplina Psicologia e Práticas Comunitárias. Evoca-se, na sala de aula, reflexões sobre o trabalho concreto em Sarandira, materializando assim o aprofundamento da Psicologia Comunitária enquanto campo de saber. São construídas vivências de campo a partir de visitas de estudantes da disciplina na comunidade. A mediação das vivências é realizada pelo docente responsável, e equipe de extensionistas e estagiárias já experimentados sobre a necessidade de cuidado e zelo para preparar o encontro e trabalhar as expectativas envolvidas entre os agentes externos e internos. Ao fim da vivência é solicitado aos estudantes a elaboração de um diário de campo e, posteriormente, na sala de aula é realizada uma roda de conversa para a partilha das impressões e discussão.

Dessa forma, o ensino de Psicologia Comunitária é pautado no desafio de educar-se na prática da liberdade, para que todos e cada um possa ser mais, no encontro e movimentar das consciências, na apropriação de si e da realidade. De acordo com Paulo Freire (1977b), ao *ad-mirar* a realidade, o sujeito é capaz de objetivá-la, apreendendo-a como campo de sua ação e reflexão. É capaz de problematizar a sua relação com o mundo:

Chegamos por volta de 8h, no silêncio próprio do interior. O acesso a Sarandira é por estrada de chão. É importante perceber a geografia, a paisagem local, o verde é predominante, poucas casas, à direita por onde chegamos um campo de futebol, à esquerda uma fonte. Numa estaca à frente, algumas placas e uma que me chamou a atenção, dizia: cuide de Sarandira (nota de diário de campo<sup>9</sup>, 04 de junho de 2022).

---

<sup>9</sup> Diário de campo construído por um estudante como registro e reflexão sobre a vivência em Sarandira, parte da disciplina Psicologia Comunitária.

As vivências são experimentadas a partir de potentes e afetivos encontros, sem perder de vista a busca pelo rigor do exercício do pensamento. São consideradas como espaços mediadores em uma situação educativa: educador e educando assumem o papel de sujeitos cognoscentes, capazes de apreender a realidade e a si mesmos, suas contradições, paradoxos, problemas, lacunas, tarefas...: “Ao longo da caminhada se refletiu o apelo da placa. Cuidar pode indicar um zelo imediato, mas também um grito. Está ali, numa estaca, cravada naquele chão, no enraizamento daquela terra, o dito: cuide!” (nota de diário de campo, 04 de junho de 2022).

Diante de tais reflexões, a comunidade não deve ser entendida como um objeto de pesquisa, intervenção acadêmica ou de treinamento profissional, e sim como uma *comunidade sujeito* da produção de conhecimento e espaço vivo das relações e vivências construídas entre agentes internos e externos. Nesse sentido, numa relação dialética e contraditória, todos os sujeitos envolvidos são, por um lado, produzidos e atravessados por dimensões ideológicas que insistem em sustentar relações de dominação e, por outro lado, ativos, criativos e transformadores da realidade e de si mesmos.

Torna-se um desafio a construção de interatuações psicossociais capazes de catalisar e facilitar os processos de tomada de consciência que se transbordam na transformação de si e do outro, da formação em Psicologia Comunitária e da comunidade. Tais processos elaborados no âmbito da extensão, pesquisa e ensino em Psicologia Comunitária somente podem ser dimensões que possibilitem o aprofundamento os processos de tomada de consciência dos sujeitos envolvidos – agentes externos e internos, professores e estudantes, academia e comunidade – se forem consideradas em sua indissociabilidade e totalidade: *tem horas que a gente se pergunta, por que é que não se junta tudo numa coisa só?*<sup>10</sup>

## **Conclusão – ou viver é etcétera...**<sup>11</sup>

A busca pelo desenvolvimento das interatuações psicossociais em Sarandira, no diálogo entre os saberes e fazeres acadêmicos e populares, traz em si o compromisso de transformação da realidade.

---

10 Refrão da canção acima citada.

11 Aforismo presente na obra Grande Sertão: veredas, de João Guimarães Rosa.

Tanto a realidade da comunidade, o cotidiano das pessoas e suas relações, quanto a realidade da formação em Psicologia que historicamente enfatiza a clínica liberal e é marcadamente urbanocentrada ou, no mínimo, que desconsidera a vivência das pessoas em contextos rurais.

Sarandira esconde e revela um canto do Brasil profundo, ou dos brasis<sup>12</sup> profundos que merece, à maneira de Rolando Boldrin<sup>13</sup>, *ser tirado da gaveta*. É uma pequena comunidade incrustada nos mares de morros de Minas Gerais, uma expressão, um retrato<sup>14</sup> singular e diverso das mineiridades e brasilidades que formam nosso país e nossa gente. Sendo assim, para se construir como um *quefazer* necessário, a psicologia deve seguir atenta às subjetividades que se escondem e se revelam neste canto do mundo.

Segue vibrante a provocação de Darcy Ribeiro (2015): para entender o Brasil – o seu povo e seu destino - com toda profundidade, é preciso coragem de lavar os olhos para ver nossa realidade, perscrutá-la, examiná-la, para assumi-la como problema, como projeto, como tarefa. No ano em que comemoramos<sup>15</sup> os 60 anos da Psicologia no Brasil, convém fazer memória dos caminhos traçados, compromissos assumidos, seus saberes acumulados pelas pessoas que assumem a psicologia como ciência e como profissão. Cabe lembrar que a Psicologia não está pronta. Tampouco a psicologia comunitária. Ela é, portanto, fruto da ação humana, da cultura, e, como tal, uma tarefa histórica a ser realizada, continuamente, no gerúndio, e que nunca termina, por cada pessoa e grupo que se dedica a construí-la: “herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando a si próprio, discernindo, transcendendo” (Freire, 1977 b).

---

12 Expressão utilizada por Darcy Ribeiro (2015) para se referir à singularidade e diversidade da formação do povo brasileiro.

13 Artista de mão cheia que nos ensinou a amar mais a cultura popular brasileira, faleceu no dia 09 de novembro de 2022, enquanto redigíamos o presente texto.

14 Um exemplo marcante são os resultados das eleições presidenciais. Historicamente quem ganha em Minas, ganha no Brasil, estado que reflete, em sua diversidade, a cara do Brasil. Para saber mais: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/10/02/segundo-colegio-eleitoral-minas-gerais-e-retrato-do-brasil>

15 Muito mais do que festejar, comemorar é fazer memória em conjunto, imperativo ético que nos faz recordar nossas tarefas históricas.

Permanece atual o desafio da psicologia comunitária: com participação popular, promover interações psicossociais que apontam para a efetivação de transformações sociais, buscar saídas alternativas aos descaminhos impostos – tanto por uma psicologia e ciência hegemônica, despreocupada com as condições de vida de nossa gente, quanto pela realidade atual marcada por tantos retrocessos e desigualdades. E, assim, contribuir na construção de caminhos criativos de realização das potencialidades de nossa psicologia comunitária e de nossas comunidades.

## Agradecimento

Nossos agradecimentos ao UniAcademia, à Associação Carabina Cultural, à equipe da UBS Dona Jovina e à toda comunidade de Sarandira.

## Referências

Calegare, M. (2021). Processos e Interatuação Psicossocial. In M. Calegare, & A. S. C. Mezzalira (Orgs.), *Processos psicossociais vol.2: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política* (pp. 27-48). Alexsa Cultural; Edua.

Fals-Borda, O. (1986). *Conocimiento y poder popular: lecciones con campesinos de Nicaragua, México y Colombia* (2a ed). Siglo XXI.

Freire, P. (1977). *Extensão ou comunicação?* (3a ed). Paz e Terra.

Freire, P. (1977b). *Educação como prática da liberdade* (7a ed). Paz e Terra.

Foscarini Neto, P. (2008). *O Distrito de Sarandira: mudanças e permanências na paisagem*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11032010-153612/en.php>

Frutuoso, T. P. (2021). Curricularização da extensão e a concretização da indissociabilidade. *Cadernos de Extensão do Instituto Federal Fluminense*, 5, 22-30. <https://doi.org/10.19180/2447-8180.v5n2021p22-30>

Martín-Baró, I. (1989). *Sistema, grupo y poder: psicología social desde*

Martín-Baró, I. (2011). Para uma Psicologia da Libertação. In R. S. L. Guzzo, & F. Lacerda Jr. (Orgs.), *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (2a ed., pp.189-197). Alínea.

Nascimento, B. (2007). Kilombo e memória comunitária. In A. Ratts (Org.), *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento* (pp. 109-114). Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Kuanza.

Oliveira, C. P., Sott, A. C. L., Oliveira, L. M., & Soares, S. F. (2019). Psicologia comunitária em contextos rurais: identidade e memória coletiva na comunidade de Sarandira. In: Memorias del IV Encuentro Latinoamericano de Extensión y Desarrollo Rural y del III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural. Órgano Informativo de Extensión Fundación Universitaria Agraria de Colômbia. UNIAGRARIA. [https://www.uniagraria.edu.co/wp-content/uploads/2020/10/Revista-Encuentro-Latinoamer.-Extensión\\_compressed-1.pdf](https://www.uniagraria.edu.co/wp-content/uploads/2020/10/Revista-Encuentro-Latinoamer.-Extensión_compressed-1.pdf).

Oliveira, C.P., Sá, P. M. K., Sott, A. C. L., Smits, O. V., Afonso, G. D., Freitas, J. N. O., Faria, M. A., Batista, T. M., Dias, T. B. T., Santos, S. R., Piobelo, F. P., & Pereira, M. C. K. R. (2020). Sarandirando: expandindo os horizontes da psicologia comunitária em contextos rurais em tempos pandêmicos. *Analecta*, 6(3), 1-22. <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/view/2823>

Rezende, C. F. V., Zeloschi, F., Freitas, J. N. O., Braz, L.C., Faria, M. A., Moreira, R. C., Santos, S. R., Batista, T. M., Dias, T. B. T., Silva, V. F., Sott, A. C. L., & Oliveira, C. P. (2021). Enraizamento na comunidade de Sarandira: reflexões sobre um processo. *Analecta*, 7(2), 1-15. <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ANL/article/view/3099/2102>

Ribeiro, D. (2015). *O Brasil como problema* (2a ed.). Global.

Sott, A. C. L., Oliveira, C. P., & Mota, D. C. B (2020). Identidade e memória na comunidade rural de Sarandira: a dialética entre a extenuação e a lembrança-teimosia. *Cadernos de Psicologia*, 2(4), 349-373. <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2845>

Sott, A. C. L., Dias; T. B.T., Braz, L.C., Rezende; C. F. V., Batista, T.

M., & Moreira, R. C. (2021). Práticas em Psicologia Comunitária: o vicejar das memórias sobre o nascer em Sarandira. *Anais do XXII Encontro Regional da ABRAPSO Minas Gerais: produzindo vozes em tempos de necropolítica*. <https://eventos.congresse.me/encontroabrapso Minas 2021/resumos/17030.pdf?version=original>.

Zanella, A. V. (2013). *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. UFRGS.

# COMUNIDADE INDÍGENA PLURIÉTNICA SOL NASCENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Janaína Léia Passos Silva  
Marcelo Calegare

## Introdução

Este relato de experiência refere-se a um projeto de extensão executado por meio do Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE - proc. nº 053/2017 - 2) da Universidade Federal do Amazonas, durante o segundo semestre de 2017, realizado em um assentamento localizado em uma área de ocupação em Manaus, denominado Assentamento Indígena do Sol Nascente - conhecida como Comunidade Sol Nascente (CSN). Contemplou o tripé ensino (com atividades práticas da disciplina de Psicologia Social Comunitária), pesquisa (com projetos de iniciação científica e mestrado) e extensão (que relatamos ao longo deste texto).

A comunidade Sol Nascente, assim chamada pelos moradores, foi formada a partir de 2013, através da ocupação de um grupo de indígenas em uma Área de Preservação Permanente (APP), pertencente à Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade - SEMMAS. Por este motivo, é frequentemente citada como área de ocupação ou invasão. Localiza-se na zona norte da cidade de Manaus, no bairro Francisca Mendes II. A comunidade Sol Nascente é constituída como uma comunidade indígena, pluriétnica, composta por pessoas indígenas de 12 etnias (Apurinã, Baré, Desana, Kaixana, Kambeba, Kokama, Miranha, Munduruku, Mura, Sateré-Mawé, Tariano e Tukano) e também moradores não-indígenas. Desde 2014, eles contam com uma associação comunitária intitulada de Coordenação do Assentamento Povo Indígena do Sol Nascente (CAPISOL) (Ferreira, 2019).

Em 2017, a comunidade possuía asfalto somente em uma de suas entradas, as demais ruas e áreas eram compostas somente de barro. Apesar das casas, em sua maioria, ser construídas de alvenaria, havia muitas de madeira ou construídas com materiais diversos como plásticos, compensados ou materiais reutilizáveis. A associa-

ção comunitária (CAPISOL) lutava pela legalização da área enquanto Terra Indígena (TI). Em razão desta dificuldade de legalização, a comunidade carecia de infraestruturas básicas. As ligações de água e energia eram todas irregulares, não possuíam rede de esgoto, nem tratamento de água, e por ser uma área não mapeada, havia dificuldade para localizar o endereço. O que impedia, inclusive, a efetivação de atendimentos médicos por dispositivos de saúde próximos, justamente, por não estarem oficialmente na área de abrangência de atendimento. Isso ocorreu também referente às escolas. De acordo com a estimativa dos membros da associação comunitária, em 2018, residia 150 famílias na comunidade, totalizando 600 pessoas. Segundo os mesmos, os moradores indígenas somavam em torno de 400 pessoas, e os demais enquanto moradores não-indígenas (Ferreira, 2019).

Antes de seguir nosso relato de experiência, traremos uma breve reflexão a respeito dos povos indígenas no Brasil e no Amazonas e da formação deficitária em Psicologia para atender a esse público. Queremos, com isso, apontar a importância de projetos como este que desenvolvemos e salientar a necessidade de ampliarmos os horizontes da Psicologia segundo uma perspectiva latino-americana.

## **Dos Povos Indígenas e as Lacunas da Formação Deficiente em Psicologia**

Os povos indígenas no Brasil são marcados, fortemente, pela presença do colonialismo, inclusive nas políticas voltadas a eles. Entretanto, tem crescido cada vez mais o protagonismo indígena no campo político, mas apesar dos avanços alcançados, ainda enfrentam diversas dificuldades de efetivação de direitos básicos (Ferreira & Calegare, 2019). O Amazonas é um dos estados com maior número de indígenas, seja nas Terras Indígenas, municípios, comunidades ribeirinhas e no contexto da cidade (Estrada & Garcia, 2010). O processo migratório, em sua maioria, ocorre pela busca de melhoria na condição socioeconômica, além de tentativa de acesso às políticas de saúde, educação e alimento, além do motivo de conflitos por terra (Bernau, 2009).

Em relação às Políticas Públicas como saúde, educação e moradia, citamos um exemplo. A Política Nacional de Atenção à Saúde

dos Povos Indígenas ainda resiste ao diálogo entre as práticas de saúde ocidental e a tradicional dos povos, que considera um conjunto de práticas manuais e espirituais de formas específicas de bem viver e existir dos povos indígenas, saberes que resistem ao epistemicídio imposto pela colonização. A educação apesar de ter alcançado a elaboração de parâmetros curriculares próprios e formação de professores indígenas, também não possibilita a continuidade do ensino médio nos territórios, além de utilizar referenciais etnocêntricos nos processos de escolarização. Ademais, o Estado tem desconsiderado as questões de territorialidade, até se omitido: as terras indígenas têm sido alvo de extração de recursos naturais, como ocorre no garimpo ilegal, implicando em disputas violentas (Ferreira & Calegare, 2019).

Dito isto, o processo de migração envolve diversos fatores multifatoriais, embora indígenas tenham migrado em busca de melhores condições de vida, enfrentam na cidade invisibilização, estigmas e estereótipos, vivenciado um forte processo de exclusão social, além da dificuldade no acesso as políticas públicas também no contexto da cidade, condições impostas que corroboram na dificuldade de assumirem a própria identidade étnica. Em Manaus, esses povos têm ocupado as áreas mais pobres da cidade, como é o caso do Assentamento Sol Nascente, marcada também pelas desigualdades sociais, vivenciando o desamparo legal em relação à população manauara, pois não existem políticas públicas que contemplem às especificidades dos indígenas em contexto citadino (Ferreira & Calegare, 2019).

Em contrapartida, mobilizações construídas em conjunto fortalecem a luta por garantia de direitos, mas a participação está atrelada à identidade coletiva e sentimento de pertença, dimensões complexas, mas fundamental para a participação nas atividades comunitárias. A identidade coletiva envolve a inter-relação de aspectos cognitivos (noção de pertencimento, história pessoal e objetivos grupais), emocionais (noção de sentimentos em relação ao grupo) e interativos (relações sociais, antagonismos, conflitos, convergências e negociações de interesses) (Calegare & Higuchi, 2016).

No Amazonas, são necessários mais estudos voltados aos indígenas no contexto citadino, bem como é necessário ampliar tais discussões no âmbito da Psicologia, visibilizando estas problemáticas e contribuindo para a desconstrução de estereótipos e estigmas em

relação à realidade dos povos indígenas nesses contextos, ressaltando as construções das políticas públicas específicas para eles.

A Psicologia tem tido a mínima representatividade nos estudos envolvendo indígenas em contextos de cidade, além de pouca produção direcionada às especificidades étnicas indígenas do Amazonas. Salientamos a necessidade de ampliar os debates de pesquisa e atuação voltados para as populações indígenas em Manaus (Ferreira, 2019).

A Psicologia Social considera a psiquê (nossa interioridade), própria e individual, e o social, grupal e/ou coletivo de forma indissociável, pois a existência se dá na relação com o outro (Calegare, 2021). Para os povos indígenas, essa integração psicossocial envolve também a cosmologia de ser e viver no mundo com seres materiais e imateriais, a integração com o território e o pertencimento coletivo. Para integrar os saberes acadêmicos aos indígenas, é fundamental se alinhar às produções das chamadas Epistemologias do Sul, que contribuem para compreender os processos psicossociais de forma integral, considerando as dimensões biológicas, históricas, culturais, espirituais etc.

Os estudos pós-coloniais realizaram avanços teóricos na compreensão das opressões e discriminações que cercam as diferenças socioculturais decorrentes do processo colonialista. No entanto, há uma diferença significativa demarcada entre a vasta produção de pensamento que mantém os modelos econômicos atuais e os discursos das minorias étnico-político-culturais (Ferreira et al., 2019). Por isso, urge a importância do conhecimento das epistemologias latino-americanas, não se trata de se desfazer dos conhecimentos americanos ou europeus, mas sim considerar a multiplicidade de correntes epistemológicas oriundas de outros contextos e que caracterizem a Psicologia Social na América Latina como fundamental nos currículos das Universidades (Calegare & Tamboril, 2017).

O curso de Psicologia na Universidade Federal do Amazonas ainda é realizado, em sua maioria, por pessoas de classes mais elitistas, apesar das políticas afirmativas de cotas (Torres, 2021). Atuar em nossas realidades rurais ou urbanas, especificamente com comunidades indígenas, implica em se movimentar para superar antigas dicotomias, possibilitando a libertação da própria psicologia e cons-

trução de novas epistemologias (Martín-Baró, 2011). É importante ampliar as discussões e atuações sobre essas realidades, ultrapassando os muros da Universidade, democratizando os conhecimentos às populações de forma concreta, construídos horizontalmente, para além de pesquisas, valorizando também a extensão, esse relato pretende colaborar para a reflexão de uma psicologia mais crítica aqui no Amazonas.

## **Do Proceder do Projeto de Extensão**

Para execução do projeto, adotamos a perspectiva metodológica da pesquisa-ação participativa (PAP), pela qual realizamos: familiaridade com o cotidiano dos moradores da comunidade; levantamos as problemáticas que assolavam a comunidade; elegemos estratégias de enfrentamento construídas em conjunto; realizamos uma ação decidida conjuntamente enquanto processo de conscientização.

Utilizou-se essa metodologia para superar a hierarquia entre pesquisador e pesquisados, integrando teoria e prática através da articulação entre pesquisa e extensão. Assim, visamos ao engajamento dos agentes internos e externos, aliando saberes considerados científicos aos populares para a resolução de problemáticas ou promoção de potencialidades, tendo como protagonistas os próprios moradores da Comunidade Sol Nascente (Góis, 2005).

Um aspecto importante nessa metodologia é a atuação colaborativa entre agentes internos e externos, decorrente da relação de conscientização mútua, respeitando as múltiplas dimensões da vida cotidiana que abarcam problemáticas e potencialidades coletivas, resultando em ações conjuntas para a promoção do bem viver coletivo, partindo dos saberes locais que considerem as especificidades de ser e viver das comunidades (Calegare, 2021).

As visitas à comunidade foram realizadas semanalmente, utilizando-se de conversas informais, reuniões com as lideranças e encontros com os moradores da comunidade. Após alguns encontros de familiarização, passamos a levantar as problemáticas trazidas pelos moradores e então elegemos coletivamente quais iríamos trabalhar. Feita a eleição do problema, elaboramos em conjunto um plano de ação e o colocamos em execução, como relatado a seguir.

## **Dos Problemas Enfrentados na Comunidade e a Busca de Soluções**

Diante das problemáticas e desafios enfrentados pelos comunitários estavam: o descaso do poder público expresso na falta de saneamento básico, também irregularidades nos serviços de abastecimento de água e energia elétrica; tráfico de drogas; uso excessivo de álcool e outras drogas; preconceito e discriminação da população circundante em relação à ocupação e à cultura indígena, principalmente, relacionados aos rituais tradicionais; dificuldade de acesso a unidades básicas de saúde nas proximidades; divergências entre indígenas e não indígenas em relação a demarcação ou não da terra; violência doméstica; desentendimentos com igrejas locais (Calegare et al., 2018). Outrossim, também expressaram resistência à autoidentificação indígena; dificuldade no ensino da língua materna (Ferreira et al., 2019).

Não obstante a isso, também houve relatos sobre a dificuldade de comunicação entre as etnias indígenas e não indígenas por diversos fatores, como divergência de interesses em relação a regularização do território, ou divisões entre as lideranças, o que dificultava o diálogo e fortalecimento entre os moradores. Outro aspecto consistiu na presença de instituições religiosas protestantes no local, segundo eles, isso implicou na diminuição na frequência dos rituais indígenas e pouca participação comunitária. Como também percebemos a dificuldade na comunicação, sendo que, eles apontaram o distanciamento das práticas culturais indígena como prioridades de problemática, pois segundo o cacique, a negação da identidade se inicia com a retirada das práticas indígenas tradicionais, como forma de separação (Ferreira et al., 2019).

Através da negociação entre agentes internos e externos, foi acordado trabalhar juntos uma problemática ao nosso alcance. Os apontamentos feitos pelos agentes internos foram em relação a melhoria no processo de comunicação, assim, eles passaram a utilizar recursos como mensagens de texto, grupos virtuais e a rádio comunitária para melhorar a comunicação. Como resultado da ação conjunta, os indígenas propuseram um encontro festivo comunitário, com danças e comida da cultura indígena, convidando outros parentes indígenas, com a finalidade de fortalecer as redes comunitárias e a presença indígena entre os moradores.

O encontro festivo, para eles, objetivou também chamar atenção das autoridades para os problemas da comunidade, beneficiando indígenas e não indígenas, estes compreenderam a importância do evento e participaram. O evento realizado na “Tenda” reuniu parentes de diferentes localidades, demonstrando solidariedade entre os povos, as comunidades Bayaruá e Waruna Kokama apresentaram cantos e danças rituais. Durante a manhã houve atividades com as crianças e à tarde, comida típica feita pelos comunitários indígenas, com caxiri e rapé, os materiais foram financiados pelo Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento (Ferreira et al., 2019).

Há busca por melhorias para a comunidade Sol Nascente, no entanto, a regularização do território, demarcada, gerou embates porque uns acreditavam que a partir da regularização seriam proprietários dos seus terrenos, enquanto outros que não são do mesmo grupo étnico, ou não se reconhecem como indígenas, apresentaram o receio da perda de moradia. Outro aspecto interessante sobre a relação com o território, integra que os líderes indígenas residentes preferem manter a florestalidade, considerada por eles natureza viva e relacional, integralidade entre a floresta, rios e terras, enquanto os não-indígenas compram os terrenos e desmatam (Calegare et al., 2018).

Nós agentes externos fomos convidados a integrar as danças em círculos, rituais e alguns receberam o rapé do cacique. Para os indígenas este possui propriedades medicinais e místicas, muitas vezes usado em rituais de cura integral do corpo. Para mim (autora deste texto), foi um sentido particular compartilhado, propiciando a melhoria dos meus sentidos vitais. Toda a construção do projeto, os diálogos trocados, me afetaram de forma única, possibilitando transformações. Há paradigmas na psicologia que reforçam o mito da neutralidade, trabalhar com as comunidades indígenas requer sim suspensão de juízos de valor, mas o nosso fazer é social e político. A linguagem e o pensamento se expressam a partir da emoção, aspecto constitutivo da subjetividade social que produz significados e sentidos através das relações (Rey, 2003).

Consideramos que esse encontro festivo serviu para propiciar um espaço de união entre os comunitários, favorecendo o fortalecimento da identidade indígena e pertencimento coletivo. As lide-

ranças citaram a dificuldade no ensino da língua materna, apesar do genocídio linguístico forçado pela colonização, ainda é presente nos cantos, danças e rituais as cosmologias indígenas. Para as populações indígenas a educação tradicional, ponte que interliga a ancestralidade, envolve o corpo (material) e espírito (imaterial) de forma indissociável, o aprendizado pode ser adquirido através da dança, escuta dos mais velhos, na relação com a mata e a terra, bem como outros elementos presentes em seus próprios ritos e mitos. De modo que o conhecimento ancestral atravessa o tempo a partir da memória e dos lugares de resistências desta (Biazi & Padilha, 2021).

Assim sendo, os aspectos mencionados em relação à identidade e pertencimento são considerados complexos e pluridimensionais, salientando-se a importância de refletirmos e aprofundarmos sobre as realidades comunitárias de indígenas no contexto das cidades. Insta salientar a importância da Universidade ser presente no cotidiano da vida comunitária não somente através da pesquisa, mas também da extensão. De modo particular, que o fazer da Psicologia, nas diversas formas de atuação, tenha por referência as Epistemologias no Sul.

## **Conclusões**

O projeto de extensão contribuiu para esclarecer os motivos de conflitos intracomunitários, construindo possibilidades que favorecesse a convivência mais harmoniosa e respeitosa entre os moradores, onde puderam articular entre eles possibilidades de melhorias e construir estratégias de mudanças das problemáticas. Consideramos também que os eventos comunitários propiciam a valorização de suas práticas culturais no contexto da cidade e a participação nas reuniões coletivas reforça as lutas políticas pela garantia de direitos. No entanto, há divisões que permanecem entre as etnias que estão relacionadas a fatores sócio-históricos e culturais entre estas.

Buscamos encontrar na atuação conjunta entre nós universitários e os moradores um caminho de contribuição significativa para a melhoria de problemáticas e/ou promoção de potencialidades na comunidade Sol Nascente. Apontamos as necessidades de transformação nas políticas públicas, para que atendam, concretamente, às necessidades das populações indígenas, reconhecendo e valorizando suas formas de ser e estar no mundo.

## Agradecimentos

Agradecemos ao povo indígena da Comunidade Sol Nascente pela parceria neste trabalho. E à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Amazonas, pela verba concedida ao projeto.

## Referências

Bernal, R. J. (2009). *Índios Urbanos: processos de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus*. Edua.

Biazi, A. A. B. P., & Padilha, J. B. (2021). Corpo território: o conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang. *Cadernos Nauti*, 10(19), 199-221. <https://nauti.ufsc.br/cadernos-naui/edicoes-anteriores/cadernos-naui-edicoesanteriores-vol-10-n-19-jul-dez-2021/>

Calegare, M. G. A., & Tamboril, M. I. B. (2017). Formação, atuação e produção do conhecimento em Psicologia Social na Amazônia Brasileira: Retalhos da nossa história. *Textos e Debates*, 1(31), 11-31. <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v1i31.4254>

Estrada, A.V., & Garcia, K. L. (2016). La comunidad sin fronteras. Lengua e identidade entre losñãño-urbanos de La ciudad de Querétaro. *Gazeta de Antropología*, 32(1). <http://www.gazeta-antropologia.es/?p=4846>

Ferreira, M. S. (2019). *Indígenas em contexto de cidade: um estudo sobre o processo psicopolítico das dimensões da identidade coletiva em moradores da Comunidade Sol Nascente* [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal do Amazonas.

Ferreira, M. S., & Calegare, M. G. A. (2019). Presenças indígenas nas cidades: não reconhecimento de direitos e breves apontamentos psicopolíticos. In M. I. B. Tamboril, M. I. Lima, & A. L. M. Neves (Orgs.), *Psicologia Social na Amazônia: Reticulando potencialidades e desafios* (pp.74-95). Editora Abrapso.

Ferreira, M. dos S., Calegare, M. G. A., Sampaio, C. R. B., & Clennon, O. D. (2019). Re-Encountering traditional Indigenous activities through a psychosocial intervention in Sunrise community. *Revista Interamericana De Psicología/Interamerican Journal of Psychology*,

53(3), 364–379. <https://doi.org/10.30849/rip/ijp.v53i3.1162>

Góis, C. W. L. (2005). *Psicologia Comunitária: atividade e consciência*. Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais.

Lemos, C.T. (2021). *Migração nos “caminhos de rios”: juventude, resistência e formação universitária na região amazônica* [Mestrado em Psicologia]. Universidade Federal do Amazonas.

Lopes, K. P., Calegare, M., & Ferreira, M. (2018/01/25). *Sentimento de pertença e sua relação*

*com a participação social em lutas por comunitárias em um assentamento indígena citadino*. (Resumo). 13º Congresso Internacional da Rede Unida. <http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/13CRU/13CRU/paper/view/3258>

Martín-Baró, I. (2011). Para uma Psicologia da Libertação. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Júnior (Orgs.), *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (2ª ed., pp. 101-120). Editora Alínea.

Rey, F. L. G (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Pioneira Thomsom Learning.

# PROJETO AGRICULTORAS EM AÇÃO: INTERVENÇÕES NA REGIÃO NOROESTE DO RS

Luthiane Pisoni Godoy  
Lissandra Baggio  
Cléia dos Santos Moraes  
Bruna da Rosa Ramos

## Introdução

O projeto Agricultoras em ação é um projeto da Sociedade Educacional Três de Maio - SETREM, desenvolvido pelos cursos de Psicologia, Agronomia e Técnico em Comunicação Visual, e tem por objetivo despertar o empoderamento da mulher agricultora e a valorização de seu papel social. A realização do projeto se dá em parceria com várias instituições da comunidade que as mulheres participam.

O projeto existe desde o ano de 2016 e até o momento já atendeu aproximadamente 286 agricultoras. A idealização do projeto nasceu no Núcleo de Projetos Psicossociais à Comunidade do Serviço Clínica Escola de Psicologia – SERCEPS. Sob a orientação da prof. Lissandra Baggio, acadêmicos da faculdade de psicologia fizeram um levantamento de informações sobre saúde, doença mental, condições de trabalho feminino no meio rural, qualidade de vida e expectativas das mulheres agricultoras para estruturar as ações a serem desenvolvidas com as participantes. A descrição mais detalhada da origem do projeto e das primeiras oficinas desenvolvidas foram apresentadas e estão descritas nos anais do IV Encuentro Latinoamericano de Extensión y Desarrollo Rural e III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, em 2019 (Nejelski et al., 2019)

O presente artigo busca compartilhar as experiências, vivências e intervenções realizadas no Projeto Agricultoras em Ação, durante o período de 2017 a 2022 com diversos grupos de agricultoras em municípios na região noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil.

## Método

Trata-se de um relato de experiência das autoras na condução das atividades do Projeto Agricultoras em Ação. As atividades

do projeto são constituídas por rodas de conversa e atividades com docentes e estudantes dos cursos de psicologia, agronomia e comunicação visual da Faculdade SETREM em parceria com instituições da comunidade.

O desenvolvimento do projeto se inicia com o contato com a instituição parceira do município. São os parceiros: cooperativas, sindicatos de trabalhadores rurais, que conhecem as agricultoras do seu município e são eles que fazem o primeiro contato e convite para a mulher participar. Após o aceite em participar são organizados os encontros com todo o grupo de mulheres, que podem ser de comunidades diferentes do mesmo município. Ao todo são desenvolvidos 10 encontros com cada grupo. Cada encontro tem uma metodologia e temática diferente. As atividades se dão em formato de roda de conversa e vivências práticas. Um dos encontros proporciona às participantes a realização de um book fotográfico, com alunos do curso técnico em comunicação visual.

## **Participantes**

Participaram das intervenções 286 mulheres rurais de diferentes cidades da região noroeste do Rio Grande do Sul. As participantes, que moram no meio rural e são agricultoras, com idade acima de 20 anos. As integrantes foram convidadas a participar do projeto a partir da indicação da instituição parceira do seu município.

## **Resultados**

Em um ambiente acolhedor, que possibilitou o sigilo necessário para o primeiro encontro, as mulheres foram recebidas. Buscou-se trabalhar os estabelecimentos de objetivos comuns para a formação do grupo, pois algumas participantes podem até se conhecer, mas ainda não está formada a parceria, a confiança mútua e o estabelecimento de objetivos. Procurou-se apresentar de maneira geral os objetivos do projeto e, concomitante, verificar as demandas latentes. Cada grupo formado é desenvolvido para que seja único e que venha ao encontro das necessidades, sonhos, desejos e anseios trazidos pelas participantes. De acordo com Zimeramn (1993), muitos requisitos caracterizam um grupo, tais como, ter um objetivo em comum, um setting, um coordenador, entre outras e principal-

mente a “a transformação de ‘interesses comuns’ para ‘interesses em comum” (p.52).

A mulher rural é responsável pela limpeza e organização da casa e do trabalho na lavoura, ou na ordenhadeira, ou ainda com pequenos animais. Trabalha, mas seu fazer fica invisível, na maior parte das vezes, isso traz consequências na saúde emocional e física. Estudos apontam (Lopes & Langbecker, 2018) a divisão sexual do trabalho no meio rural de forma desigual e, não somente no trabalho, mas em contextos sociais e relacionais. Culturalmente a mulher rural é vista como a detentora dos deveres do lar e o homem, como provedor e trabalhador do campo, demonstrando uma dificuldade de reconhecer a mulher rural como sujeito produtivo, além do mais, desempenhando atividades consideradas masculinas.

Entretanto, acompanham-se atualmente algumas transformações econômicas, político-sociais e familiares, que vem se apresentando como mudança e adaptação nas configurações das unidades produtivas no espaço e tempo (Matte et al., 2014), mulheres rurais vêm protagonizando e conquistando espaços, abrindo caminhos e sendo vistas e ouvidas. Entende-se que a construção do novo papel feminino ainda está em processo dentro do meio rural. O papel feminino está deixando de ser somente da dona de casa para ter seu lugar e seu papel enquanto produtora de alimentos, produtora de trabalho e renda (Staduto et al., 2015). Nesse sentido o projeto inclui oficina de ergonomia do trabalho rural, cooperativismo, e reflexão do papel que cada uma ocupa no desenvolvimento da sua propriedade e comunidade em geral.

O projeto busca a valorização da profissão agricultora. Cabe ressaltar que, em depoimentos as agricultoras que já participaram do projeto relatam a melhoria das relações pessoais e familiares sendo que, em alguns casos houve relato de redução ou até finalização do uso de remédios psiquiátricos. Em outro relato, uma agricultora revelou ter conseguido superar o luto de seu filho e retomar suas atividades profissionais, o que demonstra a potencialidade desse tipo de atividade para a melhoria das condições de vida das agricultoras.

Outras situações que o projeto evidenciou e auxiliou, foram em casos de violência contra a mulher, suporte e apoio emocional para vítimas, por exemplo. Também, problemas de autoestima são

muito trabalhados nos encontros e, entende-se que a vivência do book fotográfico, com maquiagem e roupas emprestadas por lojas parceiras contribuem também para que a mulher rural se sinta mais potente. Uma das participantes relatou que não se sentia “alguém” quando ia pra a cidade, que as outras pessoas sempre eram melhores e, após participar do projeto, começou a sentir que poderia “erguer sua cabeça” e olhar as outras pessoas como iguais, pois ela, mesmo sendo agricultora, morando mais longe, tinha seu valor e era importante.

No desenvolvimento das oficinas, professores dos cursos coordenam as temáticas de discussão, cada um na sua área de conhecimento. Como informado, é realizado um book fotográfico que conta com o apoio de lojas, na cedência de roupas e salões de beleza que preparam as beneficiárias para a realização das fotos. Ao final das atividades é realizado um evento de encerramento, em que participam suas famílias, no qual as agricultoras protagonizam um desfile de modas.

A potencialidade do projeto é visualizada quando os papéis das mulheres participantes passam a mudar no seu cotidiano. Segundo Quirino e Guimarães (2017) a opressão da mulher não passa somente o campo da biologia, mas encontra-se na história, na cultura, possibilitando a visibilidade da superação da mulher ao longo dos anos. A educação das meninas no campo se constitui de maneira dividida, as mães educam as meninas para determinadas funções, por exemplo, os afazeres da casa, cuidado dos filhos, preparo da horta e do jardim, raramente é incentivada a discutir política, a produção econômica e a negociação e o comércio da produção da propriedade onde vive. É possível perceber que, a partir da inclusão e vivência do projeto, as mulheres compreendem que seus papéis não são somente aqueles que lhes foram ensinados ao longo da vida, como os autores nos mostram, mas sim, que podem ampliá-los, empoderar-se de suas capacidades e agirem de forma mais potente e ativa, estabelecendo limites nas relações conjugais e familiares, distribuindo tarefas, cuidando mais de si, tendo autoconhecimento e melhorando sua qualidade de vida.

Tem destaque a atuação dos discentes dos cursos que acompanham e tem um papel fundamental na relação com as participantes.

Esse envolvimento oportuniza a vivência profissional ao estudante, colocando em prática o conhecimento teórico visto em sala de aula. Essa vivência de extensão se torna evidente no curso de comunicação visual, pois para abordar a beleza da mulher agricultora e da vida no meio rural são realizadas sessões de fotografia. As mulheres aprendem a direcionar o seu olhar para as belezas ao seu redor e assim valorizar cada detalhe, que antes passava despercebido, através da oficina de fotografia. No curso de psicologia, os alunos entram em contato e acompanham os professores no trabalho com as temáticas sensíveis para as mulheres, como a violência, transtornos psiquiátricos, dificuldades familiares, problemas de autoestima, entre outros. O vínculo criado entre as mulheres e os alunos proporciona um treino do seu papel profissional. O envolvimento dos acadêmicos pode ser testemunhado a partir do interesse dos mesmos pelo tema, desenvolvendo pesquisas de trabalho de conclusão de curso, por exemplo, e iniciativas de participar mais dos encontros bem como do encontro de finalização, onde as próprias mulheres agradecem aos acadêmicos, reforçando a importância do seu papel.

## **Discussão**

O avanço na contextualização de gênero na sociedade se mostra efetivamente no alcance de reconhecimento do papel das mulheres nas mais diversas atividades que são desempenhadas no âmbito de uma sociedade. No meio rural, as mulheres desempenham um papel fundamental e que, muitas vezes, passa despercebido ou é desvalorizado. Isso se dá muitas vezes pelas diferenças de gênero existentes, onde historicamente homens são provedores e, mulheres, cumprem seu papel de gerar os filhos e cuidar da casa, contudo, sabe-se que o papel da mulher vai além. Beauvoir (1967) já enfatizava a proporção do trabalho da mulher:

É pelo trabalho doméstico que a mulher realiza a apropriação de seu “ninho”; eis por que, mesmo quando “se faz ajudar”, quer pôr a mão na massa; vigiando, controlando, criticando, ela se esforça por tornar seus os resultados obtidos pelos servidores. Da administração de sua residência, tira sua justificação social; sua tarefa é também atentar para a alimentação, as roupas, e de uma maneira geral para a manutenção da sociedade familiar. Assim se realiza, ela também,

como uma atividade. Mas trata-se, vamos vê-lo, de uma atividade que não a arranca de sua imanência, que não lhe permite uma afirmação singular de si própria (p. 197).

A elaboração de políticas públicas se mostra importante para que ainda seja possível avançar mais nessa temática, haja vista que ainda existem números alarmantes no tocante à violência contra mulher e mesmo de feminicídio. Ressalta-se ainda que são poucos os estudos que se voltam para a situação de gênero no meio rural o que dificulta o diagnóstico adequado da situação das mulheres nesse contexto que possui particularidades nos contextos social, familiar e laboral.

Destaca-se, nesse contexto, a múltipla jornada de trabalho assumida pela mulher do meio rural, que passa o dia todo na lavoura, no fim da tarde retorna ao lar assumindo os afazeres da casa e os cuidados com os familiares e, na maioria dos casos, ainda se dedica aos movimentos sociais e a trabalhos comunitários (Quirino & Guimarães, 2017, s.p).

Sabe-se ainda que a singularidade de cultura, bem como aspectos sociais e econômicos, no meio rural, se torna fator constituintes da problemática da violência contra a mulher, bem como de sua identidade enquanto agricultora. Costa et al. (2015) ressaltam ainda que a violência de gênero se caracteriza por ocorrer em um ambiente de desigualdades de gênero que se sustentam a partir de uma matriz hegemônica de disputa simbólicas e materiais entre masculinidade e feminilidade.

As regiões em que o projeto atua possuem sua economia baseada nas atividades agropecuárias e, como tal, são constituídas por características próprias de comunidades rurais em sua complexa organização social. A atividade leiteira também se sobressai entre os municípios que compõem essa região e, portanto, é possível encontrar nas unidades de produção agropecuária o grande empenho da mão de obra de mulheres para o desenvolvimento dessas atividades. Segundo Staduto et al. (2015), nos últimos 40 anos a mobilização das mulheres na busca por seus direitos vem aumentando. Em um mundo onde regras masculinas são impostas, onde a inferioridade feminina é exposta em práticas sociais, leis e instituições, bem como nos espaços familiares, é contra isso que as mulheres passam a lutar.

As possibilidades que o projeto abre na vida das mulheres participantes pode ser justificada a partir de conclusões da própria literatura:

No que se refere ao lazer para as mulheres, podemos observar que a rede das relações sociais está muito mais restrita do que as relações experimentadas e vivenciadas pelos homens. A pouca representatividade das mulheres nos contextos públicos possui relação direta com as normatizações estabelecidas desde crianças. Para Stropasolas (2004), as mulheres rurais, após o casamento, possuem menor acesso ao lazer, comparando com seus maridos. Além disso, segundo Aguiar e Stropasolas (2010, p. 164), “são as moças quem mais se ressentem da falta de lazer no meio rural. Via de regra, são os jovens homens quem têm acesso a formas mais variadas de lazer e maior autonomia para sair em busca de diversão” (Schneider et al., 2020, p. 250).

O projeto agricultoras em ação, ao evidenciar as potencialidades das mulheres, permitir que elas trabalhem terapêuticamente suas dores e dificuldades, se vejam e se sintam bonitas e empoderadas, faz com que elas acessem o lazer, a felicidade e, também, sintam-se parte e pertencentes à um grupo que as acolhe e as reconhece.

## **Conclusão**

A relevância desse projeto não atinge somente as mulheres, mas também seus contextos familiares e sociais, buscando uma melhor qualidade de vida, potencializando suas relações, promovendo saúde mental e física, além da experiência da psicoeducação e da valorização e melhor autoestima destas mulheres que tanto são invisibilizadas nos locais onde vivem e trabalham.

Nesse contexto, se justificam ações de pesquisa e extensão que possam dar conta do levantamento e sistematização de informações que possam efetivamente colaborar com a efetivação de políticas públicas, programas e ações por diversas instituições a fim de colaborar com melhoria das condições de gênero nas sociedades rurais.

Com a execução deste projeto é possível perceber como mulheres rurais vêm protagonizando e conquistando espaços, abrindo caminhos e sendo vistas e ouvidas. Entende-se que a construção do novo papel feminino ainda está em processo dentro do meio rural.

O papel feminino está deixando de ser somente da dona de casa para ter seu lugar e seu papel enquanto produtora de alimentos, produtora de trabalho e renda.

As atividades do projeto que são constituídas de rodas de conversa e atividades com docentes e estudantes dos cursos de psicologia, agronomia e comunicação visual da Faculdade SETREM em parceria com instituições da comunidade trazem benefícios não somente aos acadêmicos que participam, mas principalmente, às mulheres participantes. O projeto amplia as visões da mulher agricultora enquanto genitora e dona de casa, proporciona o empoderamento e a possibilidade do lazer e do reconhecimento em um grupo.

## Referências

Beauvoir, S. (1967). O segundo sexo: a experiência vivida. Difusão Europeia do Livro.

Costa, M. C., Lopes, M. J. M., & Soares, J. S. F. (2015). Violência contra mulheres rurais: gênero e ações de saúde. Escola Anna Nery.

Nejelski, S. M., Cardoso, P. B., & Baggio, L. (2019). Projeto de Extensão: Agricultoras em Ação - Liberdade e Beleza. [Apresentação de trabalho]. IV Encuentro Latinoamericano de Extensión y Desarrollo rural y del III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural. Anais (pp. 477-487). Bogotá, Colombia.

Nejelski, S. M., Cardoso, P. B., & Baggio, L. (2019). Projeto Agricultoras em Ação - Intervenção da PSI. [Apresentação de trabalho] em IV Encuentro Latinoamericano de Extensión y Desarrollo rural y del III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural Anais (pp. 416-426). Bogotá, Colombia.

Matte, A., Waquil, P. D., & Neske, M. Z. (2014). Dinâmicas socioeconômicas e produtivas das microrregiões Campanha Meridional e Serra do Sudeste – RS. [Apresentação de trabalho] 7º Encontro da Economia Gaúcha. Porto Alegre, Brasil.

Lopes, M. J. M., & Langbecker, T. B. (2018). Inclusão produtiva, pecuária familiar e situação das mulheres rurais do Programa Brasil Sem Miséria em um município do RS - contexto de uma realidade pouco conhecida. *Redes*, 23(1). <https://online.unisc.br/seer/index>.

php/redes/article/view/6553/pdf

Quirino, R., & Guimarães, S. M. (2017). Relações de gênero e divisão sexual do trabalho no meio rural: interlocuções com o movimento social “Marcha das Margaridas”. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 2(1), 231-251. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n1p231>

Schneider, C. O. et. al. (2020). Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de Vitorino, Paraná. *INTERAÇÕES*, 21(2), 245-258. <https://www.scielo.br/j/inter/a/qMfbPhJpKYMfjmWsSsMLZWq/>

Staduto, J. A. R., Souza, M., & Nascimento, C. A. (2015). *Desenvolvimento rural e gênero*. Editora da UFRGS.

# DIVERSIDADES IMPERFECTAS Y ANHELO DE UN MUNDO DONDE QUEPAN MUCHOS MUNDOS: REFLEXIONES SOBRE LA CANCELACIÓN DEL IV CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOLOGÍA RURAL EN BOLIVIA

Fernando Landini

Alejandra Olivera-Méndez

## Introducción

En la editorial del primer volumen de *The Journal of Controversial Ideas*, McMahan et al. (2021) expresaron su preocupación frente a un creciente clima cultural e intelectual caracterizado por respuestas emocionales de indignación frente a afirmaciones políticamente incorrectas de investigadores y académicos, más allá de la fortaleza de los argumentos dados por ellos para sostener sus ideas. Frente a esta situación, McMahan et al. plantearon la necesidad de crear una revista que permitiera presentar ideas controversiales utilizando seudónimos, a fin de evitar la autocensura y los linchamientos mediáticos.

En este trabajo, nos proponemos discutir un modo de pensamiento y de acción que ha ido ganando fuerza en los últimos tiempos, que se caracteriza por reconocer la diversidad y alteridad como valores fundantes para, paradójicamente, negar legitimidad a quienes son, piensan y sienten diferente en sentidos considerados ilegítimos o reprochables. Este modo de pensar, que invisibiliza la complejidad de los dilemas éticos y políticos que enfrentan las personas, las instituciones y la sociedad, tiende a simplificar lo complejo, a desconocer los matices y a estructurar el pensamiento a partir del binomio 'éticamente superior' vs. 'indignante e inaceptable' (cuando se piensa en términos de ética) y de 'amigo' 'enemigo' (cuando se piensa en términos de política). En general, como base, esta forma de pensamiento parece asociarse a una autopercepción de superioridad ética que asume al otro como inferior e ilegítimo, lo que niega a priori la posibilidad de entrar en un diálogo entre iguales con ese otro. Así, las únicas opciones relacionales que permanecen son la indiferencia y, mucho más frecuentemente, el desprecio, la indignación y el odio.

Para pensar esto, en el presente trabajo nos referiremos a un acontecimiento clave y poco conocido de la historia de la Red Latinoamericana de Psicología Rural (en adelante 'la Red'): la cancelación del 4to Congreso Latinoamericano de Psicología Rural (CLPR) en Bolivia. Este acontecimiento es retomado tanto por su importancia intrínseca para la Red, como por su valor para discutir el tema propuesto.

## **Reconstrucción De La Información Y Estrategia De Análisis**

Destacamos que este trabajo no reporta resultados de una investigación, sino que constituye un ensayo de reflexión sobre la experiencia. A fin de alcanzar el objetivo propuesto, primero describiremos los acontecimientos que dieron lugar a la cancelación del 4to CLPR en Bolivia. Nos basaremos en notas tomadas por los autores de este trabajo durante e inmediatamente después de las diferentes reuniones de organización del evento, y en la revisión de intercambios por chat y correo electrónico entre los integrantes del Grupo Impulsor de la Red relacionados con su rol como gestores de la Red.

En esta descripción, se omite información referida a la universidad anfitriona y a los participantes de los intercambios, a fin de resguardar su anonimato. Podría argumentarse que dicha información sí permite (evidentemente) identificar a la Red, pero en todo caso se considera que el proceso de toma de decisiones de las autoridades de una organización, cuando no se identifican las opiniones individuales, no posee un estatus que deba protegerse de manera particular. Se destaca que el Código de Ética de la Federación de Psicólogos de la República Argentina (FePRA, 2013) no requiere consentimientos informados (en el caso de que se tratara de una investigación) cuando las observaciones no son creadas de manera experimental (por ejemplo, cuando se realiza observación etnográfica).

Luego de describir los acontecimientos que dieron lugar a la cancelación del 4to CLPR en Bolivia, presentamos un marco conceptual. Finalmente, analizamos la experiencia de manera crítica a partir de dicho marco conceptual y presentamos una serie de reflexiones y conclusiones.

## **Descripción De La Experiencia**

La Red se formalizó en el marco del 3er CLPR realizado en Bogotá el 11 de septiembre de 2019. En ese momento se decidió

crear un Grupo Impulsor que trabajara en la organización de la Red. Entre los objetivos principales de la Red se encuentra la organización de los CLPR.

Se lanzó una convocatoria interna y se presentaron tres propuestas de sede para el siguiente congreso. En reunión del Grupo Impulsor realizada en abril de 2020, se decidió que una universidad de Bolivia era la que ofrecía las mejores condiciones. A partir de ese momento, se comenzó con la organización del congreso. Luego de más de un año de trabajo organizativo, en julio de 2021, durante una reunión de trabajo se discutió la descripción de los contenidos que iba a tener cada uno de los ejes de trabajo del congreso. Cuando se abordó el eje temático “Género y ciclo vital” se tomó como ejemplo el texto escrito en el congreso previo, la cual incluía la sigla LGTBI (Lesbianas, Gais, Trans, Bisexuales e Intersexuales). Ante esto, la persona representante de la universidad anfitriona solicitó como pedido institucional de su universidad no incluir la sigla LGTBI en la descripción del eje, sin dar argumentos académicos. El pedido generó una confusión y malestar en los integrantes presentes del Grupo Impulsor, más que no quedó claro en ese momento el alcance de la solicitud, llegándose a pensar que no solo incluía la descripción del eje sino también los títulos de los trabajos a exponerse.

Ante esta situación, se realizó una reunión de Grupo Impulsor el día 22-7-2021 para decidir cómo abordar la situación. En dicha ocasión se leyó un comunicado de la universidad anfitriona que indicaba que “no se tiene ningún tipo de apreciación discriminante sobre ninguna población específica” y que “en ningún momento se habló que esos temas no pueden ser abordados en el congreso, toda vez que su abordaje científico es parte del quehacer profesional en psicología”. Eso se complementó con la clarificación de que la solicitud se relacionaba con la difusión del evento por medio de las vías de comunicación de la propia universidad (aclaramos nosotros: vinculada con una orientación religiosa). Igualmente, la persona representante recalcó que el pedido no incluía ningún tipo de limitación para tema o persona alguna durante el congreso, más allá de la descripción del eje respectivo.

A continuación destacamos algunas reflexiones que se dieron en el diálogo del Grupo Impulsor a partir de esta solicitud. En el

marco de la conversación por correo electrónico, estas fueron algunas ideas compartidas: “veo con gran preocupación la situación de condicionamiento y exclusión que se propone respecto a la no participación de población diversa (LGBTI+) en el evento y sus contenidos [...] no me interesa participar en eventos donde este tipo de condicionamientos y violaciones de derechos primen sobre las personas. Este tipo de condiciones están en contra de mis principios como ser humano”. Otra persona agregó: “este tema, a mí me parece intolerable [...] Esto no se trata de opiniones, sino que francamente de discriminación y violencia institucional”, “la petición de la universidad es una práctica inconstitucional en Bolivia”. Otro integrante del Grupo Impulsor argumentó: “en nuestra Red tenemos personas que se identifican con orientaciones sexuales disidentes. ¿Les vamos a pedir que se escondan, que simulen una heterosexualidad?” Durante videoconferencia en la cual se discutió si la Red suspendía el 4to CLPR en Bolivia, también se argumentó que el pedido era equivalente a discutir si las mujeres podían hablar de política o ir a la universidad, y que si manteníamos la sede era posible que el Grupo Impulsor “tuviera problemas”, sin aclarar si se refería a problemas legales por discriminación o a consecuencia un posicionamiento políticamente incorrecto que llevara a la pérdida de prestigio. Así, el 22 de julio de 2021, la mayoría de los miembros del Grupo Impulsor de la Red votó cancelar el 4to CLPR en Bolivia.

## **Marco Conceptual**

Rodríguez Yunta (2016) afirma que las personas tienen diferentes concepciones del mundo, de la vida y distintas jerarquías de valores. Esto implica que, para la convivencia humana, es necesario reconocer la alteridad y pensar desde la interculturalidad. Ambos conceptos enfatizan la importancia del reconocimiento y aceptación de las diferencias.

La alteridad refiere a la presentación de un sujeto frente a nosotros que no puede ser comprendido o captado en su totalidad en nuestros propios términos. No puede ser aprehendido plenamente en lo que es, porque no es uno mismo, sino que es otro. Claro está, el pensar al alter como otro no en sí reconocer su alteridad, ya que el parámetro para recortarlo como otro es simplemente que no es

como uno. En cambio, la alteridad no refiere solo a la toma de conciencia del otro como diferente de uno, sino a la toma de conciencia del otro en su ser como es. Dice Montero (2001) que este reconocimiento refiere al hecho de ser inesperado, distinto, extraño o exterior, y no como algo opuesto o complementario. De acuerdo con Vila (2004, citado en González Silva, 2009), la alteridad “emerge desde el encuentro entre lo propio y lo otro que se hace presente frente a nosotros” (p. 124). González Silva (2009) destaca también que la alteridad implica tensión: “toda convivencia con la alteridad genera malestar y resulta frustrante en diverso grado porque, al fin y al cabo, la mayoría de las veces, diciendo buscar el rostro del otro sólo se trata de encontrar el eco del mismo” (p. 124). Esto es interesante, ya que sugiere que cuando la alteridad no implica ningún grado de tensión, probablemente se deba a que lo que uno encuentra en el otro no es su alteridad sino más bien un reflejo de uno mismo.

Por otro lado, la interculturalidad se entiende como el proceso sociocultural “en el que personas diversas o grupos heterogéneos se comunican e interactúan recíprocamente en condiciones de simetría moral, lo que permite a sujetos diversos por su origen mirarse mutuamente, a la luz de valores capaces de hacer aparecer las características del otro como valiosas para una praxis común” (Villaruel, 2017, p. 93). Esta interculturalidad conlleva un reconocimiento recíproco, una aceptación del otro y respeto mutuo. Encontrar un fundamento común y unas convicciones compartidas para definir la vida común es difícil (Rodríguez Yunta, 2016). Sin embargo, esto no puede usarse como argumento para imponer un único modo de pensar, ya que esto implicaría autoritarismo. Así, resulta necesario encontrar una solución al conflicto inherente a la heterogeneidad para permitir un encuentro entre individuos y culturas diferentes.

Actualmente existen diferentes dinámicas sociales orientadas a la búsqueda del reconocimiento de múltiples diversidades (culturales, de género...). No obstante, estas dinámicas sociales, cuando no resultan suficientemente reflexivas y críticas, entrañan el riesgo de caer en una “cultura de la cancelación”. Esta expresa una forma de buscar la transformación social mediante la confrontación, en la cual se responde con indignación, silenciamiento del otro y negación de su legitimidad para participar en el diálogo social cuando ese otro presenta una opinión o expresa un valor contrario a los valores he-

gemónicos de un grupo social. Así, la cancelación implica una forma de lidiar con la diferencia que niega el otro como interlocutor por el contenido de su opinión, sin reconocerlo como sujeto, precisamente en el momento en que la alteridad se convierte en incómoda. Como argumenta Gómez Villar (2022), la cultura de la cancelación corre el riesgo de terminar reforzando las condiciones que generan aquellos comportamientos que se quieren transformar. Así, el rechazo de personas por su opiniones o creencias, no parece generar un mayor reconocimiento de la diversidad, sino más bien incrementar la intolerancia y el conflicto. En efecto, la igualdad, la inclusión y el reconocimiento de la diversidad no se logran cancelando al otro, ya que esta cancelación termina reproduciendo la persecución al otro diferente que se quiere superar, solo que a partir de nuevas 'verdades' (Rojas-Sierra, 2022):

A partir de la instauración de un colectivo sensible, que pone de relieve el lenguaje y actuar de lo políticamente correcto, se instala un modo de operar que en últimas bloquea el libre pensamiento, la diversidad, la elección, entre otros aspectos que, irónicamente, dicen promover, a partir de una pretenciosa justicia social (Rojas-Sierra, 2022, p. 12).

Por el contrario, para generar cambio es necesario hacer que las posiciones transiten por un lugar distinto, que se desarticulen y articulen en un sentido diferente, sin tener que derrotar, deshacer o cancelar al otro, ya que esto implica una nueva forma de exclusión y negación de lo diferente. Esto requiere, necesariamente, tolerancia, ya que pueden existir muy buenas razones para no admitir o rechazar ciertas prácticas o creencias distintas a las propias, pero esto no puede implicar negar al otro su voz. La tolerancia implica un esfuerzo por reconocer que existen diferencias, reconocer el derecho a ser distinto y aceptar que la verdad no es única y definitiva, sino compleja y plural (Jaramillo, 2002).

## **Reflexiones**

Indudablemente, la cancelación del 4to CLPR en Bolivia es un tema realmente difícil de analizar, ya que involucra aspectos identitarios, éticos, emocionales y políticos. No obstante, una reflexión seria sobre el asunto nos permitirá reflexionar sobre qué Red quere-

mos y, más importante aún, aportar a la comprensión sobre procesos socio-políticos más amplios. A continuación se presentan un conjunto de argumentos y fundamentos que luego retoman para llevar adelante una reflexión más profunda.

1. El pedido de no incluir la sigla LGTBI en el eje temático ‘género’ no implica ningún tipo de discriminación. La Real Academia Española ‘discriminar’ significa “Dar trato desigual a una persona o colectividad por motivos raciales, religiosos, políticos, de sexo, de edad, de condición física o mental, etc.”. En este caso la solicitud de la universidad anfitriona no implicaba de manera alguna dar un trato desigual a integrantes del colectivo LGTBI, sino que solo refería al uso de la sigla. Tal vez alguien podría imaginar o suponer que tal discriminación era previsible, pero en modo alguno podría concluirse que el pedido en sí constituía discriminación. Además, la redacción de ejes temáticos siempre implica decidir qué grupos sociales mencionar y cómo hacerlo, sin que esto implique discriminar. Incluso, se propuso utilizar referencias como “sexualidades disidentes” en reemplazo de LGTBI y no hubo objeción de la institución anfitriona.

2. El no uso de la sigla LGTBI en la descripción del eje tampoco afectaba el contenido científico del congreso, ya que en otras oportunidades tampoco se la había utilizado, existía posibilidad de utilizar referencias alternativas, y estaba garantizada la libertad académica de tratar todos los temas que los participantes consideraran científicamente pertinentes. Puede que en el contexto específico incluir la sigla sí fuera la mejor opción, pero en todo caso es claro que la descripción de contenidos de un eje temático de un congreso es algo sujeto a legítimo debate.

3. Existió un desajuste extremo entre la solicitud de los anfitriones (no utilizar la sigla LGTBI en la descripción del eje temático ‘Género’) y el modo en que ésta fue interpretada por numerosos integrantes del Grupo Impulsor (“veo con gran preocupación la situación de condicionamiento y exclusión que se propone respecto a la no participación de población diversa (LGBTI+) en el evento y sus contenidos”). Este desajuste fue especialmente llamativo, e implicó una interpretación y reconstrucción del pedido de los anfitriones basado mucho más en el marco de creencias, supuestos e incluso prejuicios de las personas que interpretaban, que en el hecho empí-

rico que estaban interpretando. Podríamos describir a esto como un sesgo cognitivo o, incluso, como un sesgo o un prejuicio ideológico.

4. La dinámica que adquirió la situación se caracterizó por extrema afectividad: confusión, enojos, tristeza, angustia y bronca. Posiblemente, esto haya llevado a hacer más difícil un análisis crítico, reflexivo, complejo y racional de la situación.

5. El proceso de pensamiento colectivo que se dio en respuesta a la situación fue estereotipado y sobresimplificador. En concreto, la reflexión sobre la situación no permitió reconocer y analizar diferencias de grado, matices y la existencia de múltiples dimensiones de análisis. Esto puede verse con claridad cuando se argumentó que el pedido de no incluir la sigla LGTBI en la descripción del eje 'Género' era equivalente a preguntarse si las mujeres podrían hablar de política o ir a la universidad. No, evidentemente, ambas cosas ni son lo mismo ni se encuentran a un mismo nivel. Así, asumir que sí lo están expresa incapacidad para percibir diferencias de grado. Igualmente, lo mismo se observó cuando se interpretó que el pedido significa negar el derecho a participar o pedir que se simulara heterosexualidad. De nuevo, ambas posiciones no son lo mismo ni están al mismo nivel, ya que existen diferentes grados. Obviamente, con esto no se propone justificar o legitimar el pedido de los anfitriones, sino destacar que las situaciones reales son complejas e incluyen una multiplicidad de dimensiones, y no pueden pensarse acabadamente si se las sobresimplifica pensando que no existen grados en las ofensas o las afrentas.

6. Se observó una tendencia a pensar a partir de dicotomías: 'ellos' vs. 'nosotros', 'bueno' vs. 'malo', 'éticamente superior' vs. 'posicionamientos indignantes.' Esto, que también puede ser incluido dentro de una forma de pensamiento sobresimplificadora, vale que sea presentado como punto independiente dada su importancia.

7. Se identificó un proceso de radicalización en las formas de pensamiento y acción. Entendemos como radicalización al proceso por el cual un modo de pensar y/o actuar deviene intransigente y adopta una posición extrema. En el momento en que lo requerido por los anfitriones es interpretado de manera sobresimplificada sin reconocer grados o matices, no se ve otra opción más que responder con indignación, frente a lo cual no se puede actuar con medias tin-

tas o adoptar una posición tolerante. Así, el pensar y el actuar se radicalizan. No hay negociación, conversación, consenso o tolerancia posible: no queda más opción que cancelar al interlocutor.

8. Se evidencia una autopercepción de superioridad moral, que ubica a los otros en un lugar inferior (al que se mira con indignación). Esto parece llevar a negar la posibilidad de encontrarse con la alteridad como un igual.

## Conclusiones

El Grupo Impulsor de la Red se enfrentó con una situación compleja. Nos encontramos con un pedido que no estaba en el marco de nuestros valores. Nos pidieron que no nombremos (en un espacio específico y acotado como era la definición de un eje de trabajo del Congreso) a un grupo históricamente invisibilizado y oprimido: la comunidad LGTBI+. No nos engañemos, el reconocimiento y la legitimidad de la comunidad LGTBI+ no es algo que esté en cuestión ni en el Grupo Impulsor de la Red ni en el marco de ninguno de los CLPR. En contraste, el pedido de los anfitriones sí aparecía como una alteridad que cuestionaba nuestras prácticas y valores. Una alteridad incómoda e imperfecta. Una diversidad ‘ilegítima’.

Ante esta situación respondimos de manera afectivizada y bastante irracional. Vimos discriminación donde no la había. Interpretamos lo que sucedía no en base a las evidencias, sino a prejuicios y creencias ideológicas. Y eso que nos sentíamos (y nos sentimos) moralmente superiores. Nuestro análisis de la situación fue evidentemente sobresimplificado: dejamos de ver graduaciones y matices. Pensamos que era muy simple: ‘buenos’ versus ‘malos’, ‘superiores’ versus ‘inferiores’. Lamentablemente, confundimos un comentario inapropiado con una violación, un insulto con un asesinato. Así, sentimos que no podíamos sentarnos en la misma mesa con nuestros interlocutores. No había diálogo posible porque no estábamos frente a iguales. Y así, decidimos cancelar a aquellos que se aparecían frente a nosotros como una alteridad o una diversidad indeseada. Como muchos otros hicieron (y hacen) como la comunidad LGTBI+. Concedemos que ambas situaciones no son iguales, pero lamentablemente, de fondo, se perciben similitudes que invitan a prestar más atención.

Nosotros optamos por cancelar a nuestros anfitriones...

...y eso que hablábamos de diálogo y citábamos a Freire...

...y eso que nos sentíamos mejores porque hablábamos de diversidad y nos pensábamos inclusivos...

...y eso que nos sentíamos tolerantes...

Esto hace pensar en el lema zapatista, que plantea que “el mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos”. Al cancelar el 4to CLPR en Bolivia, ¿actuamos de tal forma de crear un mundo donde quepan muchos mundos, o simplemente expresamos nuestro deseo de vivir en un mundo donde sólo quepan los que piensan como nosotros? Esto es importante, porque nos pone ante el desafío de qué hacer con las diversidades que vivimos como incómodas. Es incuestionable que hay límites que no debemos cruzar. Pero si nuestro margen de tolerancia es tan pequeño, es probable que nuestro actuar y pensar sea intolerante.

Compartimos a continuación una cita reveladora publicada en el año 2020. Retrospectivamente, pareciera habernos alertado sobre situaciones como esta. En este momento, tal vez sirva como herramienta de reflexión (el subrayado es nuestro):

Un cuarto desafío [de la psicología rural latinoamericana] refiere a desarrollar una psicología rural que tome a la diversidad como principio estructurante, una diversidad de abordajes teóricos, de metodologías, de supuestos epistemológicos y de posturas ético-valorativas. Claro está, esto no significa negar los posicionamientos propios o dejar de argumentar por qué se consideran unas alternativas mejores que otras. En cambio, proponer a la diversidad como principio estructurante de la psicología rural significa llamar la atención sobre cualquier tendencia a la exclusión de perspectivas y enfoques (metodológicos, teóricos y valorativos) por no ajustarse a parámetros hegemónicos, generalmente desde un posicionamiento de superioridad técnica o moral. Se trata de tener una actitud autorreflexiva y tomar conciencia del riesgo de adoptar posiciones de control moral rechazando diversidades consideradas ilegítimas (Conti et al., 2020, p. 163)

El análisis realizado en este trabajo, si bien refiere a una situación específica, no parece ser algo excepcional. Al contrario, es posible que veamos dinámicas sociales similares en diferentes aspectos y procesos de la vida social, especialmente en campos donde se

juegan valores junto con posicionamientos ético-políticos. En nuestro ejemplo, vemos procesos de sobresimplificación de situaciones, pérdida de capacidad analítica, desconocimiento de matices, juicios emocionales y estructuras de pensamiento y análisis dicotómicas. Si bien muchos de estos procesos se sostienen a partir de valores con lo que coincidimos, la dinámica social derivada empieza a ser preocupante. Y lo más llamativo, es que muchas de estas posiciones no provienen de sectores descriptos como derecha autoritaria, sino identificados como progresistas. ¿Es posible que procesos de radicalización en los posicionamientos ético-políticos estén llevando hacia nuevas formas de exclusión y totalitarismo? La pérdida de calidad del debate político, los linchamientos mediáticos y la expansión de la cultura de la cancelación parecen indicarlo. Invitamos, entonces, a una reflexión personal. ¿Hasta qué punto, y en qué circunstancias, mis propios posicionamientos ético-políticos, sostenidos en valores como diversidad, autodeterminación y liberación, pueden convertirse en instrumentos de exclusión y de negación de la diferencia?

## Referencias

- Conti, S., Olivera-Méndez, A. Landini, F., & Monteiro, R. (2020). Psicología rural en América Latina: Proceso de institucionalización, reflexiones epistemológicas y desafíos. En M. Calegare, & A. Sousa Da Costa Mezzalira (Eds.), *Processos Psicossociais I. Prática e Reflexões sobre Educação, Saúde, Ruralidades e Política* (pp. 149-169). Alexa Cultural.
- Federación de Psicólogos de la República Argentina (FePRA) (2013). Código de Ética. [https://www.cppm.org.ar/wp-content/uploads/2012/04/C\\_ETICA\\_FEPRAREFORMADO.pdf](https://www.cppm.org.ar/wp-content/uploads/2012/04/C_ETICA_FEPRAREFORMADO.pdf)
- Gómez Villar, A. (2022). Transformar sin cancelar. La sensibilidad cultural de la hegemonía. *Pensamiento al Margen. Revista Digital de Ideas Políticas*, 15, 62-70.
- González Silva, F. (2009). Alteridad y su itinerario desde las perspectivas multidisciplinares. *Reflexiones* 88(1), 119-135.
- McMahan, J., Minerva, F., & Singer, P. (2021). Editorial. *Journal of Controversial Ideas*, 1(1), 11. <https://doi.org/10.35995/jci01010011>

Montero, M. (2001). Ética y política en psicología. Las dimensiones no reconocidas. *Athenea Digital*, 0, 1-10. <https://atheneadigital.net/article/view/n0-montero/1-pdf-es>

Rodríguez Yunta, E. (2016). Fundamentación antropológica y ontológica de la ética. *ARS MEDICA Revista de Ciencias Médicas*, 16(4), 63-77. <https://doi.org/10.11565/arsmed.v30i2.313>

Rojas-Sierra, J. (2022). Editorial. La cultura de la cancelación o la tiranía de la censura. *Revista Filosofía UIS*, 21(2), 11-18. <https://doi.org/10.18273/revfil.v21n2-2022017>

Villarroel, R. (2017). Reconocimiento, tolerancia e interculturalidad. La agenda pendiente de un mundo de extraños morales. *Acta Bioethica*, 23(1), 91-97. <https://dx.doi.org/10.4067/S1726-569X2017000100091>

**- AMBIENTE E RURALIDADES -**

# DESAFIOS PSICOSSOCIAIS NO ENFRENTAMENTO DA MUDANÇA CLIMÁTICA

Maria Inês Gasparetto Higuchi

## Introdução

Historicamente as questões relacionadas ao ambiente sempre foram objeto de preocupação, porém nas últimas décadas a Mudança Climática (MC), em particular, tem se firmado como foco urgente. A palavra “mudança climática”, no singular, é uma referência do próprio IPCC e a Convenção do Clima (original, não a traduzida em português) (<https://unfccc.int/resource/docs/convkp/conveng.pdf>). Neste documento trata de “Global Change” e não “Global Changes”, que em espanhol corrobora com o singular “Câmbio climático” e não “Câmbios Climáticos”. Na tradução para o português houve esse equívoco que vem sendo reproduzido sem crítica alguma pela maior parte dos pesquisadores, mídia e público em geral.

A justificativa para o uso no singular é centrada num recorte temporal do IPCC que é de 1880, quando o petróleo começou a ser utilizado em escala industrial. A primeira avaliação ocorreu em 2004, ou seja, de 1880 a 2004. Houve um aumento de temperatura durante esse período de 124 anos. Pelo conceito de clima, houve uma mudança climática. Mais tarde, em 2012, foi atualizada essa estimativa, ou seja, período de 1880 e 2012 (132 anos). Continuamos, pois, com a mesma mudança do clima que ocorreu a partir da introdução do petróleo em escala industrial, em 1880. Por essa razão, a mudança do clima da Convenção, IPCC, COP e demais organizações, é **antropogênica**. Até os céticos (diferentes de negacionistas) já assumiram que houve um aquecimento a partir da introdução do petróleo.

Este fenômeno é definido como uma mudança de clima advinda direta ou indiretamente de atividades humanas, que alteram a composição da atmosfera mundial. As exorbitantes taxas de emissão de gases de efeito estufa (GEE), ocorridos em função das atividades humanas desde o uso industrial dos combustíveis fósseis, são apontadas como causas desse desequilíbrio do balanço término natural.

Nesse sentido, o comportamento humano está na base desse problema climático e, portanto, uma radical mudança na atual relação sociedade-ambiente é crucial para evitar desastres ainda maiores dos que temos presenciado.

As consequências dessa mudança do clima são ainda cobertas de incertezas. Mas muitos pesquisadores associam o aumento da concentração de GEE na atmosfera como produtor de efeitos danosos aos sistemas ecológicos e humanos tais como, o degelo das calotas polares produzindo um aumento do nível do mar, capaz de inundar as áreas costeiras e provocar grandes alterações na agricultura afetando o suprimento de alimentos, alteração no suprimento de água doce, maior incidência de ciclones, aumento de chuvas e nevascas intensas, acelerado ressecamento do solo, bem como a saúde humana (IPCC, 2007). Nesse processo, todos os habitantes da terra têm sido afetados indistintamente, mas são os mais vulneráveis que tem sofrido e sofrerão mais.

No Brasil as emissões de GEE mais acentuadas advêm de uso de combustíveis fósseis e da supressão e queimadas das florestas. Embora haja evidências da importância do papel das florestas na mitigação dos GEE, estas têm estado continuamente ameaçadas com as derrubadas e queimadas sem que haja uma efetiva mobilização da sociedade (INPE, 2022). Diante de tal inércia se faz necessário uma tomada de atitude coletiva para uma efetiva transformação das condutas sociais vigentes, que são inequivocadamente predatórias. Ao derrubar a floresta se perde não apenas seus serviços ecossistêmicos (estabilidade do clima, manutenção das chuvas, armazenamento de carbono nas árvores e a proteção da biodiversidade), mas também se emite grande quantidade de GEE para a atmosfera nas queimadas. Além desses aspectos ecossistêmicos, esta situação não gera riqueza e traz grandes dificuldades para as pessoas que dela dependem diretamente para sua sobrevivência.

Estudiosos nos alertam para algumas estratégias para se preparar para os efeitos previstos da mudança do clima que são: adaptação, redução substancial das emissões GEE, e incremento dos sumidouros desses gases para reduzir os impactos associados. Além disso, apontam a necessidade de ser ter políticas que visem maior sustentabilidade integradas com estratégias de redução da pobreza

(Silverwood-Cope et al., 2011). Para que isso tudo ocorra, é crucial a participação de todos indistintamente, mesmo que tais responsabilidades sejam diferenciadas de cada segmento. Portanto, a mudança do comportamento humano está no centro dessa problemática.

Partindo-se, pois da premissa de que são as ações humanas, a partir de suas ideias e estilo de vida, que estão na base das práticas de altas emissões de GEE, compreender esse comportamento é um caminho necessário. Vários estudiosos, das mais diferentes áreas, tentam se aprofundar nesse quesito, para então vislumbrar saídas. Na psicologia, em particular, da psicologia ecológica e ambiental, há um esforço que vem crescendo para compreender nossa relação com o ambiente e, de modo especial, se desvelar as barreiras psicossociais e culturais que impedem nossa efetiva mudança de comportamento, bem como propor formas para vencer tais obstáculos a partir da educação ambiental, ou da educação para a sustentabilidade (Davis, 2019).

## **A natureza da relação pessoa-ambiente**

Para compreender o comportamento humano na relação com o ambiente é necessário compreender o contexto em que as pessoas estão inseridas e como estas se constituem como cidadãos. Higuchi, Azevedo e Forsberg (2012), citam alguns aspectos históricos que formam uma memória socialmente estruturante no nosso comportamento na relação com a natureza. As ideias antropocêntricas originadas desde o pensamento filosófico socrático, seguido pelo pensamento judaico-cristão e mais tarde, o pensamento científico e crescimento econômico contribuíram para o estado atual de crise ambiental e climática. Embora tais ideias antropocêntricas tenham sido questionadas pelos movimentos ambientalistas no início do século XX, estas ainda estão subliminarmente presentes na nossa consciência, que mesmo negando-as, persistem e se manifestam em determinados momentos, permeando nosso modo de pensar e agir na relação com ambiente natural ou construído.

Mudar hábitos e estilos de vida não é fácil nem rápido, ao contrário, exige um esforço pessoal e coletivo, que pode ser mediado por um processo educativo, além de normas e controle social. Isto porque nossa forma de pensar e agir é forjada num processo histó-

rico que se alimenta não apenas de aspectos pessoais, mas também de aspectos socioculturais e de contextos políticos e econômicos, a partir das vivências num determinado território geográfico.

Dessa forma, para que ocorra uma efetiva adoção de comportamentos mais sustentáveis, ou seja, para que se consolide inequivocadamente um paradigma ecocêntrico, é necessário um aprofundamento das barreiras psicológicas e socioculturais que impedem cada um de nós a sermos mais cuidadosos e responsáveis pelo uso que fazemos da natureza e pelas práticas diárias no ambiente em que estamos inseridos.

## **Desafios Psicossociais e Culturais Subjacentes ao Comportamento Pró-Ambiental**

O comportamento humano na relação com o ambiente é forjado a partir de aspectos pessoais e sociais que se manifestam no encontro com o entorno vivido ou situações ocorridas. Gifford e Nilsson (2014) sustentam que os fatores pessoais são: experiência infantil, conhecimento e educação, personalidade e auto interpretação, senso de controle, valores, visões políticas e de mundo, objetivos, responsabilidade sentida, vieses cognitivos, apego ao lugar, idade, gênero e atividades escolhidas. Já os fatores sociais incluem fé, estilo de vida urbano-rurais, normas, poder aquisitivo, proximidade ou distanciamento de áreas vulneráveis e variações culturais e étnicas.

Em um texto amplamente citado, Gifford (2011), Gifford & Chen (2017) descrevem um rol de barreiras psicológicas no enfrentamento da MC, nomeadas de “sete dragões da inação”. Mais recentemente Lacroix, Gifford & Chen (2019) formalizam uma escala de medida psicométrica com 5 subcategorias que incluem considerações sobre mudanças desnecessárias, metas e aspirações conflitantes, relações interpessoais, falta de conhecimento e tokenismo. Esta escala é uma medida para verificar empiricamente como isso ocorre em cada pessoa e, a partir desse entendimento, propor medidas interventivas para uma mudança.

Os estudos desenvolvidos por esses autores concluem que as barreiras psicológicas e sociais agem de forma diferenciada dependendo o domínio ambiental em questão e não ocorrem dissociadas umas das outras, combinando-se entre elas. Por exemplo, uma pes-

soa pode apresentar menos barreiras psicossociais para o consumo de energia do que para o consumo de água no seu dia a dia. Outro exemplo é de que uma mesma pessoa pode ter relaxamento de sua conduta pró-ambiental em sua casa, comparada à atuação no ambiente de trabalho, tendo em vista o contexto de sustentabilidade ou de controle vigente na empresa. Da mesma forma, domínios ambientais mais imediatos são relativamente mais tangíveis de serem confirmados pela atuação das pessoas na produção de problemas.

No caso de nossas atividades que geram emissões de GEE, cujas concentrações elevadas provocam a MC, são difíceis de serem vistos e de serem associados às causas desse fenômeno. Dessa forma, temos um cenário diferenciado de posturas e condutas diante do fenômeno da MC. Há os que dizem: a) Não existe problema, **há um exagero**; b) o problema existe, mas **está sendo resolvido por outros entes** (gestores, cientistas etc.); c) o problema existe, mas **não sou eu que o causo**; d) o problema existe e eu contribuo com ele, mas **não sei o que nem como fazer para mudar**; e e) o problema existe, **mas eu só posso mudar alguns hábitos** entre todos (Gifford, 2011).

Diante da complexidade do fenômeno da MC e da complexidade do comportamento humano, resta à psicologia uma atuação que se envolva não apenas na busca da compreensão desse comportamento, mas sobretudo na proposição, junto com outras áreas do conhecimento, de processos educativos transformadores para avançar na sensibilização, na informação, na criação de competências para estimular a construção efetiva do compromisso e reponsabilidades de cada um de nós.

## Processos Educativos Transformadores

Os processos educativos que têm como base a transformação consciente dos educandos propõem conhecer as múltiplas dimensões da relação pessoa-ambiente, incluindo aspectos pessoais, socio-culturais, políticos e econômicos entre outros, que atuam na produção nos modos de pensar agir que pressiona o ecossistema natural e o ecossistema cidadão (Veja-Marcote et al., 2007). Para tanto, os autores contribuem com a proposta de que é necessário se implementar linhas de ação que formem cidadãos bem-informados, sensibilizados e com capacidade suficiente para tomar decisões no plano individual e coletivo sobre:

- » A necessidade de conservar os recursos naturais e redução drástica da pegada ecológica (reduzindo o uso e produção de resíduos, reutilizando e reciclando).
- » A impossibilidade do crescimento ilimitado: pensar em difundir a necessidade de uma economia com restrições ecológicas e que possamos avaliar os impactos ambientais, que implica o “princípio de precaução”, a ser aplicada quando existe incerteza, como é o caso da MC (Romeiro, 2012).
- » A necessidade de satisfazer os objetivos e necessidades sociais da geração atual e das futuras, observando seus valores;
- » Ao respeito à identidade cultural dos povos e ao direito de igualdade;
- » A conservação do patrimônio histórico-artístico e simbólico, como é o caso da floresta amazônica, nossa riqueza que, conservada em pé, auxilia no sequestro de carbono produzido pelas emissões de GEE e que se derrubada/queimada emite GEE.

Para isso Sauvé (1994) já nos alertava há muito tempo sobre a necessidade de adotarmos os três saberes no processo educativo: a) **saber fazer** (que implica em ter conhecimentos e informa o); b) **saber ser** (adotar atitudes e valores sustentáveis); c) **saber atuar** (formar-se e capacitar-se para uma atua o responsável e cuidada). Alinhados com esta advertência e preocupados em apontar processos educativos transformadores,  lvarez-Suárez e Veja-Marcote (2009), propuseram uma sequência didática de caráter construtivista que educadores poderiam desenvolver a fim de motivar os educandos para saber atuar:

- » **Selecionar a problemática ambiental** - que seja reconhecido como problema, que seja do contexto da vida cotidiana e seja relevante para ter potencial de constru o de novos comportamentos;
- » **Identificar suas causas e consequências** – investigar e buscar informa o acerca da problemática escolhida em todas as dimensões (ecológica, social, econ mica, cultural, política,  tica etc.) inserindo uma capacidade crítica e científica. Além

de identificar os fatores intervenientes (associados e relevantes para estabelecer uma rede de conexões entre eles e assim poder determinar a importância de cada um);

» **Identificar as condições que se quer mudar** – causas e possibilidades de mudança (estabelecer critérios de seleção e sequência das ações);

» **Identificar as dificuldades de mudança** (baixo, médio e alto) e **estabelecimento de prioridades para a ação** (curto, médio e longo prazo);

» **Relacionar ações apropriadas e sustentáveis**- competências para atuar – utilizar conhecimento e habilidades individuais e coletivas.

## **Conclusão**

Nosso comportamento na relação com o ambiente é um processo instaurado ao longo de um processo sociocultural e de vivências pessoais, e das próprias características físicas do entorno vivido. Essa complexidade de fatores está subjacente em nossas práticas no e com o ambiente. Portanto, ao vislumbramos a necessidade de mudança, temos que considerar tais aspectos para propor medidas de intervenção eficazes e eficientes, caso contrário, podemos apenas estar atuando em sintomas e não nas causas.

Nesse sentido, a psicologia tem muito a contribuir, tanto para a elucidação dos motivadores do comportamento quanto para a construção do processo educativo, para que seja efetivamente autônomo e transformador.

## **Agradecimento**

Agradeço ao CNPq pela bolsa Produtividade em Pesquisa que me proporciona o desenvolvimento das pesquisas relacionadas ao comportamento socioambiental e demais atividades associadas.

## **Referências**

Álvarez-Suarez, P., & Veja-Marcote, P. (2009). Una propuesta educativa para la sostenibilidad. In R. García-Mira, & P. Vega

Marcote (Eds.), *Sostenibilidad, valores y cultura ambiental*. Pirámide.

Davis, J. (2019). Creating Change for People and Planet: Education for Sustainability Approaches and Strategies. In C.E. Quinn (Ed.), *Encyclopedia of the World's Biomes*, (vol. 5, pp. 438-446). Elsevier.

Gifford, R. (2011). The dragons of inaction: Psychological barriers that limit climate change mitigation and adaptation. *American Psychologist*, 66, 290–302. <https://doi.org/10.1037/a0023566>

Gifford, R., & Chen, A. (2017). Why aren't we taking action? Psychological barriers to climate-positive food choices. *Climatic Change*, 140(2), 165–178. <https://doi.org/10.1007/s10584-016-1830-y>

IPCC (2007). *AR4 Synthesis Report*. [https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/ar4\\_syr\\_full\\_report.pdf](https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/ar4_syr_full_report.pdf)

Lacroix, K., Gifford, R., & Chen, A. (2019). Developing and validating the Dragons of Inaction Psychological Barriers (DIPB) scale. *Journal of Environmental Psychology*, 63, 9-18, <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.03.001>

Romeiro, A. R. (2012). Desenvolvimento Sustentável: uma perspectiva econômico ecológica. *Estudos Avançados*, 26(74), 65-92.

Sauvé, L. (1994). *Pour une Éducation relative à l' environnement*. Guérin.

Silverwood-Cope, K. O., Villarroel, L. C. L., Serkeis, A. P., & Kamber, A. (2011). *Mudanças Climáticas*. MMA.

Vega-Marcote, P., Freitas, M., Álvarez, P., & Fleuri, R. (2007). Marco teórico y metodológico de Educación Ambiental e Inrtercultural para um desarrollo sostenible. *Revista Eureka sobre Enseñanza y divulgación de las ciências*, 4(3), 539-554.

# **AGROECOLOGIA, BEM VIVER E COMPROMISSO PRÓ-ECOLÓGICO: ARTICULAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL**

Cícera Mônica da Silva Sousa Martins

Halaine Cristina Pessoa Bento

Zulmira Áurea Cruz Bomfim

## **Introdução**

A temática do bem viver e da valorização da identidade camponesa têm sido discutido atualmente no âmbito dos movimentos sociais e em instituições do terceiro setor brasileiras referentes à agricultura familiar. Cada vez mais a agroecologia é vista por agricultores engajados em cooperativas e em associações de base como um modelo promotor de boas práticas no campo.

Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (2019) a noção de bem comum, a promoção de práticas solidárias considerando todos os tipos de vida que habitam a terra, a solidariedade e a democracia são elementos basilares para a promoção das práticas agroecológicas no campo. Algo que também é ressaltado pelos movimentos sociais é a noção do papel revolucionário da agroecologia, para além das questões ecológicas, visto que esse modo de produção agrária tem como premissa o estímulo da participação social e o questionamento sobre o modelo de desenvolvimento vigente e suas reverberações nas populações do campo.

No contexto atual de crise climática e do crescimento desenfreado do desmatamento, majoritariamente causado pela ascensão do agronegócio exportador, diversos movimentos social tem elencado a agroecologia como um elemento basilar para promoção de ações emancipatórias promotoras de solidariedade e sustentabilidade no campo. Em um momento de desmonte das políticas públicas para a agricultura familiar, grupos agroecológicos de todo o país promovem ações revolucionárias que pensam o ambiente rural a partir da perspectiva do estímulo a participação social e da reconexão com o ambiente natural e os saberes ancestrais.

Tais informações geraram inquietações sobre como pensar a relação entre bem viver, práticas agroecológicas e a relação agricultor (a)- ambiente. Tendo em vista a teoria do Bem Viver e a noção de Compromisso Pró-Ecológico, o presente trabalho tem como objetivo compreender quais as aproximações entre a agroecologia e a noção de bem viver, e como estas se conectam a noção de compromisso Pró-Ecológico. Esse estudo teórico faz parte da construção da tese de doutorado “Agroecologia, Territorialidade e Compromisso ambiental: aspectos socioafetivos do processo de transição agroecológica de agricultores familiares cearenses”, financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

### **Bases da Sustentabilidade e Compromisso Pró-Ecológico**

Antes de iniciar o debate sobre as articulações entre o conceito de bem viver e agroecologia, é preciso refletir sobre a ideia contemporânea de sustentabilidade. Segundo Ferreira e Bomfim (2010), quando é observada a definição geral de sustentabilidade, pode-se perceber a predominância do paradigma antropocêntrico, onde a espécie humana é o centro das práticas voltadas ao enfrentamento dos problemas socioambientais, que visem possibilitar as gerações futuras condições para ter sua sobrevivência garantida.

Para Cavalcante e Góis (2015), são inegáveis as contribuições da cultura antropocêntrica no que se refere ao desenvolvimento da ciência, porém isso também teve seu lado danoso, levando em consideração em especial o modelo de desenvolvimento atual, focado numa perspectiva predatória e individualista. Em meio desse cenário da sociedade moderna, que tem base no antropocentrismo tecnicista, o humano não consegue perceber que sua aparente superioridade perante a natureza que o cerca é efêmera e equivocada.

Como reflete Krenak (2020), a busca incessante pelo poder e pelo acúmulo de riquezas atualmente já apresenta impactos, como o que pode ser notado com a problemática das mudanças climáticas, o avanço da pandemia do COVID-19 e o agravamento das situações de desigualdade social. O autor reflete que o planeta está passando por uma mudança gradual, que afetará a toda humanidade, sem exceções. E tal fenômeno também se deve a desconexão da espécie

humana com a Terra, esse organismo vivo que por muitos anos foi pensado apenas como espaço de instrumentalização das práticas humanas, mas que gradativamente começa a ser vista pela comunidade científica como um sistema vivo e ativo.

Para haver uma virada paradigmática na forma que os seres humanos se relacionam com a Terra é preciso ter uma compreensão complexa e sistêmica da vida. Cavalcante e Góis (2015) afirmam que a crise no sistema atual não é apenas uma crise socioeconômica, mas uma crise de percepção. E para refletir sobre a mesma, é preciso partir da totalidade, ter uma visão ampla da vida, compreendendo essa como linha mestra do universo e destacando a importância de pensar de forma integrada os elementos que a perpassa.

Krenak (2002, p.24) afirma que “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver”. Logo, no que se refere à noção de desenvolvimento e sustentabilidade, é preciso tirar o foco do crescimento econômico e ampliar a visão a partir de uma perspectiva que seja de fato centralizada na vida em sua totalidade. Como afirmam Ferreira e Bomfim (2010), um dos caminhos que dialogam com essa perspectiva é o Princípio Biocêntrico, onde a humanidade passa a ser compreendida com um dos integrantes da grande teia da vida, pois quando a vida se torna o centro, isso muda a forma de lidar com planeta, partindo de um olhar mais sensível e integrador com o ambiente natural e construído e os que os seres que o compõe, pensar a vida sem se dissociar dos afetos e do sentimento de cooperação.

O que foi debatido até então coaduna com elementos estudados pela Psicologia Ambiental, em especial no que se refere ao conceito de Compromisso Pró-Ecológico. Segundo Gurgel e Pinheiro (2011, p.159) pode-se definir Compromisso Pró-Ecológico como “relação cognitiva e/ou afetiva, de caráter positivo, que as pessoas estabelecem com o meio ambiente a partir do meio, responsabilizando-se e interessando-se por ele”. Para compreender como se desenvolve esse compromisso, é preciso compreender que os elementos sociopolíticos têm que ser inclusos na análise de ações relacionadas a ele, levando em consideração indicadores importantes como atitudes, crenças e valores.

De acordo com Amerigo e colaboradores (2007), a eminente crise ecológica, que ganhou espaço em vários campos institucionais

surgiu à necessidade de aprofundar os estudos sobre como os valores e atitudes ambientais influenciam na forma de promover ações que reflitam o comprometimento com o ambiente. As atitudes ambientais podem prever as decisões cotidianas do indivíduo em relação com o uso, cuidado e conservação do meio ambiente e dos recursos naturais. Já os valores ambientais dizem respeito à base orientadora dessas atitudes.

Existem três orientações de valores ambientais: egoísta, altruísta e biosférico. A base egoística tem como norte a perspectiva antropocêntrica de sustentabilidade, que possui foco na manutenção da vida humana a partir de uma perspectiva individualista, voltada apenas para as necessidades emergentes do indivíduo em questão. Já na base antropocêntrica altruística, verifica-se o foco na manutenção da vida humana a partir de uma orientação voltada para a coletividade, em especial, para as próximas gerações (Amerigo et al, 2007; Diniz & Pinheiro, 2014).

A perspectiva bioesférica vai ter como base a noção ecocêntrica da sustentabilidade, que possui similaridades com a noção do Princípio Biocêntrico, se tratando de uma visão macrodimensional do compromisso pró-ecológico. Segundo Diniz e Pinheiro (2014), trata-se de uma perspectiva ampla do compromisso ambiental, independente de questões econômicas, que possui centralidade no afeto e na espacialidade. Os valores bioesféricos englobam não só a dimensão humana, mas também as consequências aos animais, plantas e ecossistemas. Tais perspectivas são importantes para a compreensão do surgimento de comportamentos pró-ambientais, conscientização sobre a corresponsabilidade humana acerca do ambiente vivido e surgimento de estilos de vida sustentáveis, que tem como base as condutas sustentáveis, com foco multidimensional.

Apesar das contradições visualizadas no desenvolvimento mundial, este ainda tem potencial para o surgimento de uma ética planetária. Para que isso aconteça, é preciso se aproximar de conceitos que dialoguem com essa ética, que possuam foco nesse resgate da relação visceral entre humanidade e a Terra. Um dos caminhos para suscitar essas reflexões é o estudo sobre o bem viver e saberes originários, como pode ser visto a seguir.

## **A Emergência da Compreensão do Bem Viver na Atualidade**

Segundo as reflexões feitas por Acosta (2016), o estilo de vida atual, pautado no individualismo, consumismo e degradação dos recursos naturais, está cada vez mais inviável. Cada vez mais condutas destrutivas e danosas ao planeta terra têm sido empreendidas, a partir de um viés onde o lucro e acumulação de riquezas imperam perante as reais necessidades de todo ecossistema.

Para Feitosa e Lacerda (2015), a cultura do consumo, o foco na competitividade e a difusão da lógica individualista possui relação direta com o modelo de desenvolvimento o qual está imerso, que traz prejuízos a diversas populações de países considerados “em desenvolvimento”, compreendendo que nesse sistema a compreensão de desenvolvimento e crescimento econômico é tida como sinônimos. O que é ilustrado como bem estar pela lógica eurocêntrica se torna cada vez mais inacessível para populações que vivem em situação de desigualdade social, visto que o consumo está no centro desta lógica e ser preterido nesse aspecto pode ocasionar sofrimento físico e mental à população vulnerável. Tal estilo é visto como o mal viver, que seguindo Feitosa e Lacerda (2015, p.11), é “marcado por pobreza e exploração, e pelo stress da competição e do consumo, que leva ao adoecimento físico e mental, depreda os recursos naturais do planeta e põe em risco a própria viabilidade da espécie humana”.

Em contraponto à lógica vigente, emerge os estudos sobre o Bem viver, que possui como foco central a compreensão da conexão harmônica com a Natureza, estabelecimento de relações de reciprocidade e solidariedade entre os seres, como também em suas relações comunitárias, foco nos valores de uso e afastamento da lógica de acumulação advinda do capitalismo. As discussões sobre a noção de Bem Viver abrem portas para as discussões sobre novos olhares e caminhos para pensar a vida na terra. Tendo como base central os saberes ancestrais, essa vertente nos traz grandes contribuições para pensar sobre os problemas socioeconômico e ambientais da atualidade (Acosta, 2016).

Essa perspectiva revolucionária tem em sua constituição saberes advindos de públicos historicamente excluídos, como os povos originários latino-americanos, evocando a realização de práticas contra hegemônicas e antissistêmicas, discutindo sobre a necessida-

de da quebra do sistema dominante para emergir uma visão holística e integrada de mundo, onde “todos os seres, animados ou inanimados, vivos e não vivos, estão ligados entre si numa relação de interação e de completude mútua, cujo equilíbrio necessita ser mantido” (Feitosa & Lacerda, 2015, p.17).

Feitosa e Lacerda (2015) afirmam que a lógica antropocêntrica vigente entra em choque com a cosmologia indígena, centro dos estudos sobre o bem viver, que consideram seres humanos e natureza em uma ligação indissociável. Tal compreensão advém do princípio da relacionalidade, que considera a ligação entre todos os seres, sem hierarquização, com centralidade no cuidado.

Acosta (2016) afirma que o bem viver é orientado pela necessidade de buscar pela harmonia tanto entre os diversos grupos humanos, quanto desses humanos com a natureza, tendo foco no fortalecimento das relações comunitárias. Rechaça a visão dos elementos naturais como recursos que devem ser explorados e acumulados, buscando a manutenção do equilíbrio entre as diversas formas de vida na terra e a satisfação dos interesses de bem comum destes. O respeito a diversidade, o estímulo ao diálogo, a democracia, a resolução de conflitos e a solidariedade são princípios importantes nas práticas do bem viver, assim como a emancipação social e sentimento de coletividade.

De acordo com Feitosa e Bomfim (2020), partindo de um estudo sobre as situações de desigualdade social vivenciada pelos povos originários residentes no Ceará, a vinculação dos sujeitos com sua cultura ancestral e elementos relacionados à noção de Bem Viver são elementos importantes para o desenvolvimento de modos de vida e (re)existência nos seus territórios. Ao falar sobre as práticas de (re)sistência contra hegemônicas da atualidade, Krenak (2020) menciona a agroecologia e a permacultura como modos de produção que pautam suas práticas em uma relação integrada entre os agricultores com o ambiente onde vivem, saindo da lógica predatória empreendida pelo modelo agroexportador, promotor de grandes danos socioambientais, promovendo um modelo de manejo sustentável da terra, com foco na participação social e no fortalecimento da relação do sujeito com seu território. Visto isso, faz-se necessário compreender as articulações entre a noção de bem viver e as práticas agroecológicas, como será visto no próximo tópico.

## **Agroecologia, Bem Viver e Comprometimento pró-ecológico: articulações possíveis**

Quando se estuda ambiente rural é preciso considerar que as formas de uso e ocupação do território nesse ambiente possuem suas peculiaridades. Já que, ao mesmo tempo em que este é um lugar instrumentalizado para o trabalho (agricultura familiar), também é um lugar de produção de sentido. Processos como a migração de retorno, a urbanização do campo (também conhecida como questões periurbanas) e a pressão dos mercados externos para a dita “modernização” da agricultura geram desequilíbrio da relação pessoa-ambiente nesse contexto (Méndez, 2015).

Assim, reitera-se a necessidade de se trabalhar ruralidades de forma plural. Outro fator que deve ser considerado é a presença do senso de pertencimento territorial e a importância da unidade familiar na construção do espaço rural como lugar de vida. Nesse sentido, compreendemos que o ambiente rural é uma área que a psicologia ambiental precisa se aproximar, tendo em vista as discussões recentes sobre as políticas públicas para a agricultura familiar e a pauta da sustentabilidade rural, da segurança alimentar e nutricional de comunidades rurais e cidades de pequeno a médio porte e o estímulo ao manejo sustentável da produção agrícola (Méndez, 2015).

O modelo socioeconômico atual, com fortes bases neoliberais, favorece a predominância do agronegócio, modo de produção latifundiária de larga escala, em sua maior parte pautada na monocultura, orientada para o comércio exterior, em especial a exportação de insumos. Essa modalidade de produção é base do modelo de agricultura convencional, popularizado na década de 1960 a partir do movimento chamado “Revolução verde”, onde o chamado para as práticas de “modernização” da agricultura familiar e utilização de defensivos químicos foram propagados como fatores primordiais para sucesso da produção (Pessoa & Alchieri, 2013; Santos et al., 2014).

Com a ascensão da Revolução Verde nos anos 1960, as práticas campesinas começam a perder espaço para o processo de modernização da agricultura, sendo a utilização de agrotóxicos e de maquinários sofisticados propagados. Nesse cenário, os agricultores familiares tentaram se adequar aos critérios competitivos do mercado, aderindo ao manejo convencional da plantação, se afastando das

práticas embasadas no saber local e mudando a forma de se relacionar com o território, onde a produção começa a ganhar protagonismo perante os aspectos vivenciais do lugar, como laços familiares, práticas culturais e visão integrada do produtor com a natureza.

Como apresentado anteriormente, a noção de bem viver é composta pela compreensão da necessidade do estabelecimento de uma relação harmônica e horizontal entre a humanidade e a natureza, assim como o fortalecimento de relações comunitárias recíprocas. O respeito à diversidade, a cooperação e a valorização do saber local também fazem parte desse escopo. Compreendendo isso, Diedrich et al. (2021) consideram que no que se refere a agricultura familiar é preciso encontrar um modelo que condiz com os princípios centrais do Bem Viver, apresentando as práticas de agricultura sustentável como um caminho possível.

Os estudos sobre agricultura sustentável são recentes e respondem os anseios acerca dos problemas ambientais atuais e das discussões emergentes sobre sustentabilidade. Segundo Altieri (2011), a agroecologia tem um enfoque holístico de compreensão dos sistemas agroalimentares, pois para além dos elementos biológicos, leva em consideração o elemento humano e sua inter-relação com esses sistemas. Objetiva possibilitar o surgimento de ambientes equilibrados a partir de técnicas de cultivo e produção diversas e de baixo custo operacional. Nesse modelo, a valorização da biodiversidade local e dos conhecimentos e práticas advindas da população camponesa, fazendo uma interlocução entre ciência e saber popular, também é uma premissa importantes na construção de práticas agroecológicas.

A Agroecologia, segundo Santos et al. (2014), para além das questões instrumentais, também é vista como movimento promotor de participação social e superação das vulnerabilidades socioambientais no campo, pois o mesmo traz uma posição política e questionadora sobre os atuais modelos de desenvolvimento. Isso é visível no contexto atual quando se observa a organização da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) na defesa dos direitos dos agricultores rurais.

Apesar de todos os esforços, um dos grandes desafios da área é o processo de transição entre agricultura convencional e agroecologia, pois esse movimento não envolve só o saber técnico, mas também aspectos econômicos, sociais e culturais. A transição agroecoló-

gica não pode ser entendida como algo estático e linear, pois, assim como vários processos de mudança social, é composta de momentos de acertos e erros (Altieri, 2011).

Outro detalhe importante para o processo é considerar as especificidades das comunidades onde as técnicas serão aplicadas, pois, cada localidade tem condições socioeconômicas e culturais diferentes. Para isso, é preciso considerar elementos humanos como o cuidado e aprendizado na estruturação de uma ação de transição agroecológica. Como também realizar um trabalho transdisciplinar, dando uma atenção especial ao saber local. Para que esse modelo seja efetivo, suas atividades e estratégias devem está ligadas a uma noção de transformação social, para além dos componentes econômicos e ambientais envolvidos. A dimensão da relação com o território e das relações de apoio social fomentadas são importantes para compreender as implicações desse processo de forma ampla.

Visto tudo que foi apresentado acerca do modelo agroecológico, de acordo com Diedrich et al. (2021) é possível constar que esse modelo se conecta com as principais temáticas trabalhadas nos estudos sobre bem viver e a articulação entre esses saber pode se configurar como uma ferramenta importante de enfrentamento ao modelo de agricultura industrial vigente. A Agroecologia, além de ter o foco de produção voltado para uma perspectiva relacional integrada do agricultor familiar com a natureza, possibilita a ressignificação dos modos de vida em comunidades rurais.

No estudo de Pinheiro, Gurgel e Pinheiro (2021) a agroecologia surge nas comunidades como um movimento que impactou não somente questões de ordem estrutural e biológicas, como também possibilitou o estabelecimento de uma relação respeitosa entre os agricultores familiares com o ambiente natural, fortalecendo o senso de pertencimento territorial e promovendo reflexões sobre o contexto socioeconômico, ambiental e político que cerca as práticas dessa população, confrontando elementos promotores de submissão no campo e trazendo mudança na vida dos participantes do processo.

## **Considerações Finais**

Foi possível perceber que a agroecologia surge nas comunidades como um movimento que impactou não somente questões de ordem estrutural e biológicas, como também possibilitou o estabe-

lecimento de uma relação respeitosa entre os agricultores familiares com o ambiente natural, fortalecendo o senso de pertencimento territorial e de compromisso ecológico com este território, promovendo reflexões sobre o contexto socioeconômico, ambiental e político que cerca as práticas dessa população, confrontando elementos promotores de submissão no campo e trazendo mudança na vida dos participantes do processo.

Logo, o aprofundamento das bases teórico-práticas da Agroecologia e sua correlação com os princípios fundamentais do Bem viver e da Psicologia Ambiental se faz cada vez mais emergencial para pensar uma nova racionalidade ambiental no território rural brasileiro. Para isso, é preciso avançar nas discussões sobre os elementos socioafetivos do compromisso pró-ecológico e começar a refletir sobre as bases do comprometimento a partir de uma ótica decolonial, contextualizada com a realidade latino-americana, optando por esse entendimento tendo base na Psicologia Social de base Histórico-Cultural, na Psicologia Ambiental e nos estudos sobre as perspectivas de sustentabilidade dos povos do campo, das águas e das florestas.

## **Agradecimento**

Agradecemos à FUNCAP pelo financiamento da bolsa de doutorado para realização da pesquisa de tese da qual se derivou esse estudo.

## **Referências**

Acosta, A. (2016). *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Autonomia Literária.

Altieri, M. (2011). *Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável* (3a ed.). Expressão Popular.

Amérigo, M., Aragonés, J. I., de Frutos, B., Sevillano, V., & Cortés, B. (2007). Underlying dimensions of ecocentric and anthropocentric environmental beliefs. *The Spanish journal of psychology*, 10(1), 97–103. <https://doi.org/10.1017/s1138741600006351>

Cavalcante, R., & Góis, C. W. L. (2015) *Educação Biocêntrica: ciên-*

- cia, arte, mística, amor e transformação. Expressão Gráfica e Editora.
- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. (2019). *Caderno 3: por autonomia econômica, trabalho e renda. Por terra, água e Agroecologia*. Cidade Gráfica.
- Diedrich, G. E., Biondo, E., & Bulhões, F. M. (2021). Agroecologia e Bem Viver como modo de vida e como modelo sustentável de produção agrícola e de consumo de alimentos. *Colóquio – Revista do Desenvolvimento Regional*, 18(3), 230-255. <https://doi.org/10.26767/2128>
- Diniz, R. F., & Pinheiro, J. Q. (2014). Cuidado ambiental em tempos de sustentabilidade: relação entre compromisso pró-ecológico e orientação de futuro. *Psico*, 45(3), 387-394. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.3.17321>
- Feitosa, M. Z. S., & Bomfim, Z. A. C. (2020). Povos originários em contextos de desigualdade social: afetividade e bem viver como modos de (re)existência ético-política. *Revista Psicologia Política*, 20(49), 719-734.
- Feitosa, S. F., & Lacerda, R. F. (2015). Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial. *Interritórios Revista de Educação*, 1(1), 5- 23.
- Ferreira, F., & Bomfim, Z. A. C. (2010). Sustentabilidade ambiental: visão antropocêntrica ou biocêntrica? *Ambientalmente Sustentável*, 9(10), 37-51. <https://doi.org/10.17979/ams.2010.01.09-010.823>
- Gurgel, F. F., & Pinheiro, J. Q. (2011). Compromisso Pró-Ecológico. In S. Cavalcante, & G. A. Elali (Orgs.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp.159-181). Vozes.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Méndez, A. O. (2015). Psicología Ambiental y Ruralidad. In F. Landini (Ed.), *Hacia una Psicología Rural Latinoamericana* (p. 307-314). CLACSO.
- Pessoa, Y. S. R. Q., & Alchieri, J. C. (2013). Agricultura Familiar Orgânica: em busca de qualidade de vida no âmbito do desenvolvimento rural mais sustentável. In J. F. Leite, & M. Dimenstein (Orgs.), *Psicologia e contextos rurais* (p.333-355). EDUFERN.
- Pinheiro, L. V. S, Gurguel, F. F, & Pinheiro, J. Q. (2021). “Além das

cercas, o meu lugar”: resistência, agroecologia e transformações socioespaciais no contexto rural. In T. M. Farias, N. Olekszechen, & M. A. M. Brito (Orgs.), *Relações pessoa-ambiente na América Latina: perspectivas críticas, territorialidades e resistências*. (p. 389-406). ABRAPSO Editora.

Santos, C. F., Siqueira, E. S., Araújo, I. T., & Maia, Z. M. G. (2014). A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. *Ambiente & Sociedade*, 17(2), 33-52. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000200004>

# O SENTIMENTO DE PERTENÇA DE COMUNITÁRIOS INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS EM UMA COMUNIDADE PLURIÉTNICA NA CIDADE DE MANAUS

Kássia Pereira Lopes

Marcelo Calegare

## Introdução

Em meados da década de 1960 veio se configurando a Psicologia Social Comunitária como contrapartida a uma Psicologia tradicional que não resolvia as demandas da população no Brasil e na América Latina. Nas décadas de 1970 e 1980 diversas universidades com cursos de psicologia no Brasil criaram a disciplina de Psicologia Social Comunitária, constando definitivamente na maioria dos currículos nos anos 1990. Esse movimento curricular foi a expressão da prática de estudantes e profissionais que adentraram nas comunidades, disponibilizando assistência à população que não tinham acesso aos serviços de clínica psicológica, configurando uma Psicologia na e da comunidade. Com o desenvolvimento da práxis psicossocial, estabeleceu-se a Psicologia Social Comunitária (PSC), que consiste entre o processo comunitário a partir da relação do indivíduo sócio-histórico na construção de si, do outro e com o outro no seu ambiente social (Freitas, 1998).

A PSC estuda os processos psicossociais e a vida nas comunidades, esta última entendida como um lugar ou local na sociedade que possui uma dinâmica de funcionamento próprio, configurada por vivências cotidianas das pessoas que a compõe (Góis, 1994). A comunidade possui suas peculiaridades e características próprias, vivenciando sua história em um contexto sócio-político-geográfico, compreendendo reciprocidade, laços e coletividade (Freitas, 1998; Orth, 2010).

O modo de vida e a identidade local muitas vezes só consegue ser observada a partir do processo interacional, ou seja, quando há uma participação ativa do indivíduo naquela comunidade. A

representação da identidade consiste na expressão de si mesmo e o processo de identificação é um fenômeno social e não natural, sendo reflexo da estrutura social e construção sobre ela, conservando ou transformando a própria identidade num processo dialético (Ciampa, 1989).

Além disso, as ciências humanas e sociais vêm ao longo desses últimos anos, buscando compreender como fenômenos coletivos, tais quais os de classes sociais, multidões etc., são ocasionados e ainda o que induz as pessoas a participarem das ações coletivas, que constituem as identidades coletivas (Calegare & Higuchi 2016). E dentro da comunidade, a vivência permite a observação da interação do coletivo, em que a pessoa vivencia a realidade comunitária, transformando sua consciência sobre si e sobre o mundo. Definimos a vivência como situações que a pessoa experimenta e que desencadeiam sentimentos, significados, sentidos, tal como o sentimento de pertença (Góis, 1994). O sentimento de pertença relaciona-se com a convivência dos moradores na comunidade (Alcântara et al., 2015). Tal sentimento possibilita que a pessoa se envolva, atue, sendo mais participativa nos processos comunitários.

A PSC visa contribuir para a compreensão da dinâmica e da identidade que envolve as pessoas numa comunidade, e tem o intuito de eticamente estimular a atuação dos envolvidos e a conscientização, instigando a construção de melhorias nesse lugar. A vida em comunidade desperta afetos e sentimentos, expressando-se por vínculos e identificação entre as pessoas e destas com o lugar. Dessa feita, um aspecto que caracteriza a comunidade é os sentimentos de pertencimento e de comunidade, permanência, territorialidade e comunicação (Peruzzo & Volpato, 2009).

Na cidade de Manaus/AM, tal qual em muitas outras cidades brasileiras, a presença de povos indígenas morando nas cidades tem sido uma realidade constante. Os indígenas, com a idealização de progresso e desenvolvimento, foram migrando das zonas rurais às cidades interioranas e destas até ocupar as grandes cidades, em busca das melhores oportunidades socioeconômicas, de saúde, educação e lazer (Bernal, 2009). Tanto no período da borracha (metade do século XIX) quanto na criação da Zona Franca de Manaus (década de 1960), intensificou-se o processo de urbanização na capital

do Amazonas, Manaus. No estado do Amazonas há este fenômeno de migração de populações indígenas e não indígenas à capital, que buscam melhorias socioeconômicas, na qualidade de vida e no acesso a serviços e direitos básicos (Calegare et al., 2021).

No ano de 2013, foi criada a partir de uma ocupação em uma Área de Proteção Permanente (APP) na região norte da cidade de Manaus, a comunidade denominada Comunidade Assentamento Indígena Sol Nascente (CSN), com habitantes indígenas e não indígenas (Calegare et al., 2021). Neste artigo, temos por objetivo apresentar e discutir como moradores indígenas e não indígenas do Assentamento Sol Nascente significam o viver nessa comunidade e como isso se relaciona ao sentimento de pertencimento deles.

## **Metodologia**

Na pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa de caráter descritivo (Gerhardt & Silveira, 2009). Os instrumentos utilizados para compor a pesquisa foram conversas informais, visita domiciliar, observação participante com registro de diário de campo e entrevista semiestruturada. A pesquisa foi realizada na comunidade Assentamento Indígena Sol Nascente, localizada no bairro de Francisca Mendes 2, zona norte de Manaus/AM. Para análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo temática de Bardin (1977), que consiste na pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Criamos as seguintes categorias a serem expostas nos resultados: (a) significado de comunidade; (b) comunidade: ocupação ou invasão; (c) participação em lutas comunitárias.

Foram entrevistados 13 comunitários: 07 indígenas de 05 etnias diferentes (Kaixana, Sateré-Mawe, Baré, Kokama e Apurinã) e 06 não indígenas; entre 19 a 80 anos (média = 37,6); a maioria em uma união estável (07) ou casados (05); da escolaridade, 02 tinha ensino médio completo, 09 possuíam somente o ensino fundamental incompleto e 02 nenhuma escolaridade; da fonte de renda, 05 tinham carteira assinada, 04 recebiam o Bolsa Família, 02 tinham trabalho autônomo, 01 era aposentado e 01 estava desempregado. Do tempo de moradia, os participantes residiam há 02 anos (01), 03 anos (03), 04 anos (07) e 05 anos (02).

## Resultados e Discussões

### Significado de Comunidade

Sobre o significado de viver na comunidade para os moradores, temos quatro subcategorias: laços intracomunitários (04 participantes); lugar para morar (02); cidade do interior (02); local agradável (03). Exemplos das respectivas subcategorias por trechos das entrevistas são mencionados a seguir.

#### *Laços intracomunitários:*

Comunidade é as pessoas viverem em conjunto, em união, tudo que acontece assim pra melhorar a situação. Porque com união, você vai conquistar muitas coisas (Simone, indígena).

#### *Lugar para morar:*

Os pessoal moram assim, as pessoas moram assim que não tem lugar, e procuram um lugar pra morar, né. O meu caso, que eu não tinha um lugar pra morar e essa invasão aqui, pra não pagar aluguel. Aí vim pra cá (Helena, indígena).

Foi quando eles vieram e resolveram invadir pra lá, né, reclamar terra pra lá e foi quando surgiu a... Foi quando ficou maior a comunidade, porque antes era só uma pequena parte e agora tomou uma grande proporção lá pra cima, pra lá e pra cá (Ricardo, não indígena).

#### *Cidade do interior:*

Aqui eu me sinto como se eu tivesse lá no interior, eu sou muito interiorano. Que eu nasci em Parintins, mas eu fui criado lá no interior de Barreirinha, que eu faço parte lá da área indígena (Felipe, indígena).

Comunidade que eu conheço é um lugar, que estamos no meio de Manaus, né, eu não entendo muito de comunidade, comunidade que eu conheço é pra onde eu morava no interior, é uma comunidade (Ismael, não indígena).

#### *Local agradável:*

Pra mim, graças a Deus, é tudo bem (Luiza, não indígena).

Eu considero que é bom e que é uma área que é indígena, né, que ele gostou muito e nós também, né? (Regina, não indígena).

Como podemos observar, os comunitários nos revelam que o significado de comunidade está atrelado às relações que se consolidam no lugar, à moradia, às lembranças sobre suas origens e sentimentos acerca do espaço. Comunidade em si proporciona a fina-

lidade de ser uma fonte de vida, sentimentos que advêm de nossa individualidade que só podem ser expressos em meio à comunidade (Peruzzo & Volpato, 2009). Idealização de comunidade é um modo de exprimir a vontade de viver em sua totalidade. A vida em si, nasce e desenvolve-se dentre comunidades.

Há uma amplitude no significado de comunidade, no entanto podemos designar como solidariedade, reciprocidade e valores coletivos. A palavra comunidade trás consigo sensações de segurança perante perigos da sociedade. Só há comunidade quando sentimentos comuns perante determinadas situações desenvolvem reciprocidade a ponto de unir para formar uma totalidade. O termo comunidade perpassa a ideia de uma identidade compartilhada. Comunidade remete também à idealização de espaços físicos, tais como bairros, vilas, cidades ou grupos religiosos (Peruzzo & Volpato, 2009). Dessa feita, o que pudemos verificar entre os moradores do Assentamento é a pluralidade de significados dados à comunidade, que de modo geral são todos aspectos positivos da vivência e pertencimento comunitário.

### **Comunidade: Ocupação ou Invasão**

Investigamos se o comunitário compreendia que o Assentamento Indígena Sol Nascente era uma ocupação ou se era uma invasão. Para 11 deles a comunidade é uma ocupação, enquanto 02 entendiam que era fruto de uma invasão. Relatos da primeira subcategoria foram:

É uma ocupação. Porque as terras eram indígena, né, dos índio. E como eu creio que no interior não há mais renda, tipo, que eles dependem de caça e pesca, né, não tá que nem era antes, então eu acho que eles veio retomar a terra deles e tão aqui (Ricardo, não indígena).

É uma ocupação, a gente comprou aqui, né? A gente não invadiu, não foi uma invasão (Luiza, não indígena).

Eu não sei te diferenciar isso. É uma ocupação, porque era do governo, era uma área de APP isso aqui. Já bem distante do igarapé, mas era considerada uma área de APP isso daqui (Felipe, indígena).

Na subcategoria invasão, os comunitários que identificam a comunidade como tal afirmam:

Eu acho assim, que é uma invasão, né? É invasão porque sempre o pessoal fala que eles entraram assim, né? Uma vez nós participamos de uma lá do lado e era assim também, todo mundo entrou assim, né? Aí por isso que eu acho que é uma invasão, né? (Regina, não indígena).

Quando eu entrei, falaram que era uma invasão, aí agora pra mim, tá tipo assim, um bairro já. Mais as culturas não deixam de acontecer, quando é dia de festa ela acontece. [...] Eu acho que o tempo de invasão já passou, mas aqui eles falam que é uma área indígena (Débora, indígena).

Góis (2005) apontou três características fundamentais presente nas inúmeras definições de comunidade: o sentimento de pertença, o compartilhamento de uma mesma cultura, as conexões estabelecidas em território comum. A estas podemos considerar dimensões importantes atravessando a vida comunitária: o próprio território, a língua, a religião, a política e etc. A partir da vivência das pessoas, estas definem o que é sua comunidade. No caso dos moradores do Assentamento, eles a compreendiam ou como ocupação ou como invasão.

Podemos compreender que ocupação está relacionada com posse e legalidade, da apropriação de algo pelos meios legais, enquanto invasão tem uma conotação de ilegalidade, de reprovável (Almeida, 2006). Pelas falas dos depoentes, o Assentamento Indígena Sol Nascente é majoritariamente uma ocupação. Essa característica é um modo de reafirmação dos comunitários relacionado à necessidade e acesso a moradia, abrigo, segurança e bem-estar, mesmo que em uma área com dificuldades de acesso a serviços básicos. Dessa feita, o sentimento de pertencimento comunitário é atravessado por esse viés político da ocupação de um território.

## **Participação em Lutas Comunitárias**

Ao investigarmos a respeito dos processos participativos na vida comunitária, todos os depoentes relatam algum tipo de participação. Essas nuances da participação podem ser percebidas nas subcategorias: apoio (01 participante); participação nas atividades comunitárias e reuniões (11); auxílio financeiro (01 participante) para reivindicação externas em prol de melhorias comunitárias. Seguem exemplos nos trechos das entrevistas:

Eu acho porque agora eu moro aqui nesse pedaço que antes eu não tinha, né? E agora eu tenho. Porque aqui muitas vezes já quiseram tomar esse terreno, né? Aí por isso que eu acho, assim, né? A gente deve tá aí apoiando eles, né? (Regina, não indígena).

Meus filhos participaram desde o início, desde que começou eles estiveram por aqui” (Simone, indígena).

Ah sim, quando tem reunião que nós somos convidados vai pra lá participar (Cristian não indígena).

Geralmente eu vou às reuniões só, entendeu? Até porque não tem mais luta, né? O pessoal lá que eu creio que é uma diretoria, que é o cacique, o pessoal dele lá, que eles vão quando é reunião fora, essas coisas, entendeu? (Ricardo, não indígena).

Assim, não se preocupe não, eu vou ajudar, tá aqui, se a senhora gastar ou da pros outros o problema é seu, né, que é isso. O direito é isso também (André, indígena).

Segundo Bordenave (1983), participar está relacionado com constituir, apoderar e exercer a parte, podendo haver a participação de um indivíduo de maneira ativa ou passiva. Na primeira forma, há a presença de alguém engajado. Na segunda forma, ele encontra-se estagnado e inativo, mas de alguma maneira sente-se participante. Como pudermos observar pelas falas dos depoentes, todos os participantes declararam o engajamento perante as lutas comunitárias, seja na forma de apoio, engajamento nas atividades comunitárias, reuniões, ou doação de auxílio financeiro. Dessa feita, o sentimento de pertença comunitário é marcado pela participação em ações comunitárias relacionadas à organização sociopolítica e lutas por melhorias comunitárias, que são realizadas prioritariamente pela associação formal constituída na comunidade.

## **Conclusão**

O significado de comunidade segundo as características definidas pelos moradores correlaciona-se com interações com o lugar, vivências coletivas, participação política e desenvolvimento comunitário. A compreensão de comunidade como ocupação direciona para a reflexão que dentre as pessoas de classe econômica mais baixa, como é o caso dos comunitários, há a carência no acesso a políticas públicas habitacionais. Conforme houve possibilidade de moradia, desenvolveu-se o processo de apropriação de terrenos, lotes e cons-

truções na comunidade Assentamento Indígena Sol Nascente. Deste modo, refletimos sobre a importância de considerar esta dimensão nas vivências comunitárias indígenas em ambientes de cidade. Concluímos, assim, que se deva considerar o aspecto político que permeia as práticas sociais e a construção dos elos afetivos que resultam na sensação de sentir-se parte, ser um comunitário e morador da comunidade.

Consideramos que fazer a leitura da realidade comunitária indígena citadina Sol Nascente, com base nos pressupostos do conceito de comunidade, conforme os dados obtidos neste estudo, nos permitiu pensar sobre o significado de comunidade no dia a dia desses moradores, nas organizações políticas reivindicatórias desta comunidade indígenas. Essa movimentação possibilita a interpretação acerca do fortalecimento da identidade étnica indígena, coesão grupal e aspectos vivenciais nas relações intra e interétnicas.

Além disso, o caso do Assentamento Indígena Sol Nascente apresenta problemáticas de acesso aos serviços básicos, e infelizmente seus moradores acabam sendo desassistidos pelo poder público. Nesse sentido, podemos inferir que os comunitários se sentem pertencentes à comunidade a partir das lutas políticas de reivindicações de melhorias. Como consequência, geram-se também vínculos afetivos, identificação e valorização do ambiente comunitário, o que proporciona o fortalecimento comunitário, a identidade étnica e a coesão grupal.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos concedida para realização da pesquisa. Agradeço também à Comunidade Assentamento Indígena Sol Nascente, que permitiu o desenvolvimento da minha pesquisa.

## **Referências**

Alcântara, S. C., Abreu, D. P., & Farias, A. A. (2015). Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de

pertença *Revista Colombiana de Psicología*, 24(1), 129-143. <http://dx.doi.org/10.15446/rcp.v24n1.40659>

Almeida, G. C. (2006). Invasão ou ocupação? *DireitoNet*. <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2697/Invasao-ou-Ocupacao>

Bardin, L. (1977). *Análise do Conteúdo*. Edições 70.

Bernal, R. J. (2009). **Índios Urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus**. EDUA; Faculdade Salesiana Dom Bosco.

Bordenave, J. E. D. (1983). *O que é participação?* Editora Brasilense.

Calegare, M. G. A., & Higuchi, M. I. G. (2016). Transformações das Identidades Coletivas em Comunidades no Alto Solimões/AM. *Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB)*, 32(3), 01-09. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e323222>

Calegare, M., Lopes, K. P., Zacarias, E. F. J. (2021). Sentimento de pertença de moradores indígenas e não indígenas em comunidade pluriétnica de Manaus/AM. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 26(3), 333-343.

Ciampa, A. C. (1989). Identidade In: S. T. M. Lane, & C. Wanderley (Orgs.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (8ª ed., pp. 58-77). Editora Brasiliense.

Freitas, M. F. Q. (1998) Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: Práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia* (2ª ed., p. 59-80). Vozes.

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Editora UFRGS.

Góis, C. W. L. (1994). *Noções de Psicologia Comunitária*. Edições UFC.

Góis, C. W. L. (2005). *Psicologia comunitária. Atividade e consciência*. Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais.

Orth, T. (2010). *As contribuições da comunicação comunitária para processos de mobilização social: o caso da rede de atendimento a crian-*

*ça e ao adolescente a Lomba do Pinheiro* [Dissertação de Mestrado em Comunicação Social]. PUCRS.

Peruzzo, C. M. K., & Volpato, M. O. (2009) Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. *Libero*, 12(24), 139-152.

# MEU LUGAR, MINHA IDENTIDADE: RELAÇÃO AFETIVA PESSOA-AMBIENTE E OS PROCESSOS DE DESAPROPRIAÇÃO EM COMUNIDADES RURAIS DO CEARÁ, BRASIL

Cícera Mônica da Silva Sousa Martins

Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Liana de Andrade Esmeraldo Pereira

## Introdução

O estado do Ceará, localizado na região geográfica denominada “Polígono da Seca”, historicamente vivencia problemas relacionados à escassez hídrica. Logo, a história deste estado possui relação direta com a história da seca e dos impactos sociais causados pela gestão desse processo. De acordo com Chacon (2007), os conflitos por acesso à água são constantes no cenário cearense, sendo um palco de disputa onde os sertanejos, em sua maioria pequenos agricultores que residem no Sertão cearense, sofrem impactos diretos e invisibilidade de suas causas sociais.

O discurso do “combate” à seca que fortalece a elaboração de políticas públicas é permeado por uma representação midiática e estereotipada do semiárido nordestino, onde é perceptível que o direcionamento das ações para suprir a recarga hídrica dos grandes centros urbanos e de latifúndios anda lado a lado ao discurso de urgência em suprir a situação de pobreza hídrica que afeta o sertão, local esse representado a partir do discurso do atraso e da necessidade de modernização do acesso à água (Saboia, 2015).

Tais perspectivas coadunam o surgimento de ações estratégicas embasadas na perspectiva da “Indústria da Seca”, definida por Chacon (2007, p.164) como a “obtenção de forma organizada, de benefícios de natureza econômica a partir de uma situação catastrófica, no caso a seca”. Nesse processo, ganha protagonismo a realização de ações emergenciais, como a construção de grandes obras hídricas e de infraestrutura, como estratégia central de intervenção aos efeitos da seca, desconsiderando que esse fenômeno é multidimensional e que as políticas públicas planejadas para suprir essa pauta não foca-

vam nos principais pontos do problema, fatores ambientais e vulnerabilidade social, realizando ações que apenas sanam aspectos emergentes, mas sem nenhuma mudança concreta na vida dos sertanejos.

Dentre as estratégias que permeiam a lógica emergencial das políticas de recursos hídricos, os Grandes Projetos de Investimento (GPI), definidos por Cruz e Silva (2010) como projetos econômicos de alto impacto que abarcam em especial as pautas de infraestrutura e construção de grandes obras, são tidos como estratégias cruciais para sanar os danos causados pela seca. Porém, como é apontado por Vainer e Vieira (2005) por trás da construção de um GPI, existe a figura do atingido, que são todas as pessoas que tem aspectos de sua vida afetados por um empreendimento.

Entre as modalidades de impacto da chegada de uma grande obra, existe a desapropriação por interesse público, que segundo a Lei n.º 3.365/41, consiste na expropriação de qualquer bem imobiliário a partir de uma declaração de utilidade pública, sendo que esse processo “poderá abranger a área contígua necessária ao desenvolvimento da obra a que se destina, e as zonas que se valorizarem extraordinariamente, em consequência da realização do serviço” (Brasil, 1941, p.2). O processo de desapropriação pode ocasionar, para além das perdas materiais, danos psicossociais como a quebra de vínculos sociais, surgimento de quadros de adoecimento psicológicos com ansiedade e depressão e distanciamento das redes de apoio local, sendo alguns desses danos “causados pela ruptura e alienação social como stress, depressão e, em alguns casos, suicídio” (Vainer & Vieira, 2005, p.4).

Tendo em visto esse panorama, o presente estudo se debruça sobre os aspectos psicossociais envolvidos no processo de desapropriação ocasionado pelas obras do Cinturão das Águas do Ceará (CAC), que tem o objetivo de realizar a adução das águas advindas da Transposição do Rio São Francisco para as 12 bacias hidrográficas do Ceará, tendo como tônica para construção o discurso alinhado para a emergência do problema da seca no estado. Porém, ao observar a destinação final das águas, Martins et al. (2019) apontam que o caminho das águas se centraliza na zona industrial metropolitana, portuária e capital: centro estratégico de produção, carga e descarga de mercadorias. A participação da população nos processos deliberativos ou consultivos não é fruto do diálogo natural entre Estado e Sociedade Civil, havendo muitas vezes sequer anuência dos fatos

consolidados, surpreendendo famílias nos processos de implementação que, muitas vezes, mal sabem o que está ocorrendo nas proximidades de seus lares.

Durante o processo de chegada da obra, a população atingida se organizou, a partir de movimentos sociais de base, para agir enquanto grupo de resistência à forma que a obra estava sendo conduzida naquele local, tendo em vista o descaso do poder público com essa parcela da população, principalmente no que se diz respeito os problemas de comunicação, visto que os moradores só foram informados sobre a desapropriação a partir da mensuração das áreas atingidas feitas por funcionários de uma empresa terceirizada que prestava serviço para este projeto. Esses trabalhadores adentraram nas propriedades sem pedir autorização prévia dos moradores e os comunicou da desapropriação de forma vaga, o que deixou a população apreensiva.

Visto o contexto de lutas da comunidade em defesa do seu território, o objetivo desse trabalho é refletir sobre os afetos envolvidos na relação dos moradores com as comunidades rurais atingidas pelo Cinturão das Águas do Ceará e como esses estão relacionados com o surgimento dos movimentos de resistência à desapropriação gerada por este processo.

## **Método**

O presente estudo se caracteriza como pesquisa de natureza qualitativa. Levando em consideração que a pesquisa em Psicologia Socioambiental comporta processos de tomada de decisão e intervenção no ambiente, mediante as demandas sociais observadas e tem no componente contextual do território onde esta está sendo desenvolvida a compreensão do ambiente social enquanto mediador da relação do indivíduo com o seu entorno (Moser, 2016), optou-se pela metodologia da Pesquisa Participante. Segundo Brandão e Borges (2007), a pesquisa participante é um método de pesquisa de campo que possui origem em contextos comunitários, favorecendo práticas plurais alinhadas à demandas populares, que favorecem o diálogo e construção de conhecimento com os sujeitos de pesquisa, a partir de uma relação sujeito (pesquisador) – sujeito (população pesquisada), visto que “é através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de com-

preensão da realidade social pode ser construída” (p.54).

Tendo como norteador desse recorte dos resultados da pesquisa de dissertação de Martins (2020), o foco da pesquisa participante foi o acompanhamento dos movimentos sociais de resistência à chegada das obras do CAC. Para isso, durante os anos de 2018 e 2019, foram realizadas tanto a análise documental de produções voltadas para a relatoria da construção histórica dos movimentos de resistência, quanto visitas técnicas nas reuniões promovidas pela Associação de Moradores do Baixio das Palmeiras e pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Município do Crato; como também, participação em dispositivos culturais, símbolo da resistência comunitária local.

Como instrumento de coleta de dados escolhido para compreender a dimensão socioafetiva da insurgência dos movimentos de resistência e defesa do território, foi escolhido o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos, elaborado por Bomfim (2008, p.253) com o objetivo de trazer a “compreensão psicossocial e sociocultural na relação entre subjetividade e espaço construído, enfatizando o afeto como grande agregador da percepção e do conhecimento sobre a cidade”.

O IGMA tem como base de elaboração a compreensão Histórico-Cultural da afetividade a partir de Lev Vygostky, a Psicologia Ambiental embasada na vertente transacional, os estudos de Espinosa sobre afeto, a Teoria dos Sentimentos de Agnes Heller e os estudos sobre afetividade e exclusão social de Bader Sawaia. Para Bomfim (2010), o afeto surge como categoria importante para compreender a relação pessoa-ambiente como elemento integrador desta, possuindo um caráter reflexivo e suscitando o desenvolvimento de uma racionalidade ético-afetiva na cidade.

O afeto nesse sentido é entendido enquanto “um ato de implicação com algo ou alguma coisa, seja uma pessoa, um espaço ou até mesmo uma ideia” (Bomfim, 2010). Tal processo faz parte das demais funções psicológicas superiores, como o pensamento e a atividade e pode assumir tanto uma forma positiva quanto uma forma negativa, sendo que este reverbera com a forma que o sujeito age em seu entorno. Os habitantes podem agir perante a sua localidade de forma ativa (afetos positivos, potencial de ação, emancipação) ou passiva (afetos negativos, potencial de padecimento, servidão). Os

bons encontros favorecem a busca da autonomia, enquanto os maus encontros fomentam a alienação.

A partir dessa compreensão, a estrutura do IGMA é composta por elementos que privilegiam a utilização de recursos imagéticos como desenhos e metáforas enquanto disparador e sintetizador dos afetos apreendidos no processo. Os elementos que compõem o instrumento são o desenho, palavra-síntese, os recursos metafóricos, pergunta norteadora sobre a vivência espacial do sujeito abordado, o traçado dos caminhos percorridos pelo sujeito para chegar a seu destino de origem, dados sobre envolvimento em grupos e movimentos sociais, dados sociodemográficos e a Escala de Estima de Lugar (EEL), sendo esta última composta por 41 respondentes referentes a cinco imagens: Pertencimento, Agradabilidade, Insegurança, Destruição e Contraste; sendo essas relacionadas às estimas potencializadoras (Pertencimento e Agradabilidade) e despotencializadoras (Insegurança e Destruição) e o Contraste pode ser tanto alinhado à estima potencializadora quanto à despotencializadora, de acordo com os resultados obtidos na aplicação do instrumento (Bomfim, 2010; Pacheco, 2018).

Bomfim (2015, p.382) apresenta a estima de lugar como elemento que “apreende a noção dialética e não dicotômica do subjetivo e do objetivo, do interno e do externo, do social e individual além de uma visão de que o lugar pode ser visto também como uma forma de emancipação humana”. Logo, a estima de lugar é uma categoria social que lida tanto com as necessidades expressas pela comunidade, como também os afetos existentes, possibilitando a avaliação das potencialidades e vulnerabilidades na relação entre o indivíduo e o ambiente onde está inserido.

Para a aplicação do IGMA, foram abordados dezessete moradores advindos de duas comunidades rurais que integram o distrito Baixio das Palmeiras: a sede Baixio das Palmeiras e o Baixio do Muquém. A escolha se deu por estas serem as comunidades rurais com maior número de atingidos no distrito. Nessa amostragem, onze moradores estão passando pelo processo de desapropriação e seis moradores fazem parte da liderança comunitária que conduz os movimentos de resistência ao CAC. A maioria da amostragem é composta por homens com idades entre 30 a 76 anos (10 homens), com renda aproximada entre 1 a 2 salários mínimos e residentes das comunidades desde seu nascimento.

Os dados coletados nos IGMA foram analisados a partir do método Análise de Conteúdo Categorical, que segundo Bardin (2009) trata-se de um conjunto de técnicas que tem foco em aspectos comunicacionais, que são codificados pelo investigador a partir de um tratamento sistemático dos dados coletados, ocorrendo a partir de três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Permite ao pesquisador uma coordenação dos elementos mais recorrentes nos documentos e a organização destes itens. O processo de aplicação do IGMA seguiu as normas éticas em pesquisa de acordo com o que é estipulado pela resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, que diz respeito às questões éticas em pesquisa com seres humanos. Todos os participantes receberam nomes fictícios e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), com o esclarecimento dos sujeitos da pesquisa sobre os procedimentos e preservação do sigilo.

## **Resultados e Discussões**

Antes de iniciar a discussão acerca dos dados obtidos durante a aplicação do IGMA, faz-se necessária uma breve contextualização sobre o surgimento da resistência comunitária do Baixo das Palmeiras. De acordo com Nobre (2017), o estopim dos conflitos socioambientais no território ocorreu com a chegada dos trabalhadores da empresa terceirizada responsável pelo CAC nas propriedades, que ocorreram sem consentimento prévio dos moradores e os pegaram de surpresa. Durante a aplicação do IGMA, muitos moradores se referiram a esse evento como uma invasão, como pode ser visto nessa fala:

Foi uma invasão! Tava na casa da minha mãe e escutamos um barulho e escutamos uma pessoa batendo atrás da casa, minha irmã falou que viu umas pessoas mexendo. Fomos lá e tinha um pessoal sem aquele negócio que bota pra identificar, isso, um crachá, fazendo uma trilha pra trás da mata. Perguntei o que tava acontecendo e um rapaz bem enxerido falou “vai passar algo aqui”, pedi por detalhes e ele disse que depois ia informar. Depois passaram fazendo as medições, ficou só aparecendo gente colocando uma marcação com o nome CAC, demarcando (VIOLETA).

O processo se intensificou no ano de 2012 e não ocorreu, por parte do governo estadual, nenhuma audiência com os moradores

para explicar o porquê de aquela comunidade ser atingida e quais as medidas mitigatórias seriam ofertadas para contensão dos danos ocasionados pela desapropriação. No estudo de Nobre (2017), é demonstrado que paralelo à essas problemáticas as comunidades afetadas começaram a se organizar em um movimento social orgânico, que tinha como principal foco a garantia da proteção dos direitos dos moradores e a defesa do território afetado.

Pereira (2020), ao versar sobre conflitos em hidroterritórios, afirma que o caso do movimento “Somos Todos Baixio das Palmeiras” é perceptível a forte atuação deste para conscientização do público geral sobre a problemática sofrida pela população, como pela busca pelo respeito dos direitos violados nesse processo de expropriação compulsória, como, por exemplo, o direito a moradia. Dentre as ações realizadas pelo Somos Todos Baixio das Palmeiras, destacam-se as denúncias feitas ao Ministério Público Federal sobre a falta de trato e diálogo do governo estadual com as comunidades afetadas, realização de reuniões e seminários populares com foco nas problemáticas vivenciadas pelos moradores, caminhadas, ações artísticas e culturas e criação do Fórum Popular das Águas do Cariri, que segundo Nobre (2017, p. 185) trata-se de um “espaço alternativo em relação à questão hídrica no estado do Ceará pautando a água como um direito fundamental contribuindo para uma gestão hídrica que seja ecológica, social e cidadã”. Espaço esse criado para a realização do controle social dos processos envolvidos na obra do CAC.

Partindo de um cenário de anos de lutas sociais, compreendemos as reverberações desse processo e seus impactos psicossociais observando os resultados obtidos pela aplicação do IGMA. Dentre os dezessete instrumentos aplicados, percebe-se uma predominância da imagem Contraste (9 mapas afetivos), definido por Bomfim e colaboradores (2014) como sentimentos e sensações ambíguas que emergem no discurso do sujeito sobre o lugar, sendo que esses podem ser potencializadores (voltados ao enfrentamento dos problemas existentes no entorno) ou despoteencializadores (processo que pode fomentar desmobilização social e fatalismo). Além disso, foram observadas a existência de sete mapas afetivos com imagem de pertencimento e um de agradabilidade.

No caso dos contrastes observados, pode-se perceber a dualidade entre sentimentos relacionados à esfera do pertencimento (apego ao local, senso de defesa do território, amor, satisfação) quando

os moradores se referem a sua vivência comunitária e sentimentos relacionados à imagem de insegurança (medo, angústia, desesperança, preocupação) no que se refere a chegada da obra, como pode ser observado no mapa afetivo abaixo (Figura 1).

Figura 1  
 Mapa Afetivo de Batateiras. Fonte: Martins (2020).

<b>IDENTIFICAÇÃO:</b>			
<b>Nome:</b> Batateiras		<b>Sexo:</b> M	<b>Idade:</b> 50 anos
<b>Escolaridade:</b> Ensino Fundamental Incompleto		<b>Comunidade:</b> Baixio da Palmeiras	
		<b>Tempo de residência:</b> 50 anos	
<b>SIGNIFICADO:</b>	<b>QUALIDADE:</b>	<b>SENTIMENTOS:</b>	<b>METÁFORA:</b>
Um círculo, Porque é uma comunidade grande, unida, ajudam a gente, o povo faz caridade, são caridosos, são pessoas muito boas. Quando tem uma pessoa doente a comunidade, todo mundo, se junta pra ajudar. Tem um senhor com um tumor na coluna e não tinha dinheiro para operar e juntou todo mundo e fez um bingo beneficente para ajudar.	Eu amo o Baixio das Palmeiras, é uma comunidade que se fosse por mim eu só saia se fosse pro cemitério, porque estou na casa da gente.	Só penso que vamos ter que sair de perto das pessoas que a gente gosta e ter que sair daqui. Meu ganho é com minhas seriguelas e meus cocos, esse é meu ganho, vai se acabar tudo e eu vou viver de que? É triste, aqui é um lugar que eu amo muito. Tenho medo de quando o canal chegar minha mãe não resista, porque ela fica muito nervosa quando falam nele. É muito triste o que o governo está fazendo com a gente. Tristeza, angústia, medo, preocupação, alegria pela comunidade, amizade.	Comparo o Baixio como se fosse o céu, porque é muito lindo, e é perfeito, você não vê criminalidade no Baixio, calmo, sossegado, não tem confusão, só no tempo de política, mas num instante passa.
		<b>SENTIDO:</b>	
		A comunidade céu é aquela em que os seus <b>contrastes</b> estão presentes o sentimento de tristeza e preocupação por conta do processo de desapropriação ocasionado pelo CAC, ao mesmo tempo que há a percepção da comunidade como lugar de apoio mútuo, união e amizade.	
<b>Estrutura:</b> Metafórico		<b>Imagem:</b> Contraste potencializador	
<b>Escala Estima de Lugar (EDL):</b> 8			

Tanto no caso de Batateiras, como nos mapas dos oito moradores que apresentaram a imagem de Contraste, a dualidade pertencimento x insegurança perpassa as vivências dos moradores com a chegada da obra. A predominância dos sentimentos de pertencimento perante a insegurança aponta a potencialidade da estima de lugar dos moradores abordados. É a partir dessa estima que compreendemos o direcionamento das atividades de um sujeito em seu território. No caso do Contraste Potencializador, percebe-se que o pertencimento territorial e o forte apego ao lugar de moradia, aliada a uma forte rede de apoio social, foi a base afetiva fundamental para o surgimento dos movimentos de resistência, pois “mesmo em um estado de vulnerabilidade e sofrimento psíquico intenso, a luta fornece-lhe suporte para defender o seu lugar” (Martins, 2020, p.156).

O estímulo à participação social dos moradores e as atividades promovidas pelas lideranças comunitárias na resistência possui correlação direta com o polo pertencimento, visto que ao participar das reuniões e eventos promovidos pelo Somos Todos Baixio da Palmeiras, os moradores exercem o papel de defensor do seu território ameaçado, como também se mantem informado sobre as possíveis reverberações da construção em suas vidas, como pode ser visto por esta fala: “o pessoal da terceirizada chegou sem avisar, medindo, depois veio avisar que a gente teria que sair. Fiquei sabendo o que era mesmo pelos membros da associação. Eles nos alertaram sobre a necessidade de luta pelos nossos direitos” (BORBOLETA).

## **Conclusão**

Partindo dos dados obtidos neste estudo, é possível afirmar que os afetos potencializadores presentes nas imagens de contraste observadas, assim como os que apareceram nas imagens de pertencimento e agradabilidade, foram uma das forças motrizes para o surgimento dos movimentos de resistência às obras do Cinturão das Águas do Ceará nas comunidades rurais afetadas. Sendo que, mesmo com a existência dos afetos despotencializadores localizados no polo insegurança nos contrastes (que estão relacionados à obra), a forte vinculação socioafetiva dos indivíduos com o ambiente e sua noção de defesa e cuidado com seu amado território sobrepôs o medo e moveu as pessoas à se organizarem socialmente em busca do respeito aos seus direitos e a história do Baixio das Palmeira.

Porém, há muitos temores acerca da condução da obra e como essa impactará diretamente a vida dos moradores que continuam nas comunidades pesquisadas. Logo, o movimento de resistência continua a ficar vigilante e focado na defesa dos moradores dessas comunidades. As preocupações com o pós-obra também permeiam o discurso dos moradores, pois estes têm medo desse processo impactá-los negativamente pois presenciarão os frutos dessa construção. Logo, o presente trabalho suscita a necessidade de pensar o quão danoso pode ser a condução de um Grande Projeto de Investimento a partir de uma ótica meramente econômica do processo, sem levar em consideração os aspectos psicossociais dos atingidos, o que no caso estudado ocasionou inúmeros transtornos a população. Espera-se que esse estudo explicita a necessidade de abordar a importância da afetividade e do pertencimento territorial quando se planeja uma política pública de alto impacto socioambiental.

## **Agradecimento**

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES pelo financiamento desse estudo através da bolsa de mestrado concedida para a pesquisadora, o que possibilitou a condução e conclusão desse estudo.

## **Referências**

Bardin, L.(2009). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bomfim, Z. A. C. (2015). Afetividade como potência de ação para enfrentamento das vulnerabilidades. In A. F. Lima, D. Antunes, & M. G. A. Calegare (Orgs.), *A psicologia social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil*. (p. 375-389). ABRAPSO Editora.

Bomfim, Z.A.C, Nobre, B., Ferreira, T., Araújo, L., Feitosa, M., Martins, A., Alencar, H., & Farias N. (2014). Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In R. Garcia-Mira, & A. Dumitru (Eds.), *Urban Sustainability: Innovative spaces, vulnerabilities and opportunities* (p.131-148). Deputación de Coruña.

Bomfim, Z. A. C. (2010). *Cidade e afetividade: estima e construção de*

*mapas afetivos de Barcelona e São Paulo*. Edições UFC.

Bomfim, Z. A. C. (2008). Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In J. Pinheiro, & H. Gunther (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (p. 253-280). Casa do Psicólogo.

Brandão, C. R., & Borges, M. C. (2007). A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Revista de Educação Popular*, 6(1), 51-62.

Brasil. (1941) Decreto-Lei n.º 3.365, de 21 de junho de 1941. *Diário Oficial da União* - Seção 1 - 18/7/1941, Página 14427.

Chacon, S. S. (2007). *O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semiárido*. BNB.

Cruz, C. B., & Silva, V. P. (2010). Grandes projetos de investimento: a construção de hidrelétricas e a criação de novos territórios. *Sociedade e Natureza*, 22(1), 181-190.

Martins, C. M. S. S. (2020). *Afetividade em contextos de desapropriação: impactos psicossociais das obras do cinturão das águas do Ceará em comunidades rurais do município do Crato-CE* [Dissertação de Mestrado]. Repositório Institucional da UFC. [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53589/3/2020\\_dis\\_cmssmartins.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53589/3/2020_dis_cmssmartins.pdf)

Moser, G. (2016) *Introdução à psicologia ambiental: pessoa e ambiente*. Alínea.

Nobre, F. W. (2017). *Os efeitos do Cinturão das Águas do Ceará (CAC) no distrito de Baixo das Palmeiras, Crato - CE*. [Dissertação de Mestrado] Repositório do PRODER/UFCA. <https://proder.ufca.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/os-efeitos-do-cac-no-distrito-de-baixo-das-palmeiras-crato-ce-dissertac3a7c3a3o-liro-nobre-2.pdf>

Pacheco, F. P. (2018). *Afetividade e implicações psicossociais vividas pelos moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação em Fortaleza*. [Dissertação de Mestrado] Repositório Institucional da UFC. [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33731/3/2018\\_dis\\_fpacheco.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33731/3/2018_dis_fpacheco.pdf)

Pereira, L. A. E. (2020). *Migração ambiental compulsória em hidroterritórios: impactos nas famílias ocasionado pelo Cinturão das*

*Águas, na Região do Cariri Cearense* [Tese de Doutorado]. Repositório Institucional da UnB. [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/39910/1/2020\\_LianadeAndradeEsmeraldoPereira.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/39910/1/2020_LianadeAndradeEsmeraldoPereira.pdf)

Sabóia, A. L. (2015). *Água para quem? Os meandros da gestão de recursos hídricos no estado do Ceará*. [Dissertação de Mestrado] Repositório Institucional da UFC. [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16918/3/2015\\_dis\\_alsaboia.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16918/3/2015_dis_alsaboia.pdf)

Vainer, C. B., Araújo, F. G., & Vieira, F. B. (2005). *O que fazer quando uma hidrelétrica “bate à sua porta”: os impactos sociais e ambientais: manual do atingido*. Movimento dos Atingidos por Barragem.

**- CICLOS DE VIDA E RURALIDADES -**

# A CONSTRUÇÃO DO DIAGNÓSTICO SOCIAL SOBRE A PRIMEIRA INFÂNCIA CAMPISTA: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DAS ÁREAS RURAIS?

Beatriz Corsino Pérez

Juliana Thimóteo Nazareno Mendes

Leda Regina de Barros Silva

## Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de construção do Plano Municipal pela Primeira Infância, no município de Campos dos Goytacazes, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro, Brasil, enfatizando o que dizem e como vivem as crianças pequenas da área rural.

No município faltam informações sistematizadas sobre os modos de vida das crianças, o que dificulta a criação de programas e políticas públicas que atendam às principais demandas e que levem em consideração as crianças que se encontram em situação mais vulnerável. O projeto “Infâncias campistas: proteção e participação das crianças pequenas”<sup>1</sup> desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas (NIJUP/UFF), em parceria com o Conselho Municipal de Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMPDCA), busca superar esta lacuna de informações, ao produzir conhecimento sobre as diferentes infâncias existentes no município, a partir da análise de dados fornecidos pelos órgãos municipais, estaduais e federais, além da escuta das próprias crianças, que podem nos informar diretamente sobre suas necessidades e interesses. Entendemos que as crianças são produtoras de cultura (Sarmiento, 2003; 2005), podem gerar um saber sobre si próprias e agir na construção de novas possibilidades de se viver no mundo, ressignificando o instituído e colaborando com uma visão diferente sobre a realidade.

Partimos do pressuposto de que a formulação de políticas públicas deve envolver diferentes setores da sociedade, inclusive o

1 Financiado pela FAPERJ, PIBIC-CNPq, Prefeitura de Campos dos Goytacazes, pelo programa Mais Ciência.

seu público alvo, indo além dos grupos que operam a máquina estatal. Além disso, deve considerar a questão geracional de forma interseccional, articulada às categorias de raça, gênero, classe social, território, deficiência, entre outras. Com uma perspectiva crítica à modernidade e à racionalidade colonial (Quijano, 2005), direcionamos para uma teoria e prática condizentes com as infâncias do Sul Global (Castro, 2022), permitindo a emergência das diferenças geradas na diversidade das realidades de crianças camponesas, indígenas, quilombolas, de comunidades tradicionais, entre outras. Nestas especificidades, não há como desconsiderar o universo sócio político, econômico e cultural, carregado de múltiplas formas de apropriação do capital e de negação das potencialidades das crianças que vivem nas áreas rurais enquanto sujeitos sociais, protagonistas das experiências construídas pela diversidade geracional da qual integra e ressignifica.

No âmbito das políticas destinadas à infância, a Constituição da República Federativa de 1988 representou um importante marco legal. Instituiu a Doutrina da Proteção Integral, reconhecendo que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos em processo de desenvolvimento, detentores dos mesmos direitos previstos para todas as pessoas, independente da sua condição econômica, política e social. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) ratificou tal orientação, regulamentou as ações do Estado e da Sociedade na promoção e garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes e, com a aprovação do Marco Legal pela Primeira Infância, em 2015, o país alcançou significativos avanços voltados para a população de até seis anos. Com o Marco Legal, se desenvolveu uma política nacional integrada para a primeira infância, com abordagem e coordenação intersetorial, se tornando um instrumento legal que permite uma visão abrangente de todos os direitos para este segmento, com definição da co-responsabilidade entre União, Estados e Municípios (Souza & Pérez, 2017).

Entretanto, embora tenha havido uma ampliação da legislação e das estruturas institucionais jurídicas em relação à infância e seus direitos, ressaltam-se lacunas expressivas no âmbito do reconhecimento político acerca da implementação de políticas públicas e a relevância do devido rigor em relação a sua continuidade e constante atenção aos novos perfis das múltiplas demandas sociais que esta fase

enseja. Sabemos que, para saírem do papel, as leis precisam ser transformadas em medidas concretas a serem implementadas, para isso, há um caminho que passa também pela capacidade da população de se organizar para exigir seus direitos. A respeito, Bobbio (2004) analisa que tanto o processo de lutas sociais para a conquista de direitos como para efetivá-los têm igual dimensão política, ou seja, efetivar direitos requer, fundamentalmente, lutas coletivas.

Um exemplo de tal situação é o Plano Nacional pela Primeira Infância, que foi aprovado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, em 2010, e instituiu metas a serem atingidas até o ano de 2022. A partir da aprovação do Plano, a estratégia era de que os municípios construíssem, de forma participativa e em articulação com a sociedade civil, os Planos Municipais pela Primeira Infância. O Plano propõe 13 ações finalísticas, define diretrizes, objetivos e metas relativos aos direitos da criança de até seis anos de idade, tendo em vista uma ação governamental integral e integrada. No entanto, muitos municípios ainda não construíram seus Planos, como é o caso do município de Campos dos Goytacazes-RJ, que se encontra em processo de elaboração.

Assim, ainda que as leis tratem de importantes conquistas sociais, é fundamental que sejam apreendidas face às contradições que esse processo enseja, tendo em vista as múltiplas determinações presentes na lógica neoliberal. Esta tem se aprofundado na direção do encolhimento e da retração contínua do Estado, no âmbito dos investimentos sociais e de melhoria de vida da população, para se direcionar aos ditames do capital, com o foco na financeirização das relações sociais (Behring; Bochetti, 2006). Considerando esses aspectos, este artigo visa apresentar o processo de construção do Plano da Primeira Infância em Campos dos Goytacazes - RJ, a partir do recorte metodológico da pesquisa, elegendo a escuta de crianças pequenas residentes na área rural.

## **Metodologia**

### **Tipo De Pesquisa**

A pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório em que partirmos da concepção de *práxis* (Fals Borba, 1978; Freire, 1983) como

uma unidade dialética entre teoria e prática, em que reflexão e ação andam juntas, visando a transformação da realidade social. A metodologia de escuta foi construída com base na intervenção psicossocial (Machado, 2004), que considera que não há uma neutralidade na construção do saber e das intervenções realizadas, já que nossas produções se dão no curso da história e são guiadas pelas nossas concepções, havendo sempre uma intencionalidade, e consequências ético-políticas advindas do posicionamento adotado.

### **Procedimentos**

A oficina (Afonso, 2002; CECIP, 2012) foi a ferramenta escolhida, pois aposta na formação coletiva a fim de propiciar discussões, trocas de experiências e saberes a fim de ouvir as crianças. Neste sentido, em cada localidade, foi realizada uma oficina em que participaram, em média, 15 crianças em cada uma delas. Seguindo as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, cada criança foi informada sobre o projeto, participou de forma voluntária e assinou, da sua maneira, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), bem como seus pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As oficinas ocorreram mediante as seguintes atividades: a) desenho da casa e das pessoas que residem nela: nesta atividade, ao desenharem, as crianças também iam conversando com as pesquisadoras sobre suas produções; b) os caminhos das crianças da casa para a escola: em um papel pardo, as crianças reunidas em grupo desenharam ou usaram figuras disponibilizadas pelas pesquisadoras, para representar o que viam no caminho da casa para a escola, como faziam este deslocamento e quem as acompanhavam. Esta atividade foi orientada por algumas perguntas como: Como vocês vieram para a escola? Por quais lugares passaram? Vocês encontraram alguém no caminho? Vocês viram algum bicho? Vocês sentiram algum cheiro estranho? Por fim, realizou-se a atividade c) superpoderes: nesta contou-se uma história de cinco amigos que tinham amuletos que lhes permitiam realizar os desejos de se tornar ou tornar algo invisível, de expulsar o medo, de se transportar para outro lugar e de transformar as coisas. De posse dos objetos, as crianças brincaram sobre o que gostariam de fazer na comunidade onde viviam, na sua família ou na sua escola caso tivessem esses superpoderes.

## Participantes

O município de Campos dos Goytacazes, localizado no norte fluminense, no Brasil, tem uma população estimada de 514.643 pessoas (IBGE, 2021) e possui uma grande extensão territorial de 4.032,487 km<sup>2</sup>, se configurando como o maior município do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, possui uma variedade de comunidades tradicionais e grupos específicos, espalhados pelas diferentes regiões do município. As crianças que vivem nesses territórios, muitas vezes, encontram-se invisibilizadas, uma vez que a maior parte das pesquisas, dos atendimentos e serviços públicos e privados estão localizados no centro urbano, o que torna difícil o seu acesso.

Assim, através do trabalho de campo, fomos ao encontro dessas infâncias para escutá-las, de forma a ampliar o conhecimento sobre a realidade das crianças pequenas, considerando sua diversidade e diferença. Em 2022, foram realizadas entrevistas com profissionais da educação (professoras e gestoras) e oficinas com duzentas e dez crianças, do campo e da cidade, de 4 a 7 anos e distribuídas nos treze territórios de abrangência dos Centros de Referência da Assistência Social<sup>2</sup> do município, e com grupos específicos de comunidades tradicionais, favelas, ocupações rurais, crianças com deficiência, em situação de rua e em acolhimentos institucionais. Neste trabalho, focalizaremos a análise das falas das crianças de sete escolas das áreas rurais e de comunidades tradicionais, nos seguintes territórios: Dores de Macabu, Ponta Grossa dos Fidalgos, Farol de São Tomé, Rio Preto, Travessão, Três Vendas e Santo Eduardo. Nesses territórios, vivem crianças quilombolas, de comunidades de pescadores artesanais, de assentamentos rurais, agricultores familiares, entre outros.

Durante todas as atividades, as pesquisadoras interagem com as crianças, estimulando a falarem sobre os temas propostos, e fazendo o registro em diários de campo. Na análise, foram preservadas as identidades das crianças e suas falas foram agrupadas em eixos temáticos que passaram a estruturar o Plano Municipal pela Primeira Infância, são eles: educação, saúde, território e meio ambiente, cultura e lazer, vulnerabilidade e violações.

---

<sup>2</sup> É importante destacar que a escuta das crianças foi organizada a partir das áreas de abrangência dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS). Tais áreas fazem parte da forma de organização da Assistência Social, por meio do Sistema Único de Assistência Social. O município conta com 13 áreas, em que foram selecionadas uma escola de cada área, para a realização da escuta.

## Resultados e Discussão

Em relação às escolas localizadas nas áreas rurais, observamos que em nenhuma foi implementado o currículo de educação do campo, e pouco era trabalhado as demandas específicas das comunidades tradicionais. Entretanto, na creche em Farol de São Tomé, a direção refez o projeto político pedagógico, buscando conhecer melhor a história da comunidade de pescadores e marisqueiras.

No que se refere à estrutura física, embora algumas escolas possuam terrenos amplos, estes se encontravam cercados por grades e portões, e não eram utilizados em atividades pedagógicas, esportivas ou para as brincadeiras na rotina escolar. Algumas escolas, como a localizada em Travessão, em um assentamento rural, já tiveram projetos, como o da horta escolar e a construção de parquinhos, a partir do envolvimento comunitário e de parceria com a universidade, mas no momento encontravam-se desativados.

Cabe destacar a dificuldade relatada pelos profissionais destas escolas de se manter um quadro permanente de professores, havendo alta rotatividade e, até mesmo, longos períodos de ausência, como por exemplo, a situação de uma escola que se encontrava sem o profissional de educação física. Faltam também profissionais que possam atuar em espaços como bibliotecas e brinquedotecas, além de inspetores escolares. Observamos que, em geral, não existem salas de recursos voltadas para as crianças com necessidades educacionais especiais, a ausência de mediadores e profissionais especializados, o que acaba prejudicando a inclusão de crianças com deficiência. Esse cenário, faz com que a gestão escolar prefira manter as crianças confinadas a maior parte do tempo na sala de aula. Apesar disso, as crianças expressam de forma positiva sua relação com a escola, como observamos nas falas a seguir: “eu gosto de estudar na escola principalmente de brincar”; “o que gosto mais da escola é a comida, o lanche e brincar de massinha”; “gosto de ir à escola para brincar com os amigos”.

Notamos que muitas vezes as crianças ficavam na escola em horário reduzido, devido às dificuldades do transporte escolar. Em Travessão, o mesmo ônibus que deixa as crianças em casa no turno da manhã, busca os estudantes do turno da tarde, e como as áreas onde vivem são distantes, os alunos da manhã precisam sair mais

cedo da escola. Também chamou atenção a grande quantidade de crianças que relataram ir de moto ou de bicicleta para a escola, acompanhadas por seus pais ou responsáveis. Na escola de Ponta Grossa dos Fidalgos, a maior parte dos alunos usa bicicleta, assim como seus responsáveis, uma vez que todos moram relativamente perto da escola, não sendo necessário utilizar transporte público.

A limitação de linhas de ônibus nas áreas rurais tem impactado a forma como as crianças circulam pela cidade, dificultando o acesso às áreas de cultura, lazer e serviços localizados no centro do município. Segundo uma menina: “nunca fui ao cinema da cidade, vejo filme na televisão de casa”. Entretanto, as crianças filhas de pescadores e quilombolas relatam que uma das principais formas de lazer é nadar na Lagoa Feia, próxima às suas residências. As crianças de Ponta Grossa dos Fidalgos aprendem desde cedo o ofício da pesca, reconhecendo os nomes dos peixes que dão na região e que são comercializados pelos seus pais e avós. Em Rio Preto, as crianças também disseram gostar de ir brincar no rio, principalmente nos dias quentes de verão. Essa é uma área turística do município de Campos, embora ainda pouco explorada. Assim, se por um lado, as crianças da área rural são excluídas das formas de lazer urbanas, tais como: teatro, cinema, shopping, elas têm um maior contato com a natureza, brincam em ambientes ao ar livre, de pique-pega, pique-esconde, sobem nas árvores. Segundo um menino, “eu gosto de morar aqui e de brincar na rua”.

As crianças relataram a existência de praças nos seus territórios, mas que tem poucos ou nenhum brinquedo voltado para sua faixa etária. Observamos que muitos desses espaços estavam mal cuidados, com equipamentos e imobiliários quebrados e sem manutenção. Além disso, ao considerar a relação das crianças com o território e o meio ambiente, elas sinalizaram as precárias condições de infraestrutura de suas moradias, como buracos nas paredes, falta de luz em alguns cômodos, e a presença de lixo e animais nas ruas, mesmo, em alguns bairros, terem relatados a presença da coleta de lixo por parte da prefeitura. Segundo uma criança “tem muito bicho perto de casa e eu tenho medo deles, queria que eles desaparecessem”. Também observamos a falta de saneamento básico, o que ameaça a qualidade da água dos rios e das lagoas onde as crianças brincam.

No que se refere à saúde, em algumas localidades as crianças relataram a inexistência de postos de saúde próximos à moradia, mas que haviam se vacinado, como aparece nas falas a seguir: “não tem postinho com médico, só tem bem longe”; “tomei muitas vacinas, mas foi bem longe de casa”. Na escola de Santo Eduardo, a diretora informou que a prefeitura fez uma campanha de atualização da caderneta de vacinação na escola, e que foi bem recebida pelas famílias. Tal movimento foi importante, considerando o momento de negacionismo das vacinas e da ciência pelo qual passava o Brasil à época, bem como a dificuldade de acessar o transporte coletivo vivenciada pelos moradores das áreas rurais para se locomoverem até as unidades básicas de saúde.

Em relação às vulnerabilidades e violações, algumas crianças relataram a falta de trabalho de seus pais e até mesmo, situações de conflito e de alcoolismo entre seus familiares, a presença do tráfico de drogas, e a violência nas ruas. Observamos, assim, que problemas urbanos também vêm se manifestando nas áreas rurais, gerando preocupações entre as crianças. Na creche em Farol de São Tomé, a diretora afirmou que muitas vezes as famílias não têm dinheiro para comprar fraldas para os bebês, uma vez que acabou o auxílio que o governo dava para as marisqueiras e, por isso, algumas mulheres acabaram se prostituindo. Nesse cenário de vulnerabilidade social, se torna ainda mais relevante a escola e a creche para as crianças pequenas e suas famílias.

## **Conclusões**

As questões acima apresentadas pelas crianças devem estruturar parte dos conteúdos essenciais sobre a realidade social da primeira infância para o Plano Municipal. Campos dos Goytacazes, historicamente, expressa o perfil da formação social brasileira, com as marcas de uma sociedade fundada por relações sociais políticas, econômicas, territoriais, étnicos-raciais desiguais, em que a sua composição institucional se centra nos interesses do capital, com progressiva ampliação, no contexto atual, de severos impactos na vida dos trabalhadores e de suas famílias, e, conseqüentemente, na primeira infância de sua população.

Por se tratarem de relações que se assentam em profundas contradições, os tensionamentos presentes na relação entre o Estado

e a sociedade, têm propiciado importantes processos de organização e enfrentamentos da sociedade civil, de movimentos sociais e coletivos, com movimentos de conquistas e perdas, no âmbito das políticas públicas, sobretudo para a infância e adolescência. Tais movimentos podem ser percebidos, como exemplo, na confluência de esforços para a elaboração do Plano pela Primeira Infância.

O desafio deste trabalho e, conseqüentemente, sua contribuição, está em lidar com as diferentes perspectivas e orientações teóricas e políticas sobre a primeira infância para indicar o que será prioritário nas políticas públicas para este segmento, em âmbito municipal. Os resultados preliminares têm indicado o aumento das condições de vulnerabilidade das famílias com crianças pequenas, principalmente as moradoras de áreas rurais e periféricas, bem como a oferta limitada e precarizada de serviços públicos para este segmento etário, com destaque para a oferta de serviços de saúde, socioassistenciais em contraturno escolar, creches e espaços de lazer e cultura.

Atender as demandas das crianças das áreas rurais significa também modificar a forma como a relação campo e cidade historicamente vem sendo construída, em que a prioridade de recursos, equipamentos e serviços públicos e privados estão localizados na área urbana. Essa situação, somada à precariedade do transporte público, faz com que muitas famílias se sintam obrigadas a sair do campo, em busca de melhores salários e oportunidades. Por outro lado, as crianças das áreas rurais dizem gostar de viver em suas comunidades, de brincar com seus colegas e vizinhos, de estar em contato com a natureza, num território em que se sentem seguras por conhecerem os outros moradores.

Dessa forma, esperamos que o trabalho possa contribuir para a construção de políticas públicas que atendam às demandas da primeira infância, inclusive as apresentadas pelas próprias crianças, articulando ações, identificando potencialidades e criando metodologias que poderão beneficiar não apenas a população local, mas subsidiar ações nos municípios da região norte e noroeste fluminense.

## **Agradecimentos**

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo fomento da pesquisa e pela bolsa

de estudos. À Universidade Federal Fluminense (UFF) e à Prefeitura de Campos dos Goytacazes (PMCG) pelas bolsas de Iniciação Científica e de Extensão.

## Referências

Afonso, M. L. (2002). *Oficina em dinâmica de grupos: um método de intervenção psicossocial*. Campo Social.

Behiring, E., & Boschetti, I. (2006). *Política social: fundamento e história*. Cortez.

Bobbio, N. (2004). *A Era dos Direitos*. Elsevier.

Castro, L. R. (2021). Os universalismos no estudo da infância: a criança em desenvolvimento e a criança global. In L. R. Castro (Org.), *Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil* (pp. 219-240). EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34630/1/Infancias%20do%20Sul%20Global-repositorio.pdf>

CECIP (2012). *Vamos ouvir as crianças? Caderno de metodologias participativas*. CECIP. [https://www.cecip.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/vamos\\_ouvir\\_criancas-ebook.pdf](https://www.cecip.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/vamos_ouvir_criancas-ebook.pdf)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). *Cidades e Estados: Campos dos Goytacazes*.

Fals Borba (1978). *Por la práxis: el problema de como investigar la realidad para transformala*. Federación para el análisis de la realidad colombiana (FUNDABCO).

Freire, P. (1983). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.

Machado, M. N. da M. (2004). *Práticas psicossociais: pesquisando e intervindo*. Edições do Campo Social.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO.

Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, 26(91). <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/abstract/?lang=pt>

Sarmiento, M. J. (2003). Imaginário e culturas na infância. *Cadernos de Educação*, 12 (21).[http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)

Souza, M. C. & Pérez, B. C. (2017). Políticas para as crianças de 0 a 3 anos: concepções e disputas. *Revista Contemporânea de Educação*, 12(24). <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/4170/pdf>

# BRINCADEIRAS, NARRATIVAS E TROCAS INTERGERACIONAIS: CRIANÇAS E JOVENS COMO AGENTES NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL

Amanda Thuns Biazzi  
Beatriz Corsino Pérez

## Introdução

Neste artigo, partimos de uma experiência de intervenção psicossocial realizada na comunidade negra rural de Cafuringa, em Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Desde 2017, desenvolvemos projetos de pesquisa e extensão no local, em que buscamos conhecer mais sobre a sua realidade e história pelos relatos dos próprios moradores e de atores sociais que estão inseridos no território. A partir disso, discutimos como as lendas e as narrativas intergeracionais contribuem para a construção da memória social, assim como o papel das crianças na sua manutenção, através das trocas e das brincadeiras entre pares.

Na Modernidade, os saberes construídos por grupos e povos do Sul Global foram marginalizados em prol de uma história oficial, pretensamente universalizadora. Esta, por sua vez, foi construída, a partir da expressão de interesses de grupos dominantes, relegando ao silêncio o conhecimento e as vivências de crianças, de negros, indígenas e mulheres. Na América Latina, a história foi suplantada e silenciada pelos processos de colonização e escravização que perduraram por tanto tempo e que, de certa forma, permanecem até hoje pela colonialidade do poder, provocando um “cenário de des/encontros entre nossa experiência, nosso conhecimento e nossa memória histórica” (Quijano, 2005, p. 15). Essa tentativa de apagamento da memória é uma das formas pela qual o racismo opera, buscando a destruição das culturas e dos corpos com ela identificados, de forma a enquadrar e controlar o grupo discriminado (Almeida, 2019). Assim, as estruturas oficiais agem para privilegiar os sujeitos brancos, colocando os grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes de poder (Kilomba, 2019).

O discurso tecnicista e cientificista substitui a narrativa e desvaloriza a experiência, prezando pelos rastros de um passado que perde a singularidade das comunidades, dos grupos, valorizando uma visão generalista. Como aponta Nora (1983, p. 9), a história é universal por sua despersonalização, é de todos e de ninguém; já a memória é “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. A memória emerge de um grupo que ela une”. A memória de um grupo é construída através das experiências deste, e da transmissão das narrativas que lhes são importantes. Para Halbwachs (1990) “jamais estamos sós”, pois mesmo que os outros não estejam presentes materialmente, cada lugar é povoado de informações construídas pelos outros. As lembranças dos outros são testemunhas junto com as nossas próprias lembranças.

Considerando essa dinâmica da memória, o presente trabalho aborda a relação intergeracional como forma de fortalecer os vínculos de crianças e jovens com as gerações anteriores e com a sua comunidade, propiciando a atualização do passado no presente. Oliveira (2011, p.335) observa que a convivência de diferentes gerações, como a que se dá pela interação entre avós e netos, delega aos mais velhos a “condição de portadores do passado no presente e, graças ao burilar da memória, oferecem oralmente a seus netos uma cultura banhada na história vivida”.

A oralidade, característica marcante em comunidades tradicionais, se mostra como uma ferramenta potente para a manutenção da memória de grupos oprimidos, posto que mantém viva nas narrativas as memórias subterrâneas, as quais “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados” (Polak, 1989, p.4). Nesse sentido, é importante que os próprios grupos excluídos possam ser agentes na recuperação dessa memória, de forma que possam falar sobre si mesmos, ocupando um lugar de fala que lhe foi silenciado pela opressão ao longo dos séculos.

Assim, ao trabalharmos as memórias da comunidade negra rural de Cafuringa, buscamos que crianças e jovens fossem pesquisadores da sua própria história e que se ampliasse um espaço de diálogos intergeracionais (Pérez & Biazzi, 2022). Crianças e jovens

exerceram, nesse processo, sua agência ao escutar, selecionar, transformar, criar e transmitir as narrativas que consideraram relevantes para si e para sua comunidade. Dessa forma, narrador e ouvinte desempenharam o papel ativo de conservar as narrativas. O passado se atualiza no presente em um compromisso vivo entre gerações (Benjamin, 1994).

De acordo com Pérez e Souza (2022), através das brincadeiras, as crianças de Cafuringa se apropriam de seu território, dos ofícios dos mais velhos, e aprendem a lidar ao seu modo com a natureza que as cercam. Ao desviar da plantação na hora do pique-pegas, ao buscar esconderijos no pique-esconde, ao subir em árvores para ver de cima o território e pegar uma fruta, ao aprender a pular a cerca e dar cambalhotas, as crianças conseguem criar novas histórias da comunidade, que vão dizer sobre suas relações de amizade, de hábitos e saberes antigos, ao passo que também constroem suas próprias experiências. Sarmiento (2003) afirma que as produções de cultura infantil são perpassadas por um movimento de procura por conhecimento e por dar sentido ao mundo. Essa experiência se refaz no dia a dia das crianças, nas trocas entre si e, principalmente, através das brincadeiras. O brincar notabiliza a ação, possibilita o conhecimento das regras, das normas sociais, dos símbolos e costumes que permanecem como tradição da comunidade.

## **Método**

Os dados analisados neste artigo se basearam nas intervenções psicossociais realizadas entre 2017 e 2019, pelo projeto de extensão “Infância e juventude do campo: diálogo de saberes memória e participação social”, desenvolvido pelo NIJUP - Núcleo de Pesquisa sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas.

### **Tipo de Pesquisa**

A partir das ações extensionistas, produzimos conhecimentos sobre a comunidade negra rural de Cafuringa, articulando a extensão à pesquisa qualitativa. As intervenções psicossociais foram feitas utilizando metodologias participativas, como as oficinas com crianças e jovens e as entrevistas realizadas pelas próprias jovens mulheres com os moradores locais.

## **Participantes e procedimentos**

Participaram das oficinas cerca de trinta pessoas, com idades entre três a 24 anos, nas quais utilizamos desenhos, pinturas, brincadeiras, músicas, leituras de histórias infantis, que os incluíram na temática trabalhada. As jovens mulheres participaram ativamente na construção do roteiro, na realização e no registro das entrevistas feitas com os mais velhos, desempenharam o lugar de pesquisadoras. Foram entrevistados nove adultos de idades entre 38 e 65 anos, e um jovem de 22 anos. As entrevistas abordaram assuntos como: dados pessoais dos entrevistados; questões relativas ao passado da comunidade; tradições, manifestações culturais e lendas; dificuldades e conflitos presenciados no território; a infância no passado e no presente. Para as crianças mais novas, que não estavam presentes no momento da realização das entrevistas, contamos as histórias narradas pelos adultos. Dessa forma, buscamos propiciar a interação das crianças com as narrativas de Cafuringa, a apropriação e ressignificação da memória local, com a criação de desenhos e de novas histórias feitas pelas próprias crianças.

A análise qualitativa dos dados partiu das transcrições das entrevistas e dos relatórios produzidos a cada encontro pela equipe do NIJUP. Por questões éticas, os nomes dos participantes foram substituídos por outros, neste texto, de forma a preservar suas identidades.

## **Resultados e Discussão**

Através das entrevistas realizadas com os mais velhos, as crianças e os jovens puderam conhecer mais sobre as lendas, as práticas culturais e religiosas que existiam anteriormente no território, como o forró, o jongo, as festividades e o candomblé. Em artigo anterior (Pérez & Biazzi, 2022), apresentamos a importância da matriarca Dona Moreninha e da jaqueira, árvore esta que foi protagonista de várias narrativas cercadas de mistério e poderes mágicos. As lendas que envolvem a jaqueira e seus “feitiços” aproximam as gerações, estabelecendo um elo entre o passado e o presente da comunidade. Em um encontro após a oficina, um dos meninos nos relatou o diálogo com sua avó sobre a jaqueira, dizendo que “era verdade, a jaqueira ficava enfeitada” (Relatório de campo, 2019). Assim, tanto a narradora quanto o ouvinte desempenharam nesse momento um papel

ativo: o de conservar a memória da comunidade e de fortalecer o vínculo com o território.

No projeto de extensão, observamos que outras lendas também estavam presentes, algumas são releituras de personagens e contos que permeiam a cultura popular brasileira. Por exemplo, podemos citar que o lobisomem foi evocado em dois momentos diferentes pelas crianças e pelos adultos. O primeiro aconteceu na entrevista de Giulia, ao ser perguntada sobre conhecer alguma lenda de Cafuringa, ela conta:

A lenda, nem é lenda, o pessoal que conta um pro outro e falava coisa, que andava lobisomem, mas acho que era só lenda mesmo! (risos). Eu, hein... lobisomem, minha mãe falava “ó, hoje é noite de lua cheia, hoje é noite de lua cheia, hoje é noite de lua cheia, hoje tem lobisomem!”. Aí mamãe tinha uma mania de falar “não joga escama no quintal, que se jogar escama aparece lobisomem” (Entrevista de Giulia, 39 anos, 2019).

Giulia menciona algo interessante, “o pessoal que conta um pro outro”, revelando o caráter da oralidade como são construídas as memórias coletivas. Como Halbwachs (1990) aponta, o olhar para o passado nunca é solitário, pois sempre levamos as lembranças de outras pessoas também. Embora o lobisomem seja um mito considerado universal (Casculo, 2012), em Cafuringa, ele foi evocado para trazer instruções sobre cuidados com quintal que se deve ter nas noites de lua cheia para não atraí-lo. Próximas à comunidade existem lagoas onde os moradores têm o hábito de pescar, por isso, ela se refere à preocupação com as escamas dos peixes perto das casas.

O lobisomem também aparece nas brincadeiras das crianças. Em uma das visitas à Cafuringa, Natan, de três anos, percebe ao começar escurecer que naquele dia era noite de lua cheia e corre para alertar o grupo sobre a presença do lobisomem, e seu provável esconderijo ser detrás do mato. Nessa cena, Natan recria a narrativa e, a partir da sua experiência, estabelece relações entre os fenômenos da natureza, o território e o que aprendeu do relato dos mais velhos e de outras crianças. Desse jeito, ele também está agindo na construção e preservação da cultura local, pelas vias da brincadeira e da oralidade.

Outro personagem que foi lembrado pelos moradores de Cafuringa foi o Curupira. De acordo com Casculo (2012, p.246), ele

é “um dos mais espantosos e populares entes fantásticos das matas brasileiras”, representado por um “anão, de cabeleira rubra, pés ao inverso, calcanhares pra frente”. Segundo, Iago, de 19 anos, o Curupira se escondia atrás da bananeira e dentro do buraco que há no tronco da jaqueira. Nesse relato, “a jaqueira aparece como atrelada aos seres mágicos ou sobrenaturais. Talvez também por ser a casa do curupira, e ser protegida por ele, que a jaqueira não foi derrubada para dar lugar às plantações de cana-de-açúcar que a cercam” (Pérez & Biazzini, 2022, p. 9). As crianças expressam a presença do curupira na comunidade no desenho abaixo.

### Figura 1

*Desenho do Curupira feito por Milena, de doze anos.*



O Saci foi outra entidade fantástica mencionada pelos moradores, também presente em diversos mitos brasileiros, como um pequeno negro, que anda num pé só, com gorro vermelho, que fuma cachimbo, diverte-se aprontando travessuras e dificuldades domésticas, e se “anuncia por um assobio persistente e misterioso, inlocalizável e assustador” (Cascardo, 2012, p.626). Em uma das entrevistas, Daniela, de 60 anos, conta sobre suas aparições: “eu sentia um assobio diferente subindo lá pra cima, um assobio de um homem, meu pai falou que era saci, que eles gostam de andar à noite”. Daniela revela que o saci lhe foi apresentado por seu pai, para explicar os vultos e os barulhos que geravam medo e assombravam à noite, no entanto, hoje em dia, eles não existem mais em Cafuringa.

Seu Francisco, de 66 anos, também relata que antes da chegada da igreja evangélica Assembleia de Deus na comunidade, exis-

tiam espíritos que ficavam vagando, que se escondiam em cima do telhado, no poço de água, e que “quando você tentava se aproximar, eles já estavam longe”. Outra lenda apresentada foi a da “loura da garupeira”, pois quando os moradores estavam andando de bicicleta à noite, pela estrada de terra, sentiam um peso estranho e quando olhavam para trás, havia uma mulher loura na garupa. Observamos que essas narrativas se aproximam do que Cascudo (2012, p. 418) assinala sobre os seres mal-assombrados: “como sendo espíritos, almas errantes, que pedem orações, desejam entregar tesouros enterrados ou suplicam uma sepultura digna e regular”.

Daniela contou ainda na entrevista que, antigamente, todos os dias, exatamente às seis horas da noite aparecia uma cobra na casa de uma vizinha e, mesmo que conseguissem matá-la, passava-se um tempo e o animal aparecia novamente. A cobra é uma figura importante de outras narrativas feitas pelas crianças. Mariana, com seis anos, disse ter a habilidade de falar com as cobras. Segundo ela, as cobras são os únicos animais que têm a capacidade de falar, mas elas falam apenas quando estão no mato e apenas com ela (Relatório de campo, 2019).

Os jovens também constroem as suas próprias narrativas sobre a comunidade, a partir de eventos que aconteceram com eles ou de conhecimentos que foram transmitidos por outras pessoas. Eles contaram que existem pássaros que possuem poderes especiais. O pássaro do “mau-agouro”<sup>1</sup> assobia durante a madrugada para indicar que alguma pessoa da comunidade irá falecer. Esse pássaro é misterioso, pois os moradores não conseguem identificá-lo, mas o reconhecem pelo canto. Já a coruja não deve ser encarada nos olhos, por risco da pessoa que a encarou falecer ou ter a sua vida estacionada ou regredida, perdendo as conquistas já realizadas. Tainá, de 15 anos, conta sobre o pássaro quero-quero que sobrevoa a plantação da sua família:

Ele é mais esperto que os humanos, tenho certeza disso. A intenção dele é tirar a bola dos zóios . . . aí, um alerta que eu dou, se caso vocês um dia for lá na minha horta pra conhecer, fica ciente, tem um gênio do mal lá, e mais, ele só fica atrás da pessoa quando ele vê

---

1 Essa lenda se parece com a do pássaro Acauã presente em Minas Gerais e no Espírito Santo, cujo canto foi interpretado como “Deus quer um” e indicaria que a morte de alguém estava próxima.

que você tá sem nada. Ó, se você tiver com o pau levantado, ele vai começar a te rodear, rodear. Se ele vir que o pau não tá mexendo, ele vai te atacar. (Relatório de campo, 2018)

Tainá ressalta dizendo que essa história é mais do que uma lenda, pois ela própria já havia lutado contra o pássaro. Ela traz o elemento da vivência para a narrativa, de forma a dar um caráter de verdade ao acontecimento. Pode-se notar a percepção da intencionalidade do pássaro, o quero-quero possui objetivos e traça estratégias para consegui-los efetivamente, característica próxima a racionalidade atribuídas ao ser humano. Além disso, o quero-quero é “mais esperto que os humanos”, assim não pode ser dominado ou controlado.

A atribuição de racionalidade ao quero-quero é possível por um aspecto anterior, que é a relação de intimidade e proximidade com os animais e com o território estabelecida por crianças, jovens e adultos de Cafuringa (Pérez, 2020). A população de comunidades tradicionais rompe, em alguma medida, com a noção de uma humanidade separada da natureza, como se Terra e humanidade fossem elementos distintos (Krenak, 2019). Essas falas revelam uma relação integral com o mundo natural em que pessoas e cobras, por exemplo, conseguem estabelecer entre si alguma comunicação.

Essa relação de encanto com a natureza também apareceu na fala de Leandro, de 23 anos: “Meu pai contou que tinha um homem que roubava galinhas, saía correndo e todo mundo saía correndo atrás dele, mas ninguém nunca conseguia pegar porque ele se jogava no mato e virava casa de cupim” (Entrevista de Leandro, 23 anos, 2019). No dia em que contamos essa história para as crianças, Mateus, de sete anos, questionou se as galinhas eram roubadas durante o dia. A sua curiosidade demonstra um interesse investigativo sobre os acontecimentos, e conclui que “deve ser por conta desse ladrão que em Cafuringa não tem tantas galinhas” (Relatório de campo, 2019). Mateus não questiona a veracidade da história, ele produz novas interpretações, que contribuem para conferir sentido para a sua própria realidade. Vale salientar também que a pergunta de Mateus cumpre com um dos objetivos do projeto de extensão, o de contribuir com momentos em que crianças e jovens pudessem ser pesquisadores da própria história e de seu território.

Depois da oficina realizada com as crianças sobre as lendas de Cafuringa, Alisson, de 4 anos, criou uma história sobre a sereia-

-onça com a junção de elementos de outros contos populares, alguns aprendidos a partir das narrativas da comunidade, mas também de histórias contadas de livros durante as oficinas.

A sereia estava no fundo do mar, e veio um homem pegar ela. Os peixes fugiram - o peixe anda na água, não anda no chão. A menina viu a onça, a menina pedala, pedala, fugindo da onça. A onça bota o rabo e vira uma sereia, uma sereia-onça. A sereia viu o cavalo e jogou ele no rio (Relatório de campo, 2019).

Ao contar suas próprias narrativas, crianças e jovens elaboram seu espaço de fala, de criação de visões e valores dentro da comunidade, processo importante para a construção da identidade local. Assim, ajudam a reviver essas memórias esquecidas ou deixadas de lado e as dinamizam com suas expressões presentes nas brincadeiras, nas histórias e nos desenhos.

## **Conclusão**

Neste trabalho, buscamos fomentar os diálogos intergeracionais, de modo que as crianças pudessem conhecer mais as lendas que compõem o imaginário e a cultura local. As atividades realizadas propiciaram a troca de conhecimentos de crianças e jovens entre si e com as outras gerações, fortalecendo o seu enraizamento no território.

Alguns contos relatados pelos mais velhos retratam seus protagonistas como figuras tenebrosas, mal-assombradas, que geram medo nas pessoas, e demonstram uma relação estabelecida com o sobrenatural ou encantado e com a natureza. Essas narrativas fazem parte do cotidiano e passam por uma atualização a cada vez que são contadas, constituindo, portanto, parte da memória social. A cada entoação de “era uma vez”, as narrativas se refazem infinitas vezes, e são transmitidas pelas palavras, pelas brincadeiras, gestos e trocas diárias entre as crianças e os adultos.

Notamos, assim, que a manutenção da memória social e das narrativas em Cafuringa se dá não apenas de maneira intergeracional, mas também intrageracional, revelando a importância das crianças e da sua participação para que um passado se mantenha vivo no pre-

sente. Por meio das ressignificações e das brincadeiras, as crianças se apropriam dessas narrativas locais, fios condutores entre passado e presente, e apontam alternativas de combate a objetificação impostas pela colonização dos povos de comunidades rurais.

Identificamos também, ao longo da intervenção psicossocial, as perspectivas, os desejos e os sonhos das crianças e dos jovens sobre a sua comunidade, principalmente, em relação ao futuro - em relação às mudanças físicas ou subjetivas ou mesmo o dilema sobre ficar ou sair do campo. Essas questões abriram caminhos para novas ações no território e a produção de conhecimento sobre outras temáticas relevantes para compreensão da dinâmica comunitária e dos modos de vida de crianças e jovens negros que vivem em áreas rurais. A partir disso, buscamos no projeto de extensão estabelecer uma rede de articulação com o poder público, movimentos sociais e outros atores políticos para dar visibilidade às questões apresentadas e ampliar o acesso da comunidade às políticas públicas.

## **Agradecimentos**

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense pelo financiamento do projeto de extensão “Infância e juventude do campo: diálogo de saberes memória e participação social” e pela bolsa de extensão concedida; à FAPERJ e ao CNPq pelo financiamento das bolsas de iniciação científica para o projeto de pesquisa “Memória e participação social de crianças e jovens quilombolas”.

## **Referências**

- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense.
- Cascudo, L. C. (2012). *Dicionário do folclore brasileiro*. Global.
- Halbwachs, M. (1990). *La mémoire collective*. Presses Universitaires de France.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, 7-28.

Oliveira, P. S. (2011). *Vidas compartilhadas: Cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. Cortez.

Pérez, B. C. (2020). Entre cercas, brincadeiras e feitiços: os conflitos e as apropriações do território por crianças e jovens quilombolas. *Childhood & philosophy*, 16. <https://doi.org/10.12957/childphi-lo.2020.48351>

Pérez, B. C., & Souza, E. P. (2022). Como é bom brincar, cafuringar: transmissão intergeracional e apropriação do território pelas crianças quilombolas. *Desidades*, 32, 156-172.

Pérez, B. C., & Biazzi, A. T. (2022). “Foi lá para o pé de jaca”: Apropriação da memória social pelas crianças negras rurais. *Psicoperspectivas*, 21(3). <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue3-fulltext-2717>

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.

Quijano, A. (2012). Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos avançados*, 9(55) 9-31. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000300002>

Sarmiento, M. J. (2003). Imaginário e culturas na infância. *Cadernos de Educação*, 12 (21).

# PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SOLIDÃO NA VELHICE: UM ESTUDO COM MULHERES HORTEIRAS NA ZONA RURAL DE SANTA CRUZ/RN

Ingrid Jonária da Silva Santos  
Agna Clara Cândido dos Santos  
Agacy Vieira de Melo Neto  
Yoná Ingrid Trajano de Morais  
Fernanda Fernandes Gurgel

## Introdução

Quando discutimos acerca da velhice, podemos destacar que há diversas influências nesse processo, como por exemplo o estilo de vida, o trabalho, o cuidado com a saúde, a alimentação e os aspectos ambientais. Escolhemos trabalhar com o contexto rural em uma região que compreende parte do semiárido nordestino brasileiro e nele procuramos perceber as configurações dos processos socioculturais e de trabalho, na relação entre a população, a terra e a natureza. Para Costa et al (2020), os idosos que residem nesse espaço fazem uma correlação direta entre o meio rural e a agricultura, que seria a que provê comida, trabalho, fortalecimento de vínculos e condições de vida. Nesse contexto, o grupo familiar e os que se avizinham são colocados em lugar primordial na atribuição de sentido sobre a vida e o cenário em que ela acontece.

O contexto rural aqui destacado situa-se em estreita articulação com a área urbana de um município do Estado do Rio Grande do Norte, parte do semiárido. Segundo informações da rede Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA)<sup>1</sup>, essa região compreende cerca de 12% do território nacional e está situado em maior extensão no nordeste. Nesse cenário, a relação entre trabalho, território e as formas de vida que nele habitam, se configura como uma questão pertinente, sobretudo a respeito do desenvolvimento humano e as dimensões que o atravessam.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.asabrasil.org.br/semiariado#indicadore-semiarido>

Segundo Garbaccio (2018), a velhice é heterogênea e é sentida e vivida de formas diferentes para cada pessoa. Nessa perspectiva, o tipo de vida adotado, os riscos socioeconômicos e biológicos afetam e são determinantes no envelhecimento. Também existem fatores externos no acesso aos serviços de saúde e na qualidade de vida, que impactam diferentemente pessoas da zona rural e da zona urbana. Ainda segundo o autor, pode ser citado o acesso ao transporte, as distâncias geográficas para aquisição de bens e serviços e até mesmo o tempo dos deslocamentos, como alguns desses fatores. Além disso, é importante entender o caráter não linear da velhice. Em nossa pesquisa nos direcionamos a partir da autopercepção das pessoas sobre sua idade, bem como do olhar de sua comunidade sobre ela. Ela se considera idosa? Ela é assim considerada por seus companheiros de trabalho e de lar?

Com uma forte presença na área da Psicologia, outra temática relevante é a da solidão e seu caráter relacional com a velhice que promove uma extensa discussão acerca deste fenômeno, apresentando-se como um aspecto recorrente e contemporâneo, porém não universal, do processo de envelhecimento. Nesse sentido, a manifestação da solidão foi conceitualizada por Motta (2018) como “uma falta de conexão e satisfação emocional de uma pessoa em relação a outras, em sentir-se sem afeto, apoio ou aceitação” (p.89).

A solidão pode, ainda, ser expressa em qualquer faixa etária, de modo que sua existência na velhice pode estar relacionada a diversos fatores, tais como: perda de familiares e entes queridos, isolamento social e a aposentadoria, pelo afastamento do trabalho, no qual há possibilidade de distanciamento em que determinadas relações sociais eram recorrentes (Ajzen, 2019). Segundo essa autora, mudanças no curso da vida, sentimento de perda da utilidade social, além do imaginário sociocultural acerca da pessoa idosa podem contribuir para a expressão da solidão nessa população, que pode ser vivenciada de diferentes maneiras.

Nessa perspectiva, a percepção da solidão em idosos que residem na zona rural atravessa a caracterização de aspectos da realidade que os envolve, compondo a existência de formas diversas de solidão e de envelhecimento (Fernandes, 2007). Nesse sentido, mediante a aproximação com essa temática, encontra-se a possibilidade de com-

preensão do processo de envelhecimento, entendendo-o a partir de suas articulações com aspectos biopsicossociais, culturais, históricos e de atribuição de sentido com um vínculo territorial, como o ambiente rural e suas características (Costa et al, 2020).

Estudos como os de Fernandes (2012) e Costa et al. (2020) demonstram a importância de uma velhice ativa, com práticas de trabalho no dia a dia, principalmente aquelas ligadas à terra e à agricultura. Mas como será que essas práticas agrícolas, principalmente em um contexto comunitário, afetam a solidão nos idosos? Como as vivências de trabalho comunitário e o contato com a terra afetam a vida social e afetiva dessas pessoas e quais as suas implicações para a temática da solidão, tão comum nesse período da vida? Dessa forma, poderemos pensar nos possíveis mecanismos de enfrentamento disponíveis, tendo em vista que o envelhecer é um processo de atravessamentos complexos e particular a cada um.

## **Método**

O *locus* desta pesquisa foram as Horteiras do Açude Santa Rita, localizadas numa zona periurbana pertencente ao município de Santa Cruz/RN. Adotamos o modelo de pesquisa qualitativo, pois, segundo Godoy (1995), nesta abordagem buscamos analisar o fenômeno em uma perspectiva integrada, diretamente a partir da visão das pessoas envolvidas e no contexto em que ocorre. A pesquisa se caracteriza como exploratória, que segundo Gil (2002) objetiva uma maior familiaridade com um tema para a construção de hipóteses e perspectivas.

### **Participantes**

Foram entrevistadas 12 mulheres, com idade entre 50 e 83 anos de idade, trabalhadoras rurais que atuam nas Horteiras do Açude Santa Rita. Todas moradoras do bairro Paraíso, cidade de Santa Cruz/RN. As participantes foram escolhidas por conveniência e participaram de forma voluntária e consentida.

### **Instrumento e coleta de dados**

A coleta de dados se construiu a partir de entrevistas semi-estruturadas, que conforme apontado por Manzine (2004), permitem

o direcionamento a partir de perguntas pré-definidas. As perguntas, definidas conforme a intencionalidade da pesquisa, seguiram os seguintes temas: autopercepção das entrevistadas sobre velhice, suas concepções acerca da solidão, a relação ou não da solidão com a velhice e as influências do trabalho rural na solidão da velhice. As coletas foram feitas no local de trabalho das entrevistadas, as Horteiras. Muitas conversaram conosco enquanto ainda executavam suas atividades diárias nesse espaço.

### **Procedimentos Éticos**

Os resultados aqui apresentados fazem parte de um projeto de pesquisa que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus FACISA, de acordo com as recomendações éticas da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

### **Análise dos dados**

Após as entrevistas realizamos as transcrições das mesmas, para só então entrar na fase de análise. Durante as análises, optamos por implementar pseudônimos baseados nas plantas cultivadas nas hortas de nossas entrevistadas, sendo elas: cebolinha, coentro, couve-flor, malva branca, hortelã, louro, capim santo, mastruz, flor de quiabo, pimenta, acerola e banana.

Como principal ferramenta de análise, foi implementada uma análise de conteúdo baseada em Bardin (2016). Seguindo as etapas desse método, iniciamos com uma *leitura “flutuante”* das transcrições, que tenciona estabelecer uma primeira relação com o texto e suas primeiras impressões gerais. Na etapa de *codificação*, processo de sistematização e agregação de dados, estabelecemos cinco *recortes temáticos*, sendo eles: autoimagem das entrevistadas; percepção sobre o ser idoso; conceituação da solidão; a relação do trabalho rural e saúde mental; gênero. Por fim, o recorte temático de conceituação da solidão ainda nos levou à elaboração de algumas categorias de análise, sendo elas: isolamento, depressão, luto e afastamento dos filhos.

## Resultados e Discussão

As entrevistadas são, em sua maioria, provenientes de famílias de agricultores e começaram a trabalhar muito cedo, ainda crianças. De modo que muitas delas trabalharam durante a maior parte de suas vidas como agricultoras e as que estão aposentadas o fizeram por meio da aposentadoria rural. O bairro Paraíso, local das hortas, é majoritariamente caracterizado como urbano, mas também possui características do rural e nele se localizam as Hortas onde trabalham as Horteiras do Açude Santa Rita. Nessa perspectiva compreende-se aqui a dimensão de um rural que se entrelaça às características urbanas, compondo uma estreita ligação entre esses espaços, em especial nos considerados pequenos municípios, conforme apresenta Lindner (2012). Ainda segundo a autora, tal articulação entre esses espaços intervém diretamente na organização socioespacial e, por conseguinte, nas formas de vida dos que vivem nesse contexto.

Um primeiro dado obtido em nossas entrevistas diz respeito à autoimagem dessas mulheres, pois muitas delas, apesar de não se encaixarem na definição de idoso da Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda assim identificam-se como idosas. Conforme a OMS, destaca a Fiocruz (2019): “idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. O mesmo entendimento está presente na Política Nacional do Idoso (instituída pela lei federal 8.842), de 1994, e no Estatuto do Idoso (lei 10.741), de 2003”.

Essa autopercepção de pessoa idosa pode se dar a partir de uma concepção de ser idoso associada a uma imagem cultural, muito definida pelo papel social que essas mulheres já efetuam, a de avós, por exemplo. Assim como pelas marcas do tempo visíveis em sua pele, ressaltadas pelo trabalho diário no campo, além da própria aposentadoria da mulher rural, que, atualmente, ocorre após os 55 anos (Instituto Nacional do Seguro Social [INSS], 2018). Assim, podemos inferir que a velhice chega antes para as mulheres da zona rural.

Em contrapartida, algumas entrevistadas apesar de se encaixarem na definição da OMS, relatam não se enxergar como idosas. Como foi colocado por Cebolinha (64 anos): “Na verdade, na verdade, eu sou tão enxerida, me considero velha não”. Em suas falas, as entrevistadas demonstram uma visão negativa da velhice, como um período de inatividade, faltas e perdas, uma percepção depreciativa.

Como apontado por Sequeira e Silva (2002), a velhice é muitas vezes vista pela sociedade como uma doença, um declínio inevitável e os idosos muitas vezes assumem esse estereótipo de forma conformista, identificando-se com essa imagem que lhe foi atribuída. Atreladas a essa imagem depreciativa de ser uma pessoa idosa, somam-se acontecimentos que evocam a dimensão do tema solidão (Ajzen, 2019).

Segundo o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa (2022), solidão seria o “estado do que está só; [em] isolamento”. Em contrapartida, Fernandes (2012) propõe uma nova concepção, a qual destacamos:

A solidão é um conceito complexo e vago, que pode ser confundido facilmente com isolamento. No entanto, isolamento não é sinónimo de solidão. Passar tempo sozinho não significa solidão, pois as pessoas podem ser felizes estando sozinhas. (...) A solidão origina um sentimento de vazio e de ansiedade, é ter um sentimento não desejado de perda de companhia, enquanto que o isolamento pode ser uma opção de vida. O isolamento é objetivo, enquanto a solidão é subjetiva (p.38).

Quando perguntadas sobre sua concepção de solidão, poucas deram uma resposta mais próxima da definição convencional, como a do dicionário. A maioria fez associações com questões que eram relevantes em suas vidas, como o luto, a distância dos filhos, a depressão, dentre outros. Assim podemos concordar com Fernandes (2007), quando este afirma que para a maioria das pessoas a solidão é um termo de significado intuitivo, sendo assim um erro defender que o significado de solidão é o mesmo para todos/as, já que cada um/a lhe atribui o próprio significado.

Discutiremos a seguir alguns dos conceitos sobre solidão que emergiram a partir das falas das entrevistadas. Falas como as de Cebolinha (64 anos): “É a pessoa desprezada (...) quando é desprezada por tudo e por todos, no meu modo de pensar isso aí que é solidão”; e Louro (68 anos): “Viver só, sem ninguém”, demonstram uma concepção mais próxima do conceito habitual de solidão ao associá-la ao *isolamento*. Uma associação recorrente e que aparece muito bem ilustrada na fala de Malva Branca (66 anos) é a que relaciona a solidão com a *depressão* e pensamentos negativos intrusivos. Segundo ela “A solidão é muito triste porque na solidão você coloca muita

coisa na sua cabeça, muita coisa ruim, que se a pessoa colocar vai ficar numa grande depressão”.

O *luto* também aparece nas falas de várias entrevistadas. Quando perguntadas acerca da solidão, a associação foi imediata, logo citavam a perda de filhos e maridos e a lacuna por eles deixada. “Eu só sinto falta de uma solidão, do meu filho, eu amava tanto ele. (...) A maior solidão da minha vida é não ter ele” (Flor de Quiabo, 57 anos). A solidão aqui é marcada como um vazio na existência que antes era preenchida pela pessoa amada e que agora não se encontra mais lá: “Solidão é que a gente vive só, aí tem a falta daquela pessoa (o marido)” (Capim Santo, 83 anos). Nesse sentido, o luto surge como um aspecto que compõe a solidão, evidenciando uma estreita relação entre a importância do apoio social e de pessoas significativas no processo de envelhecimento (Minkler, 1985, citado por Fernandes, 2012). Além desse aspecto, temos os casos das idosas que *moram longe dos seus filhos* e como isso as afeta levando ao sentimento de solidão. É o caso de Pimenta (55 anos), ao colocar que “Criei oito filhos e hoje estão tudo casado e eu moro sozinha”. Essa distância apareceu também na fala de outras entrevistadas, algumas com mais intensidade que outras. Quanto maior era o número de filhos distantes, maior era a saudade e a solidão.

Outro aspecto importante que surgiu durante as análises foram as influências de gênero. A partir de Araújo et al. (2013), a categoria gênero é uma fonte de análise importante quando se trata de investigar modos de vida, situando-os na rede social, a partir da atribuição e apropriação de papéis por parte dos indivíduos. Sobre esta categoria, Motta (2011) como citado em Araújo et al. (2013), sugere que há uma especificidade de gênero na velhice, pois a condição desse estágio do desenvolvimento humano afeta diferentemente homens e mulheres.

Segundo Hirt et al. (2017), um estudo que buscou traçar o perfil da atual geração de mulheres idosas em Pernambuco indicou que o ser mulher no contexto rural, está associado à responsabilidade com a família, filhos e lar, pelo fato de serem mulheres. Pudemos observar de modo semelhante na fala de Couve-Flor (56 anos): “Minha vida é cuidar da minha mãe que tá acamada, e do meu marido, e venho trabalhar aqui, às vezes eu me estresso, sinto raiva”. Podemos

perceber que no relato de Couve-Flor a figura da mulher está associada a esse cuidado para com seus entes. Esse papel de cuidadora, trabalhadora doméstica e forte para a família, é reforçado pelos discursos na construção da velhice das mulheres idosas.

A dimensão do trabalho com as hortas também esteve articulada aos significados atribuídos à solidão, como um meio de enfrentamento a ela expresso em diversas falas. Foi realçado durante as entrevistas o início de suas trajetórias no trabalho rural que se entrecruza às suas histórias de vida, desde a infância ao lado de familiares, que já trabalhavam com a terra: “Na realidade eu só não nasci dentro do roçado porque minha mãe foi embora, fez carreira, chegou lá, tomou banho e eu nasci” (Cebolinha, 64 anos). Conforme Ajzen (2019), a solidão no envelhecimento pode estar relacionada ao afastamento do trabalho e das relações construídas nesse âmbito. Todavia as entrevistadas deste estudo evidenciaram um outro aspecto da relação entre trabalho e solidão.

Essa nova relação ressalta a importância do trabalho como via de enfrentamento a sentimentos que para elas eram relativos à sua solidão: “O meu problema [a solidão] ameniza. Eu acho muito bom mexer com a natureza, quando você tá mexendo com aquilo ali você não pensa negativo. (...) Então você não se encontra sozinha quando você está mexendo com a natureza” (Cebolinha, 64 anos). De modo semelhante, essa relação do trabalho como via de enfrentamento à solidão também esteve expressa nas falas seguintes: “Eu sou feliz porque eu trabalho aqui, eu acho é bom, aí o povo diz: “mulher, você ainda trabalha”, eu trabalho porque eu gosto (...) A gente despairece demais, né?! e eu adoro plantar as coisas” (Capim Santo, 83 anos); e “Quando a pessoa chega num canto desses se transforma em outra pessoa” (Acerola, 53 anos).

Outro aspecto expresso nas entrevistas foi o do trabalho rural que assume uma função social e de participação comunitária, para além da contribuição na composição de renda familiar, e atuante como um recurso contra a solidão sentida (Carvalho & Dias, 2011). Nesse sentido, a configuração de trabalho rural pelo associativismo permite o envolvimento coletivo, de todas as trabalhadoras entrevistadas que compõem a associação das horteiras: “Eu acho que [aqui] seja uma família, a gente é uma associação, a gente conta uns com os

outros” (Cebolinha, 64 anos). Desse modo Carvalho e Dias (2011) apontam que “a qualidade de vida, o bem-estar, a manutenção das qualidades mentais estão diretamente relacionados com a atividade social, o convívio, o sentir-se integrado e útil na família e na comunidade” (p.165).

Nessa perspectiva a função do trabalho assume uma forma de cuidado e em oposição a solidão, alinhado ao afeto pela natureza como destacado pelas entrevistadas Cebolinha, 64 anos: “Luto contra uma depressão, mas meu remédio é esse aqui, tomo remédio mais não, parei, parei e acabou. Pro mato, mexer com a natureza”; e Flor de Quiabo, 57 anos: “Tá no meio da natureza, que eu amo a natureza (...) De ter o prazer de tá plantando e ver tudo nascer, eu acho lindo. Sem contar que eu acho bonito, tudo que vem da natureza (...)”. A dimensão do afeto e vínculo com a terra, atua como uma espécie de compromisso em nível pessoal e coletivo, que resulta de um conjunto de conhecimentos, atitudes e visões de mundo e podem promover práticas de cuidado transformadoras, especialmente para com o meio ambiente (Gurgel & Pinheiro, 2011).

## **Conclusão**

Segundo Garbaccio (2018), a velhice rural ainda é uma temática pouco estudada, por ser considerada pouco relevante. Também são escassos os estudos que investigam o tema da solidão na velhice e que tenham como campo o Nordeste brasileiro, e o trabalho na agricultura e as vivências do rural.

A investigação dessa temática é relevante para a Psicologia, já que por muitos anos a velhice rural não esteve entre seus principais temas de pesquisa. A Psicologia tem de estar preparada para lidar com a velhice em seus mais diversos contextos, para isso é necessário que se pesquise, investigue e divulgue materiais sobre essa temática, afinal, são esses os idosos que iremos nos deparar ao trabalhar nas zonas rurais e cidades de pequeno e médio porte. A interiorização das universidades tem aqui um papel primordial, visto que é um centro privilegiado de pesquisa e intervenção no interior e no campo.

Este estudo demonstrou as percepções dessas agricultoras rurais acerca da sua velhice, da solidão e como tudo isso está entrelaçado às suas histórias de vidas, marcadas pelo rural. As associações estabelecidas com a temática da solidão concordam com outros

estudos precedentes, mas a forma como estas idosas lidam com esta, seus mecanismos de compensação e expiação são muito próprios do seu meio de vida. A forma como a relação com a terra e o trabalho rural permitem-nas novos ânimos e uma velhice ativa, impacta sua saúde mental e bem-estar como um todo.

As entrevistas, análises e resultados obtidos com este estudo mostraram o quanto é rico e complexo o tema em questão. Durante as investigações, novos temas e possibilidades de análise se apresentaram diante de nós, incitando nossa vontade de melhor conhecer novos aspectos acerca da vivência dessas mulheres. Assim pretendemos continuar a pesquisa, avaliando novos temas que envolvem o universo das mulheres horteiras. Pretendemos seguir trabalhando com temas articulando-os à velhice como a relação de gênero e cuidado, a associação entre natureza, trabalho e saúde mental, dentre outros.

Com esse trabalho pretendemos também influenciar para que novas pesquisas surjam, novos lugares se tornem campos de pesquisa e que possamos analisar as mais diversas faces da velhice em nosso país. No intuito de expandir o universo de conhecimento sobre essa realidade, conhecendo seus pormenores, suas vantagens e suas problemáticas. Conhecer não só para desmistificar, mas também para propor mudanças e possíveis intervenções.

## **Agradecimento**

Agradecemos a todas as entrevistadas por disponibilizarem seu tempo e tornarem esse trabalho possível. Também somos gratos à UFRN por dar o suporte necessário a realização desta pesquisa.

## **Referências**

Ajzen, C. (2019, 18, junho). Opinião: solidão na velhice. *UNIFESP - Departamento de Comunicação Institucional*. <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/releases/item/3898-solidao-na-velhice>

Almeida, T. D., & Lourenço, M. L. (2009a). Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(2), 233–244. <https://doi.org/10.5335/rbceh.2009.022>

Araújo, S., Fontes, B., Carvalho, M., & Nascimento, J. (2013). Gênero, geração e trabalho: modos de vida de idosos/as residentes em zona rural. *Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano*, 10(1). <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.2977>

Carvalho, M. P. R. S., & Dias, M. O. (2011). Adaptação dos idosos institucionalizados. *Millenium*, 40, 161–184.

Costa, J. B., Leite, J. F., & Dantas, C. M. B. (2020). Pessoas idosas e sentidos de rural no interior do Rio Grande Do Norte. *Revista Polis e Psique*, 10(1), 164-186. <https://dx.doi.org/10.22456/2238-152X.85438>

Fernandes, H. J. (2007). *Solidão em idosos do meio rural do concelho de bragança* [Dissertação de mestrado não publicada]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. <https://www.proquest.com/openview/0b79e8e576c58a76c94bd7a3f39fe0ff/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>

Fernandes, J. E. A. (2012). *A Solidão nos Idosos numa comunidade rural - Implicações para uma velhice bem-sucedida* [Dissertação de mestrado não publicada]. Escola Superior de Saúde de Viana do Castelo. <http://repositorio.ipv.pt/handle/20.500.11960/1205>

Fiocruz, E. (2019, 19, setembro). *Quem é a pessoa idosa?* Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio | EPSJV | Fiocruz. <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa>

Garbaccio, J. L., Tonaco, L. A. B., Estêvão, W. G., & Barcelos, B. J. (2018). Envelhecimento e qualidade de vida de idosos residentes da zona rural. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(2), 776–784.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). Editora Atlas S.A. (Obra original publicada em 1987)

Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.

Gurgel, F. F., & Pinheiro, J. Q. (2011). Compromisso pró-ecológico. In S. Cavalcante, & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos em psicologia ambiental* (pp. 159–173). Vozes.

Hirt, M. C., Costa, M. C., Arboit, J., Leite, M. T., Hesler, M. Z., & Silva, E. B. (2017). Representações sociais da violência contra mulheres rurais para um grupo de idosas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*,

38(04). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.68209>

Instituto Nacional do Seguro Social (2018, 30, outubro). Aposentadoria por idade rural. *Portal gov.br*. <https://www.gov.br/inss/pt-br/saiba-mais/aposentadorias/aposentadoria-por-idade-rural>

Lindner, M. (2012). A organização do espaço sob o olhar das ruralidades. *Geografia Ensino & Pesquisa*, 16(3), 19-37.

Manzini, E.J. (2004). *Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros*. Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, Bauru, SP.

Motta, A. B (2018). Idade e Solidão: a velhice das mulheres. *Feminismos*, 6(2), 9. <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30390/17912>

Priberam Informática, S.A. (2022). “Solidão”. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Recuperado em 24 de outubro de 2022, <https://dicionario.priberam.org/chave>.

Sequeira, A., & Silva, M. N. (2002). O bem-estar da pessoa idosa em meio rural. *Análise Psicológica*, 3, 505–516.

**- EDUCAÇÃO E RURALIDADES -**

# OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA LUTA PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO E O CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Thayslla Araújo Falcão  
José Eduardo da Silva Azevedo  
Maria Ivonete Barbosa Tamboril

## Introdução

A educação do campo é uma conquista advinda das lutas dos movimentos sociais. Com isso, o tema da educação faz parte dessa luta como uma especificidade por ser imprescindível no desenvolvimento e permanência no meio campesino, bem como na valorização da identidade campesina, isso porque esses aspectos possibilitam o desenvolvimento do território no qual esses sujeitos vivem.

Foi por inconformidade com o contexto de negligência do campo, que os movimentos sociais, sindicais e populares tiveram a iniciativa de compor uma experiência educacional que entendesse a realidade dos povos campesinos. Com o processo de construção da educação do campo, veio uma forte defesa a esses espaços, que são carregados de diversidade cultural e identitária, com histórico de lutas e resistências; ou seja, são territórios que necessitam de políticas voltadas para o seu contexto, e que não seja apenas uma cópia da estrutura do meio urbano.

Em consequência, temos o surgimento da formação superior em cursos de Licenciatura em Educação do Campo (LECampo), a partir do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo, enquanto política pública. A promoção dessa formação consiste na formação de educadores e educadoras para a educação básica, que levam em consideração as demandas e as necessidades do campo, através da pedagogia da alternância como metodologia (Lima, 2022).

Em um país construído sobre a base de uma forte e violenta luta pela terra, desde o início da colonização, é importante evidenciar o compromisso ético-político da psicologia com as questões sociais. Portanto, para a implicação da psicologia nesse campo é necessário

o reconhecimento da legitimidade da luta dos trabalhadores rurais, bem como sua avaliação histórica sobre a origem da desigualdade social no Brasil. Para isso, faz-se essencial o retorno à formação da sociedade, anteriormente negligenciada por essa ciência (CFP, 2019).

Além disso, o surgimento de uma Psicologia Rural se dá por conta da aproximação desses profissionais das comunidades rurais e dos desafios dessa conjuntura. Dessa forma, ela não se configura como uma extensão da psicologia social, mas busca “relacionar e articular os conteúdos das ruralidades junto às dimensões psicossociais.” (Lima, 2022, p. 18).

Aliás, além do compromisso ético-político, a psicologia, enquanto lugar de produção científica, também se compromete no aprofundamento dos aspectos do campo, como as políticas públicas, os processos educativos etc. Contudo, a psicologia deve pensar o campo sem se basear em conceitos urbanos, mas sim ser flexível com as questões campesinas. A partir de suas diferentes frentes/áreas a psicologia precisa ter domínio de conhecimento sobre o rural e, assim, contribuir em práticas que cabem nesse contexto (CFP, 2019).

Portanto, neste estudo, temos como objetivo analisar a trajetória histórica da luta pela educação do campo, inclusive o papel dos movimentos sociais, trazendo alguns marcos importantes do percurso até algumas conquistas desse processo, como o Pronera e o Procampo. Cabe, também, elucidar alguns questionamentos acerca da possível atuação da psicologia nesse âmbito – nos processos individuais ou coletivos – e salientar o compromisso ético-político dessa ciência com a questão da terra e com os setores populares, tanto no campo da subjetividade, quanto na luta em si.

## **Método**

Este trabalho tem caráter qualitativo e exploratório, realizado a partir de pesquisa documental e bibliográfica. Nesse sentido, a pesquisa é baseada na perspectiva da educação do campo, no que tange ao seu processo de consolidação e formação de políticas públicas, bem como da criação de cursos de licenciatura em educação do campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas plataformas: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e CAPES. Pela leitura de resumos buscamos estudos que atendessem à proposta do trabalho.

A partir do levantamento bibliográfico, foram encontrados cinco estudos, dois deles sendo uma dissertação de mestrado e um capítulo de livro. Dentre as discussões presentes, temos: o processo de consolidação da educação do campo a partir da luta dos movimentos sociais, a formação de educadores e educadores nos cursos de licenciatura em educação do campo e o alcance da atuação da psicologia nesses espaços. Dois estudos são publicados pela Revista Teia e pela Revista Eletrônica de Educação. Além da bibliografia, também utilizamos documentos oficiais, sendo eles a Resolução CEB nº 1, de 3 de abril de 2002, o manual do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nos portais do governo brasileiro – e as Referências Técnicas para atuação de psicólogos(os) em questões relativas à terra, do Conselho Federal de Psicologia.

## **Resultados**

### **A Luta dos Movimentos Sociais e a Política de Formação**

A trajetória histórica da educação do campo e o protagonismo dos movimentos sociais nessa luta foram analisados por Santos (2017). Em sua pesquisa, o autor aponta sobre a formação política dos trabalhadores e a valorização da consciência social; ressalta a importância da produção de conhecimento nas escolas do campo – em parceria com educadores, educandos e lideranças – como uma ferramenta capaz de proporcionar autonomia e emancipação, bem como a reconstrução do passado. Durante a construção desse processo histórico, Santos (2017) pontua a formação de práticas educativas e políticas públicas educacionais decorrentes da pressão dos movimentos sociais e sindicais do campo.

Neste contexto, é necessário o reconhecimento desse espaço para além de uma concentração espacial geográfica, reconhecê-lo como um cenário de luta e resistência, e, historicamente, construído por diferentes aspectos sociais, possuidor de singularidade (Santos, 2017). Para Santos (2017), os conceitos de educação escolar estão no âmbito da educação no campo “descontextualizada, elitista e oferecida para uma minoria da população brasileira” (p. 212). Portanto,

cabe ressaltar que o rompimento entre educação rural e educação do campo não se reduz apenas ao termo, e cabe a educação do campo construir saberes e reflexões que desconstruam a hierarquia entre campo e cidade (Santos, 2017).

No início dos anos 1980, a educação do campo retoma a pauta das políticas públicas devido à emergência dos movimentos sociais que, além da luta pela terra, também reivindicavam o direito à escolarização. A partir da Constituição de 1988 e o decorrente processo de redemocratização do país, foram-se alimentando debates acerca dos direitos sociais da população camponesa. Daí, foram formuladas reformas educacionais, originando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei 9.394/96). Nela defende-se os aspectos singulares do campo partindo da perspectiva de uma educação para todos. Dentre os deveres do Estado, temos: educação básica para todos da população; conteúdos curriculares e metodologias integradas aos interesses e necessidades dos educandos.

Em 1997, houve o I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com apoio da Universidade de Brasília (UnB). Este foi um espaço público de debate sobre a questão da educação do campo que levantou inúmeros questionamentos sobre esse assunto. Um deles foi o de pensar a educação pública direcionada aos camponeses, abrangendo seu contexto social, cultural, econômico e político.

Em 1998, criou-se a Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, que atuou na promoção de ações conjuntas pela escolarização dos povos do campo, em nível nacional. Algumas de suas conquistas incluem a realização de duas Conferências Nacionais Por Uma Educação Básica do Campo; a instituição pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, em 2002; a instituição do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GTP), em 2003.

Outra conquista de extrema importância, foi a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), pela Portaria nº 10/1998, executado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), vinculado ao Ministério do Desen-

volvimento Agrário (MDA), tendo como objetivo o fortalecimento das áreas de Reforma Agrária e seu reconhecimento em todas as suas dimensões. O programa nasceu em 1998 em decurso da luta dos movimentos sociais e sindicais camponeses, além de debates promovidos no I ENERA (Santos, 2017).

Vale registrar que mesmo representando um grande avanço no meio das políticas públicas educacionais voltadas ao campo, em 2020, a Coordenação Geral de Educação do Campo e Cidadania, responsável pela gestão do Pronera, foi afligida por meio do Decreto nº 10.252, publicado pelo governo Bolsonaro. No dia 21 de fevereiro de 2020, foi publicado o decreto que alterava a estrutura regimental do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), o que mudou também suas competências de formulação. Com isso, a política agrária fica subordinada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (FONEC, 2020).

A aprovação da Resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril, em 2002, instituiu as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo, sendo um marco histórico importante no percurso da educação brasileira, em especial na educação do campo. As Diretrizes Operacionais surgem como um ponto de articulação entre o Estado e a sociedade, na medida em que concretizam direitos.

Diante da análise histórica de Santos (2017) sobre a consolidação da educação do campo no Brasil, é possível notarmos com nitidez o peso da negligência por parte do poder público. Dessa forma, é num contexto de oposição a esse cenário que surgem as primeiras iniciativas dos movimentos sociais populares na construção de práticas educativas. Dessa forma, é possível afirmar que, enquanto processo histórico, a educação do campo está vinculada às mobilizações dos trabalhadores do campo comprometidos com a educação.

## **O Curso de Licenciatura em Educação do Campo**

Para explorarmos o campo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo utilizaremos o estudo de Santos e Silva (2016), no qual os autores tecem discussões acerca das políticas públicas educacionais do campo, incluindo o Pronera, Procampo e Pronacampo. Para atender as propostas da pesquisa, focaremos apenas no Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO). O programa foi criado em 2007, por meio

do Ministério da Educação, com a iniciativa da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) – vale salientar a extinção da Secretaria a partir do Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019, configurando um retrocesso no que toca à garantia de direitos educacionais.

O Procampo age em parceria com as instituições públicas de ensino superior e tem como objetivo a implementação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo, promovendo a formação de educadores e educadoras por áreas de conhecimento, para atuarem nas escolas do campo. Enquanto política pública, abrange o debate para questões importantes que devem ser feitas junto ao poder público (Santos & Silva, 2016). Dentre as universidades de sua implementação primária, temos: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Bahia (UFBA), Sergipe (UFS) e Brasília (UNB). O processo de elaboração do seu projeto pedagógico contou com a participação dos representantes dessas universidades e dos movimentos sociais, experientes na militância política.

O Procampo tem como objetivo fortalecer as Licenciaturas em Educação do Campo, através da articulação ensino-pesquisa-extensão, além de dar atenção às temáticas que possibilitam autonomia e emancipação. A formação de educadores ocorre por áreas de conhecimento, capaz de “atender aos anseios e compromissos com a emancipação do povo camponês, criando alternativas de organização do trabalho escolar, enquanto prática social” (Santos & Silva, 2016).

Acerca da formação de educadores do campo, Arroyo (2012) elucida que a concepção e a política de formação de professores do campo são construídas de acordo com a educação do campo. O autor salienta a necessidade da superação do protótipo único de docente-educador, e que sem essa superação:

A formação privilegia a visão urbana, vê os povos-escolas do campo como uma espécie em extinção, e privilegia transportar para as escolas do campo professores da cidade sem vínculos com a cultura e os saberes dos povos do campo (Arroyo, 2012, p. 361).

Os cursos de formação de educadores advêm das urgências dos movimentos sociais que foram reunidos na Conferência Nacional, em

2004, que deu origem ao Procampo. Arroyo (2012) chama a atenção para um ponto de extrema importância, que é a inversão que os movimentos sociais promovem no que toca às políticas públicas. O autor aponta que tradicionalmente, os setores populares são vistos como meros receptores de políticas públicas e não como sujeitos ativos, não apenas no que tange a formação, mas de “reconhecimento dos movimentos sociais como autores nas universidades, no MEC e nos órgãos de formulação e análise de políticas do Estado” (Arroyo, 2012, p. 362).

O protagonismo dos movimentos sociais nos cursos de formação tem seu impacto tanto nas políticas, quanto nos currículos de formação. Os/as militantes-educadores/as partem da radicalidade política, cultural e educativa derivada das dinâmicas dos próprios movimentos sociais e levam consigo os saberes das práticas, valores e concepções de mundo acumulados nas vivências do campo.

Percebe-se que a produção de conhecimento nesses lugares contribui no resgate de memórias, na resignificação de identidades e de histórias vividas por esses sujeitos que resistem e trabalham coletivamente na superação da ausência de projetos emancipadores e das opressões.

## **O Compromisso da Psicologia com o Campo**

Primeiramente, o caráter científico da psicologia e sua produção teórica devem estar a serviço da ética, ou seja, da questão social presente nas várias práticas profissionais da psicologia. O compromisso ético-político dessa ciência se dá “onde houver seres humanos sendo explorados, humilhados, desqualificados, discriminados, aí está a real demanda para esses profissionais.” (CFP, 2019, p. 27). Desde seu início, o Brasil é marcado pela disputa de terra que originou a névoa de violência que rege sua organização social enquanto nação.

Fica claro, historicamente, que todo o trajeto dos setores populares da sociedade brasileira foi marcado por intensa resistência e luta de grupos organizados a fim de impedir a continuidade desse padrão. No campo, esses processos foram marcados pela resistência indígena, em seguida pela luta dos negros contra a escravidão, e depois pela luta da população camponesa por condições básicas de sobrevivência e dignidade. Percebe-se que a questão da propriedade, posse e uso da terra sempre estiveram presentes (CFP, 2019).

As referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em questões relativas à terra apontam que:

Negligenciar a importância das questões da terra no Brasil pode significar uma adesão acrítica à obsessão moderna pelo mundo urbano e a transformação da terra e da natureza em mercadoria a serviço dos interesses de lucro imediato do grande capital, tidos como formas inexoráveis de viver e produzir (CFP, 2019, p. 28).

Dito isso, para que a psicologia possa atuar de forma plena, é preciso problematizá-la em sua dimensão de historicidade. Perceber como anda o relacionamento da psicologia com as questões da terra significa olhar para o passado e entender a formação de nossa sociedade. A retomada a esse processo possibilita a inclusão dos setores populares desprezados – como é o caso do povo camponês e as questões de território (CFP, 2019). Para ressaltar a importância de um olhar histórico, é importante relembrar que a psicologia já atuou como instrumento de exclusão e preconceito contra a classe trabalhadora.

O movimento higienista, por exemplo, ganha forças como uma resposta científica para os problemas sociais decorrentes da colonização, no período de instauração da República do Brasil. É no cenário do movimento de higiene social que a psicologia se autônoma, atribuindo:

À causalidade dos problemas sociais à questão hereditária e, amalgamada na ideia eugênica da existência de raças inferiores e superiores [...]. A teoria da degenerescência social significava a concepção segundo a qual a miscigenação degenerava as raças e provocava loucura (CFP, 2019, p. 49).

Logo, os debates críticos da psicologia a respeito de sua historicidade, no Brasil, têm início nos anos 1960 junto aos debates e estruturação da Psicologia Comunitária enquanto disciplina que vai de encontro a Educação Popular com os movimentos sociais de luta pela terra. A atuação conjunta com outros profissionais e setores progressistas insere a psicologia no meio da educação popular e nos processos de conscientização da população (CFP, 2019).

Desse modo, a atuação da psicologia nas questões da terra consiste na produção dialética entre as relações objetivas e subjetivas. Ou seja, leva em consideração os aspectos sociais amplos do local em que os sujeitos se encontram e traça caminhos singulares, porém que se entrelaçam com a história de sua sociedade (CFP, 2019).

Lima (2022), apresenta que independente da psicologia rural ser ou não ser um novo campo de conhecimento específico, é urgente seu diálogo com as ruralidades. Mesmo que tenha seu próprio termo, essa psicologia atua a partir das bases da psicologia política e latino-americana. A autora evidencia, também, o compromisso ético-político da profissão com a população camponesa, para com as práticas que a agridem, e critica a sua formação histórica – que se deu nos berços do contexto capitalista e homogêneo.

Além do mais, é reafirmado que todos os processos, dinâmicas e práticas que rodeiam a realidade do campo, são de interesse da psicologia, seja qual for sua frente de trabalho e pesquisa, como por exemplo: a psicologia social, da educação, da saúde, comunitária etc. Também são feitos questionamentos acerca de como inserir a temática das ruralidades em uma psicologia essencialmente urbana. Todavia, não existem respostas concretas e exatas, visto que a psicologia constrói a partir do resultante das relações. Para Lima (2022, p. 19):

Ter conhecimento sobre o rural [...] contribui para não reprodução de práticas descontextualizadas, entendendo que o campo por si só possui repertórios, costumes, tradições, modos de vida, de relações que são vindouras e que tem muito a contribuir com uma releitura da psicologia.

Retomando às Referências Técnicas, o documento traz alguns elementos no que tange a contextualização da atuação da psicologia nas questões da terra. Primeiramente, temos o conhecimento do processo histórico, social e político do Brasil; o reconhecimento da diversidade regional, cultural, social e econômica do campo, assim como a construção histórica das subjetividades; iniciativa da psicologia na promoção de debate no âmbito das políticas públicas e as questões da terra; entre outros. Além disso, a prática pode ocorrer a partir de um vasto campo, como os movimentos sociais, organiza-

ções não-governamentais (ONGs), através de espaços e equipamentos institucionais (CFP, 2019).

Quanto aos aportes para a construção de intervenções, existem a Psicologia Social e a Psicologia Comunitária, a Educação Popular de Paulo Freire e os Direitos Humanos. Para mais, o documento evidencia duas frentes possíveis de inserção da psicologia: no processo de luta pela terra e no processo de organização social da família nesse espaço e no domínio das políticas públicas (CFP, 2019). Por fim, é perceptível a urgência em pensar uma psicologia contextualizada, que legitime a identidade desses setores populares – da classe trabalhadora – e que volte sua atenção para os processos de vida e de escolarização, para o acesso e permanência na universidade e pensar nas formas de enfrentamento (Lima, 2022).

## **Conclusão**

Apesar dos avanços nas legislações educacionais do campo, a realidade das escolas rurais ainda é precária. Dessa forma, é imprescindível a formulação de uma política nacional de educação no campo, em diálogo com outras esferas do poder público juntamente às organizações e os movimentos sociais do campo brasileiro. A partir disso, percebemos como a educação do campo constitui um instrumento a ser utilizado contra a agricultura capitalista, materializada no agronegócio, e na construção da contra-hegemonia.

Além disso, a luta pela educação do campo deve ir além de legislações, decretos e programas; é fundamental que se inclua os reais atores envolvidos na temática, assim como suas práticas educativas cotidianas, suas demandas etc. Assim, para que as políticas públicas sejam efetivas, elas devem acompanhar a vida no campo e entender sua realidade. A educação deve ser utilizada como ferramenta nos processos de organização de uma nova sociedade; na perspectiva dos movimentos sociais sobre a escola, ela funciona em articulação com seu funcionamento, com a finalidade de um projeto popular de desenvolvimento.

Também entendemos que o Procampo, enquanto política de formação de educadores, colabora com o acúmulo de forças e as experiências de recuperação e ampliação das práticas cotidianas de formação sócio-histórica e emancipadora, sendo assim, capaz

de formar novas gerações de sujeitos, individuais e coletivos, numa perspectiva humanista e crítica. Ademais, vale salientar a importância do compromisso do educador, bem como suas condições teóricas e práticas. Destarte, precisa-se de uma formação que acate as dinâmicas de acumulação do capital no campo e entenda seus impactos no território rural.

Quanto ao papel da psicologia, podemos notar ainda alguns desafios, mas também possibilidades. Destaca-se a necessidade histórica da psicologia voltar ao debate da Reforma Agrária e atender aos movimentos sociais e sindicais de luta pela terra a partir de seu próprio arcabouço teórico-metodológico. Questionamentos sobre como construir e/ou fortalecer as comunidades rurais, como a psicologia comunitária poderia contribuir nesse sentido etc. devem ser feitos. Portanto, retomar o percurso da psicologia como um todo, com um olhar crítico, abre portas para uma atuação historicizada e contextualizada.

## Referências

Arroyo, M. G. (2012). Formação de Educadores do Campo. In R. S. Caldart et al. (Org.), *Dicionário da Educação do Campo*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.

Conselho Federal De Psicologia (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em questões relativas à terra*. CFP.

FONEC. (2020, Fevereiro 28). *Fórum Nacional de Educação do Campo denuncia extinção do Pronera*. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). 2020. <https://mst.org.br/2020/02/28/forum-nacional-de-educacao-do-campo-denuncia-extincao-do-pronera/>.

Lei nº 9394/2017 do Senado Federal. (2011). Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)

Lima, A. S. (2022) “*É um ato de luta estar aqui dentro*”: Li-

*cenciatura em Educação do Campo e os sentidos da formação na Universidade Federal de Rondônia* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Rondônia.

Resolução CEB nº 1/2002 do Ministério da Educação. [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category\\_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192)

Santos, R. B. (2017). História da educação do campo no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais. *Revista Teias*, 18(51), 210-224. <https://doi.org/10.12957/teias.2017>

Santos, R. B., & Silva, M. A. (2016). Políticas públicas em educação do campo: PRONERA, PROCAMPO e PRONACAMPO. *Revista Eletrônica de Educação*, 10 (2), 135-144. <https://doi.org/10.14244/198271991549>

# **PROJETO GESTÃO SOCIAL NAS ESCOLAS: IMPACTOS NA EDUCAÇÃO A PARTIR DOS CONCEITOS DA GESTÃO SOCIAL, PARTICIPAÇÃO SOCIAL, TERRITORIALIDADE E PROTAGONISMO JOVEM**

Hellen Alves de Oliveira

Eduardo Leite Alves

Cícera Mônica da Silva Sousa Martins

Waléria Maria Menezes de Moraes Alencar

Maria Jéssica Sousa Lima

## **Introdução**

O ambiente escolar é um espaço de desenvolvimento cidadão com inúmeras possibilidades de crescimento para seu público, é onde crianças e adolescentes tem seu primeiro contato interativo-social e onde passarão grande parte da sua juventude. Dessa forma, garantir qualidade de ensino e aprendizagem em amplas esferas é uma garantia de que o estudante desenvolverá todas as suas potencialidades.

Porém, se tratando do contexto rural abordado neste estudo, esta situação se configura com vários desafios, uma vez que a evasão escolar é um aspecto comum por diversos motivos, dentre eles o impasse da identidade e pertencimento no ambiente escolar, pois em algumas escolas rurais as estruturas de ensino são precárias e vão desde infraestrutura insuficiente até falta de material escolar, impactando diretamente tanto no ensino quanto na ambientação do jovem naquele espaço.

Além disso, o espaço comunitário onde o GSE atua, o distrito rural Baixio das Palmeiras, localizado na cidade do Crato (CE), está envolto em um conflito ambiental gerado por um processo de desapropriação em virtude da construção do Cinturão das Águas do Ceará (CAC), obra do Governo do Estado do Ceará que irá aduzir as águas advindas da Transposição do Rio São Francisco para as doze

bacias hidrográficas do Estado. Segundo Martins (2020), esse processo foi conduzido de forma invasiva, visto que os moradores das comunidades afetadas pelo CAC não foram informados previamente sobre o processo e isso gerou diversos problemas relacionados à violação do direito à moradia e à exclusão social. É relatado pelos moradores que as perdas obtidas vão além da perda da moradia, pois além de bens materiais, ali havia sonhos, eram espaços onde muitos dos moradores cresceram e construíram suas histórias e memórias afetivas.

Questões relacionadas à conservação do ambiente natural, respeito ao saber popular e a produção agroecológica também fazem parte das discussões emergentes no território e da escola, visto que nesta existe uma Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (COM-VIDA), que segundo o Ministério da Educação consiste em um espaço de discussão sobre educação ambiental que visa “contribuir para um dia-a-dia participativo, democrático, animado e saudável na escola, promovendo o intercâmbio entre a escola e a comunidade” (Ministério da Educação, 2004, p.9).

Diante disso, o Projeto Gestão Social nas Escolas, uma iniciativa do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), vem promovendo ações de impacto voltadas ao fomento, participação e protagonismo dos jovens em seu ambiente escolar e comunitário através que os incluam nestes espaços através de abordagens lúdicas, onde prendem e se inserem na dinâmica escola-comunidade, como, por exemplo, apontando forças, fraquezas, pontos positivos, onde podem melhorar e como eles, enquanto estudantes e residentes, pode contribuir para a melhoria desses espaços e quais outros agentes podem trabalhar alinhados aos interesses da comunidade para garantir essa melhoria, como organizações do terceiro setor, Estado e afins e outras voltadas à educação ambiental, como eles enxergam seus espaços de vivência, como podem desenvolver estratégias para melhoria destes espaços, etc.

Além disso, o pertencimento e territorialidade são fatores importantes neste processo, pois ao inserir os alunos nestes espaços de protagonismo, sua participação social é estimulada e assim contribuímos para o desenvolvimento de futuros agentes transformadores

e ativos em seus meios de convívio. Também são estimulados o uso adequado da fala e a comunicação não violenta, a qual é uma ferramenta que estimula a expressividade emocional e fortalece conexões sinceras entre as pessoas de maneira que as necessidades de todos sejam atendidas (Aguiar et al., 2021). Comunicar-se de maneira não violenta significa viver em compaixão, empatia e senso de coletividade (Rosenberg, 2019), e a escola, por ser um ambiente de muitas relações interpessoais, está sujeita a conflitos, mas contra esses pode apresentar estratégias de enfrentamento (Aguiar et al., 2021).

O presente estudo tem como objetivo principal refletir sobre as ações realizadas pelo Projeto Gestão Social nas Escolas na Escola de Ensino Fundamental Rosa Ferreira de Macêdo, localizada no distrito rural Baixio das Palmeiras, na cidade do Crato, Ceará. O trabalho aqui apresentado se refere às experiências do ano 2022, um ano de readaptação pós-pandemia, tendo em vista a paralisação das atividades do GSE em 2020 por conta do período pandêmico.

## **Gestão Social e sua Aplicabilidade na Educação**

Partindo da compreensão da Gestão Social como processo de “tomada de decisão coletiva, sem coerção, baseada na inteligibilidade da linguagem, na dialogicidade e no entendimento esclarecido como processo” (Cançado et al., 2013, p. 17-18) e da compreensão do que é extensão e práticas de educação popular advinda de Freire (1983), o projeto Gestão Social nas Escolas leva ao ambiente escolar conhecimentos e práticas de fomento à participação social, protagonismo jovem e territorialidade atrelados à Gestão Social e alinhadas ao pertencimento dos alunos ao ambiente escolar, fazendo deste espaço um local onde a fala é estimulada e onde quebra-se o estigma hierárquico professor-aluno, colocando os facilitadores e os alunos em uma mesma posição de protagonistas e onde as individualidades são consideradas e respeitadas, assim como o poder de fala de cada indivíduo presente nas atividades.

Dessa forma, fazemos valer os preceitos da Gestão Social, valorizando cada indivíduo e suas particularidades enquanto agente transformador daquele espaço. Segundo Ciconello (2008, p. 2), o entendimento de que a participação deveria obedecer às seguintes características:

Ser um processo educativo voltado para o exercício da cidadania, levando ao estabelecimento de conexões e influências mútuas entre as esferas pública e privada;

Permitir que as decisões coletivas sejam aceitas mais facilmente pelos indivíduos, uma vez que os mesmos tomam parte do processo de decisão;

Produzir maior integração social, na medida em que produz um sentimento de pertencimento de cada cidadão isolado à sua comunidade ou grupo organizado (associação, sindicato, movimento social).

Partindo desta premissa, a participação social é um fator intrinsecamente ligado à educação e a cidadania, sendo ferramenta de facilitação na tomada de decisões levando em conta as individualidades dos integrantes de um grupo que, conseqüentemente, estimula o sentimento de pertencimento, o que se configura como meio de manutenção da cidadania.

O GSE encontrou alunos com comportamentos de frustração e perspectivas negativas, devido à infraestrutura da escola e ausência de representatividade, um espaço onde tem possibilidades de produzir uma biblioteca qualificada, um laboratório de informática, uma quadra de vôlei, mesas ao ar livre, até a própria gestão da escola não tem um lugar apropriado para trabalhar.

Além disso, o sistema educacional é falho em não destinar os investimentos necessários para manutenção das atividades escolares. Sendo também observado discursos relacionados à baixo autoestima, a culpabilização dos alunos em situações de falhas no processo de aprendizagem, e isso não diz respeito às condutas pedagógicas realizadas no ambiente escolar, e sim por recursos insuficientes que desestimulam o crescimento individual de cada estudante. Questões familiares também foram mencionadas pelos alunos no que se refere ao estímulo ao aprendizado.

Tendo em vista o panorama avaliado, o Gestão Social nas Escolas chega a esse ambiente como estratégia para trabalhar a importância do protagonismo juvenil, da fala emancipatória, da cooperação, da autonomia e da valorização do território local nas práticas inter e extraclasse na comunidade onde se localiza a escola participante do projeto.

## Método

O presente estudo se estrutura como um relato de experiência, onde neste tópico será ilustrado o arcabouço metodológico das ações de campo desenvolvidas em 2022. As ações planejadas no percurso de atuação do projeto GSE tiveram como foco a utilização de metodologias integrativas, que segundo Giannela e Batista (2013) são um compilado de métodos não tecnicistas que objetiva trabalhar aspectos educativos a partir da valorização do saber popular e do contexto em que sujeitos vivem, visando a produção de conhecimento de forma interativa, lúdica e afetiva. O foco da ação do projeto a partir das metodologias integrativas é promover o diálogo, a ludicidade e o envolvimento ativo dos estudantes nas atividades proposta, com objetivo de analisar o desempenho do aluno de forma individual e coletiva, verificar índices como potencialidades, capacidade de resolução de problemas, colaboração e autonomia dos participantes.

A finalidade é o aprendizado ativo durante as dinâmicas, trazendo uma abordagem lúdica atrelada à Gestão Social, Psicologia Social, Participação Social, Protagonismo Jovem e territorialidade junto às atividades de estímulo à colaboração que tem o tema central problemas reais na sociedade e em especial na sua comunidade. Dentre as atividades realizadas durante o ano de 2022, podemos trazer como exemplo:

- Crachá criativo: primeira atividade de retomada ao modelo presencial, onde todos criam um crachá para apresentarem-se de forma descontraída, destacando aspectos de sua finalidade, como o lugar onde mora, coisas que gosta de fazer, entre outros;
- Mímica sustentável: promover estratégias sustentáveis de cuidado com a própria comunidade a partir da mímica, destacando problemáticas observadas e recorrentes no seu dia a dia e apresentando-a de maneira que os demais possam identificar de qual aspecto se trata a mímica;
- Candidatos à prefeitura: propostas de resolução para os problemas da comunidade a partir da eleição de um representante político fictício. Os estudantes montam suas “chapas”, elaboram suas propostas e as apresentam aos demais, os quais irão escolher qual dos representantes melhor se alinham às

necessidades de sua comunidade e votam nestes;

- Cartografia social: “Esse é meu território”: representação pictórica de lugares que tenham representatividade e um vínculo com a sua comunidade;
- A teia: promover o senso de cooperação e união dos alunos a partir de um barbante esticado em círculo passando por todos os integrantes, formando uma grande que representa as conexões estabelecidas. Para formação da teia, a ponta do barbante passa por cada um dos integrantes, os quais se apresentam e passam aos demais até analisar a dinâmica e formar a teia;
- Carta para o futuro: mapeamento de talentos e objetivos próprios para o futuro, conhecer melhor como esses alunos se relacionam com o ambiente escolar e comunitário e traçar estratégias para chegar aos objetivos citados. Nesta atividade os alunos listam suas metas e como querem estar ao final do projeto. Ao final do período de aplicação do projeto, as cartas serão abertas e lidas pelos alunos, que avaliarão se suas metas foram cumpridas.

Além das atividades mencionadas, também foram realizadas atividades com foco em questões pontuais sobre educação ambiental, oficinas, visitas técnicas e rodas de conversas sobre questões emergentes como a baixa autoestima e dúvidas sobre orientação profissional.

Estas abordagens, por terem caráter lúdico e muitas vezes serem do cotidiano escolar dos estudantes, apresentam ótimos resultados uma vez que sua aplicação acontece de maneiras descontraída e natural. Além disso, trabalham com o senso comum alinhado às temáticas sociais nas entrelinhas da dinâmica, que fazem com que os estudantes reflitam sobre a importância de diversos fatores para um bom convívio social, desenvolvimento social-comunitário e valorização do coletivo enquanto grupo.

## **Resultados e Discussões**

Na edição de 2022 do GSE, pudemos observar que nosso público desenvolveu suas potencialidades e êxito na promoção de refle-

xões sobre a importância do protagonismo juvenil, conscientização ambiental e sustentabilidade no meio de convívio, fomento do desejo de trabalhar em prol da transformação social da comunidade, fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade, fomento do senso de cooperação nos alunos participantes e promoção de mapeamento de talentos locais. A partir do foco dialógico e participativo das ações do GSE, os alunos participantes contaram também com uma rede colaborativa de suporte às ações, o que engloba o envolvimento de professores, da gestão escolar, de equipamentos sociais e da própria população local, que se fez presente em ações dentro e fora da escola.

Durante o acompanhamento dos alunos, um dos tópicos mais recorrentes foi a necessidade destes terem contato com mais ações voltadas para ciência e tecnologia, sendo apontado por esses a ausência de acesso à computadores e falta de foco em ferramentas digitais e assuntos que tem ganhado forças na atualidade como a robótica que explora a criatividade, a iniciativa e a interatividade propiciando ao aluno benefícios de informática. A tecnologia na educação torna o aprendizado mais lúdico, divertido e natural para crianças acostumadas com o mundo digital.

Outra pontuação recorrente foram questões relacionadas à necessidade de haver mais atividades de campo, que foram a proposta central apresentada no planejamento participativo da intervenção do grupo na comunidade. Existe uma demanda para ter momentos de intercâmbio com dispositivos culturais e universidades, sendo o GSE articulador da primeira visita dos alunos à Universidade Federal do Cariri.

Em síntese, apesar da ausência de ferramentas tecnológicas e a vivência com problemas de infraestrutura, os alunos da escola Rosa Ferreira Macedo buscam e persistem na aprendizagem, assim, participam do projeto GSE que aborda dinâmicas prazerosas que leva ao estudante aprender sobre a importância do território, gestão social e protagonismo estudantil que podem mudar a realidade da comunidade, desenvolvendo um bom profissional, pessoa e cidadão. Apesar das dificuldades iniciais apresentadas no início do processo, por conta da readaptação ao ensino remoto, os alunos conseguiram se implicar positivamente com as atividades realizadas durante o ano de 2022.

## Conclusão

Alinhado com os conceitos da Gestão Social, Agenda 2030 da ONU e vivências para além do cunho acadêmico, o GSE leva sonhos, possibilidades e oportunidades ao contexto rural através de seus extensionistas que, comprometidos com o dever de transformar vidas através da educação, encaram todas as dificuldades enfrentadas pela pandemia e demais adversidades para construir uma sociedade justa, onde todos possam desenvolver-se plenamente, terem acessos a todos os aparelhos necessários ao seu desenvolvimento e acima de tudo, ao conhecimento.

Para além do público-alvo, o GSE é um projeto que engloba e impacta diversas pessoas, de diversas esferas da sociedade e de vários espaços. Com seus facilitadores não foi diferente: são estudantes de graduação empenhados em desenvolver atividades voltadas à transformação social. Durante o projeto, esses estudantes desenvolveram-se de maneira significativa, ampliando seus horizontes referentes às problemáticas sociais, como resolvê-las, quem pode resolvê-las e como. Além disso, é uma oportunidade ímpar de crescimento pessoal e profissional, pois todo o conhecimento adquirido na experiência de trabalhar com o GSE certamente será levado para toda a vida.

## Agradecimento

Agradeço à Pró-Reitoria de Extensão da UFCA pelas bolsas de extensão concedidas e pelo suporte às ações.

## Referências

Aguiar, A. C. I. A., Coelho, C. C. L., Lemos, D. C. R. B., & Silva, E. V. R. S. (2021). A Comunicação Não Violenta (CNV) como instrumento de promoção da saúde mental no contexto escolar. In M. C. Zago (Ed.), *Saúde Mental no Século XXI: Indivíduo e coletivo pandêmico* (p. 1-23). Editora Científica.

Ciconello, A. (2008). *A participação social como processo de consolidação da democracia no Brasil*. Oxfam.

Cançado, A. C., Tenório, F. G., & Erthal, L. V. (2013). Gestão Social versus Gestão Estratégica. In F. G. Tenório (Ed.), *Gestão Social*

*e Gestão Estratégica: Experiências em Desenvolvimento Territorial* (p. 15-86). FGV.

Freire, P. (1983). *Extensão ou Comunicação?* (7a ed.). Paz e Terra.

Giannella, V., & Batista, V. L. (2013). Metodologias integrativas: te-cendo saberes e ampliando a compreensão. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 2(3), 83-108.

Martins, C. M. S. S. (2020). *Afetividade em contextos de desapropria-ção: impactos psicossociais das obras do cinturão das águas do Ceará em comunidades rurais do município do Crato-CE* [Dissertação de Mestrado] Repositório Institucional da UFC. [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53589/3/2020\\_dis\\_cmssmartins.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53589/3/2020_dis_cmssmartins.pdf)

Ministério da Educação. (2004). *Formando Com-Vida Comissão do Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola: construindo Agenda 21 na Escola*. MEC.

Rosenberg, M. (2019). *Vivendo a comunicação não violenta: Como estabelecer conexões sinceras e resolver conflitos de forma pacífica e eficaz*. Sextante.

# COEDUCACIÓN EN LA RURALIDAD: LOS ESTEREOTIPOS DE GÉNERO NO SON UN JUEGO, PERO PUEDEN ELIMINARSE JUGANDO

Carlos Manuel Luna Maldonado

Sandra Forero Salazar

## Introducción

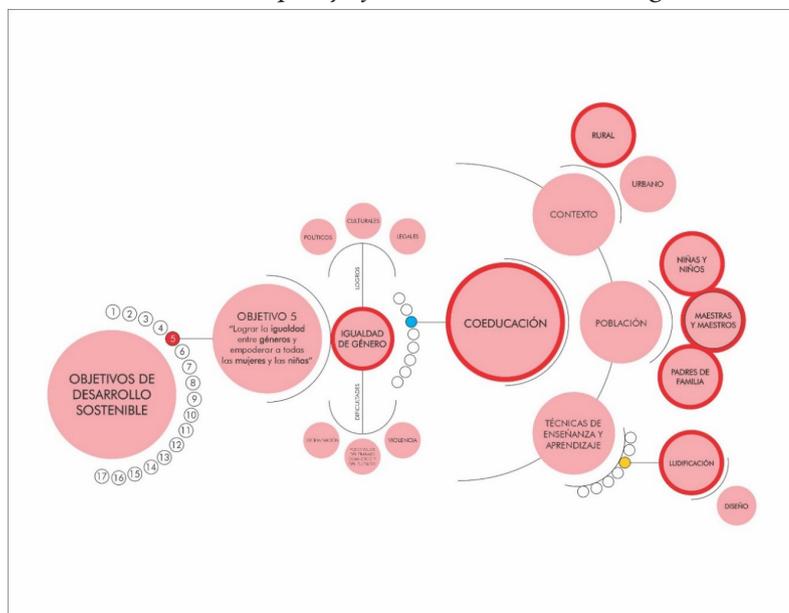
En mayo de 2020, la Dirección de la Mujer Rural del Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural de Colombia, con el apoyo de la Unión Europea, publicó el documento: Situación de las mujeres rurales en Colombia 2010-2018, en el cual se visibilizan las principales brechas de género en la población rural, evidenciando una gran desigualdad al comparar la situación de los hombres y las mujeres rurales. Algunos de los puntos a resaltar son: Las mujeres rurales dedican más horas de su jornada diaria al trabajo no remunerado; tienen una mayor tasa de desempleo e informalidad productiva; reciben menor ingreso promedio; cuentan con mayores índices de pobreza y acceden menos a activos productivos y servicios del sector agropecuario, como la tierra, el crédito y la extensión agropecuaria, entre otros.

Desde esta perspectiva el siguiente artículo presenta la revisión del estado del arte sobre el tema y la propuesta de una metodología de diagnóstico aplicando un instrumento validado por expertos y probado en un piloto, que permitió proponer los ajustes necesarios para estandarizar su implementación como etapa inicial de otros momentos de la presente investigación y que definió como objetivo: Eliminar los estereotipos de género existentes por el arraigo cultural presente en las poblaciones rurales de Colombia.

Con el fin de exponer de una manera gráfica la relación de conceptos y ejes temáticos de la investigación, se presenta la figura 1, en la cual se resaltan los aspectos definidos como más importantes y soportes del trabajo desarrollado.

Figura 1

*Relación de conceptos y ejes temáticos de la investigación*



## Método

La investigación se desarrolla bajo un enfoque de tipo cualitativo, en donde el análisis de los datos permite construir una estructura de intervención bajo la modalidad de Investigación Acción Participativa (IAP), aplicando técnicas de recolección de información propias este tipo de investigación, tales como la observación participante y los grupos focales, que permitieron comprender cómo se han construido en el tiempo y cómo aún se siguen construyendo los estereotipos de género en la sociedad y vincular así, los resultados a la creación de la propuesta.

Inicialmente, y como un punto de partida importante, se realizó con la comunidad, un acuerdo conceptual acerca de los temas a tratar, y una introducción sobre la situación actual de desigualdad que sufren las mujeres frente a los hombres en contextos variados, pero centrándose especialmente en la ruralidad. Se realizaron pruebas con niñas y niños para descubrir sus preconceptos acerca de los roles que deben cumplir las mujeres y los hombres en su vida diaria.

De igual manera, y con la población infantil, se aplicaron los test de estilos de aprendizaje y tendencias cerebrales con el fin de establecer similitudes y diferencias entre ellos, lo cual permitió abordar respuestas particulares según el caso, aun teniendo como base una generalidad de la población.

### **Tipo De Investigación**

Se desarrolló una investigación de tipo descriptivo, que tuvo como punto de partida la comunidad rural de un municipio de la zona norte del país; este enfoque buscó identificar las concepciones que se tenían sobre el tema y las principales fuentes de construcción de referentes, tanto de los adultos como de los niños y niñas.

### **Participantes**

Se ubicaron un total de 30 niños y niñas de edades comprendidas entre los 10 y los 13 años, todos vinculados al sistema escolar lo que permitió acceder a sus familias para la aceptación del desarrollo y participación voluntaria en la investigación.

### **Discusión y Resultados**

Los resultados producto de la investigación se dividen en tres áreas correspondientes cada una a un momento específico:

Un primer momento fue la construcción del estado del arte, basada en la consulta de bibliografía especializada en cada uno de los ejes temáticos de la cual se puede decir que: si bien podría decirse que los factores de desigualdad también están presentes en el contexto urbano, no deja de preocupar que en las zonas rurales sea mucho mayor la brecha, debido entre otros factores, a la poca presencia del Estado en aspectos como la educación y la cultura. Cifras comparadas en el último Censo Nacional Agropecuario realizado por el Departamento Administrativo Nacional de Estadística DANE, revelaron que en el campo colombiano todavía se evidencia una gran brecha de género: Los hombres son los mayores propietarios de las tierras con un 61.4%, mientras que las mujeres representan un 26% (RCN. 2022).

Las desigualdades encontradas en estos contextos y visibilizadas en mayor medida por la población adulta de hombres y mujeres,

son reflejo del tipo de educación a los cuáles los infantes han accedido, ya sea en sus hogares bajo la tutela de sus padres, o en los centros de enseñanza bajo la tutela de sus maestros. Según la Organización de las Naciones Unidas ONU (2011), las desigualdades a las que se enfrentan las niñas pueden empezar en el momento de su nacimiento y perseguirles durante toda su vida, incrementándose esa disparidad a medida que las niñas entran en la adolescencia.

Independientemente del lugar donde vivamos, la igualdad de género es un derecho humano fundamental, así que promover la igualdad de género es esencial en todos los ámbitos de una sociedad sana: desde la reducción de la pobreza hasta la promoción de la salud, la educación, la protección y el bienestar de las niñas y los niños.

Desde varias décadas atrás, este tema no ha sido ajeno a los gobiernos y aunque se han hecho esfuerzos en diferentes países, aún queda mucho camino por recorrer. Uno de los propósitos globales más importantes se anunció en el año 2015, cuando los países miembros de las Naciones Unidas (2020), promulgaron los denominados Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS), también conocidos como Objetivos Globales, como un llamamiento universal para poner fin a la pobreza, proteger el planeta y garantizar que para el año 2030 todas las personas disfruten de paz y prosperidad. Entre los 17 ODS, hay uno, el Objetivo 5, que está orientado a terminar con la discriminación contra mujeres y niñas y que está formulado de la siguiente manera:

Lograr la igualdad entre los géneros y empoderar a todas las mujeres y las niñas Este propósito mundial emanado por la ONU, también se refrenda en América Latina y el Caribe, ya que incluye temas altamente prioritarios para la región, como la erradicación de la pobreza extrema, la reducción de la desigualdad en todas sus dimensiones, un crecimiento económico inclusivo con trabajo decente para todos, ciudades sostenibles y cambio climático, entre otros.

En definitiva, la Agenda 2030 busca entre sus 17 objetivos la continua construcción de un mundo mejor para todos.

Son muchos los trabajos que, antes o después de esta declaración de la ONU, se han desarrollado en torno al tema, sin embargo, y como lo declara Aitor (2021), citando a Miguel (2008) “es indiscuti-

ble que también son insuficientes” (p.9). La mayoría de estudios realizados, tanto teóricamente como en la práctica, se han desarrollado en las escuelas, en concordancia con lo que expresan (Simkin y Becerra, 2013) que la consideran “Un agente socializador... y su poder de transmisión de valores, roles, contenidos y aprendizajes, son clave en el fomento y desarrollo de una educación basada en principios de igualdad, respeto y libertad” (p.1).

De tal manera que terminar con las formas de discriminación contra las mujeres y niñas no es solo un derecho humano básico, sino que además es crucial para el desarrollo sostenible ya que está demostrado que empoderar a las mujeres y niñas tiene un efecto multiplicador y ayuda a promover el crecimiento económico y el desarrollo a nivel mundial.

Por su parte, el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo PNUD (2021), le ha otorgado a la igualdad de género un lugar central en su trabajo y se ha visto un progreso notable en los últimos 20 años, como resultado de ello hoy más niñas van a la escuela comparado a hace 15 años, y la mayoría de las regiones han alcanzado la paridad de género en la educación primaria. Pero, aun así, y aunque hoy en día hay más mujeres que en el pasado en el mercado laboral, todavía hay grandes desigualdades en algunas regiones, y sistemáticamente a las mujeres se les niegan los mismos derechos laborales que tienen los hombres. La violencia y la explotación sexual, la división desigual del trabajo no remunerado - tanto doméstico como en el cuidado de otras personas - y la discriminación en la toma de decisiones en el ámbito público son grandes obstáculos que aún persisten.

Es importante resaltar que la formación para el logro de lo propuesto por los países, no se centra solo en el contacto social en las escuelas, sino que también es de gran responsabilidad al interior de la familia, lo que involucra a padres de familia, a docentes de preescolar, y claro está a los niños y niñas, quienes en temprana edad (entre 1 y 6 años), aún no tienen en sus esquemas mentales “la visión patriarcal de la sociedad actual” (Fuentes et al., 2019, p.1) lo cual es claramente impuesto por la cultura. De tal manera que para que esto realmente suceda, se debe transformar e involucrar los procesos formativos y aplicar métodos, estrategias y técnicas acordes a este propósito.

Según el DANE, en Colombia, del total de niñas y niños escolarizados en el 2021, el mayor porcentaje de matriculados en el sistema educativo se registró en la básica primaria con un 41,8% y la menor participación en preescolar con un 8,7%. La matrícula urbana fue del 75,6%, con 7.405.053 alumnos, mientras la matrícula rural fue del 24,4% con 2.392.624 matriculados. De las 53.066 sedes educativas reportadas, 43.727 fueron de carácter oficial (82,4%) y 9.339 no oficial (17,6%); a su vez, 17.174 están ubicadas en la parte urbana (32,4%) y 35.892 en parte rural (67,6%) (Colombia aprende, 2022).

Aunque es muy importante tener claro el rol de la escuela para la formación del futuro de los ciudadanos, no se puede desconocer que, al interior de los hogares y la educación familiar, marca pautas de comportamiento que afectan positiva o negativamente la inserción de los niños en la sociedad. El Instituto Colombiano de Bienestar Familiar ICBF (2020), expone que, muchas de las causas de inequidad de género suelen ser reforzadas a través de las actitudes en cuanto a la distribución de las tareas y responsabilidades al interior de los hogares y de igual manera en lo que se refiere a las actividades de recreación o diversión como el juego. Según el ICBF, las condiciones de inequidad son fomentadas a través de la distribución de las tareas y responsabilidades en el hogar, así, como las diversas actividades y juegos, de tal manera que sugiere que los padres y/o cuidadores deben reflexionar de manera particular en lo relacionado con la transmisión del concepto de equidad de género, para así dar inicio desde casa a la erradicación de este tipo de estereotipos que catalogan y por lo tanto, encasillan tanto al rol femenino como al masculino.

Un paso importante que se ha implementado para la educación a temprana edad, es la denominada Coeducación; éste, en un concepto general, hace referencia a la educación conjunta de grupos de población diversos, distintos y plurales, pero en un uso más particular y específico, hace referencia a la educación conjunta, en convivencia, integral e igualitaria de niños y niñas; de tal manera que la coeducación no consiste solamente en que niños y niñas coexistan, se eduquen en una misma aula, que es muy importante, sino que pone su acento en que los unos y las otras reciban una misma educación, teniendo en cuenta a las feminidades y masculinidades, sin discriminación por razón de sexo, y en igualdad de oportuni-

des, convirtiéndose así en una estrategia que previene problemáticas generadas por los estereotipos de género (Martori, 1994).

Tanto a nivel teórico como en la práctica, se encuentra gran variedad de herramientas didácticas, físicas y digitales, a disposición de escuelas y padres de familia, “todas estas pasan por ser efectivas cuanto más pronto comiencen a implementarse entre los alumnos de etapa infantil y primaria” (Fuentes et al., 2019, p.1). Sin embargo, debido a que no se considera un tema central en la formación, no se les da la importancia y la profundidad que se les debe dar, produciendo cambios lentos en la mentalidad y el accionar que se quiere conseguir para el logro de la igualdad.

A nivel pedagógico, muchos estudios sugieren “modificar los contenidos sexistas en los materiales educativos, formar al profesorado en propuestas pedagógicas como la coeducación, así como realizar cambios físicos en los propios espacios de las escuelas” con el fin de cambiar los estereotipos sexistas desde la primera infancia; y “también coinciden en que tanto los docentes como las familias deberían trabajar juntos para romper estereotipos y favorecer la igualdad de género tanto en la escuela como en la sociedad en general” (Bosada, 2018, p.1).

Uno de los caminos de mayor acogida para la implementación de la Coeducación es la aplicación de los “juegos serios”; esta técnica, conocida como Ludificación (o muchas veces con el anglicismo de Gamificación), consigue mucho éxito en todo tipo de ámbitos, ya que su dinámica es extrapolable a los problemas cotidianos. Con ella se consigue motivar a las personas, en este caso principalmente a madres, padres, educadoras, educadores, niños y niñas, despertando en ellos el compromiso y la autosuperación. Los juegos serios pueden ser de cualquier género y utilizar cualquier tipo de soporte, ya sea tradicional, como un juego de mesa, o de rol, o usar las nuevas tecnologías como un videojuego.

Llevando a la práctica en contextos reales la aplicación de los juegos serios como estrategia de coeducación para eliminar los estereotipos de género desde temprana edad en niños y niñas de los contextos rurales, y con el fin de aportar al Objetivo 5 de los ODS, se involucra al Diseño como una disciplina proyectual que propende por dar las mejores respuestas a problemas específicos de la sociedad;

de tal manera que, con estrategias y metodologías de Diseño participativo centrado en las personas y con un enfoque interdisciplinar, se propone desarrollar productos que busquen el cumplimiento del objetivo.

El segundo momento consistió en la implementación metodológica, compuesta por:

- 1 - Una serie de reuniones con el fin de generar consensos conceptuales acerca del sexo, el género, la diferencia sexual, la identidad, la orientación sexual, etc.
- 2 - Unos talleres de preconcepciones aplicados a niños matriculados en cursos de primaria en escuelas rurales (Prueba de estereotipos). Figura 2.

**Figura 2**  
*Taller de relación de roles en la familia (estereotipos)*

### PRUEBA DE ESTEREOTIPOS

A continuación encontrará una serie de características y roles que realizan las personas, trace una línea para relacionar quién considera que está más identificado con ellas, si el hombre o la mujer

	Persona racional	
	Persona que cuida a otras personas	
	Persona violenta	
	Persona cariñosa	
	Persona sensible	
	Persona independiente	
	Persona competitiva	
	Persona débil	
	Persona sentimental	
	Persona fuerte	
	Persona dedicada al trabajo doméstico	
	Persona dominante	
	Persona intuitiva	
	Personas buena	
	Persona poco expresiva	
	Persona dependiente	
	Persona valiente	
	Persona sumisa	
	Persona adaptable	
	Persona proveedora del hogar	



**HOMBRE**



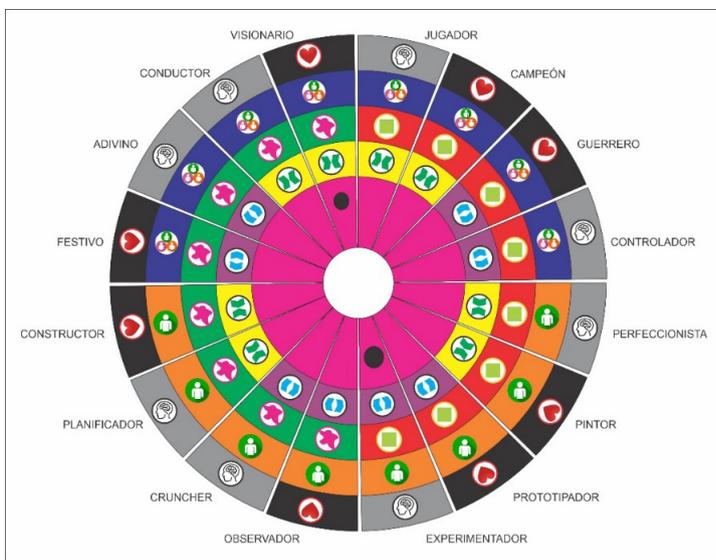
**MUJER**

Fuente: <https://campusgenero.inmujeres.gob.mx/glosario/terminos/estereotipos-de-genero>

3 - La aplicación de test de perfiles que diferencien el estilo de aprendizaje, ya sea, activo (experimentación activa), teórico (conceptualización abstracta), pragmático (experimentación concreta), o reflexivo (observación reflexiva) y las tendencias cerebrales individuales, definidas como de carácter divergente o convergente, abstracta o concreta, de trabajo grupal o individual, y emocional o racional, como una manera de enfrentarse a problemas cotidianos, figura 3. Estos test combinan los resultados obtenidos y generan un tipo de perfil que puede ser base para la generación de respuestas propias del proyecto.

Figura 3

*Perfiles como resultado de aplicación de los test. (ejemplo)*



4 - Un diagnóstico, en el cual se realiza una intervención con metodologías de Diseño Participativo en cursos de escuelas primarias de contextos rurales.

5 - La interacción en contexto aplicando métodos de co-creación, en los que tanto estudiantes, maestros y padres de familia, con la guía del diseñador, generan las mejores propuestas aplicables a su contexto y tiempo.

6 - La implementación y seguimiento de herramientas creadas para eliminar los estereotipos de género existentes por el arraigo cultural en las poblaciones rurales de Colombia.

## Conclusiones

La presentación de los resultados del proyecto es una de las etapas más relevantes, pues es allí donde se rescata el pensamiento crítico de los niños y niñas frente a las desigualdades de la sociedad y las nuevas propuestas para contrarrestar dichas problemáticas.

Los Objetivos de Desarrollo Sostenible ODS, aunque son políticas a nivel global, en el que todos los países se han comprometido, solo son posible cumplirlos con acciones pequeñas, locales, participativas y de largo aliento, en los cuales los resultados se vayan midiendo poco a poco, pero de manera sistemática.

Si bien es cierto, todos los ODS son importantes, cuando se habla de desigualdades estos toman una mayor relevancia, pues mientras nuestras sociedades sigan siendo desequilibradas en cuanto a derechos, nunca se podrá lograr la prosperidad mundial ni una paz verdadera.

Para poder llegar a resultados concretos de eliminación de estereotipos de género, es muy importante que haya un acuerdo conceptual y un consenso en cuanto a las diferencias biológicas y culturales en nuestra sociedad; venciendo tabúes y paradigmas, muchas veces impuestos por externalidades que han tenido sus intereses de mantener poderes y ventajas comparativas.

La revisión del estado del permitió entender que: La mayoría de fuentes de información en las cuáles se ve reflejado el tema de los estereotipos de género es la pedagogía. En los países de habla hispana, España es el país que ha desarrollado mayor cantidad de investigaciones sobre el tema. Los principales obstáculos para evitar la eliminación de los estereotipos de género están relacionados con la cultura, la religión y principalmente por la ausencia de modelos de educación, como la coeducación en espacios comunitarios, especialmente los rurales. Es clara la ausencia de participación de maestros y estudiantes para crear programas coeducativos, lo cual aumenta la brecha en las desigualdades. La indiferencia en los hogares para involucrar el tema en la formación, hace que los padres no le den importancia a un tema tan relevante para el futuro de sus hijos.

La coeducación surge como una respuesta puntual y efectiva para contrarrestar las desigualdades en los procesos de formación, por lo tanto, es imperativo que esta estrategia se incluya en los planes de estudio de los colegios, no solo a nivel rural, sino en todos los niveles, con participación de maestros, estudiantes, padres de familia y directivos.

Es importante reconocer el valor de la ruralidad en nuestros países latinoamericanos, valorar la riqueza social y cultural que sus habitantes tienen y prestar mayor interés para implementar estrategias que disminuyan la brecha existente entre este contexto y lo urbano.

La ludificación genera, no solo un mecanismo de participación activa y divertida para el proceso de enseñanza y aprendizaje, sino también, la posibilidad de medir resultados en tiempo real en actividades de trabajo colectiva y comunitario.

Desde la disciplina del Diseño, como aglutinador de todos los aspectos del proyecto, se puede generar gran variedad de posibilidades de implementación de herramientas didácticas que aporten al proceso de coeducación, con el fin de eliminar estereotipos de género y así contribuir a los ODS en especial el Objetivo 5.

## Referencias

Aitor, A. (2021). *Proyecto de gamificación para trabajar la coeducación en el tercer ciclo de la educación primaria* [Tesis de maestría, Universidad Internacional de La Rioja]. Reunir repositorio digital. <https://reunir.unir.net/handle/123456789/11963>

Bosada, M. (2018). Propuesta para educar en igualdad de género desde la Educación Infantil y Primaria. <https://www.educaweb.com/noticia/2018/06/26/propuestas-educar-igualdad-genero-educacion-infantil-primaria-18509/>

Colombia Aprende. (2022). *La educación rural un desafío para Colombia*. <https://www.colombiaaprende.edu.co/agenda/tips-y-orientaciones/la=-educacion-rural-un-gran-desafio-para-colombia#:~:text=La%20matr%C3%ADcula%20urbana%20fue%20del,2.334.158%20del%20a%C3%B1o%202020.>

Comisión Económica para América Latina y el Caribe. CEPAL. (sf). *Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible*.

Fuentes, A., Romero, J.M., López, J., & Rodríguez, A. (2019). *Educación en igualdad de género en las escuelas y desde la primera infancia*. <https://www.educaweb.com/noticia/2018/06/26/igualdad-genero-importancia-educar-infancia-18508/>

Instituto Colombiano de Bienestar Familiar. (2020). *Claves para incentivar la equidad de género en el hogar*. <https://www.icbf.gov.co/mis-manos-te-ensenan/claves-para-incentivar-la-equidad-de-genero-en-el-hogar>

Martori, M. S. (1994). Conquistar la igualdad: la coeducación hoy. *Revista iberoamericana de educación*, 6(1), 49-78.

Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural. (2020). *Situación de las mujeres rurales en Colombia 2010- 2018*. MinAgricultura presenta diagnóstico de la situación de la mujer rural | Agencia Presidencial de Cooperación Internacional (apccolombia.gov.co)

Noticias RCN (30 de junio de 2022). *Opinión. Educación, actuales retos en la Colombia rural*. <https://www.noticiasrcn.com/opinion/educacion-actuales-retos-en-la-colombia-rural-422959>

Organización de Naciones Unidas, ONU. (2011). *Igualdad de género: Porqué es importante*.

[https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/wp-content/uploads/sites/3/2016/10/5\\_Spanish\\_Why\\_it\\_Matters.pdf](https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/wp-content/uploads/sites/3/2016/10/5_Spanish_Why_it_Matters.pdf)

Organización de las Naciones Unidas. (2020). *Objetivo 5: Lograr la igualdad entre géneros y empoderar a todas las mujeres y niñas*. <https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/gender-equality/>

Organización de las Naciones Unidas. (2021). *Objetivos de Desarrollo Sostenible*. <https://www1.undp.org/content/undp/es/home/sustainabledevelopment-goals.html>

Simkin, H., & Becerra, G. (2013). El proceso de socialización. Apuntes para su exploración en el campo psicosocial. *Ciencia, Docencia y Tecnología*, XXIV(47), 119-142. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14529884005>

# TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA ENSINO DE ALUNOS AUTISTAS EM ESCOLA DE ASSENTAMENTO

Wania Ribeiro Fernandes

Maísa Lemos de Lima

## Introdução

Atualmente, a sociedade vem buscando inserir espaços de inclusão, os quais promovam a melhoria na qualidade de vida das pessoas deficientes ou com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) por conseguinte das famílias. Daí surge dificuldades ao longo da proposta de inclusão, porém quando vimos à TA com uma visão holística, ainda pouco difusa, mas abrangente quanto a ferramentas e orientações desenvolvidas para ampliar as habilidades funcionais com vistas a promover autonomia e participação no processo educacional como um todo, é que vimos potencialidades neste arsenal chamado de tecnologia assistiva (TA) suporte para continuarmos a avançar na escolaridade de crianças com deficiências ou ainda com mobilidade reduzida.

O termo autismo aparece pela primeira vez em 1943 com o médico austríaco Leo Kanner, o qual chega ao autismo como Distúrbio Artístico do contato afetivo, após estudos realizados com onze casos distintos. Nesta caminhada os vários estudos realizados por Kanner (1943 citado por Ferrari, 2007) diz que o autismo apresenta traços que comprometem a evolução do indivíduo no que se refere o isolamento social, a falta de interação do indivíduo com o mundo exterior, a presença de estereotípias, distúrbios na linguagem/fala, a repetição na fala/ecolalia na inteligência e desenvolvimento físico, características presentes em pessoas no espectro.

Frente às dificuldades de pessoas com o espectro a TA é vista como instrumento de acessibilidade e inclusão. Para Galvão Filho Tecnologia Assistiva é:

uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e

serviços com objetivo de promover a funcionalidade, relacionada à atividade de participação, de pessoas com deficiência, incapacidade ou mobilidade reduzida (Galvão Filho, 2008, p.11).

Com isso, nosso objetivo foi avaliar as contribuições dos recursos da TA no ensino da criança autista na escola regular de ensino municipal localizada no Assentamento Uatumã, Presidente Figueiredo-AM. Há muitas estratégias e projetos de intervenção voltados ao desenvolvimento da criança com TEA, práticas que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem, e a tecnologia é uma delas.

Diante do exposto a presente pesquisa visa acrescentar experiências salutaras vivenciadas por professores da rede regular de ensino municipal, através de alguns instrumentos, ferramentas que contribuíram para o processo de ensino de crianças com TEA, além de promover a comunicação e a interação social.

## **Método**

O estudo foi realizado em uma escola de zona rural do município de Presidente Figueiredo-AM, distante 154 km da capital Manaus. A observação teve como premissa a colaboração-interventiva. O campo de observação deu-se em uma sala de aula do 2.º ano do ensino fundamental, o aluno participante-alvo tem 08 anos de idade e necessidades educacionais especiais, dado ao TEA. O aluno apresenta as características clássicas do autismo, tem laudo médico, no entanto, não faz acompanhamento psicoterapêutico, a família é muito presente na escola, mas não colabora no sentido de realizar as atividades com o aluno. Sempre que o professor encaminha tarefa para o aluno o mesmo não as faz, gosta muito de recortar e cansa muito rápido, não se envolve em atividades coletivas, é agressivo e costuma fugir da sala de aula.

Primeiramente foram tomadas providências necessárias para o desenvolvimento da pesquisa no que se refere às questões éticas, termo de consentimento livre e esclarecimento aos pais e professor, para que somente então pudéssemos iniciar a coleta de dados. Foi utilizada a metodologia qualitativa com abordagem observacional descritiva. Os dados da presente experiência foram coletados por meio de diário de campo.

Neste diário foram transcritas informações e relatos sobre o que o professor fez ou disse, informações de qualquer natureza sobre o aluno-alvo, descrições sobre desempenho do aluno nas atividades desenvolvidas no contexto da escola, sobre referências próprias no tocante à prática, impressões, sentimentos e expectativas sobre uso de recursos pedagógicos advindos da TA.

### **Tipo de Pesquisa**

A metodologia escolhida para o trabalho constitui-se de cunho bibliográfico e exploratório sobre o tema caracterizando a pesquisa qualitativa, por se tratar de um relato de experiência, derivado de uma convivência com aluno com TEA, o que nos levou a refletir acerca da TA como recurso, a qual dá suporte no processo de ensino-aprendizagem.

### **Participantes**

O professor tem 38 anos de idade, a quinze anos trabalha na rede de ensino municipal e a dois anos trabalha com alunos com necessidades educacionais especiais (NEE). A classe é constituída de 14 alunos dos quais três apresentam NEE, incluindo o aluno participante, cujos são da mesma faixa etária. Sendo assim, os participantes da pesquisa, foram um professor, um aluno, e os pais do aluno.

### **Resultados e Discussão**

Ao observarmos a estrutura física da sala de aula, podemos afirmar que o espaço atende à demanda, é climatizado e possui espaços de aprendizagens, o qual é intitulado de cantinhos, “Cantinho de Língua Portuguesa”, “Cantinho de Matemáticos” dentre outros, onde são alocados materiais propostos, construídos e industrializados relacionados a cada área de conhecimento. A mobília da sala consta de mesas e cadeiras onde as crianças realizam atividades lúdicas com jogos pedagógicos, os quais eram direcionados conforme a necessidade de cada aluno. Vale ressaltar eu a escola inaugurou no ano de 2017 a sala de recursos multifuncionais, logo no final do ano, o que irá dar maior suporte aos alunos com NEE.

De acordo com a observação, viu-se que há uma preocupação por parte da equipe pedagógica, no que se refere à utilização da

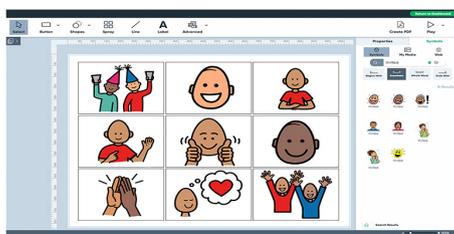
TA haja vista, que as atividades de cunho abstrato, tais como: copiar, responder por escrito, ler, o aluno-alvo ainda está em processo de construção por isso não realiza determinadas atividades, porém quando essa atividade se encaminha de maneira prática e lúdica seu envolvimento e participação se dá de modo efetivo. Com isso, e/ou a partir da intervenção pedagógica ao uso de recursos da TA (software educativo (Boardmaker), teclado expandido, acionador, joystick), jogos e atividades interativas bem como o uso de tecnologias foram acrescentando no processo de aprendizagem do aluno com TEA, bem como dos demais.

Figura 1: Teclado Expandido



Fonte: Recursos Pedagógicos Acessíveis, Bersch (2013)

Figura 2: Imagem Software educativo.



Fonte: Recursos Pedagógicos Acessíveis, Bersch (2013)

Como fato interessante da observação destacou-se o fato de a mãe do aluno acompanhar a aula do professor por uma fresta da janela quebrada, e ao ser visto a mesma foi contactada, e em seu relato conta não confiar, pois o aluno foge da sala e a escola é aberta. Ainda

em seu relato a mãe informa que atividades de copiar em baixo não acrescenta na aprendizagem do filho pois, quando pergunta ao final o mesmo continua sem saber o que fez, por esta razão quando vai atividade para casa ela não se vê motivada a ajudar o filho a fazer os deveres, pois são apenas repetições.

Neste sentido, Bersch (2008) faz inferência a TA bastante relevante, dizendo que precisa ser entendida como: “um auxílio que promoverá a ampliação de uma habilidade funcional ou deficitária, ou ainda, que possibilitará a realização de uma função desejada e que se encontra impedida” (p. 2), em função das condições limitantes as quais se encontram os sujeitos. Em consonância Damasceno (2002) faz menção ao desenvolvimento de recursos que venha promover acessibilidade em sua amplitude, fazendo uma abordagem de combate ao preconceito vivenciado pelas pessoas com deficiência, pois, ao passo em que lhes são dadas condições para interagir, aprender, expressar-se e fazer haverá respeito as diferenças.

O aluno com TEA, frente as suas dificuldades em socializar-se e manter a interação com seus pares, os recursos facilitam, pois se tornam elementos atrativos, gerando interesse e curiosidade, favorecendo por mais tempo a concentração e atenção. Todavia, pela possibilidade que agrega, a TA, traz consigo benefícios voltados ao desenvolvimento social.

Nesse sentido, a contribuição da TA transpassa o mero “fazer tarefas”, pois atua possibilitando ao aluno/ou a pessoa NEE ‘ser’ e atuar de forma construtiva, o que favorece o seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, visualizamos a possibilidade do encontro da tecnologia com a educação, pois numa visão holística, uma complementa a outra, já que favorece, de forma muito singular, o desenvolvimento de conhecimentos necessários à educação inclusiva.

Se essa possibilidade atualmente já se torna viável, porque não dizer incontestável, destaca-se que a tecnologia na educação, torna possível a aprendizagem de alunos com um tipo de deficiência, quanto mais em se tratando de alunos com deficiências múltiplas. Radabaugh (citado por Galvão Filho, 2013, p.25), afirma que: “para as pessoas sem deficiência, a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis”.

É importante ressaltar que o trabalho com TA exige formação específica, além do compromisso do professor, no entanto, só podemos contar com o compromisso deste, mas a intervenção pedagógica e estudos acerca da temática, boas práticas são realizadas. O atendimento com TA é individualizado, partindo sempre da necessidade de cada criança, contudo algumas atividades podem ser feitas envolvendo a classe, alunos com e sem deficiência.

Figura 3: trabalhando com comunicação alternativa.



Fonte: Imagem da autora.

Figura 4: Trabalhando jogos com hiperlinks.



Fonte: Imagem da autora

Nessa perspectiva acerca da prática operante e dos avanços, alcançamos que o aluno por meio do alfabeto móvel escrevesse seu

nome, através da correspondência biunívoca, com a associação de letra a letra, número a número, objeto a objeto. Logo, o mesmo passou a participar de atividades mais intensas, como rodas de leitura e a demonstrar-se interessado na realização das tarefas escolares.

A experiência vivenciada trouxe motivação para ambos os lados, tanto para o aluno como para a professora, ao ver o resultado positivo em seu trabalho. Vale ressaltar que a família tem se motivado, dado o avanço do aluno. Contudo, vale falar na tríade escola-aluno-família, e frente ao que pontuamos, vemos tamanha importância dessa relação, pois através desse diálogo muito se pode alcançar. As aprendizagens são construídas ao longo de nossas vidas. É amplamente sabido que a aprendizagem se dá num processo de troca de experiência, e isso só pode acontecer mediante o diálogo, quando emissor e receptor estão na mesma sintonia.

## **Conclusão**

Incluir vai além do inserir o aluno no contexto escolar, e sim, ter acesso a todos os recursos disponíveis na escola, isso envolve recursos materiais e também conteúdos ministrados pelo professor em sala: “se o que pretendemos é uma escola inclusiva, é urgente que seus planos se redefinem para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconheça e valorize as diferenças” (Mantoan, 2003, p. 16). Neste sentido, a inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular requer adaptação contínua no que se refere a instituição, pois a escola deve atender a diversidade, garantindo oportunidade, experiências e aprendizagens, bem como disponibilizar recursos e instrumentos fundamentais como os de TA, que possam subsidiar cada aluno incluso na instituição, garantindo verdadeiramente uma educação que atenda a todos.

Para tanto, a formação para os profissionais da educação torna-se imprescindível, cursos, palestras, oficinas, ofertados pela própria escola conduze-os a darem passos em busca de ampliarem conhecimentos acerca de seus alunos, ainda assim a escola deverá disponibilizar materiais pedagógicos para a construção de jogos adaptados ou materiais para atender as necessidades dos alunos.

O acesso à inclusão de todos na escola regular, implica em acessibilidade que quer dizer igualdade de oportunidade a todos. Fa-

z-se necessário que a escola disponibilize o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que tenha um profissional capacitado para atender aos alunos e que esta sala seja contemplada com recursos e instrumentos de TA que promova autonomia ao aluno com deficiência de maneira que possa realizar atividades em geral não apenas pedagógicas, mas também cotidianas.

Estratégias e novas práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da capacidade cognitiva do aluno com deficiência, valorizando a interação de todos faz-se necessário. Assim a formação dos professores afim de que possam repensar suas práticas e garantir novas metodologias de ensino-aprendizagem é de suma importância, uma vez que o aluno com NEE dentro do processo de inclusão deve ter autonomia, interagir com os colegas ser capaz de realizar qualquer atividade não apenas no espaço escolar, mas fora dele também.

Neste sentido, ao professor cabe a responsabilidade de adaptar o currículo escolar, trazendo novas possibilidades ao aluno NEE de maneira que atenda a expectativa do mesmo, bem como, avaliar sua capacidade levando-o a se desafiar frente a seus objetivos futuros, respeitando sempre seus limites e as diferenças. Nesta forma conclui-se que por meio dos recursos utilizados, os quais imprimem a interação com o outro e a socialização do material, o aluno autista consegue estabelecer contato moderado, possibilitando, por conseguinte a aprendizagem de maneira significativa para o aluno autista e os demais alunos.

## **Agradecimento**

Agradeço à FAPEAM por financiar o programa de mestrado em educação e doutorado da Universidade Federal do Amazonas.

## **Referências**

Baptista, C. R. (2009). *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. Mediação.

Brasil. MEC/SEEP. (2007). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

Bersch, R. (2008). *Introdução às tecnologias assistiva*. CEDI – Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil.

Bersch, R., & Pelosi, M. (2006). *Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamentos e materiais pedagógicos para a educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física. Tecnologia assistiva: recursos de acessibilidade ao computador*. MEC/ SEESP.

Bersch, R. (2013). *Recursos Pedagógicos Acessíveis*. MEC/SEESP.

Ferrari, P. (2007). *Autismo infantil: O que é e como tratar*. Paulinas.

Galvão Filho, T. et al. (2008). *Tecnologia Assistiva nas escolas: recursos básicos de acessibilidade sócio-digital para pessoas com deficiência*. Instituto de Tecnologia Social (ITS Brasil); Microsoft/ Educação. [www.lucasdoriorverde.apaebrasil.org.br%2Faarquivo.phtml%Fa%3D16670&ei=dXSwU5v6HuqgsQs8ID4Dw7usg=AF-QjCNFDA49vN1QqbK9I6Vs9y\\_2Gduqv4Q&bvm=bv.69837884,d.cWc&cad=rja](http://www.lucasdoriorverde.apaebrasil.org.br%2Faarquivo.phtml%Fa%3D16670&ei=dXSwU5v6HuqgsQs8ID4Dw7usg=AF-QjCNFDA49vN1QqbK9I6Vs9y_2Gduqv4Q&bvm=bv.69837884,d.cWc&cad=rja).

Galvão Filho, T. A. (2013). A construção do conceito de Tecnologia Assistiva: alguns novos interrogantes e desafios. *Revista entreideias*, 2(1), 25-42. <http://www.galvofilho.net/assistiva.pdf>.

Garcia, J. C. D., & Galvão Filho, T. A. (2012). *Pesquisa nacional de Tecnologia Assistiva*. ITS BRASIL/MCTI; SECIS. [http://itsbrasil.org.br/publicacoes/\[term-raw\]/pesquisa-nacional-de-tecnologia-assistiva](http://itsbrasil.org.br/publicacoes/[term-raw]/pesquisa-nacional-de-tecnologia-assistiva)

Mantoan, M. T. E. (2003). *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* Moderna.

Manzini, E. J. (2011). Formação de professores e tecnologia assistiva. In K. R. M. Caiado, D. M. Jesus, & C. R. Batista (Org.), *Professores e educação especial: formação em foco* (pp.45-63). Mediação.

# **DUAS ESTUDANTES E AS POTENCIALIDADES, DESAFIOS E A PROFISIONALIZAÇÃO EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Katia Antunes Zephiro

Nathalia Pereira da Silva

Priscila Cristina Corrêa da Silva

## **Introdução**

O presente artigo apresenta algumas reflexões de duas estudantes urbanas num curso de Licenciatura em Educação do Campo com intenção de apontar os impactos das discussões e aprendizados no curso em suas vidas e percepções sobre a realidade. Num primeiro momento, posterior a apresentação da metodologia, é apresentado o conceito de Educação do Campo e o funcionamento do curso na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em seguida trazemos as reflexões das estudantes e a forma que essa experiência tem impactado suas perspectivas de vida, futuro e profissionalização, para tanto, as vivências serão narradas em primeira pessoa, como relatos das respectivas estudantes. Concluímos afirmando a importância do referido curso para as populações do campo e comunidades tradicionais.

## **Método**

Esse artigo é fruto de uma pesquisa inicial e possui a perspectiva metodológica baseada na autoetnografia e inspirada nas experiências de Conceição Evaristo, no sentido de apresentar as vivências, não especificamente atravessadas pelas questões de raça/etnia/gênero, mas também pela inserção dessas duas estudantes negras de classe popular/trabalhadora numa territorialidade que difere das suas de origens, mas que tem impactado suas experiências, reflexões sobre realidade e perspectivas de futuro. Compreendemos que ao realizar pesquisas nas quais os indivíduos narram suas experiências, de acordo com o lócus social desse indivíduo, essas narrativas não apresentam uma experiência individual, mas o reflexo de experiências coletivas. Afinal, Escrivência é um método no qual "o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua refle-

xão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade." (EVARISTO, 2020, p.38).

A metodologia está se construindo paralelamente a experiência das estudantes e das reflexões que ambas têm realizado, por isso, ainda não é um processo acabado. Nesse momento da pesquisa, estamos apresentando as reflexões iniciais de ambas com relação às suas vivências no curso.

Acreditamos que, com o decorrer da pesquisa e das reflexões a serem ainda realizadas, consigamos desenvolver um trabalho pautado na autoetnografia e com algumas inspirações e sentidos da escrevivência.

## **Resultados e Discussão**

Ainda não há resultados concluídos devido a pesquisa ainda estar em andamento. As reflexões são iniciais e serão aprofundadas ao longo do processo. Acreditamos que em dois anos teremos toda pesquisa realizada.

### **Educação do Campo e Educação no Campo**

Falar sobre a Educação do Campo é estabelecer conceitos de base para desenvolver um trabalho pedagógico com as populações do campo. A proposta de uma Educação do Campo nasceu dos movimentos sociais visando trazer às comunidades uma educação de qualidade, atrelada a vivências das realidades experienciadas por essas comunidades, desenvolvendo a construção de uma educação diferenciada dentro das práticas dos povos tradicionais (quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, dentre outros) e do campo, unificando, no sentido dialético e da práxis, o estudo teórico e as vivências tradicionais do campo em substituição a concepção de Educação no Campo<sup>1</sup> e /ou Educação Rural<sup>2</sup>.

A partir disso, vemos que há uma diferença entre as propostas, na qual a Educação do Campo oriunda dos movimentos sociais do

---

1 A Educação do Campo usa a teoria como base do entendimento sistêmico educacional e a vida prática/vivências dos estudantes em seus territórios. A Educação no Campo é direcionada para aqueles que já estão inseridos no campo sem formalizar essas vivências no âmbito educacional.

2 A Educação Rural tem como objetivo a organização da comunidade para o desenvolvimento das práticas locais e construção social existente, constituindo-se de pessoas que veem na agricultura um meio de sustento.

campo tem a proposta de gerar uma educação que sirva aos projetos de futuro das comunidades dentro de uma perspectiva crítica, autônoma, de transformação da realidade social e geração de renda, segurança alimentar e práticas sustentáveis e agroecológicas, destituindo uma formação tradicional que se utiliza de uma perspectiva eurocêntrica, enciclopédica e distanciada da realidade local e colocando, no lugar desta, uma proposta que usa a teoria para compreender a realidade e a vida prática dos estudantes. A Educação no Campo se designa a quem está dentro do campo, sem discutir, perceber ou trazer essa realidade para os conteúdos escolares, instituindo nesses lugares uma educação tradicional e desconectada com a realidade local

### **O Curso da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

O referido curso tem por objetivo formar Educadores do Campo licenciados em Ciências Sociais e Humanidades. A LEC-UFRRJ foi constituída, inicialmente, como um curso piloto, a partir do edital nº 23/2009, do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), entre 2010 e 2013. Em seguida, a UFRRJ atendeu ao edital nº 02/2012 do Ministério da Educação para regularizar o curso, que passou a ofertar turmas regulares (com entrada semestral) a partir de 2014. O curso não seleciona seus discentes pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), mas sim por um processo seletivo próprio.

A LEC-UFRRJ funciona com a Pedagogia da Alternância e tem como base curricular disciplinas que abrangem História e Sociologia; é direcionado para atuar no Ensino Fundamental e Ensino Médio, sua área de conhecimento é Ciências Sociais e Humanidades, trazendo um conhecimento didático dentro da História, da Sociologia. Também há, na sua estrutura curricular, a Agroecologia e suas especificidades, visto que é direcionado para atuação em escolas campestres, portanto é importante conhecer as vivências dos povos tradicionais e do campo e os recursos da natureza que utilizam, trazendo, na prática, o manuseio, a construção de Sistemas Agroflorestais de Plantio (SAF's), a aprendizagem sobre sistemas de irrigação, a interferência da lua nas plantações, o estudo das épocas de cada planta etc.

A partir da utilização da Pedagogia da Alternância – método de aprendizagem com práticas pedagógicas, alternando com a viven-

cia do campo, que faz com que os alunos não se percam de seus saberes para estar em uma instituição de ensino – contamos com um calendário específico, que compreende que a vivência escolar deve unificar-se a teoria e a prática dentro das experiências no campo, designando, assim, dentro do calendário, uma temporalidade que chamamos de Tempo Escola e Tempo Comunidade, e a relação entre ambas culmina o Trabalho Integrado, no qual podemos apresentar nossas reflexões sobre a práxis. Entre a teoria e a prática, demonstramos o que foi construído no Tempo Comunidade, para que possamos, em coletivo, conhecer as pesquisas e realidades do outro, tendo uma visão mais ampla sobre as diferenças sociais e as perspectivas que cada um aborda em suas pesquisas, além de poder construir atividades nas nossas comunidades e retornar as salas de aula levando o nosso conhecimento, compartilhando nossas práticas e dividindo saberes.

Lembramos que o curso abrange coletivos e povos de várias etnias, localidades e realidades, gêneros e vivências sociais, por isso torna-se muito importante manter a relação através da alternância do TE (Tempo Escola), TI (Tempo Integrado) e TC (Tempo Comunidade), para que cada um retorne a sua origem, reflita criticamente sobre ela, construa projetos de futuro, sem precisar se desprender da sua essência para estar dentro de uma universidade.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, foi criado através do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), em 2009 tivemos o primeiro edital dentro da instituição, formando 52 discentes em 2013. Nesse tempo, ocorreu uma grande mobilização para articular o acesso dos ribeirinhos, caiçaras, indígenas e quilombolas à universidade. A turma, inicialmente, era direcionada diretamente para os movimentos sociais e povos originários, mas a partir da regularização do curso pelo Ministério da Educação em 2014, a oferta de turmas passou a integrar pessoas que se identificam com a luta, não necessariamente sendo raiz dos povos, mas como alguém que se interligasse com causas e lutas.

A primeira matriz curricular saiu em 2010.2, tendo seis semestres como base para formação, podendo estender-se até nove semestres. A matriz tinha como base a formação em Agroecologia e Segurança Alimentar ou História e Sociologia, a partir da escolha do percurso formativo selecionado pelo estudante.

Em 2014, as matrizes passam por um processo de regulamentação, sendo unificadas e passam a ser Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação somente em Ciências Sociais e Humanidades, passando a ter como base 8 períodos, podendo estender-se até 12 períodos.

Após a LEC PRONERA, a Licenciatura em Educação do Campo tornou-se um curso regular. A prova para ingresso é composta de quarenta questões, uma redação e um memorial sobre a perspectiva do aluno em relação ao curso. Jovens, adultos e idosos de diferentes partes do país entraram na LEC, visto que na época da LEC PRONERA o público era selecionado para pessoas que vivenciam do campo, como exemplos já citados (os quilombolas, caiçaras, indígenas e agricultores), com a mudança curricular, o público mudou e, atualmente, contamos, na estrutura de discentes, também com vivência urbana.

O curso passa por uma resistência institucional desde sua criação, pois as políticas que abrangem a universidade não colaboraram no crescimento e avanço do curso, há falta de recursos e adaptações, porém ele vem se mantendo firme diante da atual situação.

### **Vivências e Experiências da Estudante Priscila**

Sou Priscila Cristina Corrêa da Silva, mulher, negra, 24 anos. Há três anos, entrei no curso de licenciatura em Educação do Campo. A primeira visão que obtive foi de não estar no meu lugar, mas que eu poderia me adaptar, porque, como sou a primeira pessoa da minha família a entrar em uma universidade, a expectativa é muito grande em poder estar num curso superior e acredito que um dia eu poderei contribuir com a Educação do Campo e retribuir tudo que a minha família tem feito por mim.

Com passar os meses do primeiro ano, aprendi a respeitar pessoas LGBTQIA+, aprendi mais sobre a causa indígena e vestir a camisa de todos que me rodeiam, assim como aprendi a capinar, arar terra, adubar, podar, plantar, colher e coletar o solo. Toda essa realidade desconhecida proporcionou-me um repensar de tudo o que sabia, senti-me perdida, pois nunca tinha feito isso, era uma coisa nova. Porém, tomei gosto e, hoje, isso faz parte do que me tornei.

Quando veio a pandemia, me senti fora de mim, pois já não estava mais acostumada a ficar sem os meus amigos, sem os profes-

sores e, principalmente, não estava mais acostumada a ficar em casa sem ter um lugar para usar toda experiência que tinha adquirido antes da pandemia, sem ter uma colheita para fazer. Perdi o rumo, cheguei até perder o gosto pela vida. Foi quando decidi ir para a casa da minha tia e passei a tomar conta das plantas dela. Contudo, no final da pandemia, ela adquiriu a doença e veio a óbito por causa da Covid-19. Novamente, me senti sozinha.

As aulas recomeçaram no modo remoto, foi tudo muito estranho e novo. Me vi assistindo à aula em uma tela, sem o calor dos meus amigos, sem a interação com a agricultura. Quando voltaram as aulas presenciais, pude abraçar, olhar nos olhos e a interação entre teoria e prática voltou a ser mais contundente e pude sentir de forma mais plena a formação. Imediatamente, fui para o SAF ajudar a recuperá-lo, pois, com a pandemia, as plantas morreram e houve um incêndio por conta das plantas secas, mas hoje em dia ele está tomando forma novamente. Com a falta de viver e aprender as coisas do campo, desenvolvi uma leve depressão, pois sair da rotina que eu já estava acostumada e ter que começar do zero não foi fácil, mas, com a volta no campo e com o calor dos meus amigos, pude retomar a minha vida. Com a pandemia, a minha vida estacionou e eu descobri que minha vida é no campo.

Com passar do tempo, fui adquirindo mais conhecimento e comecei a construir o meu próprio sistema agroflorestal, na minha casa. Atualmente, estou com uma plantação de 10 pés de cafés, 5 pés de Maçãs do tipo Argentina, 3 pés de Abacate e 3 de abóboras já com abóboras esperando o tempo de colher. Na minha visão de uma pessoa da área urbana, percebo que podemos nos adaptar a qualquer espaço, sabendo que a vida no campo não é fácil e que, ao trabalhar na escola do campo, vamos enfrentar várias barreiras, como os problemas com a infraestrutura, com falta de sala de aulas. Por isso existe a LEC, para formar educadores dispostos a tudo. Sei que tenho muito a aprender, mas também sei que tudo que eu aprender nessa graduação vou levar para a vida e para as escolas do campo.

### **Vivências e Experiência da Estudante Nathalia**

Me chamo Nathalia Pereira da Silva, nasci na zona norte do Rio de Janeiro, mas fui criada em Realengo, Zona Oeste do Rio. Meu

pai é motorista e minha mãe cozinheira, mas fui criada pela minha avó materna, que é neta de uma indígena e um lavrador. O pai dela também trabalhou na lavoura e, com isso, a minha avó aprendeu muito sobre a terra. Nosso quintal tinha diversas plantas alimentícias e flores também, ela amava. Mesmo sendo analfabeta, ela sabia tudo sobre os ciclos da lua, quais as melhores épocas para plantio. No decorrer da minha alfabetização, ela conseguiu aprender algumas coisas, eu chegava da escola e ensinava a ela tudo o que eu aprendia, só não me imaginava a algumas décadas depois estar cursando a Educação do Campo e estar prestes a me formar como educadora. Eu queria ser rica, dominar o mundo, e acredito que muitos que vêm da periferia também pensam dessa forma.

Eu cursava Engenharia Ambiental antes de entrar pra LEC, mas a vontade de ensinar falava mais alto. Fiquei um ano sem estudar pensando no que eu iria fazer e surgiu a oportunidade de fazer a prova para ingressar na LEC. Hoje, estou no sétimo período e, nesse percurso no curso, aprendi muito e ainda venho aprendendo, vejo o quanto o curso é de suma importância, pois possibilita levar a didática para os povos tradicionais e do campo, assim como nos ensina muito e nos desconstrói de um ensino precário que não entende as particularidades de cada um. Na LEC, eu aprendi a me colocar no lugar do outro e isso me possibilita transformar a educação através do diálogo, e não pelas normas rigidamente impostas.

Hoje, nosso curso vem sofrendo com a falta de reconhecimento e concursos, o que não é bom para os profissionais, pois ficamos restritos de trabalhar, e para as escolas rurais que, apesar de terem esse reconhecimento como “escola rural ou escola do campo”, não contam com concursos para educadores do campo, logo, os professores selecionados são profissionais que não estudaram as vivências e especificidades dos povos. Com tudo isso, fica um pouco difícil contribuir de forma linear com as atividades propostas e direcionadas aos povos originários, tendo em vista suas particularidades. Dessa forma, precisamos estar à frente de lutas e causas que afetam a nossa área e poder projetar o que de fato atinge a população rural, e trazer considerações à LEC e o que ela pode oferecer, não só como ensino de ponta, mas também como uma didática humanizada e libertadora.

## Conclusão

Nosso relato vem no sentido de apresentar o curso, os conceitos existentes nele, suas potencialidades, especificidades, desafios, e refletir sobre as possibilidades de inserção profissional após a formação, pois, atualmente, a Educação do Campo vem sofrendo dentro do que é estabelecido pelos estados e municípios, que quase não se aprovam, em zonas rurais, concursos para área.

Em nosso país, há zonas rurais dentre regiões que são consideradas meios urbanos, como exemplo a Pedra do Sal, no Rio de Janeiro, o Rio da Prata, em Campo Grande, e, também no Rio, temos o Quilombo Dona Bilina. Nessas regiões, não se têm uma escola que atenda a esses povos de acordo com suas práticas e vivências. Nem sempre o que se tem na legislação, no sentido de se designar uma escola do campo, atende as especificidades e realidades das comunidades.

De acordo com o Decreto Nº 7.352/2010, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), em seu Art. 1º, § 1º, entende-se por:

I - Populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural;

II - Escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo. (BRASIL, 2010).

O que a legislação chama de trabalho no meio rural pode ocorrer em áreas que antes eram rurais e hoje são espremidas por grandes centros urbanos que as veem tomando espaços, contudo, com formas e tradições pertencentes às práticas e reproduzindo formas ancestrais e rurais de existência. É necessário discutir-se o que

podemos chamar de áreas designadas a receber escolas com perspectivas diferenciadas para que possamos garantir os modos próprios dessas comunidades educarem e reproduzirem suas existências, de acordo com suas práticas tradicionais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), no seu artigo 28º estabelece que, na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino deverão adequar-se às peculiaridades da vida rural e de cada região no que tange aos conteúdos previstos nas organizações curriculares, às metodologias apropriadas aos interesses e reais necessidades dos estudantes.

Sobre a Educação Escolar Indígena, de acordo com a Resolução CNE/CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999, as escolas indígenas são reconhecidas como aquelas localizadas em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos estados ou municípios contíguos e de exclusividade de atendimento a comunidades indígenas.

Nesse sentido, para atender adequadamente a essas comunidades, de acordo, inclusive, com a legislação, percebemos o quão é importante o curso de LEC, pois para lecionar em uma escola do campo, seja qual for (indígena, quilombola e caiçara), o educador do campo tem de estar preparado para atuar de forma diferenciada nas comunidades.

A Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, não garante a formação para atuação na Educação Escolar Indígena, pois a LDB, em seu artigo 32º, assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e, no artigo 78º, estabelece que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngue, visando a reafirmação de suas identidades étnicas, a recuperação de suas memórias históricas, a valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional. Essas discussões são incipientes no curso e, para atender as demais exigências da legislação, temos os cursos específicos para as comunidades indígenas que são as Licenciaturas Interculturais Indígenas.

Já para a educação quilombola, de acordo com a Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro 2012, as escolas quilombolas são aquelas localizadas em território quilombola, e este se caracteri-

za como espaço remanescente dos quilombos, habitado por grupos etnicorraciais, segundo critérios de consciência comunitária, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Sabemos que o ideal para atuar numa comunidade quilombola é que o educador seja pertencente da comunidade, ou seja, um quilombola, mas na ausência desse profissional, é mais adequado um educador que tenha sua formação na Licenciatura em Educação do Campo do que outro que tenha uma formação tradicional e não tenha a perspectiva de um trabalho associado à realidade local e diferenciado.

A Educação do Campo traz conceitos pedagógicos que se conectam com a realidade dos povos originários, ofertando qualidade no ensino de base e metodologias que se adequam as suas vivências no campo. Trazer problemáticas que enfrentamos dia a dia na vivência, no trabalho e na luta rural e pedagógica, é importante para que consigamos estabelecer projetos que dialoguem com a realidade no campo e englobem os educadores do campo para atuar de forma concreta dentro das escolas, estabelecendo, assim, um contato mais motivador e mais próximo de suas realidades.

Para que possamos ter educadores do campo atuando de acordo com a proposta construída pelos povos do campo, atendendo suas demandas e especificidades, é necessário que tenhamos políticas públicas estendendo oferta e visibilidade ao curso; ampliação de escolas do campo, de acordo com as especificidades dessa modalidade de ensino; tanto como concursos com exigências de formação em Educação do Campo, para áreas e escolas do campo e comunidades tradicionais.

Concursos que exijam profissionais específicos para tal área ainda são poucos e estão na pauta de lutas da Educação do Campo. Faz-se necessário que o poder público compreenda e comece esse processo para que possamos avançar e ter escola do campo, com projetos do campo e com educadores com uma formação em Educação do Campo.

## **Agradecimentos**

Agradecemos a todos, todas e todes estudantes da Licenciatura em Educação do Campo e seus docentes que não desistem, apesar de toda adversidade manter e lutar pela manutenção do curso. À to-

das, todos e todes trabalhadores do campo que lutam por uma vida melhor e sustentável no campo e para quem a Educação do Campo deve servir.

## Referências

Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília.

Brasil. (2010). Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília.

Ministério da Educação. (1999). Resolução CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília.

Ministério da Educação. (2012). Oferta de cursos de Licenciatura em Educação do Campo – Procampo. <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/18784-oferta-de-cursos-de-licenciatura-em-educacao-do-campo-procampo>

Ministério da Educação. (2012). Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro 2012. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília.

Campos, J. C., Henrique, P., & Kolling, E. (2022). *Pronera: 24 anos de conquista e resistência na educação do campo*. 2022. <https://mst.org.br/2022/04/16/pronera-24-anos-de-conquista-e-resistencia-na-educacao-do-campo%EF%BF%BC/>

Carvalho, I. S. H., & Silva, R. M. L. (2018). *Licenciatura em Educação do Campo*. <https://institutos.ufrjr.br/ie/licenciatura-em-educacao-do-campo/>

Souza, M. A. (2008). Educação do campo: Políticas, práticas pedagógicas e produção científica. *Revista Educação e Sociedade*, 29(105), 1089-1111. <https://www.scielo.br/j/es/a/6S89N7H4cTJRZTbnvyk-F5rt/?lang=pt&format=pdf>

# RUPTURAS E ENFRENTAMENTOS NA TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES INDÍGENAS PARA PERMANECEREM NA PÓS-GRADUAÇÃO

Thaís de Negreiros Sales  
Marcelo Calegare

## Introdução

A lei nº 12.711/2012, conhecida como a lei de cotas, é um dos mecanismos que visam o combate as discriminações, exclusões e desigualdade históricas (Moura & Tamboril, 2018). Essa lei é uma modalidade das ações afirmativas que buscam romper com os efeitos permanentes do período escravocrata do país (Angnes et al., 2017; Feres Jr. & Daflon, 2015; Godoy & Bairrão, 2016). Promove o acesso ao ensino superior para estudantes indígenas (Dal Bó, 2018), permitindo que os estudantes indígenas representem seus povos na construção e difusão de saberes interculturais (Calegare et al., 2017; Fernandes et al., 2021).

Apesar do acesso ao ensino superior ser a porta de entrada, a permanência é uma etapa crucial para os estudantes concluírem seus cursos com qualidade, como apontam diversas pesquisas científicas que tem como fonte informação o discurso de estudantes indígenas (Beltrão & Cunha, 2011; Bergamaschi et al., 2018; Cassandre et al., 2016; Calegare et al., 2017; David et al., 2013). A permanência é vivida com dificuldades por conta das formas de dominação e exploração que tornam a trajetória acadêmica uma vivência de sofrimentos psíquicos e ético-políticos produzidos pela colonialidade do poder (Herbetta & Nazareno, 2020). Portanto, é fundamental a compreensão desta relação psicossocial do estudante indígena com a sociedade ocidental que está inserido (Angnes et al., 2017).

Devido as barreiras enfrentadas durante o percurso de escolarização, o ingresso de indígenas nos Programas de Pós-Graduação (PPG) é escasso e as investigações acadêmicas sobre as ações afirmativas nesse nível de ensino também o são (Pereira et al., 2020). Entre os estudos científicos, se destaca área da Sociologia e Antropologia, e se nota a ausência de contribuição da Psicologia (Oliveira et al.,

2020). Por isso, neste artigo temos por objetivo conhecer os motivos de permanência de estudantes indígenas de pós-graduação para que as ações afirmativas se cristalizem como um movimento de não hierarquização dos povos, assim como avaliar os programas de permanência para que sejam sempre aperfeiçoados (Saraiva & Nunes, 2011).

Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), as cotas para PPGs são regulamentadas pela Resolução nº010/2016-Consepe, com ações afirmativas para a inclusão (cotas de entrada por vagas suplementares) e a permanência (bolsas e outros incentivos) de pretos, pardos e indígenas dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, cabendo a cada PPG adotar a cota entre 20% e 50% (Ufam, 2016). Os alunos que estão na fase de ingresso na Pós-Graduação relatam as dúvidas, incertezas e problemáticas que precisam refletir para escolherem um PPG que valorize seu ser, saber e poder, como demonstra o estudo de Calegare et al. (2017) feito com estudantes indígenas de pós-graduação da UFAM. Também expõe que ao mesmo tempo que as bolsas de permanência não custeiam a vida de um estudante indígena para este se dedicar à universidade com qualidade, elas também os impedem de ter vínculos empregatícios. Assim, as ações afirmativas são realizadas apenas por conta da força da lei, mas não são aperfeiçoadas.

As informações apresentadas até aqui, corroboram com nosso objetivo de pesquisa de investigar quais foram os motivos de permanência de estudantes indígenas de PPG da UFAM, uma vez que os povos indígenas ainda sofrem com apagamentos, desvalorizações e imposições na esfera educacional. Buscamos conhecer essas realidades através do próprio discurso indígena para tecermos novas discussões e reflexões plurais na universidade.

## **Método**

### **Tipo De Pesquisa**

É uma pesquisa qualitativa (Gerhardt & Silveira, 2009), que contou com a aplicação de questionário às 42 secretarias dos PPG da UFAM e entrevistas semiestruturadas com os alunos indígenas de pós-graduação. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, seguindo as normas previstas nas resoluções 466/2012 e 510/2016.

## **Participantes**

A busca pelos participantes foi feita através de uma lista cedi- da pelo Departamento de Políticas Afirmativas (DPA) da UFAM via Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-sic), contendo os dados dos alunos indígenas dos níveis de pós-gradua- ção, no qual escolhemos os estudantes do nível *stricto sensu*, ingres- sados no ano de 2016 até 2019, havendo meção a 23 PPGs com total de 57 alunos indígenas na modalidade *strictu sensu*. Entretanto, nos- sa pesquisa verificou que apenas 6 PPGs declararam ter alunos indí- genas (Agronomia Tropical; Antropologia Social; Ciência Animal e Recursos Pesqueiros; Educação; Engenharia Civil; Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia), somando 27 deles em final de 2019: 17 no nível de mestrado e 10 no doutorado.

Feito o convite a todos esses alunos, apenas 7 estudantes aceita- ram participar da pesquisa, oriundos de apenas dois PPGs: Antropo- logia Social (PPGAS) com 1 aluna e 2 alunos de mestrado, 3 alunos de doutorado; Educação (PPGE) com 1 aluno de doutorado. As entrevis- tas audiogravadas foram realizadas presencialmente na UFAM no fim de 2019. Após a transcrição, aplicamos a análise de conteúdo (Bardin, 2011) através das seguintes etapas: pré-análise (leitura flutuante e es- boço das primeiras categorias); exploração do material (com o enqua- dramento dos trechos das entrevistas em unidades temáticas e cate- gorias definitivas); tratamento dos dados com inferências e interpretações (apresentação dos resultados pelas narrativas).

## **Resultados**

Com a análise de conteúdo encontramos as seguintes temáti- cas e categorias: (I) percurso acadêmico dos alunos pós-graduandos (trajetória de escolarização; chegada na universidade; conhecimento sobre permanência); (II) enfrentamentos para permanecer universi- tário (dificuldades, resistência, resoluções); (III) políticas afirmativas na perspectiva dos alunos pós-graduandos (políticas institucionais; sugestões e propostas).

### **Percurso Acadêmico Dos Alunos Pós-Graduandos**

Essa unidade temática é composta por 3 categorias que refle- tem de modo conciso a trajetória de escolarização de cada aluno até

sua permanência na universidade. Abordaremos cada uma delas a seguir.

### ***Trajetória de Escolarização***

Esta categoria se refere às experiências escolares iniciais dos estudantes indígenas a partir da cultura ocidental, como exemplificam os trechos das falas:

Eu sou de uma geração que foi obrigada a negar a nossa cultura (...) minha educação veio dessas lógicas, de imposição cultural (Entrevistado D2).

Nós eramos 9 irmãos, imagina. (...) E aí a gente não sabíamos falar português, não estávamos acompanhando o nível de escolaridade, um baque (...) Aí começaram os preconceitos (...) Chegamos em Manaus (...) eu passei trabalhando (...) não queria mais estudar, parei (...) Então, eu vim pra cá [UFAM] e comecei a estudar (Entrevistada M3).

### ***Chegada Na Universidade***

A chegada na universidade consiste nas primeiras experiências vividas pelos alunos como universitários. O que possui grande impacto na permanência estudantil a longo prazo, como demonstram as falas abaixo:

Eu não recebia bolsa, eu não tinha emprego (...) depois de eu ter todo o conforto em casa, ser uma liderança dentro de casa onde não faltava nada (...) Quando eu penso assim, dá vontade de ir embora, sabe? Esse aqui não é o nosso mundo (Entrevistado M2).

Eu não tive problema (...) PPGAS me adotou como filho e eu adotei (...) deveriam dar mais oportunidades para os indígenas (...) minha família está aqui (...) A família é um ponto muito importante para manter além de qualquer programa que possa existir (Entrevistado M1).

Despreparada mesmo em relação ao ensino, despreparada psicologicamente (...) além de eu pensar em desistir, eu pensei em não ir mesmo pra aula (...) E outra coisa é o estresse (...) situações assim muito ruins. E isso tava até me influenciado a ir mal nas minhas provas (...) Aí eu ficava me culpando (...) me diminuindo (Entrevistada M3).

### ***Conhecimento Sobre Permanência***

Esta categoria, refere-se ao conhecimento dos alunos sobre seus direitos e dificuldades históricas na universidade, como demonstram as falas a seguir:

Desde a graduação eu venho trabalhando com políticas de permanência na universidade (Entrevistado D4).

Sou parte do movimento indígena, eu refleti muito nas aulas, com os alunos, licenciaturas e com os professores, com as lideranças (Entrevistado D1).

### ***Enfrentamento Para Permanecer Universitário***

A unidade temática discorre sobre como a colonialidade do poder impacta diretamente no cotidiano dos estudantes e como estes se relacionam com essa realidade. ***Dificuldades***

Esta categoria refere-se às dificuldades que emergiram na vida dos estudantes indígenas ao tornarem-se e permanecerem universitários, como exemplificam os trechos a seguir:

Sofri, assim, condições financeiras, pegava ônibus, as vezes me faltava dinheiro pra pegar ônibus (...) Com a bolsa eu consegui comprar passagem (...) eu consegui até comprar, sei lá, acho que uma cama, um guarda-roupa, isso eu conseguia comprar pra me organizar melhor, e até livros (Entrevistado D4).

Não ter nada que assegure sua permanência é complicado. Ainda mais um parente que tem toda uma vida lá naquele povo. E geralmente são esses caras que chegam aqui, não são simplesmente qualquer pessoa (Entrevistado M2).

### ***Resistência***

Esta categoria mostra, a partir dos exemplos abaixo, como os estudantes lidaram com as adversidades para permanecerem ocupando um espaço que historicamente são excluídos:

O tempo e o amadurecimento fizeram com que eu veja o meu curso, o meu próprio projeto de outra maneira (...) o amadurecimento e o tempo que me fez refletir tudo isso (Entrevistada M3).

Quando você tem família (...) para te garantir da ida e volta, se torna possível (...) No meu caso foi dos meus pais. Em conjunto com os familiares (Entrevistado D3).

### ***Resoluções***

Os estudantes nesta categoria compartilham o que os motiva para viverem, enfrentarem e concluírem o ensino superior mesmo

em uma estrutura/espço que os oprime, conforme os relatos abaixo:

Tudo que eu aprendo aqui eu utilizo e uso como instrumento pra eu pensar o meu pensamento, como indígena. Aprender a construir instrumento de pesquisa, instrumento de pensamento, instrumento de escrita. Isso que me motiva (...) abriu a possibilidade de eu criar o centro de medicina que não existe no Brasil todo (...) meu título me possibilita a ousar (Entrevistado D2).

Minha mãe veio de uma família humilde, ela não fala português, mas ela falou pra mim seria uma honra concluir essa pós-graduação. Eu quero mostrar que nós podemos ser como outras pessoas também, ser intelectuais. (...) Eu tô nessa linha nessa busca. Nessa loucura acadêmica (Entrevistado D3).

A minha responsabilidade histórica. Porque eu sou o primeiro Munduruku da demarcação toda a entrar no curso de doutorado (Entrevistado D4).

## **Políticas Afirmativas na Perspectiva dos Alunos Pós-Graduandos**

Após o percurso do estudante indígena tornar-se pós-graduando, documentado nas categorias acima, agora discorrem sobre as políticas da UFAM e constroem alternativas para o futuro.

### ***Políticas Institucionais***

Esta categoria discorre sobre o conhecimento ou desconhecimento dos estudantes sobre as políticas de permanência da UFAM, como demonstra os relatos a seguir:

Não, não conheço (Entrevistada M3).

Pra se sustentar na universidade tem que pensar que ele vai ter que morar, vai ter que se alimentar, tem que ter é facilidade pra acesso aos materiais de estudo (...) não estão contemplados na política afirmativa (Entrevistado D1).

### ***Sugestões e Propostas***

A seguir, os alunos compartilham sugestões e propostas para a universidade com o intuito de tornar democrático e digno o acesso e permanência no ensino superior para estudantes indígenas:

Existir um apoio psicológico (...) a maioria dos indígenas vem de muito longe, vem deixando família, casa, costume e vem de uma

cultura totalmente diferente (...) dar mais apoio aos indígenas (Entrevistado M1).

Uma seleção diferenciada de acesso aos indígenas, ou quilombolas, ou ribeirinhos (...) temos outra lógica, outra epistemologia (...) Política afirmativa tem que levar em conta essas lógicas de epistemologia (Entrevistado D2).

Criar um instituto mesmo indígena (...) estar discutindo nossas próprias políticas, aonde a gente poderia estar trazendo pajé e outros conhecedores da nossa cultura (Entrevistado M2).

Um mecanismo mais rápido pra resolver (...) fazer casas estudantil (...) política de ajuda, de custo pra materiais escolares, apostilas (...) a bolsa se você olhar bem ele não dá conta (Entrevistado D1).

Os alunos, a partir de suas próprias vivências, sugerem o que poderia ser mudado nas políticas afirmativas, como: dar mais apoio aos estudantes indígenas que não vem de uma vida ocidentalizada; que tenham novos modelos de processos seletivos e condução dos cursos, valorizando a cultura indígena; a construção de um instituto indígena liderado e composto por indígenas.

## **Discussão**

Os alunos expressaram os desafios econômicos, culturais e sociais que enfrentaram para terem acesso ao direito a educação que ainda é pensada a partir da imposição, apagamento e preconceito. Essas experiências são frutos da colonização que hierarquiza os povos entre superiores e inferiores, e, que se sustenta a partir da colonialidade (Herbetta & Nazareno, 2020; Viana & Maheirie, 2017). Apenas um aluno participante da pesquisa foi incentivado durante sua trajetória de escolarização pelos pais professores.

Por conta das imposições e apagamentos, o apoio afetivo, pedagógico, cultural, social e financeiro do ser indígena é essencial para que permaneçam na universidade. Apenas um aluno considera não ter tido dificuldades no ensino superior, mas reitera que isso se deve ao acolhimento recebido pelo programa e por sua família estar perto. Os demais tiveram a permanência prejudicada por doenças, a distância física, social e afetiva de sua família além da falta de bolsas e despreparo para estar na universidade de acordo com a estrutura científica eurocêntrica resultando em estresse, vontade de desistir e baixa estima. Todos esses aspectos causam efeitos psicossociais ne-

gativos nos estudantes causando sofrimento ético-político (Viana & Maheirie, 2017).

Dois estudantes conheciam a realidade que poderiam vir a enfrentar no ensino superior por serem indígenas. Isto só foi possível graças a articulação e discussão das temáticas indígenas entre os indígenas e não indígenas. Os demais entrevistados desconheciam as políticas de permanência e todos sofreram os impactos da dominação e exploração ainda persistentes (Bergamaschi et al., 2018; Herbetta & Nazareno, 2020; Viana & Maheirie, 2017).

Uma das principais faltas que os estudantes enfrentam é a falta de auxílio financeiro adequado (Oliven & Bello, 2017). Outro fator apontado pelos estudantes é a vulnerabilidade que as lideranças indígenas se encontram ao se tornarem universitários, caso que não acontece enquanto estão em seus territórios e com o seu povo. Isso se deve a falta de reconhecimento das estruturas sociais indígenas e seus representantes (Angnes et al., 2017). A falta do auxílio financeiro adequado causa desamparo e não cumpre com o objetivo de combater as injustiças sociais. É preciso agilidade para que os estudantes indígenas não fiquem dias sem ter como se sustentar no contexto de cidade e universidade (Herbetta & Nazareno, 2020). Portanto, precisa-se considerar todos os recortes que as populações indígenas vivem: de gênero, classe, entre outros (Viana & Maheirie, 2017).

Para concluírem seus cursos, os alunos ressignificam suas trajetórias e refletem sobre a importância da paciência, do tempo e de ter uma rede de apoio familiar para superarem as dificuldades impostas e persistirem com seus objetivos. O sofrimento indígena emerge no ensino superior com diferentes dificuldades, como a de cumprir a rotina acadêmica e com a escrita acadêmica. Por conta da universidade não reconhecer a subjetividade indígena os alunos sofrem frustrações que chegam a levar ao abandono do curso, ao alcoolismo e suicídio (Herbetta & Nazareno, 2020).

Todos os estudantes acreditam no poder de transformação da educação. Essas transformações são refletidas em suas próprias trajetórias, ajudando-os nos diálogos interculturais visando a valorização de seus corpos e de suas práticas acadêmicas direcionadas para indígenas e não indígenas. O enfrentamento das dificuldades é um mecanismo para que possam continuar universitários (Moura &

Tamboril, 2018), sendo o apoio familiar e comunitário central para resistirem às formas de dominação e exploração. Concluem a pós-graduação para o desenvolvimento de si, de sua família, comunidade e ancestrais (Calegare et al., 2017), já que a identidade indígena é pautada na coletividade (Angnes et al., 2017; Viana & Maheirie, 2017).

Apesar de serem universitários, há alunos que desconhecem as políticas de permanência da universidade. Um doutorando afirmou que para assegurar a permanência indígena as ações precisam pensar o estudante indígena de forma integral, pois há insuficiência das ações vigentes e os alunos ficam vulneráveis, à mercê. Para que sejam efetivas, as ações devem ser elaboradas junto aos povos indígenas, com políticas comunitárias e individuais, concomitantemente (Moura & Tamboril, 2018). Precisam ser pluriversais, descoloniais valorizando a língua, subjetividade e epistemologias outras (Herbetta & Nazareno, 2020).

Para que o ensino superior e a sociedade brasileira sejam democráticos, é preciso atuações críticas, ou seja, é preciso expor as ideologias que dominam e exploram o cotidiano da vida humana (Herbetta & Nazareno, 2020). A desideologização é feita através dos olhos das populações oprimidas, a partir da solidariedade e do comunitário (Martín-Baró, 2017). A Psicologia enquanto campo científico também precisa atuar na luta para transformação social sem hierarquizações (Moura & Tamboril, 2018), atuando no ensino superior em uma etapa tão fundamental que é a formação dos futuros profissionais do Brasil.

## **Conclusão**

Através das narrativas dos alunos e as categorias descritas acima, os estudantes indígenas de PPG da UFAM reexistem à hegemonia acadêmica e se fortalecem para que permaneçam no PPG e alcancem seus objetivos. Neste estudo, identificamos que os alunos precisam se submeter à cultura do ensino superior ocidental e os poucos que conseguem permanecer possuem uma rede de apoio familiar, financeira e/ou acadêmica. Além disso, os estudantes são possuem um destaque especial nos bancos de dados da universidade, o que contribuiu para a diminuição de aperfeiçoamentos eficazes nas

políticas e programas de ações afirmativas. É preciso que a universidade se implique nas problemáticas da colonialidade, que acabam levando os estudantes a permanecerem excluídos de um espaço fundamental e de direito.

Esta pesquisa também corrobora para o entendimento que para sermos sujeitos de direitos, de sua própria história e de transformação, é preciso defender medidas, condutas, programas e políticas pluriversais, para que de fato possamos construir um país que se orgulhe de seu povo e de suas raízes. Construindo novos caminhos sociais, epistemológicos e culturais.

## Agradecimentos

Agradecemos ao PROCAD/Amazônia-CAPES (Edital 21/2018) e CNPq pelo apoio financeiro.

## Referências

Angnes, J. S., Freitas, M. F. Q., Klozovski, M. L., Costa, Z. F., & Rocha, C. M. (2017). A permanência e a conclusão no ensino superior: o que dizem os Índios da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) – Brasil. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, 25(1), 1-34. <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.25.2426>

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Ed. 70.

Beltrão, J. F., & Cunha M. J. S. (2011). Resposta à diversidade: políticas afirmativas para povos tradicionais, a experiência da Universidade Federal do Pará. *Espaço Ameríndio*, 5(3), 10-38. <https://doi.org/10.22456/1982-6524.21822>

Bergamaschi, M. A., Doebber B. M., & Brito, P. O. (2018). Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. *Rev. bras. Estud. pedagog.*, 9(251), 37-53. <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3337>

Calegare, M. G. A., Menezes, T. F., & Fernandes, F. O. P. (2017). Pós-graduandos indígenas da UFAM: seus pontos de vista sobre os ppgs, teorias acadêmicas e incentivos institucionais. *Rev. AMAzônica*, 19(1), 350-373. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/4664>

Cassandre, M. P., Amaral W. R., & Silva, A. (2016). Eu, Alex, da etnia Guarani: o testemunho de um estudante indígena de administração e seu duplo pertencimento. *Cad. EBAPE.BR*, 14(4), 934-947. <https://doi.org/10.1590/1679-395146821>

Dal Bó, T. (2018). *A presença de estudantes indígenas nas universidades: entre ações afirmativas e composições de modos de conhecer* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-25102018-105344/pt-br.php>

David, M., Melo, M. L., & Malheiro, J. M. S. (2013). Desafios do currículo multicultural na educação superior para indígenas. *Educ. Pesqui.*, 39(1), 111-125. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100008>

Feres Jr., & J., Daflon, V. T. (2015). Ação afirmativas na Índia e no Brasil: um estudo sobre a retórica acadêmica. *Sociologias* 17(40), 92-123. <https://doi.org/10.1590/15174522-017004003>

Fernandes, F. O. P., Azevedo, D. L., Barreto, J. P., & Calegare, M. (2021). The macro cultural psychology understanding of the constitution of a Yepa Mahsã person. *Culture & Psychology*, 27(2), 243-257. <https://doi.org/10.1177/1354067X20951890>

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (Orgs.) (2009). *Métodos de Pesquisa*. UFRGS.

Godoy, D. B. O. A., & Bairrão, J. F. M. H (2016). Vozes Ameríndias na universidade pública inclusiva. *Cadernos CIMEAC* 6(2), 15-38. <https://doi.org/10.18554/cimeac.v6i2.1923>

Herbetta, A. F., & Nazareno, E. (2020). Sofrimento acadêmico e violência epistêmica: considerações iniciais sobre dores vividas em trajetórias acadêmicas indígenas. *Tellus*, 20(41), 57-82. <https://doi.org/10.20435/tellus.v20i41.640>

Martín-Baró, I. (2017). *Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais* (Lacerda, F., Jr., Org. Notas e Trad.). (Coleção Psicologia Social). Vozes.

Moura, M. R. S., & Tamboril, M. I. B. (2018). “Não é assim de graça!”: Lei de Cotas e o desafio da diferença. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(3), 593-601. <https://doi.org/10.1590/2175-35392018035604>

Oliveira, I. A., Maia, L. M., & Lima, T. J. S. (2020). Cotas raciais na universidade: uma revisão integrativa da Psicologia brasileira. *Revista Subjetividades*, 20(Esp. 1), e9337. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp1.e9337>

Oliven, A. C., & Bello, L. (2017). Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS. *Horizontes Antropológicos*, 23(49), 339-374. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000300013>

Pereira, G. F., S. F., Amaral, W. R., & Bilar, J. A. B. (2020). A experiência de estar na universidade sob a ótica de uma indígena estudante da pós-graduação. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 28(158), 01-18. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.4791>

Saraiva, L. A. S., & Nunes A. S. (2011). A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni. *Rev. Adm. Púb.*, 45(4), 941-64. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000400003>

Universidade Federal do Amazonas. (2016). Resolução nº010/2016-Consepe. *Política de ações afirmativas para pretos, pardos e indígenas na pós-graduação stricto sensu da UFAM*. UFAM.

Venturini, A. N., & Feres Jr., J. (2020). Políticas de ação afirmativa na pós-graduação: o caso das universidades públicas. *Cad. Pesqui.*, 80(177), 882-909. <https://doi.org/10.1590/198053147491>

Viana, I., & Maheirie, K. (2017). Identidades em reinvenção: o fortalecimento coletivo de estudantes indígenas no meio universitário. *Revista Polis e Psique*, 7(3), 224-249. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2017000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000300013&lng=pt&nrm=iso)

# O MEU MUNDO EM OUTROS MUNDOS: O DIALOGISMO DURANTE A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UM ESTUDANTE INDÍGENA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Thaís de Negreiros Sales

Marcelo Calegare

## Introdução

Após o fim do regime de administrações coloniais, a colonização ainda é presente com a colonialidade – como acontece no campo educacional ao se ter a hegemonia do saber científico ocidental que sempre neutraliza pluralismos subjetivos, históricos e culturais existentes em outros saberes (Gonçalves, 2019). Ao ingressar na universidade, o estudante precisa submeter-se às estruturas ocidentais de ingresso, permanência e conclusão. Mesmo vivenciado dificuldades por conta da colonialidade, os estudantes indígenas ingressam no ensino superior para difundir os conhecimentos e práticas indígenas, em função da validação que o conhecimento científico ocidental impõe para desenvolver e reivindicar em prol de suas comunidades. Sendo a universidade um direito estratégico para os povos indígenas, eles reivindicam que as ações afirmativas assegurem a trajetória acadêmica tanto na graduação como na pós-graduação, sendo a permanência etapa fundamental deste processo (Calegare et al. 2017).

Apesar das diferentes concepções sobre as ações afirmativas e sua função na sociedade, prevalece o entendimento que estas têm como objetivo promover o acesso a grupos historicamente marginalizados a espaços essenciais e estratégicos da sociedade, sendo estes educacionais e profissionais valorizando suas identidades (Campos & Feres Jr., 2014). Apesar das regulamentações, as universidades federais ainda resistem para debater a problemática central das ações afirmativas, que é a hierarquização dos povos, a desvalorização dos povos contribuindo para a manutenção da exclusão histórica de povos considerados inferiores (Bruno, 2018).

Com os marcos na sociedade brasileira como a Constituição Federal de 1988, as ações afirmativas e a lei de cotas nº 12.711 (Brasil, 2012), a procura pelo ensino superior pelos povos indígenas

umentou (Ames & Almeida, 2021; Bergamaschi et al., 2018). Construíram-se alternativas para transformações ideológicas. O acesso ao ensino superior expôs trajetórias singulares, mas que possuem os mesmos problemas: a universidade com sua lógica ocidental desconsidera e despreza saberes e modos de vida indígenas. Os alunos percebem que não têm referências culturais, sociais e epistemológicas nesse local, precisando negar sua própria identidade para se adaptar a outra realidade e concluir o ensino superior (Ames & Almeida, 2021; Angnes et al., 2020). Dessa forma, as políticas afirmativas são fundamentais para a permanência de estudantes indígenas (Bergamashi et al., 2018).

Na pós-graduação as motivações para acessar um Programa de Pós-Graduação (PPG) é ter carreira profissional, ter outros conhecimentos e em alguma questão do movimento indígena mesmo que tenham que enfrentar dificuldades para se adaptar, não ter renda e ser invisível na universidade (Calegare et al., 2017). Muitos estudantes estão conseguindo enfrentar as dificuldades impostas e estão dando continuidade à sua prática e produção acadêmica motivados e assegurados por diversas representações, sentidos, vozes, significados e ambivalências.

Neste artigo, escolhemos nos aprofundarmos no discurso de uma liderança indígena que carrega consigo sua ancestralidade e é exemplo para seu povo. A história do aluno fortalece o ensino superior plural, com a valorização das trajetórias não eurocêntricas (Angnes et al., 2020). O objetivo de nossa pesquisa, relatada neste artigo, foi investigar os motivos de permanência de um estudante indígena num PPG da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que vivenciou o choque intercultural ao ingressar na universidade e que buscou construir relações não hierarquizadas com não-indígenas, compreendendo os significados e sentidos de sua trajetória universitária e de vida.

## **Método**

### **Tipo de pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na modalidade de estudo de caso (Gerhardt & Silveira, 2009). Utilizamos como instrumento

uma entrevista semiestruturada, que foi analisada através da análise temática dialógica, que compreende dialogicamente os sentidos e significados existentes em cada enunciado do aluno, seguindo as etapas de: (a) transcrição; (b) definição da categoria analítica; (c) identificação de temas e subtemas significativos; (d) organização e construção de agrupamentos; (e) elaboração do mapa semiótico (Silva & Borges, 2017).

### **Participante**

O participante foi um homem indígena da etnia Sateré-Mawé de 35 anos e aluno do PPG em Antropologia Social (PPGAS). É uma liderança indígena, viveu choques culturais e apagamentos ao tornar-se universitário.

A pesquisa seguiu a resolução 510/2016, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM com parecer nº 3.489.040. A análise temática dialógica resultou em: 1) temas, 2) posicionamentos e 3) dinâmicas polifônicas, que serão apresentados e discutidos a seguir.

### **Resultados**

Com o desenvolvimento do self (Gois & Barbato, 2018) e a interação entre os seres humanos ao longo da história, os significados são produzidos e reproduzidos socialmente entre as pessoas (Silva & Borges, 2017). Já os sentidos são construídos pela própria trajetória do sujeito, refere-se as formas dele interpretar a si, o mundo e o outro (Mieto et al., 2017). Na análise temática dialógica os temas referem-se aos sentidos do discurso e os temas encontrados no discurso de Jorge foram:

#### **1a) Experiências Colonizadoras na Universidade**

Mesmo com as políticas em vigor para inclusão de grupos historicamente excluídos, o aluno ainda vivenciou experiências colonizatórias dentro da instituição, causando diferentes sofrimentos e fragilidade na permanência dos estudantes: “imagine para aqueles parente que têm dificuldade. Por exemplo, de falar a língua portuguesa. Eu que já falo mais um pouco, já tenho dificuldade de enten-

der, de compreender muita coisa”. O movimento de acesso ao ensino superior que o estudante relatou aconteceu após abertura para a democratização do espaço acadêmico com as ações afirmativas. Os novos alunos começaram a alcançar este espaço historicamente negado, mas que ainda não assegura o respeito a diversidade do corpo discente (Bruno & Nascimento, 2019). Jorge complementou: “tem que falar o tempo todo em língua portuguesa e escrever o trabalho todo em língua portuguesa”.

As relações desiguais que regem a colonialidade do ser e do saber fragilizam e chegam até a atuar contra a autonomia indígena, contra a luta indígena em seus território. Caso queiram ser universitários e ter ensino superior, os alunos precisam abdicar de atividades que garantem direitos aos seus povos. Jorge mencionou: “quando a gente vem assim ‘pô vim pra estudar’ é uma coisa... pô, a gente que tem todo uma estrutura de trabalho sendo feita dentro do território, aqui no Estado e fora. Então... é um choque muito grande isso. Foi bem complicado pra minha permanência no caso, né?”

### **1b) Movimentos Sociais**

Sendo Jorge uma liderança indígena, o seu discurso também faz menção à atuação nos e dos movimentos sociais. É através desse espaço de articulação e luta que Jorge consegue manter e reivindicar direitos: “quem tá lutando e quem lutou pelas permanências das bolsas por exemplo, são os indígenas e os negros. O movimento dos negros, o encontro dos negros e os indígenas também”. Jorge reafirmou a importância dos movimentos sociais tanto negro como indígena para a manutenção do direito a permanência estudantil, que é uma luta constante e histórica dos sujeitos que sistematicamente são excluídos após o processo de colonização. Os movimentos sociais são uma alternativa para as dominações e explorações. Um espaço de grande importância para essas articulações são os Encontros Nacionais de Estudantes Indígenas (ENEI). Neste evento são discutidas, pelos povos, as políticas públicas na universidade além de ser uma forma de identificação, pertencimento, solidariedade e comunidade (Doebber et al., 2018).

## **1c) Movimentos Contra-Hegemônicos em Cenários Colonizadores**

Apesar de todas as dificuldades, os alunos indígenas permanecem visando a conclusão de seu curso que impactará não somente sua vida, mas de todos que o ajudaram a chegar até ali. Além dos próprios movimentos de articulação entre os estudantes indígenas, eles também sugerem e propõem alternativas para a UFAM respeitar e reconhecer o ser, o saber e o poder indígena. Jorge propõe: “se criasse um instituto seria um grande passo não só para os indígenas, mas pensando enquanto ciência, pra própria universidade, pro nosso próprio estado”. O estudante sabe do potencial e da importância da cultura indígena para o desenvolvimento de um país mais plural e democrático.

Dentro de uma sociedade, o sujeito está sempre em movimento dialógico se posicionam e reposicionam ao longo da vida por conta do self ser múltiplo e plural, contendo sentidos, significados, vozes e os posicionamentos (Silva & Borges, 2017). A posição é um lugar que pode ser psicológico, discursivo e social que permitirá o sujeito a interagir discursivamente. Já o posicionamento é o meio discursivo que ele irá assumir, negociar, rejeitar e/ou produzir essas posições. É a partir deste movimento que será possível dar sentido a si, ao mundo e ao outro através das relações (Gois & Barbato, 2018). No discurso de Jorge, foram identificados 2 tipos de posicionamento que compõem seu self: o posicionamento de si e o posicionamento dos outros.

### **2a) Posicionamentos-Eu**

#### ***Eu-aluno indígena***

Jorge declarou: “eu não recebia bolsa, eu não tinha emprego. Então isso foi o mês mais duro pra mim. Aí a gente botava álcool, a gente fazia nossa comida num lugar de... de conserva. Botava álcool assim, e botava numa pia e botava uma panela assim na pia e fazia”. Ao sair da aldeia para morar na cidade e permanecer universitário, Jorge mostrou como atua uma sociedade hegemônica tornando o sujeito indígena vulnerável economicamente e socialmente ao chegar na universidade;

### ***Eu-liderança indígena***

Temos o seguinte trecho do depoimento de Jorge: “uma das maiores dificuldades pra mim foi a de estar longe do nosso povo, uma vez que eu tô na liderança dentro da aldeia. Lá na minha região são 50 aldeias”. Estar em posição de desigualdade e exploração demonstra o quanto as heranças coloniais são devastadoras para os povos indígenas. O sistema que subalterniza certos grupos se torna uma fonte para que os próprios sujeitos passem a sofrer por simplesmente existir, passam por dificuldades determinadas fazendo com que à subordinação e a injustiça sejam naturalizadas (Pavón-Cuéllar, 2021).

A Posição de relevância que Jorge tem em sua comunidade não é valorizada pela universidade, impedindo sua plena atuação para a conquista e manutenção de direitos: “aí a gente falou assim, pô, a gente respira movimento indígena e não é só aqui, é a nível nacional. Então não tem como, pô, se dedicar exclusivo pra isso [...] antes da gente chegar aqui a gente tem um trabalho lá. Isso foi um choque muito grande pra mim”. Jorge vem de outra realidade sendo liderança indígena, não podendo reduzir seu cotidiano em apenas ser estudante, precisa estar em constante luta para manutenção de seu povo.

### ***Eu-intermediador***

Ao declarar “o que eu tô aprendendo assim é mais pra falar pra ele... pro não-indígena, não é pro nosso povo”, Jorge posiciona-se como sujeito de sua própria história e de seu próprio povo, que quer falar para a sociedade envolvente, ao não indígena. Ele entende que seu papel é de intermediador.

## **2b) Posicionamentos-Outro**

### ***Outro-nosso povo***

Jorge declarou: “eu também tenho que me sentir como uma peneira que eles traçaram tudo isso, né. Essa peneira é uma construção deles, do nosso povo. Não é uma construção da universidade”. Ele também posiciona a si como pertencente a seu povo, fazendo

uma analogia com a peneira, que é um artefato de origem indígena feito pelo trançado de fibras vegetais. Esse objeto é produto do saber indígena e tem a conotação simbólica de união entre os elementos. Assim, Jorge traz a herança ancestral dos saberes indígenas e a força disso para seguir lutando.

### ***Outro-outros alunos indígenas***

Temos o seguinte trecho mencionado por Jorge: “vai ser um deles, ele que vai dizer. Ele vai dizer ‘olha na minha cultura funciona assim e assim e você tem que se comportar desse jeito’”. O profissional indígena sujeito de sua própria cultura tem suas próprias cosmovisões e epistemologias sobre seu povo e o mundo, é preciso valorizar, ouvir e dialogar com esses pensamentos que também tem sua validade.

### ***Outro-universidade***

Jorge apontou: “o próprio sistema ele traz a gente, mas quando chega aqui eles ‘não, vocês têm direito nisso, nisso aqui’ (...) tem que seguir o jeito deles, porque se não a gente não é inteligente, a gente é preguiçoso, essas coisas”. Ou ainda: “eles vão dizer ‘não, esse aqui é o nosso e tem que seguir’. Então são várias coisas assim em forma também de julgamento da própria universidade”. A universidade não se trata somente de um local, mas de algo que julga inferior o ser indígena, desvalorizando-os e tornando invisível as discussões sobre a realidade dos povos enquanto universitários. Jorge faz menção aos outros alunos indígenas como “parentes” que sofrem das mesmas formas de dominação e exploração por não seguirem a lógica ocidental.

### ***Outro-não indígena enganador***

Jorge relatou: “é por isso que eu queria tá lá. E quando eu tô lá geralmente os não indígenas têm uma fala diferente de tá enganado os parentes”. O não indígena que vai ao território indígena costuma enganar os indígenas e um dos seus papéis enquanto liderança é não deixar que isso aconteça.

### ***Outro-não indígena culturalmente superior ou diferente***

Temos as seguintes falas de Jorge: “e as pessoas ‘pô, mas ele falou isso, será que esse índio não tá entendendo?’, mas é porque a gente não encontra palavras adequadas para aquele momento”. Por terem consigo sua própria língua e lógica indígena, o julgamento que não indígenas fazem é o de posicionarem os indígenas como inferiores intelectualmente. Por outro lado, também há grupos de não indígenas que têm interesse e valorização a cultura indígena: “os indígenas... muita gente quer ouvir e tal, mas uma visão indígena mesmo”. As lideranças indígenas, que representam e são guardiães de seus povos, fazem a preservação da singularidade e da coletividade, como Jorge relatou acima.

Além dos sentidos e posicionamentos, as vozes também compõem o self dialógico e plural. São outros sociais que se relacionam o sujeito, podendo ser mitos, histórias, instituições e outros. Portanto, o self é polifônico, há diferentes vozes que possuem valores e se relacionam no discurso (Silva & Borges, 2017). Composto os enunciados de Jorge, as dinâmicas polifônicas expressam as relações entre temas e posicionamentos, debatidos a seguir.

#### **3a) Ambivalências**

Na narrativa de Jorge percebemos a ambivalência das posições (eu e outros) em relação aos temas tratados: estar com Outros-alunos indígenas culturalmente diferenciados, porém não poder se articular por não ser estimulado ou não ser do interesse da universidade; permanecer como estudante mesmo sofrendo, para ajudar seu povo e validar seu modo de vida; permanecer na universidade, mesmo que o não-indígenas não reconheçam a epistemologia indígena; sua formação na pós-graduação ter o caráter dele ser reconhecido como autoridade, pela lógica ocidental dominante, para falar com o outro-não indígena.

#### **3b) Contraposição**

Por esta dinâmica polifônica, nos posicionamentos aparecem também conflitos e contraposições: o “parente” é considerado um aluno comum para a universidade, enquanto que em sua cultura ele é

alguém importante; é feliz na aldeia indígena e é infeliz na cidade; é uma liderança que tem trabalho, segurança e reconhecimento na comunidade, enquanto na universidade é considerado uma pessoa qualquer, chegando a ficar em situação de vulnerabilidade socioeconômica; o outro-não indígena que valoriza e reconhece e o outro que desvaloriza e invisibiliza o pensamento indígena; o outro-indígena com sua epistemologia sabe lidar com os povos indígenas e o outro-não indígena com a sua lógica ocidental que não sabe; as diferenças entre indígenas de aldeia e cidade.

### **3c) Vozes**

Trata-se do que os outros dizem a respeito dos indígenas e de Jorge, em sua narrativa: o outro-não indígena que valoriza o pensamento indígena; o outro-universidade que usa de seu poder para frear a articulação indígena; o outro-indígena que representa outros parentes e ancestrais, que são seu apoio para permanecer estudante; o outro que não reconhece os povos indígenas e o humilha.

## **Discussão**

Ao viver em uma sociedade que busca constantemente homogeneizar os modos de ser através da imposição de um modo de vida e da deslegitimação da pluralidade o próprio fato de ser estudante e indígena também faz parte dos movimentos contra hegemônicos, pois agora é possível fazer parte do corpo estudantil universitário, como demonstra esse trecho do discurso de Jorge: “hoje eu também sou um cara privilegiado, porque eu sou o primeiro a chegar no metrô de lá da nossa região, né. E isso eu sei que eu não posso fracassar”. Os alunos indígenas, enquanto sujeitos críticos de sua própria história em um mundo colonialista, exercem movimentos decoloniais que buscam ultrapassar a hegemonia intelectual, acadêmica e epistemológica que se estabeleceu com a hierarquização dos povos (Pavón-Cuéllar, 2021). Nesse sentido, Fernandes et al. (2021) argumentaram que alguns povos indígenas querem não apenas aprender o saber da sociedade envolvente, mas também transmitir seus saberes, colocando-os numa posição diferente.

O profissional indígena pode trazer consigo a identidade e protagonismo, permitindo que tenha consciência e continue a de-

envolver a cultura, a língua, o território e as epistemologias. A cultura dos povos não envolve apenas hábitos e costumes, mas também as relações, a língua, o território e os seres humanos e não humanos (Walter, 2021). É justamente esse movimento dialógico dos povos indígenas que é invisibilizado pelas instituições de ensino superior que compõem a colonialidade que impõe o sentido ao e as práticas sociais (Bruno & Nascimento, 2019).

Na Psicologia, por muitas vezes, há o esquecimento que a colonialidade do poder também está enraizada nas teorias e práticas, que constrói subjetividades individuais que não dialogam com o coletivo. Mas, na América Latina se relaciona com sujeitos conscientes de seu lugar histórico e social, essa Psicologia torna-se complexa, mestiça e plural. É fundamental que os profissionais de Psicologia não ignorem a herança colonial para não ignorarem as outras formas de ser e para além disso, que seja possível construir novos caminhos considerando o passado e presente colonial e um futuro decolonial (Pavón-Cuéllar, 2021). Dessa forma, este trabalho é um dever que a Psicologia tem diante da realidade dos povos indígenas e que busca alternativas futuras.

## **Conclusão**

Após as políticas de ações afirmativas houve a expansão do perfil dos estudantes universitários. Ao acessarem o ensino superior, os alunos enfrentam dificuldades para permanecer e concluir o curso. Essas barreiras são consequências da hierarquização dos povos, mas Jorge persiste e enfrenta a desvalorização do ser, saber e poder indígena por conta dos sentidos que constroem para sua trajetória acadêmica, dos significados, das dinâmicas polifônicas e dos posicionamentos que constituem seu psiquismo e sua relação com os outros. A permanência estudantil é uma forma de dialogar com a hegemonia ocidental, promover interculturalidade e ocupar um espaço de direito. É com a valorização dos lugares epistêmicos e sociais dos estudantes será possível romper com a hegemonia dominante e possibilitar o protagonismo para os povos latino-americanos e a própria Psicologia.

## Agradecimentos

Agradecemos ao PROCAD/Amazônia-CAPES (Edital 21/2018) e CNPq pelo apoio financeiro.

## Referências

Angnes, J. S., Ichikawa, E. Y., Klozovski, M. L., & de Freitas, M. D. F. Q. (2020). Avançou? Retrocedeu? Considerações sobre os direitos humanos e as ações afirmativas para os povos Indígenas na América Latina. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 28(160). <https://doi.org/10.14507/epaa.28.4768>

Ames, V. D. B., & Almeida, M. L. D. (2021). Indígenas e ensino superior: as experiências universitárias dos estudantes Kaingang na UFRGS. *Sociologias*, 23, 244-275. <https://doi.org/10.1590/15174522-98065>

Brasil. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)

Bergamaschi, M. A., Doebber B. M., & Brito, P. O. (2018). Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 99(251), 37-53. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3337>

Bruno, J. S. (2018). (Inter) Ações afirmativas: Formação de professores para a decolonização do conhecimento. *Cadernos de gênero e diversidade*, 4(2), 41-56. <https://portalseer.ufba.br/index.php/cad-gendiv>

Bruno, J. S., & Nascimento, C. O. C. (2019). Desafios para a equidade racial nas universidades: os processos de continuidade da colonização na esfera epistemológica de formação. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, 16(1), 16-34. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n1p16>

Calegare, M. G. A., Menezes, T. F., & Fernandes, F. O. P. (2017). Pós-graduandos indígenas da UFAM: seus pontos de vista sobre os PPGs, teorias acadêmicas e incentivos institucionais. *Revista Amazônica*, 19(1), 350-373. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/4664>

Campos, L. A., & Feres Jr., J. (2014). Ação afirmativa, comunitarismo e multiculturalismo: relações necessárias ou contingentes? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(84), 103-118. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000100007>

Doebber, M. B., Domingos A., & Silva, I. (2018). Encontro Nacional de Estudantes Indígenas no Brasil: reflexões compartilhadas. *Revista nuestra América*, 6(11), 210-225, <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=551957464011>

Fernandes, F. O. P., Azevedo, D. L., Barreto, J. P. L., & Calegare, M. (2021). The macro cultural psychology understanding of the constitution of a Yepa Mahsã person. *Culture & Psychology*, 27(2), 243-257. <https://doi.org/10.1177/1354067X20951890>

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (Eds.). (2009). *Métodos de Pesquisa*. UFRGS.

Gois, D. N. D. S., & Barbato, S. B. (2018). Dinâmicas de Produção da Identidade Docente na EJA: um Estudo Multimétodos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 480-493. <https://doi.org/10.1590/1982-37030000492017>

Gonçalves, B. S. (2019). *Nos caminhos da dupla consciência: América Latina, psicologia e descolonização*. Edição do autor.

Mieto, G. S. D. M., Barbato, S., & Rosa, A. (2017). Professores em transição: produção de significados em atuação inicial na inclusão escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(spe), e32ne29. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne29>

Pavón-Cuéllar, D. (2021). Rumo a uma descolonização da psicologia latino-americana: condição pós-colonial, virada decolonial e luta anticolonial. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, 20(39), 95-127. <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182217>

Silva, C. C., & Borges, F. T. (2017). Análise temática dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas. *Linhas críticas*, 23(51), 245-267. <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8221>

Walter, R. (2021). Vozes Ameríndias das Américas: literatura, descolonização e autodeterminação. *Ilha do Desterro*, 74, 327-345. <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2021.e73796>

**- EXTENSÃO RURAL -**

# REPRESENTACIONES DE LOS ACTORES SOBRE EL ROL Y LA PRÁCTICA DEL EXTENSIONISTA EN PROCESOS DE INNOVACIÓN AGRÍCOLA EN LOS TERRITORIOS DE MISIONES, ARGENTINA Y GRANMA, CUBA

Haydelín Rosa Rodríguez Chávez

## Introducción

La extensión agrícola abarca diferentes concepciones, roles, funciones, capacidades y necesidades formativas para la práctica (Cristóvão et al., 2012; Christoplos, 2010; Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura [FAO] y Red Latinoamericana de Servicios de Extensión Rural [RELASER], 2016; FAO, 2019b; Garrido et al., 2021; Leta et al., 2017).

Autores como Cristóvão et al. (2012), Garrido et al. (2021) y Porto y Catullo (2017) consideran que el concepto y la práctica de la extensión agrícola han sido influenciados por las perspectivas teóricas vigentes. Incluso Porto y Catullo (2017) argumentan que la extensión se redefine en respuesta a demandas productivas, socioeconómicas y ambientales. Leta et al. (2017) plantean que la extensión, su contextualización y roles diversos varían según propósitos, situaciones y políticas de desarrollo agrario en cada país. Otero y Selis (2019) consideran que esta ha avanzado como práctica educativa y en el reconocimiento del saber local. También mencionan que la difusión de información, la modificación de prácticas y el intercambio de conocimientos son algunas de sus funciones. Garrido et al. (2021) y Sulaiman y Davis (2012) reflexionan sobre los roles y capacidades en la nueva visión del extensionista.

La extensión también se considera un sistema de conocimiento para el desarrollo comunitario (FAO, 2019b), que facilita el acceso de los productores a conocimientos, tecnologías e información (Christoplos, 2010). De la misma manera, se le concibe como un proceso de acompañamiento y capacitación para el desarrollo de capacidades (FAO y RELASER, 2016), la adopción de prácticas sostenibles (Abdu-Raheem y Worth, 2012) y habilidades técnicas, de gestión y

de organización en los productores (Christoplos, 2010). Por su parte, la difusión de conocimiento tecnológico, la asistencia técnica, la articulación de actores (Aguilar et al., 2016; Ingram et al., 2018), la intermediación de conocimientos y la facilitación del aprendizaje (Cristóvão et al., 2012), son algunos roles del extensionista.

Por otra parte, en el desarrollo de la extensión se establecen vínculos multiactorales y relaciones a través de organizaciones y comunidades en procesos de innovación agrícola. En su interacción, los actores tienen diferentes representaciones sobre sí mismos y sus roles en la práctica. A pesar de que esto evidencia un componente psicosocial, la psicología no ha desarrollado suficiente interés por cuestiones relativas al ámbito rural y la interacción entre actores en la innovación. Sin embargo, resulta imprescindible destacar el desarrollo en la última década de la Psicología Rural, a la que pueden suscribirse estudios como los de Conti (2017), Landini (2009), Murtagh (2017) y Tarantini (2022). Esta línea se ha orientado al estudio de fenómenos psicosociales en ámbitos rurales, porque como argumenta Landini (2015) “es necesario definir y generar una psicología rural para visibilizar lo rural al interior de la psicología” (p. 27). Una idea que visibiliza el ámbito rural como un campo de acción con particularidades propias, que requiere de la comprensión psicosocial en torno a sus dinámicas de vida.

De manera general, la psicología puede contribuir a una visión sistémica, que exceda la visión técnico-productiva que suele ser la hegemónica. En este sentido, en este trabajo se analizan las representaciones de los actores sobre el rol y la práctica del extensionista en procesos de innovación agrícola. Se destaca que la información presentada corresponde a resultados más amplios de una investigación doctoral en curso. En esta, se comprenden las dinámicas de relación, comunicación y aprendizaje entre investigadores, extensionistas y productores en procesos de innovación agrícola en dos territorios, uno en Argentina y otro en Cuba, países con diferencias socioeconómicas, políticas, culturales y ambientales.

## **Metodología**

### **Ámbitos De Estudio**

Las provincias de Granma, Cuba y Misiones, Argentina. Estos territorios tienen tradición en agricultura familiar. Además, imple-

mentan un sistema orientado a la investigación y extensión en dos instituciones públicas: el Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria en Misiones y el Instituto de Investigaciones Agropecuarias “Jorge Dimitrov”, en Granma.

### **Relevamiento y análisis de la información**

La información obtenida fue analizada mediante la Teoría Fundamentada (Strauss y Corbin, 2002; Taylor y Bogdan, 1987). También se utilizó el Método Comparativo Constante para la codificación de datos (Taylor y Bogdan, 1987). El análisis incluyó la grabación de entrevistas y su transcripción a formato de texto Word. Para la codificación del texto se utilizó el software Atlas Ti.

En total se realizaron 49 entrevistas. En Argentina se realizaron 26 entrevistas, distribuidas ocho a investigadores, ocho a extensionistas y 10 a productores. En Cuba se realizaron 23 entrevistas, distribuidas ocho a investigadores, ocho a extensionistas y siete a productores.

### **Participantes**

Se definió una muestra no probabilística (Hernández et al., 2010) con carácter intencional. La selección de los entrevistados respondió a criterios de inclusión y a un acuerdo previo de consentimiento y colaboración.

La muestra correspondió a un 53% a Argentina y a un 47% a Cuba. La distribución por sexo dependió de la población en cada territorio. No obstante, en la muestra total se logró integrar un 35% de mujeres para no cometer sesgos desde la perspectiva de género en el análisis. El tamaño respondió a un criterio de flexibilidad por saturación de categorías (Hernández et al., 2010). A continuación se señalan los criterios de inclusión de la muestra:

- Extensionistas de cada institución, mínimo de tres años de experiencia en extensión y en asistencia técnica.
- Investigadores de cada institución, mínimo de tres años de experiencia en investigación agrícola.
- Productores familiares vinculados a los servicios prestados por las instituciones.

## **Técnica De Recolección De Información**

Entrevistas semiestructuradas a extensionistas, investigadores y productores.

### **Resultados**

A continuación, se analizan algunas dimensiones en las representaciones de los actores sobre el rol y la práctica del extensionista. De manera general, las representaciones sirven para el análisis de las dinámicas de relaciones y comunicación entre los actores en la innovación agrícola.

Durante la descripción se citan fragmentos de las entrevistas con una referencia entre paréntesis. En cada referencia, primero aparece la abreviatura correspondiente al entrevistado, ya sea extensionista, investigador o productor. Luego, la inicial de cada país para señalar Argentina (A) o Cuba (C). Por último, la inicial del nombre del entrevistado.

### **Representación del Extensionista Sobre Sí Mismo Y Su Rol**

Tanto en Cuba como en Argentina se identifican categorías relacionadas a la percepción del extensionista sobre sí mismo y sobre su rol.

El extensionista se representa como una persona con capacidad de diálogo, que no impone y que escucha. El componente se expresa en habilidades comunicativas que adquiere con la experiencia. Esto lo posiciona como un interlocutor que practica la empatía ante las decisiones del productor y la negociación en función de sus preferencias. También da relevancia al diálogo sin imposiciones. Esto significa que no hace valer su criterio ni su poder ante el productor. El extensionista dialoga sin que medien exigencias, pretensiones ni presiones. Le brinda al productor la posibilidad de decidir alternativas que le son convenientes. Una de las herramientas discursivas que emplea es la persuasión sin imposiciones. En un comentario un extensionista cubano refiere: “cuando usted va a trabajar con un productor tú no le impones, si no tú le recomiendas (...) ‘tú me dices si te da resultado o no. De todas formas, tú lo haces como tú lo deseas, como tú piensas” (Ext. C-C).

El extensionista como una persona que asesora es otra categoría que tienen los extensionistas sobre sí mismos. Estos se describen como personas que brindan recomendaciones técnicas al productor. Esto significa que sugieren alternativas para trabajar los sistemas de producción y comercialización. Al respecto una extensionista argentina refería: “damos recomendaciones de determinadas cosas y cada uno va tomando lo que le sirve y lo va implementando” (Ext. A-V). Algunos extensionistas se perciben como intermediarios. En este rol se comprenden como un contacto entre investigadores y productores. Entre sus funciones se describe como organizador de espacios de articulación entre actores. Además, transmite al investigador las problemáticas y da seguimiento a la investigación en campo. Al productor, le informa sobre tecnologías productivas. Algunos extensionistas se perciben en una relación cercana al productor. La relación se construye con el tiempo y por las visitas a sus predios.

Numerosos extensionistas en Argentina se identifican con una visión holística y social. Esta categoría fundamenta una concepción centrada en el productor más allá de la asistencia técnica. Al trabajar en un determinado tejido social analiza las problemáticas, sus causas y soluciones con un abordaje de la realidad del productor y sus complejidades. Desde un punto de vista metodológico, esta perspectiva lleva al extensionista a acompañar procesos comunitarios y grupales. En referencia a esto un extensionista reflexionaba: “los extensionistas tenemos una visión un poco más sistémica (...) una visión holística, la visión sistémica de la chacra y de la familia (...) Vos cuando llegás, llegás a un sistema productivo con todo lo que acarrea” (Ext. A-M). Desde esta visión holística, los extensionistas argentinos atienden demandas fuera del rol técnico. Es decir, responden a problemáticas que, aunque sobrepasan cuestiones de índole técnico-productiva, mejoran las condiciones de vida de los productores. En esta categoría se identifican componentes relacionados con la identidad profesional y el ejercicio del rol imbricados a una conceptualización del desarrollo rural. Un extensionista explicitaba: “nuestra ley de creación [del INTA] dice que es para mejorar el nivel de vida de la población rural (...) y en el nivel de vida pues entraron muchísimas cosas (...) es más desarrollo rural que extensión lo que hacemos” (Ext A-O).

En Cuba, los extensionistas se perciben como facilitadores de la innovación. En esta categoría, estos se representan como personas

que promueven buenas prácticas agrícolas. La facilitación involucra acciones de organización y articulación entre actores. También incorpora habilidades de comunicación como un componente ineludible aparejado a la construcción de esta categoría. Este último componente comparte elementos en común con el extensionista que lleva propuestas y que tiene capacidad para el diálogo. Lo común, se asocia a que el facilitador desarrolla una comunicación asertiva con el productor.

### **Representación del Investigador Sobre El Extensionista Y Su Rol**

Numerosos investigadores consideran al extensionista como intermediario. Este es percibido como el nexo fundamental con el productor. El extensionista también es visto como vocero de la demanda del productor. De esta manera, comunica a los investigadores problemáticas presentes en el campo y estos orientan su trabajo a solucionarlas. El extensionista también se encarga de elegir a los productores demostradores de tecnologías. Una investigadora argentina refería: “que fuéramos nosotros que nos desconocen desde otra zona por ahí sería un poco más difícil, como ellos [los productores] conocen al extensionista y él nos presenta como un colega más que viene a trabajar” (Inv. A-S). El extensionista también es percibido como conocedor de la realidad productiva. Es decir, tiene conocimientos sobre el escenario de trabajo. Los investigadores consideran que su criterio es relevante en la identificación de problemáticas. Un investigador cubano refería: “hay extensionistas que conocen muy bien su región, su ecosistema y sus productores, llevan años ahí y eso no se puede sustituir” (Inv. C-D). Otra categoría identificada relaciona al extensionista como una persona con capacidad de diálogo y escucha. Los investigadores reconocen que tienen habilidades de comunicación y perciben que el extensionista dedica tiempo a escuchar al productor. Lo consideran una persona que dialoga con un lenguaje comprensible y que interpreta la idiosincrasia y cultura del productor.

Los investigadores argentinos también perciben una visión holística y social, igual que los propios extensionistas. Consideran que el extensionista visibiliza cuestiones que ellos no consideran. Esto significa que le muestran otra visión al investigador desde su

experiencia práctica. Les hace ver cuestiones técnicas para extender un conocimiento al productor. También dimensiona el impacto social de una tecnología en el campo y el costo-beneficio de un resultado de investigación en la economía familiar. Un investigador comentaba: “nos hacen conocer la otra parte de la campana, por así decirlo, porque ellos te comentan o te dimensionan el problema que uno desde la investigación no sabe” (Inv. A-C). Otra categoría identifica al extensionista en una relación cercana al productor. Para este grupo, el extensionista tiene un vínculo más fuerte con el productor, dada las visitas al campo. Los investigadores perciben que estos tienen confianza y compañerismo. Un investigador refería: “son ellos los que están y comparten el día a día y el cotidiano” (Inv. A-M). Se observa que esta relación cercana es la que va a permitir ocupar un rol de intermediario, como se analizó previamente.

Algunos investigadores cubanos, al igual que los extensionistas cubanos, asocian al extensionista como un facilitador. Este estaría capacitado para trasladar conocimiento de manera práctica y asequible al productor utilizando las mencionadas habilidades de comunicación y negociación.

### **Representación Del Productor Sobre El Extensionista Y Su Rol**

Los productores perciben al extensionista como un asesor. Este les brinda información sobre producción y comercialización agrícola. A través de consultas, reciben capacitaciones y apoyo técnico. Con el extensionista, adecuan soluciones de acuerdo a sus condiciones y posibilidades. Un productor argentino explicaba: “¿de qué manera? hacen una primera visita donde se plantean las ideas [...] y una vez que nos dicen, después vienen, nos observan otra vez lo que hicimos y nos dicen ‘ahora viene esta etapa u otra etapa’” (Prod. A-R). Los productores se perciben también en una relación cercana con el extensionista. Esta se construye en la interacción cotidiana entre ambos. El extensionista es percibido con familiaridad, amistad, respeto y compañerismo. También sienten que el extensionista está disponible y accesible de ser necesario. Un productor argentino decía: “sabemos que es un ingeniero, que el trabajo de él es este, pero para nosotros ya es como uno más, un compañero más de trabajo, cercano, alguien prácticamente de la familia” (Prod. A-M). El exten-

sionista con capacidad de diálogo también es identificado por los productores, aunque con mayor predominio en Argentina. El productor percibe que este comprende sus necesidades, valora su opinión y escucha sus criterios. En la búsqueda de las alternativas, el extensionista plantea sus recomendaciones, pero también escucha las ideas del productor. Una productora refería: “llegan y nos dicen ‘mirá a mí me parece que así como están haciendo no está bien, vamos a cambiar a esa forma si quieren.’ Nunca nos obligan a hacer nada” (Prod A-LDO). Otra categoría identifica al extensionista con una capacidad pedagógica. El componente hace referencia a las habilidades que tiene para la enseñanza. Para el productor, este tiene un lenguaje comprensible y trabaja con métodos prácticos cuando da explicaciones. Una productora cubana señalaba: “intercambiamos y sobre todo ir al campo, caminan el campo con nosotros los productores y nos explican” (Prod. C-B).

Algunos productores argentinos consideran que el extensionista es confiable. El componente en esta categoría refiere un extensionista que transmite seguridad, certeza y que no genera dudas. El productor deposita confianza en las propuestas del extensionista. Un productor señalaba: “mirá así entre nos, todo lo que dice [el extensionista] (...) lo termino haciendo [*sonríe*] porque no viene y te tira cualquier cosa (...) lo que él trae es algo que ya pensó (...) y uno no es tonto, uno va agarrando” (Prod A-M).

## Conclusiones

En este trabajo se han analizado los elementos asociados a la construcción de representaciones sobre la figura del extensionista y su rol. A continuación, se analizan las implicaciones de estos componentes en términos de interacción, relación y comunicación en el desempeño de la práctica del extensionista en procesos de innovación agrícola.

La figura del extensionista y su rol se construye desde diversas miradas y significados. Sin embargo, resulta interesante reflexionar sobre las miradas compartidas entre los actores, ya que se consideran fundamentales en la construcción de sentido común sobre esta representación. Por un lado, se encuentra el extensionista con capacidad de diálogo. Los elementos asociados a esta representación

se identifican en los grupos de actores en ambos países. Por tanto, se puede considerar que el proceso de comunicación constituye la herramienta fundamental en el desempeño del rol y las prácticas de extensión. Esto es un elemento que influye en el proceso de comunicación entre los extensionistas y los productores. Además, da cuenta de un diálogo horizontal establecido desde la empatía hacia el otro y a la comprensión de su racionalidad.

En la construcción de sentido común sobre el extensionista también destaca la relación cercana y confiable con el productor y el rol de intermediario. La camaradería entre ambos actores resulta equiparable con actitudes, conductas y valores que sostienen vínculos de compañerismo y familiaridad. En la interacción entre extensionistas y productores predomina también el rol de asesor. En el desempeño de este rol es donde se ponen en práctica los conocimientos relacionados con la formación técnica y profesional del extensionista.

Entre extensionistas e investigadores de ambos países aparece el rol de intermediario. Resulta interesante considerar que este rol es posible por la relación cercana que mantiene el extensionista con el productor. Este vínculo posibilita además la interacción del investigador en la práctica y con el productor. Por tanto, esto posiciona al extensionista como un intermediario que retroalimenta el flujo de información dentro del proceso de la innovación.

## Referencias

Abdu-Raheem, K. A., & Worth, S. H. (2012). Agricultural extension in the facilitation of biodiversity conservation in South Africa. *South African Journal of Agricultural Extension*, 40(1), 36-47. <https://www.ajol.info/index.php/sajae/article/view/87590>

Aguilar, N., Martínez, E. G., Aguilar, J., Santoyo, H., Muñoz, M., & García, E. I. (2016). Análisis de redes sociales para catalizar la innovación agrícola: de los vínculos directos a la integración y radialidad. *Estudios gerenciales*, 32(140), 197-207. <https://doi.org/10.1016/j.estger.2016.06.006>

Christoplos, I. (2010). *Cómo movilizar el potencial de la extensión agraria y rural*. FAO. <http://www.fao.org/3/i1444s/i1444s00.pdf>

Cristóvão, A., Koutsouris, A., Kügler, M. (2012). Extension systems and change facilitation for agricultural and rural development. En I. Darnhofer, D. Gibbon, & B. Dedieu (Eds.), *Farming Systems Research into the 21st Century: The New Dynamic*. (pp. 201-227). Springer; Dordrecht. [https://doi.org/10.1007/978-94-007-4503-2\\_10](https://doi.org/10.1007/978-94-007-4503-2_10)

Conti, S. (2017). *Comunidades, Organizaciones Rurales y Desarrollo: experiencias recientes en Río Negro* [Tesis de doctorado. Universidad de Buenos Aires]. Biblioteca Central de la Facultad de Psicología-UBA. <http://www.biblioteca.psi.uba.ar/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=52042>

Garrido, M. F., Pulido, S. X., Lesmes, A. R., Buitrago, C. P., Molano, L. C., Montes, J. C., Tibaduiza, L. P., Vela, J. F., Porras, C. A., Benavides, G., Díaz, J., & Rendón, C. P. (2021). *La extensión agropecuaria para la innovación*. Corporación Colombiana de Investigación Agropecuaria-AGROSAVIA. <https://doi.org/10.21930/agrosavia.analisis.7404722>

González, V. (2020). *Acceso de pobladores/as rurales a servicios de salud sexual* [Tesis de doctorado. Universidad de Buenos Aires]. Biblioteca Central de la Facultad de Psicología-UBA. <http://www.biblioteca.psi.uba.ar/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=55594>

Hernández, R., Fernández, C., & Baptista, M. P. (2010). *Metodología de la investigación*. McGraw-Hill; Interamericana.

Ingram, J., Dwyer, J., Gaskell, P., Mills, J., & Wolf, P. (2018). Reconceptualising translation in agricultural innovation: A co-translation approach to bring research knowledge and practice closer together. *Land Use Policy*, 70, 38-51. <http://dx.doi.org/10.1016/j.landusepol.2017.10.013>

Landini, F. (2009). *Psicología en el Ámbito Rural: Subjetividad Campesina y Estrategias de Desarrollo* [Tesis de doctorado. Universidad de Buenos Aires]. Biblioteca Central de la Facultad de Psicología-UBA. [http://www.biblioteca.psi.uba.ar/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=15971&query\\_desc=kw%2Cwrdl%3A%20Psicolog%C3%ADa%20en%20el%20%C3%81mbito%20Rural%3A%20Subjetividad%20Campesina%20y%20Estrategias%20de%20Desarrollo](http://www.biblioteca.psi.uba.ar/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=15971&query_desc=kw%2Cwrdl%3A%20Psicolog%C3%ADa%20en%20el%20%C3%81mbito%20Rural%3A%20Subjetividad%20Campesina%20y%20Estrategias%20de%20Desarrollo)

Leta, G., Kelboro, G., Stellmacher, T., & Hornidge, A. K. (2017). *The agricultural extension system in Ethiopia: operational setup, challenges and opportunities* (No. 158). ZEF working paper series. [https://www.researchgate.net/profile/GerbaLeta/publication/322076671\\_The\\_agricultural\\_extension\\_system\\_in\\_Ethiopia\\_operational\\_setup\\_challenges\\_and\\_opportunities/links/5a4323450f7e9ba868a48d4f/The-agricultural-extension-system-in-Ethiopia-operational-setup-challenges-and-opportunities.pdf](https://www.researchgate.net/profile/GerbaLeta/publication/322076671_The_agricultural_extension_system_in_Ethiopia_operational_setup_challenges_and_opportunities/links/5a4323450f7e9ba868a48d4f/The-agricultural-extension-system-in-Ethiopia-operational-setup-challenges-and-opportunities.pdf)

Murtagh, S. (2017). *La interfaz técnico extensionista - pequeño productor agropecuario. Un abordaje psicosocial* [Tesis de doctorado. Universidad de Buenos Aires]. Biblioteca Central de la Facultad de Psicología-UBA. <http://www.biblioteca.psi.uba.ar/cgi-bin/koha/opacdetail.pl?biblionumber=53564>

Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura y Red Latinoamericana de Servicios de Extensión Rural. (2016). *Asistencia Técnica y Extensión Rural participativa en América Latina: principales hallazgos de los estudios de caso en cuatro países*. <https://www.fao.org/3/i5370s/i5370s.pdf>

Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura. (2019). *Investigación y extensión. El papel de la FAO en la investigación y extensión*. <http://www.fao.org/research-and-extension/es/>

Otero, J., & Selis, D. H. (2019). Educar, concientizar, transferir, dialogar... ¿Qué es y para qué sirve la extensión rural? *Extensão Rural*, 26(1), 7-25. <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/35089>

Porto, R., & Catullo, J. (2017) Extensión rural y enfoque territorial: aprendiendo en la acción con otros. *Revista Facultad Agronomía*, 116(3), 19-27. <http://revista.agro.unlp.edu.ar/index.php/revagro/article/view/1051>

Strauss, A., & Corbin, J. (2002). *Bases de la investigación cualitativa. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada*. Editorial Universidad de Antioquia. <https://diversidadlocal.files.wordpress.com/2012/09/bases-investigacion-cualitativa.pdf>

Sulaiman, V. R., & Davis, K. (2012). *El Nuevo Extensionista: roles,*

*estrategias y capacidades para fortalecer los servicios de extensión y asesoría.* Foro Global para los Servicios de Asesoría Rural (GFRAS). <http://www.aader.org.ar/detalle.php?c=253>

Tarantini, E. (2022). *Interfaces sociales entre investigadores, extensionistas rurales y agricultores familiares en la gestión de procesos de innovación en el noreste argentino* [Tesis de doctorado. Universidad de Buenos Aires]. Biblioteca Central de la Facultad de Agronomía-UBA. <http://ri.agro.uba.ar/greenstone3/library/collection/tesis/document/2022tarantinieduardosantiago>

# APRENDIZAJES ENTRE PRODUCTORES/AS Y EXTENSIONISTAS RURALES Y SU INCIDENCIA EN LAS PRÁCTICAS DE EXTENSIÓN EN LA PROVINCIA DE MISIONES

Fátima Santa Clara

María Guadalupe Candia Gomez

Camila Belén Soler

Aldana Yisel Oliva

Catalina Ayelén Zapponi

## Introducción

El presente trabajo de investigación acontece a partir de un proyecto titulado “Capacitaciones y aprendizajes no formales en la formación de extensionistas rurales y su potencialidad para generar innovaciones en las prácticas”, el cual cuenta con la inserción institucional en la Universidad de la Cuenca del Plata de la provincia de Misiones (Argentina). La finalidad del mismo apunta a describir los diferentes aprendizajes que surgen entre extensionistas rurales y productores/as misioneros/as, orientándose por las siguientes preguntas: ¿cómo aprenden los/as extensionistas con los/as productores/as rurales?, ¿incide el aprendizaje entre estos actores en las prácticas de extensión?, ¿incide el intercambio de saberes entre ambos en la representación del rol de extensionista?; siendo sumamente significativo su aporte, dado que este fenómeno resulta novedoso para la región y posee un escaso análisis desde la Psicología.

La región a la que se aboca la investigación se caracteriza por una provincia con un alto nivel de actividad económica basada en la producción de bienes a partir de recursos naturales (agricultura, ganadería, etc.) y cooperativas rurales, la cual convoca una cantidad importante de trabajadores/as (Instituto Provincial de Estadística y Censos [IPEC], 2011), entre ellos/as productores/as y agricultores/as familiares. Convirtiéndose Misiones en una provincia donde el mayor porcentaje de la población reside y/o se dedica a trabajar en ámbitos rurales. De esta manera, lo rural, particularmente el inter-

cambio de saberes entre extensionistas rurales y productores/as misioneros/as, se conforma en el área de interés a describir.

Asimismo, se destaca que una de las mayores limitaciones en la formación de psicólogos/as para trabajar en este campo involucra el hecho de que gran parte de la psicología académica y sus desarrollos en investigación discurren en la reflexión sobre contextos urbanos y periurbanos y están destinados a sujetos urbanos. Es por ello que indagar esta temática desde tal disciplina, permitirá analizar y comprender con mayor profundidad los vínculos posibles que emergen en escenarios rurales, que se encuentran atravesados por procesos de aprendizajes, factores psicoemocionales y relaciones interpersonales, y cuya reflexión contribuirá a la generación de posibles acciones e intervenciones prácticas de los/as psicólogos/as rurales.

En la actualidad, la extensión rural (ER) en la región latinoamericana cuenta con diversas investigaciones que fueron plasmadas en artículos científicos. De allí se pudo rastrear a diferentes investigadores/as que abordan los modelos de ER a partir de las dinámicas psicosociales y las dificultades consecuentes en el vínculo entre extensionistas y productores/as (Landini et al., 2009; Landini 2013; Landini, 2015); así también, otro estudio reflexiona sobre los desafíos en la práctica de extensión ante la nueva noción de lo rural y el ajuste de los modelos tradicionalistas (Méndez Sastoque, 2006), en donde se propone un acercamiento al perfil del nuevo extensionista rural, siendo algunas características relevantes la participación de todos los sujetos/as, la acción inter y transdisciplinaria, la valoración y el intercambio de opiniones con los campesinos como un actor más y no como único líder, y la comprensión de la actividad agropecuaria como principal medio económico y social que repercute a nivel familiar.

En relación a esto último, autores como Landini y Bianqui (2014) comprenden a la ER como una estrategia ante la pobreza en zonas rurales, a partir de situaciones que enfrentan los/as extensionistas ecuatorianos/as, siendo un problema recurrente el trabajo grupal y asociativo entre productores/as, reflejando un predominio del modelo transferencista de extensión. Y, cabe mencionar a la investigadora misionera Martínez (2016) que, en su estudio sobre aprendizajes colectivos y reflexiones en las prácticas de extensión, señala que en el trabajo de campo con los/as productores/as y en el intercambio informal entre extensionistas, los/as profesionales ad-

quieren herramientas sólidas que refuerzan las aprendidas en espacios académicos.

Por otro lado, se han tenido en cuenta ciertos conceptos fundamentales para enmarcar esta problemática, entre ellos: el aprendizaje experiencial (Pinto et al., 2017) el cual refiere a la asociación de métodos que buscan acrecentar el potencial de los educandos/extensionistas a través de la profundización en su experiencia, mediándose por cuatro elementos: la experiencia real como sustento para el reconocimiento, la introspección sobre dicha experiencia real y el reconocimiento para generar nueva información, la conformación de concepciones imprecisas y nociones básicas con razonamientos concretos establecidos en las conjeturas anteriores, y el ensayo de los nuevos esquemas aplicados a las nuevas experiencias para la solución de problemas; propuesta que en su trasfondo remite a la zona de desarrollo próximo planteada por Vygotsky (Corral Ruso, 2001) quien remarca que existe un ‘espacio’ en cada momento del desarrollo entre el dominio individual (como realización personal) y el dominio compartido (como realización futura ya existente como potencialidad en la relación).

A su vez un concepto esencial para este trabajo es el de extensión rural, que según el Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA) involucra un “proceso de intercambio de información y conocimientos para el desarrollo de las capacidades de innovación de los miembros de la comunidad rural” (Catullo, 2020, p. 68). Existen tres modelos relevantes: el primero, responde a un modelo más tradicional denominado difusionismo, así como el modelo transferencista, que persigue la misma lógica de trabajo. En ambos casos, es característico de los modelos el desaprovechar conocimientos, capacidades y experiencias de los productores, debido a que no se tiene en cuenta el contexto de intercambio técnico-productor (Landini, 2016); mientras que, en los modelos más alternativos, la extensión rural dialógica se plantea más moderna y flexible, en comparación a las ya mencionadas.

## **Metodología**

La investigación sigue los lineamientos de un enfoque cualitativo, cuyo alcance es de carácter descriptivo y exploratorio, ya que dicho enfoque posee las bondades de aportar profundidad en las

ideas y contextualizar el fenómeno, lo cual se encuentra en estrecha relación con los objetivos de este trabajo, puesto que se propone describir cómo aprenden los/as extensionistas rurales en relación con los productores/as de la provincia de Misiones; a fin de enfatizar la potencialidad de la práctica de ER como un instrumento de aprendizaje mutuo y transformador para ambas partes. Se trata a su vez de un proceso inductivo que analiza la realidad subjetiva de dichos extensionistas.

### **Población y Tipo de Muestra**

La muestra fue seleccionada a través del muestreo de tipo bola de nieve, es decir, un muestreo no probabilístico donde las personas seleccionadas buscan a otros participantes entre sus contactos. La recolección de datos incluye entrevistas semiestructuradas a cinco extensionistas vinculados/as a la Secretaría de Estado de Agricultura Familiar (SeAF) de la provincia, la cual posee un rango ministerial. Tres de las entrevistas se realizaron de manera presencial y dos bajo la modalidad virtual de acuerdo a la disponibilidad de tiempo y distancia de los/as entrevistados/as.

La primera parte de las entrevistas incluía preguntas cerradas referidas a variables como: sexo, edad, máximo nivel educativo, título académico, institución en la que trabaja actualmente, municipio de la provincia en el que desarrolla su actividad y años de experiencia como extensionista. La segunda parte incluyó preguntas abiertas sobre el trabajo con las comunidades, la formación informal sobre la práctica de extensión y el modo en que ésta se ha ido desarrollando con el tiempo y la experiencia, el rol de la institución en las capacitaciones, el vínculo con los pares en relación al aprendizaje adquirido y finalmente, se invitó a una reflexión personal sobre la práctica y lo que significa ser extensionista para la persona entrevistada, en su singularidad.

### **Categorías de Análisis**

A partir de dichas entrevistas y de los objetivos propuestos, se construyeron dos categorías: *aprendizaje a través de la práctica cotidiana con los productores*; y *prácticas de extensión*, de la cual se desprenden dos subcategorías: *representación del término extensio-*

*nista rural y representación del/la extensionista y su rol en la práctica.* Las categorías fueron seleccionadas y analizadas de manera comparativa a través del software Atlas.ti. El aprendizaje a través de la práctica cotidiana con los productores describe los aprendizajes que se generan entre los/as productores/as rurales y los/as extensionistas rurales mediante el intercambio dialógico y la vinculación de estos actores en diferentes espacios de la práctica cotidiana. Tal interacción produce nuevos conocimientos en los extensionistas, lo cual se detalla en los resultados de este trabajo. La categoría de prácticas de extensión refiere a cómo éstas inciden en la representación del extensionista sobre el término ER y sobre su propio rol. Al mismo tiempo, sus subcategorías -representación del término ER y representación del/a extensionista y su rol en la práctica- describen una explicación de la manera en que se identifican y reconocen con el término extensionista rural a partir de su práctica cotidiana, así como también la manera en que el/la extensionista percibe su figura y el rol que ejerce, expresando una reflexión sobre su propia práctica.

## **Resultados**

A partir de la información recolectada y su consiguiente análisis, los principales resultados que se alcanzaron destacan que los aprendizajes de los/as extensionistas rurales con los/as productores/as y agricultores/as familiares, propiciados en encuentros mayormente informales (talleres, reuniones o visitas pactadas en chacras o fincas de los/as productores/as, encuentros casuales en escenarios rurales, encuentros grupales en colonias, etc.), posibilitan la adquisición de nuevos conocimientos mediante el intercambio de saberes entre los actores involucrados. Es por ello que se establece que los procesos de aprendizaje de los/as extensionistas que fueron entrevistados en este trabajo, se encuentran atravesados por un modelo de extensión rural dialógica, en tanto se reconoce a los/a productores/as como sujetos y/o interlocutores legítimos (Murillo y Martínez, 2010, como se citó en Landini, 2016), portadores de conocimientos empíricos y tradiciones culturales con los cuales entran en diálogo, no desde una perspectiva transferencista sino horizontal (Rivas et al., 2010, como se citó en Landini, 2016). Asimismo, estos/as extensionistas aportan tanto sus conocimientos para resolver problemas

ante el pedido de los/as productores/as y favorecen la consolidación e intercambio de saberes locales entre los mismos beneficiarios, primando así la idea de diálogo como intercambio horizontal frente a la de transferencia entre actores desiguales (Zuin et al., 2011, como se citó en Landini, 2016). En relación a ello, una de las entrevistadas menciona percibir su práctica como una herramienta de aprendizaje constante para sí, y como un puente para facilitar procesos entre el Estado y las agrupaciones agropecuarias y los productores/as familiares.

Asimismo, se plantea que los aprendizajes entre extensionistas y productores/as no sólo generan nuevos conocimientos para ambas partes, sino que los mismos se caracterizan por ser conocimientos particularmente prácticos para los/as extensionistas, lo cual resulta muy significativo dado que involucra el principal acercamiento a saberes y experiencias de tal índole, y que es de utilidad para complementar los saberes teóricos adquiridos en espacios de formación académica formal. Sobre ello, él y las entrevistadas expresan que: “podés leer 45 libros sobre la agricultura familiar, pero si no conoces el territorio, si no andas con la gente, si no te involucras, vas a hacer una observación distante”; “estar involucrada te da muchísimas facilidades, muchísimas lecturas y herramientas a la hora de trabajar con las personas“. Partiendo de esta base, el aprendizaje se elabora con el conocimiento existente de los/las productores/as, quienes logran resaltar el valor del componente recíproco entre los saberes del/a extensionista rural y la comunidad, al cual las personas entrevistadas se han referido como “un ida y vuelta”; destacando la importancia del contacto humano para la práctica de ER como un factor importante para el aprendizaje mutuo que experimentan con los/las productores/as. Además mencionaron que su labor involucra el trabajo en grupo, la necesidad de tejer redes para salir adelante y la importancia de la persona en toda su integridad para que el grupo funcione de manera óptima.

Y así también, los procesos de aprendizajes que él y las entrevistadas vivencian en el encuentro con los/as productores/as inciden en gran medida a nivel laboral y personal, generando una reflexión crítica sobre sus prácticas y la representación que tienen acerca de sus roles en el desarrollo rural, una extensionista señala que la ER “es un crecimiento mutuo, continuo y que un extensionista tiene que estar abierto, tiene que saber que está aprendiendo día a día”.

Asimismo, dan cuenta de que las relaciones interpersonales generan un lazo afectivo y una valoración positiva del intercambio, lo que se expresa en frases como “yo voy y me involucro, y es todo, aunque sería más fácil trabajar como técnica de manera operativa y listo”; “cuando ellos te dicen que necesitan una personería jurídica, es como ver caminar a tu hijo, se te hace así el corazón”; “no sé cómo era mi persona antes”; “creo que las personas que trabajan en la tierra tienen una cierta sabiduría que la gente que trabaja en las ciudades, no tiene”. Además, cabe destacar que la incidencia de tales procesos y vínculos entre estos actores, lleva a los/as extensionistas a nombrarse de una manera particular “técnicos en terreno”, al percibir que de esta forma propician un mayor acercamiento y confianza con los/as productores/as, una frase señala que “al presentarme y trabajar con los productores les digo que soy la técnica que les acompaña, como que trato de no ponerle palabras tan difíciles”. Sumado a ello, todas las entrevistadas mencionaron que en su práctica cotidiana a lo largo de sus años de experiencia aprendieron a empatizar con los/as productores/as y agricultores/as familiares expresando lo siguiente: “Lo que me sirvió a mí para ir mejorando fue tratar de ponerme en el lugar del otro cuando les explico algo”.

En lo que respecta al aprendizaje experiencial, se pudo localizar a sus cuatro elementos en la experiencia de trabajo de él y las extensionistas:

- a) la experiencia real como sustento para el reconocimiento; es decir, el trabajo con los/as productores/as familiares, organizaciones agropecuarias, pueblos originarios.
- b) la introspección sobre dicha experiencia real y el reconocimiento para generar nueva información; las personas entrevistadas señalaron reiteradas veces la reflexión sobre la práctica explícita e implícitamente a través de palabras como “involucrarse”, “quedarse pensando”, “siempre aprendés algo”, “siempre te vas con algo nuevo”.
- c) la conformación de concepciones imprecisas y nociones básicas con razonamientos concretos establecidos en las conjeturas anteriores; dicha conformación de nuevas concepciones que van desde nombrarse de otra manera difiriendo del término extensión, pasando a nombrarse como técnicos/as,

hasta repensar el rol en relación a la concepción dialógica de ER donde el intercambio es horizontal, lo cual fue expresado a través de frases como “ellos (los productores) mismos también se ponen en posición de enseñarte a vos, te invitan a ver sus chacras, te cuentan sobre las plantas y los animales”, “creo que ellos son los encargados de formarme también a mí, de que yo pueda llegar a ellos y estar abierta a lo que necesitan o estar abierta a la demanda que quieren, creo que el crecimiento es recíproco”.

d) el ensayo de los nuevos esquemas aplicados a las nuevas experiencias para la solución de problemas; se observa en situaciones conflictivas comentadas por las/los entrevistados/as, en donde los/as productores/as se mostraban enojados ante el/la extensionista derivando en aprender a mantener la calma para escucharlos en dichas situaciones y luego, en un ambiente más tranquilo, se logre abordar el problema planteado a partir de maneras alternativas de diálogo.

## **Conclusiones**

A través de la investigación realizada se pudo alcanzar cierto grado de conocimiento que ayuda a contribuir a la información científica circulante en torno a la ER en la provincia de Misiones; más específicamente en relación al aprendizaje que obtienen los/as extensionistas rurales y la incidencia que esta formación informal adquiere en su práctica cotidiana, transformándola de manera significativa, en algunos casos a nivel personal y no exclusivamente profesional. Se pudo dar cuenta, entonces, de que el aprendizaje que se destaca es el de tipo experiencial.

Uno de los resultados obtenidos es que las y los extensionistas rurales identifican que las comunidades poseen un saber y que este les aporta nuevos aprendizajes generados en sus experiencias y conocimientos. Al mismo tiempo que la inserción institucional que poseen también les habilita y les permite seguir capacitándose de manera formal-académica. Sobre este último punto se podría indagar en siguientes investigaciones. Otra investigación posible podría poseer un enfoque en el vínculo entre extensionistas rurales en torno a la pregunta sobre si existe una comunidad de prácticas entre los mismos.

En función de que las y los extensionistas rurales no identifican su rol con el nombre de extensionistas sino más bien como agentes de desarrollo, técnicos/as en terreno; se podría pesquisar un enfoque territorial y dialógico de la ER, bastante difundido en América Latina durante el último siglo. Este modo territorial de pensar a la ER responde a una práctica que, sin focalizar en rubros productivos, se enfoca en los procesos de articulación social e institucional que se dan en espacios locales (INTA, 2004).

Si se revisa la literatura existente (Landini et al., 2009) el modelo de ER dialógica era pensado como un porvenir utópico. No obstante, la muestra entrevistada en esta ocasión, deja vislumbrar un claro ejemplo de extensión rural dialógica, dado que se encuentra presente la participación activa de los productores, la posibilidad de construir conocimientos prácticos en conjunto, la valorización de los saberes de las comunidades desarrollados a lo largo del tiempo, entre otras cosas; distinto a la dualidad y ambigüedad generada por la ER tradicional o transferencista, la cual favorece actitudes pasivas de los productores. En cambio, la ER dialógica propone un rol activo de ambas partes, potenciado por el trabajo en grupo constante.

En torno a la problematización del concepto extensionista que han expresado y fundamentado los entrevistados, se podría pensar que los aprendizajes informales de ER dan lugar a reflexionar en la falta de problematización y puesta en escena de la ruralidad en la educación formal de los extensionistas. Ello deja entrever que la práctica de extensión exige del profesional más de lo que recibió en su formación académica, siendo que en la práctica cotidiana lo productivo se entremezcla con variables socioculturales, poniendo en tensión la concepción misma de extensionista, sin dejar de resaltar el peso institucional y político del término.

Cabe aclarar que la actual investigación se encuentra en sus procesos iniciales por lo cual se espera, como objetivo a largo plazo, recabar más información para profundizar el análisis de la temática y sus consecuentes resultados.

## **Agradecimientos**

Agradecemos con especial cariño al equipo que coordinó esta investigación: Fernando Landini, Manuela Martínez y Sandra Hof-

fman, por su transmisión generosa, por su enseñanza desde el compromiso y la convicción, por el diálogo y el debate. Y sobre todas las cosas, por su calidad humana y la confianza depositada en nosotras.

## Referencias

- Catullo, J. C. (2020). Una aproximación de la extensión rural. En Centro de Investigaciones Agropecuarias (Ed.), *Aspectos teóricos metodológicos y empíricos para el estudio de los territorios* (pp. 67-102). INTA. <https://repositorio.inta.gob.ar/handle/20.500.12123/9648>
- Corral Ruso, R. (2001). El concepto de zona de desarrollo próximo: una interpretación. *Revista Cubana de Psicología*, 18, 72-76.
- Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria [INTA]. (2004). *El INTA que queremos. Plan Estratégico Institucional 2005-2015*. INTA.
- Instituto Provincial de Estadística y Censos [IPEC]. (2011). *Gran atlas de Misiones. Capítulo 5: Economía*. (pp. 1-34). IPEC.
- Landini, F. (2013). Perfil de los extensionistas rurales argentinos del sistema público. *Mundo Agrario*, 14(27), 1-23.
- Landini, F. (2015). Concepción de “extensión rural” de los extensionistas rurales argentinos que trabajan en el sistema público nacional con pequeños productores. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 12(75), 33-53.
- Landini, F. (2016). Concepción de extensión rural en 10 países latinoamericanos. *Andamios*, 32, 211-236.
- Landini, F., & Bianqui, V. (2014). La extensión rural en Ecuador desde el punto de vista de sus extensionistas. *Revista Fac. Agron. (LUZ)*, 31, 432-453.
- Landini, F., Murtagh, M., & Lacanna, C. (2009). Aportes y reflexiones desde la psicología al trabajo de extensión con pequeños productores. Ediciones INTA.
- Martínez, M. (2016). Aprendizajes colectivos horizontales y procesos de reflexión sobre la práctica en extensionistas rurales de la provincia de Misiones y su potencialidad en el contexto del desarrollo rural [Presentación Oral]. *II Congreso Latinoamericano de psicología rural*.

Méndez Sastoque, M., J. (2006). Los retos de la extensión ante una nueva y cambiante noción de lo rural. *Revista Facultad Nacional de Agronomía Medellín*, 59(2), 1-17.

Pinto, G., Prolongo, M., Alonzo, J., Díaz, I., Carla, O., & Díaz, F. (2017). Fomento del aprendizaje experiencial de la química: estudio del caso de un proyecto de innovación educativa, *ALDEQ*, 1(32), 95-100.

# AVATARES INSTITUCIONALES QUE DIFICULTAN LA LABOR DE EXTENSIÓN RURAL EN CORRIENTES Y MISIONES, ARGENTINA

Sandra Emilia Hoffman Martins

Manuela Rocío Martínez

## Introducción

La extensión rural (ER), entendiéndose como la acción de asesoramiento por parte de un/a técnico/a, las y los productores/as rurales, más allá de que existen diferentes maneras de definir esta labor (Landini, 2016), es reconocida en Argentina como una de las prácticas más importantes para el desarrollo rural. Este trabajo, tiene como objetivo dar a conocer, a partir de las voces de extensionistas rurales de las provincias de Corrientes y Misiones, cómo el marco institucional del INTA (Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria) atraviesa, influye y muchas veces dificulta la labor de las y los mismos técnicos/as. Es decir, el desempeño de las y los ERs, sus procesos de aprendizajes e interrelaciones horizontales, así como el vínculo con agricultores familiares. Se tomaron los conceptos de accesibilidad geográfica, cultural, administrativa y económica de Landini et al. (2014) para el desarrollo de avatares institucionales, identificando que al no tener acceso a estas las mismas se transforman en barreras. Sumando otro tipo de barreras descritas por las y los propios/as extensionistas. Vale aclarar que si bien los autores hacen un desarrollo del concepto de accesibilidad para explicar las dificultades con las cuales se encuentran las personas al momento de acceder al sistema público de salud, en este trabajo se hizo una articulación de estos conceptos al ámbito institucional y laboral.

Entendiendo por *barrera geográfica* aquella que se relaciona con las distancias y condiciones de las rutas o caminos para llevar a cabo los servicios de extensión. Con respecto a la *barrera económica* se refiere a falta de posibilidad de contar con suficientes recursos por parte de las y los ER, por ejemplo, disponibilidad de vehículos, combustible, materiales de librería, insumos para aplicación de proyectos, etc. Al mismo tiempo, el que las instituciones no posean

recursos afecta a la formación que reciben las y los ER, y eso impacta directamente en su trabajo.

La *barrera administrativa* se vincula con barreras de índole burocráticas ya sea el tiempo que duran los proyectos y el que realmente necesitan para efectuarlo, las jerarquías institucionales y demandas que muchas veces los/las sobrepasa. Por último, la *accesibilidad cultural* en la que priman las experiencias, conocimientos y costumbres propias de cada persona y donde se establece una diferencia entre la cultura de las y los profesionales y de las y los productores/as (Landini et al., 2014).

A su vez esta temática resulta de interés para abordarla desde herramientas de análisis y teóricas de la psicología organizacional y laboral, ya que nos estamos refiriendo a una institución puntual, y de la psicología rural, ya que esta institución se ocupa de promover y garantizar los procesos de desarrollo e innovación en ámbitos rurales. Entendiendo a la primera como aquella que estudia el comportamiento humano en tres niveles de análisis: individuo, grupo y organización. Así mismo, en la práctica profesional los y las psicólogos/as organizacionales, se ocupan de todos aquellos procesos que afectan el desempeño humano en la organización, tales como análisis ocupacional, selección, inducción y capacitación, evaluación de desempeño, bienestar y salud ocupacional (Delgado et al, 2013).

El buen funcionamiento de una institución dependerá del capital humano con el que cuenta la organización y por ende las condiciones de contexto que se brinde a ese capital humano (Chiavenato, 2009). Del mismo modo, son interesantes los aportes de la psicología positiva en el análisis organizacional, ya que teniendo en cuenta a la autora Venegas García (2013), es importante construir un ambiente seguro con sentido de pertenencia en el que se observen cuáles son aquellos aspectos de importancia para el trabajador/a, así como el establecimiento de programas e investigaciones para brindar mayores espacios de desarrollo de habilidades innovadoras a los individuos.

Asimismo, como bien nos congrega este congreso, la psicología rural refiere a un:

‘Campo de problemas’ en los que se articula psicología y ruralidad. Es decir, como un conjunto de temas, problemas o hechos para los cuales resulta relevante considerar tanto su dimensión rural como

su dimensión psicológica o psicosocial, ya que sin la consideración de una de ellas nuestra posibilidad de comprensión y/o intervención se vería limitada en aspectos relevantes (Landini, 2015, p.23).

Teniendo en cuenta, a su vez, que resulta necesario reconocer que la propuesta de una psicología rural, no implica la aplicación de la psicología a lo rural, sino “una psicología que se plantea como desafío repensarse a sí misma (incluyendo sus propios supuestos marcados por lógicas urbanas), a fin de redefinirse en diálogo con las características y especificidades de los escenarios y los actores rurales” (Conti et al., 2020, p162).

## **Método**

El presente trabajo parte del marco de dos tesis doctorales de becas del CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) que se encuentran en desarrollo. Ambas pueden ser categorizadas como investigaciones exploratorias-descriptivas, de índole cualitativa y transversal (Montero y León, 2002). El valor de los estudios exploratorio-descriptivos reside en la especialidad que posee este tipo de enfoque para producir un sustento teórico-práctico allí donde existen pocos antecedentes sobre el tema a investigar (Hernández Sampieri et al., 2014).

Se tomaron los fragmentos de 30 entrevistas realizadas a extensionistas rurales del INTA de las provincias de Corrientes y Misiones, que respondieron a las categorías aquí analizadas: “barreras institucionales”, “demandas/factores institucionales que atraviesan/complejizan la tarea del/la ER y “factores que facilitan y dificultan los procesos de aprendizaje en el contexto laboral de extensionistas rurales” (identificando particularmente esta categoría en articulación con una barrera de índole económica y que tiene impacto directo en la escasa formación a extensionistas rurales y por ende en el modo en el cual las y los profesionales desempeñan su rol).

Entendiendo que hay factores explícitos y subyacentes a la institución que afectan el desenvolvimiento de las tareas de extensión rural, que a su vez tienen un impacto en procesos de desarrollo e innovación rural en los territorios. Las mismas fueron grabadas con el previo consentimiento informado de las y los participantes, luego desgrabadas y analizadas con el apoyo del software Atlas Ti.

Para la toma de entrevistas y el procedimiento de las mismas se adoptó el Código de Ética de la FePRA (Federación de Psicólogos de la República Argentina, 2013) correspondiente a la regla 1 de este, el cual refiere que es fundamental comunicar el consentimiento informado a las personas entrevistadas. Desde esta perspectiva, las tomas de entrevistas fueron pautadas con cada participante, determinando el día y horario a realizarse. En las referencias a modo de preservar la identidad de las entrevistadas se nombran a las y los extensionistas con un seudónimo, por ejemplo: E1, y así a todas las citas de entrevistas.

## Resultados

Los resultados obtenidos visualizan una serie de avatares con los cuales se encuentran a diario las y los ER en su ambiente laboral y que producen dificultades al momento de llevar adelante su labor. Entre estos avatares podemos partir de las *barreras de índole administrativa*: las y los ER se encuentran muchas veces teniendo que solucionar problemas que los y las excede, tales como los breves tiempos institucionales que no responden a los procesos sociales o de acción, o el rechazo de proyectos por no pertenecer a las líneas prioritarias de alguna figura jerárquica, cuando sí lo es para los grupos con los que se trabaja.

Esto es descrito por un ER respecto a los tiempos y demandas institucionales:

He visto varios casos acá donde por ahí en esta cuestión de la necesidad de hacer cosas y mostrar cosas y de querer cumplir con una cuestión de demanda institucional, a veces se aceleran algunos procesos o algunos pasos que hay que hacerse previamente y terminan generando por ahí expectativas, a veces proyectos, a veces bajadas de insumos. En muchos casos en donde por ahí, no se logra el objetivo por ahí que se tenía al momento de pensarse lo que se quería, antes de bajarlo o de proponer digamos o de generar la expectativa en eso (fragmento E1).

Así también, el mismo ER planteó, más adelante en su entrevista, la dificultad de mostrar resultados respecto de los indicadores institucionales existentes, que para nada tienen presente los procesos sociales en los mismos:

Cuesta demostrar el producto. Para nosotros digamos tiene muchísimo valor, pero bueno al momento por ahí de medirlo, los indicadores cuáles son, esa herramienta todavía falta un poquito digamos, porque para nosotros sigue siendo cantidad productores, cantidad de huertas, cantidad de animales, entonces bueno al momento de informar, sigue siendo ese el informe que tenemos que cumplir y hacer. Pero nosotros mantenemos eso obviamente, pero también estamos tratando digamos de meter mucha fuerza, porque tenemos mucha convicción y por ahí va la cuestión del trabajo en equipo (fragmento E1).

Otro avatar parte desde las *políticas estatales y en su influencia directa en los enfoques adoptados por la institución*, eso que 'viene desde arriba' y que impacta en la labor de las y de los ER, y que muchas veces no refleja las necesidades propias de la comunidad. Las prioridades que estas políticas pondrán o no en determinadas áreas, por ejemplo, si el área de la agricultura familiar no es una prioridad (de la cual existe un amplio porcentaje en la provincia de Misiones), un impacto posible es la falta de recursos en proyectos que incluyan a estos actores sociales, lo cual también repercute en que el o la extensionistas pueda continuar o comenzar procesos de intervención.

En este fragmento el entrevistado comentó la existencia de un contrato laboral precario y la falta de movilidad muchas veces para llevar a cabo sus tareas de campo:

Tengo una situación laboral bastante específica, por cuestión de honorarios que considero para mí que es bastante bajo, y también tengo un contrato desde hace cinco años, ya debería estar en mejores condiciones. Siento que cumplo digamos un montón de cosas con lo que me demanda la institución y trato de siempre dar un poco más, pero a la vez tenemos algunas limitaciones como institución digamos, por ahí el tema de que en algún momento no hemos tenido vehículos como INTA, (...) hubo veces que no pudimos hacer una actividad, y por esta misma cuestión, hemos tenido que ir con vehículos particulares (E1).

Lo que a su vez se vuelve una *barrera geográfica y económica* por las distancias y la inexistencia de otros medios de transporte para atender las demandas de los grupos con lo que se estaba trabajando.

También se identificaron avatares que se vinculan a la *centralidad de las decisiones en la capital del país*, es decir, la mayoría de las

veces los programas o políticas que se proponen tienen una mirada que parte desde la perspectiva de Buenos Aires. Si bien vivimos en un país federal y con autonomía desde cada provincia sigue existiendo una fuerte presencia por parte de la Capital sobre la forma de ver la ruralidad en sí misma y por ende en la construcción de las propuestas que se realizan.

Así también, por un lado, al haber una diversificación de territorios, las políticas y/o programas suelen ser difíciles de llevarse a cabo de manera homogénea ya que cada territorio tiene características propias. Por otro lado, la temporalidad de los programas, ya que se originan en el marco de un gobierno, con determinada posición política, y que, al terminar el tiempo de gestión cambian también los focos de acción de los programas y ello complejiza la continuación de procesos.

En el siguiente fragmento un entrevistado denuncia el mal acompañamiento que se genera desde la ER debido a las lógicas que plantean los proyectos de intervención por parte de las políticas estatales nacionales sin una evaluación previa de las necesidades reales de las y los productores:

El drama es que los acompañamientos que se tiene no son los adecuados, aparecen proyectos de innovación tecnológicos, proyectos de innovación comercial, etc, etc y son dos mangos acá como para ayudarlos a emprender, no hay seguimiento, al no haber seguimiento las cosas son... porque vos acordate que nuestro productor aparte de ser productor tiene que ser comercializador, tiene que ser el que crea, el que inventa, el que comercializa. No hay cuestiones intermedias que lo ayuden, entonces, es costoso por ahí mantener viva una idea y continuarla si el hombre no está en las condiciones de mantenerse viviendo bien como es... o dedicarse a eso nuevo sin abandonar el resto (E5).

Este fragmento a su vez refleja una *barrera económica* respecto de la realidad de las y los agricultores familiares de estas provincias, que no conciben muchas veces con los resultados buscados por los proyectos institucionales propuestos que precisan de una base de la que partir inexistente en sus realidades. Del mismo modo se vincula con la falta de recursos por parte de las instituciones y que obstaculiza el desarrollo de los proyectos para potenciar el trabajo de las y los

productores/as: “Los desafíos por ahí contar con los recursos. ¿todos responden eso? para mí son los recursos. El extensionista llega, detecta el problema, elabora una posible solución, una propuesta para resolver ese problema. Después tenés que tener los recursos para llevar adelante eso” (E6). También se dificulta poder llegar a más personas, por la falta de mayor recurso humano: “sí, somos... pateamos el penal, cabeceamos... bastantes cosas hacemos a la vez y bueno... a veces... pero como verás nos falta un poco de personal también” (E13), dando cuenta además de la implicancia que tienen en su rol.

Al mismo tiempo la falta de recursos en las instituciones afecta directamente a la dificultad de contar con espacios de formación en el ambiente laboral y que promueva el aprendizaje de las y los extensionistas, pensando aquí en procesos de aprendizaje social (Lave y Wenger; 1991; Leeuwis y Pyburn, 2002) principalmente, esto incide en las acciones que implementa el ER en su trabajo, ya que es a partir de su formación que él y la profesional van a actuar. En este fragmento de entrevista uno de los ER describe, lo que la mayoría de ellos hacen referencia, y es la falta de capacitación que reciben y que esta está sujeta a factores institucionales a nivel macro, es decir, al ser instituciones que dependen del Estado Nacional también dependen del presupuesto que este destina a las mismas: “medianamente alguno que se dedica a la coordinación el que busca alternativas “de quién” puede ayudarnos a capacitarnos en eso, y después cuando hay recursos se hace”.

El último, pero no menos importante avatar está vinculado con la *cuestión de género*. Hace un tiempo que se vienen trabajando en las instituciones desde una perspectiva de género, sobre todo desde la implementación de la Ley Micaela 27.499. Esto ha contribuido a mejorar las relaciones institucionales y que se establezcan normativas que favorezcan a disminuir las desigualdades a las cuales las mujeres se vieron y se ven enfrentadas, siendo aún una tarea pendiente el visibilizarlas. A continuación, algunos fragmentos que representan esta problemática:

Siempre mi rol como mujer es el más afectado y al ser el más débil digamos de todo esto entonces cuesta el día a día porque uno no sabe si es cuestión de lo que es egoísmo profesional, porque ya te digo yo fui haciéndome de a poco en la agencia hasta buscar mi ca-

mino en cuanto a lo que es el trato diario, o sea sufrir el tema laboral por ahí algún encontronazo, el propio de la agencia (E7).

Desde la perspectiva de género en el campo nunca tuve miramientos, siempre sentí que para el productor era lo mismo que estuviera yo que estuviera un tipo. Siempre me trataron con el mismo respeto y nunca prefirieron que fuera otro antes que yo. Creo que por ahí a lo mejor encontré más de ese tipo de choques dentro de la institución que afuera, que uno por ahí piensa que esa gente tan reticente al cambio (productores) puede costar más que una mujer, pero no, en ese sentido no. Por ahí mismo dentro del mismo ámbito de colegas, ahí uno por ahí ve ciertas cosas (E8).

En la extensión rural el ser mujer conlleva muchos desafíos que se ven plasmados por las extensionistas mujeres en su relato, en la misma institución donde trabajan identifican que por ser mujer existe un trato diferente, en muchos casos, por parte de sus compañeros varones. Esto produce dificultades al momento de llevar adelante su rol ya que no se propicia un clima laboral acorde.

## **Conclusiones**

La ER más allá de los perfiles que se representen, más transferencistas (Rogers, 1962) o más dialógicos (Freire, 1973), que implica complejidades específicas en su rol laboral, que no hemos desarrollado aquí, están atravesadas por complejidades y limitaciones provenientes de los propios procesos normativos y burocráticos de la institución, como bien lo hemos ejemplificado con las diferentes barreras expresadas en las entrevistas.

La psicología como ciencia sirve para pensar estos avatares articulando la descripción de las tareas y acciones de los propios actores, en este caso las y los extensionistas, con el análisis de la psicología organizacional y el marco de la psicología rural. La estructura organizacional de una institución tiene sus normas, reglas y estatutos a seguir y los sujetos que conviven en ellas están atravesados por todos estos aspectos. Las y los psicólogos como gestores de cambio, al hacer una planificación estratégica para una organización guían las acciones que se pueden llevar adelante y mejorar la cultura organizacional.

Ahora bien, con todas las barreras presentadas y descritas no podemos desconocer que hay dificultades que exceden los roles de ER. Si bien son muchos los desafíos institucionales por trabajar, es a partir de trabajos como este que se da lugar a visibilizar los avatares institucionales y a su vez permite identificar dónde poner el foco y que falta por hacer y mejorar.

El desafío se encuentra luego de la visibilización, en la intervención a partir de co-construir propuestas, desnaturalizar prácticas y hábitos, y por sobre todo invitar al involucramiento ético y político de quiénes son parte de las mismas a la construcción de estos procesos.

Asimismo, la psicología al ser una ciencia social y que interviene en los procesos de relaciones humanas es clave para abordar de manera conjunta con otras disciplinas este tipo de problemáticas. Partiendo de un análisis institucional, utilizando los datos obtenidos en investigaciones como esta y que sirvan de base para profundizar y tratar de solucionar, en este caso puntual, la accesibilidad a ER y solventar las barreras con las cuales se encuentran en su ámbito laboral. Se considera que esto es posible a partir de la elaboración de un diagnóstico en conjunto con la organización, planteando los avatares identificados y reflexionando sobre posibles alternativas de resolución e implementación de las mismas. La mediación de una persona externa a la institución como es el rol del psicólogo/a es clave en estos procesos ya que permite tener una mirada más amplia de los sucesos que ahí acontecen y que muchas veces por estar sumergidos/as en las dinámicas cotidianas se naturalizan o priorizan otros aspectos más relevantes institucionalmente. Sin dudas se podría profundizar en otros aspectos desde la psicología, lo cual implica otra instancia de investigación y reflexión.

## Referencias

Chiavenato, I. (2009). *Gestión del talento humano. Evaluación de desempeño*. McGraw Hill.

Conti, S. (2020). Psicología rural en América Latina: Proceso de institucionalización, reflexiones epistemológicas y desafíos. En M. Calegare, & A. S. C. Mezzalira (Eds.), *Processos psicossociais vol. 1: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política* (pp.

149-169). Alexa Cultural; EDUA.

Delgado, L., & Vanegas, M. (2013). *Psicología Organizacional, perspectivas y avances*. Ecoe Ediciones.

Freire, P. (1973). *¿Extensión o comunicación? La concientización en el medio rural*. Siglo XXI.

Hernández Sampieri, R., Fernández Collado, C., & Baptista Lucio, M. P. (2014). *Metodología de la investigación* (6a ed.). McGraw Hill.

Landini, F. (2016). Concepción de extensión rural en 10 países latinoamericanos. *Andamios*, 13(30), 211-236.

Landini, F. (Ed.). (2015). *Hacia una psicología rural latinoamericana*. Clacso.

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge University.

Leeuwis, C., & Pyburn, R. (2002). Social learning in rural resource management: Introduction to the book. In C. Leeuwis, & R. Pyburn (Eds), *Wheelbarrows full of frogs: social learning in rural resource management* (pp. 11-21). Koninklijke Van Gorcum.

Montero, I., & León, O. G. (2002). Clasificación y descripción de las metodologías de investigación en Psicología. *International journal of clinical and health psychology*, 2(3), 503-508.

Rogers, E. (1962). *Diffusion of innovations*. Free Press.

**MOVIMENTOS SOCIAIS E  
RURALIDADES**

# SENTIDOS SUBJETIVOS DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE JOVENS DO COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST

Rafael Silva dos Santos  
Jader Ferreira Leite  
Maria da Graça Costa

## Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) constitui-se oficialmente em 1984 no Paraná, sendo fruto das primeiras ocupações de terra no Rio Grande do Sul e em outras regiões do Brasil, contando com a força da juventude nas suas linhas de frente. Sua luta se expressa contra o modelo econômico neoliberal, o agronegócio e as aproximações deste com o Estado brasileiro (MST, 2014). Junto a outros sujeitos políticos que compõem o MST, está a juventude a qual tem protagonizado manifestações contra os contextos de precarização, lutando por direitos humanos e constitucionais básicos.

A caracterização da juventude rural empregada neste trabalho perpassa pela noção de diversidade, pois, a categoria é complexa e composta por inúmeros interesses e realidades, expressões de seus distintos contextos rurais. Então, é pertinente pensá-la como devir socioculturalmente localizado, ou seja, podemos entender as juventudes em seus movimentos dialéticos, a partir de sua gênese histórica e cultural. Ensejando processos de participação política como prática de transformação social (Delari, 2000; Castro, 2009).

À condição juvenil vivenciada pelas/los jovens do MST, incorpora-se a luta pela Reforma Agrária Popular (RAP), os efeitos do agronegócio, e também as conquistas enquanto integrantes de um movimento social em articulação com as juventudes de outros territórios, povos e comunidades tradicionais rurais e urbanas, conformando uma conjuntura que interfere diretamente na trajetória de vida, nas possibilidades e nos sentidos que as/os jovens assumem em suas vivências (Dominguéz, 2006).

A juventude do MST passou a construir uma instância organizativa em 2005 com a criação do Coletivo Nacional de Juventude através das marchas, encontros e seminários onde a participação de jovens era massiva. O coletivo teve sua constituição forjada no seio das organizações da juventude no âmbito geral dos movimentos sociais e sindicais rurais brasileiros e internacionais organizados na Via Campesina. O coletivo assume a tarefa de visibilizar questões sobre a juventude do movimento e buscar organização da categoria em nível municipal, estadual e nacional nos acampamentos e assentamentos desenvolvendo atividades políticas, econômicas e culturais (Coletivo Nacional de Juventude do MST, 2019).

Podemos entender que os contextos rurais, em específico o contexto de participação política e militância no MST, constituem subjetividades expressas nas bandeiras de luta do movimento, explicitadas nas palavras de ordem “Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular”. Assim, é imprescindível buscar compreensão de como as vivências oriundas da filiação ao MST afetam as juventudes, suas subjetividades e suas pautas de demandas lançadas em assembleias, jornadas e encontros (Leite & Dimenstein, 2010).

Como lente teórica para compreensão da subjetividade usamos a Teoria da Subjetividade que possui suas bases na Psicologia Histórico-cultural, concebendo a subjetividade como um sistema aberto que se organiza processualmente em uma relação dialética a nível social e individual. Estando em constante processo de desenvolvimento a partir dos sentidos subjetivos construídos ao longo da trajetória de vida dos sujeitos, oriundos de suas ações em contextos culturais e sociais (González Rey, 2012). Como esse trabalho é um recorte da dissertação de mestrado de Rafael Silva dos Santos, elegemos como foco expor a análise realizada sobre os sentidos subjetivos vinculados a participação política de jovens que atuam no Coletivo Nacional de Juventude do MST.

## **Método**

Buscamos traçar um percurso metodológico ancorado na abordagem histórico-cultural em interface com a Teoria da Subjetividade de inspiração construtivo-interpretativa e a Pesquisa Militante que se caracterizam por uma compreensão ativa da realidade

estudada, onde processos de mudanças são possíveis para as/os participantes e pesquisador durante o processo de pesquisa, guiada por um compromisso ético-político para ação transformadora (Freitas, 2009; Bringel & Varella, 2016; González Rey & Martínez, 2017).

Participaram da pesquisa três jovens com idade de 21, 23 e 27 anos, sendo dois homens e uma mulher, todos negros e indicadas/os por dirigentes nacionais do Coletivo. Foram utilizados como instrumentos um formulário sociodemográfico para recolhimento de informações gerais sobre os participantes e sua posterior caracterização e articulação com as demais informações oriundas da técnica denominada Fotovoz, utilizada como recurso autofotográfico na qual a/o participante observa sua realidade, a interpreta e articula em forma de fotografia como resposta ao solicitado pela/o pesquisador/a. O recurso fotográfico facilitou a expressão subjetiva, o protagonismo, e a construção de informações relacionadas aos seus cotidianos vistas pelos olhos das/os participantes.

Essa análise foi construída a partir da resposta ao eixo e pergunta geradora a seguir: Como cada sujeito constrói sentidos para sua participação política – Como é ser jovem de luta no MST? Após o envio das fotos foram marcadas reuniões individuais para a realização de entrevistas para explicação das interpretações pessoais sobre cada fotografia. Resultando em um procedimento dialógico aberto que proporcionou uma conversação híbrida, partindo de novas indagações que emergiam no diálogo e também de um guia semiestruturado de perguntas auxiliares, feitas caso sentisse necessidade quando não foram abordados espontaneamente pela/o participante, dentro dos eixos listados acima (Neiva-Silva & Koller, 2002; Cusicanqui, 2015; González Rey & Martínez, 2017).

Em termos de análise, buscou-se identificar a relevância dos acontecimentos relatados para os processos subjetivos das/dos participantes e para os objetivos do estudo. A partir da categorização de cada entrevista foi possível identificar inter-relações entre elas e foram atribuídos sentidos teóricos, para compreender a complexidade dos processos de subjetivação das/os participantes. Assim, as informações encontradas oriundas dessas fontes serão utilizadas como forma de conciliar diferentes perspectivas dos sujeitos ao fenômeno estudado (Guerra, 2006).

## Discussão

### **Ser jovem de luta: sentidos para sua participação política**

Para a juventude que participou da pesquisa a construção de sentidos subjetivos sobre ser jovem Sem Terra está voltada à prática das tarefas do coletivo e do movimento como um todo, tem a ver com a noção de se sentirem herdeiros da luta por reforma agrária e a responsabilidade de defender seus territórios. Sem perder de vista a necessidade de construção de seus próprios caminhos, o que leva ao sentido subjetivo de que ser jovem Sem Terra é também protagonizar e ocupar os espaços dentro e fora do movimento, o que ficou explícito a partir da Jornada da Juventude descrita acima.

### ***Ser é fazer, a práxis política constituindo subjetividades***

As/Os jovens se veem e se constituem enquanto sujeitos nas tarefas do movimento, portanto, são as práticas, memórias, valores e vivências que ajudam a construir os sentidos de suas lutas, resistências e participação política, demonstrando que ser é fazer. O que não só se localiza nas experiências individuais e sim nas compartilhadas por toda categoria e também outros segmentos populacionais da organização, conformando uma rede de companheiras/os que ao se constituírem sujeitos individuais o fazem para e com o coletivo, seja do interior do movimento ou do restante da classe trabalhadora (Terrerros et al., 2013).

Então Sem Terra é isso, e também vivenciar a Reforma Agrária Popular, vivenciar os princípios, dentro das contradições que fazem parte do processo da formação individual e coletiva. Ser jovem Sem Terra é isso: tá nas ações de solidariedade, tá nas ocupações de terra, é tá cursando universidade também, tá desenvolvendo pesquisa, tá nos encontros, construindo o movimento, propondo no movimento nos seus espaços organizativos, é assumir tarefas como eu assumi, tarefas nacionais que desafiam a gente. Então a gente tem que estudar, se esforçar mais, assim como outros diversos jovens têm assumido (Francisco Vaz, 2022).

Vê-se, a partir da fala acima, que seus cotidianos são multifacetados, porém, sempre atrelado às dinâmicas da militância, trabalho rural, universidade e participação política. O que fica expresso

também em sua fotografia, que representa o momento de doação de cestas básicas durante a pandemia da COVID-19, com produtos de áreas de reforma agrária produzidos pelas/os trabalhadoras/res rurais do MST.

Francisco expõe como foi a atuação da juventude durante a pandemia, para ele foi muito importante por desenvolver as ações de solidariedade que o movimento construiu durante os primeiros meses e segue realizando, com o intuito de minimizar os impactos das desigualdades sociais que se escancaram sobre as necessidades básicas das populações em situação de extrema pobreza.

Figura 1 - Campanha de solidariedade do MST.



Autor da imagem Francisco

Quem botou a cara para fazer, para entregar as cestas na pandemia, quem se expôs ao coronavírus, para fazer a tarefa das ações de solidariedade foi a juventude Sem Terra. Quem também ia para os assentamentos carregar caixas para montar as cestas foi a juventude Sem Terra. Então ser jovem Sem Terra é isso, tá fazendo tudo que for demandado pela organização e tá propondo e desafiando, se desafiando a construir essa organização também. A dar sequência ao que outros jovens que agora já não são jovens construíram, trouxeram até aqui e entregaram para gente (Francisco, 2022).

Com esse trecho podemos perceber que outro sentido sobre ser jovem do MST está associado a dar continuidade ao que foi e é

construído pelas/os outras/os militantes do movimento, numa perspectiva geracional de continuidade e com um senso de dever e retribuição com as/os militantes mais velhas/os. O que também tem a ver com a protagonização de suas demandas através da participação política e construção de sentidos sobre ser jovem militante em contextos que são compostos, entre outros, pelos sentidos de herança da luta.

### ***Herdar a luta, porém construir seus próprios caminhos dentro dela***

É perceptível um sentimento de “dívida” com as gerações anteriores como necessidade de dar continuidade às suas lutas. Na relação com militantes mais velhas/os verificamos que a memória se apresenta como um elemento que dá base aos sentidos subjetivos. As memórias contadas por outros militantes e vividas por cada uma da/os participantes dessa pesquisa conformam também a constituição de seus sentidos subjetivos sobre o que é ser militante.

Em um momento da nossa conversa, Francisco comentou sobre os seus motivos de exercer a luta política, ele lembrou de histórias de solidariedade de pessoas da cidade que levavam comida ou avisavam a chegada da polícia nas ocupações. Seguramente estas memórias foram contadas por militantes mais velhos, e na época Francisco era uma criança. Podemos pensar no processo recursivo da subjetividade, pois ela se constitui segundo Gonzalez Rey (2012a) nesse processo de interação interpessoal, e podemos entender o porquê de um dos motivos que o levaram a lutar foi também a solidariedade, como mencionado acima.

Luzia ao responder à pergunta “Como é ser jovem de luta no MST? Enviou a fotografia abaixo. Nessa foto estão enquadrados em um círculo a bandeira do movimento, a frase “MST 34 anos”, foice, enxada, palmas e bonés do movimento. Acima do círculo, se vê dois adultos no centro do que parece ser uma roda, com cadeiras disposta de forma circular, onde Luzia, à esquerda, faz a captura da imagem. Para ela essa foto é importante porque retrata uma assembleia no ciclo de comemoração de 34 anos do MST no estado de Sergipe. Nesse dia a ação aconteceu no primeiro acampamento da região.

Figura 2 - Assembleia em comemoração aos 34 anos do MST em Sergipe.



Autora da imagem Luzia

As pessoas focadas são um dos primeiros militantes que foi da região sul para organizar a luta no estado e a mulher é a primeira filha de uma das primeiras famílias acampadas. Por essa razão, Luzia compreende que essa imagem carrega a história do movimento em seu estado, analisa que, por conta dessas histórias, seus avós puderam ingressar na organização e, por conseguinte, ela também tem a oportunidade de desenvolver sua trajetória de vida. Então, faz um jogo simbólico onde articula sua história de vida com as vivências de sua família na organização, como já mencionado, e constrói os sentidos subjetivos para sua participação política atrelada a história viva de outras/os companheiras/ros. E compartilha que:

Então ser jovem hoje dentro da organização é exatamente entender, eu acho que, saber dividir também. Entender quem foram essas pessoas, entender a minha história, entender a minha identidade a partir do que foram e do que essas pessoas são e do que esse assentamento aí é. Então acho que ser jovem, tem uma frase que é minha, que é 'Sou Sem Terra sim, sou Sem Terra eu sei e essa é a identidade mais bonita que ganhei. Então eu acho que é muito disso, ser jovem dentro da organização é ter essa identidade, ter convicção do que é, de entender a luta, de entender a necessidade de que mais pessoas possam ter suas conquistas a partir do que é a desapropriação de terras, então é muito isso (Luzia, 2022).

A própria Luzia também faz reflexões na direção de buscar seus próprios caminhos diante dessas histórias, construir com a categoria as perspectivas, ainda que entenda os processos de interação social com pessoas mais velhas que em certa medida representam as relações baseadas na hierarquia. Como afirma E. G. Castro (2009) “ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão, em um contexto ainda marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar” (p. 189). E na tentativa de sair desse lugar, Luzia explica que não quer ser espelho:

Eu tenho muito a preocupação de que as pessoas queiram que a gente seja espelho, eu não quero ser espelho de ninguém (...) eu entendo o que essas pessoas foram, só que hoje eu, Luzia, tenho o meu protagonismo enquanto juventude. No tempo histórico que eu estou a partir do que eles foram, acho que é isso. Eles seriam a referência, a partir do que são essas referências, tanto aí do primeiro assentamento, da primeira ocupação no caso que hoje é o assentamento, das pessoas que vieram para enraizar a organização aqui dentro do estado (Luzia, 2022).

Assim, como discutem Leite e Dimenstein (2003, 2008), a formação militante é perpassada por esses referências, modelos e exemplos a serem seguidos, numa corrente de continuidade e constituição de militantes para compartilhamento dos ideais de luta e produção de subjetividades. Porém percebemos que a juventude intenciona delinear seus caminhos sob a força e impacto que sua organização política lhes dá, inclusive através de questionamentos aos modelos que permeiam sua formação.

Podemos entender esse aspecto formativo de construção de modelo com o que González Rey (2012b) chama de subjetividade social em articulação com a subjetividade individual no sistema de interações mencionado anteriormente. Segundo esse autor a subjetividade social se configura de maneira discursiva, emocional e representacional de acordo com o nível macrosocial e microssocial das instituições sociais como família, escola, bairros.

No caso do MST, aspectos da subjetividade social podem ser percebida no interior e exterior da organização, nos espaços que compõem a sua organicidade presente em todas as esferas da vida dos militantes. Por exemplo, a autoanálise que Francisco faz se ba-

seja nas influências do movimento à sua formação enquanto sujeito político:

Mas eu sei que o fato de eu ter a condição de assumir essas tarefas também faz parte do processo coletivo que o movimento proporcionou desde a minha infância, primeira juventude, a adolescência. Então eu acredito que eu sou aquilo que o meu meio, o meu entorno, a minha materialidade me proporcionou ser (Francisco Vaz, 2022).

### ***Protagonizar e ocupar espaços dentro e fora do movimento***

Paralelamente as/os jovens constroem novos caminhos para o movimento a partir da práxis política nas diversas instâncias organizativas, num esforço de sempre pautar, questionar, assumir princípios e tarefas, se formar dentro e fora do coletivo e, desafiar o capital e o agronegócio através da agroecologia, o que podemos entender como movimento de tornar-se sujeitos de sua história de vida como menciona Gonzalez Rey (2012a) em suas discussões sobre a constituição do sujeito. Para ele:

O sujeito representa a possibilidade de particularização dentro dos processos normativos de toda a sociedade e, nesse sentido, está associado ao caráter processual e à tensão que caracterizam a vida social, marcando um processo suscetível de mudanças permanentes e inesperadas, e não um sistema submetido a leis supraindividuais que decidem o destino da história (González Rey, 2012a, pp.149).

É interessante pensar sobre a resposta de Zé à pergunta sobre como é ser jovem de luta no MST. Ele se coloca literalmente em cena, retrata-se num movimento de se ver como esse jovem (sentido imagético), ser esse jovem (sentido existencial) e expor sua condição enquanto sujeito que se constitui nesse contexto de luta por Reforma Agrária Popular. Abaixo estão sua fotografia e um trecho de nossa conversa em que explica sua intenção ao responder à pergunta geradora com tal imagem.

Figura 3 - Meu braço, minha pele negra.



Autor da imagem Zé

Então eu acho que o que é ser jovem de luta é superar as contradições. Eu fiquei com dificuldade de colocar uma foto para resumir isso. Eu interliguei com a segunda foto, minha pele negra e a foto do braço. Para retratar isso, superar todas as contradições, é isso. O processo organizativo, se a juventude estiver organizada a gente sempre fala, se a juventude se dedica a luta multiplica aqui no estado do Paraná. E se a gente se organizar, se dedicar a gente consegue não superar todas, mas minimamente se organizar para algo além disso, sabe? Porque as contradições, mesmo que a gente consiga superá-las, elas nunca são erradicadas, são eliminadas para sempre. Mas elas sempre vão estar no cotidiano. E é um pouco se organizar e construir um processo formativo que supera isso (Zé, 2022).

A/os participantes têm em seu discurso uma composição heterogênea do que é ser jovem militante. Esses elementos têm a ver com a prerrogativa que assinala o jornal do MST, o que é possível perceber que suas aspirações, sentidos subjetivos tem relação com o que é dito e partilhado de forma coletiva. O que nos faz mais uma vez pensar que os aspectos do que é ser jovem militante é compartilhado pelo coletivo da organização e se aporta na unidade entre subjetividade social e individual que elucida Rey (2004, 2012a, 2012b).

## Conclusão

Esse jogo dialético entre o que é construído em coletivo e fomentando pelos significados particulares de Luzia, Zé e Francisco

permitem considerações sobre as possibilidades de construir ações no processo de Reforma Agrária Popular. Por esses motivos é profícuo pensar que a participação política da juventude rural do MST pode representar mais do que uma busca de garantia de direitos, autonomia política ou visibilidade de suas demandas e sim agregar aos significados de sua luta a defesa pelo seu território, tendo em vista a defesa de sua própria existência enquanto pessoa. Existência de sua cultura camponesa, princípio e valores, com o significado de pertencimento e enraizamento (Alves, Fernandes & Mesquita, 2021). Para Luzia, por exemplo:

Na minha concepção a luta enquanto jovem dentro do assentamento é muito em defesa do território, né? É defender onde eu moro, eu vejo que as pessoas têm muito preconceito de quem mora na zona rural, de que é abestalhado, de que é bobo, de que é atrasado e não uma concepção que eu Luzia vejo do que é morar no campo (...). Para mim o meu assentamento tem que ser o melhor lugar do mundo, é tanto que onde eu chego eu falo muito bem do meu assentamento. Tenho muito orgulho de falar de onde eu venho, dos meus avós que foram acampados, então é muito nisso de defender onde eu moro de que aqui tem que ser o melhor lugar do mundo (Luzia, 2022).

Em síntese, as subdivisões em seções sobre os sentidos subjetivos da juventude na organização foram meramente didáticas, pois representam como a configuração subjetiva do que é ser jovem militante se expressa em cada um desses sentidos e se relacionam entre si e com as dinâmicas da vida de cada jovem participante. Por outro lado, entender-se como jovem Sem Terra também envolve incertezas, e gera novas indagações, possibilitando articular a noção da condição juvenil como constante devir, onde cada sujeito elabora sentidos subjetivos distintos a respeito de si mesmo e da sua categoria, inclusive ao lidar com os desafios presentes na caminhada (E. G. Castro, 2009).

## Referências

Alves, J. B, Fernandes, S. L., & Mesquita, M. R. (2021). Produção de subjetividade e militância política dos jovens do movimento Sem Terra no semiárido alagoano. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(1), 10-29.

Bringel, B., & Varella, R. V. S. (2016). A pesquisa militante na América Latina hoje: reflexões sobre as desigualdades e as possibilidades de produção de conhecimentos. *Revista Digital de Direito Administrativo*, 3(3), 474-489.

Castro, E. G. de. (2009). Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latinoamericana Ciencias Sociales de Niñez y Juventud*, 7(1), 179-208.

Coletivo Nacional de Juventude do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra. (2019). *Síntese do seminário nacional sobre o papel da juventude Sem-terra no MST*. ENFF.

Cusicanqui, S. R. (2015). *Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la história andina*. Tinta Limón.

Delari Jr., A. (2000). *Consciência e Linguagem em Vigotski: aproximações ao debate sobre subjetividade* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Biblioteca Digital Unicamp.

Dominguéz, M. I. (2006). Los movimientos sociales y la acción juvenil: apuntes para un debate. *Sociedade e Estado [online]*, 21(1), 67-83.

Freitas, M. T. A. (2009) A Pesquisa de abordagem histórico-cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. *Revista Teias* 10(19), 1-12.

González Rey, F. L. (2004). *Personalidade, saúde e modo de vida*. Thomson Learning.

González Rey, F. L. (2012). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito* (3a ed.). Vozes.

González Rey, F. L. G., & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Editora Alínea.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso*. Principia Editora.

Leite, J. F., & Dimenstein, M. (2010) Movimentos sociais e produção de subjetividade: o MST em perspectiva. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 269-278.

Movimento Rural dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (2014). *Programa Agrário do MST: deliberações aprovadas no V Congresso Na-*

*cional*. Edição em cartilha.

Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. *Estudos de Psicologia*. 7(2), 237-250.

# **“E O FRUTO DO TRABALHO É MAIS QUE SAGRADO”: UMA REFLEXÃO ACERCA DA CATEGORIA TRABALHO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MST**

Thamara Dias  
Kíssila Mendes

## **Introdução**

O presente artigo visa relatar a experiência no Plantio Solidário, ação construída entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e diversas organizações sociais e populares da cidade de Juiz de Fora. As práticas foram articuladas para diminuir os impactos imediatos da fome aumentados pelo governo Bolsonaro (2019 - 2022) e para ampliar discussões políticas de base. A partir das vivências foi possível questionar e refletir as estratégias de resistência coletiva e suas consequências a partir da realidade presente e, sobretudo, sobre a categoria trabalho e sua centralidade.

Para compreender a experiência do Plantio, porém, anteriormente faz-se necessário contextualizar o Brasil atual, que pode ser descrito por opressões e violências de diversas ordens. No entanto, em um contexto de crise global do capitalismo, que segue ditando um projeto hegemônico do capital e construindo, através de discursos e ações, um modelo de sujeito ideal, alinhado ao neoliberalismo (Dardot & Laval, 2016), forças antagônicas resistem e lutam historicamente por um projeto de uma nova sociedade brasileira e formas de combates às expressões da questão social.

Intensificado por um governo fascista de extrema direita, que cessa constantemente políticas públicas sociais, o Brasil se encontra, depois de anos, novamente no mapa da fome (Guimarães, 2021). No II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Brasil apresentou-se a estimativa de 125,2 milhões de brasileiros em algum grau de insegurança alimentar, correspondendo a 58,2% da população, segundo o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil (Rede Brasileira de

Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar, 2022). Sendo a fome um projeto político e considerando a tarefa histórica na construção de uma sociedade mais igualitária, é necessário fornecer não apenas comida ao povo, mas lutar pela garantia e fortalecimento de políticas públicas que diminuam essa lacuna abissal de desigualdades causada pela história e pela atual organização econômica do país (Guzzo, 2016), ainda que compreendendo as limitações dessas políticas. Economia essa de caráter colonizador-escravocrata-dependente - e latifundiário - que perpetua as diferenças para manter a classe dominante, tendo assim, como única alternativa de mudança a ruptura com o sistema capitalista (Costa & Mendes, 2020).

A luta pela distribuição da terra, por sua vez, tem caráter histórico no Brasil. Desde a invasão dos portugueses e a divisão desigual e improdutiva, operam em território nacional resistências contra a apropriação e mercantilização das terras e da natureza. Mesmo em meio às intensas repressões, surge, de forma organizada, em 1984, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) com o objetivo de lutar pela terra, pela reforma agrária e mudanças sociais no país (MST, s.d.).

As mudanças e novas formas de se (re)produzir o sistema capitalista fizeram com que os debates da resistência se aprofundassem e radicalizassem cada vez mais. Dessa forma, ao se discutir as pautas pensando em suas raízes e questões estruturantes, pôde-se formular planos de luta mais complexos e que englobassem a população de maneira geral. O MST em sua constante reflexão, estudo e debates críticos percebeu que a reforma agrária é uma necessidade de toda a população, não apenas um interesse dos camponeses. Assim, aderiram como ferramenta metodológica a matriz agroecológica, sendo possível produzir alimento saudável para a população, através de trabalho digno e respeitando a natureza (MST, s.d.). Ao adotar a agroecologia como sistema cultural e de produção, foi possível seguir a luta por uma reforma agrária popular, sendo o objetivo a garantia da soberania alimentar de toda a população e a preservação da natureza (Zarref, 2018).

Nesse sentido, preocupados com o momento político e socioeconômico do país e da região, o MST adotou estratégias para diminuição da fome e da miséria. O MST da Zona da Mata Mineira

elaborou uma grande campanha chamada Plantio Solidário. Nela, pretende-se plantar, cuidar, colher e distribuir 5.5 toneladas de verduras, legumes e tubérculos que integrarão as cestas básicas de famílias em situação de vulnerabilidade do centro urbano de Juiz de Fora. Mesmo possuindo como foco a produção de alimentos, pensa-se também na articulação e formação política dos assentados e dos voluntários. Estes são militantes e simpatizantes do MST, além de famílias que são beneficiadas com o trabalho. Assim, são realizadas formações em práticas agroecológicas, sistemas agroflorestais e segurança alimentar.

A metodologia de trabalho<sup>1</sup> utilizada segue os preceitos do MST, que tem como fundamento a organicidade, levando em conta a equidade de gênero, divisão de tarefas, autogestão e a construção coletiva. Nesse sentido, não apenas parceiros e voluntários do MST têm a oportunidade de se aproximar do movimento, mas também as famílias beneficiadas, sendo uma ação que visa além do assistencialismo, oferecendo também formação política e perspectivas de trabalho e vida.

Existem também outros setores que são de fundamental importância para que o Plantio aconteça, como a mística, a ciranda das crianças, o setor da saúde, a coordenação e a área responsável pela alimentação. A mística acontece no momento inicial, sendo uma práxis cultural do movimento, contribui para alimentar e reavivar o espírito para a luta e para os valores como solidariedade, companheirismo, internacionalismo e ética, que são ressaltados nesse momento de troca, reflexão e cuidado. Para que os responsáveis possam desempenhar o trabalho no campo, as crianças ficam sob cuidado da ciranda, que a partir do reconhecimento delas como sujeitos do processo de transformação e luta, procura meios educativos e lúdicos práticas direcionadas para somar. A alimentação e a saúde integral podem ser consideradas em seus aspectos práticos e políticos, sendo de fundamental importância em todo o processo do Plantio. Dessa maneira, é possível entender como é o funcionamento e organização do movimento, perceber a lente que ampara a visão de mundo e somar na luta. Nesse contexto, houve a inserção da pesquisadora, que

---

1 Foi utilizado como base o projeto do Plantio Solidário elaborado por militantes do MST, no qual, por estar colaborando ativamente, tive acesso ao material não publicado.

acompanhou o desenvolvimento e as ações do Plantio desde maio de 2022.

## Método

A pesquisa consiste em um relato de experiência com o objetivo de descrever e refletir sobre o Plantio Solidário para contribuir na discussão e proposição da inserção da psicologia nos movimentos sociais. Trata-se de uma pesquisa participante, de natureza aplicada, objetivo exploratório, e abordagem qualitativa. A construção dos dados foi realizada a partir da técnica da observação participante de todo o processo, que consiste em participar ativamente do cotidiano estudado, representando o estabelecimento das relações e construção de conhecimento da pesquisadora com os sujeitos e o ambiente estudado, possibilitando o conhecimento da cultura e linguagem, sendo uma maneira eficaz de perceber a multiplicidade e as contradições da realidade (Frizzo, 2010). O estudo foi submetido ao Comitê de Ética do UniAcademia, sendo aprovado por meio do parecer 5.725.475, de 2022.

As observações foram realizadas no Assentamento do MST Denis Gonçalves, em Minas Gerais, e aconteceram aos sábados, durante os mutirões do Plantio Solidário. Estas contaram com a participação de assentados do MST, voluntários militantes e famílias beneficiadas com o alimento produzido. Por se tratar de um ambiente inclusivo, há espaço para crianças e adultos, e o número de frequentadores varia de semana a semana. O deslocamento da cidade de Juiz de Fora ao assentamento é organizado pela comissão e dividido em caronas e van.

Como principal instrumento de registro de dados foi utilizado o diário de campo, espaço livre para registro de angústias, percepções, questionamentos e informações, refletindo a dialética desencadeada pela tomada de consciência da pesquisadora durante o processo (Frizzo, 2010). Os dados coletados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo do tipo temática (Gomes, 2008). As categorias analíticas foram determinadas *a posteriori* da realização da pesquisa de campo e, para esse artigo, será frisada a categoria trabalho, que será analisada à luz do referencial teórico da psicologia crítica e suportes de outras áreas do saber.

Vale ressaltar que a presente publicação é um recorte do trabalho de conclusão de curso da Graduação em Psicologia, possuindo, em seu texto completo, outras categorias e análises. A escolha da categoria trabalho se deu por sua importância e centralidade na tarefa de mobilização e novas formas de (re)existência coletivas.

## **Resultados e Discussão**

Durante as observações e vivências foi possível perceber de forma explícita o trabalho enquanto ferramenta humanizadora da existência. As relações de trabalho dignas em prol da luta social, em um processo de conscientização das causas e do povo, permitem a aproximação dos voluntários, despertando o sentimento de pertencimento e bem-estar. A luta por condições dignas e por cidadania tornam-se fatores que influenciam a saúde dos participantes.

O trabalho, assim definido por Marx (1983), é a condição necessária para o intercâmbio entre o ser humano e a natureza, atuando numa corrente de via dupla, em que o homem, ao modificar a natureza externa, se transforma. São inúmeras as potencialidades desenvolvidas nesse processo de transformação da realidade, o que diferencia o ser humano do animal, que age de maneira instintiva. Ao ser considerado essencialmente humano, o trabalho, para além da possibilidade de transformação da natureza, pode ser considerado como fundamento para o ser social, na medida em que se atribui sentido a ele, sendo projetado idealmente antes mesmo da sua execução.

Enquanto característica ontológica do ser humano, acrescenta-se ao trabalho o caráter coletivo, determinando-se a partir da função social dada ao seu trabalho pelo outro indivíduo. No capitalismo, o valor monetizado ao processo produtivo depende do valor sobre o produto, sendo assim, a mão de obra do trabalhador se configura como uma moeda de troca do mercado, a própria mercadoria. Tal apropriação desfigurou a relação do homem com o trabalho, tornando-o alienado em esferas subjetivas (ideações) e concretas, causando profundo estranhamento em tal relação. Assim, nos moldes econômicos vigentes nos dias de hoje, o homem e sua força de trabalho tornam-se objetos do capitalismo e a mercadoria por ele produzida ultrapassa o seu valor de mercado, tornando-se sujeito que sustenta as relações sociais (França Jr. & Lara, 2015).

A inversão das relações sociais posiciona o homem em um lugar de coisa e produto, sendo responsável por trabalhar e consumir para manter o sistema. Tal configuração coloca a mercadoria, criada pelo homem, em uma posição que o domine nas relações sociais estabelecidas. Marx nomeia de fetichismo da mercadoria a relação de alienação que ocorre no processo de produção - consumo que oculta a característica social do trabalho, reforçando o lugar coisificado do homem (Cunha et al., 2014). Seguindo o raciocínio da inversão das relações de dominação, ao coisificar e objetivar o homem, o mesmo acontece com sua subjetividade, que segue as lógicas de dominação do mercado, sendo uma mercadoria das relações sociais. Nesse sentido, cabe ressaltar o caráter alienante em que as relações de trabalho no mundo capitalista ocasionam, transformando a força de trabalho e a subjetividade humana em mercadorias que precisam responder à constante e desenfreada lógica do capital (Costa & Mendes, 2020).

No entanto, nas fissuras do sistema criadas através da subversão dos movimentos sociais é possível perceber as relações de trabalho se concretizando enquanto humanizadoras, possibilitando as interações e trocas sociais a partir de uma prática orientada e com sentido. O Plantio Solidário, enquanto estratégia criada para diminuir os impactos imediatos causados pela crise gerada pela crise estrutural do capitalismo, opera de forma a criar fissuras, através do trabalho, para combater a fome e fortalecer as relações sociais. O trabalho não alienado<sup>2</sup> é possibilitado a partir da formação crítica e historicizada da realidade, a partir da horizontalidade de decisão, assim como nas divisões das tarefas e através do acompanhamento do processo, desde o plantio, cuidado, colheita e distribuição dos alimentos. Ou seja, em uma possibilidade de produção de sentido do trabalho para além do mercantil.

A (re)descoberta do sentido da práxis a partir da inserção intencional no campo político da vida possibilita a manutenção ou transformação das relações sociais. Ao recuperar não só o sentido do trabalho, mas também da vida e da luta, encontram-se outros aspectos possibilitados com esse despertar. A luta por condições básicas de vida e pela garantia de sobrevivência, através do comparti-

---

2 Cabe aqui ressaltar que não se trata da realidade de todo o Campesinato o trabalho não alienante. Muitos trabalhadores do campo são explorados e assediados pelo capital (Vergés, 2021).

lhamento da luta e da solidariedade de classe, possibilita o conhecimento e defesa de seus próprios direitos. O vicejar revolucionário trazido pelo resgate da memória histórica e do sentido através da formação política constroem campos de potência que possibilitam o reconhecimento do sujeito do seu lugar na vida (Rosa, 2017).

## **Conclusão**

A situação político social atual do Brasil, marcada por desemprego, fome, falta de moradia e de perspectivas, corte de investimentos em saúde e educação e destruição do meio ambiente, revela as contradições existentes entre o indivíduo com a sociedade, que são vividas coletivamente e de forma singular (Moreira & Guzzo, 2015), e podem acentuar quadros ligados à saúde mental já existentes, que embora possam não significar adoecimento, trazem implicações à psicologia (Rosa & Struwka, 2022).

Nesse sentido, Martín-Baró (2017), ao definir saúde mental como a materialização das estruturas das relações históricas em que o sujeito está inserido, permite a compreensão do termo de maneira mais ampla. Não se desconsidera manifestações internas e individuais, mas permite entender a relação do sujeito com o mundo em que está inserido, agindo enquanto participante de sua realidade. Diversos são os pontos que podem ser parâmetros de análise na interferência da saúde mental do povo. Para isso, é importante destacar que em um encadeamento de questões ocasionadas por uma grave crise estrutural-social, as classes sociais, de maneira direta ou indireta, são afetadas de formas diferentes. Outro horizonte reflexivo é o envolvimento dos sujeitos na situação, sejam como afetados pela crise ou como atores da resistência. Levanta-se também a necessidade de observar a temporalidade da situação em que se instaura, seus efeitos diretos e indiretos.

Martín-Baró (2011) elege três tarefas urgentes para a psicologia que podem ser utilizadas de guia de uma práxis comprometida. Ele ressalta a necessidade da recuperação da memória histórica, que perpassa a (re)descoberta a partir da memória coletiva do povo do sentido da própria identidade e de ressaltar fatores úteis para a luta e libertação da classe explorada. Traz à tona a importância de desideologizar a experiência do cotidiano, para que, dentro de uma so-

cidade que constantemente aliena sua população, possa resgatar as experiências originais, dá-las sentido e fazer com que isso contribua para a formação da consciência, vivenciado a partir do fazer crítico. Como última tarefa eleita, Martín-Baró ressalta a importância da potencialização das virtudes dos povos, tradições populares que foram e ainda são fonte de resistência para o povo oprimido.

As ações do Plantio Solidário permitiram ilustrar de maneira vivencial bases teóricas comprometidas com o trabalhador e com o povo. Foi possível escutar dos participantes a importância do projeto não só para uma perspectiva de vida e horizonte de luta coletiva, mas de como o projeto faz bem no âmbito individual da saúde e da convivência com os demais. A relação entre consciência, (des)alienação, trabalho e saúde mental se faz evidente.

Para pensar o lugar da psicologia nessa construção é preciso que os saberes dialoguem, para que construídos coletivamente, possam ser uma das ferramentas da ampla luta necessária para o combate das opressões e do capitalismo. A partir do exposto, fica a cargo dos que fazem e constroem a psicologia refletir seu lugar dentro das ações desenvolvidas. É papel dos que constroem a psicologia, através de um processo ativo e dialético, historicizar, contextualizar e compreender a realidade, para, assim, transformá-la. A aquisição da consciência crítica não é garantia de que ocorrerão mudanças sociais, mas é a partir dela que se pode desencadear processos revolucionários. Cabe ao estudante e profissional de psicologia entender o seu lugar na tarefa histórica de transformação, não se colocando em posição de salvador, mas de dispor de seu saber para lutar contra as opressões e a exploração que o capital impõe (Martín-Baró, 1997). Dessa forma, compreender o papel da categoria trabalho e sua centralidade para compreensão das demais relações entre seres humanos é um primeiro passo fundamental.

## **Agradecimentos**

Artigo adaptado de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). Submetido ao Comitê de Ética do UniAcademia, com parecer de aprovação número 5.725.475/2022.

## Referências

Costa, P. H. A., & Mendes, K. T. (2020). *Subjetividades no Brasil da cólera: formação e conjuntura*. CRV.

Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.

França Jr., R. P., & Lara, R. (2015). Trabalho e Ser Social: reflexões sobre a ontologia lukacsiana e sua incidência no Projeto Ético-Político Profissional. *Textos e Contextos*, 14(1), 20-31. <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2015.1.17406>

Frizzo, K. R. (2010). Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. In J. C. Sarriera, & E. T. Saforcada (Orgs.), *Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas* (pp. 169-187). Sulinas.

Gomes, R. (2008). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In M. Minayo (Org.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp 79-108). Vozes.

Guimarães, J. (2021, Julho, 15). Com Bolsonaro, o Brasil voltou ao mapa da fome. *Carta Capital*. <https://www.cartacapital.com.br/opiniaofrente-ampla/com-bolsonaro-o-brasil-voltou-ao-mapa-da-fome/>

Guzzo, R. S. L. (2016). A (des)igualdade social e a psicologia: uma perspectiva para o debate sobre a pobreza. In V. Ximenes, J. F. Moura Jr., E. C. Cidade, & B. B. Nepomuceno (Orgs.), *Psicologia e Pobreza: contribuições para uma análise psicossocial* (pp. 37-45). UFC.

Lei nº 8629, de 25 de fevereiro de 1993. (1993, 25 fevereiro). Dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal. Presidência da República.

Martín-Baró, I. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 7-27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>

Martín-Baró, I. (2011). Para uma psicologia da libertação. In R. S. L. Guzzo, & F. Lacerda Jr. (Orgs.), *Psicologia social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação* (pp. 181-197). Alínea.

Martín-Baró, I. (2017). *Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais*. Vozes.

Marx, K. (1983). *O Capital: crítica da economia política*. 1. Abril Cultural.

Moreira, A. P.G., & Guzzo, R. S. L. (2015). Do trauma psicossocial às situações limite: a compreensão de Ignácio Martín-Baró. *Estudos de Psicologia*, 32(3), 569-577. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000300021>

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (s.d.). O MST: nossa história. <https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>

Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar - PENSSAN (2022). II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID 19 no Brasil. PENSSAN. <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>

Rosa, L. A. (2017). Potencial terapêutico da participação em movimentos sociais: um estudo a partir de militantes do MST. *Saúde e Transformação Social*, 8(1), 72-83. <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4375>

Rosa, M. P. & Struwka, S. (2022). Saúde mental em tempos de pandemia: os imperativos da situação-limite e as tarefas da psicologia. In K. T. Mendes, & P. H. A. Costa (Orgs.), *¿Nuestra américa, nuestra psicología? psicología, crítica(s), caminhos possíveis* (pp. 277-302). Lavrapalavra.

Zarref, L. (2018, Outubro, 24). Agroecologia e o MST. *Página do MST*. <https://mst.org.br/2018/10/24/agroecologia-e-o-mst/>

# POPULAÇÃO DE RUA NO SERTÃO PERNAMBUCANO: ENTRE A INDÚSTRIA DA SECA E AS CIDADES DO AGRONEGÓCIO

Lorena Silva Marques

## Introdução

A utilização da rua enquanto espaço de vivência e sobrevivência é atravessada por uma multiplicidade de histórias em relação a chegada até ela, bem como para lidar com o cotidiano nesse espaço. Segundo o Decreto 7.053/2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPS), perpassa a caracterização desse grupo populacional a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, de modo que os logradouros públicos e as áreas degradadas são utilizados como espaço de moradia e sustento, utilizando-se também de unidades de acolhimento temporário para pernoite ou como moradia provisória. O “I Censo e Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua” (Brasil, 2009), realizado entre agosto de 2007 e março de 2008, no qual foram identificados 31.922 pessoas em situação de rua, distribuídas em 71 cidades, mostra também que há uma maior proporção de pessoas negras (67%) quando comparadas aos níveis encontrados na população em geral (44,6%) (Brasil, 2009).

Nobre e Barreira (2020) sinalizam como apesar do ponto correlato em relação aos processos de exclusão que perpassam a vida das pessoas que vivem na rua, essa condição é marcada por existências diversas. O reconhecimento desses diferentes processos, bem como da multiplicidade que compõe o espaço da rua, permite identificar as especificidades existentes, possibilitando a complexificação do olhar sobre potencialidades e demandas da população de rua. Além disso, evidenciam as contradições existentes nos modos de funcionamento da sociedade na contemporaneidade (Silva et al., 2016). Essas diferenças são demarcadas também pelos diferentes contextos em que essas pessoas se apresentam, sendo essas atravessadas pelas realida-

des apresentadas nas diferentes regiões do país. Nesse sentido, ao se considerar a realidade das diferentes cidades e seus aspectos históricos e sociais, é possível perceber especificidades entre a população de rua mediante a relação com o contexto social em que se encontra e as conexões estabelecidas com este.

A constituição das cidades é perpassada por uma multiplicidade de processos de urbanização, que envolvem mudanças nas relações entre a sociedade e a natureza relacionadas a ascensão do modelo capitalista de produção, sendo demarcada pela transformação da natureza em mercadoria. Nesse sentido, destaca-se a complexidade dos elementos que influenciam a materialização das cidades na contemporaneidade, mediante a “superposição de processos e dinâmicas, que, por sua vez, decorrem em alterações profundas no modo como os espaços urbanos são estruturados” (Santos, 2020, p.4).

Segundo Barreira (2019), a origem e desenvolvimento dos centros urbanos concentra historicamente funções referentes a trocas comerciais e políticas, de modo que tensões e apropriações espaciais de classe emergem, lembrando os dilemas da convivência coletiva. Nesse espaço em que as temporalidades se avizinham, evidenciam-se tensões entre passado e presente, e contradições entre usos e propostas de reforma (Barreira, 2010).

Junto a isso, projetos e intervenções voltados para conter formas indesejadas de ocupação do espaço citadino compõe a agenda de políticos e gestores, passando a ser veiculado discursos realizados em nome da virtualidade de uma história urbana a ser protegida. Nessa direção, espaços passam a ser alvos de projetos que visam o controle sobre “usos indevidos”, imprimindo-lhes alternativas de utilização que oscilam entre a afirmação de sentidos arcaicos e a incorporação de novos usos, baseadas em investimentos comumente associados ao comércio e lazer.

O que se tenta fazer a partir dessas intervenções urbanísticas é fortalecer a chamada “identidade urbana”, que articula disputas simbólicas em relação aos usos e processos de apropriação dos espaços, tencionando que a partir do resgate ao passado se fortaleça uma utópica unidade em relação à convivência coletiva no espaço citadino (Barreira, 2010). Entretanto, o que se torna latente nesses espaços é o conflito de classes existentes e a contradição entre as funções e

modos de utilização deles. Nesse sentido, busca-se olhar para a população de rua no sertão pernambucano, refletindo-se sobre como a realidade dessa região influencia na conformação desse público.

Segundo Santos (2020), o quadro de desigualdade entre povos e sociedade e a naturalização da miséria em que muitos vivem são desdobramentos do modo de vida insustentável que predomina na atualidade. Ao tratar sobre a temática, o autor defende que o mundo tem vivido em uma constante crise, em consequência da ascensão do neoliberalismo como versão dominante do capitalismo. No sertão pernambucano, mais especificamente na cidade de Petrolina, em que o estudo aqui apresentado foi desenvolvido, tais processos se mostram por meio da organização da cidade enquanto “cidade do agronegócio”.

Petrolina localiza-se na Zona Semiárida da região Nordeste do Brasil, no vale do Submédio São Francisco ou Sertão do São Francisco (Muniz Filho, 2020), contando em 2020 com uma população estimada de 359.372 pessoas (IBGE, 2021). Atualmente, Petrolina configura-se como polo da Região de Desenvolvimento do Sertão do São Francisco, sendo considerada conjuntamente com Juazeiro, cidade a qual se liga por meio do Rio São Francisco, como Capital Regional. Isso se deu na medida em que, a partir da década de 1970, teve-se a implantação da barragem e da usina hidrelétrica de Sobradinho, a construção de perímetros irrigados e a instalação de diversas instituições públicas e privadas, principalmente do setor de agricultura técnico-científica (Elias, 2016; Landin & Alencar, 2012).

Nesse contexto, as cidades de Petrolina e Juazeiro tornaram-se pioneiras na inserção da agricultura técnico-científica no semiárido nordestino, aproveitando-se dos recursos naturais, financeiros e técnicos existentes na região para atender aos interesses do capital (Muniz Filho, 2020). Esse processo teve início nas últimas décadas do século XX, quando espaços urbanos no interior do país e de médio porte foram transformados em cidades do agronegócio (Elias, 2016; Landin & Alencar, 2012). Modelo esse que aumenta os riscos socioambientais, estando associado aos grandes latifúndios originados na colonização portuguesa.

Essa realidade, advinda de processos sócio-históricos no campo, empurram esses sujeitos para a cidade, onde se tem todo um

projeto urbanístico, que envolve uma série de disciplinas, como a higiene e a medicina, a arquitetura, a engenharia de trânsito, o comércio, a especulação imobiliária, entre outras, que fazem a gestão da vida nas cidades. Dentro desse contexto, a população em situação de rua é expulsa para as margens, atendendo-se, assim, aos interesses do mundo capitalista, cuja “lógica do poder reduz tudo à economia, para continuar a aumentar sua potência, seu domínio, sua violência” (Venturini, 2012, p.17).

## **Metodologia**

Esse trabalho objetiva discutir sobre as especificidades da população de rua no sertão pernambucano, abordando como transformações históricas no campo e a perpetuação de violências advindas do discurso construído pela indústria da seca influenciam na conformação da população de rua na região. Fala-se mais especificamente sobre o contexto da cidade de Petrolina, localizada no sertão pernambucano.

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado em Psicologia realizado pela autora, em que foram utilizadas compreensões da etnografia (Magnani, 2009) e da cartografia (Romagnoli, 2009; Passos et al., 2009) enquanto métodos. A etnografia possibilita ao pesquisador estar em contato com o universo dos pesquisados a partir de um “olhar de perto e de dentro”, permitindo o surgimento de novas compreensões através do experienciado e das relações de troca estabelecidas no encontro com os múltiplos arranjos coletivos (Magnani, 2009).

A cartografia intenta desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, abrindo-se para o que afeta a subjetividade, evidenciando a exterioridade de forças que atuam de maneira transversal a todos os envolvidos na realidade pesquisada, inclusive o pesquisador. Dessa forma, valoriza a articulação de um conjunto de saberes que evidencia percepções, sensações e afetos vividos no encontro com o campo (Romagnoli, 2009).

Mediante o contexto pandêmico, desenvolvi o campo para a realização desta pesquisa por meio do acompanhamento das atividades do Consultório na Rua (CnaR) da cidade de Petrolina/PE. A opção pelo dispositivo se deu considerando o fato do mesmo trabalhar

de forma itinerante, acessando diferentes espaços da cidade, modos de vida e outros aspectos do cotidiano da PSR. A participação observante realizada se deu por aproximadamente seis meses, no período de julho a dezembro de 2020. Para registro do experienciado durante as imersões, foram escritos diários de campo produzidos continuamente durante todo o trabalho de campo, sendo descritas situações que vivenciei e/ou observei, impressões, afetações e reflexões.

## **Contextos do Sertão Pernambucano e a Conformação da População de Rua em Petrolina/PE**

Pensar o contexto sócio-histórico do semiárido nordestino ajuda a compreender a conformação de parte da população de rua na região, visto que “percursos históricos e configurações contemporâneas locais produzem marcas nos corpos e nos modos de vida” (Sousa & Nobre, 2022, np) dessas pessoas. Dessa forma, demarca-se a existência de singularidades entre esses sujeitos, cujas vivências são atravessadas pelas diferentes realidades de cada região e as possibilidades de sobrevivência.

Nesse sentido, olho para a ocupação dessa região ainda no período colonial, que foi influenciada pela extração do pau-brasil e aumento do plantio da cana-de-açúcar no que corresponde hoje ao litoral do Nordeste (Santos et al., 2007). A partir do momento que a face atlântica do território brasileiro passou a interessar definitivamente aos interesses portugueses, foram selecionados os locais mais favoráveis à efetivação do processo de colonização. Nesse sentido, a experiência com a cana-de-açúcar, a “disponibilidade” de terras e a existência da mão de obra indígena na nova colônia fez com que a cana-de-açúcar fosse o primeiro produto a ser cultivado em terras brasileiras (Rodrigues & Ross, 2020).

Para a garantia do processo de colonização era necessário, entretanto, a expansão de vilas por todo o litoral brasileiro, implementando-se no Brasil o sistema de Capitânicas Hereditárias, responsável pela divisão do Brasil em imensos lotes de terras. As capitânicas foram doadas, em caráter vitalício e hereditário, à pequena nobreza portuguesa pelo rei, que delegava a seus donatários a colonização e a exploração (Rodrigues & Ross, 2020). Por sua vez, os titulares das Capitânicas distribuíam suas terras por meio da carta de sesmaria a

colonos responsáveis por formar roças, fazendas e/ou instalar engenhos (Schwartz, 1988; Rodrigues & Ross, 2020).

Na capitania de Pernambuco, os primeiros engenhos foram instalados em 1535, sendo a partir desse momento estabelecido o ponto de partida para o desenvolvimento da cultura canavieira na região (Rodrigues & Ross, 2020). O intenso crescimento de plantios de cana de açúcar na zona litorânea aumentou a demanda por gado bovino, necessário para a alimentação da população, para a produção de couro e para servir de animal de tração. Entretanto, o gado bovino e as plantações extensas de cana de açúcar não poderiam existir juntos, sendo o gado enviado para longe do litoral, chegando até a região semiárida (Santos et al., 2007; Rodrigues & Ross, 2020).

Santos et al. (2007) apontam como a interiorização do gado foi pensada visando atender unicamente interesses externos, afirmando que “a chegada do boi representa o marco do declínio dos recursos naturais do semiárido brasileiro, sendo ele um animal pouquíssimo adaptado ao clima e aos solos e que consome mais do que produz”. Além disso, esse processo foi responsável pela efetiva conformação de latifúndios na região (Santos et al., 2007).

Essa forma de ocupação continuou se expandindo, de modo que os antigos donos de sesmarias continuavam aumentando suas áreas de domínio. Em 1850 surge a “Lei de Terras”, responsável pela demarcação das terras que pertenciam ainda ao Estado e quase que exclusivamente os grandes proprietários rurais (Santos et al., 2007). A “Lei das Terras” foi responsável pela implementação da propriedade privada no país.

Os que já detinham cartas de sesmarias ou provas de ocupação ditas “pacíficas” e sem contestação se tornaram proprietários das terras, processo que levou ao surgimento de grandes latifúndios. Como também, coibiu a pequena produção de subsistência ao dificultar o acesso à terra pelos pequenos produtores, forçando-os a trabalhar como assalariados nas grandes plantações. (Ferreira, 2005).

O Estado perde, assim, todo poder sobre a propriedade privada da terra. Esse modelo de ocupação repercutiu diretamente na atual situação fundiária brasileira e diretamente na organização do semiárido. A partir dele, os latifúndios fazem com que a absoluta maioria das propriedades sejam constituídas por quantidade de hec-

tares insuficientes ao necessário para se poder ter uma produção estável nesse clima.

Além disso, a política de expansão do agronegócio no Brasil com a Revolução Verde, pós Segunda Guerra mundial, promoveu a mecanização do campo para o aumento de produtividade, intensificando esse processo histórico de concentração de terras e expulsando o pequeno agricultor para a cidade. Esse fenômeno é caracterizado na literatura como “modernização conservadora”, visto que a realidade agrária brasileira estruturada na concentração da terra em latifúndio e na exploração do trabalho foi mantida. O agronegócio foi responsável pela destruição de formas sustentáveis de agricultura praticadas por comunidades tradicionais, e passou a impor uma lógica destrutiva de agricultura e de modo de vida no campo e na cidade (Santos, 2019).

A partir do exposto, destaca-se como o processo de colonização e a Revolução Verde influenciaram para questões agrárias atuais do Brasil, estruturando problemáticas que tornam a vida no campo insustentável para muitos. O avanço e fortalecimento do agronegócio no país interferiu diretamente na região do semiárido nordestino, marcado atualmente por uma produção caracterizada pela monocultura, mecanização em larga escala e precarização das relações de trabalho. (Nunes et al., 2020). Foi dentro desse contexto de “desenvolvimento” que Petrolina tornou-se uma das pioneiras na inserção da agricultura técnico-científica no semiárido pernambucano, aproveitando-se dos recursos naturais, financeiros e técnicos existentes na região para atender aos interesses do capital (Muniz Filho, 2020).

Demarca a realidade dessa região também o fenômeno da seca, sendo a questão hídrica colocada como a grande culpada pelos altos índices de pobreza e de baixa qualidade de vida na região. Sabe-se hoje, entretanto, que essa problemática envolve a questão fundiária brasileira e a falta de políticas públicas que possibilitem a captação das chuvas para que se tenha abastecimento de água segura durante o ano. A suposta seca é um fenômeno sociopolítico, responsável pela “indústria da seca”, através da qual as elites regionais se apropriam de recursos públicos, utilizando os benefícios distribuídos na região enquanto moeda de troca para a manutenção de privilégios de pe-

quenos grupos em detrimento das camadas empobrecidas da região (Santos et al., 2007).

Segundo o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA (2021), esses processos sócio-históricos e o desenvolvimento das formas de produção trazidas vão de encontro a proposta de convivência com o semiárido, que articula diversas dimensões correspondentes a discussão da agroecologia, ciência que promove a conexão dos meios de produção a premissas de conservação do meio ambiente, de recaatingamento, da segurança alimentar e nutricional para as famílias. Pensa, assim, sistemas justos e sustentáveis de produção a distribuição e consumo de alimentos, promovendo através disso qualidade de vida, redução da pobreza, questões culturais para a promoção de novas formas de relações entre homens e mulheres, entre o meio ambiente, entre o natural e o social, e uma produção que visa a conservação e preservação de bens naturais.

A realidade exposta acima sobre a região repercute em processos de migração do campo para a cidade no sertão pernambucano, com muitas pessoas se vendo obrigadas a sair do campo pela falta de possibilidade de viver da terra, migrando para as “cidades do agronegócio”, como é a cidade de Petrolina, o que se dá principalmente no período de estiagem..

Petrolina tem sua economia voltada para a produção agroindustrial e para o mercado consumidor externo, contando com a utilização de diferentes técnicas e tecnologias empregadas em nome de um modelo hegemônico e que demarcam as relações de trabalho e a utilização dos espaços. Dessa forma, o que as pessoas que vem do campo geralmente encontram na cidade são trabalhos temporários, inclusive na colheita em certas épocas do ano, estruturando-se na região uma mão-de-obra barata e não especializada, que mais uma vez beneficia os empresários e aprofunda os contrastes econômicos pelas relações de trabalho (Barboza, 2009).

Pode-se observar como a partir das relações de poder que demarcam o contexto do semiárido pessoas que vivem no campo são empurradas para Petrolina, onde se tem todo um projeto urbanístico que mais uma vez as expulsam para as margens do espaço citadino, de forma que muitas chegam a compor a população de rua. Evidencia-se, assim, como processos de urbanização/industrialização num

país colonizado, com a formação de centros urbanos como as cidades do agronegócio, representam desdobramentos e continuidades de violências sócio-históricas em camadas cada vez mais profundas e que se atualizam de diversas formas na “pele/corpo” da população de rua.

## Considerações Finais

A partir do exposto, evidencia-se como o fenômeno da população de rua é multifacetado, sendo os diferentes processos sócio-históricos de cada região um importante aspecto a ser observado para uma compreensão contextualizada desta realidade. No contexto apresentado, processos de violência relacionados a manutenção de privilégios contribuem para a conformação de uma população extremamente vulnerabilizada, sendo importante destacar a necessidade do fortalecimento de estratégias que possibilitem a convivência com o semiárido. Essas considerações evidenciam a importância de políticas públicas que atentem para as diversas realidades de um país continental como o Brasil e a multiplicidade da população de rua nos diferentes contextos em que ela se apresenta.

## Referências

Barboza, M. S. (2009). *Configurações do território de uma cidade do “baixo sertão” de Pernambuco: territorialidades e territórios em Petrolina* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Pernambuco. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6686>

Barreira, I. A. F. (2010). Pulsações no coração da cidade: cenários de intervenção em centros urbanos contemporâneos. *Caderno CRH*, 23(59), 255-266.

Barreira, I. A. F. (2019). Léxicos urbanos e arenas públicas. Tempos e espaços no Centro de Fortaleza. *Tempo Social*, 31(1), 71-90. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.TS.2019.151260>

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Rua: aprendendo a contar - Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. MDS.

Decreto nº 7.053 (2009, 23 de dezembro). Institui a Política Nacional

para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.

Elias, D. (2016). Agronegócio e reestruturação urbana e regional no Brasil. In E. A. Buhler, M. Guibert, & V.L. Oliveira (Orgs.), *Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul* (pp. 63-81). Editora da UFRGS.

Frangella, S. M. (2004). *Corpos urbanos errantes: Uma etnografia da corporalidade de moradores se rua em São Paulo* [Tese de doutorado]. Universidade Estadual de Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279907>

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. (2021). *A Convivência com o Semiárido é a prática da Agroecologia no bioma Caatinga*. <https://irpaa.org/noticias/2380/a-convivencia-com-o-semiarido-e-a-pratica-da-agroecologia-no-bioma-caatinga>

Landin, M. F. M., & Alencar, M. T. (2012). Urbanização e agronegócio: Petrolina, a cidade está em cena. *Revista Equador*, 1(1), 4-22.

Magnani, J. G. C. (1997). O velho e bom caderno de campo. *Revista Sexta-feira*, 1(1), 8-12. <https://repositorio.usp.br/item/000971501>

Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129-156. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>

Muniz Filho, A. (2020). Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) - cidades médias fronteiriças no Sertão do São Francisco, Brasil. *Terr@ Plural*, 14, 1-21. <http://dx.doi.org/10.5212/TerraPlural.v.14.2013360.031>

Nobre, M. T., & Barreira, I. A. F. (2020). A letra e a vida: descompasso entre cotidiano e burocracia nas políticas para a população de rua. *Psicologia em Revista*, 26(1), 471-491. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p460-480>

Nobre, M. T., Amorim, A. K. A., & Frangella, S. (2019). Etnografia, cartografia, etnocartografar: diálogos e composições no campo da pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 24(1), 54-64. <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190007>

Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2009). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.

Rodrigues, G. S. S. C., & Ross, J. L. S. (2020). *A trajetória da cana-de-açúcar no Brasil: perspectivas geográfica, histórica e ambiental*. EDUFU.

Romagnoli, R. C. (2014). O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 44-52. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>

Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. [https://www.abennacional.org.br/site/wpcontent/uploads/2020/04/Livro\\_Boaventura.pdf](https://www.abennacional.org.br/site/wpcontent/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf)

Santos, C. F., Schistek, H., & Oberhofer, M. (2007). *No semiárido, viver é aprender: Conhecendo o semi-árido em busca da convivência*. <https://irpaa.org/publicacoes/cartilhas/no-semiarido-viver-e-aprender-a-conviver.pdf>

Santos, S. F. (2019). A Questão Agrária no Brasil: da Revolução Verde ao Agronegócio. In: H. T. Novaes, A. D. Mazin, & L. Santos (Org.), *Questão agrária, cooperação e agroecologia* (3ª ed., pp. 39-58). Lutas Anticapital.

Sousa, W. L., & Nobre M. T. (2022). A população em situação de rua e suas multi-plicidade. In: V. Ximenes, A. Esmeraldo, & C. E. Esmeraldo Filho (Orgs.), *Viver nas ruas – trajetórias, desafios e resistências*. Expressão Gráfica e Editora.

Venturini, E. (2012). Prefácio. In L. Antonio, *O veludo, o vidro e o plástico: desigualdade e diversidade na metrópole* (pp. 11-17). Editora da UFF.

# AS MULHERES RURAIS NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA NO BRASIL: PERCEPÇÕES A RESPEITO DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL E CIDADANIA.

Maria Alane Pereira de Brito  
Suely Salgueiro Chacon

## **Introdução**

A preocupação de organizações e grupos sociais do campo, das águas, e das florestas, bem como a sociedade em geral, tem levado a fortes discussões sobre a necessidade de produzir alimentos mais saudáveis e de menor dano a natureza, desde o final do século XIX. Nesse contexto, o tema da agricultura agroecológica ganha notória força, sendo reconhecida por diversas frentes de apoio, incluindo espaços de debates acadêmicos, bem como, alçado ao posto de política pública estabelecida por lei.

Os movimentos sociais, principalmente o de mulheres do campo, tiveram vasta contribuição na construção da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo), instituída em 2012, através do Decreto nº 7.794, mediante intensas reivindicações nas várias edições da Marcha das Margaridas, principal movimento de mulheres rurais do Brasil. Tal política é um marco das lutas destes movimentos no país.

Para tanto, pensar sobre a participação dessas mulheres, num contexto social marcado pelo patriarcalismo, em que, determina-se na agricultura familiar, por exemplo, o homem como chefe da família e por esse motivo, o interlocutor do Estado nas políticas públicas para tal setor, é observar também, como o processo de alargamento da democracia, expresso na crescente participação da sociedade civil nos processos de discussão e de tomada de decisão política, geram percepções acerca do exercício da cidadania, que há muito tempo não integrava as mulheres e muito menos, as que vivem no campo.

Ademais, faz-se necessário pensar no atual contexto político-econômico-social do país, onde políticas como a Pnapo encontram-se desmobilizadas, e que o fenômeno da pandemia da Covid-19

trouxe à tona discussões do acesso à saúde, incluindo a forte demanda por uma segurança alimentar e nutricional.

Portanto, a pesquisa objetiva analisar a contribuição dos movimentos sociais das mulheres rurais na construção da pauta e de políticas públicas relacionadas a agroecologia no Brasil, sob as lentes da participação social e da cidadania nesse percurso histórico, trazendo reflexões acerca do contexto atual do século XXI. No que tange a metodologia, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, cuja coleta de dados se deu a partir da pesquisa bibliográfica e documental, em artigos advindos de Revistas Científicas e Periódicos, bem como Leis e Decretos disponibilizados nos sites governamentais.

Assim, é possível perceber uma sólida relação entre a organização das mulheres e o avanço da pauta agroecológica no Brasil, incluindo o fato de que a bandeira da agroecologia foi inserida inicialmente pelas mulheres para os movimentos do campo. Todavia, trata-se de uma luta constante, especialmente no que tange ao atual contexto político de desmobilização das políticas públicas nesse âmbito, por isso o artigo pretende dar visibilidade a esta pauta como forma de contribuir também com esse movimento.

## **Procedimentos Metodológicos**

O trabalho traz uma abordagem qualitativa, pois trata-se de um método que descreve as informações obtidas não mensuráveis, em que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa (Rodrigues, 2007). Além disso, definimos a pesquisa como teórica, onde Demo (2000), ressalta que a mesma objetiva reconstruir teorias e conceitos, bem como, aprimorar fundamentos teóricos.

Nesse sentido, utilizou-se para a coleta de dados, partir de Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa Documental, em que Gil (2008) define a primeira, como aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, constituída principalmente de livros de artigos científicos, permitindo ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla. E a segunda, consiste na exploração de fontes documentais, como documentos, sites governamentais, leis e decretos.

Assim, foram utilizados livros e artigos científicos de autores como: Akotirene (2019); Butto (2017); Sturza e Maciel (2016); Dagnino (2004); Sales (2007); Marra e Jesus (2017); Siliprandi (2015); Trovatto et al. (2017), Alvarez e Mota (2010); bem como cartilhas da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), dentre outros.

## **Resultados**

Nesse tópico, apresentamos como resultados, a percepção de uma sólida relação entre a organização das mulheres e o avanço da pauta agroecológica no Brasil, incluindo o fato de que a bandeira da agroecologia foi inserida inicialmente pelas mulheres para os movimentos do campo. Assim, o aprofundamento de tais conclusões é exposto a seguir:

### **Movimentos de Mulheres Rurais, Participação Social e Cidadania**

Ao longo da história, a vida das mulheres tem sido marcada por lutas e resistências, num contexto onde a sociedade mantém o homem no poder de tantas formas. Nesse sentido, os movimentos sociais entram como principal ferramenta para lutar pelos seus direitos, num processo de fortalecimento da cidadania e construção de políticas públicas imbuídas do propósito de mudança social. Assim, as mulheres através dos movimentos sociais obtiveram muitas conquistas políticas e sociais até a atualidade, dessarte a importância de compreendê-los e refletir suas nuances.

O movimento feminista trata-se de um conjunto de discursos e práticas que primazia a luta de mulheres como objeto de denúncia da desigualdade social, propondo uma ressignificação da sociedade onde as problemáticas de ordem patriarcal são abolidas. Desde seu surgimento, o feminismo tem ganhado muitas faces e abarcado causas para além da desigualdade entre os gêneros.

Da “primeira onda” do feminismo do século XIX, onde as sufragistas francesas lutavam pelo direito ao voto, muitas outras pautas e demandas foram sendo visibilizadas por outros movimentos de mulheres. As mulheres negras protestavam outras questões e violências, explanadas fortemente pelo conceito de interseccionalidade de

Kimberlé Crenshaw (1989) no qual refere-se à busca por capturar as consequências estruturais e as dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, tratando especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (citado por Akotirene, 2019, p. 42). Esse conceito expõe os cruzamentos e sobreposições do gênero, da raça e da classe, onde as mulheres negras são atingidas, e colocadas em situações de maior vulnerabilidade, bem como desfaz a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única.

As mulheres do campo, também compõem outra face desse movimento, onde Butto (2017) ressalta também nesse âmbito, entrecruzamentos das relações sociais no campo, em que há relações de opressão de gênero e classe, considerando a divisão sexual do trabalho e suas violências, bem como as relações étnico-raciais. As reivindicações desse público no Brasil, surgiram pelo direito à terra, no debate sobre Reforma Agrária, onde no início da década de 1980, as mulheres rurais começaram a participar em número crescente de sindicatos rurais e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e tais pautas foram obtidas formalmente na Constituição Federal de 1988.

Apesar das muitas distinções de lutas dentro do movimento de mulheres, uma pauta é comum: a busca pela igualdade social, no que tange a participação, ao exercício da cidadania, e a reivindicação de seu poder - nas suas histórias, na produção científica, nos seus corpos e seus espaços -, pois o domínio da ciência, da política, e das relações sociais como um todo, estiveram historicamente na égide dos homens.

Ao refletirmos por exemplo, sobre a cidadania em seu surgimento na Grécia antiga, Sturza e Maciel (2016) destacam que somente se consideravam cidadãos os homens livres, dos quais se excluía os escravos (utilizados como força de trabalho), bem como as mulheres e as crianças (hierarquicamente subordinadas ao chefe da família) e, finalmente, os estrangeiros (que não tinham o direito de opinar sobre uma sociedade a qual não pertenciam), assim, constatamos que tal conjuntura ainda insiste em permanecer enraizada na sociedade moderna.

A participação, no entanto, é reivindicação histórica desses movimentos sociais, e trata da prática de inclusão dos cidadãos no processo de discussão e decisão das políticas públicas. O marco formal desse processo é a Constituição de 1988, que consagrou o princípio de participação da sociedade civil, onde, Dagnino (2004) o destaca como um processo de alargamento da democracia, expresso na criação de espaços públicos e na crescente participação da sociedade civil nas decisões do Estado.

Pode-se perceber que nos anos 80, o Brasil compartilhou de um projeto democratizante e participativo, construído ao redor da expansão da cidadania e do aprofundamento da democracia, emergido da luta contra o regime militar empreendida por setores da sociedade civil, entre os quais os movimentos sociais desempenharam um papel fundamental (Dagnino, 2004). Esse mesmo período, marcou a forte atuação das mulheres rurais, na luta pela sua afirmação como agricultoras, como sujeitos políticos, que questionaram as relações de poder existentes no meio rural, e reivindicaram seus direitos especialmente, através de organizações autônomas de mulheres, e sindicais.

A inserção das mulheres rurais no campo político (sindicatos, associações, movimentos sociais, partidos políticos), de acordo com Sales (2007), possibilitou/possibilita um aprendizado coletivo, onde as organizações, os coletivos de trabalhadoras rurais, incentivaram não só a documentação, mas também levantaram uma discussão sobre direitos, cidadania, pois não bastava as mulheres se reconhecerem como produtoras e trabalhadoras, era preciso serem reconhecidas como tal.

Nesse sentido, é pertinente recordarmos a concepção de Marshall (1967) sobre cidadania, a qual constitui-se de uma dimensão civil, uma política e outra social, respectivamente compondo-se dos direitos civis, direitos políticos e direitos sociais. Onde:

Os direitos civis compreendem os direitos individuais de liberdade, igualdade, propriedade, liberdade de ir e vir, direito à vida, segurança individual etc. Os direitos políticos referem-se ao direito de participação, bem como à liberdade de associação e reunião, de organização política e sindical, à participação política e eleitoral, direito ao sufrágio universal. Os direitos sociais dizem respeito aos direitos ao trabalho, saúde, educação, aposentadoria, seguro-desemprego,

enfim, a garantia de acesso aos meios de vida e bem-estar social (Marshall, 1967, p.75).

Todos esses direitos ocupavam um espaço distante na vida das mulheres que vivem na zona rural, lugar estigmatizado, explorado e esquecido pelo poder público. Porém, a partir do envolvimento em movimentos sociais, conforme Sales (2007), essas mulheres se sentem fortalecidas e começam a produzir seus processos de reação à submissão, passam a reconhecer que possuem um determinado capital específico suficiente para formar um grupo de produção, ter uma renda, e depois de experimentar uma atividade produtiva rentável, não são as mesmas, já não se sentem tão prisioneiras, estão mais abertas às multiplicidades do mundo, sonham com liberdade e, assim, contagiam outras mulheres, afetando e sendo afetadas por esses desejos. Esses desejos transformam-se em mais lutas, e o acesso a informação – trazido pelo rompimento das barreiras estruturais de classe, gênero, raça – promovem mais consciência de seus espaços, de seus direitos, de seus conhecimentos, de suas vozes.

Nesse sentido, as organizações políticas das mulheres rurais brotaram em vários territórios brasileiros, atuando de formas distintas, de acordo com necessidades específicas de cada região. No Nordeste, o movimento de mulheres rurais cresceu e acolheu multiplicidades de ideias expressas nos grupos organizados, entre eles o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), os Coletivos Estaduais de Mulheres das Federações de Trabalhadores Rurais dos Estados, a Rede de Mulheres Trabalhadoras do Nordeste, o Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MTR) (Sales, 2007).

O percurso das lutas das mulheres rurais foi longo e marcado por muitas conquistas, mas também por muito suor, lágrimas e mortes. Esse movimento social fez-nos refletir não só sobre seus direitos, mas sobre questões como soberania alimentar, agroecologia e muitas outras importantes para nossa sociedade como um todo. Um marco disso, é a Marcha das Margaridas - maior evento de mulheres rurais realizado no Brasil -, surgido nos anos 2000, propondo um formato organizativo e a formulação de uma estratégia de ação coletiva própria, para dar reconhecimento e legitimidade à sua ação política, demonstrando, assim, uma grande força mobilizatória

(Aguiar, 2015). Marchando, essas mulheres do campo e da floresta, afirmam outras identidades na sua construção enquanto sujeitas políticas, pautando também novas questões. Não obstante, veremos no próximo tópico a contribuição desse movimento no fortalecimento da pauta da agroecologia no Brasil.

### **O Caminho da Agroecologia no Brasil**

A agricultura sempre foi uma importante forma de relação do ser humano com a natureza, provocando, ao longo do tempo, diferentes formas de impacto no meio ambiente. Nos últimos anos, a preocupação de organizações e grupos sociais do campo, das águas, e das florestas, bem como a sociedade em geral, tem levado a fortes discussões sobre a necessidade de produzir alimentos mais saudáveis e de menor dano a natureza.

A agroecologia entra nesse contexto, como um novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável, através da integração de saberes populares e científicos. De acordo com a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) (2019), a agroecologia é compreendida enquanto um conjunto de princípios e práticas que orientam nossas formas de habitar, conviver, comercializar, circunscrita por diferentes dimensões, como a cultural, a ecológica, a econômica, a social e a política, desdobrando-se em inúmeras experiências e iniciativas nos territórios.

Assim, o movimento de reconexão à uma agricultura ecológica, emerge a partir da percepção da brusca depredação da natureza pelos avanços da agricultura, da indústria e do consumo crescente de alguns recursos naturais não renováveis, impulsionados principalmente pela chamada “Revolução Verde” no final do século XIX.

Posteriormente, em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e os Direitos Humanos (CNUMAD) promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Estocolmo, desperta grupos ligados às questões ambientais que começam a empregar o termo ecodesenvolvimento para ressaltar a relação entre meio ambiente e desenvolvimento das zonas rurais nos países em desenvolvimento (Alvarez & Mota, 2010). Nesse momento, o tema da relação das mulheres com o meio ambiente começava

a se esboçar nesses espaços de negociação internacional, onde se estabeleceu no âmbito da ONU, em 1987, um GT Mulheres para o Desenvolvimento Sustentável enfatizando o papel central das mulheres no gerenciamento dos recursos naturais (Siliprandi, 2015).

Além disso, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, as políticas públicas brasileiras passaram a incluir práticas como o manejo integrado dos solos e das águas, além de enfatizar as preocupações com a inclusão social dos pequenos agricultores. Destarte, novas leis sobre o uso dos agrotóxicos e sobre o manejo dos solos e das águas são aprovadas, surgindo também, no mesmo período, as primeiras organizações não governamentais (ONGs) envolvidas com o tema (Trovatto et al., 2017).

Nesse contexto, o tema da agricultura agroecológica ganha notória força, sendo reconhecida por diversas frentes de apoio no âmbito das políticas públicas, segundo Trovatto et al. (2017): a criação do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) com diretrizes ao apoio do desenvolvimento rural sustentável e solidário; a inserção da agroecologia nas diretrizes e objetivos da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Pnater (Lei n. 12.188/2010); a criação de linhas especiais de crédito para a agroecologia e produção orgânica no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf); a sanção da Lei da Agricultura Familiar (Lei n. 11.326), que integrava conceitos e diretrizes ao esforço do desenvolvimento rural de base agroecológica; e as pesquisas em agroecologia realizadas e apresentadas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Todavia, pode-se ressaltar também que a agroecologia está estreitamente ligada a mulher do campo, pela sua posição de cuidado com a casa e com a família, espaço este imposto pela divisão sexual do trabalho - que vem sendo desconstruída pelas mesmas ao longo dos anos -, fazendo com que fossem as principais responsáveis pela manutenção da unidade familiar, assumindo o controle pelos hábitos alimentares da família. Segundo Menasche et al. (2008), a produção para o autoconsumo é atividade preponderantemente feminina, além de serem as mulheres as responsáveis pelas trocas dentro da comunidade que possibilitam diversificar o cardápio da unidade familiar e atualizar os vínculos sociais, estabelecendo relações de uma agricultura sustentável e vários outros valores culturais e simbólicos.

Nesse sentido, a agroecologia se evidencia nas práxis da mulher rural, conforme Marra e Jesus (2017), baseia-se na utilização dos saberes tradicionais, na produção de alimentos saudáveis sem uso de agrotóxicos, no cuidado com a preservação das sementes crioulas e na recusa aos transgênicos, no estabelecimento de relações produtivas baseadas em redes de solidariedade. Ademais, as autoras ressaltam que a valorização do conhecimento e das práticas dessas mulheres, associada ao questionamento da divisão sexual do trabalho por elas vividas, é crucial para a consolidação deste novo paradigma de desenvolvimento que é a agroecologia (Marra & Jesus, 2017).

Visto a importância desse conhecimento, as mulheres rurais passaram a inserir essa pauta muito fortemente em seus movimentos, principalmente na Marcha das Margaridas. De acordo com Butto (2011) observa-se, uma ação dirigida a dar visibilidade às diversas formas de reprodução social da agricultura familiar camponesa, que destaca a contribuição do trabalho das mulheres para a melhoria da segurança alimentar e nutricional da família, ganhando importância, também, a relação com a agroecologia.

Uma poderosa conquista dessa luta, certamente trata-se da implementação da Política Nacional de Agroecologia de Produção Orgânica (Pnapo) em 2012, política inédita que respalda a produção de base agroecológica no Brasil. E foi a partir da IV Marcha das Margaridas realizada em 2011, que reivindicou maior relevância ao desenvolvimento de um plano nacional para apoiar ações no campo da agroecologia, conforme as experiências bem-sucedidas que foram desenvolvidas pelos trabalhadores rurais e pelas instituições não governamentais e de pesquisa (ANA, 2011).

A Política Nacional de Agroecologia de Produção Orgânica (Pnapo) foi instituída em 2012, através do Decreto n. 7.794, com o objetivo principal de integrar, articular e adequar as diversas políticas, programas e ações desenvolvidas no âmbito do governo federal, que visam induzir a transição agroecológica e fomentar a produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para a produção sustentável de alimentos saudáveis e aliando o desenvolvimento rural com a conservação dos recursos naturais e a valorização do conhecimento dos povos e comunidades tradicionais (Trovatto et al., 2017).

Além disso, Emma Siliprandi (2015), em sua obra: “Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas”,

que traz como referência a história de mulheres de várias regiões, com distintas trajetórias e diferentes formas de inserção social, econômica e política e participação no movimento agroecológico, ressalta que partir da década de 1990, surgiram várias organizações e redes que colocavam foco na agroecologia e na formulação de políticas públicas para o setor, mostrando que o processo de legitimação da agroecologia dentro dos movimentos sociais teve sucesso graças ao protagonismo das mulheres camponesas e suas organizações. Os autores Moreira e Londres (2017) também reforçam esse fato, ao relatarem que esta década, de 1990 foi um período em que as organizações da sociedade civil, voltaram-se fortemente para seus programas de desenvolvimento local, em interação com outras organizações e grupos locais formando redes locais de agroecologia que envolviam sindicatos, associações comunitárias, paróquias, pastorais, grupos de mulheres e jovens, entre outros.

Nesse sentido, é possível perceber a indubitável contribuição que as mulheres do campo deram e dão ao movimento agroecológico no Brasil, mostrando que a igualdade de gênero não é uma luta à parte da agricultura familiar ou da agroecologia, e sim questões inseparáveis, intrínsecas, que caminham lado a lado na construção de uma sociedade e um mundo melhor.

## **Conclusão**

Percebemos então, uma sólida relação entre a organização das mulheres e o avanço da pauta agroecológica no Brasil. Além disso, a participação social da mulher do campo em espaços políticos e sociais, demonstra a potência de suas constantes e incansáveis lutas pela igualdade dentro e fora do contexto rural, no qual viola seus direitos à cidadania, quando a sociedade e o Estado invisibiliza sua existência.

Todavia, essas conquistas, infelizmente, têm passado por um processo de desmonte, através de cortes orçamentários e extinção de algumas políticas e programas sociais, desde o ano de 2017. Inclusive a própria Política Nacional de Agroecologia de Produção Orgânica, só executou por completo a primeira edição do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo) - principal instrumento de execução da política - lançada em 2013 e executada no período

2013-2015, já a segunda edição foi lançada em 2016 e seria executada em 2016-2019, a qual foi interrompida pelos acontecimentos políticos acontecidos acerca do chamado Golpe de 16. Esse fato, evidencia um modelo político pouco comprometido a efetivar o direito humano à alimentação saudável, bem como a preservação do meio ambiente.

Concomitantemente, a pandemia da Covid-19 nos mergulhou profundamente, num cenário de crise social e sanitária, colocando em xeque a saúde e expondo muitos territórios brasileiros à vulnerabilidade. As desigualdades sociais continuaram a crescer, conseqüentemente, o machismo, a violência, a fome, e todas as mazelas sociais que atormentam, principalmente, as mulheres. Segundo Verenicz (2022) no jornal Carta Capital, a fome cresce no Brasil e atinge 33,1 milhões de pessoas neste ano, enquanto a agricultura familiar, a agroecologia, dentre tantas outras políticas sociais caem no limbo do poder público e encarnam um cenário de crise, articulando-se com as mais diferentes formas de violência com a população brasileira.

Contudo, em meio a este cenário caótico, um paradoxo emerge. Ao passo que a Pnapo é fragilizada, a pauta da agroecologia ganha notoriedade e mais uma vez é reafirmada como uma solução para muitas problemáticas sociais, pois a agroecologia além de proporcionar às famílias rurais, benefícios socioeconômicos e ambientais significativos, também alimentaria as massas urbanas de maneira equitativa e sustentável. Porém, perceber essa alternativa como meio de melhoria da saúde coletiva e da desigualdade ainda não é suficiente para retomar o avanço dessa pauta no âmbito governamental, por isso as mulheres do campo continuam lutando.

## **Agradecimento**

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo fomento que permite a realização de pesquisas como esta.

## Referências

Aguiar, V. V. P. (2015). *Somos todas Margaridas: Um estudo sobre o processo de constituição das mulheres do campo e da floresta como sujeito político* [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas. [http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/sites/default/files/publicacao/tese\\_somos\\_todas\\_margaridas\\_finalizada\\_03\\_de\\_agosto\\_de\\_2015\\_1.pdf](http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/sites/default/files/publicacao/tese_somos_todas_margaridas_finalizada_03_de_agosto_de_2015_1.pdf)

Alvarez, A. R., & Mota, J. A. (2010). *Sustentabilidade ambiental no Brasil: biodiversidade, economia e bem-estar humano* (7ª ed.). IPEA.

Ana, A. N. A. (2011). *Pauta Marcha das Margaridas 2011*. Agroecologia.org. Consultado a 30 de 08 de 2022. <https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2012/05/marcha-das-margaridas-2011.pdf>

Ana, A. N. A., & Aba, A. B. A. (2019). Cultivando diálogos e convergências: Colhendo saúde e agroecologia. In A. C. Burigo et al. (Eds.), *Caderno de estudos: saúde e agroecologia* (pp. 12-15). Fiocruz.

Butto, A., & Dantas, I. (Orgs.) (2011). *Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural*. Curadoria ENAP.

Butto, A. L. (2017). *Movimentos sociais de mulheres rurais no Brasil: A construção do sujeito feminista* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Pernambuco. <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/25468/1/TESE%20Andrea%20Lorena%20Butto%20Zarzar.pdf>

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. In C. Akotirene (Ed.), *Interseccionalidade* (pp. 13- 33). Editora Pólen.

Dagnino, E. (2004). Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In D. Mato (Eds.), *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. (pp. 95-110). Editora Faces.

Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. Atlas.

Marra, C. A., & Jesus, L. M. K. (2017). As contribuições dos movimentos de mulheres rurais para o avanço da pauta agroecológica no Brasil: Participação social na construção e consolidação da Po-

lítica Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*. [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1502995845\\_ARQUIVO\\_MulheresnaPNAPO-ArtigodeCarolinaMarraeLiviaKalil.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1502995845_ARQUIVO_MulheresnaPNAPO-ArtigodeCarolinaMarraeLiviaKalil.pdf)

Marshall, T. H. (1967). *Cidadania, classe social e status*. Zahar.

Menasche, R., Marques, F. C., & Zanetti, C. (2008). Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. *Revista de Nutrição*, 21, 145-158. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732008000700013>

Monteiro, D., & Londres, F. (2017). Pra que a vida nos dê flor e frutos: Notas sobre a trajetória do movimento agroecológico no Brasil. In R. H. R. Sambuichi, I. F. Moura, L. M. Mattos, M. L. Ávila, P. A. C. Spínola, & A. P. M. Silva (Eds.), *A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável* (pp. 53-86). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.

Sales, C. M. V. (2007). Mulheres Rurais: Tecendo novas relações e reconhecendo direitos. *Estudos Feministas*, 2(15), 437-443. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200010>

Siliprandi, E. (2015). *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Editora UFRJ.

Sturza, J. M., & Maciel, R. Democracia, cidadania e direitos humanos: a conjuntura atual do Estado Democrático de Direitos. *Argumenta Journal Law*, 23, 253-281. <https://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/642>

Trovatto, C. M. M., Bianchini, V., Souza, C., Medaets, J. P., & Ruano, O. (2017). A construção da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica: Um olhar sobre a gestão do primeiro Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. In R. H. R. Sambuichi, I. F. Moura, L. M. Mattos, M. L. Ávila, P. A. C. Spínola, & A. P. M. Silva (Eds.), *A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável* (pp. 87-116). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.

Verenicz, M. (08.06.2022). *Fome cresce no Brasil e atinge 33,1 milhões*

*de pessoas em 2022: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar mostra que só 4 entre 10 famílias conseguiram pleno acesso à alimentação durante a pandemia.* Carta Capital. Consultado a 06 de 09 de 2022. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fome-cresce-no-brasil-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas-em-2022/>.

# ROL DE LAS ASOCIACIONES CAMPESINAS EN EL FORTALECIMIENTO PSICOLÓGICO DE SUS MIEMBROS

Ginny Rocio Luna Rodríguez

## Introducción

Uno de los objetivos de la psicología comunitaria, es impulsar procesos de cambio social de las comunidades, en los que las personas puedan tomar decisiones frente a condiciones que resulten adversas para el logro de sus propósitos y así solucionar problemas (Montero, 2006). Esto implica, que sean capaces de reconocer la fuente de la adversidad, así como los recursos con que cuentan y lo que requieren para propiciar cambios en las condiciones de sus vidas. En la psicología comunitaria este proceso es entendido como parte del empoderamiento, fortalecimiento o potenciación, que puede estar focalizado tanto en las personas, como en grupos organizados y en las comunidades o grupos sociales amplios.

El empoderamiento es el proceso mediante el cual las personas son capaces de incidir en su entorno, tomando control sobre el destino de sus vidas, gracias al reconocimiento de las condiciones de su contexto, de sus actores y de sus propios recursos; que le permiten movilizarse y actuar en función de objetivos propuestos (Rappaport, 1987; Montero, 2006). Este proceso, que se enmarca en una visión ecológica del desarrollo del ser humano, lleva implícitos procesos psicosociales, es decir, la relación interdependiente entre la persona (como individuo), con otros y con su contexto, ubicando así distintos niveles de empoderamiento: El primero denominado Empoderamiento Psicológico, delimita los procesos emocionales, cognitivos, relacionales y conductuales de las personas (Zimmerman, 2000; Christens, 2012); el segundo, el Organizacional, permite identificar condiciones en las que organizaciones pueden generar condiciones para el empoderamiento de las personas, o usar su poder para el logro de sus metas como grupo social organizado; el tercero, Empoderamiento Comunitario, que abarca procesos que impactan relaciones y dinámicas sociopolíticas de orden macrosocial (Zimmerman,

2000). Este artículo se centra en el nivel organizacional del empoderamiento, como escenario en el que se encuentran estructuras y dinámicas que promueven la identidad social, aprendizajes de roles diversos y con ello el fortalecimiento de capacidades personales y colectivas, oportunidad para la toma de decisiones, la generación de vínculos y redes de apoyo social, el reconocimiento y participación de sus integrantes; así como también aborda la organización como sujeto de acción para el logro de metas, articulación con otras organizaciones e influencia sobre políticas y sistemas en la comunidad (Zimmerman, 2000; Christens, 2019).

Estudios que han centrado su interés en comprender cómo es que en el nivel organizacional del empoderamiento se promueven condiciones para que tanto las personas como la organización logren sus metas, evidencian que el agruparse, trabajar junto con otros, promover la participación, la conexión emocional y el intercambio de experiencias mejoran el empoderamiento psicológico (Speer & Hughey, 1995; Kroeker, 1995; Christens et al., 2014; Christens, 2019). De manera específica, se encuentran indicadores que detallan procesos y resultados del empoderamiento organizacional que se ubican al interior de las organizaciones (componente intraorganizacional), en las relaciones que se crean con otras organizaciones (componente interorganizacional) y en el impacto que se produce en el medio en donde se ubica la organización (componente extraorganizacional), (Maton & Salem, 1995; Peterson & Zimmerman, 2004). Así mismo, se han encontrado evidencias que muestran cómo los procesos de participación, fortalecimiento de vínculos entre las personas y el sentido psicológico de comunidad dentro de la organización, tienen un efecto importante en el empoderamiento psicológico de sus miembros (Speer et al., 2013; Itzhaky & York, 2000; Peterson et al., 2008; Hughey et al., 2008), de manera que la organización se convierte en escenario potenciador de sus integrantes. Teniendo en cuenta estos indicadores de procesos y resultados, lo que en este estudio se propone es, profundizar en la comprensión de los rasgos característicos de las asociaciones campesinas, como organización que puede fortalecer las capacidades de sus miembros y promover su empoderamiento psicológico (organizaciones potenciadoras) y diferenciarlas de aquellas que están empoderadas.

Ahora bien, la investigación toma a las asociaciones campesinas que son reconocidas por el Ministerio de Agricultura de Colom-

bia, como organizaciones de carácter privado, sin ánimo de lucro, integradas por mujeres y hombres, cuyo objeto principal es la interlocución con el Gobierno en materia de reforma agraria, crédito mercado y asistencia técnica (decreto 2716 de 1994). A partir de esta definición, se asume que la creación de una asociación campesina se establece bajo tres supuestos: Primero, que de manera voluntaria, las personas se agrupan para buscar recursos como capacitación técnica, apoyo económico, intercambio de aprendizajes, entre otros; para impulsar el mejoramiento de la productividad de los campesinos e impactar su calidad de vida; segundo, a partir de ese interés se establece un trabajo conjunto sobre la base de un principio solidario, en el que participan y se reconocen todos sus miembros; tercero, al ser el escenario reconocido para interactuar con el gobierno nacional y local, en función del acceso a diversos beneficios se estimula su creación, y la consolidación de su funcionamiento dependerá de las experiencias previas de asociación, del éxito en la participación de convocatorias y de las dinámicas de desarrollo propias de cada una de ellas.

Estos condicionantes pueden generar una diversidad de asociaciones que pueden ir desde aquellas que solo se conforman en función de una convocatoria y una vez terminado el proceso de selección, si no son elegidas se desintegran, hasta asociaciones que se consolidan en el logro de sus propósitos de mejoramiento de calidad de vida de sus integrantes, fortaleciéndose a partir de los apoyos externos, pero también desde la identificación y capitalización de sus recursos propios. Por lo tanto, lo que aquí se propone es una tipología de asociaciones, que ayuda a identificar y comprender las características de cada una de ellas, a partir de los aspectos dominantes sobre sus dinámicas de empoderamiento. Los rasgos en cada tipología, se plantean a partir de la revisión teórica y conceptual de diversos estudios, como se detallará en el método.

## **Método**

La investigación se desarrolla bajo un enfoque interpretativo en la orientación cualitativa y con una metodología de estudio de casos de tipo explicativo que puede dar cuenta de la relación entre los componentes de la unidad de análisis (Díaz et al., 2011), de manera

tal que dentro de los casos estudiados, bajo un diseño comparativo, se pueda dar cuenta de cómo es que las características de las asociaciones campesinas pueden afectar positivamente (como impulsores) el empoderamiento de las mujeres rurales. Así mismo, entendiendo que la revisión de empoderamiento que se pretende hacer en esta investigación compara procesos de mujeres y hombres, es importante resaltar la orientación feminista dentro de la investigación, pues desde la lógica cualitativa, se han visibilizado las necesidades de las mujeres, sus condiciones de opresión y la movilización de cambios en las dinámicas sociales, en favor de su reconocimiento y posicionamiento (Flick, 2009; Güereca et al., 2016). Esto significa, que en la investigación feminista existe una mirada crítica a los órdenes establecidos socialmente, pues de ella, no sólo emergen estructuras de conocimiento que enriquecen la comprensión del género, sino que además hace evidente cómo se construyen en las prácticas diarias, cómo afecta a las personas y cómo se pueden movilizar.

### **Participantes y Procedimiento de Selección de Casos**

La identificación de los casos se hizo a partir de la revisión teórica y empírica que permitió ubicar rasgos del componente intraorganizacional (Maton & Salem, 1995; Peterson & Zimmerman, 2004) y las dinámicas estudiadas como factores que favorecen el empoderamiento psicológico de las personas que hacen parte de las organizaciones (Itzhaky & York, 2000; Peterson et al., 2005; Peterson et al., 2008; Hughey et al., 2008; Speer et al., 2013). Se establecieron categorías de análisis que, a modo de temas de entrada, orientaron la clasificación de cuatro organizaciones diferentes, según el tipo de empoderamiento, cruzando rasgos de organizaciones que pueden ser potenciadoras de sus miembros (impulsar el empoderamiento psicológico) y organizaciones que pueden estar empoderadas, así:

- Organización tipo de empoderamiento 1, aquella que tiene rasgos como empoderada, es decir, tiene un posicionamiento y reconocimiento en la comunidad por su gestión y cumplimiento de sus metas; es una organización potenciadora, es decir, promueve condiciones para el empoderamiento psicológico de sus miembros; se asume que las mujeres están empoderadas de su rol dentro de la organización y en otros esce-

narios de su vida.

- Organización tipo empoderamiento 2, aquella que prioriza sus acciones en el logro de sus metas como organización; en ese sentido son eficientes, pero no necesariamente se preocupan por promover acciones que les permita a sus miembros, el logro de sus objetivos personales y el fortalecimiento de sus capacidades.
- Organización tipo empoderamiento 3, responde a rasgos en donde se priorizan acciones para el fortalecimiento de las capacidades de sus miembros, sin preocuparse por el logro de sus objetivos como organización. Son viables en la medida que se mantienen a lo largo del tiempo, promueven la cohesión entre sus miembros, pero podrían considerarse poco eficientes con el cumplimiento de sus metas, o no tener una proyección de impacto hacia la comunidad.
- Organización tipo empoderamiento 4, tienen rasgos de una organización débil, que no logra sus objetivos ni genera condiciones para que los miembros fortalezcan sus capacidades. No están empoderadas como organización, ni son potenciadoras de sus miembros.

El lugar en donde se desarrolla la investigación es la subregión suroccidental del departamento Norte de Santander (Colombia), conformada por los municipios de Pamplona, Mutiscua, Silos, Chitagá, Cácuta y Pamplonita. La población total de esta subregión es de 86.086 personas, de las cuales 27.413 se encuentran en zonas rurales, en 149 veredas (Gobernación de Norte de Santander, 2020). La unidad de observación de este escenario fueron 6 asociaciones campesinas (4 asociaciones de mujeres y 2 mixtas), ubicadas entre los municipios de Pamplona, Mutiscua, Cácuta y Chitagá, que fueron contactadas por medio de expertos que conocen y trabajan proyectos con las asociaciones campesinas existentes en la provincia de Pamplona, y por lo tanto dan referencia de sus dinámicas. Dichos expertos facilitaron la identificación preliminar de las asociaciones de acuerdo con los siguientes criterios: a) viabilidad, es decir, que tengan un funcionamiento en los últimos seis meses y ofrezcan servicios a sus miembros; b) que estén creadas con objetivos que favorezcan a

las comunidades campesinas en términos de acceso a recursos, insumos, servicios, defensa de sus derechos, capacitación y bienestar; c) que hayan emprendido acciones para gestionar y acceder a recursos necesarios para el logro de sus objetivos; d) que tengan o hayan tenido mujeres ocupando cargos directivos o liderando procesos.

A partir de la ubicación, identificación y selección de las asociaciones campesinas, se contactaron a los líderes de las asociaciones para solicitar autorización e información de contacto a los miembros de la asociación. Los participantes fueron seleccionados teniendo en cuenta los principios del muestreo teórico (Flick, 2007; Straus & Corbin, 2002), con los siguientes criterios de inclusión de participantes:

- Miembros de la junta directiva como líderes reconocidos dentro de la asociación.
- Miembros de la asociación campesina que participan en sus actividades y no tienen un liderazgo reconocido.

Como criterios de exclusión se establecieron: a) miembros con una vinculación inferior a seis meses; b) familiares de los miembros de la asociación que participan en sus actividades.

Se realizaron 22 entrevistas semiestructuradas de acuerdo con la saturación de datos, a 17 mujeres y 5 hombres entre los 19 y 58 años, que indagaron en las dinámicas de seis asociaciones campesinas distribuidas como se presenta en la tabla 1.

**Tabla 1** - *Clasificación de asociaciones campesinas por tipología de empoderamiento y participantes en cada asociación campesina.*

	Organización potenciadora			Organización no potenciadora		
Organización empoderada	Tipología 1			Tipología 2		
	Nombre de la asociación	Participantes		Nombre de la asociación	Participantes	
		M	H		M	H
	Asociación de Agricultores de Mutiscua - ASOGRIMUTIS	2	3	Asociación de Productores de Leche de Mutiscua y Silos - ASPROMUSIL	2	2

Organización no empoderada	Tipología 3			Tipología 4		
	Nombre de la asociación	Participantes		Nombre de la asociación	Participantes	
		M	H		M	H
	Asociación de Mujeres de la Provincia de Pamplona	5	0	Mujeres Emprendedoras de Silos	1	0
	Mujeres Soñadoras Artesanas de Cócota	3	0	Asociación de Mujeres de Llano Grande	4	0

## Técnica de Análisis

Las categorías establecidas como temas de entrada orientaron la recolección de los datos, y a partir de ellas se realizó un análisis deductivo, es decir, desde la revisión de marcos teóricos, se estructuraron temas que, a manera de conceptos previos, apoyaron la organización y comprensión de la información recolectada. El análisis temático realizado permitió la identificación de patrones dentro de los datos y teorizar a partir del lenguaje, las experiencias, significados, eventos, sentidos, que los participantes dieron a sus realidades. (Braun & Clarke, 2006).

## Resultados y Discusión

Lo expuesto en este artículo hace parte de la primera fase de la tesis doctoral que explora los procesos de empoderamiento de las mujeres rurales de asociaciones campesinas, desarrollada en el doctorado de Psicología Social y de las Organizaciones de la Universidad de Barcelona y responden al objetivo de comprender las características de las asociaciones campesinas que impulsan el empoderamiento de sus miembros, a partir de la comparación de distintas características empoderadoras de la organización.

En la tabla 2 se muestran las características relevantes de la asociación campesina para el empoderamiento psicológico de sus miembros, lo que significa que los resultados dan cuenta de los casos que para el objetivo de la investigación se consideran exitosos, es decir, los que se ubican en las tipologías 1 y 3, que corresponden a organizaciones que generan condiciones favorables al empoderamiento psicológico de sus miembros.

**Tabla 2 - Características de los casos exitosos**

Nombre de la asociación	Caso exitoso	Año de creación	Naturaleza de la asociación	Número de asociados	Participantes entrevistados	
					M	H
Asociación de Agricultores de Mutiscua	Tipo 1	2000	Mixta	32	2	3
Asociación de Mujeres de la Provincia de Pamplona	Tipo 2	2019	Mujeres	26	5	
Mujeres Soñadoras Artesanas de Cácuta	Tipo 2	2018	Mujeres	15	3	

Es importante destacar la participación de la mujer en cada caso exitoso, ya que se encontró que la creación de las asociaciones fue impulsada y gestionada por ellas, que, gracias a experiencias previas de asociatividad, formaron nuevas. Esto significa que se capitalizan los aprendizajes para impulsar nuevos procesos en condiciones de mayor reconocimiento de la labor de la mujer dentro de la asociación y en la ruralidad, más allá del cuidado del hogar. Unido a esto, en el caso de las asociaciones de mujeres se encontró que sus parejas e hijos, participan en diferentes actividades propias de cada una, de manera que los hombres son reconocidos e integrados a espacios dominados por mujeres.

La descripción de los resultados se inicia por la identificación de los roles que se desempeñan en las asociaciones pues como lo dice Maton & Salem (1995), en la medida que haya mayores oportunidades para ocupar diversos roles, más habilidades pueden desarrollar las personas dentro de una organización y por lo tanto, un mayor desarrollo de su confianza, lo que se relaciona con el componente intrapersonal del empoderamiento psicológico de control de dominio y percepción de capacidades (Zimmerman, 1995). En ese sentido, los roles que se desempeñan en las asociaciones campesinas se agrupan así:

- 1 - Los de liderazgo, que se ocupan en los cargos directivos. Pueden ser rotativos, pero quien ocupa la presidencia o representación legal tiende a ser más estable en el tiempo.

2 - Los de asociados, que establecen formas de participación distintas en actividades de capacitación, gestión de insumos, intercambio de experiencias sobre la producción, actividades lúdicas y recreativas, asistencia a asambleas y reuniones.

3 - Los propios de la actividad productiva, se centran en lo agrícola y de procesamiento de alimentos, artesanías, comercialización y venta de los productos.

Del liderazgo se especifican dos dimensiones: Sus características y sus formas de expresión. Dentro de las características que se destacan en las líderes es que generan confianza en los socios, reconociendo los aportes que ellos hacen en la toma de decisiones, motivando la participación en las distintas actividades, son capaces de confrontar los problemas que se presentan entre los socios en diálogo directo con cada una de las partes y se perciben como comprometidos y exigentes con sus propuestas. La forma como se ejerce el liderazgo es participativo, pues siempre se llevan a escenarios de discusión las propuestas y toma de decisiones en los que los socios e incluso sus familias, pueden opinar libremente; por otro lado, se percibe un interés de beneficio colectivo en las decisiones que se toman dentro la asociación.

La participación de las socias y socios en las diferentes actividades que se programan en la asociación son percibidos como favorables en distintos aspectos: El primero, porque gracias a las actividades de capacitación, se cualifica su oficio y con ello se mejora la calidad del producto; el segundo tiene que ver con los espacios lúdicos y recreativos que favorecen las relaciones interpersonales entre los asociados y sus familias, generando vínculos emocionales proclives al apoyo social; y el tercero, de reconocimiento, porque pueden sentirse útiles más allá de su labor productiva, pues están integrados a un proyecto que genera bien común. Esto es importante, porque dentro de las creencias que tienen mujeres y hombres sobre ser campesino se ven a sí mismos como tímidos y trabajadores; las mujeres de manera específica se consideran inseguras de sí mismas e inseguras para hablar; los hombres se perciben como fuertes físicamente y responsables. Así entonces, pertenecer a la asociación, fortalece su autoimagen porque dentro de ella encuentran valores que se articu-

lan entre las cualidades personales con las organizacionales como el respeto, la honestidad y la unión.

Finalmente, dentro de sus creencias, también hay una proyección individual y colectiva para consolidar un proyecto que les permita mejorar su calidad de vida e impactar el futuro de sus hijos.

La última temática para destacar, que se relaciona con los roles, es aquella que se relaciona con la productividad. El desarrollo de estos roles se consolida a partir del reconocimiento de diferentes saberes sobre su ocupación, desde los cuáles se impulsan acciones de cualificación que aportan al mejoramiento de la elaboración de sus productos y se aprenden otras habilidades propias de la cadena productiva, como el mercadeo, presentación del producto, venta y gestión, entre otros. El desarrollo de este rol trae beneficios reflejados en las ganancias económicas, en la integración entre los socios en equipos de trabajo, el desarrollo de competencias específicas y el aprendizaje de nuevos conocimientos que pueden aplicar a otros espacios de sus vidas.

En este aspecto, es importante destacar que, tanto en la asociación mixta, como en las de mujeres, se reconocen capacidades diferenciadas, por ejemplo, la fuerza en los hombres y la organización en las mujeres, que se valoran por igual para el alcance de las metas de la asociación y en ese sentido, se generan condiciones para la equidad.

## **Conclusiones**

El desarrollo de la investigación presentada permite caracterizar diversos aspectos psicosociales del proceso de empoderamiento de las personas que forman parte de una asociación campesina. En ese sentido, aporta en la comprensión de los mecanismos subyacentes en la relación entre los niveles psicológico y organizacional de la teoría del empoderamiento, ajustado a las condiciones de los contextos rurales que no son abordados tan ampliamente como las poblaciones urbanas.

En las asociaciones campesinas incluidas en el estudio, las mujeres tienen un rol protagónico, pues no solo fueron gestoras en su conformación, sino que han incidido en su desarrollo. Esto genera condiciones que garantizan mayor reconocimiento de su aporte y participación en el logro de sus objetivos. Unido a ello, se reconoce

que el tipo de liderazgo ejercido, se da sobre la base de un interés por el bienestar colectivo y el reconocimiento de las capacidades de cada socia y socio. Esto es fundamental para que las personas se sientan reconocidas a la vez que reconozcan sus capacidades, fortalezcan su confianza para tomar decisiones y se propicie el trabajo en equipo.

El empoderamiento psicológico de las personas que forman parte de las asociaciones campesinas tiene que ver con el beneficio que se genera en el tejido social, pues a partir de las diferentes actividades en donde participan las y los asociados, se consolidan vínculos emocionales que fortalecen redes de apoyo y por ende el sentido de pertenencia a la asociación.

Se reconoce que las dinámicas aquí descritas, dan cuenta de condiciones que aportan en el empoderamiento psicológico de sus integrantes, a partir de una tipología de organizaciones que se asumen como casos exitosos. Vale la pena hacer comparaciones en las dinámicas de asociaciones consideradas como casos no exitosos, para identificar si las dinámicas que inhiben el empoderamiento psicológico de sus miembros, así como el de la misma asociación; se relaciona con dinámicas de sistemas patriarcales en donde se establecen relaciones de poder sobre otros, la toma de decisiones está centralizada en el rol del líder, o se limita la participación a espacios de representación del hombre en la comunidad, por ejemplo.

Finalmente, es importante destacar que las siguientes fases de la investigación demandan la comparación del proceso de empoderamiento de mujeres y hombres que hacen parte de estas asociaciones y qué tanto dicho proceso responde de forma exclusiva a su experiencia dentro de la asociación, o si se relaciona con experiencias en otros escenarios de sus vidas.

## **Agradecimientos**

A mis directores de tesis Neus Roca Cortés y Moisés Carmona Ferrer, por acompañarme en este camino de descubrir nuevos mundos. A todas las campesinas participantes en este estudio, que cada día madrugan a luchar con esperanza por una vida con sentido.

## Referencias

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Christens B. D. (2012). Toward relational empowerment. *American journal of community psychology*, 50(1-2), 114–128. <https://doi.org/10.1007/s10464-011-9483-5>
- Christens, B., Inzeo, P., & Faust, V. (2014). Channeling Power Across Ecological Systems: Social Regularities in Community Organizing. *American Journal of Community Psychology*, 53(3-4), 419-431. <https://doi.org/10.1007/s10464-013-9620-4>
- Christens, B. (2019). *Community Power and Empowerment*. Oxford University Press.
- Díaz, S., Mendoza, V. & Porras, C. (2011). Un guía para la elaboración de estudios de caso. *Razón y Palabra*, 75, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199518706040>
- Flick, U. (2007). *Introducción a la Investigación Cualitativa* (2ª Ed.) Ediciones Morata y Paideia Galiza.
- Flick, U. (2009). Theoretical Positions Underlying Qualitative Research. In *An Introduction in Qualitative Research* (pp. 56-73). SAGE Publications.
- Gobernación de Norte de Santander (2020). Plan de desarrollo para Norte de Santander 2020-2023, “Más oportunidad para Todos”. <https://www.nortedesantander.gov.co/plan-de-desarrollo-norte>
- Güereca, R., Blásquez, L., & López, I. (2016). *Guía para la Investigación Cualitativa: etnografía, estudio de caso e historia de vida*. Universidad Autónoma Metropolitana.
- Hughey, J., Peterson, A., Lowe, J., & Oprescu, F. (2008). Empowerment and Sense of Community: Clarifying their Relationship in Community Organizations. *Health Education & Behavior*, 35(5), 651-663. <https://doi.org/10.1177/1090198106294896>
- Itzhaky, H. & York, A. (2000). Empowerment and Community Participation: Does gender make a difference? *Social Work Research*,

24(4), 225-234.

Kroeker, J. C. (1995). Individual, Organizational and Societal Empowerment: A Study of the processes in a Nicaraguan Agricultural Cooperative. *American Journal of Community Psychology*, 23(5), 749-764. <https://search-proquest-com.sire.ub.edu/docview/1295919404?accountid=15293>

Montero, M. (2006). *Teoría y práctica de la psicología comunitaria. La tensión entre comunidad y sociedad* (3ª ed.). Paidós.

Maton, K. & Salem, D. (1995). Organizational Characteristics or Empowering Community Settings: A Multiple Case Study Approach. *American Journal of Community Psychology*, 23(5), 631-656. <https://search-proquest-com.sire.ub.edu/docview/1295898200?accountid=15293>

Peterson, N. A. & Zimmerman, M. A. (2004). Beyond the Individual: Toward a Nomological Network of Organizational Empowerment. *American Journal of Community Psychology*, 34(1/2), 129-145. <http://search.ebscohost.com.sire.ub.edu/login.aspx?direct=true&db=ccm&AN=108037385&lang=es&site=ehost-live&scope=site>

Peterson, N. A., Lowe, J., Aquilino, M., & Schneider, J. (2005). Linking Social Cohesion and Gender to Intrapersonal and Interaccional Empowerment: Support and New Implications for Theory. *Journal of Community Psychology*, 33(2), 233-244. <https://doi.org/10.1002/jcop.20047>

Peterson, N. A., Speer, P. W., Hughey, J., Armstead, T. L., Schneider, J. E., & Sheffer, M. A. (2008). Community organizations and sense of community: Further development in theory and measurement. *Journal of Community Psychology*, 36(6), 798-813. <https://doi.org/10.1002/jcop.20260>

Presidencia de la República de Colombia (1994). Decreto 2716 de 14 de diciembre de 1994, por el cual se reglamenta el parágrafo 1 del artículo 30 del decreto 1279 de 1994, Colombia. <https://www.funccionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma.php?i=3341>

Speer, P. & Hughey, J. (1995). Community Organizing: An Ecological Route to Empowerment and Power. *American Journal of Community Psychology*, 23, 729-748. <https://doi.org/10.1007/BF02506989>

Speer, P., Peterson, A., Armstead, T. & Allen, C. (2013). The Influence of Participation, Gender and Organizational Sense of Community of Psychological Empowerment: the Moderating Effects of Income. *American Journal of Community Psychology*, 51, 103-113. <https://doi.org/10.1007/s10464-012-9547-1>

Strauss, A. & Corbin, J. (2002). *Bases de la Investigación Cualitativa: Técnicas y Procedimientos para Desarrollar la Teoría Fundamentada*. Universidad de Antioquia.

Rapaport, J. (1987). Terms of Empowerment/Exemplars of Prevention: Toward a Theory for Community Psychology. *American Journal of Community Psychology*, 15(2), 121-148. <https://doi.org/10.1007/BF00919275>

Zimmerman, M. (1995). Psychological Empowerment: Issues and illustration. *American Journal of Community Psychology*, 23(5), 581-599. <https://doi.org/10.1007/BF02506983>

Zimmerman, M. (2000). Empowerment Theory: Psychological, organizational, and community levels of analysis En J. Rapaport & E. Seidman (Eds.), *Handbook of Community Psychology* (pp. 43-63). Kluwer Academic/Plenum Publishers.

# MULHERES CAMPONESAS E ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alais Benedetti

Inês Hennigen

## Introdução

Este trabalho é construído no despertar de um projeto de pesquisa de mestrado, em que buscamos estar com mulheres camponesas<sup>1</sup> em um território rural que se caracteriza pelo modo de produção e reprodução social da agricultura familiar. Num primeiro momento, percorremos registros deixados por pesquisadoras que se voltaram a investigar organizações coletivas de mulheres que habitam as ruralidades no Brasil. Acreditamos que este percurso se configura como uma possibilidade de exercitar a escuta às lutas sociais e históricas realizadas pelas mulheres camponesas que produziram e produzem impactos na vida cotidiana da população em território rural. Posteriormente, trazemos alguns registros da experiência da primeira autora em uma comunidade rural que constitui o seu lugar de nascimento social. Acreditamos que as narrativas de sua experiência, articuladas com as estratégias de organização coletiva das mulheres dos territórios rurais, possibilitam levantar questões e reflexões sobre aparatos teóricos e metodológicos da psicologia no contexto das ruralidades. Portanto, as discussões serão realizadas em congruência com as construções que vêm sendo feitas enquanto pensamento da Psicologia Rural.

Nesse sentido, começamos retratando o Movimento Nacional de Mulheres Camponesas (MMC), que, oriundo de um processo histórico, social e político, se consolidou de forma autônoma no Brasil em 2004 e unifica uma multiplicidade de experiências de mulheres que estão inseridas nos contextos rurais. Sua organização tem como principal marco de início a participação de mulheres do território rural no processo de luta contra a ditadura militar e a defesa da democratização do país. Conforme registros, ao estarem inseridas nes-

---

1 A atribuição de uma identidade camponesa perpassa pela concepção de que há resquícios dos modos de vida e de produção de sociedades campesinas no contexto da agricultura familiar (Carneiro, 2003), dentre eles, a organização social com base coletiva.

se contexto de lutas, as mulheres camponesas começaram a notar que estavam sendo invisibilizadas – inclusive por organizações partidárias e sindicais – e viviam desigualdades de gênero associadas à configuração do sistema capitalista e patriarcal. Entendendo, que só poderiam transformar essas estruturas sociais por meio de organização coletiva entre mulheres nas diferentes regiões do país, começaram a criar organizações de base comunitária em articulação com movimentos regionais e nacionais. Atualmente, unificam no MMC suas pautas, que têm como cerne a intersecção entre as questões da terra, de gênero, de classe e de etnia/raça. Lutam pela superação das relações capitalistas, patriarcais e racistas que se manifestam de forma singular nos territórios rurais (Lorenzoni et al., 2021).

É necessário destacar que nesse processo de oposição sindical, paradoxalmente, também houve a defesa de um “novo sindicalismo”. Por meio de organizações criadas que ficaram conhecidas como Movimentos Autônomos de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTRs), as mulheres também passaram a reivindicar por espaços participativos dentro de organizações que estavam já consolidadas por homens, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Constituíram, portanto, suas lutas relacionadas a questões de gênero dentro de organizações tanto autônomas, como naquelas que incluem diferentes gêneros na luta por questões que envolvem a terra (Aguiar, 2016).

Foi por meio de uma Comissão de Mulheres formada dentro da CONTAG, que construía articulações com a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que se criou no ano de 2000, a significativa mobilização de mulheres rurais conhecida como Marcha das Margaridas, em homenagem a Margarida Maria Alves<sup>2</sup>. Esta manifestação surgiu inspirada na Marcha Mundial das Mulheres, a partir do entendimento de que as mulheres dos territórios rurais precisavam criar sua própria marcha em virtude das políticas neoliberais lhes atingir diretamente, acentuando suas condições de vulnerabilidade

---

2 “Margarida Maria Alves era trabalhadora rural. [...] ocupou, por 12 anos, a presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba. Líder sindical bastante influente na Região Nordeste, Margarida incentivava as trabalhadoras e trabalhadores rurais a buscarem na justiça a garantia de seus direitos, protegidos pela legislação trabalhista, razão pela qual foi cruelmente assassinada no dia 12 de agosto de 1983” (Aguiar, 2016. p. 280)

social (Silva & Silva, 2018). Desde então, a Marcha das Margaridas acontece a cada quatro anos, sendo uma mobilização heterogênea que visa à criação de estratégias e propostas políticas por meio da articulação de variadas demandas, de acordo com os movimentos de mulheres que se organizam nos múltiplos territórios rurais do país (Aguiar, 2016). Buscam a construção de pautas em comum, sem negar a tensão e os conflitos que são inerentes à diversidade que constitui a luta dessas agentes sociais, que se autodefinem como mulheres do campo, das águas e das florestas (Teixeira, 2021).

Ressaltamos que processos formativos de base antecedem a própria Marcha na avenida da Esplanada dos Ministérios. Nesses encontros, são criados documentos com demandas de políticas públicas, que, historicamente, são entregues e negociadas com representantes do governo federal e com o/a presidente/a da República. Porém, a marcha do ano de 2019 marca uma mudança nessa dinâmica. Em decorrência do projeto político do poder executivo em questão, se caracterizar por um discurso de ataque às instituições democráticas, aos movimentos sociais e às mulheres, a marcha por meio do entendimento da impossibilidade de realizar qualquer negociação, criou uma plataforma política em defesa da sociedade que acreditam, sem haver a abertura de diálogo por parte do governo federal. Ainda, frente a esse cenário político, destaca-se como acontecimento a participação pela primeira vez do MMC e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) na realização da Marcha. Uma junção de forças necessária em virtude da defesa do Estado Democrático de Direito (Teixeira, 2021).

Assim, em contexto de avanço das políticas neoliberais observamos a necessidade dos movimentos de mulheres camponesas estabelecerem estratégias de organização coletiva em prol da manutenção de seus direitos anteriormente conquistados, cujos marcos históricos são: a participação na elaboração do tripé da seguridade social, trazendo suas especificidades para a construção e consolidação dessas políticas públicas; a reivindicação pelo Salário Maternidade, implementado no ano 1995 de forma tardia se comparado com trabalhadoras do contexto urbano; a Campanha “Nenhuma Trabalhadora Rural sem Documentos”, no ano 1997, pois a busca por acesso a essas políticas evidenciou a ausência de documentação, culmi-

nando na instituição do Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR) em 2004; o acesso à Previdência em 1992, quando se reconheceu a mulher enquanto trabalhadora rural (antes eram consideradas apenas dependentes de seus companheiros, acessando a previdência somente em caso de viuvez); reconhecimento da divisão sexual do trabalho com a instituição, para aposentadoria, de idade mínima de 55 anos para as mulheres e 60 anos para homens; programas de saúde da população do campo com especificidades relacionadas à saúde da mulher (Munarini et al., 2021).

## **Percurso Metodológico**

Iniciamos com registros que caracterizam conquistas históricas protagonizadas por mulheres em organizações coletivas que reivindicam ao Estado seus direitos. Antes de prosseguirmos, refletindo sobre como estratégias de organização coletiva podem compor a vida de mulheres de uma comunidade rural formada pelo modo de (re)produção social da agricultura familiar em um município localizado no noroeste do Rio Grande do Sul/Brasil, cabem algumas observações quanto à nossa abordagem metodológica.

Utilizamos da cartografia, que se caracteriza por uma estratégia de pesquisa que se constrói “na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência” (Passos & Barros, 2009, p. 17). Desta forma, considera-se que não há um objeto dado que precisa ser descoberto, sendo este produzido na experiência de acompanhar processos. Sem haver procedimentos fixos a serem seguidos, o processo de análise acontece durante todo percurso, o que implica na constante atualização do problema de pesquisa, decorrente dos agenciamentos que acontecem entre os agentes que compõem o ato de pesquisar (Barros & Barros, 2013).

Nesse sentido, compõe o agenciamento desta pesquisa, um coletivo idealizado por cinco mulheres do município em questão que promovem atividades para mulheres que estão em área urbana e rural. Compartilham na sua página aberta do Facebook e Instagram as atividades propostas, assim como articulam depoimentos e fotografias dessas mulheres nos seus cotidianos que caracterizam este território. Marcado pela ruralidade, o município se organiza socialmente por meio de sete comunidades rurais e a área urbana, sendo

sua população de 2030 pessoas divididas praticamente em número igual no perímetro rural e urbano. A principal atividade econômica é a agricultura familiar baseada no cultivo de tabaco, soja e milho, assim como produtos de subsistência.

Este coletivo trouxe memórias da experiência da primeira autora em uma dessas comunidades rurais, que se caracteriza como o seu lugar de nascimento social. Esta comunidade se organiza em torno de um salão comunitário e uma igreja católica que se constituem como espaços de encontro dos membros da comunidade. Portanto, as narrativas deste trabalho são oriundas de vivências com mulheres nesse contexto da comunidade. Consideramos que esta pesquisa decorre do entrelaçamento do lugar epistêmico com o lugar social, em que se abre espaço para a dimensão do afeto manifestado por meio das vivências, que carrega consigo saberes produzidos por quem vive nas ruralidades (Oliveira et al., 2021).

## **Resultados e Discussão**

O inverno no Rio Grande do Sul/Brasil é marcado por baixas temperaturas, sendo essa condição climática parte do processo de cultivo e das atividades diárias neste período do ano. Nesse cenário, uma mulher camponesa da comunidade coloca-se em baixo de galpões – destinados à secagem do tabaco – para confeccionar cestas de vime para sua família e para quem mais as encomendar nos encontros que acontecem na igreja e no salão comunitário. Também são compartilhados os vimes, pois são apenas algumas famílias que dispõem dos pés de vimeiros. As sabedorias que envolvem criações artesanais são transmitidas entre as mulheres que se colocam dispostas a aprender. Desta forma, a mulher camponesa em questão, recebeu o ofício de uma outra camponesa mais velha que havia se aposentado, inclusive do processo de confecção das cestas para a comunidade. Ao ter a oportunidade de acompanhar essa mulher no ato de transar dos vimes, nos atravessa uma sensação de que após realizada a transmissão do que se sabe, as mulheres sentem que podem descansar. Caracterizando um processo de transmissibilidade de saberes neste território.

Tal narrativa é um exemplo que nos coloca a refletir que existem estratégias de organização coletiva criadas de forma informal pelas mulheres camponesas que vivem nesta comunidade, a partir

de saberes herdados pelas mulheres mais velhas que as antecedem. Estratégias que parecem estarem implicadas com os processos de subjetivação, assim como caracterizam a vida desta comunidade rural. Esses aspectos se colocam como necessários de serem refletidos no processo de aproximação da psicologia no contexto rural desta pesquisa. Uma vez que, conforme coloca Leite et al. (2013, p. 49), “é imprescindível, nessa articulação, considerar os saberes da tradição e da cultura na qual estão imersas as pessoas do campo, sob pena de termos uma visão distorcida e descolada de sua realidade e de suas visões de mundo”. Hegemonicamente, a psicologia se constitui em torno de questões situadas no contexto urbano, sendo, portanto, necessário o estabelecimento de uma constante postura crítica que parta dos saberes populares, para que não se caia em uma ótica urbano-centrada (Dantas et al., 2018). Se inserir nos contextos rurais se coloca como um desafio de exercitar a escuta da alteridade e dos sentidos produzidos pelas mulheres camponesas que vivem ali.

Fernandes (2014) contribui com essa reflexão, colocando que os modos de existência de quem vive nas ruralidades se constituem principalmente via experiências imediatas e por meio de saberes transmitidos de forma geracional. Para o autor, essa experiência vivida no cotidiano se configura como uma forma de resistência ao modo de vida imposto pela modernidade – que carregado de informações e técnicas – produz normativas que engendram a existência, não havendo mais a necessidade dessa dimensão da experiência. Nesse sentido, estar com as mulheres camponesas é uma possibilidade de abrir questões sobre como as forças que constituem saberes tradicionais se atualizam em interface ao conhecimento moderno que produz reflexos nas estratégias de organização coletiva das comunidades rurais. É possível encontrar atualmente no comércio local, a venda de cestas de ferro e plástico que carregam como oferta a lógica da individualidade e desnecessidade da produção da mulher camponesa a partir de seus saberes herdados que constituem elo nessa comunidade rural. Cabe destacarmos que, segundo Dantas, et al. (2020), as organizações comunitárias são determinantes da saúde mental dos sujeitos que vivem no contexto das ruralidades. Portanto, as transformações da modernidade que atingem o campo podem estar produzindo impactos nos vínculos comunitários bem como nos processos de subjetivação dessas mulheres que abarca a dimensão da saúde mental.

Além de ser possível observar estratégias de organização coletiva criadas de forma informal dentro da comunidade, é possível encontrar relatos de mulheres que participavam de organizações coletivas de base comunitária de modo formal, cujo período coincide com as lutas das mulheres camponesas no processo de democratização do país. Atualmente, há a participação das mulheres em encontros sindicais que acontecem no município, assim como em manifestações de rua na capital do Estado. Cabe destacarmos que, segundo Garbi et al. (2019), a militância dessas mulheres produz deslocamentos que afetam o seu entorno e principalmente a geração que as sucede. E aqui destacamos que foi a partir do incentivo destas mulheres que a primeira autora deste trabalho participou da criação de um movimento social da juventude nesta mesma comunidade rural. Movimento com o qual estive em espaços de reflexão sobre a formação histórica, social e política do país em diferentes contextos do Estado, inclusive em outros territórios rurais. Tal espaço possibilitou encontros com diferentes movimentos e atores sociais que se implicam dentre suas pautas, com a questão da terra.

Essas experiências em movimentos sociais se colocam como uma possibilidade de abrir reflexões sobre a formação do campesinato brasileiro. Tendo em vista que o movimento de implicação da psicologia com as ruralidades é recente (Silva & Macedo, 2017), acreditamos na necessidade do conhecimento das reivindicações realizadas pelas mulheres camponesas por meio de suas organizações coletivas, considerando que o território rural é permeado por disputas e conflitos que marcam a vida de quem ali vive. Sendo que, segundo Lopes (2007), a questão da terra no país é uma questão pública em que a psicologia é chamada para contribuir. Nesse sentido, Leite et al. (2013) ressaltam sobre a necessidade de conhecer a dinâmica histórica, social e política do país que está implicada na concentração fundiária que produz impactos nos modos de vida dos povos que estão nos territórios rurais. À vista disso, os movimentos sociais se mostram como um espaço de construção e compartilhamento de saberes, que nos pode contribuir na reflexão dos aparatos teóricos e metodológicos da psicologia em seu processo de inserção nas ruralidades, de acordo com as particularidades de cada território.

Além de se constituírem como um processo formativo para quem participa, observamos que a luta realizada dentro de movi-

mentos sociais impacta a vida de todas as mulheres camponesas enquanto categoria social. Na comunidade rural em questão, há uma celebração vivenciada coletivamente cada vez que uma mulher conquista o seu direito de receber o benefício da aposentadoria. Festejam tal conquista, como uma vitória coletiva de todas as mulheres da comunidade. Podemos observar, assim como coloca Munari et al. (2021), que os benefícios da seguridade social produzem transformações nas relações sociais dentro da comunidade, sendo uma forma de enfrentamento do capital e do patriarcado por propiciar autonomia às mulheres. Conforme as autoras, tal direito em contexto de avanço das políticas neoliberais acaba por estar em constante ameaça, o que coloca as mulheres camponesas em necessidade de estabelecimento de estratégias coletivas de resistência. Cabe destacarmos, por exemplo, a tentativa de implantação da Proposta de Emenda Constitucional número 287 em 2016, que havendo mudanças no critério de aposentadoria, dificultaria o acesso das/dos trabalhadoras/es rurais (Cordeiro, 2018). Por meio de pressão popular, tal emenda não foi implementada. Porém, denota que há ameaças de retrocessos de direitos sociais conquistados e que são tão celebrados pelas mulheres camponesas pelos impactos que produzem em suas vidas.

## **Considerações Finais**

A partir da experiência com as mulheres camponesas em uma comunidade rural de um município do noroeste do Rio Grande do Sul/Brasil, observamos que estas criam estratégias de organização coletiva que caracterizam os vínculos construídos dentro da comunidade. Assim como, historicamente, compõem espaços de reivindicação de seus direitos. Desta forma, notamos que há estratégias de organização coletiva que acontecem tanto de modo informal, como por meio de organizações coletivas formais. Sendo estas estratégias, construídas por meio de saberes localizados no território a partir de um processo de aprendizagem mútua. A construção dos vínculos comunitários se atravessa nos processos de subjetivação, constituindo-se como aspecto de interesse de aproximação da psicologia para que junto com os saberes dessas mulheres, consiga-se abrir reflexões sobre a construção da Psicologia Rural. Destacamos, que este traba-

ho é localizado dentro das especificidades deste território, e, portanto, há impossibilidade de generalização dessas discussões, tendo em vista a heterogeneidade dos povos que estão nas ruralidades.

Por se tratar de um processo de pesquisa em curso, apostamos no aprofundamento das discussões sobre os atravessamentos da modernidade na vida das mulheres camponesas e seus processos de conhecimento via experiência imediata e transmissão geracional, a partir da possibilidade de abertura da escuta de novas histórias. As vivências compartilhadas destas mulheres se mostram como um meio de refletir sobre a produção de vida no cotidiano que impacta e é impactada pelas forças políticas que tendem a ser localizadas no poder do Estado. Sendo, portanto, as organizações coletivas uma estratégia de enfrentamento das mulheres camponesas de acordo com a produção de suas vidas nas ruralidades.

## **Agradecimento**

Agradeço à CAPES pela bolsa de estudos para realizar o mestrado e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## **Referências**

- Aguiar, V. V. P. (2016). Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. *Política & Sociedade*, 15, 261-295. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p261>
- Barros, L. M. R. D., & Barros, M. E. B. D. (2013). O problema da análise em pesquisa cartográfica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25, 373-390. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200010>
- Cordeiro, R. P. (2018). Mulheres camponesas na luta por seguridade social: saúde, previdência e assistência social. In C. Cinelli, I. G. Seibert, J. I. Cima, M. Calaça, & V. L. Pulga (Orgs). *Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia* (pp.177-204). Rede Unida.
- Dantas, C. M. B., Dimenstein, M., Leite, J. F., Torquato, J., & Macedo, J. P. (2018). A pesquisa em contextos rurais: desafios éticos e me-

metodológicos para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 30, 777-780. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165477>

Dantas, C. M. B., Dimenstein, M., Leite, J. F., Macedo, J. P., & Belarmino, V. H. (2020). Território e determinação social da saúde mental em contextos rurais. *Athenea digital*, 20(1), e-2169.

Fernandes, S. L. (2014). Revisitando os saberes psicológicos: Reflexões por uma psicologia do campo. *Cadernos de Subjetividade*, 16, 85-103.

Garbi, D. B. Lima., Leite, J. F. & Brisola, E. M. A. (2019). Uma análise feminista através das gerações acerca da importância da militância sindical rural para a transformação social das mulheres. In L. P. F. Silvestre (Org.), *Investigação científica nas ciências sociais aplicadas 2*. (pp. 121-129). Atena Editora.

Leite, J. F., Macedo, J. P. S., Dimenstein, M & Dantas, C. (2013). A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais. In J. F. Leite, & M. Dimenstein. *Psicologia e contextos rurais*. (pp. 27-56). EDUFURN.

Lopes, J. R. (2007). A questão social da terra como desafio para a psicologia. *Psicologia em Estudo*, 12, 583-592.

Lorenzoni, C., Seibert, I. G., & Zollet, Z. (2021). Movimiento de mujeres campesinas de Brasil: sandero de muchas historias. In A. M. Mezadri, J. I. Cima, N. W. Taborda, S. A. K. Gaspareto, & Z. Kollet. (Orgs.), *Feminismo Campesino Popular: Reflexiones a partir de experiencias en el Movimiento de Mujeres Campesinas de Brasil (MMC)* (pp. 13-34). Associação Nacional de Mulheres Camponesas ANPC.

Munari, A. E., Cinelli, C. & Cordeiro, R. P. (2021). La lucha de las mujeres campesinas: de la invisibilidad a sujetas de derechos. In A. M. Mezadri, J. I. Cima, N. W. Taborda, S. A. K. Gaspareto, & Z. Kollet. (Orgs.), *Feminismo Campesino Popular: Reflexiones a partir de experiencias en el Movimiento de Mujeres Campesinas de Brasil (MMC)* (pp. 35-52). Associação Nacional de Mulheres Camponesas ANPC.

Oliveira, É. C. S., Bleinroth, M. L., & Silva, Y. M. (2021). Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em Psicologia Social. In L. R. Cruz, B. Hillesheim, & L. M. Eichherr (Orgs), *Interrogações às*

*políticas públicas sobre travessias e tessituras do pesquisar.* (pp. 13-32) Editora da Abrapso.

Passos, E., & Barros, R. B. (2009). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa- intervenção e produção de subjetividade* (pp. 17-31). Sulina.

Silva, K. D. B., & Macedo, J. P. (2017). Psicologia e ruralidades no Brasil: Contribuições para o debate. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37, 815-830. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002982016>

Silva, I. G., & da Silva, B. G. (2018). Margaridas em marcha por terra, água e agroecologia. *Lutas Sociais*, 22(41), 306-317. <https://doi.org/10.23925/ls.v22i41.46685>

Teixeira, M. A. (2021). Movimentos sociais populares em tempos de ascensão das novas direitas: a Marcha das Margaridas. *Caderno CRH*, 34, 1-17. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.42777>

Wanderley, M. N, B. (2003). Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. *Estudos sociedade e agricultura*, 21, 42-61.

# NÍVEL DE PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM COOPERATIVAS AGRÍCOLAS NO ESTADO DO AMAZONAS

Paloma Leandra Garcia Melo  
Francimara Souza da Costa  
Rita de Cássia Barros Nunes  
Lucas Nascimento de Almeida  
Wladson de Jesus Souza

## Introdução

O modelo cooperativo iniciou no Brasil ao final do século XIX, principalmente nos estados de São Paulo e Pernambuco. Após 1902, começaram a surgir as primeiras cooperativas de crédito rural (Giacomolli, 2009). O cooperativismo apareceu como um instrumento de união e integração entre as pessoas, para a busca de acesso a direitos e melhores condições de trabalho e renda. Busca também a igualdade entre gêneros, porém, por ser um problema social e histórico, a participação das mulheres no cooperativismo ainda é limitada (Pereira, 2020).

No caso do meio rural, o cooperativismo tem proporcionado maior acesso dos agricultores(as) ao mercado, com o importante papel de proporcionar alimentos seguros à população brasileira. Em termos numéricos, dos 5.073.324 estabelecimentos agropecuários no Brasil, 76,8% são familiares (Brasil, 2017), sendo esse sistema responsável pelo abastecimento interno de diversos produtos que fazem parte da dieta nacional.

Neste cenário, a importância do trabalho das mulheres têm sido cada vez mais reconhecida, não apenas como responsáveis pelas atividades domésticas, mas também como integrantes nos processos produtivos, de comercialização e organizacionais do meio rural. As mulheres atuam como pescadoras, agricultoras, pecuaristas, extrativistas, artesãs e líderes.

Nas cooperativas brasileiras, 52% dos membros são mulheres. Em uma comparação regional, o Norte conta com 59% da presença

de mulheres em suas cooperativas e 41% da presença de homens, de acordo com dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2022). Porém, o papel da mulher ainda é visto como coadjuvante e não como protagonista de sua própria história, terra e produção. A participação das mulheres em cooperativas com diferentes ambientes sociais, culturais e de trabalhos são fundamentais para tomadas de decisões e para o desenvolvimento da igualdade entre gêneros nestes meios.

Apesar do cenário da mulher no meio trabalhista ter evoluído positivamente nos últimos anos, ainda é preciso discussões mais avançadas na busca por ambientes que proporcionem mais acessibilidade e melhores condições de renda. Segundo o Sebrae (2022), um modelo cooperativista, fundamentalmente, é um modelo socioeconômico que busca promover mais igualdade e justiça, e, para garantir esses valores, é importante que as cooperativas sejam reflexo também da sociedade. Homens e mulheres devem ter a mesma representatividade entre os colaboradores das cooperativas, inclusive nas lideranças.

Ao analisar a distribuição por gênero nos sete ramos do cooperativismo, o Sebrae (2022) constatou que a representatividade feminina tem destaque nos segmentos de saúde, com mais da metade dos cooperados do ramo (cerca de 53%). Porém, dados envolvendo os setores agrícolas no Brasil ainda são escassos no meio acadêmico-científico, principalmente em estados pertencentes ao Norte e Nordeste do país, como é o caso do Amazonas. Pouco se sabe do papel desempenhado pela mulher em relação ao homem no meio rural.

Assim, o objetivo deste trabalho foi avaliar o nível de participação de mulheres em cooperativas agrícolas no Estado do Amazonas. O trabalho contribui para dar visibilidade ao papel da mulher nesse tipo organizacional, considerando ser um importante mecanismo de redução das dificuldades encontradas no meio rural amazônico, além de possibilitar um meio de aumento de renda e inclusão socioeconômica de agricultores(as) familiares.

## **Método**

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de formulário semiestruturado, junto a mulheres integrantes de cooperativas de

agricultores(as) familiares dos municípios de Manacapuru e Rio Preto da Eva, localizados no estado do Amazonas, região Norte do Brasil.

A aplicação do formulário foi realizada durante reuniões com as cooperadas, de forma individual, com amostragem de 100% das mulheres que estavam registradas como membros. A abordagem seguiu os procedimentos éticos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, com o intuito de manter o sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa.

O formulário abrangia quatro categorias de perguntas, sendo distribuídas em perfil socioeconômico, nível de moradia, atividades produtivas e nível de participação na cooperativa, totalizando 55 perguntas. Os dados coletados foram sistematizados em planilhas do Excel, divididos para cada município e analisados por meio da estatística descritiva.

## **Resultados**

As mulheres entrevistadas possuíam idade acima de 25 anos. Todas eram casadas, com filhos e sabiam ler e escrever. Porém, apenas 16,66% possuíam ensino superior completo, sendo o nível escolar predominante entre elas o ensino fundamental completo. Cerca de 83,34% das mulheres vieram de família que já praticava a agricultura. A renda predominante foi de um a dois salários-mínimos. Além da agricultura, cerca de 50% possuem renda extra proveniente, principalmente, de benefícios do governo federal, ou de trabalho não agrícola, como artesanato.

À nível de moradia, foi observado que 100% das mulheres residem em casas próprias. Cerca de 83,34% possuíam o documento da propriedade, enquanto 16,66% ainda estavam em processo de obtenção da documentação.

A produção predominante foi de espécies vegetais, como abacaxi, açaí, coco, mandioca, macaxeira, cará e hortaliças (66,64%). Cerca de 33,36% das entrevistadas associam também atividades ligadas à produção animal, com a criação de galinhas e patos.

Aproximadamente 50% das mulheres destacaram que realizam produção agroecológica, sendo que deste percentual, 66,66% são originárias do município sede da cooperativa. O escoamento dos

produtos em 100% dos casos é feito através da cooperativa e 83,34% das mulheres declararam ter familiares que também participam da organização.

A maioria das mulheres destacou que participam ativamente das reuniões e das atividades desenvolvidas pelas cooperativas. Apresentam suas opiniões, sempre tentam contribuir para o crescimento coletivo e afirmaram que suas ideias são levadas em consideração perante os demais cooperados.

Cerca de 83,34% das mulheres não percebem diferenças no tratamento entre homens e mulheres na cooperativa, porém, 16,66% dizem que há essa diferença. Desse último percentual, todas são mulheres com idade abaixo de 30 anos. As mulheres que afirmaram não ter diferença no tratamento já faziam parte da cooperativa por no mínimo 5 anos, muitas delas fazendo parte das famílias fundadoras. Esse fato sugere a necessidade de investigar a influência do tempo e das práticas familiares sobre a percepção das mulheres, além da possibilidade de normalização de práticas machistas nessas organizações, que resultam na falsa impressão de igualdade.

Cerca de 66,64% das mulheres entrevistadas relataram que já participaram de reuniões voltadas ao papel da mulher no campo. Também foi possível estimar que cerca de 83,34% das mulheres já participaram dos cursos ministrados através da cooperativa. Fazer parte da cooperativa para estas mulheres significa mudança de vida, com 100% das respostas sendo positivas. A maioria afirmou que houve melhorias em suas vidas em relação à educação, bem-estar, segurança financeira e segurança alimentar.

## **Discussão**

A participação das mulheres no cooperativismo é limitada, pois ainda são minoria em comparação com a participação dos homens (Pereira, 2020). Essa constatação foi observada nas cooperativas abordadas nesse estudo, onde o gênero masculino é predominante, tanto em número, quanto em atuação nas áreas organizacionais, como por exemplo, exercendo a função de presidente, vice-presidente, secretários e tesoureiros.

Apesar do trabalho feminino no campo contribuir na renda da família, ainda é visto como atividade complementar àquela exer-

cida pelo trabalho masculino, não sendo valorizada a produção de alimentos pelas mulheres nos quintais agroflorestais. No meio rural é comum a mulher se dividir em uma jornada de trabalho extensa, que combina atividades no comércio, na casa e no trabalho agrícola, buscando o aumento da renda familiar, e agregando valor aos produtos agrícolas (Leal & Leão, 2019).

Salvaro et al. (2014) verificaram que estudos sobre o trabalho de mulheres em contextos rurais evidenciam também certa divisão sexual. Em tese, acredita-se que para a sociedade, os trabalhos são divididos em leve e pesado. Esse tipo de valoração ocasiona diferenças socioeconômicas para as atividades desenvolvidas por homens e mulheres, tornando este critério relativo, pois a mulher executa tanto os trabalhos leves, quanto os pesados. Devido a essas diferenças, o trabalho reconhecido como “leve” possui remuneração baixa, não devido às características do trabalho, mas devido à posição ocupada na hierarquia da família por aqueles que o executam (Paulilo, 1987). Neste quesito, a idade e o tempo de participação podem ser indícios de respeito na comunidade, ou seja, mulheres reconhecidas hierarquicamente à nível organizacional, possuem mais liberdade em expressar suas opiniões perante a cooperativa.

Nessa pesquisa, não foram encontradas mulheres ocupando cargos organizacionais na cooperativa. Brumer (2004) destaca questões relativas à divisão sexual do trabalho, oriunda de competências atribuídas historicamente a homens e mulheres, onde a mulher desenvolve trabalho de apoio, enquanto o homem desenvolve papéis essenciais. Apesar das mulheres cooperadas estarem ativamente ligadas aos trabalhos de produção vegetal, ou em alguns casos, animal, ainda assim acabam desempenhando mais papéis domésticos, como limpeza da casa, criação dos filhos, preparo de alimentos e outros.

A falta de mulheres ocupando papéis organizacionais em cooperativas pode ser um fator que influencie negativamente as suas vozes ativas durante a discussão de interesses comuns de negócios e tratativas. Neste caso, a elas é dado apenas o poder do voto unitário em Assembleias Gerais, organizadas com todos os cooperados, independente do gênero, para deliberações de interesse da cooperativa.

No caso das cooperativas avaliadas neste trabalho, o número majoritário de integrantes homens pode comprometer avanços

da inserção socioeconômica da mulher no meio rural, além da visibilidade e remuneração justa do trabalho que desempenham. Há necessidade de verificar formas legais para garantir a representação feminina nessas organizações, indicando, por exemplo, que 50% da diretoria seja constituída por mulheres. A participação e importância da mulher não se limita a estar presente em atividades agrícolas ou não agrícolas, mas está intimamente ligada à mudança em costumes, tradições e valores que perpetuam ações machistas na sociedade (Leão & Leal, 2019).

## **Conclusão**

Muitas vezes o trabalho da mulher no campo é desvalorizado e visto muito mais como ajuda e não como produtora ou líder. Não assumir com mais frequência cargos organizacionais em cooperativas pode ser um indicativo da diferença de distribuição e falta de reconhecimento do trabalho da mulher nesse meio.

Ficou evidenciada também a dificuldade dessas mulheres em seguirem com a sua educação, mesmo que prevista por lei. Porém, as entrevistadas veem a participação em cooperativas rurais como alternativa de trabalho e bem-estar, onde conseguem realizar seu trabalho de forma mais justa, relatando percepção de melhorias em suas vidas. Essas mulheres acreditam que deveriam ter mais cooperativas integradas, manifestando um desejo por mais igualdade.

O trabalho aponta para uma necessidade de políticas públicas que garantam a representatividade feminina em organizações sociais, especialmente aquelas que trabalham para alcançar direitos no campo, como é o caso das cooperativas. Garantir a paridade de gêneros nas diretorias dessas organizações pode ser um importante mecanismo para a promoção de mudanças nesse cenário.

## **Agradecimentos**

Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas - FAPEAM pelo apoio financeiro. À Universidade Federal do Amazonas, pelo apoio logístico e técnico. Às cooperativas e às mulheres agricultoras que aceitaram participar da pesquisa.

## Referências

BrasilAgro. (2022). *Cooperativas faturam e empregam mais, e presença feminina ganha espaço*. <https://brasilagro.com.br/conteudo/cooperativas-faturam-e-empregam-mais-e-presenca-feminina-ganha-espaco.html>

Brasil. Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017. Dispõe sobre a Unidade Familiar de Produção Agrária, institui o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei no 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9064.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9064.htm)

Brumer, A., & Paulilo, M. I. (2004). Dossiê As agriculturas do sul do Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 12(1), 171-330.

Giacomolli, M. (2009). *O papel da CRESOL CREDISEARA no financiamento e apoio aos pequenos agricultores rurais em Seara (SC) e municípios vizinhos*. V Encontro de Grupos de Pesquisa “Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais”, Universidade Federal de Santa Maria, RS.

Leal, A. J. S., & Leão J. O. (2019). *O papel e a participação da mulher na cooperativa de Irituia* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal Rural da Amazônia, Capitão Poço, PA.

Paulilo, M. I. S. (1987). O peso do trabalho é leve. *Revista Ciência Hoje Rio de Janeiro*, 5(28), 64-70.

Pereira, R. I. K. (2020). *A participação das mulheres no cooperativismo: um estudo de caso na Cooperluz* [Artigo final do Curso de Pós-Graduação MBA em Gestão de Cooperativas Unijuí]. <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/7054>

Salvaro, G. I. J., Estevam, D. D. O., & Felipe, D. F. (2014). Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. *Psicologia: ciência e profissão*, 34(2), 390-405. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000262013>

SEBRAE. (2022). *Mulheres no cooperativismo por uma sociedade mais justa*. <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/>



**- POLÍTICAS PÚBLICAS E  
RURALIDADES -**

# O AVANÇO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL: O CASO DO PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR – PRONAF.

Maria Alane pereira de Brito  
Suely Salgueiro Chacon

## Introdução

Historicamente, “os pequenos agricultores” como até hoje são denominados aqueles que compõe a agricultura familiar, estiveram sempre às margens das ações do Estado brasileiro. Contudo, esse cenário tem sido modificado com o surgimento de políticas públicas nesse âmbito, onde a Constituição de 1988 teve um papel fundamental no processo de reconhecimento dos direitos de inúmeras classes sociais. Neste momento, segundo Grisa e Schneider (2014), novas relações entre Estado e sociedade civil foram estabelecidas, foram criados espaços de participação social onde novos atores políticos surgiram e foram reconhecidos como sujeitos de direito, criando-se instrumentos de política pública que foram institucionalizados, e orientaram as ações do Estado permitindo redefinir regras e compreensões que afetaram as condições socioeconômicas da população, especialmente a do meio rural.

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de fazer uma caminhada pelos períodos históricos da sociedade brasileira: o modelo econômico “nacional e autônomo” (1930 à 1964), o modelo econômico “associado e dependente” (1964 à 1990) e o modelo econômico “aberto à globalização” (1990 aos dias atuais), como indica Argemiro Brum (1991) em sua obra “O Desenvolvimento Econômico Brasileiro” e assim observar como se deu o avanço da pauta da agricultura familiar na agenda do Estado e a formulação de políticas públicas específicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) em 1996. Para isto, traz em sua metodologia, uma pesquisa de abordagem qualitativa, onde a definimos como pesquisa teórica, uma vez que se dedica a reconstruir teorias, utilizando para a coleta de dados, exclusivamente pesquisa biblio-

gráfica, tendo como base os seguintes autores: Brum (1991); Chacon (2007) e Ianni (1977).

O trabalho encontra-se estruturado em quatro partes: A primeira localiza-se a introdução fazendo uma exposição geral do trabalho junto a seu objetivo; a segunda apresenta os métodos utilizados na realização da pesquisa; a terceira parte aborda os resultados, trazendo dois subtópicos referentes à: a formação social, econômica e política da agricultura familiar no modelo econômico “nacional e autônomo” que data os anos de 1930 à 1964, e no modelo econômico “associado e dependente” nos anos de 1964 à 1990; e a formação social, econômica e política da agricultura familiar no modelo econômico “aberto à globalização” a partir de 1990 até os dias atuais, especificamente até o surgimento do PRONAF; por último, a quarta parte traz as considerações finais a respeito de todo o conteúdo exposto e da pesquisa realizada com esse recorte histórico. Como resultados, o trabalho evidenciou a evolução da agricultura no âmbito econômico, social e político, bem como o surgimento da agricultura familiar como contraponto ao modelo de agricultura vigente desde o período colonial, sublimando as lutas sociais e as políticas públicas como mecanismo de mudança social.

## **Procedimentos Metodológicos**

O presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, pois não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (Gerhardt & Silveira, 2009). Ademais, trata-se de uma pesquisa teórica, pois dedica-se a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, tendo em vista, o aprimoramento de fundamentos teóricos (Demo, 2000).

Para isto, na fase de coleta de dados, utilizou-se exclusivamente a pesquisa bibliográfica, onde Gil (2008) define como aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, tendo como principal vantagem uma cobertura muito mais ampla de fenômenos do que o investigador poderia obter diretamente. Assim, foram realizadas pesquisas em textos base como o Brum (1991); Chacon (2007) e Ianni (1977), além de artigos complementares advindos de Revistas Científicas e Periódicos.

## Resultados

Este tópico apresenta a evolução da agricultura no âmbito econômico, social e político, bem como o surgimento da agricultura familiar como contraponto ao modelo de agricultura vigente desde o período colonial, sublimando as lutas sociais e as políticas públicas como mecanismo de mudança social. Tais resultados foram observados no estudo aprofundado dos autores base e demais textos de apoio, que serão apresentados nos pontos a seguir:

### **A Agricultura Familiar No Período Do Modelo “Nacional E Autônomo” E No Modelo “Associado E Dependente”**

Antes de adentrarmos nesse período da história da economia brasileira, é importante lembrarmos o momento que o antecedeu. O colonialismo permaneceu intacto e inabalável durante quatro séculos, o que mostra suas consequências até os dias atuais. De acordo com Brum (1991), durante este longo período, o poder econômico e o poder político se concentravam de forma absoluta nas mesmas pessoas: a aristocracia rural – latifundiários, onde nem a emancipação política, a abolição da escravatura e a proclamação da república abalaram esse domínio.

O domínio colonial trouxe sequelas em diversos aspectos, não somente no âmbito da economia brasileira. Brum (1991) destaca que alimentávamos em nós próprios todos os preconceitos que caracterizavam de forma dependente a vida dos povos coloniais, onde acreditávamos na inferioridade do nosso povo e do nosso clima, pois era tido como científico que grandes culturas e grandes civilizações só poderiam florescer em regiões temperadas ou frias. Essa ideia pode se relacionar com a marginalização da região Nordeste por exemplo, onde a Chacon (2007), sobre o Sertão, ressalta que o sistema econômico e político dominante até então, não foi capaz, ou não teve interesse, de reproduzir suas condições básicas no espaço do Sertão, tomando-o apenas como um apêndice, usando-o conforme a conveniência conjuntural exigisse, no qual, as pessoas têm sido sistematicamente ignoradas.

Dando um passo à frente do período colonial, a economia brasileira mantinha força na exportação de alguns produtos da agricultura como: o café, o algodão, o açúcar, e o cacau. Uma economia

ainda marcada pela predominância da demanda externa, onde praticamente não existia mercado interno, pois a maioria da população permanecia mergulhada em condições subumanas de existência, extraindo o precário sustento da prática de uma rudimentar agricultura de subsistência (Brum, 1991).

A década de 1920 marca uma fase importante de transição da evolução histórica brasileira. Após a Primeira guerra mundial, o avanço da industrialização alterou a estrutura da sociedade em diversos setores, no que diz respeito a economia, o ciclo econômico vigente passa a ser o café que logo mais entra em crise de superprodução, dando início ao modelo econômico chamado “nacional e autônomo”, onde a industrialização entra como uma nova fonte de geração de riqueza.

No que tange a agricultura nesse contexto, Brum (1991) ressalta que:

Com a aceleração do processo de industrialização, adquire crescente presença na sociedade brasileira o empresariado, forçando sua participação no processo político do país. Durante este período, no entanto, a burguesia não tem, ainda, um papel político importante. Mas vai paulatinamente conquistando espaço, obrigando as oligarquias rurais a compartilharem o poder, até afirmar-se, mais tarde, como classe hegemônica, sem, contudo, romper efetivamente com os interesses do latifúndio (p. 68).

Nesse sentido, é importante ressaltar que as oligarquias rurais ainda monopolizam o poder através dos partidos republicanos estaduais dos chefes políticos, onde os coronéis controlam a política local a nível de município e se articulam com as oligarquias estaduais. Chacon (2007) traz a figura do coronel para o contexto do sertão nordestino, ressaltando que o coronel arcaico do Sertão não era tão rico quanto os senhores de engenho, mas mantinha as mesmas características: era o dono da terra, árbitro social e líder político. Porém, a autora destaca ainda que, apesar de a modernidade aparecer na vida política e social do país e se impor ao Sertão, em meados de 1930, a figura do coronel só mudou de roupagem, pois os coronéis se mudaram para a cidade e assim mudaram o foco e a prioridade das políticas, que então se adequaram a um projeto moderno de urbanização e produção capitalista.

Neste período do modelo “nacional e autônomo” (1930 a 1964), a Revolução de 1930 marca um acontecimento histórico, pois deu fim à chamada República Velha findando às articulações políticas entre as oligarquias regionais do Brasil, que sobrepunham os seus interesses particulares aos interesses do Estado. Além disso, o modelo de desenvolvimento foi fortemente marcado pela industrialização, liderado pelo presidente Getúlio Vargas (1930-1945).

Assim, podemos nos perguntar, como se encontrava o contexto rural em meio a toda essa política de industrialização de Vargas? Bem, Bercovici (2020) retrata que uma das teses mais persistentes da historiografia brasileira é a da preocupação exclusiva ou preponderante do governo de Getúlio Vargas com a intervenção e regulamentação do trabalho urbano e o conseqüente abandono e marginalização do mundo rural. Aqui, o debate sobre reforma agrária já tomava espaço, porém outra pauta importante era a inserção dos trabalhadores rurais nas Leis Trabalhistas que o governo Vargas implementara.

Segundo Bercovici (2020), o processo de incorporação do trabalhador rural seria feito após a consolidação da integração dos trabalhadores urbanos, de modo que o campo acabasse sendo integrado de forma subordinada e complementar às cidades, em processo de industrialização. Ademais:

A Consolidação das Leis do Trabalho (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943), em princípio, excluía os trabalhadores rurais da sua aplicação (artigo 7º). No entanto, o seu artigo 13 determina a obrigatoriedade da carteira de trabalho para todos os tipos de emprego, inclusive os de natureza rural. Outros direitos espalhados pelo texto também foram expressamente assegurados ao trabalhador rural. A CLT abriu caminho para que os benefícios previstos em seu texto pudessem ser estendidos aos trabalhadores rurais, como efetivamente o foram, de modo progressivo, após 1945. O Decreto-Lei nº 7.038, de 10 de novembro de 1944, regulamentou a sindicalização rural, adotando uma estrutura praticamente idêntica à dos sindicatos urbanos (Bercovici, 2020, p. 189-190).

Ainda no âmbito das políticas governamentais centralizadas no fortalecimento da industrialização do país, uma outra figura importante é o Juscelino Kubitschek (1956 – 1961) que procura promover um crescimento acelerado da economia brasileira, de modo

a colocar o país num outro patamar de desenvolvimento através da industrialização, sob o lema “cinquenta anos em cinco”.

De acordo com Chacon (2007), a partir desse período, a ideia de modernidade foi ligada ao planejamento, se incorporando na formulação de políticas públicas que visam ao desenvolvimento do país. O investimento governamental na construção de infraestrutura e elaboração de planos técnicos na área econômica, é perceptível. Nas décadas de 1950 e 1960, inúmeras ações do governo central promoveram o desenvolvimento regional, como a criação da Sudene e do Banco do Nordeste, e a implantação de incentivos fiscais para promover a industrialização de regiões consideradas atrasadas, como o Nordeste, o que é o caso do Mecanismo 34/18 e do Fundo de Investimentos do Nordeste (Finor) (Carvalho, 1988 citado por Chacon, 2007, p.76).

Porém, Ianni (1977) expõe que a criação da SUDENE foi para fazer face aos problemas econômicos e principalmente políticos que se agravavam de modo crescente na “região-problema” do país – como era denominado o Nordeste. Além disso, sua época de criação relacionava-se com as desigualdades econômicas e sociais na região, onde adquiriam conotações políticas de cunho pré-revolucionário.

Já o início dos anos 1960 traz consigo intensos movimentos políticos que levariam ao Golpe Militar de 1964. A modernidade significava então, urbanização, industrialização e maior repressão política, e a ideia de modernidade continuava comandando as ações do Estado no Brasil, sob o regime militar, se fortalecendo ainda mais com a redemocratização iniciada no final da década de 1980. Assim, as consequências para o Sertão desse movimento histórico se traduzem pelo seu esvaziamento, que desta feita se torna gradual e irreversível (Chacon, 2007).

O golpe militar de 1964 dá início a um novo modelo econômico no país, o chamado “associado e dependente”. Brum (1991) explica que a partir da intervenção militar na vida política do país, ocorre o aprofundamento da internacionalização dependente da economia brasileira, implantando-se um regime autoritário burocrático modernizante. O autor ainda relata que neste momento, procede-se a desativação do setor popular, através da repressão e do controle vertical do Estado sobre os sindicatos e demais formas de organização da sociedade civil.

Nesse contexto, Gonçalves Neto (1997) ressalta que a modernização agrícola conservadora trazida nesse tipo de governo, que conservava e intensificava a estrutura fundiária existente, foi acrescida de expansão expressiva do crédito rural, o que esteve relacionado à intensificação da desigualdade no campo através de processos de desapropriação, expropriação, expulsão e outras formas de violência.

Além disso, Viana Junior (2020) narra nesse sentido que:

O Nordeste brasileiro constitui um importante território para entendermos as minúcias desse processo, pois se tornou um verdadeiro laboratório de atuação do Estado ditatorial e de empresas privadas. A organicidade capitaneada para o setor agropecuário pelo Estado criou pastas, como o Ministério do Interior (1967), e preservou e ampliou instituições já existentes, como a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE-1959) e o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS-1909). Este, nominalmente conhecido como órgão de combate às secas, se tornou um propulsor da Revolução Verde no semiárido brasileiro através do estímulo, execução, fiscalização e administração de recursos e pessoas, além de transformações da estrutura hídrica e escurtínio e identificação das populações do campo (Viana Jr., 2020).

Contudo, a agricultura familiar surge nesse momento, como uma forma de produção alternativa à monocultura e ao latifúndio do período colonial fortalecendo-se com os impactos sociais e ambientais ocasionados pela “revolução verde”. Assim, no próximo tópico nos aprofundaremos um pouco mais em seu conceito e no surgimento de políticas públicas na era da economia aberta à globalização.

## **A Agricultura Familiar no Período do Modelo Econômico “Aberto à Globalização” e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf**

O Brasil, na segunda metade da década de 80, passa por um período de transição do regime autoritário para um regime democrático, nesse momento, a sociedade civil busca reconquistar gradativamente a cidadania e ocupar espaços no cenário político.

Porém, muitos estudiosos datam o início do debate sobre Agricultura Familiar, a partir da década de 1950, junto ao processo de modernização da agricultura. De acordo com Grisa e Schnei-

der (2014), desde a segunda metade da década de 1950, o governo brasileiro adotou a estratégia de industrialização por substituição de importações como uma tentativa de superar a defasagem que separava o Brasil das economias capitalistas industrializadas. Todavia, os autores relatam que no início da década de 1960, essa estratégia apresentou sintomas de crise em razão das dificuldades no abastecimento alimentar interno, e a alternativa que se encontrou foi a modernização tecnológica da agricultura para cumprir suas funções no desenvolvimento econômico do País.

Durante os vinte anos de ditadura militar, segundo Grisa e Schneider (2014), os representantes da sociedade civil vinculados à agricultura familiar não encontraram espaço na arena pública para discutir e construir em conjunto com os gestores públicos políticas para a categoria social. Ademais, a defesa da reforma agrária, a demanda por políticas diferenciadas e por legislação trabalhista e críticas ao regime ditatorial tornaram-se constantes nas reivindicações dos representantes da agricultura familiar, e estas mudanças incrementaram-se com a redemocratização a partir de meados da década de 1980 e com o debate da constituinte em 1988 (Grisa & Schneider, 2014).

Contudo, Silva e Jesus (2010) expressam que o processo de globalização deflagrado nos anos 1990, tem trazido ao cenário atual mudanças nos padrões de funcionamento das unidades produtivas de base familiar, assim como a relação dessas unidades com a economia e com a sociedade. Tais mudanças apresentam-se para uma parte dos agricultores como forma de resistência ao processo de modernização e ao agronegócio, e para outros como uma forma de adaptação ao processo de globalização.

A sucessão da redemocratização do país culmina com a promulgação da nova Constituição da República Federativa do Brasil em 5 de outubro de 1988. Onde a nova Carta incorpora importantes conquistas em relação aos direitos individuais, políticos e sociais, ampliando a cidadania (Brum, 1991). O artigo 195, § 8º da Constituição Federal, deu tratamento diferenciado aos (as) agricultores (as) familiares:

O produtor, o parceiro, o meeiro e o arrendatário rurais, o garimpeiro e o pescador artesanal, bem como os respectivos cônjuges,

que exercem suas atividades em regime de economia familiar, sem empregados permanentes, contribuirão para a seguridade social mediante a aplicação de uma alíquota sobre o resultado da comercialização da produção e farão jus aos benefícios nos termos da lei (Brasil, 1998).

No entanto, havia e há muito o que avançar nessa pauta, por isso, muitas foram as lutas destes atores sociais, tornando-se cada vez mais visíveis as precárias condições de reprodução social dos pequenos produtores que reclamaram a intervenção do Estado na construção de políticas públicas adequadas às suas particularidades, destacando-se a reforma agrária e o crédito rural (Grisa & Schneider, 2014).

Assim, fruto das inúmeras mobilizações sociais realizadas por movimentos sociais vinculados à agricultura familiar, a influência no sindicalismo dos trabalhadores rurais bem como, dos próprios interesses do Estado em manter a ordem social no campo criou-se a primeira política agrícola nacional direcionada especificadamente para agricultores familiares. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF surge com o Decreto N° 1.946, de 28 de Junho de 1996, com a finalidade de promover o desenvolvimento sustentável do segmento rural constituído pelos agricultores familiares, de modo a propiciar-lhes o aumento da capacidade produtiva, a geração de empregos e a melhoria de renda (Brasil, 1996).

Assim, questões como participação social, segurança alimentar e desenvolvimento local ganhavam notoriedade na geração de políticas de desenvolvimento rural onde a agricultura familiar era uma peça fundamental. O PRONAF, então, tornou-se a principal política de apoio produtivo e econômico aos agricultores familiares.

A partir desse programa, segundo Gazolla e Schneider (2013), outras políticas e programas importantes foram desenhados, como o Garantia Safra; o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), a revisão da Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e a própria Lei de ATER, visando integrar as ações governamentais para este segmento social.

O PRONAF possibilitou maior democratização do crédito rural para parte dos agricultores familiares; recursos para infraestrutura no município; capacitação de técnicos e agricultores familiares e recursos para assistência técnica e extensão rural.

## Conclusão

É sabido que a agricultura é um dos grandes pilares que sustentam não só a economia do Brasil, mas também uma base que sustenta o ser humano em seus mais diversos aspectos. Assim, este setor, desde o período colonial tem passado por diversas transformações que puderam ser expostas neste trabalho.

A transição do modelo de agricultura colonial para outras alternativas já era muito potente antes mesmo da década de 1950, temas como a Reforma Agrária e a inserção dos trabalhadores rurais nas Leis Trabalhistas demonstraram a luta do povo do campo, que sempre foi marginalizado e utilizado como engrenagem para movimentar a economia do país, sem levar em consideração seus direitos e seus desejos.

O próprio surgimento do termo agricultura familiar adveio de muitas lutas e reivindicações ao longo da história, e também tem sido alvo de muitos debates e transformações, não somente no que tange ao desenvolvimento econômico, mas atualmente no diz respeito também a saúde e a sustentabilidade.

Dessa forma, é possível perceber a importância da formulação de políticas públicas para a transformação da realidade social, alcançando a participação social e dando voz e ouvido as reais demandas das classes sociais. Nesse sentido, Silva (2008) ressalta que é importante perceber as políticas públicas não somente como mero recurso de legitimação política ou de uma intervenção estatal subordinada tão somente a lógica da acumulação capitalista, e sim uma resposta decorrente de pressões sociais a partir de ações de diferentes sujeitos que sustentam interesses diversificados.

Porém, ainda há muito que avançar, pois posterior a criação do PRONAF, surgiram muitos acontecimentos importantes dentro do contexto do avanço das políticas públicas para o campo, o próprio debate sobre a fome e segurança alimentar e nutricional nunca deixou de existir, sendo em alguns momentos da política governamental um assunto central.

Nesse contexto, estudiosos como Grisa e Schneider (2014), identificaram três gerações de políticas públicas direcionadas para a agricultura familiar: uma primeira que foca no viés agrícola e agrário, uma segunda direcionada para políticas sociais e assistenciais,

e uma terceira, orientada pela construção de mercados para a segurança alimentar e nutricional e para a sustentabilidade. Gerações que podem ser apontadas na contextualização histórica deste artigo e que certamente serão aprofundadas em estudos posteriores da autora.

Portanto, a partir de uma análise cronológica, o trabalho apresentou as transformações ocorridas no âmbito da agricultura, desde o período colonial e o avanço da industrialização (modelo nacional e autônomo), adentrando na transição do modelo de agricultura colonial para outras alternativas, na imergência de temas como a Reforma Agrária e inserção dos trabalhadores rurais nas Leis Trabalhistas, bem como, seu declínio com o golpe militar de 1964 marcado nesse âmbito, pela modernização agrícola conservadora que intensificou a estrutura fundiária existente (modelo associado e dependente). Perpassamos também pelo período de transição do regime autoritário para um regime democrático, onde a sociedade civil buscou reconquistar a cidadania, e assim, com a influência no sindicalismo dos trabalhadores rurais, e dos próprios interesses do Estado em manter a ordem social no campo, criou-se a primeira política agrícola nacional direcionada especificadamente para agricultores familiares: O PRONAF (modelo aberto à globalização).

## **Agradecimento**

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento que permite a realização de pesquisas como esta.

## **Referências**

Bercovici, G. (2020). A Questão Agrária na Era Vargas (1930-1964). *Revista História do Direito*, 1(1), 183-226. <https://revistas.ufpr.br/historiadodireito/article/view/78725>

Brum, A. J. (1991). *O Desenvolvimento Econômico Brasileiro* (30ª ed.). Vozes.

Carvalho, O. (1988). *A economia política do Nordeste: seca, irrigação e desenvolvimento*. Editora Campus.

Chacon, S. S. (2007). *O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido* [Tese de doutoramento publicada]. Banco do Nordeste do Brasil. <https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/handle/123456789/777>

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Artigo 195, § 8º. (1988). Presidência da República.

Decreto nº 1.946, De 28 De Junho De 1996. (1996). Diário Oficial da União. Brasília, 28 jun. 1996. Seção 1, p.11854.

Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. Atlas.

Gazolla, M., & Schneider, S. (2013). Qual “Fortalecimento” da Agricultura Familiar? Uma análise do Pronaf crédito de custeio e investimento no Rio Grande do Sul. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 51(1), 45-68. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000100003>

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. UFRGS.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.

Gonçalves Neto, W. (1997). *Estado e agricultura no Brasil: Política agrícola e modernização econômica brasileira (1960-1980)* [Tese de doutoramento]. Universidade de São Paulo. <https://repositorio.usp.br/item/000734723>

Grisa, C., & Schneider, S. (2014). Três Gerações de Políticas Públicas para a Agricultura Familiar e Formas de Interação entre Sociedade e Estado no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 52(1), 125-146. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600007>

Ianni, O. (1997). *Estado e Planejamento Econômico no Brasil* (2ª ed.). Civilização Brasileira.

Silva, J. R. & Jesus, P. (2010). Os desafios do novo rural e as perspectivas da agricultura familiar no Brasil. *Anais do V Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação (CONNEPI)*, Maceió, Brasil.

Silva, M. O. S. (2008). Avaliação de políticas e programas sociais: uma reflexão sobre o conteúdo teórico e metodológico da pesquisa avaliativa. Veras Editora.

Viana Jr., M. M. (2020). Irrigando a Ditadura: facetas da modernização agrícola no Brasil (1964-1975) *Revista Tempo e Argumento*, 12(30), 02-36. <https://doi.org/10.5965/2175180312302020e0209>

# POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA, CONDIÇÕES DE ACESSO DOS POVOS TRADICIONAIS AOS BENS E SERVIÇOS SOCIAIS

Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves

## Introdução

O trabalho analisou as condições de acesso aos bens e serviços sociais pelos povos ribeirinhos no âmbito das comunidades tradicionais na Amazônia. A pesquisa foi realizada junto a seis comunidades ribeirinhas, em Maués/AM e apresenta os resultados parciais da pesquisa intitulada *Condições de Acessibilidade aos Bens e Serviços Sociais pelos Povos Ribeirinhos na Amazônia*, Bolsa Produtividade CNPq. Para consecução deste projeto, delineou-se o desenvolvimento de vários subprojetos de pesquisas, em diversos níveis, com um conjunto amplo de ações que congregam diversos esforços. Dentre os resultados obtidos destaca-se: a produção de novos conhecimentos sobre a temática; constituição de ações de extensão universitária; a formulação de subsídios para elaboração de políticas públicas coerentes com as necessidades das populações ribeirinhas.

No contexto do debate sobre as formas de organização social, de corte tradicional, que se diferenciam, em sua ordem societal, da lógica de produção e consumo da sociedade capitalista, depara-se com a premente necessidade de ampliação e aprofundamento da discussão sobre as formas de acessibilidade a bens e serviços sociais. Igualmente, os estudos sobre populações tradicionais, em sua maioria, são realizados na área de Antropologia (Cultural e Indígena). Entende-se que o Serviço Social não pode ter presença limitada neste campo, e sob nenhuma hipótese, eximir-se deste compromisso ético político.

Assim, em face à cena amazônica, tal empreitada constitui-se num grande desafio, tendo em vista, que a região possui um extenso conjunto de povos tradicionais, cujas diferentes identidades socio-culturais (índios, ribeirinhos, extrativistas) compõem uma diversidade articulada numa rede complexa de organizações. A construção

da identidade sociocultural nas comunidades ribeirinhas da Amazônia resulta do processo de miscigenação que demarca a dinâmica histórica da região, desde o período da colonização.

Os agrupamentos humanos que formam as comunidades tradicionais da Amazônia possuem uma relação de sinergia com o meio local, cuja transmissão de saberes e habilidades, via tradição oral, deriva de um profundo conhecimento em relação aos ciclos da natureza que ordenam a vida, tais como: a variabilidade dos solos, o manejo da flora e da fauna, o movimento das águas em rios, lagos, igarapés, igapós, os mitos, símbolos e lendas (Chaves, 2001).

O estudo aborda as condições de acessibilidade aos bens e serviços sociais, tendo como parâmetro a organização sociocultural das populações ribeirinhas, para buscar suprir as suas necessidades e atender seus interesses, mediante atendimento, via políticas públicas. Na Amazônia, as referidas condições, bem como, a dinâmica de viabilização das políticas públicas junto às comunidades ribeirinhas, carecem de avanço, no sentido da sociedade brasileira conhecer as complexas formas de manifestação da questão social na região, marcada por contradições, pela precariedade e/ou ausência, numa clara negação de direitos.

A Constituição Brasileira de 1988 garante o acesso universal aos direitos civis, políticos e sociais, o sistema de proteção social pautada na concepção de Seguridade Social, que concebe o tripé Saúde, Assistência Social e Previdência, estabelece o marco legal da consolidação dos direitos sociais, como resultado de lutas históricas da classe trabalhadora. No entanto, as comunidades ribeirinhas constituem-se como territórios, nos quais a cobertura das necessidades sociais, a partir do acesso aos direitos na condição de cidadão, são muito restritos em seus atendimentos, deixando diversos grupos sociais tradicionais ao desfrute de práticas politiquieras que afetam, sobremaneira, suas formas de organização sociocultural.

Nesse sentido, a pesquisa buscou contribuir com a construção de mecanismos e práticas para a superação das condições de subalternidade impostas, a partir de um diálogo com as populações ribeirinhas, na construção de um saber, devidamente compromissado. A implementação da pesquisa foi realizada pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos Socioambientais e de Desenvolvimento de Tecnologias

Apropriadas/Sociais na Amazônia (Grupo Inter-Ação), do Diretório 5.0 do CNPq, vinculado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

## **Procedimentos Metodológicos**

Para execução do projeto foi utilizado um conjunto de técnicas e instrumentos para coleta de dados, assim, a coleta de informações, também serviu para desencadear a colaboração, participação e engajamento dos comunitários no fornecimento de informações qualificadas sobre as condições de acessibilidade aos bens e serviços sociais nas comunidades ribeirinhas.

No estudo, a natureza dos dados foi, predominantemente, qualitativa, mas também, foram adotados dados de ordem quantitativa. A utilização de dados de natureza diferenciada foi entendida na pesquisa não como oposição, ao contrário, se complementam, porque a realidade abrangida por eles interage, dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia (Minayo, 1994). A adoção desta associação favoreceu o tratamento dos dados (qualitativos e quantitativos) de modo complementar e permitiu o entrecruzamento das informações.

A estrutura metodológica da pesquisa foi constituída por etapas sequenciais, articuladas entre si, de maneira interdependente: Etapa Preliminar, Etapa da Pesquisa de Campo e a Etapa de Consolidação do Estudo.

### **I - Etapa Preliminar**

Nesta etapa foram realizadas as seguintes atividades:

1) Pesquisa Bibliográfica – pesquisa e revisão bibliográfica para construção das bases teóricas e de fundamentação das categorias analíticas a serem adotadas no estudo e que prosseguem até às vésperas de finalização do projeto;

2) Pesquisa Documental – visitas e contatos institucionais para seleção e estudo de documentos e relatórios (dados secundários) relativos à viabilização das Políticas Públicas nas instituições municipais e estaduais e centros de pesquisa na região;

3) Grupo de Estudos Interação entre Saberes – foi criado no âmbito do Grupo Inter-Ação um grupo de estudos para promoção de debates semanais sobre a temática do projeto;

4) Preparação dos instrumentos de coleta de dados e/ou informações – estruturação dos instrumentos de pesquisa como: roteiro de entrevista e formulário;

5) Viagem à campo para apresentar o projeto junto às lideranças das comunidades e obter o Termo de Anuência apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa, somente após aprovado foi iniciado o trabalho de campo;

6) Parcerias – estabelecimento de parcerias com instituições que atuam na viabilização das políticas nas comunidades.

**II- Etapa da Pesquisa de Campo** – Nesta etapa, diversas ações foram implementadas no âmbito das comunidades estudadas:

1) Pesquisa de Campo – a pesquisa de campo foi executada a partir da realização de viagens bimestrais ao município de Maués, nas quais se procedeu:

- a visitas domiciliares para obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

- a realização do pré-teste dos instrumentos de pesquisa e posterior aplicação do Formulário Semiestruturado, elaborado como piloto para obter informações para o conjunto dos projetos de graduação e de pós-graduação junto aos comunitários para conhecer as necessidades e interesses dos grupos locais;

- a aplicação das Técnicas de Abordagem Individual e Grupal.

**III) Etapa de Consolidação do Estudo** – Nesta etapa foram desenvolvidas as ações de sistematização, organização dos dados e consolidação da abordagem analítica, por meio de: 1) Organização das informações e montagem do Banco de Dados – tratamento e análise dos dados para ordenar gráficos, tabelas e quadros e proceder à análise crítico-descritiva, baseado na técnica de análise de conteúdo tomando, como referência, as categorias analíticas que norteiam o estudo;

2) Divulgação/Difusão dos resultados – elaboração de artigos científicos para publicação, envio de trabalhos para eventos técnicos científicos;

3) Elaboração do Relatório Final;

3) Retorno das informações às comunidades para retificação e ratificação das informações elaboração de material didático (cartilhas e informativos) doados aos comunitários para uso na escola comunitária;

4) Resultado entregue às Parcerias – o resultado do estudo foi apresentado, em forma de resumo executivo, para as instituições parceiras, com a finalidade de fornecer subsídios qualificados para o estabelecimento de políticas públicas.

## Resultados

Dentre os principais resultados destaca-se:

1) Produção de novos conhecimentos – a elaboração de vários projetos de Tese, Dissertações e Monografias (especialização e graduação) que geraram um conjunto de informações qualificadas, tais como:

a) diagnóstico do *modus vivendi* abrangendo a dinâmica política, sócio-organizativa, e as condições de acesso aos Programas de Aposentadoria e de Assistência Social nas comunidades ribeirinhas;

b) mapeamento dos conhecimentos tradicionais no manejo dos recursos naturais de plantas medicinais nas comunidades ribeirinhas;

c) produção de subsídios para a construção de mecanismos de proteção aos conhecimentos tradicionais na Amazônia.

2) Constituição de ações de extensão universitária – A partir da realização do mapeamento das necessidades, interesses e expectativas das populações ribeirinhas nas comunidades tradicionais relacionados aos direitos de cidadania, assim como, do diagnóstico das condições de vida e de acessibilidade a bens e serviços sociais junto às comunidades ribeirinhas estudadas, foi possível pensar na construção de um projeto de extensão universitária que possibilitasse intervir nas expressões da questão socioambiental;

3) Produção de subsídios para elaboração de políticas públicas coerentes com as necessidades das populações ribeirinhas – tendo como referência a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e os

resultados dos estudos que identificaram as necessidades vigentes, foi elaborada a proposta de criação do *Centro de Referência de Atendimento Rural (CRAR)*, em Maués, por meio do qual foi possível realizar um conjunto de serviços voltados para a realidade vivenciada no contexto das comunidades ribeirinhas da Amazônia, com envolvimento de uma rede de instituições parceiras para atender as populações do meio rural (produtores ribeirinhos (as), crianças, jovens, mulheres e idosos) com ações afirmativas de cidadania.

**Centro de Referência de Atendimento Rural** tornou possível fornecer aos ribeirinhos:

- 1 - a instrumentalização e potencialização das organizações dos produtores ribeirinhos na área da produção;
- 2 - o apoio na organização de empreendimentos solidário-comunitários para geração de renda pela valorização das formas de produção local;
- 3 - a realização de orientações jurídicas, de Assistência e Previdência Social;
- 4 - o fomento à criação de grupos artísticos e culturais com crianças, adolescentes e jovens;
- 5 - a realização de palestras, oficinas e cursos para formação de multiplicadores, além de serviços nas áreas da Saúde, Direito, Previdência e Assistencial Social e Assistência Técnica aos Produtores Rurais.

As informações qualificadas geradas na pesquisa foram disponibilizadas para as instituições públicas pertinentes, na qual se destaca a Secretaria de Assistência do Estado do Amazonas (SEAS) que assumiu o compromisso em implantar CRAR nos municípios do Estado do Amazonas.

A forma de atuação neste projeto representa o entendimento que a superação das condições de empobrecimento requer uma pluralidade de ações, desde aquelas que potencializem o desenvolvimento das forças produtivas, que possibilitem o acesso qualitativo aos serviços sociais, até àquelas que, de fato, proporcionem a participação social e política cidadã.

Assim, no que concerne aos resultados da pesquisa, em que pesem seus limites, a mesma proporcionou o aprofundamento do conhecimento sobre:

- a) o *modus vivendi*, a dinâmica socioambiental e organizacional das populações tradicionais na busca pelo acesso aos Bens e Serviços Sociais e no manejo dos recursos naturais;
- b) as políticas públicas junto às referidas populações, resultando, não somente, na ampliação do grau de conhecimento destas, mas contribuindo para criação de mecanismos para o estabelecimento de um efetivo diálogo e intercâmbio com as populações locais e para elaboração de instrumentos que garantam a condição de cidadania no acesso aos Bens e Serviços Sociais nas comunidades ribeirinhas.

## Discussão

### **Breve Caracterização da Sociedade e Cultura na Amazônia**

Este trabalho concebe a Amazônia em sua diversidade socio-cultural e ambiental. A Amazônia abriga uma diversidade de povos tradicionais, cuja formação étnica ocorreu historicamente, constituída a partir dos vários processos de colonização e miscigenação por que passou a região e que geraram alterações drásticas às relações homem-natureza, por incidirem sobre os liames da cultura dos povos da região. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o homem amazônico é resultado dos intercâmbios históricos entre diferentes povos e etnias; fruto do processo de colonização sob a força da ocupação que sobreveio à região. Para Morán (1990 citado por Chaves, 2001), a heterogeneidade dos povos da Amazônia reflete, também, a diversidade de sua relação com a natureza, pois, em sua complexa trama política e social, a relação homem-natureza resulta da dinâmica das relações sociais dos homens entre si.

Maurice Godelier (1981), antropólogo marxista, declara que a relação sociedade e natureza só pode ser compreendida tomando por base a racionalidade vigente em cada sociedade. Esta racionalidade ganha significado a partir das representações que os indivíduos erigem em relação ao seu meio, sob o fundamento da cultura.

Em seus estudos Clifford Geertz (1989) analisa a cultura como sistemas simbólicos, a qual considera não como um complexo de comportamentos concretos, mas enquanto um conjunto de mecanismos de controle, planos, regras, instruções para direcionar o comportamento. Para Geertz (1989), o homem pode ser visto e entendido como ser simbólico. Desse modo, o comportamento humano também aparece como ação simbólica. Leff (2000) aprofunda a existência de inter-relações entre processos ecológicos e históricos. Na sociedade urbana-industrial, em sua roupagem contemporânea, a natureza ganhou o estatuto de mercadoria, enquanto nas sociedades tradicionais, mesmo face às pressões do capital sobre suas bases, ainda prevalecem inúmeras formas de resistência, em defesa de uma natureza, como fundamento da vida social e de existência cultural.

Logo, o modo de ver o mundo, os julgamentos de ordem moral, valorativa e política, as diferentes relações sociais e, mesmo, as posturas comportamentais, são produto de um extenso patrimônio cultural, sob a operação de uma determinada cultura. Assim, analisar a cultura dos povos tradicionais da Amazônia é um desafio motivador pela singular relação do homem com a natureza, em que o termo comunidade compreende uma rede de relações sociais e políticas, cujas práticas estão vinculadas aos conhecimentos tradicionais passados de geração em geração, ligados a crenças, costumes, religião e experiências de vida. Essas modalidades de conhecimento são fundamentais para manter viva a identidade sociocultural de cada grupo particular (Chaves, 2001). Para as populações ribeirinhas, essa identidade assume um papel fundamental na luta pelo acesso a bens e serviços sociais e pela garantia do direito ao seu território e ao uso e manejo sustentável dos recursos naturais disponíveis.

### **Políticas Públicas na Amazônia**

A lógica de desenvolvimento imposta à região delineou a trajetória das políticas públicas direcionadas à região (Chaves, 2001, 2004; Lira, 2008). As políticas públicas, historicamente editadas na região, são reguladas por lógicas antagônicas aos interesses e às demandas de vastos segmentos das populações que vivem na Amazônia. O grande desafio social, político e econômico para a Amazônia é a criação de alternativas de ações públicas de desenvolvimento re-

gional sustentável, porém, para tal, muitos impasses prevalecem no âmbito dos debates, o que desafia a todos a assumir o compromisso de contribuir com a construção de fundamentos teórico-práticos e ético-políticos (Chaves, 2008).

As políticas públicas, historicamente direcionadas para a região, estão ancoradas em premissas, claramente, ideológicas. Neste sentido, as singularidades da região inscritas na extensão de seu espaço físico, tanto ambiental, quanto sociocultural, bem como, os problemas a ela atribuídos, são vistos como atraso secular. Os povos tradicionais são rotulados de indolentes e inoperantes para operar sob o marco da racionalidade capitalista os recursos regionais, gerando risco de destruição. Esse velho discurso ainda encontra eco nos tempos atuais e esconde os reais interesses de expansão do capitalismo por meio da dominação das formas de produção tradicionais em busca da maximização do lucro e da sanha da conquista de terras para especulação, exploração desordenada e predatória dos recursos naturais e dos homens (Chaves, 2001).

Na Amazônia encontra-se um dos piores IDHs do Brasil com 0,727, enquanto a média nacional é 0,852. A região possui a segunda pior taxa de analfabetismo entre pessoas com 10 anos em diante: 29,9%, menor apenas em relação ao nordeste, cujo percentual é de 37,5%; a segunda maior taxa de mortalidade infantil do país 53,70%, maior que a média nacional que é de 49,70%; menor apenas em relação ao nordeste (88,20%). Em contrapartida, a média PIB *per capita* brasileira é de R\$ 7.631 e o estado do Amazonas apresenta um valor superior com o PIB *per capita* de R\$ 8.374 (Fleischfresser, 2006). Apesar disso, o mapa gerado por alguns indicadores indica que ocorreu um importante crescimento econômico na região. Todavia, observa-se que o crescimento econômico dos estados da Amazônia não gerou melhoria nas condições de vida, trabalho e cidadania para parcela importante da população, posto que os benefícios advindos desse crescimento estejam concentrados em determinados segmentos sociais, que representam uma minoria.

O pressuposto importante, adotado no estudo, é de que no bojo deste processo, o papel do Estado na região na concretização das políticas públicas, assinala a vigência de práticas que oscilam entre a precariedade ou ausência na prestação dos serviços, que resulta

na negação de direitos. Igualmente, a presença do Estado caracteriza-se pela imposição de sua presença, ordenando o processo de ocupação histórica e patrocinando o confronto entre a lógica do capital e a das populações tradicionais. A existência deste processo implica na ampliação da pauperização dessas populações, tanto por impor um padrão de exploração dos recursos diferentes dos tradicionais, quanto pela expropriação de seus territórios, em razão de busca de matérias-primas para o capital e, ainda, da precariedade ou carência de serviços sociais para atender suas necessidades e interesses.

### **Modo de Vida Ribeirinho, Determinantes da Cultura no Manejo dos Recursos Locais**

Diversas experiências desenvolvidas pelas populações ribeirinhas, no extrativismo animal e vegetal, dentre outras, indicam a adoção de sistemas de manejo, no qual se reorganizam para disciplinar a exploração da fauna e flora, em áreas onde a organização da produção atende a princípios de coletivização do trabalho e de participação comunitária.

Para as populações ribeirinhas, a vida obedece à dinâmica do ciclo natural, assim o conjunto das práticas produtivas segue a lógica da natureza, sem uso de tecnologias que alterem este ritmo. As práticas agrícolas são um exemplo deste modo de produção, pois seguem o tempo de fazer a coivara, de preparar a terra, de semear, de capinar e esperar o tempo certo de colher (Diegues, 1997). Na prática da pesca, seja para capturar o pescado para subsistência ou para comercialização, como nas demais atividades de coleta/extrativismo vegetal ou animal, também o tempo certo é aguardado, considerando a temporalidade das espécies de peixes migratórios ou residentes, o tempo de procriação e de reprodução.

Na comunidade ribeirinha, a vida dimensiona-se pelo ritmo da natureza. Seguindo cada ciclo, os produtores variam suas atividades produtivas. Essas atividades são ordenadas pelo aparecimento de uma lua em determinado período, a ocorrência de chuva, do sol forte, da seca, enchente, cheia e vazante dos rios ou de outros sinais interpretados como: avisos, códigos percebidos, decifrados e respeitados pelos moradores da floresta.

Na organização da vida econômica, estas populações, além de seguirem o ritmo da natureza, também fazem o manejo dos recursos

locais voltadas para o atendimento das necessidades prioritárias de seus grupos domésticos, com técnicas simples e de baixo impacto. Dentre as principais práticas produtivas desenvolvidas pelos ribeirinhos destacam-se: a prática da pesca artesanal e da comercialização do excedente; a produção agrícola para subsistência, com a comercialização direcionada para atender o consumo da família pela troca com produtos que não produzem (mercadorias industrializadas); o extrativismo vegetal e animal; o cultivo de plantas medicinais e os processos de beneficiamento dos recursos locais pelo artesanato, de tessumes de fibras naturais e outras formas de manejo de materiais locais.

### **Conclusão**

Ao comparar o padrão urbano-industrial, às formas de organização das populações rurais da Amazônia para acesso aos bens e serviços sociais, como: saúde, educação, assistência técnica, transportes, energia e água, observa-se uma grave situação de empobrecimento que sobressai de maneira exacerbada. A natureza do acesso aos serviços no meio rural abrange uma gama variada de questões, seja de ordem social, econômica, tecnológica, ambiental, política – indissociáveis entre si, embora as questões de ordem política possuam peso maior, em relação às demais, no contexto das políticas públicas.

Nas comunidades, face à falta de atendimento com serviços de qualidade, os sujeitos são forçados a buscarem soluções, em conformidade com a inserção na sociedade; a posição nas relações de produção; a consciência de classe e identidade política; os canais de participação encontrados e/ou criados na defesa de seus interesses para satisfação de suas necessidades. Nas comunidades ribeirinhas a modalidade de organização da produção lhes permite superar, em parte, os limites da pobreza e obter, embora vivenciado um conjunto de carências, com certa autonomia as condições de reprodução física e social. No entanto, isto não exime o Estado da responsabilidade de prestar os serviços de que necessitam na condição de cidadãos.

Ao tomar por base os resultados do estudo, entende-se que as políticas sociais precisam formar uma rede de segurança que impeça a deterioração do padrão de existência e crie as possibilidades de

uma efetiva melhoria nas condições de vida da população local. Assim, mediante o quadro de problemáticas e lutas que se apresentam na conjuntura atual, as políticas públicas devem atuar para superar os marcos conservadores, sob o crivo de mecanismos de controle social, que gere condições efetivas de participação cidadã de seus demandantes.

O trabalho desenvolvido pelo Grupo *Inter-Ação*, junto às comunidades ribeirinhas de Maués, bem como, em inúmeras outras trabalhadas, busca potencializar a capacidade organizativa de que são portadoras. Para tanto, prioriza-se o diálogo entre a equipe de trabalho e a comunidade para a elaboração coletiva e participativa de tecnologias sociais, tais como: organização sociopolítica e gestão comunitária. Vale destacar, que o processo de participação e envolvimento dos comunitários é o fator fundamental na construção e implementação das ações possibilitando, assim, a construção de *saberes* que contribuem para instrumentalizar novas práticas e relações democráticas entre os diferentes agentes sociais envolvidos, caracterizando-se como um processo dialético, aberto e dinâmico, a partir de um diálogo instrutivo e pedagógico, o qual se constitui em um momento privilegiado em que se torna possível pensar e (re) inventar práticas e alternativas de continuidade das ações, bem como, a formulação coletiva de ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida com participação cidadã.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico de Pesquisa (CNPq) pela Bolsa de Produtividade que possibilitou realizar este estudo. Meus agradecimentos aos organizadores e financiadores do IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural (CLAPRU).

## **Referências**

Chaves, M. P. S. R. (2001). *Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: O estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá* [Tese de Doutorado]. UNICAMP/CIREL.

Chaves, M. P. S. R. (2008). *Recursos naturais, biotecnologia e conhecimentos tradicionais: questões sobre o desenvolvimento sustentável na Amazônia*. Revista Perspectiva.

Chaves, M. P. S. R. (2004). *Relatório social do estudo caracterização socioeconômica da atividade pesqueira e da estrutura de comercialização do pescado na Calha Solimões-Amazonas* (Relatório de Pesquisa). UFAM.

Diegues, A. C. S. (2002). *O mito moderno da natureza intocada* (4ª ed.). Annablume; Hucitec; NUPAUB.

Fleischfresser, V. (2006). *Amazônia, Estado e Sociedade*. Armazém do Ypê.

Geertz, C. A. (1989). *Interpretação das culturas*. Editora Guanabara.

Godelier, M. G. (1981). *Antropologia* (E. A. Carvalho, org.). Ática. (Coleção grandes cientistas sociais, 21).

Laraia, R. B. (1999). *Cultura: um conceito antropológico* (12ª ed.). Jorge Zahar Editor.

Leff, E. (2000). *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Ed. FURB.

Lévi-Strauss, C. (1976). *A ciência do concreto. O pensamento selvagem*. Ed. Nacional.

Lira, T. M. (2008). *Análise das condições de acesso aos programas de assistência social pelas populações ribeirinhas de Maués/AM* [Tese de conclusão de curso]. Universidade Federal do Amazonas.

Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.

# **¿POR DÓNDE? SI NO ES POR ARRIBA NI DESDE ABAJO... ESPACIOS POSIBLES PARA TRABAJAR LA INTERCULTURALIDAD EN ATENCIÓN PRIMARIA DE LA SALUD**

Lucrecia Petit

## **Introducción**

Se parte de la experiencia de trabajo como psicóloga en un centro de salud de atención primaria del conurbano bonaerense (La Matanza, Provincia de Buenos Aires, Argentina). En ese marco se cruzan políticas dirigidas, prácticas libres sin indicaciones, y marcos o cursos desde otros niveles de gestión. En esos cruces, vale preguntarse si es posible darle espacio a la dimensión intercultural, y cuáles son las condiciones, los limitantes y los posibilitantes.

Desde la formación clásica en Psicología Comunitaria se ha estudiado el “desde arriba” como lo impuesto, lo relacionado con la dominación. Y lo emergente o la construcción colectiva de base o más autónoma se la ha llamado “desde abajo”. Estas han sido lógicas contrapuestas que aquí buscaré revisar, en base a mi trabajo y a la inserción en la Red territorial de Salud mental y adicciones de la Secretaría de salud, Municipalidad de La Matanza (provincia de Buenos Aires, Argentina). Yo me encontré con que ni lo uno ni lo otro y por eso surge la pregunta del por dónde.

## **Antecedentes De Mis Recorridos**

Mi accionar desde la psicología comunitaria siempre tomó el postulado de la transformación social. Hace más de 10 años trabajé con comunidades indígenas del pueblo mapuche en territorio (zona rural de la provincia de Chubut) y en los últimos años acompañamos procesos grupales con sujetos que se autoreconocen indígenas o que están en ese proceso, que viven o nacieron en grandes ciudades, o que trabajan o tienen afinidad con la temática (Petit, 2022).

En la articulación con personas y equipos donde nos nutrimos y vamos en el mismo sendero, creamos la Red “Psicología y Pue-

blos Originarios” en Argentina, que surge de la invitación de una red más amplia que integramos: “Red Psicología Nuestramericana”. Recientemente se publicó una recopilación de las experiencias de la red con los trabajos en Argentina que incorporan experiencias con comunidades o pueblos o bien que tienen una mirada intercultural en sus abordajes (Petit et al., 2022). Evidentemente mi espacio es la psicología, pero “otra” psicología.

En mis trabajos de docencia y enseñanza, tanto en asignaturas de educación como de salud, enfatizo la perspectiva comunitaria, latinoamericana, intercultural y decolonial. Se trata de un modo de concebir el todo y cada elemento con el que nos encontramos en la práctica concreta, rompiendo el saber hegemónico tradicional, el lugar del saber como experto, retomando la educación popular, la IAP, la participación de los sujetos activos, el diálogo, o sea, todo lo que conforma un paradigma contrahegemónico que nos lleva hacia el “buen vivir”.

## **Básicos En El Quehacer**

Algunos postulados básicos que tienen que ver con lo que ya ha sido problematizado, cuestionado y que además son conocidas las propuestas superadoras de esos aspectos clásicos o tradicionales en los modelos de ejercer o de trabajar. Esto tiene que ver con tener una mirada crítica, colectiva, comunitaria, participativa, latinoamericana o nuestramericana en los distintos espacios donde estemos. Es justamente la base desde la cual me estoy parando también y que se sostiene en mi recorrido previo. Entonces quienes nos posicionamos desde este lugar acordamos en pensar la dimensión intercultural en salud, en pensar los abordajes desde una mirada sociocomunitaria, en ejercer y accionar a partir de la propuesta de la psicología comunitaria, y en proponer y trabajar con dinámicas participativas, corporales, sensibles, artísticas.

Entonces vamos a tomar también como algo básico las críticas al modelo biomédico hegemónico, las críticas a la idea de multiculturalidad y a las nociones de interculturalidad relacional o funcional. Y será los abordajes individualizantes, psicologizantes, patologizantes, positivistas, coloniales, occidentalocéntricos y patriarcales. Por supuesto que a esto se le agrega la industria farmacológica, el con-

sumismo, la mercantilización de la salud y de la vida, en síntesis, el sistema capitalista que arrasa con los seres humanos y con el medio ambiente.

Hay valiosos desarrollos en Latinoamérica aunque la salud sigue siendo sostenida en los parámetros más clásicos y alejados de la realidad de las personas, sus comunidades, sus vidas dignas de ser vividas, sus pesares y sus potencias también. Es sabido que la salud y la epidemiología han tenido sus ramas críticas y hay personas que han realizado grandes aportes como Breilh, Almeida-Filho, Calatayud, Feo, Uzcátegui, y en Argentina Stolkiner, Saforcada, Lapalma, entre muchas otras personas de referencia.

Recordando a Freire, Fals Borda y Martín-Baró podemos subrayar como ideas básicas: participación, diálogo, saberes populares, construcción, transformación, problematización, concientización. En definitiva, el legado es bregar y construir un mundo más equitativo, liberar(nos) de las condiciones de opresión, y buscar el modo de hacer efectiva la transformación social desde nuestros territorios con la cosmovisión indígena del “Buen vivir” o el “vivir bien”.

Algunas de las diferencias básicas entre este paradigma y el “vivir mejor”. Para la filosofía del Buen vivir o Vivir bien: Somos parte de la tierra, lo que daña a la tierra daña a los seres humanos; todo vive y tiene vida; todos los elementos están interconectados; la naturaleza es parte fundamental, es imposible dividirnos de ella; en el estar todo lo que le ocurre a la naturaleza le ocurre a las personas; vivir en armonía, reconstituir nuestra identidad; un reordenamiento de la vida, en relación con uno, con los otros y el contexto o medio natural/ambiental.

En cambio, el vivir mejor es intentar ganarle a otros, superarlos e imponerse; es una cultura del consumo desmedido, del daño a la naturaleza, de la mercantilización de todo, es especulación, acumulación; es contaminación, derroche, descuido por la vida misma; en la ciencia es el positivismo, la eficacia, la medición de todo y la eliminación de lo que no sea exitoso o no sea productivo, sin importar si en eso hay personas...

En definitiva, el buen vivir es la “oportunidad de construir colectivamente nuevas formas de vida”. En ese camino propongo en mis espacios laborales con grupos, estudiantes y graduados: decons-

truir los efectos de la colonialidad, insistir en mirar y conocer la realidad latinoamericana, en incorporar una perspectiva comunitaria para entender la educación, la salud y la vida misma, con metodologías para afectarnos, sensibilizarnos, redescubrirnos, conectar con el cuerpo y la tierra y multiplicar acciones de descolonización.

Entonces, si todas estas nociones tienen plena vigencia en la actualidad: ¿cómo poder salirse de este paradigma? La única salida es generando un cambio de paradigma, donde se incluya la salud colectiva, donde la salud y la enfermedad sean vistas como un proceso con determinación social y no como un estado como propone la OMS, que por lo tanto la salud sea un derecho humano individual y social-colectivo, garantizado por políticas públicas universales que mejoren las condiciones de vida, que se promueva la participación activa de la comunidad y las organizaciones sociales, por lo tanto que el “saber-poder” no sea ubicado en el médico experto sino que se valoren los saberes populares, y que así vayamos caminando hacia el Buen vivir.

## **Trabajar Como Psicóloga En Atención Primaria De La Salud**

### **Conurbano**

Aquí quisiera comentar el trabajo y el desafío de incluir en mi hacer todo lo sostenido en los fundamentos teóricos y epistemológicos que se indicaron en el apartado previo. El desafío se enmarca en mi trabajo como psicóloga en el primer nivel de atención de la salud, en el Conurbano Bonaerense, dentro de una gestión de políticas públicas, y en rol como agente estatal.

Vale aclarar que el conurbano bonaerense es una dimensión en sí misma y merece un análisis en sí mismo. Solamente para contextualizar es importante situar que en la provincia de Buenos Aires -que es la provincia más grande de Argentina- el partido de La Matanza es una de las áreas más pobladas, por lo tanto, es el territorio más poblado de toda la Argentina. Se le dice conurbano a lo que está alrededor de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires dónde se encuentra la Capital Federal del país. El conurbano bonaerense tiene la mayor densidad poblacional y también tiene un correlato en una dimensión política, siendo un territorio clave para las elecciones pro-

vincial y nacional. Dentro del municipio de La Matanza hay distintas localidades y a nivel sanitario se divide en tres regiones sanitarias.

Si bien no hay datos estadísticos, se sabe que en Argentina la mayor cantidad de población indígena actualmente está en los conurbanos, o sea, en los alrededores de las grandes ciudades. Entonces no estamos pensando en términos urbano-rural pero sí en términos de concentración centro-periferia. Además, en el conurbano llegaron muchas de las personas y familias que se desplazaron por varias generaciones dentro de la propia Argentina. En Laferrere la zona donde se encuentra la Unidad Sanitaria donde trabajo (llamada “salita” o “centro de salud”) hay muchas familias que provienen de provincias del norte del país como Corrientes, Chaco y Misiones. Y mucha población también que proviene de países limítrofes como Bolivia, Perú y Paraguay.

### **Desde Arriba**

En función de mi recorrido, al insertarme como psicóloga en el contexto de conurbano me interesaba poder pensar en trabajar algo de la interculturalidad. Me preguntaba cómo serían las lógicas “desde arriba”, los lineamientos, las bajadas de línea, los ordenamientos desde un nivel superior. . . En Argentina está muy instalado que el trabajo de el/la profesional de la psicología es la atención clínica individual, la lógica de consultorio. En el área de la salud, lo que se llama “salud mental”, podría ser con cualquier teoría, pero suele esperarse la atención de terapia o de orientación de los llamados pacientes.

La lógica también indica que hay una cuestión de cantidad, por lo tanto, se busca también la mayor cantidad de atención de personas en las consultas o las terapias individuales, lo que a veces derivó en atenciones grupales para satisfacer la cuestión cuantitativa. Generalmente los seguimientos de las instancias de decisión miran las estadísticas y las planillas de datos numéricos más que lo cualitativo. También es esperable que desde el trabajo profesional de la psicología en gestiones o cargos públicos se pueden atender todas las situaciones, demandas o problemáticas que van desde violencias, cuestiones de crianza, dificultades o trastornos de angustia, ansiedad, fobias, duelos, consumos problemáticos, intentos de suicidio y cortes o autolesiones, por ejemplo en adolescentes.

Lo básico que se ofrece desde arriba es un consultorio. Hay menos espacio para pensar cuestiones de prevención y promoción de la salud. Entonces en la psicología en general se suele repetir la lógica biomédica del profesional experto que atiende desde un abordaje individual. Suele haber poco espacio para el trabajo comunitario, para armar equipos interdisciplinarios, mucho menos para pensar lógicas transdisciplinarias. Si bien en La Matanza la Red de Salud mental y adicciones impulsa el trabajo con equipos, con proyectos sociocomunitarios, se podría decir que esto no es el abordaje general de todos los municipios o de todos los efectores en salud mental.

### **Desde Abajo**

Con esas lógicas ¿qué se podría hacer desde abajo? Imaginar que las personas van a llegar al centro de atención de salud del barrio, van a ir a pedir y demandar, a hacer un pedido espontáneamente con algo que tenga que ver o que se llame como intercultural sería desconocer los efectos que el modelo bio-médico-hegemónico generó en ciertas poblaciones. Y que, además, llegarían pidiendo por alguien de la psicología como persona idónea en resolver o colaborar en algo de lo intercultural... Parece muy alejado de la realidad y la representación social de la Psicología en Argentina.

En general, quienes acceden a los espacios barriales de atención primaria de la salud -lo mismo ocurre en hospitales- no suelen hacer vivibles sus prácticas ni sus orígenes socio-culturales. Tampoco son dimensiones que se consideren prioritarias en las entrevistas, por lo que se repite una invisibilización y una adaptación a las lógicas coloniales, a sabiendas de que es el modo de transitar las instituciones con menos discriminación, violencia y expulsión.

Todo parece indicar que esas familias y sujetos de pueblos originarios que viven en el conurbano no podrían fácilmente reconocerse como indígenas/originarios, y demandar atención intercultural en los centros de salud.

### **¿Por Dónde?**

Entonces, si no era ni por arriba ni por abajo, ¿por dónde sería posible abordar la salud intercultural? Preferí insistir, persistir, crear, y hacer lo que sabía hacer: construir con otros.

En diciembre del 2021 se convoca a una capacitación obligatoria al personal de salud para incluir la dimensión “intercultural”. Al mismo tiempo se solicitan planillas que registren y ubiquen a “las personas indígenas”. Cabe aclarar que en ese centro de salud hay un “consultorio de diversidad sexual”, por lo tanto, hay una apertura y un trabajo hacia la diversidad. Esto generó una primera pregunta ante la invisibilización de las comunidades originarias, sumado al desconocimiento de la dimensión intercultural y de la realidad de los Pueblos Originarios en el territorio argentino.

La capacitación llegaba desde el mayor nivel dentro del municipal, provincial y nacional, o sea era desde arriba, desde Nación que se instalaba el tema. La capacitación fue muy buena y ofrecía información y contenido sobre las particularidades de la población indígena en Argentina, describiendo además las particularidades de los sistemas de salud. Hubo un punto al que hasta el día de hoy no se supo y es quienes habían pedido salud intercultural en ese centro de salud de La Matanza, si alguien había dicho que se autoreconoce indígena y que además se atiende en esa sala... Hay un punto donde se cruza la información de abajo y la de arriba que no pudo conocerse.

La cuestión es que al participar en la capacitación abrió a preguntas entre el personal de la sala, tanto profesionales como personal administrativo: ¿Qué tiene que ver esto con nosotros?... con nosotros como sala de salud? ...cómo barrio? ...como sector de salud? qué tiene que ver esto con nosotros? Y el argumento que se oía era “acá no hay no hay aborígenes” (también evidenciando poca precisión conceptual acorde a las legislaciones vigentes).

Aquí nuevamente aparecen algunas cuestiones que se enmarcan en algunas dificultades de poder pensar las lógicas institucionales, ya que en el terreno de la sala hay una huerta comunitaria, hay articulaciones institucionales con un área del Instituto Nacional de Transferencia Agropecuaria (INTA) que es el Pro-huerta, aunque no hay una relación aceiteada entre el sector salud y el espacio de la huerta.

### **La Primera Jornada**

A partir de que se haya habilitado desde arriba pensar la salud intercultural con la capacitación desde Nación, se comenzó a gestar

una primera jornada de salud intercultural. Gracias a contactos y a partir de los vínculos previos que se habían entablado por mi participación en la Red de Psicología y pueblos indígenas en donde hubo contactos con referentes de distintos pueblos, organizaciones indígenas y comunidades, se pudo contactar al referente de una comunidad guarani que está a pocas cuadras del centro de salud en Laferriere, La Matanza. Desde la salita no se conocía a la comunidad y fue una gran sorpresa, aunque el referente participa de mesas de debate y discusión de pueblos indígenas a nivel internacional. Participaron referentes del Pueblo Guaraní, Pueblo Kolla, Pueblo Tonokotè.

La jornada consistió en una ceremonia ritual con música y danza y un debate, usando la parte externa del centro de la salud y la sala de espera. Ese fue el modo de comenzar a trabajar en la salud intercultural. Participaron:

- Mburuvicha Alejandro Borjas, referente de la Comunidad Aretiguasu Buenos Aires Pe, comunidad Guaraní, Gregorio de Laferrere.
- Oscar Pons, Psicólogo y activista por la interculturalidad. Integrante de la Subcomisión “Comunidades e interculturalidad” del Colegio de Psicólogos de Morón.
- Delia Claros. Referente de la Comunidad Tres Ombúes, territorio recuperado de La Matanza.
- Walter Hugo Barraza. Referente de Opinoia, Organizaciones de Pueblos Indígenas del Noa. Kamachej del Consejo de la Nación Tonokote
- También participaron Jóvenes de un Programa Social Enviación-Podes Kiosco Juvenil; Estudiantes y docentes de la Escuela Secundaria N°128. Jóvenes de Enviación-Podes Kiosco Juvenil. También estuvieron presentes y apoyando la jornada el Director de la Región Sanitaria N°2, Dr. Leandro Santaella, y la Coordinadora de la Red Territorial de Salud Mental y Adicciones, Lic. Mariana Dominguez.

Una sensación que comentaban varias personas era que estaban altamente emocionadas, sensibilizadas y que no sabían por qué...

Algunas de las frases del registro de ese día (Petit, 2021), (resumen e imágenes publicadas en la Revista Territoria):

“El patio de la sala va recibiendo el solcito de la mañana del jueves.

El árbol medio seco, en el que pocas personas habían reparado sobre su estado de vida, se va vistiendo de serpentinas de colores. Sobre la tierra, chicha, vinito, coca, sahumos y plantitas para quemar”.

Para hablar de salud intercultural, el comienzo debía ser con una ceremonia de apertura para pedir permiso a la Madre Tierra y convocar a los ancestros. Después de las palabras de Alejandro Borjas -Referente de la Comunidad guaraní Areteguasú Buenos Aires Pe de Laferrere- se siente la música y el latido del tambor. Los instrumentos de viento acompañan el ritmo y los cuerpos se mueven para bailar. Hay estudiantes, jóvenes, docentes, personas del barrio, trabajadorxs de la sala, operadorxs sociales, profesionales, pacientes... todxs se conmueven... sin saber por qué. Lxs adolescentes se suman al ritual y preguntan respetuosamente cómo es la acción de la ofrenda. Pareciera que muchxs quieren ser parte. Nos miramos, nos acompañamos, nos sostenemos, nos invitamos a bailar, a pedir, a agradecer.

La diversidad se ve y toma el espacio. Una mujer trans dice emocionada que acá están los suyos. Nadie la mira desde algún supuesto diagnóstico. La agarramos fuerte y salimos a bailar. Nos embarramos y ella quiebra en llanto. “*A la hermana la está atravesando la identidad*” – dice alguien sabiamente, reflejado en su propio proceso de reconocerse como originario.

Delia trae algo de la historia local y pregunta: “*¿saben dónde murieron? Acá en La Matanza, el río de La Matanza quedó rojo de la cantidad de sangre de hermanos que mataron. Y por eso es que La Matanza se llama La Matanza, por el genocidio a los hermanos que la habitaron: los hermanos querandíes, chaná, mbú, guaraníes*”.

## Discusión

### ¿Dónde? Por Acá Puede Ser...

Después de la jornada las repercusiones fueron muy buenas. Hubo muchos agradecimientos y estuvo la posibilidad de presentar la reciente creación de la Subcomisión llamada “Comunidades e interculturalidad” en el Colegio de Psicólogos de Morón, como un nuevo espacio para que lo intercultural tome visibilidad entre psicólogos. Y entonces en la reunión de la Red Territorial de Salud Mental y Adicciones de La Matanza, el 1 de agosto no pasó inadvertido, y se generó un espacio para compartir en ronda una ofrenda a la Pachamama.

Para cerrar entonces, dejo estas guías posibles por dónde generar espacios para trabajar la salud intercultural desde la atención primaria de la salud:

- Desde los vínculos previos, personales, humanos, cálidos
- Entre los huecos de los niveles, de las tensiones, de los vacíos, de lo inespecífico de las gestiones en salud
- Y agarrándose de los niveles superiores que habilitan ciertas acciones y aperturas al abordaje que queremos hacer
- Haciendo visible el espacio y generando participación, entonces cuando llega la “demanda” habrá que responder
- Articulando con otros sectores (“intersectorialidad”), escuelas, colegios de psicólogos, organizaciones indígenas
- Sensibilizando sobre la presencia indígena en el conurbano, visibilizando la diversidad
- Haciendo alianzas con colegas, pares, personal administrativo, coordinaciones

### Atención Con...

Y también es necesario tomar algunos recaudos que implican prestar atención con:

- Proyectos tomados e impuestos desde arriba que repiten las lógicas dominantes, individualizantes, que no abordan la interculturalidad desde un giro epistémico

- Propuestas ambiciosas que no puedan sostenerse por la cantidad escasa de recursos
- La moda, la política lavada, el marketing, el mostrar, vender...
- Replicaciones en territorialidades muy diferentes
- Los intereses contrapuestos de niveles, de actores o agencias en territorio, las tensiones internas de cada grupo o sector

## Conclusión

Para concluir se propone una dimensión “trans”, que rompe fronteras y articula espacios, que toma los huecos y las líneas de fuga tanto de lo micro como de lo macro, y que aporta la posibilidad de trabajar y accionar en salud, desde la psicología socio-comunitaria, visibilizando y dejando que los espacios formales sean tomados y transformados.

## Referencias

Jaramillo, N., Barbosa, J., Petit, L., Artaza, A., & Bancalari, P. (2022). Crítica desde una psicología de las ausencias: escuchar, alojar y comprender los modos de ser, estar, hacer y pensar indígena. En M. Calegare, R. S. Prieto, P. A. P. Gil, & L. E. L. Romero (Eds.), *Por lo caminos de las psicologías ancestrales nativoamericanas v1: investigaciones y experiencias sobre y desde los pueblos originarios* (pp. 87-106). Alexa Cultural; EDUA.

Petit, L. (2021). Estamos presentes: caminando hacia la interculturalidad. *Revista Territoria*. Red territorial de salud mental y adicciones de la secretaría de salud, Municipalidad de La Matanza, provincia de Buenos Aires, Argentina.

Petit, L. (2022). Reconocer, relacionarse, respetar. Experiencias en el trabajo psico-comunitario con comunidades indígenas. En *Intervenciones en salud comunitaria. Relatoría de experiencias* (Colección Salud Comunitaria, pp. 191-214). Editorial Nuevos Tiempos.

Petit, L., Bonelli, M., Rossini, M., Vargas, E., Barbosa Becerra, J., Vazquez, L., Corvalán, E., Antón, B., Vilche, J., Rosales, E., Olmedo, M., Oleszuk, S., & Andrade, H. (2022) Minga: habitando territorios, hi-

lando memorias y tejiendo experiencias. En M. Calegare, R. S. Prieto, P. A. P. Gil, & L. E. L. Romero (Eds.), *Por lo caminos de las psicologías ancestrales nativoamericanas v2: investigaciones y experiencias sobre y desde los pueblos originarios* (pp. 69-98). Alexa Cultural; EDUA.

# HACIA UN INTA INTERCULTURAL. PROPUESTAS, TENSIONES Y DESAFÍOS

Florencia Lance  
María Luz Vallejos  
Luciana Vazquez

## Introducción

El Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA) implementa acciones en territorios de Argentina que pertenecen a pueblos indígenas originarios y a sus comunidades. Estas actividades están reguladas por normativas específicas. Se trata de normativas internacionales y nacionales vigentes que indican que se deben respetar determinados derechos que incluyen mecanismos y protocolos de consulta, entre otras cuestiones. Su territorialidad y capilaridad institucional, sus objetivos estratégicos y sus equipos interdisciplinarios convierten al INTA en una agencia gubernamental clave para el desafío de asumir una perspectiva de abordaje intercultural.

Desde nuestra experiencia, como integrantes del Sistema de Extensión, pusimos en evidencia que existen proyectos de extensión vinculados a diversos pueblos indígenas en casi todos los Centros Regionales del INTA. A partir de esta situación, en 2019, se realizó la “Reunión Técnica de extensión rural y pueblos indígenas. Hacia una perspectiva intercultural” de la que participaron un centenar de técnicos/as vinculados/as a proyectos especiales ProHuerta. La Reunión permitió una actualización de las temáticas (normativas, conflictos territoriales, modelos de intervención) y el intercambio con referentes indígenas y trabajadores/as de otros organismos del Estado. Además, se generaron otros dos antecedentes relevantes: la elaboración de “Recomendaciones para las acciones de extensión rural con pueblos indígenas” y la construcción de una “Comunidad de saberes sobre extensión rural e interculturalidad”, plataforma virtual que busca dinamizar intercambios sobre la temática a través del PROCADIS. Finalmente, en 2021, se logró la aprobación de un instrumento específico en la cartera programática vigente: la Red de abordaje institucional con pueblos indígenas.

Por otra parte, el INTA había firmado un convenio marco de cooperación con la Organización Internacional del Trabajo (OIT), organismo de Naciones Unidas en cuyo seno se formuló el Convenio 169 sobre pueblos indígenas y tribales. En el marco de este convenio se implementó el proyecto “Esquema de formación en el Convenio 169 para agentes y funcionarios del INTA” con dos objetivos: comprender el grado de conocimiento institucional sobre esa normativa y proponer una estrategia de formación.

En este ensayo proponemos una reflexión crítica sobre la experiencia, que incluye un resumen de las actividades de sensibilización, formación, sistematización y articulación que venimos implementando para visibilizar y fortalecer la perspectiva intercultural en INTA y aportar a la comprensión de los procesos de aprendizaje en esta temática.

Como preocupación inicial, un grupo de trabajadoras de la (en ese momento) Coordinación Nacional de Transferencia y Extensión (CNTyE)<sup>1</sup> se propuso relevar proyectos de extensión rural vinculados a pueblos indígenas. La iniciativa surgió a partir de la participación en un espacio de articulación interministerial que solicitaba a cada organismo información específica. Para responder a la demanda se relevaron actividades de: entrega de semillas a través del Programa ProHuerta e implementación de Proyectos Especiales y de Grupos de Abastecimiento Local (GAL). La respuesta, sorprendente, fue que en casi todos los Centros Regionales había actividades con pueblos indígenas. Esto estaba consignado con una tilde en los formularios de presentación que, salvo esta mención, no proponían ningún abordaje particular.

Con este primer relevamiento se pudo consignar que cerca de un centenar de técnicos y técnicas del INTA estaban, de alguna manera, involucrados/as a acciones con diversos pueblos y comunidades indígenas en territorio. Y, aunque no se contaba con datos certeros, se suponía que muchas actividades de investigación también se desarrollan en territorios comunitarios indígenas. Es así que, en 2019, desde CNTyE se convocó a una reunión técnica para abordar las problemáticas del desarrollo rural con una perspectiva intercultural. En la “Reunión Técnica de extensión rural y Pueblos

---

1 Al momento de escribir este ensayo la CNTyE tiene categoría de Dirección Nacional Asistente. Su denominación actual es Dirección Nacional Asistente de Transferencia y Extensión.

Indígenas. Hacia una perspectiva intercultural”, participaron técnicos/as vinculados/as a Proyectos Especiales del Programa ProHuerta (PEPH), entre otros.

La reunión permitió una actualización con relación a diversas temáticas (normativa, conflictos territoriales, modelos de intervención) y el intercambio con referentes indígenas y agentes de otros organismos del Estado, como el Ministerio de Desarrollo Social, el Instituto Nacional de Asuntos Indígenas (INAI), la Administración de Parques Nacionales, el ANSeS, el Ministerio de Trabajo, Empleo y Seguridad Social, y el Ministerio de Cultura, entre otros. Como resultado de esta reunión se produjeron dos hechos importantes: la construcción de “Recomendaciones para las acciones de extensión rural con Pueblos Indígenas”<sup>2</sup> y el diseño de una comunidad virtual de intercambio de saberes en la plataforma de capacitación a distancia de INTA (Procadis)<sup>3</sup>.

El documento con las Recomendaciones (redactado y validado junto a referentes indígenas) (Figura 1), y que fue aprobado por la circular de la Dirección Nacional N° 89/2019, propone nueve enunciados para el trabajo con comunidades indígenas. Allí se promueve: el conocimiento de las normativas y de la situación legal de los pueblos indígenas; la consideración de las costumbres, tradiciones e instituciones; las prácticas colaborativas a través de mecanismos de participación plena, libre y efectiva; y la implementación de acciones de forma coordinada y sistemática con otros organismos con presencia territorial, entre otras cuestiones.

---

2 <https://inta.gob.ar/documentos/recomendaciones-para-las-acciones-de-extension-rural-con-pueblos-indigenas>

3 PROCADIS es el Programa de Educación a Distancia de INTA. Se trata de un proyecto educativo que tiene por propósito diseñar e implementar diversas estrategias para llevar los saberes del INTA a la comunidad, impulsando el desarrollo, la innovación y la transferencia de conocimientos.

Figura 1 - Documento de las Recomendaciones para las acciones de extensión con pueblos indígenas



## Recomendaciones para las acciones de extensión rural con pueblos indígenas\*

- 1 Conocer, cumplir y hacer cumplir la normativa nacional y provincial y los convenios internacionales a los que nuestro país adhiere y ratifica, que reconocen el derecho de los pueblos indígenas a decidir sus prioridades de desarrollo.
- 2 Conocer la situación legal y jurídica de la comunidad con la que se llevarán a cabo las acciones para, en caso de ser necesario, prever formas de resolución de controversias.
- 3 Incluir los derechos vulnerados de las comunidades indígenas y las normativas vigentes del derecho indígena, como derecho colectivo, en la fundamentación de las acciones de extensión y/o en la formulación de proyectos a presentar tanto sea a convocatorios institucionales como externos.
- 4 Considerar las costumbres, tradiciones e instituciones de las comunidades indígenas en la formulación e implementación de las acciones institucionales de extensión, como también en toda actividad, acompañamiento y asistencia técnica que se realice con comunidades.
- 5 Proponer soluciones tecnológicas para atender a los problemas productivos de las comunidades de manera participativa y colaborativa, considerando las diversidades culturales y sociales y que sean geográficamente accesibles, aprehensibles y apropiadas.
- 6 Prever mecanismos de participación plena y efectiva, previa, libre e informada en todas las instancias de toma de decisiones respecto a proyectos y acciones acompañadas institucionalmente, así como la validación con las autoridades comunitarias. Los responsables institucionales del sistema regional de extensión deben garantizar que en las acciones y proyectos haya participación de comunidades indígenas para que puedan ejercer su derecho de validación de los equipos técnicos; conocer y estar informadas en todo momento respecto a los mecanismos, procedimientos y estado de trámite de los proyectos por ellos presentados; y tener opinión y participación en todo su ciclo de proyecto (formulación, implementación, seguimiento y evaluación).
- 7 Planificar las acciones previendo los recursos económicos, humanos y los tiempos necesarios que requieren la participación de la comunidad en la definición del problema, de las acciones y su ejecución que se desprendan de estas recomendaciones y de la normativa vigente.
- 8 Incluir a referentes designados por las comunidades indígenas, con competencia en la temática, para el acompañamiento de las acciones.
- 9 Propiciar, en la implementación de las acciones, la articulación con otros organismos de gobierno (nacionales, provinciales y municipales) para llevar a cabo las acciones de manera coordinada y sistemática.

\* Circular de la Dirección Nacional N° 0019

Dirección Nacional Asistencia  
de Transferencia y Extensión



Ministerio de Agricultura,  
Ganadería y Pesca  
Presidencia de la Nación

Los intercambios también evidenciaron que, a pesar de los avances en la incorporación de la temática, resultaba necesario ofrecer espacios de formación, conocimiento y reconocimiento del Convenio 169 (OIT) para poder llevar a cabo las actividades con una perspectiva de respeto a los derechos de los pueblos indígenas. Asimismo, demostraron la necesidad de profundizar en otras normativas nacionales e internacionales vigentes con relación al derecho indígena. En este sentido, los/as participantes llamaron la atención sobre la necesidad de espacios de formación en estas temáticas.

Para dar respuesta a la evidencia de una formación dispar en la temática dentro de INTA, se conformó una Comunidad de Saberes sobre Extensión Rural e Interculturalidad con el objetivo principal de proponer espacios de intercambio y reflexión a través de Plataforma de Educación a Distancia (Procadis) del INTA. En torno a este espacio se desarrollaron distintas estrategias de visibilización del trabajo que el INTA hace junto a organizaciones, comunidades y pueblos indígenas; iniciando un mapeo georeferenciado del acompañamiento técnico que la institución realiza en territorios indígenas. A su vez, este espacio fue facilitado desde una perspectiva interdisciplinaria e intercultural (Figura 2).

Figura 2 - Mural de presentación de los/as participantes de la comunidad de saberes



Por otro lado, se impulsaron espacios de formación para promover la revisión crítica del concepto de “extensión rural” y su relación directa con el de “interculturalidad”, profundizando los saberes con relación a la Investigación Acción Participativa (IAP) y sus posibles usos en las estrategias de innovación/intervención territorial del INTA<sup>4</sup>.

En estos espacios de intercambio y formación encontramos diferentes problemas. Mencionamos algunos: formación despareja

4 Las actividades de formación se realizaron en articulación con la Maestría en Estudios Sociales Latinoamericanos (Facultad de Ciencias Sociales, UBA). Se realizó el conversatorio “La extensión rural en Nuestra América” con la participación de Humberto Tommasino (Uruguay), Leonel Cerruto (Bolivia) y María Teresa Findji (Colombia). También se realizó un ciclo con Humberto Tommasino sobre extensión rural crítica.

de las/los técnicos/as en la temática; desconocimiento de las normativas vigentes; falta de adecuación de los proyectos de extensión a las normativas que obligan a los Estados al cumplimiento de la consulta previa, libre e informada; invisibilización de los/as extensionistas que se autoreconocen como pertenecientes a un pueblo indígena; escasa articulación interinstitucional en las intervenciones territoriales; falta de una línea de base de la institución sobre el trabajo con pueblos indígenas; escaso conocimiento de las políticas públicas para el abordaje con pueblos indígenas; falta de sistematización de las experiencias desarrolladas; falta de visibilización de los pueblos indígenas como sujeto específico de derechos; atomización y falta de coordinación en el abordaje con los pueblos indígenas en actividades de extensión e investigación.

Este proceso, que duró por lo menos dos años, generó antecedentes para consolidar la propuesta de un instrumento programático específico relacionado al trabajo territorial del INTA junto a las organizaciones, comunidades y pueblos indígenas. Los avances en torno a la visibilización de la existencia de las comunidades y pueblos indígenas como sujetos de derechos llevaron a la aprobación de la Red de Abordaje Institucional con Pueblos Indígenas<sup>5</sup>. Esta Red fundamenta su existencia en el Plan Estratégico Institucional. De esta manera se institucionalizó tanto el trabajo de este equipo en los últimos dos años, como los desarrollos en la temática de otros/as trabajadores/as de la institución. Claramente éste es uno de “los procesos de los que se aprende al adquirir nuevas experiencias para diseñar y cambiar las estructuras organizativas (nueva estructura programática, nuevos instrumentos)” (INTA, 2016); al adaptar un procesos de creación de valor como la interculturalidad; al proponer nuevas perspectivas internas de trabajo como, por ejemplo, visibilización de roles, misiones y funciones en relación al trabajo junto a pueblos indígenas; identificando desequilibrios y omisiones entre las formulaciones iniciales, la complejidad de los territorios, la participación de los actores involucrados, las expectativas y los logros reales.

Por otra parte, el INTA, desde la Dirección Nacional Asistente de Transferencia y Extensión, había firmado un convenio marco de cooperación con la Organización Internacional del Trabajo (OIT) para abordar temas de trabajo decente en el sector agropecuario. La

---

5 Por medio de la Resolución N° 169/2021 del 8/4/2021 el Consejo Directivo de INTA aprobó la creación de la Red de Abordaje Institucional Con Pueblos Indígenas (I701). Más información en: <https://inta.gob.ar/noticias/red-de-abordaje-institucional-con-pueblos-indigenas>

OIT es el organismo de Naciones Unidas en cuyo seno se aprobó el Convenio 169 sobre pueblos indígenas y tribales y que regula a nivel internacional el trabajo con pueblos indígenas indicando, entre otras cosas, que: “Los gobiernos deberán asumir la responsabilidad de desarrollar, con la participación de los pueblos interesados, una acción coordinada y sistemática con miras a proteger los derechos de esos pueblos y a garantizar el respeto de su integridad” (OIT, 2014, p. 24), que fue ratificado por la Ley Nacional N° 24.071, promulgada el 7/4/1992.

En el marco de este convenio, se llevó adelante un estudio, con un equipo intercultural, para saber el grado de conocimiento de los/as agentes y funcionarios de INTA con relación a la temática indígena. Para ello se relevaron fuentes secundarias que pudieran dar cuenta de recorridos, trabajos, experiencias y documentos institucionales, entre otros. También se realizó un estudio de campo, mediante encuestas y entrevistas, sobre la temática. Ambos dispositivos permitieron trazar más claramente la línea de base que se venía construyendo. Todo este proceso contó con una etapa propositiva en la cual se elaboró una estrategia de formación en el C169 con tres herramientas (Figura 3):

- Manual Operativo
- Aula virtual en la plataforma Procadis
- Dispositivo de formación territorial

Figura 3 - Tapa del Manual operativo sobre el C169 para el INTA



En el prólogo del Manual operativo, las autoridades de INTA se comprometen a seguir trabajando para fortalecer “el diálogo intercultural e interinstitucional, capacitándonos para mejorar los procesos de acción, diseñando mecanismos específicos de consulta y participación en conjunto con los pueblos indígenas originarios” (INTA, 2022, p. 10). Es importante destacar que el Manual busca conectar las actividades del INTA con el articulado del convenio. Por ejemplo, se resalta el enfoque territorial que el INTA propone para la gestión de los territorios. En este sentido, se plantea que son dos categorías clave y en diálogo con los pueblos indígenas.

El enfoque territorial plantea que el INTA es un actor más en territorios en los que confluyen múltiples actores. El enfoque territorial ha servido para que el INTA no trabaje solamente con lo que pasa tranquera adentro sino también qué pasa con los servicios que están en el pueblo, con la mano de obra, con los gobiernos municipales. Es un enfoque de gestión multinivel, que requiere la convergencia de investigación y desarrollo, extensión, transferencia tecnológica y relaciones institucionales, conforme a los consensos facilitados por la comunicación. En lo que respecta a los pueblos indígenas como uno de esos actores, es necesario cambiar el paradigma de abordaje pasando de la percepción de “minoría” a la de sujetos colectivos de derechos. Es necesario ampliar la participación de los pueblos indígenas en las estrategias institucionales establecidas para tal fin, entre las que se destacan los Consejos Locales Regionales Asesores y las Plataformas de Innovación Tecnológica (PIT), entre otros (INTA, 2022).

La información recabada en el estudio previo permitió que la estrategia esté contextualizada en las problemáticas y temáticas que surgieron. Resaltamos dos hallazgos: el bajo nivel de conocimiento de la normativa y el alto porcentaje de trabajadores/as que se autoreconocen pertenecientes a un pueblo indígena (INTA, 2021) (Figura 4). Ambas cuestiones son desafíos que vamos a afrontar desde la Red de abordaje institucional con pueblos indígenas, la Comunidad de saberes sobre extensión rural e interculturalidad y otras áreas institucionales involucradas. Esto nos permite proyectar nuevas instancias de sensibilización, reflexión y formación.



foros y como repositorio en la plataforma PROCADIS (2020)

- Creación de la Red de abordaje institucional con pueblos indígenas en la cartera programática vigente (2021)
- Implementación del proyecto “Esquema de formación y manual de operadores en Pueblos Indígenas y Tribales para técnicos del INTA” con apoyo de la OIT (comienzo: 8 de febrero, finalización: 20 de septiembre de 2021)
- Realización del conversatorio “Extensión rural e interculturalidad” en articulación con la Maestría en Estudios Sociales Latinoamericanos (2021)
- Realización del seminario-taller “Tensiones y contradicciones de la extensión rural. Los aportes de la extensión crítica” con Humberto Tomassino (2021)
- Ciclo sobre racismo y políticas públicas (2021)
- Taller sobre narrativas testimoniales como fuente de conocimiento con la coordinación de Ana Cacopardo (2021)
- Taller sobre sistematización en interculturalidad coordinado por Joice Barbosa y Lucrecia Petit (2022)
- Formación en el Convenio 169 para trabajadores de INTA (Procadis) (2022)

## **Propuestas y Desafíos**

Para continuar fortaleciendo la perspectiva intercultural nos proponemos los siguientes objetivos de corto, mediano y largo plazo:

- Sensibilizar y formar a técnicos/as y funcionarios/as sobre la temática
- Realizar un relevamiento de actividades de extensión e investigación con pueblos indígenas
- Aumentar el conocimiento de las normativas vigentes
- Aportar en la construcción de datos para el diseño de políticas públicas con perspectiva intercultural
- Diseñar una estrategia para la apropiación e implementación de las recomendaciones para las actividades de extensión e investigación construidas desde la Comunidad de Saberes

- Acompañar las actividades de investigación y extensión con pueblos indígenas en cumplimiento de los derechos
- Articular espacios de intercambios con los Centros Regionales de INTA a partir de la identificación de temas de interés común
- Articular con instrumentos programáticos y los componentes estratégicos para sistematizar experiencias, formación, implementación de acciones, entre otras
- Sistematizar experiencias desarrolladas que permitan aprendizajes institucionales
- Propiciar un espacio de consulta con referentes indígenas para proyectos de extensión e investigación
- Acompañar procesos de consulta previa, libre e informada en actividades de extensión e investigación
- Fortalecer la participación en espacios interministeriales e interinstitucionales
- Coordinar con otros organismos de manera bilateral: INAI, APN, SAF, Ministerio de Mujeres, Géneros y Diversidades, entre otros
- Impulsar la perspectiva interseccional entre género, etnia y clase en el abordaje institucional
- Proponer una política de respeto de derechos específicos a los trabajadores de INTA que se auto reconocen indígenas
- Incorporar actores estratégicos a la Red de Abordaje Institucional con Pueblos Indígenas del INTA

A partir de estos objetivos, nos proponemos alcanzar los siguientes resultados, entendiendo que se trata de procesos dinámicos y en continua revisión:

- Fortalecer las capacidades institucionales y territoriales para el abordaje institucional con pueblos indígenas
- Consolidar el abordaje intercultural de respeto y reconocimiento de los derechos de los pueblos indígenas en las estrategias de desarrollo territorial y de investigación
- Aumentar los conocimientos sobre la normativa vigente na-

cional e internacional

- Visibilizar a los pueblos indígenas y reconocerlos como sujetos específicos de derechos colectivos
- Diseñar e implementar actividades de extensión y de investigación vinculadas a pueblos indígenas adecuadas a las normativas vigentes, con presupuestos y espacios de trabajo acordes
- Fortalecer las articulaciones y planificaciones interinstitucionales
- Posicionar al INTA como un organismo pionero en el respeto de los derechos indígenas a partir del cumplimiento de las normativas

## Reflexiones Finales

Para iniciar estas reflexiones finales, en clave de preocupaciones y desafíos, debemos destacar que la Argentina ha sido recientemente condenada por la Corte Interamericana de Derechos Humanos en la sentencia del caso “Comunidades indígenas miembros de la Asociación Lhaka Honhat (Nuestra Tierra) vs. Argentina”<sup>6</sup>. Para cumplir las normativas vigentes, para empezar a saldar la deuda histórica, para proteger a las personas pertenecientes a pueblos indígenas y para evitar futuras condenas, el Estado nacional, a través de todas sus agencias gubernamentales, debe plantearse una mirada intercultural, el conocimiento de las normativas y el compromiso para formar a sus agentes en su cumplimiento<sup>7</sup>. El INTA es una de las agencias estatales que más preparada está para afrontar estos desafíos, incorporando y promoviendo una perspectiva de respeto a los derechos humanos.

Para terminar, nos interesa compartir algunas reflexiones. En primer lugar, queremos destacar la tarea que en INTA, y en otros

6 Corte Interamericana de Derechos Humanos. Caso comunidades indígenas miembros de la Asociación Lhaka Honhat (Nuestra Tierra) Vs. Argentina. Sentencia de 6 de febrero de 2020 (Fondo, Reparaciones y Costas). Disponible en: [https://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec\\_400\\_esp.pdf](https://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_400_esp.pdf)

7 El contexto político y legal en relación a pueblos indígenas está constituido por diversas leyes y convenios: Constitución Nacional, Constituciones provinciales, Convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo sobre pueblos indígena y tribales, Ley de aprobación del convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo sobre pueblos indígena y tribales, Ley de reparación histórica e la agricultura familiar para la construcción de una nueva ruralidad en la Argentina, entre otras.

organismos del Estado nacional, vienen haciendo trabajadores/as para aportar a una perspectiva antirracista, intercultural y de respeto de los derechos de los pueblos indígenas. En este sentido, queremos resaltar los antecedentes de otras propuestas en INTA que, por un lado, abrieron camino y, por el otro, nos encienden una alerta respecto a cierta fragilidad de aquellas propuestas que amplían los límites institucionales. Si bien fue muy difícil incorporar la perspectiva intercultural (pasaron muchos años y muchos intentos), y hoy podemos listar muchos logros, nos queda la duda de cuánto y cómo podremos sostener estas propuestas. Los cambios de ciclo de gobierno suelen hacer tambalear ciertas perspectivas e incluso los/as propios/as trabajadores corremos riesgos de ver interrumpidos nuestros contratos y nuestras perspectivas de trabajo. Las preguntas que dejamos son: ¿cómo aumentar la institucionalización de estas miradas?, ¿alcanza con el esfuerzo y compromiso de trabajadores y trabajadoras?, ¿cuánta fortaleza brinda la aprobación de instrumentos en ámbitos de decisión?, ¿qué rol cumplen las organizaciones indígenas en esta disputa?

Un segundo problema que se nos plantea es cómo lograr mayor apropiación e incorporación de las propuestas formuladas. Por ejemplo, las “Recomendaciones para las acciones de extensión rural con pueblos indígenas” fueron aprobadas por el Director Nacional pero no lograron la difusión y mucho menos la apropiación que esperábamos y que necesitamos. Aquí nos planteamos más preguntas: ¿cómo lograr la apropiación de las herramientas que vamos construyendo? Y otra vez, ¿qué hacer y quiénes deben hacerlo?

Un último punto es la interpelación que nos produjo saber que en INTA existe un alto porcentaje de trabajadores que se auto-reconocen pertenecientes a un pueblo indígena. Frente a esto, nos planteamos que resulta necesario visibilizar y fortalecer a estos/as trabajadores/as para que sus saberes sean valorados y reconocidos institucionalmente.<sup>8</sup> También aquí surgen preguntas, pero, sobre todo, el compromiso de repensar los equipos para la incorporación de técnicos/as indígenas en los proyectos que se desarrollen con los pueblos indígenas de nuestro país.

---

<sup>8</sup>En la AER de Santa Victoria Este recientemente se incorporaron dos técnicos indígenas. Uno perteneciente al pueblo wichí y otro al chorote. Sus aportes, tanto por el bilingüismo, como por el conocimiento de sus comunidades, están resultando importantísimos en la gestión de la agencia.

Consideramos que el abordaje interdisciplinario y sobre todo el aporte de las ciencias psico-sociales son fundamentales para aportar en los procesos de aprendizaje, enseñanza, apropiación, reconocimiento, identidad, entre otros. Sabemos que es un camino difícil, pero estamos dispuestas a transitarlo. También estamos seguras de que será con el acompañamiento de las organizaciones de pueblos indígenas que vamos a lograr la institucionalización, la continuidad, el fortalecimiento de equipos interculturales y la apropiación de la perspectiva que estamos proponiendo.

## Referencias

Cárdenas Farfán, E., Tommasino, H., Findji, M. T., & Cerruto, L. (2021). *Conversatorio Extensión Rural e Interculturalidad*. [https://inta.gov.ar/sites/default/files/conversatorio\\_de\\_extension\\_rural\\_e\\_interculturalidad.pdf](https://inta.gov.ar/sites/default/files/conversatorio_de_extension_rural_e_interculturalidad.pdf)

González, A., Katz, M., Mendoza, A., Batallanos Mamaní, L. R. (2015). *Derechos de los pueblos originarios y de la Madre Tierra*. Clacso. [http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D14287.dir/Derechos\\_de\\_los\\_pueblos\\_originarios.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D14287.dir/Derechos_de_los_pueblos_originarios.pdf)

INTA (2016). *Plan Estratégico Institucional 2015-2030*. Un INTA comprometido con el Desarrollo Nacional. Ediciones INTA. <https://inta.gov.ar/documentos/plan-estrategico-institucional-2015-2030>

INTA (2021). *Diagnóstico sobre el grado de conocimiento de la situación de los pueblos indígenas y el C169 entre los/as agentes del INTA*. <https://inta.gov.ar/documentos/diagnostico-sobre-el-grado-de-conocimiento-de-la-situacion-de-los-pueblos-indigenas-y-del-c-169-entre-los-as-agentes-del-inta>

INTA (2022). *Convenio 169 de la OIT sobre pueblos indígenas. Manual operativo para el INTA*. Ediciones INTA. [https://inta.gov.ar/sites/default/files/manual\\_convenio\\_169\\_2022\\_digital.pdf](https://inta.gov.ar/sites/default/files/manual_convenio_169_2022_digital.pdf)

Ley 24071 (1992). *Aprobación del Convenio 169 de la OIT*. <http://servicios.infoleg.gov.ar/infolegInternet/verNorma.do?id=470>

OIT (2014). *Convenio Num. 169 sobre pueblos indígenas y tribales. Declaración de las Naciones Unidas sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas*. Oficina Regional para América Latina y el Caribe.

Tomassino, H. (2021). *Tensiones y contradicciones de la extensión rural. Los aportes de la extensión crítica*. Ediciones INTA. <https://inta.gob.ar/documentos/tensiones-y-contradicciones-de-la-extension-rural-los-aportes-de-la-extension-critica>



**- POVOS ORIGINÁRIOS, SAÚDE E  
RURALIDADES -**

# ANÁLISE DA LITERATURA SOBRE A SAÚDE INDÍGENA NO BRASIL

Ryanne Wenecha da Silva Gomes  
Brisana Índio do Brasil de Macêdo Silva  
João Paulo Macedo

## Introdução

De acordo com as informações do censo populacional de 2010, são mais de 896 mil indígenas vivendo no território brasileiro, sendo mais da metade (57,7%) residentes em terras indígenas (IBGE, 2012). Diante da diversidade de etnias dos povos indígenas e das dimensões continentais do Brasil, é urgente a organização de políticas de saúde indígena específicas para essa população, considerando a particularidade de cada povo e grupo étnico. Com a elaboração da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) e sua implementação, se teve início a descentralização das ações e dos recursos, a universalidade, integralidade, equidade e participação social, seguindo os princípios do SUS e dando ênfase às diversidades culturais, epidemiológicas, históricas, geográficas, étnicas e políticas (Mendes et al., 2018).

Nos últimos 20 anos, ações como a implementação da PNASPI, a criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e dos Distritos Sanitários Indígenas (DSEIs), a participação de lideranças em conferências de saúde e a formação e capacitação de agentes indígenas de saúde (AIS) para atuarem nos serviços de atenção primária nas aldeias, são considerados grandes avanços em saúde para as populações originárias em nosso país. Por outro lado, há ainda diversos desafios a serem vencidos, como a complementaridade de atuação entre os DSEIs e o SUS, a falta de assistência e infraestrutura adequada nos polos-base, e, certamente, o respeito às práticas de saúde dos povos originários e tradicionais, articulando saúde e bem-estar a cosmovisão indígena, sempre tendo em vista a diversidade étnica e cultural dos povos.

Por certo, na última década trouxe consigo a acumulação de conhecimento e a consolidação da saúde indígena como área especí-

fica da ciência e dos estudos em saúde. Em vista disso, objetivamos realizar uma revisão sistemática literatura, para analisar a produção científica e sobre quais temáticas e por quais caminhos metodológicos os estudos sobre saúde dos povos indígenas têm sido abordados no Brasil.

## **Método**

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura, com o levantamento de artigos científicos que abordam a temática da saúde indígena no Brasil. Com o intuito de garantir o rigor metodológico, o estudo teve como norteador o documento PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) (Moher et al., 2015).

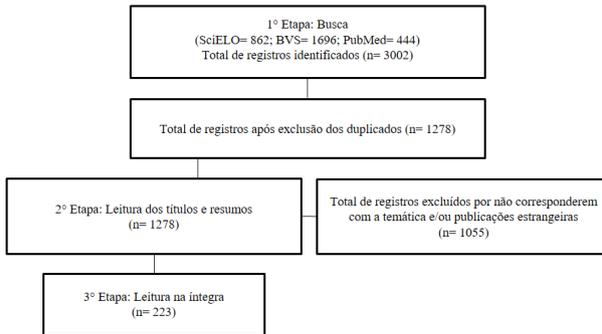
A busca foi realizada por meio de acesso à página eletrônica das bases de outubro de 2021 a junho de 2022. O levantamento foi realizado nas bases: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed. Foram utilizados os descritores: saúde indígena, “saúde indígena”, saúde indígenas, “saúde indígenas”, saúde mental indígena, “saúde mental indígena” e “saúde mental” and indígena. Posteriormente, devido à grande quantidade de publicações resgatadas, foram acrescentados novos descritores para maior refinamento dos trabalhos. Nas bases de dados SciELO e BVS, foram acrescentados aos descritores anteriormente citados, descritores com base nos temas: política saúde, reforma sanitária, saúde coletiva, atenção primária, distrito sanitário indígena, atenção psicossocial, álcool e suicídio.

Para a seleção dos artigos, seguiu como critérios de exclusão, os estudos que não abordavam a temática sobre saúde indígena no Brasil, os artigos em línguas estrangeiras e os trabalhos que se enquadram em outros tipos de análises, como editoriais, resenhas e notas. Os critérios de inclusão, foram considerados os artigos que abordassem a temática sobre saúde indígena no Brasil e estudos realizados no Brasil.

Após a busca e seleção dos artigos, chegou-se ao total de 3.002 artigos publicados. Após serem feitas as exclusões dos duplicados, mantiveram-se 1.278 artigos. Realizado a etapa de leitura dos títulos e resumos foram excluídos 1.055 artigos por não atenderem aos cri-

térios de inclusão, constituindo o corpus da pesquisa o total de 223 artigos que foram analisados na íntegra.

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos estudos nas bases de dados.



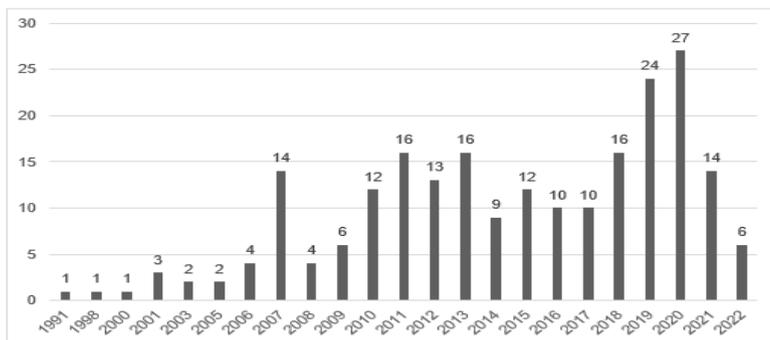
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Após a leitura na íntegra do material que constitui o corpus da pesquisa, os artigos selecionados foram organizados e categorizados em planilha no Excel, constituindo um banco de dados com as informações, considerando: base de dados de onde o artigo foi recuperado, título do artigo, autores (analisando se possuem pós-graduação, e se apresentam autores indígenas), ano de publicação, periódico científico, resumo, tipo de estudo, método, participantes e temas e categorias analíticas trabalhadas ao longo do resumo.

## Resultados e Discussão

Os 223 artigos analisados foram publicados em 61 periódicos científicos, com destaque para os periódicos: Caderno & Saúde Coletiva (n=32), Caderno de Saúde Pública (n=31) e Saúde e Sociedade (n=21). Com relação ao ano de publicação, observou-se um maior número de publicações na última década, com o destaque para os anos de 2019 (n=24) e 2020 (n=27).

Figura 2 - Artigos por ano de publicação.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa.

Com relação a autoria das publicações, os resultados das buscas demonstraram as produções científicas realizadas por autoras(es) que possuem título de Pós-Graduação Stricto Sensu (mestrado e doutorado) e título honorífico de Doutor Honoris Causa. Dentre os autores, apenas 02 artigos apresentaram autoria indígena: o primeiro que contou com o destaque para Ailton Krenak, com a produção “Reflexão sobre a saúde indígena e os desafios atuais em diálogo com a tese ‘Tem que ser do nosso jeito’: participação e protagonismo do movimento indígena na construção da política de saúde no Brasil” publicado em 2020, e o artigo de Teixeira et al. (2016), com o título “Manifestações e Concepções de Doença Mental entre Indígenas”, que contou com coautoria indígena.

No que concerne a abordagem do método, verificou-se que a maioria são trabalhos do tipo qualitativo (n=166), seguido de somente 47 artigos com abordagem quantitativa. Quanto ao tipo de estudo, o destaque é para os estudos empíricos (n=143), seguido por estudos de revisão de literatura (n=32) e análise documental (n=24).

Quanto as populações investigadas, as etnias presentes nas investigações são: Baniwa (n= 03), Guarani e outras etnias (n= 14), Iauaretê (n= 05), Kaingang (n= 14), Maxakali (n= 02), Mbyá-Guarani (n= 02), Munduruku (n= 03), Parakanã (n= 02), Pipipã (n= 02), Potiguara (n= 07), Suruí (n= 02), Xakriabá (n= 02), Xavante (n= 05), Xukuru (n= 05), Xukuru-Kariri (n= 02) e Yanomami (n= 05).

Sobre os grandes temas abordados no conjunto de trabalhos publicados, destacamos o seguinte: a) concepção de saúde (n= 48), b) necessidade de saúde (n= 95), c) práticas em saúde (n= 66) e d) tendências e invisibilização das questões indígenas (n= 14).

Os estudos relacionados à “concepção de saúde” abordam temas envoltos na perspectiva biopsicossocial, em que o entendimento sobre doença e cura passa por uma adoção múltipla de recursos terapêuticos, em diálogo com os saberes indígenas. Portanto, são estudos ligados ao campo da ancestralidade e da cosmovisão indígenas para compreender e lidar com os processos saúde-doença-cura (Sousa & Caprara, 2019). Outro ponto que remete à cosmovisão e ancestralidade indígena diz respeito à territorialidade, conceito ligado às dimensões múltiplas das experiências e vivências nas terras em que habitam os povos indígenas, e indissolúvel à luta contemporânea pela manutenção do seu modo de vida, de luta por suas terras e comunidades, promovendo políticas de saúde pública intersetoriais (Scopel *et al.*, 2018; Staliano *et al.*, 2019; Sousa, 2020; Gonçalves *et al.*, 2022).

Na cosmovisão indígena todos os seres vivos e não-vivos integram o universo e se relacionam nos planos terreno e cósmico, de forma que os conceitos de saúde e doença do ser humano relacionam-se à sua integração com a natureza e ação de espíritos maus, sopros e encantamentos (Teixeira *et al.*, 2016). Para os indígenas, quatro planos (físico, mental, espiritual e social) podem ser a origem de doenças mentais, que podem se expressar individualmente como consequência de desequilíbrios entre corpo, mente, espírito e natureza, ou coletivamente, como resultado de conflitos sociais, mudanças ambientais ou inobservância de práticas e crenças, como o ato de benzer a colheita e a pesca antes de consumir. Nesse sentido, as estratégias de cura também são guiadas pelo coletivismo, estendendo-se aos parentes. Portanto, é indispensável que profissionais de saúde que atuam junto às comunidades indígenas, entendam que interferências no relacionamento dos indivíduos com a comunidade, a natureza e a espiritualidade têm participação nos processos de adoecimento mental, bem como a atuação em saúde deve ser pautada no diálogo e compreensão de que as práticas tradicionais são primordiais para o equilíbrio da saúde da coletividade (Garnelo, 2011; Teixeira *et al.*, 2016; Martins, 2021).

No que se refere a “necessidade de saúde”, os estudos versam sobre as principais queixas e problemas de ordem biomédica, biopsicossocial ou saberes indígenas. A maneira como os autores leem essas necessidades foi critério para enquadramento nessas três subcategorias. Assim sendo, dentro da concepção biomédica das necessidades de saúde, foram encontrados artigos que tratam sobre temas diversos associados aos indígenas, como estudos epidemiológicos, medicalização e medicina tradicional, saúde bucal, estado nutricional e também saúde mental, mas sempre sob uma ótica majoritariamente quantitativa. Outro aspecto a ser ressaltado é a presença de trabalho que trata sobre saúde bucal indígena com relação entre a presença de cárie e o consumo de produtos industrializados (Carneiro et al., 2008), além de estudos que trataram sobre o estado nutricional e a prevalência de desordens como o sobrepeso (Boaretto et al., 2015), e a prevalência de hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus nos indígenas (Corrêa et al., 2021).

No campo da saúde mental, no tocante as necessidades de saúde, o consumo de psicotrópicos por indígenas e, especialmente, descrições sobre frequência, características e fatores de contribuição para o suicídio em povos indígenas brasileiros são exemplos que se destacaram neste levantamento. O estudo com indígenas Xukuru, evidenciou um processo instalado de medicalização crônica pós-conflito, consequência de uma fragmentação na assistência à saúde mental e distanciamento das práticas de cura tradicionais (Barbosa et al., 2019). O alto índice de suicídio entre a população autodeclarada indígena, foi considerado um grave problema de saúde pública, cujos principais fatores de risco incluem vulnerabilidades sociais, falta de perspectiva de futuro, fatores históricos e culturais (Orellana et al., 2013).

Nesse aspecto, aponta-se a necessidade da aplicação de estratégias que considerem a cosmovisão e aspectos étnicos particulares para minimizar as taxas de suicídio em povos indígenas (Souza et al., 2020), um fenômeno complexo, associado a conflitos de aspectos socioculturais e históricos, de tensões intergeracionais, que têm o consumo de álcool como um elemento catalisador, mas não central (Souza, 2016). Ademais, o alcoolismo e a utilização de bebidas alcoólicas industrializadas é um aspecto amplamente estudado em diversos trabalhos aqui incluídos na abordagem biopsicossocial das

necessidades de saúde indígenas. Se por um lado, verificou-se as implicações sociais do alcoolismo pelo ponto de vista dos profissionais de saúde que trabalham nas comunidades indígenas, sinalizando-o como um problema de saúde grave (Maciel et al., 2012), por outro, observou-se a vulnerabilidade de comunidades indígenas brasileiras diante do consumo abusivo de álcool, desvinculado de costumes ritualísticos e facilitado pelo turismo e relações sociais (Castelo Branco et al., 2018).

Quanto a categoria “práticas em saúde”, há uma gama de estudos preocupados com o diálogo entre o fazer técnico em saúde com as práticas tradicionais dos indígenas, com a presença de uma espécie de manual de elementos místicos e espirituais voltados para os profissionais não indígenas, como uma tentativa de compensar a falta de preparo dos profissionais de saúde para lidar com as peculiaridades e diferenças do tratamento com os povos indígenas (Cordeiro et al., 2020). Ainda nesse aspecto, destaca-se o estudo de Melo et al. (2021), no campo da bioética intercultural, com o reconhecimento da importância da medicina convencional ser integrado às práticas médicas indígenas, de modo que o trabalho do profissional da saúde ocorra em harmonia e em aliança com o do representante da comunidade.

Por fim, na categoria “tendências e invisibilização”, os artigos de Rissardo et al. (2014) e Jacinto et al. (2018) trazem exemplos de práticas diretas com os indígenas que promovem a compreensão da atuação dos profissionais de saúde de forma integralizada com valores culturais e científicos, com relatos precisos de validação da aplicação de conhecimentos tradicionais e respeito aos costumes indígenas ainda que estes não sejam recomendados, do ponto de vista biomédico ocidental. Já outros artigos assumem o foco da invisibilização, seja pela abordagem da escassez de pesquisas e não problematização dos conceitos de saúde mental em contexto indígena (Batista & Zenello, 2016), seja pela observação de imposição de etnocentrismo na produção do cuidado através da relativização do olhar de profissionais lotados na CASAI (Ribeiro et al., 2017).

## Conclusão

A partir do levantamento das publicações, foi possível verificar grande quantidade de trabalhos publicados envolvendo a temática da saúde indígena. A autoria dos trabalhos foi significativa no demonstrativo referente aos pesquisadores pós-graduados, entretanto uma pequena representação se deu aos autores indígenas. Por fim, os trabalhos contribuem com o tema, de forma sensível, ao considerarem o diálogo entre saúde coletiva e a ancestralidade e a cosmovisão indígenas; ao apontarem as necessidades de saúde de grupos e etnias, evidenciando as principais queixas e problemáticas seja sob o viés biomédico, biopsicossocial e a partir dos saberes indígenas; ao ressaltarem de forma crítica a presença de práticas hegemônicas em relação ao manejo e condução terapêutica sobre a saúde indígena, apesar das alianças entre saberes médicos e práticas de cura indígenas; por fim, ao ressaltarem as tendências e limites com estudos que acabam invisibilizando as questões indígenas.

## Referências

- Barbosa, V. F. B., Cabral, L. B., & Alexandre, A. C. S. (2019). Medicalização e Saúde Indígena: uma análise do consumo de psicotrópicos pelos índios Xukuru de Cimbres. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(8), 2993-3000. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.22192017>
- Batista, M. Q., & Zanello, V. (2016). Saúde mental em contextos indígenas: Escassez de pesquisas brasileiras, invisibilidade das diferenças. *Estudos de Psicologia*, 21(4), 403-414. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160039>
- Boaretto, J. D., Molena-Fernandes, C. A., & Pimentel, G. G. A. (2015). Estado nutricional de indígenas Kaingang e Guarani no estado do Paraná, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2323-2328. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.14462014>
- Carneiro, M. C. G., Santos, R. V. S., Garnelo, L., Rebelo, M. A. B., & Coimbra Jr, C. E. A. (2008). Cárie dentária e necessidade de tratamento odontológico entre os índios Baniwa do Alto Rio Negro, Amazonas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(6). <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000600034>

Castelo Branco, F. M. F., Miwa, M. J., & Vargas, D. (2018). Consumo de álcool em comunidades indígenas brasileiras: uma revisão literária. *Enferm. Foco*, 9(3), 8-12. <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2018.v9.n3.1124>

Cordeiro, G. O. G.; Barra, C. C. S., & Silva, F. A. (2020). Hitupmãax: educação intercultural e atendimento diferenciado à saúde do povo maxakali. *Hist. cienc. Saúde*, 27(1). <https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000100012>

Corrêa, P. K. V., Trindade, F. A., Nascimento, C. C. L., Araújo, A. C. C., Souza, K. Y., & Nogueira, L. M. V. (2021). Prevalência da Hipertensão Arterial Sistêmica e Diabetes Mellitus entre Indígenas. *Cogitare Enfermagem*, 26. <https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.72820>

Garnelo, L. (2011). Aspectos socioculturais de vacinação em área indígena. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 18(1), 175-190. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000100011>

Gonçalves, G. M. da S., Silva, E. H., Bezerra, V. C. R., Gurgel, I. G. D., & Costa, A. M. C. (2022). Demarcação de terra indígena, saúde e novas territorialidades na transposição do São Francisco no povo Pipipã, em Floresta-PE. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 32(1). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320115>

Jacinto, A. B. M., Assis, D. A. D., Macdowell, P. L., & Mota, T. D. (2018). Índios e loucos: sobre tutela, reconhecimento de direitos e desafios para a efetivação da cidadania no campo da saúde mental. *Revista De Direito Sanitário*, 19(2), 14-35. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9044.v19i2p14-35>

IBGE. (2012). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características Gerais dos Indígenas. Resultados do Universo. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [http://www.muitaslinguas.ufscar.br/wp-content/uploads/2018/10/cd\\_2010\\_indigenas\\_universo.pdf](http://www.muitaslinguas.ufscar.br/wp-content/uploads/2018/10/cd_2010_indigenas_universo.pdf)

Krenak, A. (2020). Reflexão sobre a saúde indígena e os desafios atuais em diálogo com a tese “Tem que ser do nosso jeito”: participação e protagonismo do movimento indígena na construção da política de saúde no Brasil. *Saúde Soc*, 29(3). <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200711>

Maciel, S. C., Oliveira, R. C. C., & Melo, J. R. F. (2012). Alcoolismo em indígenas potiguara: representações sociais dos profissionais de saúde. *Psicol. cienc. prof.* 32(1). <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100008>

Martins, C. P. (2021). “Desaprender 8 horas por dia”: psicologia e saúde indígena. *Fractal: Revista de Psicologia*, 33(3), 192-198. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i3/5846>

Mendes, A. M., Leite, M. S., Langdon, E. J., & Grisotti, M. (2018). O desafio da atenção primária na saúde indígena no Brasil. *Rev Panam Salud Publica*, 42(06). <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.184>

Melo, A. V., Sant’ana, G. R., Bastos, P. R. H. O., & Antonio, L. (2021). Bioética e interculturalidade na atenção à saúde indígena. *Rev. Bioét.* 29(3). <https://doi.org/10.1590/1983-80422021293485>

Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., Stewart, L. A., & Prisma-p Group. (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P). *Syst Rev*, 4(1). <https://doi.org/10.1186/2046-4053-4-1>

Orellana, J. D., Basta, P. C., & Souza, M. L. P. (2013). Mortality by suicide: a focus on municipalities with a high proportion of self-reported indigenous people in the state of Amazonas, Brazil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 16(03), 658-669. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000300010>

Ribeiro, A. A., Arantes, C. I. S., Gualda, D. M. R., & Rossi, L. A. (2017). Aspectos culturais e históricos na produção do cuidado em um serviço de atenção à saúde indígena. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(6), 2003-2012. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017226.13362016>

Rissardo, L. K., Alvim, N. A. T., Marcon, S., & Carreira, L. (2014). Práticas de cuidado ao idoso indígena - atuação dos profissionais de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(6), 920. <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670609>

Scopel, D., Dias-Scopel, R. P., & Langdon, E. J. (2018). A cosmografia Munduruku em movimento: saúde, território e estratégias de sobrevivência na Amazônia brasileira. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, 13(1). <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000100005>

Sousa, M. L. T., & Caprara, A. (2019). Saúde indígena potyguara: por outras configurações políticas e estéticas na Saúde Coletiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290210>

Sousa, M. L. T. (2020). Reforma Sanitária e outros olhares para a saúde indígena: relato de experiência com os Potyguara. *Saúde Debate*, 44(124), 275-284. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012420>

Souza, M. L. P. (2016). Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos. *Saude soc.*, 25(1). <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145974>

Souza, R. S. B., Oliveira, J. C., Alvares-Teodoro, J., & Teodoro, M. L. M. (2020). Suicídio e povos indígenas brasileiros: revisão sistemática. *Rev Panam Salud Publica*, 44(03). <https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.58>

Staliano, P., Mondardo, M. L., & Lopes, R. C. (2019). Onde e Como se Suicidam os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: Confinamento, Jejuvy e Tekoha. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221674>

Teixeira, D. Z. (2016). Manifestações e Concepções de Doença Mental entre Indígenas. *Rev Cubana de Enfermería*, 32(4). <https://reventermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/1048/218>

# EL TRABAJO COMO POLÍTICA DE SOMETIMIENTO DE LAS POBLACIONES INDÍGENAS EN EL CHACO ARGENTINO: EL CASO DEL PUEBLO NIVAËLE

Joice Barbosa Becerra

## Introducción

En esta ponencia compartiremos el contexto socio histórico del genocidio contra los pueblos del Gran Chaco durante las campañas militares, centrándonos en los efectos que tuvo para el pueblo Nivaële. El escenario de guerra en el que se convirtió este territorio modificó de una vez y para siempre las trayectorias de movilidad y la configuración del trabajo nivaële, sin embargo, la agencia de los sujetos y las estrategias comunales sostuvieron formas de organización social, memorias y prácticas que permitieron la pervivencia de un pueblo que se resiste a ser “borrado del mapa”; en la actualidad, las comunidades que habitan la provincia de Formosa en Argentina, son tratados como extranjeros y nos son reconocidas su personería jurídica -individual y colectiva.

Iniciaremos con una breve recuperación de elementos históricos sobre la expansión de las relaciones capitalistas de producción en la región del Gran Chaco y sobre su incorporación al Estado nacional. Posteriormente, compartiremos el análisis que, hasta ahora, hemos realizado acerca de la experiencia de trabajo nivaële en la región y de las memorias de desplazamiento que han configurado su territorialidad hasta el presente, la conformación de sus comunidades, su agencia política y las estrategias de pervivencia. Finalmente, a manera de discusión, nos gustaría dejar planteado algunos elementos sobre la violencia estructural que deberíamos tener en cuenta en nuestras prácticas.

## Método

El presente trabajo corresponde a un avance de resultados de la tesis doctoral en curso, titulada: “Las gentes del Pilcomayo: proce-

sos de reconstrucción de la memoria histórica del pueblo nivaçle en territorios en emergencia”. La estrategia metodológica se basa en una investigación cualitativa de aproximación etnográfica que articula herramientas de investigación psicosocial. Se trabajó con entrevistas abiertas y semiestructuradas, historias de vida, grupos focales, talleres vivenciales, observación participante y relevamiento documental. Este estudio se encuentra guiado fundamentalmente por los principios de la Investigación Acción Participante (IAP).

### **Tipo De Investigación**

Investigación doctoral de tipo cualitativo descriptivo, articula herramientas y técnicas del método etnográfico, así como de la investigación psicosocial.

### **Participantes**

El estudio se lleva adelante en conjunto con cinco comunidades del Pueblo Nivaçle que habitan la Provincia de Formosa, Argentina. Comunidad San Miguel, Comunidad San José, Comunidad *Tisjucat*, Comunidad *Nuús T'iyôjavate*, Comunidad *Fa'aycucat* –El Algarrobal; también familias que habitan de forma dispersa en San Cayetano, la Media Luna, San Martín 2 y Las Lomitas.

## **Resultados**

### **La historia de un genocidio**

Recuperar la extensión del territorio Nivaçle antes de la colonización es una tarea difícil, tal como ocurre con otros pueblos predominantemente “nómades”<sup>1</sup> la expansión territorial es muy amplia, hay una interacción muy productiva de intercambio comercial, de amistad y enemistad con otros pueblos. Los cambios en el curso de los ríos, las temporadas de sequía y de abundancia, condicionaban la movilidad territorial previo a la colonización del Gran Chaco;

---

<sup>1</sup> La autora Katzer (2021) ha realizado numerosos aportes críticos sobre ‘nomadismo’ en tanto modo de vida o epistemología y producción territorial. Esta autora argumenta sobre la existencia de una “episteme colonial sedentaria” que impone dinámicas de relación y lenguajes propios, estereotipando y negando el modo de producción territorial nómada, negando una realidad o subalternizándola, al tiempo que la niega jurídicamente.

entrado el siglo XIX se sumaron, a las presiones entre los distintos pueblos, la expansión territorial de los Estados sobre esta región que, hasta ese momento, continuaba bajo el control territorial indígena. La presencia Nivaçle en el Gran Chaco se extendía en un vasto territorio comprendido entre las orillas del río Bermejo hasta más allá de la margen izquierda del Pilcomayo, región que hoy se encuentra repartida entre los estados del Paraguay, Bolivia y Argentina.

A finales del siglo XIX comienza en Argentina un despliegue militar hacia la Patagonia y el Chaco con el fin de controlar esos territorios que se encontraban bajo dominio indígena e incorporarlos a la economía nacional. Para esta época se da el corrimiento forzado de los Nivaçle hacia el Chaco Boreal, la búsqueda de refugio procuró obligados asentamientos sobre el Pilcomayo, quedando muy pocas poblaciones en el territorio hoy de jurisdicción argentina. Según Hunt, en 1913, los Nivaçle producto de un enfrentamiento con los militares argentinos abandonarían su última aldea en la orilla del Bermejo, desplazándose hacia el norte, para unirse a las aldeas de Nivaçle en el Pilcomayo (Hunt, 1915). Para el siglo XX los clanes Nivaçle relocalizaron sus aldeas en ambos márgenes del Pilcomayo medio, espacio que apropiaron como territorio tradicional. Es importante advertir que para esta época esta zona se encontraba en su mayoría inexplorada y los Nivaçle no estaban aún bajo el dominio de ninguna institución colonizadora.

El hacer efectivo los nuevos límites jurisdiccionales era tan importante como la dominación de los “indios”, en orden de “asegurar” a las colonias de sus “ataques” e incorporarlos como trabajadores. Luego de dominado el Bermejo, se crea una nueva línea de fortines ahora en el Pilcomayo que, además de crear frecuentes enfrentamientos con las poblaciones de indígenas, bloqueó el paso entre los dos ríos, dificultando con esto la economía propia, al tiempo que impedían el paso hacia la “otra banda” del Pilcomayo – zona de la nueva frontera en Argentina-. Acá un fragmento de memorias de militares que dan cuenta de estos hechos:

Se establecería la siguiente línea de fortines a lo largo del río Pilcomayo, cubriendo las fronteras nuestras con los vecinos países y formando una barrera que impida el paso de los indios que habitan en

esos territorios (Lenguas, Macaes, Sotiagais, Chunupíes [o Nivaçle]<sup>2</sup> y finalmente los Pilagaes, los cuales se verían obligados a internarse en el Chaco Paraguayo) (Boy, 1919).

Estos y otros datos consignados en los archivos militares nos hacen suponer que existió una política dirigida hacia los Nivaçle consistente en concretar su corrimiento hacia el Paraguay e impedir su movilidad territorial en el Chaco Central. Posteriormente a la campaña de Rostagno en 1911 en el período entre el 1917 y 1938 sobrevinieron nuevos hechos violentos alrededor de los fortines por parte del Regimiento de Gendarmería, en muchos casos en connivencia con los colonos recién llegados.

El escenario o “zona de guerra” en el que se convirtió el Gran Chaco tuvo efectos profundos en la configuración de las subjetividades indígenas, en la producción de memorias y en los sentidos de pertenencia de los actuales Nivaçle. En la memoria de las poblaciones originarias del Chaco aparecen numerosos relatos de hechos violentos, hostigamientos y masacres. Los Nivaçle relatan numerosos enfrentamientos con los gendarmes argentinos, algunos relatos mencionan sucesos en el Fortín Pilcomayo y Chaves. El topónimo “Quemado”, cerca del Fortín La Soledad, guarda el relato de una matanza (sin fecha determinada aún)<sup>3</sup>, que terminó con la quema de los cuerpos indígenas.

En 1925, el Vicariato del Pilcomayo en Bolivia mandó a fundar con los Misioneros Oblatos de María Inmaculada misiones en el Chaco Boreal con el fin de “pacificar” a los indios; entre tanto, se avanzaba militarmente con una línea de fortines. El estallido de la Guerra del Chaco, en 1932, marcó un nuevo período de acción militar. La estrategia de la penetración territorial había comenzado ya a principios de siglo con la instalación de fortines en medio de las

---

2 Los Nivaçle reciben diversos nombres de acuerdo a la zona geográfica y la relación interétnica con otros grupos. Estos nombres o exónimos son las formas en que son llamados en otros idiomas. El Nivaçle es su autodenominación, que significa gente o persona perteneciente a este pueblo. Otros exónimos asociados a los Nivaçle son sotegay, ashsluslay, chulupí, entre otros.

3 Las memorias Nivaçle no se expresan en una línea cronológica de tiempo, sino a partir de los lugares, es más bien una memoria espacial o territorial que toma en cuenta los cambios naturales del entorno. Por otro lado, los Nivaçle no estaban aún escolarizados en la época de esas masacres reseñadas, por lo tanto, aún se usaban las propias formas de medición del tiempo.

aldeas Nivaçle, el último refugio fue invadido esta vez por el ejército boliviano. Aumentadas las tensiones, sus poblaciones quedaron en medio del fuego cruzado de los ejércitos boliviano y paraguayo, incluso se vieron forzados a ser parte de la contienda (Capdevilla et al., 2008). La guerra afectó de distintas maneras a los pueblos indígenas de esta región, para los Nivaçle significó un nuevo desplazamiento esta vez más hacia el este (Fritz, 2008). El cruce del Pilcomayo como refugio del ejército argentino iba perdiendo efectividad a medida que escalaba el conflicto (Gordillo & Leguizamón, 2002). Antonio, en una conversación sobre la guerra del Chaco explicaba:

Tres años tristes, sin navidad. Mataban a los Nivaçle esos bolivianos. Casi terminamos también. Muchos Nivaçle le mataron los bolivianos (...) ese año dice que le salvaron a los Nivaçle los oblatos, hablaron con los blancos para que no hagan más eso con los Nivaçle. Ahí estaban los Nivaçle encerrados.

Tras la guerra del Chaco la reducción de los Nivaçle en las misiones religiosas fue inevitable; lo que aceleró el proceso de su sedenterización. Además, con el territorio cada vez más cercado se hizo más apremiante su incorporación como fuerza de trabajo. Aumentaron los éxodos a los ingenios azucareros de Salta y Jujuy, tiempo después a las colonias algodoneras y en Paraguay a las colonias agrícolas de los menonitas, provocándose con ello nuevos desplazamientos. Paradójicamente esta movilidad –forzada– acentuó la sedentarización y la pérdida de control del *cotsjaat* (territorio). Las consecuencias de toda esta desorganización social siguen presentes en tanto efectos contemporáneos del genocidio indígena.

### **El trabajo como política de sometimiento**

La movilidad territorial o comportamiento “nómada” que caracterizaba a los “antiguos” Nivaçle (antes de la colonización) se convirtió en un errático desplazamiento -forzado- de los “nuevos” por causa de la militarización y los éxodos a los campos -de concentración- del trabajo y a las misiones religiosas. Los sentidos construidos para dar cuenta de todas estas violencias relacionan el exterminio con el despojo territorial, las resistencias y el relato hegemónico -internalizado- acerca de “civilización y barbarie”. Una nueva noción de

trabajo (*tashaai*) y configuración social se amalgamó con las prácticas de economía propia (*ni natshaai*) y movilidad territorial como estrategia de pervivencia:

Dice que peliando está, parece que querían terminar a todos nosotros. Que no viva la gente [Nivačle] de balde, dice. De balde el indígena porque no sabe nada, no sabe trabajar la tierra, así dice, yo escuchaba antes. Así que querían terminar todo. Quería terminar a todos los indígenas que no saben trabajar. Quiere quitar la tierra el blanco. Vivir acá todo. Por eso mezquina la gente [Nivačle] antes la tierra. Por eso es que la gente [Nivačle] está peleando por la tierra. De ese contaba papá antes (Entrevista a Margarita Areco ‘Tejtuche’, en la Comunidad de La Media Luna 2016).

Con la frase “quería terminar a todos los indígenas que no saben trabajar. Quiere quitar la tierra el blanco” Margarita enuncia o hace conciencia del sistema de control social y disciplinamiento que se dirigió hacia la población indígena del Chaco. Sistema que operó a través de su institucionalización en campos de concentración del trabajo –también llamados “Reducciones”- y que tuvo como característica principal el “componente étnico” (Musante, 2018); instituciones que solo fueron implementadas en los territorios nacionales de Chaco y Formosa bajo la tutela del Estado nacional<sup>4</sup>.

Este disciplinamiento por medio del trabajo, se realizaba al tiempo o en consecuencia de la militarización del territorio, lo que en definitiva evidencia una relación profundamente asimétrica. La coerción ejercida por la acción militar para la incorporación al trabajo de las poblaciones indígenas -bajo este contexto o sistema de control social- permite sustantivar a este trabajo como “trabajo forzoso” o “trabajo forzado”. El disciplinamiento por la vía del trabajo se articulaba a formas de represión y aniquilamiento, una doble estrategia de sometimiento que imperó no sólo en las reducciones.

El “progreso” y el desarrollo del capital en la naciente República solo fue posible a partir de la destrucción máxima de la vida y los territorios de las naciones originarias, y como veremos, gracias a la sangre y el sudor del obrero indígena. El trabajo indígena se convir-

<sup>4</sup> Debido a que la colonización del Chaco argentino fue tardía los territorios del Chaco y Formosa durante buena parte del siglo XX permanecieron bajo una administración jurisdiccional particular –no estaban constituidos como Provincia- dependiendo de la administración nacional.

tió en el fundamento del progreso de la nación.

Las vidas indígenas no “progresaron”, los niveles de dependencia se fueron haciendo cada vez mayores tras la pérdida paulatina del territorio y de las posibilidades de desarrollar la economía propia (*ni natshaai*). No solo pasaron de ser “dueños” de los medios de producción a ser incorporados como fuerza de trabajo, sino que además se deterioraron los cuerpos y las condiciones ambientales de su entorno, arrojándolos a lo que hoy se denomina bajo el eufemismo de “vulnerabilidad social” que se puede traducir en términos de Galtung (2016) en “violencia estructural”.

Fanon (1972) advertía que los análisis marxistas deben ser reelaborados cuando se aborda el contexto colonial puesto que la racionalidad racista niega cualquier similitud del conquistador y el colonizado. El conquistador se impuso con la ayuda de los cañones y a pesar de la “apropiación” siempre seguirá siendo el “que vino de afuera” (p.29). La estrategia de colonización puesta en marcha, en el Chaco argentino, constituyó un enclave-étnico-productivo como espacio-frontera, como límite abismal, repitiendo fórmulas ya conocidas en el resto del mundo colonizado. Fanon decía: “el mundo colonizado es un mundo cortado en dos, la línea divisoria, la frontera está indicada por los cuarteles y las seccionales de policía” (p. 27). Esta línea divisoria es lo que Boaventura de Sousa Santos (2010) nombra como “línea abismal”, en un intento de definición el autor dirá “lo abismal consiste en un sistema de distinciones visibles e invisibles, las invisibles constituyen el fundamento de las visibles” (p.11), y sigue, “la distinción es tal que el otro lado de la línea desaparece como realidad, se produce como no existente o en ninguna forma relevante o comprensible de ser” (p.12).

Ahora bien, la entrada en este sistema, su lugar en el enclave-étnico-productivo, permitía recobrar, en parte, la agencia que restituía su condición como sujeto histórico, que en definitiva es “la afirmación de su condición genéricamente humana”, entonces bajo su forma histórica capitalista (Iñigo Carrera & Iñigo Carrera, 2017). Traemos la palabra de Guillermo López, *lhcaanvaçle* (autoridad o líder) de la comunidad San José: mi abuelo siempre contaba... que se levantaron a la Argentina. Y no hubo máquina, nada, solamente la pala, el hacha y el pico” (Entrevista, 2015).

Es por esto que, si bien la incorporación de los indígenas al sistema del capital no se dio de manera “libre”, sino a través de una venta forzosa de la fuerza de trabajo, los desplazamientos dentro del enclave-étnico-productivo harán de esta forma de trabajo (*tashaai*) una estrategia dentro de las luchas por la pervivencia como sujeto colectivo. Cuando la propia existencia se convierte en un hecho político. Un relato de Elena expresa de manera contundente las líneas abismales de este enclave: espacio-frontera: “Los mismos indígenas, que en la orilla del Pilcomayo eran gigantes, llegando a Tartagal [camino a los ingenios], se achicaron, se volvieron mendigos. De vuelta, en la orilla del río, eran otra vez reyes; exactamente lo mismo las mujeres” (s.f., como se citó en Fritz, 2008, p.170).

Es importante aclarar que las prácticas de economía propia o *ni natshaai* no dejaron de realizarse; sin embargo, se vieron mermaidas. El disciplinamiento por medio del trabajo en el enclave étnico productivo disminuía el tiempo para realizar las mismas, decía Margarita “antes si sabe hacer pero siempre trabaja, trabaja, no hay tiempo”. Además, la privatización de las tierras y la violencia militar dificultó el acceso al territorio, a los lugares de caza, pesca y recolección de frutos. A su vez, el desarrollo de la producción ganadera y agrícola deterioró rápidamente el entorno. Durante el tiempo en que no eran requeridos por su fuerza de trabajo se retomaban las prácticas bajo la organización *ni natshaai*, configurando las formas actuales de uso del territorio.

Aunque la organización territorial Nivaçle cambió de manera drástica, con la militarización del Chaco, buena parte de las “aldeas” cerca del Pilcomayo permanecieron, incluso ya avanzado el siglo XX. Esto último, permitió que, a pesar de que el requerimiento de los indígenas en las colonias argentinas disminuyó con la mecanización de la producción agrícola, muchas aldeas continuaron con las prácticas de economía propia alternadas con el trabajo en las colonias (trabajo golondrina) y con “changas” (trabajo ocasional) que les daban pobladores locales, tanto en el Paraguay como en Argentina. La pervivencia por vía del trabajo, ya no implicaron “la coacción física directa sino la coerción sorda de las relaciones económicas” (Iñigo Carrera, 2022, conversación personal).

Las “memorias de marcha” de los Nivaçle evocan trayectorias de desplazamiento que dan cuenta de los patrones de movilidad de los “antiguos Nivaçle” como huellas de una memoria corporal trans-

mitida a los “nuevos” (Barbosa, 2021). La relocalización actual de las familias que viven en comunidad y población dispersa en Formosa no se dió en “cualquier lugar” sino en las cercanías de las antiguas aldeas Nivaçle, siguiendo las trayectorias que en el pasado realizaban entre el Bermejo y el Pilcomayo, o siguiendo el camino hacia los campos de concentración del trabajo. Los sentidos de pertenencia a determinada comunidad se configuran en el tejido de memorias del encuentro. Cada familia va trayendo consigo experiencias distintas de desplazamientos forzados, narraciones que evocan el drama del despojo territorial y la sustracción de su trabajo, pero también traen consigo trayectorias de otra forma de producción territorial, de habitar el trabajo y su sí mismo. Los sentidos de comunidad son finalmente un entramado de esas diversas trayectorias que tienen en común la pertenencia a una parentela o aldea de origen. La presencia Nivaçle en el territorio –hoy de jurisdicción argentina- es, más allá de la búsqueda de trabajo para la subsistencia, la insistencia de un pueblo por existir como sujeto histórico, como apuesta de pervivencia para las futuras generaciones.

## **Discusión**

Nos gustaría dejar planteada una advertencia para nuestra práctica con relación a las distintas expresiones de la violencia estructural, que podría abonar a la mesa que nos convoca. Quisiéramos decir que, aunque siempre escuchamos defender el “sentido de comunidad” y la “propiedad comunitaria” en el marco de los derechos indígenas, esto no debe ser considerado como esencia de lo indígena sino como práctica social en las disputas por el ejercicio del poder. En este sentido, la figura de “propiedad comunitaria” si bien es la más cercana a las formas en que se relacionan los pueblos indígenas con el territorio, no obstante, el derecho al territorio convertido en “norma”, guiada por la razón colonial, negó jurídicamente otras formas comunales de territorialidad. Katzer señala que la estereotipación y negación de los diversos modos de territorialidad, en particular el “nomadismo”, es una problemática en la que la academia abonó con creces y que, en definitiva, también, terminó siendo reificada en la negación jurídica.

Los modos de habitar el espacio y la movilidad territorial, que caracteriza la organización social Nivaçle, quedan completamente

desconocidos, en la actualidad, por la reglamentación nacional y provincial; viéndose obligados en última instancia a la conformación de “comunidades” como estrategia jurídica y política para el restablecimiento de sus derechos. El problema Nivaçle para las garantías de sus derechos, desde la lógica institucional, pareciera no tener que ver con la falta de legislación que respalde el modo particular de producir el espacio, sino que para las instituciones el problema radica en su “peregrinaje”, en “no quedarse en un solo lugar”. En nuestra práctica debemos estar vigilantes en no seguir reproduciendo violencias epistémicas y de ningún otro tipo, al imponer categorías y modelos de interpretación que niegan y distorcionan las realidades indígenas.

Por otra parte, a lo largo de los años, en este congreso se ha hablado mucho de las fronteras difusas de lo rural y lo urbano o acaso constituidos por esa frontera. En esto tenemos mucha tela aun por cortar, lo que sí creo no debemos olvidar es que, lo rural y lo urbano, se produjeron a través y por medio del ejercicio de la violencia colonial sobre los territorios. Preguntarnos por la historia y las memorias de cada territorio de inserción de nuestra profesión, se convierte en un deber y ejercicio ético de nuestra práctica social y comunitaria.

## **Conclusión**

El presente artículo corresponde a resultados parciales de la investigación etnográfica que venimos desarrollando, en conjunto, con las comunidades Nivaçle, acerca de sus memorias y trayectorias en el territorio del Gran Chaco, en particular en la región del Pilcomayo (Chaco central), de donde son originarios. El “trabajo” ha sido una política de sometimiento y disciplinamiento del Estado nacional dirigida a las poblaciones originarias, pero a la vez una estrategia fundamental para la pervivencia de los sobrevivientes del genocidio y la colonización que se perpetúan hasta nuestros días.

Las desiguales oportunidades de vida, la coexistencia de “atmosferas de muerte” junto al “bienestar social”, no es responsabilidad únicamente de los Estados, es la violencia incrustada en las estructuras de nuestras relaciones sociales. En la actualidad, las comunidades Nivaçle se enfrentan a renovadas formas de necropolítica (políticas de muerte): una profunda precarización del trabajo y sus condiciones de vida, al decir de Valverde “la necropolítica del neo-

liberalismo no necesita de armas para matar a los excluidos” (2016, p.15). Su derecho al reconocimiento de su preexistencia es vulnerable, sin embargo, la agencia y los procesos de memoria permiten sostener sus sentidos de pertenencia comunitarios y la movilización para la restitución de sus derechos, en la lucha por una vida digna para las futuras generaciones.

## Agradecimiento

Este trabajo fue posible gracias a la participación de las comunidades nivaçle y a la generosidad de las personas entrevistadas. A ellas mi más profundo agradecimiento: Margarita Areco, Guillermo López y Antonio.

## Referencias

- Barbosa, J. (2021). Vivir y sobrevivir a ambos lados del río Pilcomayo: la movilidad ancestral Nivaçle en Argentina y Paraguay. *Revista digital Debates Indígenas*. <https://debatesindigenas.org/notas/141-vivir-sobrevivir-ambos-lados-del-pilcomayo.html>
- Boy, E. (1919). *Memoria del movimiento: AGE*. LP.
- Candau, J. (2008). *Memorias e identidad*. Del Sol.
- Capdevila, N., Combès, I., & Richard, N. (2008). Los indígenas en la guerra del Chaco. Historia de una ausencia y antropología de un olvido. En N. Richard (Ed.), *Mala Guerra. Los indígenas en la guerra del Chaco (1932-1935)* (pp. 13-65). Museo del Barro, Servilibro y Colibris.
- Fanon, F. (1972). *Los condenados de la tierra*. Aquí y Ahora.
- Fritz, M. (2008). Indígenas y la Guerra del Chaco. El impacto de lo increíble. En N. Richard (Ed.), *Mala Guerra. Los indígenas en la guerra del Chaco (1932-1935)* (pp. 149-170). Museo del Barro, Servilibro y Colibris.
- Galtung, J. (2016). La violencia: cultural, estructural y directa. *Cuadernos de estrategia*, 183, 147-168.
- Gordillo, G., & Leguizamón, J. M. (2002). *El río y la frontera. Movilizaciónes aborígenes, obras públicas y MERCOSUR en el Pilcomayo*.

## Biblos.

Hunt, R. J. (1915). Apéndice D: Chunupi or suhin. *Revista Museo de la Plata*, XXIII, 257-305.

Iñigo Carrera, J., & Iñigo Carrera, V. (2017). Capitalismo y pueblos indígenas en el Chaco argentino: formas y determinaciones de una subjetividad productiva. *Revista Antropologías del Sur*, 4(7), 117-139. <https://doi.org/10.25074/rantros.v4i7.788>

Katzer (2021). Dinamizando el concepto de nomadismo. Notas teóricas y etnográficas sobre un modelo territorial no reconocido. *Tabula Rasa*, 37, 151-167.

Musante, M. (2018). Reducir y controlar. Masacres, disciplinamiento y trabajo forzado en las reducciones estatales para indígenas de Chaco y Formosa durante el siglo XX. En W. Del Río, D. Escolar, D. Lenton, & M. Malvestitti (Eds.), *En el país de nomeacuerdo. Archivos y memorias del genocidio del Estado argentino sobre los pueblos originarios, 1870-1950* (pp. 241-280) Editorial Universidad Nacional de Río Negro.

Rostagno, E. (1911). *Informe de Campaña, Formosa, Coronel Rostagno*. Publicado el sábado 9 de diciembre de 1911 en el diario *La Prensa*.

Valverde Gefaell, C. (2016). *De la necropolítica neoliberal a la empatía radical. Violencia discreta, cuerpos excluidos y repolitización*. Icaria.

# PANDEMIA DE COVID-19 E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA DO POVO XUKURU-KARIRI NA MATA DA CAFURNA

Maria M. M. P. Pedrosa  
Saulo Luders Fernandes

## Introdução

A crise provocada pela pandemia escancarou uma realidade na qual impera desigualdades sociais, políticas e ambientais já vivenciadas pelos povos originários do Brasil, mostrando a “insustentabilidade desse modelo extrativista de sociedade” (Tenório et al., 2020, n.p.). O que povos indígenas apontam é que o vivemos uma simples epidemia que nos pegou desprevenidamente, mas sim resultado da forma sistemática de lidar com a Terra e seus recursos naturais de modo predatório, pautado numa lógica capitalista neoliberal, extrativista e individualista que produzia e segue produzindo diariamente mazelas e injustiças sociais.

No estado de Alagoas, especificamente em relação ao povo Xukuru-Kariri, situado no município de Palmeira dos Índios, os conflitos fundiários ocorrem mesmo que essas terras já estejam demarcadas, tendo em vista que suas terras foram invadidas e atualmente estão ocupadas por fazendeiros, posseiros e a própria sede municipal. No âmbito da saúde, o atendimento realizado dentro das comunidades pelos pólos base representa um avanço no fornecimento de atenção básica diferenciada para os indígenas no Brasil, no entanto, no caso do pólo Xukuru Kariri, a localização é fora das aldeias (Alagoas, 2017). Percebe-se, portanto, que a luta dos povos originários é “contra um projeto global organizado pelas lógicas de mercado e de Estado, as quais marginalizam seus modos de vida e negam sistematicamente seus direitos (Tenório et al., 2020, n.p.).

Este capítulo é parte de uma dissertação de mestrado, ainda em andamento, que tem como objetivo compreender as estratégias de resistência e reexistência adotadas pelo povo Xukuru-Kariri da aldeia Mata da Cafurna frente à pandemia de COVID-19.

## **Método**

Uma pesquisa anticolonial deve se propor a buscar re-conhecer, re-criar, re-apresentar a partir de construções ontológicas e epistemológicas originárias. Tal abordagem não requer rejeição total de teorias e conhecimentos ocidentais, podendo inclusive usar métodos de pesquisa existentes, mas de forma a tentar centralizar as visões de mundo e valores indígenas, e fazer com que a pesquisa sirva aos propósitos da comunidade com que se trabalha (Smith, 1999/2018). Para construir essa pesquisa, levamos em conta o pensamento de pesquisadores/as indígenas/aborígenas acerca da ética como ponto central de trabalho em comunidades indígenas.

Além disso, nos guiamos de modo a pautar-nos numa lógica não exploratória de pesquisa, no qual os pressupostos de um paradigma indígena de pesquisa orientam o processo de construção coletiva. A partir do pensamento de Francisco Apurinã (2020), encontramos alguns caminhos alternativos para seguirmos, sendo um deles a dialética de saberes, o encontro entre a ciência ocidental com a ciência de outros povos. Assim sendo, este trabalho é tecido por muitas mãos, pensado e desenvolvido em especial a partir de diálogos entre orientador, pesquisadora, Koram Xucuru (liderança na aldeia Mata da Cafurna) e outras pessoas Xukuru-Kariri, “considerando destes últimos seus mais altos e sofisticados entendimentos acerca do cosmos, da vida humana e de outras que o habitam” (Apurinã, 2020, p. 20).

## **Oralidade, Narrativa e Memória como Ferramentas de Pesquisa**

A oralidade é um recurso ancestral para os povos originários de Abya Yala e, por isso, colocamos a fala, a palavra e a memória viva como fonte central deste trabalho. É por meio da fala, por exemplo, que os mais velhos das comunidades repassam seus conhecimentos para os mais novos, conservando suas culturas e tradições por diferentes gerações. João Paulo Barreto, do povo Tukano, explica que “[...] quando a gente diz que somos um povo de oralidade, estamos dizendo exatamente isso, que as palavras, elas são uma ação, elas agem, seja para construir ou para destruir” (FOLCLOREBR, 2020, 101'55"). Portanto, se a palavra é ação e construção, construímos essa pesquisa valorizando as riquezas das oralidades.

Colocando em exercício a sensibilidade para escuta e diálogo, o uso de narrativas como um instrumento de pesquisa é um recurso para a criação colaborativa, que cria um espaço que valoriza a oralidade e a partilha de experiências de modo espontâneo, assim, reconstrói acontecimentos a partir da perspectiva e saberes das pessoas com quem dialogamos, sem que haja um direcionamento específico como ocorre em métodos de entrevistas que são mais direcionadas pelos questionamentos do/a pesquisador/a.

Neste íterim, a escrita deste capítulo nasce a partir das vivências na aldeia Mata da Cafurna ao longo dos últimos anos (2020-2022), para produção de dissertação de mestrado, o que abarca o além de fazer a pesquisa, mas todas as imersões, as conversas cotidianas, os encontros, a participação em eventos, a construção de projetos, e outras experiências em campo no território Xukuru-Kariri. Desse modo, o *corpus* de análise é constituído por: diálogos e vivências no cotidiano da aldeia Mata da Cafurna (registradas com o que nomeamos aqui de “diários de chão”), além de momentos de conversas individuais gravadas com 7 interlocutores/as indígenas Xukuru-Kariri.

Nas conversas gravadas, solicitamos que contassem e compartilhassem suas visões, saberes, experiências e cotidiano durante o período pandêmico, especialmente enquanto indígenas. Para esse capítulo, entretanto, recortamos trechos apenas das falas gravadas da liderança Tanawy Tenório Kariri, e dos diálogos feitos com a mezinheira e liderança Koram Xucuru.

Acreditamos que o pesquisar se faz no cotidiano, nas relações, nas trocas, nas redes de diálogos que acomodam todos os corpos e vozes e que, ao invés de estabelecer relações hierárquicas e práticas de controle e dominação, abrem margem para os encontros situados e aos afetos. Os diários de chão dizem respeito aos diários de campo da pesquisadora, e são também dispositivos disparadores a serem analisados em articulação com as conversas, sendo eles uma “estratégia de coletivização das experiências e análises” (Lourau, 1993, p. 85). Entendemos que essa técnica possibilita o registro não apenas do que é pesquisado, mas sobretudo o processo de pesquisa, as trajetórias e os movimentos de quem pesquisa, considerando a pesquisa como um ato sensível, que afeta e transforma também a pesquisadora durante esse diálogo e construção conjunta.

Para construção das análises, partimos de dois conceitos pré-determinados: práticas de resistência e práticas de (re)existência. Consideramos essas duas categorias partindo do pensamento do professor Tupinambá Casé Angatu, no qual afirma que “não apenas o racismo, genocídio, etnocídio, epistemicídio/cosmocídio são estruturais, a resistência e (re)existência é também estrutural, pois o espírito originário (re)existe e resiste” (Sementes da Crítica, 2021). Historicamente, indígenas são criadores de formas de resistência no combate direto e objetivo à colonização, às doenças e destruições do mundo antropocêntrico, e, além disso, se mostram protagonistas nas formas de (re)existências que diz respeito a uma resistência que está ligada a suas culturas, seus rezos, saberes, espiritualidade, rituais e trabalhos com plantas, raízes, folhas etc (Angatu, Casé, 2022). Assim, apresentamos abaixo duas categorias: 1. Necropolítica e resistências no território Xukuru-Kariri e; 2. Natureza, território e espiritualidade: estratégias ancestrais de reexistência

## **Resultados e Discussão**

### **Necropolítica e Resistências no Território Xukuru-Kariri**

Sabemos que não é de hoje que o Estado negligencia aos povos indígenas os direitos que deveriam ser garantidos e ignora as demandas colocadas pelos povos, usando de políticas de invisibilização das demandas desses grupos, ao mesmo passo que incentivam e legitimam violações, como tem ocorrido no caso da chamada Tese do Marco Temporal. Acompanhando a situação da aldeia Mata da Cafurna desde 2020, pudemos presenciar diversos relatos que mencionam a negligência do Estado durante a pandemia. Segundo as pessoas que vêm construindo a pesquisa conosco, e ao que temos vivenciado no território, foi quase nulo o suporte do governo nos primeiros meses e, mesmo posteriormente, quando iniciaram a entrega de kits especificamente aos/as funcionários/as da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), a quantidade de material enviado era insuficiente, sendo necessário a própria comunidade conseguir por outros meios os Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para possuírem condições mínimas de proteção e darem andamento aos seus trabalhos.

Da mesma forma, as aldeias da Terra Indígena Xukuru-Kariri se mobilizaram para a colocação de barreiras em suas entradas, de modo a evitar a pandemia, e para articularem a distribuição de suprimentos e materiais entre a comunidade. Tanawy Kariri, liderança da Mata da Cafurna e coordenador na APOINME responsável pela microrregião Alagoas-Sergipe relata como se articularam:

[...] Eu saía daqui e levava termômetro, máscara, protetor facial e roupas de proteção nas barreiras sanitárias das comunidades das aldeias. Eu fiz isso no estado todo.

[...] Teve um um fato bem interessante que aconteceu comigo que aquilo ficou na minha mente: eu fui com a turma fazer doação no sertão e na hora que eu cheguei com a cesta básica na casa de uma senhora ela pegou a cesta e abriu na hora para colocar no fogo, pra fazer comida, e aquilo me doeu bastante. Aquela cena ali... [...] Foi fascinante passar por isso tudo e saber que mesmo que o governo tivesse desprezando a gente naquele momento ali, a gente tinha força pra fazer todo o trabalho que era do governo e fizemos por conta própria. (Tanawy Kariri, comunicação pessoal, 25 de julho, 2022)

As questões trazidas por Tanawy nessa conversa nos remetem ao pensamento de Casé Angatu ao debater questões indígenas e capitalismo no Brasil, pois o capitalismo é peça chave nessas desigualdades, afinal, ele possui como base a exploração não só riquezas roubadas da Terra/Natureza, mas também a exploração de vidas. Nesse sentido, as populações indígenas enfrentam diariamente uma guerra decretada contra suas nações, uma guerra dispar, que também podemos nomear massacres e genocídios (Sementes da Crítica, 2021).

A liderança Munduruku Alessandra Korap, ao falar sobre este governo, diz: “A gente sabe que o governo federal quer a nossa morte. [...] Todos já sabíamos que seria um governo de morte para nós. Quem garante que ele não quis que essa pandemia entrasse em nosso território?” (2020, p. 185). Nesse ponto, faz-se importante ressaltar que não despreziosamente o Estado têm negado o acesso dos povos indígenas aos seus direitos básicos e se omitido frente às reivindicações feitas por estes. De modo oposto, nas falas do povo Xukuru-Kariri, encontramos outro sentido e lógica de funcionamento para lidar com a crise que vivemos. Uma lógica que remete à coletividade, ao cuidado entre pares, à valorização de vidas humanas e não humanas. No artigo de Hugo Menezes Neto, Francisco Barreto e Alex

Vailati (2020), no qual é realizada uma entrevista com Eliene Putira Sacuena, da etnia Baré, e Elisa Urbano Ramos, do povo Pankararu, podemos notar visões de mundo sobre a humanidade-natureza que expressa o pensamento de povos originários. Nesse sentido, Eliena Putira Sacuena fala:

Na humanidade para nós, enquanto povos indígenas, não existe divisão, nós somos humanidades. Aquela árvore tem o mesmo valor que eu, aquele rio tem o mesmo valor que eu. [...] Temos que pensar, em termos de pandemia, nos valores. Os valores somos nós, são as vidas, não só o ser humano, mas uma humanidade em conjunto. (Menezes Neto et al., 2020, p. 309)

Assim, ressaltamos o protagonismo e a luta do povo Xukuru-Kariri que, de modo autônomo, encontraram formas de resistir às políticas de morte deste governo. Casé Angatu (2020) nos lembra que com povos indígenas podemos aprender algumas lições sobre como não perder o poder de ação diante de tudo que vivemos. Para ele, assim como os indígenas ainda lutam contra as injustiças, nós não devemos desistir da construção de pôr um outro mundo possível. Assim, acreditamos que o pensamento indígena pode oferecer possíveis caminhos aos movimentos sociais, com o exemplo de como resistem “há mais de 500 anos de negações, genocídios e etnocídio, sem desistirmos dos sonhos na busca pelos Territórios Ancestrais e por Alteridade” (2020, p. 71).

Apesar dos sonhos indígenas não serem possíveis no atual sistema econômico, as nações indígenas já são “um mundo onde cabem outros mundo possíveis” (Angatu, Casé, 2021, p. 342). Como prova de que há outras formas de compor o mundo, os povos que vivem há milhares de anos nesses territórios nos mostram a possibilidade de coexistir entre humanidades e Natureza. O que nos falta é, portanto, encontrarmos formas de ruir o sistema capitalista, e aprender como habitar esta terra, uma terra que, embora devastada, ainda é o único terreno fértil para nossas vidas (Fernandes et al., 2021).

## **Natureza, Território e Espiritualidade: Estratégias Ancestrais de Reexistência**

Nas conversas realizadas com pessoas Xukuru-Kariri durante os momentos de imersão e participação de atividades na aldeia,

fica nítido como é impossível falarmos de vida, direitos e saúde sem falarmos do território e da relação com a terra. A terra e o território estão entre as principais pautas do movimento indígena. Sobre o tema, Tanawy Kariri aponta que “a gente tem que correr atrás deste grande objetivo de todos os povos que é a terra [...]. É a principal luta, o nosso território, porque sem ele a gente não tem nada. Sem ele a gente não tem uma perspectiva de vida futura, de história. Então o nosso território é tudo pra gente”. A partir da narrativa de Tanawy e outras pessoas da Aldeia Mata da Cafurna, podemos identificar a importância da luta pelo território para os povos originários.

Nesse sentido, Casé coloca que “nem somos ou seremos donos da terra porque somos a própria terra” (Angatu, Casé, 2021, p. 7). Por isso, a luta pela demarcação e defesa dos territórios é pauta inegociável para as nações indígenas, pois é a defesa pelo lugar que provêm sua garantia de vida e muitas vezes proporciona meios de subsistência também, afinal, através da terra é possível acessar o “[...] alimento, [...] as frutas, os pés de remédio, as raízes [...]” (Munduruku et al., 2020, p. 188).

Sobre esse tema, na aldeia Mata da Cafurna, acompanhamos que logo quando surgiram as primeiras notícias de que o vírus estava chegando na região, houve um sinal de apreensão na comunidade, pois lidaram com muitas incertezas e o medo do vírus atingir a aldeia. Especialmente vendo as notícias sobre o vírus ser mais letal em pessoas mais velhas e com comorbidades, temiam a morte do nosso coletivo, o extermínio das tradições, saberes, e culturas enquanto povo. Tanawy coloca que sentiram “muito medo mas a gente tem a espiritualidade tão forte que a gente confirmava com a nossa espiritualidade que a gente ia vencer isso [...] e a gente [comunidade] começou a trabalhar no sentido de buscar remédios naturais da mata e os rituais”.

A espiritualidade trazida como meio de compreender e lidar com a pandemia, é colocada pelo povo como ponto central também nos processos de cura e cuidado coletivo durante a Covid-19. Para a liderança, existe uma valorização do:

que é espiritual, o que é sagrado pra gente, né? Você vê hoje um exemplo bem claro: a gente tem os nossos pajé, os nossos curandeiros, os rezadores na comunidade que a gente tem muito respeito, e

que antes da gente fazer uma cirurgia, de fazer um trabalho médico, a gente procura primeiro essas pessoas dentro da comunidade. Porque elas tem um laço ancestral e religioso muito forte, então eles estão preparados para cuidar de nós e a gente tem muita confiança nisso, pelo respeito a cada planta, pelo respeito a natureza, os horários do dia, a fase da lua (Tanawy Kariri, comunicação pessoal, 25 de julho, 2022)

Nesse momento, estratégias diversas foram traçadas, desde o fortalecimento do trabalho com ervas, sementes, plantas e raízes até o fortalecimento de rituais e repasse de conhecimentos dos/as mais velhos/as para as crianças e jovens da comunidade, a fim de garantir que, caso houvesse uma perda considerável de anciãs e anciões, as tradições e os saberes permanecessem. Há relatos também entre os Xukuru-Kariri sobre a importância do isolamento na mata para seus rituais, o Ouricuri, a importância das pinturas de proteção no corpo, da dança do toré como forma de fortalecimento de identidade, conexão com ancestrais e resistência, os trabalhos com banhos e garrafadas para cura, entre os diversos trabalhos realizados na comunidade.

Para este capítulo, entretanto, queremos destacar o “Sopão da Koram”, uma ação realizada em 2020 como parte do Projeto Magia da Terra. O projeto Magia da Terra surgiu por volta de 2006, por proposição da liderança e mezinheira Koram Xucuru, que visualizou a oportunidade de através da Associação Indígena Wpyra-Swpirá criar e apoiar um espaço de luta pela garantia de acesso e manutenção de nossos saberes e culturas tradicionais que fosse protagonizado por mulheres. Assim, o projeto Magia da Terra trabalha com ações e sub-projetos que buscam focar especialmente pelas necessidades das mulheres indígenas da aldeia, sem perder de vista os conhecimentos e tradições.

Nas ações do Sopão da Koram, que duraram 5 meses a partir de doações e dos recursos disponíveis no próprio território, foram produzidas sopas e sucos verdes com receitas tradicionais para distribuir na comunidade. Koram nos relata que as ações se iniciaram a partir de pesquisas sobre os efeitos da Covid-19 no corpo, no qual logo no começo da pandemia buscaram entender quais órgãos ele afetava, o que causava, e como poderíamos usar a terra no combate a essa doença. Na cosmovisão da mezinheira Xukuru-Kariri, o corpo se comunica com o que comemos, portanto, se nos alimentamos

bem nosso corpo se fortalece, mas se não comemos ele fica mais vulnerável e suscetível a doenças.

O uso de chás, rezas, plantas, ervas, ungentos e banhos, usados para tratamentos e prevenção de doenças como a COVID-19, são elementos comuns encontrados tanto nos artigos da revisão de literatura realizada no processo de pesquisa quanto presente nos diálogos em campo. Para Braulina Aurora et al. (2020), a pandemia ajudou a “(re) fortalecer o uso de plantas, ervas, raízes medicinais para o tratamento do Covid-19, muitos indígenas foram curados usando apenas os conhecimentos das nossas medicinas tradicionais” (p. 63). Entretanto, apesar das similaridades encontradas, ressaltamos que as plantas, folhas, frutas, ervas e raízes utilizadas por cada povo costumam ser diferentes a depender da região em que cada comunidade vive.

Assim, o movimento de buscarmos na natureza modos de se fortalecerem demonstra como a saúde está ligada a possibilidade de soberania e segurança alimentar, que por sua vez são intrínsecas à luta pela terra e o livre uso dela. Quando se trata de direitos indígenas, a importância da demarcação e defesa do território é uma das maiores pautas de debate e de luta, pois, como afirma o povo que constrói essa pesquisa, a terra é literalmente fonte de vida e saúde. Garantir o território é, entre muitas outras coisas, um modo de garantir um espaço seguro para práticas de seus saberes, rituais de cura, produção de medicamentos com os recursos disponíveis cultivados na aldeia, bem como fortalecimento de suas espiritualidades, tradições e cultura.

## **Conclusão**

Os resultados até então encontrados demonstram como o governo brasileiro durante a pandemia atuou através da omissão, a fim de vulnerabilizar políticas indigenistas vigentes, se pautando numa lógica individualista, neoliberal, racista e extrativista que produz injustiças sociais, ambientais e sanitárias. Além de todos os problemas sociais, lidamos ainda com os desastres climáticos, já em andamento, devido às ações da humanidade antropocêntrica na Terra. Nesse ponto, nos parece que para enfrentar estes problemas carece adentrarmos mais fundo na nossa forma de vida, na nossa experiência de mundo, compreendendo as raízes mais profundas dessa e outras

crises. Não se trata de apenas pensar sobre os problemas de modo individual, mas aprender a viver e construir outras formas de nos relacionarmos com o planeta de modo coletivo, partindo da recusa do que está (im)posto pelo sistema capitalista e colonial e entendendo a Terra como uma Natureza viva e dinâmica, e nós como parte dela.

Nesse sentido, percebemos como as concepções de mundo e os modos de vida do povo Xukuru-Kariri é extremo oposto a esse sistema capitalista, pois se por um lado há um interesse na exploração da terra e da vida, criando políticas de desigualdades e mortes, por outro lado há a resistência dos povos indígenas, que constroem políticas de vida, de fortalecimento de um mundo comum, coletivo e em relação com natureza. Portanto, os diálogos com as lideranças e população da aldeia Mata da Cafurna nos apontam caminhos que inspiram na luta não contra o vírus, mas contra esse Estado que subjugava e ameaça modos de vida.

Além disso, podemos compreender a percepção do corpo e saúde como construções biológicas e sociais que são diretamente afetadas pela cultura, portanto, possuindo suas próprias epistemologias, os conhecimentos dos povos indígenas se articulam também com o cosmo, a natureza e o território. São conhecimentos que não colocam o ser humano como superior e centro do universo, mas parte de um todo físico e espiritual que abarca humanidades diversas e que, por isso, prezam pelo cuidado em relação com seu entorno, com suas terras e os elementos da natureza. Assim, concluímos que as práticas cotidianas o povo Xukuru-Kariri resiste e (re)existe, se fortalecendo através de suas tradições, histórias, saberes, rezos, práticas de cuidado e de cura.

## **Agradecimento**

Agradecemos à CAPES pela bolsa de mestrado concedida e ao povo Xukuru-Kariri da aldeia Mata da Cafurna pela parceria na construção desta pesquisa.

## **Referências**

Acosta, A. (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Editora Elefante.

Angatu, C. (2020). Carama suí îêmonguetás îêngaras: Carubas Moemas îêngas – (Re)Existências Indige-namente Decoloniais. In J. Dorrico, F. Danner, & L. F. Danner (Orgs.), *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo*. Editora Fi.

Angatu, C. (2021a). Povos Originários: Resistimos porque (Re)Existimos – Cosmologias e memórias de Povos que alguns diziam dizimados. In G. R. Neumann, C. Richter, & M. Daudt (Orgs.), *Literatura comparada: ciências humanas, cultura, tecnologia*. Class.

Angatu, C. (2021b). Tupixuara Moingobé Ñerana: autodeclaração indígena como retomada da indianidade e territórios. *Revista Espaço Acadêmico*, 231(21), 13–24. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60509>

Angatu, C. (2022). Povos originários no enfrentamento da Covid-19 e dos maus governos: mais de 500 anos de resistência ao bio-necropoder. In D. de Almeida Ribeiro (Org.), *Reflexões e Saberes em Tempos de Pandemia da Covid-19*. Editora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Apurinã, F. (2020). Um olhar sobre o cosmos a partir da perspectiva indígena e as consequências da fricção entre os humanos e os não humanos. *Emblemas*, 17(1).

Aurora, B., Veríssimo, F. T. G., Juruna, F. de C., & Monteiro, S. G. (2020). O impacto de uma doença colonial que chega de caravela e de avião: reflexão de quatro estudantes indígenas. In B. Boniwa, F. C. Tuxá, & L. E. Terena (Orgs.), *Pandemia da Covid-19 na vida dos povos indígenas*. Revista Terena.

Fernandes, S. L., & Macedo, J. P. (2021). Encontro com os territórios tradicionais. *Revista Espaço Acadêmico*, 20, 102–111.

FOLCLOREBR. (2020). *O que seria essa mitologia brasileira?*. YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=RF340IR\\_4fQ&ab\\_channel=FolcloreBR](https://www.youtube.com/watch?v=RF340IR_4fQ&ab_channel=FolcloreBR)

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.

Lourau, R. (1993). *René Lourau na Uerj: análise institucional e práticas de pesquisa*. EdUERJ.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de ex-*

ceção, política da morte. N-1.

Menezes Neto, H., Barreto, F. S., & Vailati, A. (2022). Ambientes e saberes em conflito: a experiência indígena em tempos de COVID-19. Entrevista com Eliene Putira Sacuena e Elisa Pankararu. *Revista AntHropológicas*, [S1]. <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2020.245313>

Munduruku, A. K., & Chaves, K. A. (2020). “Precisamos estar vivos para seguir na luta”: pandemia e a luta das mulheres Munduruku. *Mundo Amazônico*, 11(2), 179–200. <https://doi.org/10.15446/ma.v11n2.88662>

Saavedra, C. (2021). *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Editora Relicário.

Scopel, D., Dias-Scopel, R., Neves, R. de C., & Segata, J. (2021). Os povos indígenas e a COVID-19. *Espaço Ameríndio*, 15(2), 1–15.

Secretaria de Estado do Planejamento, G. e. P. de A. (2017). *Estudo sobre as Comunidades Indígenas de Alagoas*. <http://dados.al.gov.br/dataset/39e70e25-4d9c-4680-b9e8-d709de9f0f94/resource/7831d-4f1-e988-485a-b930-c4c68abd9157/download/indigena.pdf>

Sementes da Crítica. (2021). *Capitalismo e a Questão indígena no Brasil - Com Casé Angatu Xukuru Tupinambá*. Youtube. [https://www.youtube.com/watch?v=UmHzYj6aO4w&t=2006s&ab\\_channel=SementesdaCr%C3%ADtica](https://www.youtube.com/watch?v=UmHzYj6aO4w&t=2006s&ab_channel=SementesdaCr%C3%ADtica)

Smith, L. T. (2018). *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Ed. UFPR.

Tenório, T. S., & Fernandes, S. L. (2020). Etnia Xukuru-Kariri e as práticas populares no enfrentamento à Covid-19. *Le Monde Diplomatique Brasil*. <https://diplomatie.org.br/etnia-xukuru-kariri-e-as-praticas-populares-no-enfrentamento-a-covid-19/>

# SAÚDE RURAL DESDE OS POVOS: A SAÚDE COMO CUIDADO DA VIDA

Rodrigo Miguel Rojas-Andrade  
Socorro de Fátima Moraes Nina  
Saulo Luders Fernandes

## Para começo de conversa

Realizar o debate sobre saúde e as práticas de cuidado dos povos tradicionais é um grande desafio, pois a saúde para estes povos não se restringe ao cuidado do organismo e nem do indivíduo, saúde é uma ação que se faz no coletivo e junto ao território. O cuidado realizado a uma pessoa é ao mesmo tempo produção de saúde vivida por uma comunidade. Nos estudos, caminhadas e percursos que viemos fazendo em comunidades indígenas, quilombolas, camponesas e ribeirinhas, quando perguntamos sobre saúde nos é apresentado uma diversidade de compreensões, expressa nas singularidades e na produção histórica enraizada em cada território. Porém, mesmo diante desta multiplicidade de compreensões, que demonstra a própria pluralidade dos povos, é apresentado a esta pergunta uma resposta comum: Saúde é o cuidado à vida.

O presente trabalho busca apresentar as caminhadas que os autores e autora percorreram em seus estudos e andanças em diferentes territórios, convidando o leitor a andar conosco nos espaços de uma comunidade ribeirinha amazônica e de uma comunidade quilombola do semiárido alagoano. Este trajeto vai possibilitar a emergência das diferenças existentes nestas comunidades, mas poderá compor, também, campos de confluência (Santos, 2018) entre as práticas de cuidado experienciados nas histórias e no cotidiano destas comunidades tradicionais, no encontro entre seus traços e textos rurais delineados pelas determinações da saúde e do cuidado.

A saúde como cuidado da vida se faz presente na vida cotidiana das comunidades tradicionais. Não se restringindo apenas ao adoecimento, mas ao contrário como parte do viver. É um fazer que se vincula a vida em comunidade, vida esta não apenas humanas, mas ampliada às diversas expressões viventes presentes nos territó-

rios tradicionais, desde: as plantas, os animais, os encantos e os entes espirituais que habitam o lugar, os rios, as matas, as montanhas. A vida aqui é expressa como tudo aquilo que produz relação com outros entes para que o lugar possa dar continuidade a seus ciclos e circularidades. Esta compreensão ampliada de vida é definida por Antônio Bispo dos Santos (2015), liderança e intelectual quilombola, como biointeração, enquanto uma prática presente nos modos de ser e existir que buscam a interação do território, de seus viventes junto à natureza. O humano aqui não se apresenta com centro do mundo e das relações, ele é mais um dos elementos que compõe a tecitura da vida como natureza. Assim, a biointeração exige o respeito as ciclicidades da natureza, seus ritmos, tempos e momentos, como aponta Santos (2015, p. 82) “melhor lugar de guardar os peixes é nos rios, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo”. A vida nesta cosmovisão é a fruição da natureza e demanda outros horizontes éticos e políticos, no qual a humanidade se reconhece como natureza. Aqui a natureza não se expressa como um recurso, algo a ser apropriado para a manutenção de uma certa humanidade. Ele não é um meio para os fins de um sistema extrativista mercadológico, como afirma Casé Angatu Xukuru Tupinambá (2021, p.7): “Nem somos ou seremos donos da terra porque somos a própria terra”, ou como diz Santos (2018, p.01) sobre as terras quilombolas: “A terra não nos pertencia, nós é que pertencíamos à terra”.

### **Modos de Vida e Trabalho de Trabalhadoras Amazônicas**

Com esta concepção saúde como cuidado da vida presente em relações biointerativas nos territórios tradicionais que adentramos ao nosso primeiro território, a vida de mulheres trabalhadoras rurais amazônicas. Tomamos como parâmetros de análise as condições objetivas de trabalho destas mulheres, na dinamicidade do campo da saúde do trabalhador como política pública, como garantia de direitos. Importante apontar que nestas reflexões não privilegiamos nenhuma das visões diferenciadas que se comunicam com a realidade de distintos espaços da Amazônia, mas buscamos evidenciar interconexões de subjetivos modos de ver o trabalho e do olhar sobre o processo de saúde/doença. Tais aspectos, exigem aprofundamento teórico sobre os agravos no cotidiano do trabalho da mulher na área

rural amazônica que envolve questões de saúde relacionadas aos ciclos de vida, os fatores socioeconômicos, culturais e ambientais.

A sociedade produz histórias de trabalho diversas, trabalhar na Amazônia é produção subjetiva e objetiva de diferentes tipos e formas de vida, é no trabalho que a história do lugar é produzida e é por meio dele que a história de cada mulher é construída. Com esta compreensão do trabalho como lugar de produção do viver que entendemos que a saúde da trabalhadora, abarca a multiplicidade de agravos e adoecimentos. Porém, como esse trabalho é também cotidianidade do viver, muitas das vezes ele não é percebido por ela em seus processos de saúde-doença e seus aspectos inter-relacionados, saúde/trabalho/adoecimento, como: a exposição de horas ao sol de forma constante; exposição aos agrotóxicos; acidentes de trabalho; sobrecarga de trabalho, ansiedade e estresse, decorrentes das novas configurações do mundo do trabalho nos contextos rurais na Amazônia.

Diante dessa afirmativa, tem-se a imagem de trabalhadoras rurais com diferentes inserções nos processos produtivos no rural amazônico, definindo padrões diversos de morbimortalidade, para os quais contribuem outros fatores decorrentes das condições de vida e de saúde que estão presentes no cotidiano de quem vive do trabalho nas comunidades rurais. A saúde e o trabalho da mulher em contextos rurais na Amazônia, são aqui relacionais em ação-interação, em que o sentido do eu e da identidade da mulher é socialmente construída e culturalmente aceita, posta a partir de padrões e formas de regular e pensar o trabalho. É no trabalho que se efetiva a subjetividade do fazer, justificada pelas consequências do modo como o espaço agrário vem sendo produzido e organizado na Amazônia. Pelas condições históricas e objetivas de sua produção, as comunidades rurais são também espaços de exploração, determinando ambiente de vida tecido pelas articulações existentes entre as variáveis econômicas, sociais, políticas e culturais que podem se tornar gravoso aos modos de vida de agricultores e agricultoras.

As condições de saúde das populações rurais no Amazonas, não diferem de modo substancial das encontradas em outras áreas do Brasil, retratadas em estudos realizados pelo Ministério da Saúde, que evidenciam condições precarizadas, encontradas no traba-

lho rural. Traz assim, uma reflexão, que aponta para afirmativas em que a população que vive e/ou trabalha no interior da Amazônia, encontra-se mais descoberta e vulnerável aos problemas de saúde relacionados ao trabalho. De forma que refletir sobre a saúde, implica reconhecer as diversas formas de desigualdades que permeiam a sociedade, refletidos nos agravos e mortes, o que de muito requer proteção e promoção da vida daqueles que trabalham na agricultura.

Não cabe mais a concepção naturalista do processo saúde-doença, onde nascer, viver e o morrer depende do biológico puro, mas é imprescindível compreender a teia da vida não apenas por um prisma cartesiano, dissociado, mas socialmente determinados pelas condições concretas de inclusão ou exclusão do trabalhador no processo produtivo e de suas articulações com o lugar onde vive. Portanto, da mesma forma que é fundamental reduzir desigualdades que fazem com que alguns agravos e doenças atinjam principalmente os meios socioeconômicos mais desfavorecidos, há de se pensar também na redução de outros tipos de desigualdades que interferem na realização de um estado mais igualitário de produção da saúde.

É visível a desigualdade vivenciada por populações que moram em ambientes rurais, comunidades distanciadas da equidade, universalidade e do acesso à saúde, por vários fatores que permeiam uma barreira que impede atingir nível mais elevado de igualdade e de justiça social. No entanto, essa assimetria não é dada pela natureza, ela é uma construção social passível de ser modificada. A interface saúde e trabalho das populações rurais na Amazônia, encontra dificuldades significativas do acesso e do entendimento, ainda desconhecida para a maioria dos profissionais, por causa de especificidades locais e culturais. Vencer essas restrições significa pensar o Sistema Único de Saúde (SUS), que considere a determinação social de saúde nas especificidades do trabalho rural e da vida no interior da Amazônia.

Dar visibilidade à necessária articulação entre saúde e trabalho nos contextos rurais para viabilizar políticas voltadas para a população do campo e da floresta, devem estar para além de um olhar desses espaços constituintes e constituídos de sujeitos. Faz-se necessário construir redes de conhecimento político, crítico e orientador da atuação do setor saúde, no campo da saúde do trabalhador, voltado para a área rural na Amazônia, com participação das falas,

das vivências desses trabalhadores e dessas trabalhadoras, de modo a dar sustentação à questão de participação e de efetivo controle social. Apreender o trabalho e suas relações intersubjetivas, é desvelar aspectos da saúde que refletem para além do visível no processo e no ambiente de trabalho, é qualificar escuta, e olhares, que envolvem determinantes sociais, históricos, econômicos e culturais, dependendo do lugar onde se localizava o trabalho, determinados agravos são referenciados com maior frequência pelas trabalhadoras.

Dentre as queixas comuns, referenciados pelas trabalhadoras foram: sobrecarga de trabalho, dores nos membros superiores e inferiores, assim como nas costas, que podem desencadear quadros de Lesões por Esforços Repetitivos/ Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (LER/DORT), estresse, exposição às radiações solares e ao calor por longos períodos, e destaca-se aqui, a possibilidade da exposição crônica a agrotóxico. Os agravos narrados mais visíveis foram aqueles relacionados ao uso de agrotóxicos, tais como: dores de cabeça, náuseas, coceiras, incômodo na região dos olhos (chamado de ardência). Verifica-se que as trabalhadoras embora se preocupem com o veneno pelos efeitos orgânicos imediatos que sentem, não o identificam como perigo para a saúde, apenas como incômodo, como expressa a fala a seguir: “As coisas que vê que pode causar doença aqui. As vezes a gente é que tem que se proteger a gente as vezes é alérgica, por causa do sol e fica espirando” (Flores agricultora rural amazônica).

Nos sintomas relatados na área rural do Amazonas, observou-se que não se distancia da realidade constatada em estudos realizados por Schmidt e Godinho (2006), com produtores rurais quanto aos sintomas e medidas preventivas, sobre intoxicações pelo uso de agrotóxicos, os principais sintomas apresentados pelos entrevistados são: dores de cabeça, irritação nos olhos, tonturas, náuseas, excesso de saliva, desatenção. Os agravos ou danos à saúde das trabalhadoras devem ser compreendidos como expressão do social e cultural, das mudanças de tecnologias, transformações das novas necessidades no mundo do trabalho agrícola, sua organização e processos, tudo interligados. No caso da saúde da mulher trabalhadora tudo é vinculado como processo sociocultural, trabalho-saúde-doença. Com propriedade, Vasconcellos (2011b) ressalta que a saúde do trabalhador, na medida de sua vinculação ao conceito irrestrito de saúde,

tende a se ampliar na mesma direção da base conceitual em saúde de si mesma.

Por tudo isso, concorda-se com Silva et al. (2013), quando afirma que o trabalho na agricultura pode constituir-se num trabalho perigoso para a saúde das trabalhadoras. Assim como as situações específicas do processo e da organização do trabalho, somam-se as condições de vida, saúde e trabalho como baixos salários, o despreparo dos profissionais de saúde para lidar com os problemas causados pelo trabalho e ainda o reconhecimento de seu papel de trabalhadora.

Neste contexto, o reconhecimento do trabalho para a mulher amazônica rural é fundamental, instituindo-as como trabalhadoras, dando, portanto, a visibilidade e assim garantindo seus direitos. Cabe então entender que o que é nomeado como ajuda (auxílio as atividades da agricultura da família) é trabalho e o trabalho é para ajudar, dando sentido e significações, nos diferentes lugares desse fazer, como questões que estão para além do semântico e que indica reconhecimento na produção da saúde e como direitos das mulheres trabalhadoras rurais.

Ao trançar a histórias de algumas destas mulheres amazônicas tem-se um paneiro com fios da palha, ou a palmeira em fios de tucum, assim são os detalhes, que em cada trançado produzido, se amarra um segmento da história, das subjetividades que dizem daqueles lugares, na produção do trabalho como possibilidade de cuidado e de fortalecimento de vínculos e vidas entre trabalhadoras amazônicas. É nesse vir a ser constante que as mulheres produzem os saberes sobre o cuidado da vida, entre banzeiros e canoas, quilha e caminho que desvelam saberes, e perguntamos: Ou foi o banzeiro que firmou a canoa? Ou firmou-se pela quilha, ao desvelar realidades, traçando inquietações e respostas.

## **Saúde, Vida E Reexistência Em Um Quilombo Alagoano**

As concepções de saúde e cuidado nas comunidades tradicionais apresentam confluências que permitem alguns encontros entre elas, narrar nossas andanças em territórios diversos talvez seja uma tentativa de encontro destas confluências. A narrativa que se segue foi fruto de idas e vindas na Comunidade Quilombola Poços do

Lunga. Comunidade situada no agreste alagoano, que tem no nome o rio que a atravessa, o Rio Lunga, que no período da estiagem formam pequenos poços com os galhos da caatinga que acompanham a descida do rio. A comunidade tem na sua origem histórica o pé de Umbu, árvore frutífera que oferece sombra, tranquilidade e alimento há gerações da comunidade, como diz Tonha: “Ele é centenário. Tem mais de 180 anos. Foi a mãe da comunidade, ele alimentou muita gente e deu sombra e casa para nossos antepassados e até hoje dá”.

As plantas e a natureza são seres que estão presentes em toda a história da comunidade e em seu fazer cotidiano. As plantas sempre são amigas conselheiras, ou poderosas forças de cura, seja pelo chá, pela garrafada ou pelos banhos. O umbuzeiro também, ele aparece como lugar de resguardo e restauração. Próximo a ele foi construída a fábrica de beneficiamento de frutas, onde se fazem geleias de pimenta e do próprio umbu. É entre as matas da caatinga, umbuzeiros e rio que as casas da comunidade aparecem, a certa distância uma das outras, mas sempre próximas quando se trata das relações de vizinhança, familiares e de amizade. Ao longe, por onde você olha, você avista o horizonte. O olhar no Poços do Lunga vai longe.

Nos caminhos percorridos na comunidade encontramos a uma escola de tempo integral, que além de escola também serve de alojamento para quem vem de fora, espaço para reuniões comunitária, bem como, lugar de ensaio para as festividades. Um espaço importante para as práticas de cuidado o território é o terreiro do Pai Tonho, o Palácio de Ogum, lugar de grande acolhimento para quem chega em busca de encontros, cura e saúde, seja da comunidade ou de fora dela. O zelo do Pai Tonho e de seus filhos e filhas de santo pelo terreiro se espalha por toda comunidade, já que as forças do Palácio de Ogum estão na natureza viva presente no território, no vento do fim de tarde, no som dos pássaros e das crianças brincando nos quintais e nas plantas que crescem por toda a parte. O terreiro é lugar de espiritualidade que se faz no encontro entre as pessoas, em festividades, rituais e no encontro com os seres que ali habitam. A maior expressão de festividade na comunidade se dá no dia 15 de agosto na festa do “Meados de agosto”, em homenagem à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da comunidade, uma festa centenária:

A família toda se ajudava. Aí quando terminava a colheita, o que

que a gente ia fazer? A gente ia comemorar. A festa do meado de agosto, pra gente, é como se fosse uma festa de final de ano. E isso a gente continua, já tem por 200 anos (Tonha, liderança da comunidade).

É na relação com este território vivo que entramos enquanto pesquisadores, mas nos tornamos também seres vivos do Poços do Lunga ao nos abrimos para ele. Buscamos em nossos percursos de pesquisa compreender as concepções e práticas de saúde ali presentes e aprendemos que cuidar da saúde é cuidar do próprio território, este expresso como natureza complexa, composta por muitos seres que tecem uma rede viva de ciclos e circularidades. Ciclos estes que produzem relações de interdependência entre as plantas, humanos, animais, seres espirituais, estações, chuva, vento, sol. Estas formas de biointeração são as raízes que mantêm este grande território vivo, como lugar que é cultivado cotidianamente por meio de seus ciclos, conhecidos e repassados de geração à geração, que promovem a continuidade da vida no quilombo (Santos, 2015). A compreensão ampliada da vida está enraizada no território quilombola e leva a sabedoria ancestral de que ser quilombola é compreender a si mesmo enquanto extensão viva da natureza, que é também a enunciação física da espiritualidade dos antepassados.

As/os moradoras/es do Poços do Lunga estabelecem uma relação com o território e com a natureza que está para além das lógicas antropocentradas que veem a natureza como um recurso a ser mediado para as práticas extrativistas do capitalismo. A saúde como cuidado à vida apresenta-se como uma ação de reexistência as lógicas coloniais e ao extrativismo. Extrativismo este compreendido enquanto um dos mecanismos político econômico base da exploração das vidas e dos territórios latino-americanos. Quando caminhamos nos territórios tradicionais e nos encontramos com suas práticas de saúde, estamos frente a frente com uma das bases da reexistência indígena, quilombola, ribeirinha, campesina, que possibilita a continuidade da vida e defesa do território mesmo diante das lógicas extrativistas do capitalismo global, que buscam: explorar, espoliar, desprezar e reprimir (Baschet, 2021). O extrativismo não é só uma fase do capitalismo, nem um problema de certas economias do mundo, mas constitui um traço estrutural na organização do capital

mundial. Um modo particular de extração de recursos e base para acumulação de riquezas, que se acentua nas ditas crises do capital, estas não como estado de exceção, mas como um modo de operar a vida moderna colonial (Swampa, 2021). O extrativismo é um produto histórico e geopolítico que produz a diferenciação e hierarquização entre a natureza e a humanidade. A política de morte produzida pelo extrativismo apresenta-se na América Latina a partir: do garimpo, do agronegócio, das mineradoras, da privatização das fontes de água, do impacto por grandes obras em terras tradicionais, do desmatamento, da pesca industrial, da agropecuária em larga escala, das monoculturas.

Frente a esta política estrutural de exploração, espoliação, desprezo e repressão, as comunidades respondem com a vida tecida junto ao território e a natureza. Em uma cosmovisão que não cinde vida e natureza, ambas se apresentam como extensões uma da outra. Como afirma Ailton Krenak (2021, p.58): “Nós estamos, em nossa relação com a vida, como um peixinho num imenso oceano, em maravilhosa fruição. Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida”. A vida como fruição não necessita ser útil, não necessita dar uma resposta quanto a sua capacidade de produção de recursos, ela não é um meio para atingir algum fim, mas a expressão da realidade fiada em conjunto com outros seres que habitam o lugar.

Para compreender a “Saúde é o cuidado à vida”, devemos nos deslocar das compreensões antropocentradas, ampliando nossos horizontes para além dos humanos, no entendimento que a natureza não é um meio e nem um fim, mas nós mesmos. Avançar no debate da saúde junto aos povos tradicionais exige um giro para experiências humanas não antropocentradas, o cuidado não está no humano, ou não se realiza no ambiente para sanar os humanos. O cuidar vincula-se aos territórios, ao lugar, as vidas que estão alinhavadas em um grande tecido vivo que somos nós enquanto natureza. É sobre este princípio da coletividade e do território que a saúde começa a caminhar por outras veredas, afirmando que cuidar do lugar é cuidar de tudo que ali brota, vive e renasce. Como nos diz Dona Tonha, Liderança comunitária do Quilombo Poços do Lunga:

Porque quando você planta, você planta um pé de árvore sem nada, né? Ele vai criando um galho. Esse pé de umbu, ele não foi plantado desse tamanho, foi só um galho, aí ele foi nascendo uma rama pra lá, folhinha pra aculá e foi se alastrando, se você procurar raiz desse pé de umbu, vai bater embaixo, no rio. Tá espalhado por todo canto. (...) É igual a nossa tradição, de nossos antepassados!”

Dona Tonha ao falar do pé de umbu narra os modos com que a Comunidade Quilombola Poços do Lunga espalha seus conhecimentos e sabedorias, que vão desde o cuidado ao umbuzeiro, do seu broto, até as raízes espalhas por todo o território da comunidade “espalhado por todo canto”. A comunidade e seu território não se apresentam como um lugar a ser apropriado por lógicas instrumentais que fazem da prática da saúde um manejo ou manuseio da vida humana. Ao contrário, a saúde está no território apresentam-se como práticas cotidianas que se espraiam pelo lugar das raízes aos galhos e pelas vidas que são partilhadas na comunidade: “É igual a nossa tradição, de nossos antepassados”.

### **Caminhos a trilhar**

A saúde nas comunidades tradicionais está atrelada as práticas ancestrais que possibilitaram estes povos, mesmo diante das lógicas coloniais, que objetivaram sua morte, buscarem alternativas a continuidade de suas vidas. Os modos de viver das comunidades tradicionais não são apenas a expressão da reação ou do antagonismo ao colonialismo e suas violências. Estas são partes de suas vidas que, quando colocados frente as políticas de morte, buscam enfrentá-las, trazendo consigo cicatrizes das violências e de suas mazelas, sofrimentos e adoecimentos. Mas há outro lugar que possibilitam os povos tradicionais afirmarem seus modos de viver, que não ficam restritos ao espelho das lógicas colonialistas, ao contrário estão para além delas. Este lugar é denominado por Santos (2018) como as reexistências, ou práticas cotidianas produzidas nas comunidades que possibilitam estas, por meio do fortalecimento de suas cosmovisões, darem continuidade a vida.

Talvez, uma das raízes ancestrais destas reexistências sejam as práticas de cuidado presentes nos territórios tradicionais, que para além de sanar as dores coloniais, afirmam um modo de viver que

não se quebra, mas que produzem ciclos de continuidade, que não apresentam um fim. Como diria Santos (2022), mas um início, meio, início, que percorrem gerações e permitem a produção de tempos não lineares em uma circularidade que confluem as lutas dos que já foram e as reexistências dos que aqui se fazem presentes. Como expresso na poesia de Joviano Maia (2022, p.12-13), inspirado nos conhecimentos e sabedorias de Antônio Bispo:

Tréplica

chegou nossa vez  
versar a resposta da resposta,  
a réplica da réplica, a tréplica,  
que em verdade  
nada responde  
nem faz proposta  
somente expressa,  
talvez uma aposta,  
em três palavras:  
início, meio, início  
aprendi com Nêgo Bispo,  
começo, meio, começo  
ciclos e circularidades espiraladas,  
fluxos e movimentos singulares  
passado e futuro confluem neste presente  
um instante, tempo

dia de Xangô,  
o Rei sabe o que faz,  
Kaô Kabecilê, meu rapaz,  
A morte ronda  
peçamos clemência ao Pai  
Cantar, dançar, atracar ao mar  
contra-atacar

não que o término seja ruim,  
nem que a morte seja o término,  
é que já não creio no fim  
início, meio, início,  
incorporei isso para mim

## Referencias

Angatu, Casé (Santos, Carlos José F.). (2021). Povos Originários: Resistimos porque (Re)Existimos – Cosmologias e memórias de Povos que alguns diziam dizimados. In G. R. Neumann, C. Richter, & M. I. Daudt (Eds.), *Literatura comparada: ciências humanas, cultura, tecnologia* (pp. Xx-xx). Class.

Baschet, Jérôme. (2021). *A experiência zapatista*. N-1.

Krenak, Ailton. (2021). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.

Maia, Joviano (2022). Apresentação. In A. B. Santos, M. S. Rodrigues, L. Rufino, & A. Mumbuca (Eds.), *Quatro Cantos* (pp. Xx-xx). N-1.

Santos, Antonio Bispo. (2015). *Colonização, Quilombos, Modos e Significados*. UNB.

Santos, Antonio Bispo. (2018). Somos da terra. *PISEAGRAMA*, 12, 44-51.

Santos, Antonio Bispo (2022). Início, Meio, Início. In A. B. Santos, M. S. Rodrigues, L. Rufino, & A. Mumbuca (Eds.), *Quatro Cantos* (pp. Xx-xx). N-1.

Schmidt, Maria Luiza Gava, & Godinho, Pedro Henrique. (2006). Um breve estudo acerca do cotidiano do trabalho de produtores rurais: intoxicações por agrotóxicos e subnotificação. *Rev. bras. saúde ocup.* 31(113), 27-40.

Silva, Jandira Maciel, Pinheiro, Tarcísio Márcio Magalhães et al. (2013). Saúde do trabalhador rural na atenção primária à saúde: Subsídios para elaboração de uma proposta de atuação. In E. C. Dias, T. L. Silva (Eds.), *Saúde do trabalhador na atenção primária à saúde: possibilidades, desafios e perspectivas* (pp. Xx-xx). Coopmed.

Swampa, Maristella. (2019). *As fronteiras do neoextrativismo na*

*América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências.* Elefante.

Vasconcellos, Luiz Carlos Fadel, & Oliveira, Maria Helena Barros de (Eds.). ( 2011). *Saúde, trabalho e direito: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória.* Educam.

# PRÁTICAS DE CUIDADO À SAÚDE E TRANSMISSÃO DE SABERES: VOZES DE RE-EXISTÊNCIA DE MULHERES QUILOMBOLAS

Lara de Araújo Miranda

Narciso Barrera Bassols

Ladjane Ramos Caporal

## **Introdução**

Considerando-se a Psicologia enquanto ciência que se interliga e, ao mesmo tempo, reconhece a importância dos demais âmbitos científicos, que tem como um de seus enfoques norteadores a promoção da saúde, em seus mais diferentes contextos, e tendo em vista o seu olhar sobre as ruralidades, este estudo, buscou ampliar esse campo científico explanando a dimensão da saúde, ancestralidade e práticas de cuidado a partir da perspectiva dos povos tradicionais quilombolas, e sobretudo, do feminino negro nesse contexto.

Sendo assim, a presente pesquisa teve como intuito principal visibilizar mulheres rurais quilombolas e suas práticas de cuidado à saúde, compreendendo sua relação com a natureza e com a terra, e a maneira como utilizam-se das ervas enquanto medicina, compreendendo-se de que forma ocorre a transmissão de saberes entre elas. Saberes que se interligam e apontam para a preservação de nossa diversidade sociobiocultural, o que diante de nosso atual cenário, de extensa devastação ambiental, biológica e cultural nos convoca a pensarmos não somente sobre a saúde, como também sobre a manutenção da vida (humana e não-humanas), da qualidade de vida da presente e futura gerações.

Dessa forma, tendo em vista nosso atual cenário de crise ambiental, que vem sendo agravado pela ação do homem ao meio ambiente, dominação das mulheres e exploração da natureza, resultado de um modelo de sociedade capitalista-patriarcal, percebe-se a necessidade de reflexões acerca de temáticas que possam contribuir para ações e mudanças dessa realidade. Assim sendo, essa investiga-

ção, que é um recorte da dissertação de mestrado intitulada: “Feminino e Re-existência: Plantas medicinais, um saber ancestral”, realizada em torno de mulheres quilombolas da Comunidade Varzinha dos Quilombolas, do município de Iguaracy -PE, Brasil, teve como objetivo geral: Analisar como ocorre a transmissão do saber ancestral entre mulheres rurais da Comunidade Varzinha dos Quilombolas, e como objetivos específicos: a) conceituar feminino, saúde, cuidado e ancestralidade; b) investigar as representações dos feminismos e das mulheres quilombolas brasileiras; c) discutir sobre o uso das plantas medicinais entre as mulheres no Brasil.

## **Método**

No primeiro momento demarcado pela revisão bibliográfica, nos respaldamos em autoras (es) que se debruçam sobre as temáticas do feminino negro, das populações quilombolas e da saúde, trazendo algumas discussões em torno das questões raciais e de gênero nesse contexto. Assim sendo, escolhemos priorizar a fala de escritoras brasileiras e negras que apontam para tais discussões trazendo também visibilidade aos feminismos negros, fundamentais nessa e nas demais esferas sociopolítica-cultural, tais como Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Lélia González e Sueli Carneiro.

### **Tipo De Pesquisa**

Nesta investigação do tipo qualitativa, em seu segundo momento, no que se refere aos procedimentos foi realizada uma pesquisa de campo, utilizando-se como instrumento nesta coleta de dados entrevistas semiestruturadas (Fonseca, 2002), aplicadas em mulheres da Comunidade Varzinha dos Quilombolas (Iguaracy, Pernambuco/Brasil), que através de suas narrativas enriqueceram esse estudo através dos relatos sobre a medicina ancestral das plantas enquanto principal prática de saúde e bem-estar utilizada no quilombo. Sendo importante salientar que no contexto pandêmico (COVID-19), as entrevistas foram realizadas virtualmente, através da ferramenta de reunião *on-line* fornecida pelo *Google Meet* (serviço de comunicação por vídeo).

## Participantes

Nesse sentido, as entrevistas foram feitas com mulheres quilombolas, e teve o intuito de compreender o olhar da transmissão geracional de conhecimentos, realizada através da tradição oral, forma peculiar de transmissão de saberes que se mantém até hoje, mesmo com o advento da escrita, como descreve Souza: “A tradição oral é guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, sendo preservada, principalmente, por homens sábios, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos fatos e feitos de seus antepassados” (Souza, 2013, p. 85).

Assim sendo, selecionamos ao todo seis (6) mulheres, sendo cinco (5) delas da mesma família, de quatro diferentes gerações, e uma (1) mulher quilombola da mesma comunidade que não pertence a esse núcleo familiar para termos uma outra perspectiva sobre essa transmissão. Nesse olhar transgeracional, foram entrevistadas: a mais velha (matriarca do quilombo, “a bisavó”, com 94 anos), a avó com 64 anos, as duas netas de 37 e 35 anos, e a mais nova com 17 anos, “a bisneta”, além da quilombola de 35 anos que mesmo não pertencendo a esta família, considera a matriarca do quilombo como sua tia.

Além disso, ressaltamos ainda que todas as quilombolas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando o uso de suas narrativas, nomes e imagens, permitindo também as gravações das entrevistas na elaboração desse trabalho e sua posterior divulgação.

## Resultados e Discussão

A palavra quilombo (kilombo) tem origem na língua africana (o quimbundo), e significa sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades. Assim, o Decreto 4887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o processo para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação dos territórios ocupados por remanescentes das comunidades dos quilombos de que discute o art. 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias<sup>1</sup>, em seu art. 2º, estabelece:

---

<sup>1</sup> Art. 68 do ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias): “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Constituição Federal do Brasil de 1988).

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-definição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Logo, compreendemos que a nomenclatura “remanescentes de quilombo” também deve ser dada conforme critérios de auto-atribuição atestada pelas próprias comunidades, como também adotado pela Convenção da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre Povos Indígenas e Tribais. Portanto, o Território Remanescente de Comunidade Quilombola é uma concretização das conquistas da comunidade de descendência africana no Brasil, fruto das várias e heroicas resistências ao modelo escravocrata e opressor instaurado no período do Brasil-Colônia e do reconhecimento dessa injustiça histórica (CONAQ, 2021).

Portanto, as comunidades remanescentes de quilombos são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade brasileira, que possuem sua identidade como base para sua organização, sua relação com os demais grupos e sua ação política (O'dwyer, 2002). Lembrando que somente após o decreto 4887/2003 mencionado acima, que regulamenta a identificação e reconhecimento dos remanescentes de quilombos, foi quando tivemos a delimitação e demarcação das terras ocupadas pelos quilombolas e o estabelecimento de sua territorialidade e identidade no espaço marcado por luta. As terras ocupadas eram quase sempre adquiridas por meio de doação ou pela compra nos arredores de quilombos (Moreira, 2013). Dessa maneira, existia a possibilidade de doação, herança, compra e pagamento a negros que escolheram um modo de vida próprio com base no uso familiar da terra.

A partir de debates no contexto atual, o conceito de quilombo se expande, desatrelando-o do termo histórico, passando a ser reconhecido pelas suas características antropológicas e territoriais. Tornando-se espaço de resistência e reinterpretação do mundo pelos seus moradores etnicamente diferenciados (CEDEFES, 2008). Assim sendo, de acordo com os registros feitos por Melo (2015), Varzinha dos Quilombolas, comunidade selecionada para esta investigação, teve a legalização de suas terras, feita de forma “acordada” entre car-

tórios, políticos influentes ou fazendeiros da região, em 2012. Portanto, falar da história de Varzinha é falar de resistência e luta, mas também de exploração, que está presente em tantos outros quilombos da região do agreste e sertão pernambucano, apesar de mais de um século do fim do sistema escravocrata.

Nesse aspecto, verificamos nas entrevistas com estas mulheres a forte presença das palavras luta e sofrimento vinculadas ao sentimento de identidade e autorreconhecimento enquanto quilombola, conforme coloca M. S. (35 anos): “A gente ser quilombola é sinônimo de muita luta, para mim o que define em uma palavra é luta. E quando eu falo em sofrimento eu falo por conta dos meus antepassados e ancestrais que sofreram demais”. E também como registrado por V. R. (17 anos): “Se eu fosse dar uma palavra a quilombola seria resistência. Porque meus pais resistiram e meus ancestrais resistiram também”, compreendemos que ancestralidade atravessa o significado de resistência, como a luta que promove e fortalece o processo identitário dos negros e negras no Brasil, reafirmando o seu lugar na história (Oliveira, 2007).

Assim, tratando-se dessa temática, e se aproximando do que toca a esfera da *re-existência*, marca central das populações quilombolas, verificamos nessa comunidade um trabalho fortemente vinculado às práticas de cuidado através das plantas medicinais como forma de assinalar uma autonomia de suas terras, de seus corpos e de sua saúde. Sendo assim, o lugar de *re-existência* extrapola o olhar sobre uma luta territorial e de resistência, mas que está atravessado por uma outra relação com a terra, com a produtividade e utilização de ervas medicinais como ferramenta principal de promoção da saúde e bem-estar.

No Brasil, a utilização de plantas medicinais teve início na cultura dos inúmeros grupos indígenas e se integrou ao conhecimento africano e europeu, povos que chegaram aqui no início da colonização e trouxeram costumes de como cultivar e utilizar diferentes tipos de vegetais. Apesar disso, reconhecemos a utilização das plantas pelas mulheres afro-brasileiras, que também é um dos recursos entre as práticas de saúde adotadas pela tradição africana (Silva et al., 2014). Como existem muitas plantas voltadas especificamente para questões do feminino, a medicina fitoterápica e as plantas medicinais

passam a ter um papel fundamental nos cuidados à saúde da mulher, que podem ajudar em condições fisiológicas e sociais, com os desconfortos e dificuldades que muitas mulheres enfrentam relacionados ao período menstrual, assim como suas alterações hormonais.

Assim, bebemos tanto dos ensinamentos africanos quanto indígenas. Sendo que foi a partir das comunidades indígenas, na época, que tivemos origem de uma medicina popular sedimentada, visto que a medicina alopática se restringia às regiões metropolitanas, enquanto na zona rural predominava o cuidado à saúde por meio do uso das plantas medicinais, terapêutica que resultou em uma mescla de conhecimentos etno-farmacológicos, devido ao processo de miscigenação de diversidade cultural, que abrangia os conhecimentos partilhados entre indígenas, jesuítas e fazendeiros (Araújo, 1979). Também encontramos na literatura que o uso das plantas tem significados diferentes para os moradores das cidades e os das zonas rurais: no campo, a maioria das pessoas utilizam as plantas especificamente para a cura de enfermidades, enquanto na cidade seu uso é mais complementar à medicina alopática, conforme apontam Mendonça e Menezes (2003).

O fato de os usuários das zonas rurais utilizarem mais as plantas como tratamento principal pode ocorrer devido à dificuldade no deslocamento e à distância geográfica para acessarem serviços convencionais de saúde, como hospitais, clínicas, postos ou unidades de saúde. Estudos mostram que os povos tradicionais quilombolas utilizam, como primeira escolha terapêutica, os seus próprios recursos para cuidarem da sua saúde, visto que as plantas medicinais estão localizadas nos seus quintais e estão amplamente disponíveis aos moradores dessas comunidades. Isso faz com que eles procurem primeiramente a medicina popular para depois, se a enfermidade não for tratada com as ervas, buscarem os serviços da medicina convencional (Sandes et al., 2018).

Como sabemos, os quilombos são comunidades rurais que preservam uma secular história de povos negros, sobreviventes da escravidão no Brasil. Os quilombolas apresentam um elevado índice de vulnerabilidade social e indicadores de saúde consideravelmente deficitários, ocasionados pelo isolamento geográfico, à marginalização que esses povos vieram sofrendo há séculos, e à incompreen-

são cultural devido ao preconceito social. Dessa forma, esses grupos étnicos encontram inúmeros obstáculos no quesito acessibilidade de sistemas formais de saúde, sendo, portanto, muito comum por esses motivos, buscarem as práticas populares de autocuidado embasadas na medicina tradicional para seu tratamento, como o uso de ervas medicinais e rituais de cura aprendidos ao longo de diversas gerações familiares (Sandes et al., 2018).

Nesse sentido, verifica-se que é muito comum e bastante procurado o uso da medicina popular nas comunidades quilombolas até mesmo antes da medicina alopática. Apesar de serem escassos os registros oficiais de tais conhecimentos nas comunidades quilombolas, esses povos mantêm muitos dos costumes que trazem como herança de seus antepassados africanos, como as técnicas agrícolas, os cuidados com a saúde, processos de construção arquitetônica e a religiosidade (Gomes & Bandeira, 2012; Mota & Dias, 2012).

Além disso, as narrativas das quilombolas ao longo dessa investigação também nos levaram a refletir que geralmente as práticas de cura e cuidado são predominantemente desempenhadas pelo feminino, e encontramos na literatura referência a tais representações com a nomenclatura de ‘rezadeiras’ e ‘benzedadeiras’, ou seja, funções desempenhadas por mulheres. Além disso, como ratificam Gomes e Bandeira (2012), ao complementar que essa relação de gênero dentro dos Quilombos precisa ser destacada e mais discutida, analisando-se que são as mulheres quem possuem liderança no núcleo familiar, sobretudo no que tange à dimensão cuidados à saúde e bem-estar, porque são elas que possuem vastos conhecimentos sobre a fitoterapia em suas comunidades.

Nesse sentido, pensar a saúde da mulher é refletir sobre ações que estão ou serão implementadas que possam reduzir a morbimortalidade por causas que podem ser prevenidas, buscando envolver o contexto familiar e a comunidade onde a mulher vive. Para que possam incluir todas as mulheres nesse cuidado, é necessário observar mulheres que historicamente foram e são excluídas das políticas públicas, validando suas necessidades e particularidades (Andrade et al., 2021). Assim, é fundamental a garantia de seu acesso aos serviços de saúde, respeitando a diversidade cultural, étnica e religiosa, incentivando a autonomia de mulheres com deficiência, negras, in-

dígenas, ciganas, em situação de rua e em regime de liberdade, nas suas distintas fases da vida.

Além disso, é a partir de tal compreensão e iniciativa que os conhecimentos e saberes ancestrais poderão seguir sendo transmitidos entre as suas comunidades e compartilhados para além dela, uma vez que muito da tradição já foi perdida devido à desvalorização da cultura afro-brasileira. Sobre esse ponto verificamos também nas narrativas das quilombolas uma grande preocupação com a extinção da transmissão e o uso desses saberes, uma vez que vem ocorrendo um desinteresse pela utilização das plantas medicinais por grande parte dos jovens das últimas gerações.

Dessa forma, no que concerne à preservação dessa memória ancestral que registra e transmite os conhecimentos e saberes dessa cultura, sabemos que “a memória cultural se baseia no ensinamento oral da tradição, que é a forma original da educação nativa, que consiste em deixar o espírito fluir e se manifestar através da fala aquilo que foi passado pelo pai, pelo avô e pelo tataravô” (Jecupé, 1998, p. 26), e como aponta Jesus et al. (2018): daquilo que é passado pela mãe, pela avó, pela bisavó e tataravó. Conhecimento transmitido pela linhagem feminina através das quais a vida se manifesta, a memória de um povo se resguarda, transcorre não somente por todos esses corpos, mas a partir e por meio da permanência dessas narrativas, que se criam, que se transferem, que se revivem, em um processo de *re-existência*, *escre-vivendo* e compartilhando seus saberes pelo mecanismo de transmissão oral.

Assim, o cuidado à saúde por meio das ervas medicinais, recurso utilizado há gerações dentro de comunidades tradicionais, como as quilombolas, também simboliza esse *re-existir*. Tais contribuições se referem não somente à possibilidade de cuidado à saúde por meio das plantas, mas também à preservação ecológica e cultural que se faz a partir desse pensamento, visto que os povos tradicionais sempre viveram em consonância e harmonia com o meio ambiente, com as diferentes formas de vida, e seguem até hoje essa *ética do cuidado*.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível pensarmos que é desafiador, muitas vezes, promover um espaço de discussão entre os conhecimentos tradicionais e científicos, é justamente por

meio desses espaços que se possibilitará o resgate cultural desses povos, o registro do conhecimento tradicional e a construção do conhecimento científico aplicado à realidade local, mantendo a transmissão de tais saberes para as futuras gerações. Assim, é necessário que as Psicologias em sua tríade ação-reflexão-ação evidenciem tais questões dentro do campo da saúde, multiplicando as discussões desse tema em torno da preservação da sociobiodiversidade e de nossa memória biocultural, apontando para um olhar que considere o cultivo de plantas medicinais nos quintais produtivos para além da temática de cuidado à saúde, da relação restrita de saúde-doença, mas que engloba e atravessa as nuances que esse trabalho predominantemente feminino propõe: uma autonomia dessas mulheres dentro de seus territórios, uma autonomia de seus corpos e de suas vidas.

## Conclusão

Nessa compreensão, retomamos a importância da tradição oral, imprescindível guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, preservada, principalmente, pela sabedoria dessa cultura, que sublinha a responsabilidade que um povo deve ter em manter viva a memória dos saberes e conhecimentos trazidos e deixados por nossos antepassados enquanto legado. Sendo, pois, um compromisso social que necessita desse cuidado para seguir se atualizando em nossa história.

Assim, avaliamos o quão tornou-se fundamental ampliarmos as questões sobre o cuidado à saúde, a utilização das práticas medicinais dos povos tradicionais quilombolas no Brasil, a fim de discutirmos sobre os processos de luta e *re-existência*, não somente no que se refere à dimensão da saúde e práticas de cuidado, mas também na preservação da memória biocultural desses povos.

Além disso, esse estudo nos apontou para a discussão em torno dos cuidados à saúde estarem sob a responsabilidade do feminino, ao mesmo tempo que as mulheres, sobretudo as mulheres negras, rurais e de baixa renda são marginalizadas do acesso aos recursos de saúde, como no caso de Varzinha em que relataram nas entrevistas as dificuldades ao acesso à saúde devido à distância, deslocamento, e a ausência de unidade de saúde próximas ao Quilombo. Assim,

também constatamos que apesar de utilizaram-se da medicina natural, produzirem seus medicamentos com as ervas, as mulheres quilombolas utilizam-se da medicina alopática, quando os chás, lambedores, banhos, garrafadas e tinturas não curam suas enfermidades, recorrendo às farmácias e/ou às unidades de atenção básica à saúde, hospitais e outras unidades, mas com muita dificuldade, visto os desafios que enfrentam para tal acesso.

Além disso, refletimos que os seus saberes ancestrais seguem ainda invisibilizados e marginalizados pela supremacia do nosso modelo 'capitalista-industrial-eurocêntrico-branco', e por esse motivo também que se aproximar das comunidades camponesas e tradicionais nos ajuda a encontrar elementos que permitam entender e dialogar com essas populações bem como promover a visibilidade, a valorização e a permanência de seus saberes, fazendo ecoar as vozes de mulheres quilombolas como símbolo de luta, sabedoria e *re-existência*.

## Referências

- Andrade, T. J. A. S., & Medeiros, L. C. M (2021). Plantas Medicinais e a Saúde da Mulher do Brasil colonial. EDUFPI. [https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/20463/1/EBOOK\\_PLANTAS-26-01-2021\\_Publicar-ARES.pdf](https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/20463/1/EBOOK_PLANTAS-26-01-2021_Publicar-ARES.pdf)
- Araújo, A. A. (1979). Medicina rústica (3nd. ed.). Brasiliense.
- Centro de Documentação Elóy Ferreira da Silva – CEDEFES. (2021). Comunidade quilombola de Minas Gerais no Século XXI: História e resistência. CEDEFES.
- Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ. (2021). Racismo e violência contra quilombos no Brasil. Terra de Direitos.
- Jesus, J. O., Cassilhas, F. H. M., & Santos, S. M. (2018). Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, 26(3), e57055. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n357055>
- Fonseca, J. J. S. (2002.). Metodologia da pesquisa científica. UEC.
- Gomes, T. B., & Bandeira, F. P. S. F. (2012). Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Ca-

- tarina, Bahia. *Acta Botanica Brasilica*. 26(4), 796-809.
- Jecupé, K. W. (1998). *A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. Peirópolis.
- Melo, M. M (Org.). (2015). *De Varzinha dos Paulinos à Varzinha dos Quilombolas. Construindo a História, partilhando nossa Resistência [Cartilha]*. Tiragem.
- Mendonça, R. F. W., & Menezes, F. S. (2003). Estudo da utilização de plantas medicinais pela população da Ilha Grande - RJ. *Rev. Bras. Farmacogn*, 13, 55-58.
- Moreira, J. F. R. (2013). *Paisagens Culturais do Povo Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás: cotidiano e festas [Dissertação de Mestrado]*. Universidade Federal de Goiás. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3695>
- Mota, R. S., & Dias, H. M. (2012). Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. *Interações*, 13(2), 151-159.
- O'dwyer, E. C. (2002). Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In E. C. O'dwyer (Org.), *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Editora FGV.
- Oliveira, D. E. (2007). *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Editora Gráfica Popular.
- Sandes, L. F. F. et al. (2018). Práticas fitoterápicas e a relação cultural de quilombolas com o uso de plantas medicinais em rituais de cura. *Anais do 12º Ciência e Tecnologia: Implicações no ensino, pesquisa e extensão. Fórum de Ensino Pesquisa e Extensão e Gestão*, Monte Carlos, MG.
- Silva, S. H. C., Assis, M. A., Bochner, R., Miranda, M. G., Garrido, R. G., & Avelar, K. E. S. (2014). Plantas medicinais: tradições e saberes de mulheres de uma comunidade urbana do Rio de Janeiro. *Espacios*, 35(4), 1-12.
- Souza, M. A. O. (2013). *Negras nós somo, só não temo o pé no torno: a identidade negra e de gênero em conceição das crioulas, contendias/tamboril e santana [Tese de doutorado em História]*. Universidade Federal de Recife. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11578>

# INTERSECCIONALIDAD GÉNERO, RURALIDADES E INTERCULTURALIDAD: A PARTIR DEL CASO DE LAS NIVAC'CHE<sup>1</sup>

Luciana Vazquez  
Joice Barbosa Becerra

## Introducción

Algunas de las experiencias compartidas con las mujeres de la comunidad han sido un caleidoscopio que nos permite ver distintas situaciones que conjugadas nos acercan al panorama que viven las comunidades niva'che en la provincia de Formosa, que a su vez abrieron nuevos interrogantes en relación a la vida cotidiana y las problemáticas relacionadas a la salud (el trabajo, las distancias, las condiciones de vivienda, la alimentación, entre otras). Así como también los itinerarios para el acceso a la atención de la salud.

A partir de estos interrogantes, junto a la comunidad nos propusimos llevar adelante un diagnóstico que nos permitiera sistematizar información acerca de la implementación y acceso de las políticas públicas en materia de salud e identificar las condiciones de las comunidades y sus estrategias para el cuidado de la salud. Realizamos una consulta previa con referentes y miembros de las distintas comunidades.

En este artículo, nos interesa además dialogar sobre aquellos aspectos que hacen a la interseccionalidad entre género, ruralidades e interculturalidad. En Latinoamérica podemos encontrar diversas situaciones en las que se ven vulnerados los derechos de los pueblos indígenas. Algunas de estas situaciones tienen un impacto mayor o diferencial en las mujeres de dichas comunidades. En Argentina, si bien se ha avanzado en relación a políticas públicas de acceso a derechos, aún se manifiestan situaciones de avasallamiento y opresión en las que se ejercen diferentes modalidades de violencias. Las cuales tienen un impacto aún mayor en algunos grupos: étnicos, mujeres, infancias y juventudes, ámbitos rurales, por solo mencionar algunos ejemplos.

<sup>1</sup> En el idioma niva'che, niva'che significa persona mujer perteneciente al pueblo niva'che

Esto nos lleva a pensar en las dificultades relacionadas al acceso a derechos en mujeres indígenas, entendiendo la interseccionalidad allí presente. Es decir, las desigualdades sistémicas que las atraviesan por ser mujeres, por ser indígenas, por habitar en la ruralidad. Este análisis, se desprende del recorrido realizado con la comunidad Nivaçle, en el Departamento de Bermejo, Provincia de Formosa (Argentina). Realizamos un estudio de caso, en el cual se indagó sobre el desarrollo de las “políticas públicas de atención primaria de la salud y las estrategias comunitarias para la atención de la salud en las comunidades chulupí- nivaçle que habitan en el Departamento de Bermejo, Provincia de Formosa”, proyecto desarrollado en el marco de las “Becas Salud Investiga” del Ministerio de Salud de la Nación entre 2018-2019. Y la actualización en el 2020 a partir de la situación generada por la pandemia del COVID-19.

Si bien no fue una premisa inicial del trabajo, abordar las problemáticas, percepciones de salud y experiencias de las mujeres de las comunidades, fueron las nivaç'che (en el idioma nivaçle, nivaç'che significa persona mujer perteneciente al pueblo nivaçle) quienes expresaron mayor interés en torno a conversar sobre los factores que afectan la salud de la comunidad, compartir sus prácticas y conocimientos sobre el cuidado de la salud. Los resultados de este estudio fueron contundentes en relación a las condiciones de vulneración de la vida de las comunidades nivaçle.

En esta ocasión queremos compartir especialmente, cómo la multiplicidad de factores que atraviesan la salud de las comunidades afecta de modo particular a las nivaç'che y cómo se expresa su rol social comunitario. Para ello, nos centraremos en aspectos relevados en relación con las concepciones de salud y enfermedad, salud sexual y reproductiva, itinerarios y prácticas vinculadas al cuidado de la salud. Si bien aquí no profundizaremos en los aspectos ambientales y de vivienda, es importante mencionar que las condiciones habitacionales y del entorno son precarias y deficientes. No hay acceso a servicios (luz, gas, agua), lo cual trae aparejado problemáticas de salud.

## **Resultados del estudio de caso**

Para este estudio de caso, se trabajó desde una metodología de investigación de carácter exploratorio-descriptivo de tipo trans-

versal. Para el cual se realizó revisión de fuentes secundarias (documentos de organizaciones, ONGs, políticas pública, investigaciones anteriores), una instancia de diagnóstico participativo, observación participante y no participante, entrevistas abiertas y semi-estructuradas, encuestas, análisis y conclusiones.

La muestra obtenida fue la siguiente: 10 (diez) entrevistas a agentes sanitarios y/o profesionales de la salud, 3 (tres) entrevistas a personal educativo, 1 (una) entrevista grupal a mujeres indígenas, 12 (doce) entrevistas a familias indígenas, 50 (cincuenta) encuestas aplicadas a núcleos familiares, alcanzando un total de 71 (setenta y una) familias relevadas, 303 (trescientos tres) personas alcanzadas en el relevamiento de la información. Al momento de realizar este estudio, vivían en la comunidad 406 (cuatrocientos seis) personas pertenecientes al Pueblo nivaële.

### **Va Tai 'Shayash y Va Tai'Asha (Salud y Enfermedad)**

Para abordar las nociones de salud y enfermedad en poblaciones indígenas son necesarios trabajos más prolongados en el tiempo que permitan a partir de un acercamiento etnográfico acercarse a la comprensión del universo de sentidos de la sociedad indígena. Pues estas nociones no siempre se encuentran en los sistemas de conocimiento de las poblaciones indígenas en los mismos parámetros que en las sociedades y culturas no indígenas. Sobre todo porque estas nociones se encuentran relacionadas directamente con las concepción de persona humana, en la relación con los territorios y el entorno para la reproducción de la economía de la vida, con las construcción de la subjetividad y de la corporalidad. Intentamos, tener un acercamiento mínimo a estas nociones de tal forma que nos permita plantear nuevos objetivos para próximos estudios y tener en cuenta al momento de plantear la estrategia conjunta. Estas nociones fueron exploradas en el marco del taller de diagnóstico comunitarios y las encuestas y entrevistas a los hogares.

En el idioma nivaële el término empleado para referirse a la salud es Va Tai'shayash. Esta noción hace referencia a un estado de bienestar, vinculado con emociones como la alegría y con la capacidad y disposición para el trabajo, este último entendido en un sentido amplio. A su vez, está relacionado con la buena alimentación

y el habitar un entorno natural, limpio y con acceso a las formas de economía propia. También esta noción refiere a la dinámica relacional, esto es, a la posibilidad de formar una familia, que sus miembros estén bien, no tener problemas con las otras personas, gozar de tranquilidad y poder conseguir lo que se anhela, los proyectos vida. En lo que refiere a la noción de enfermedad el término empleado en el idioma nivaçle es Va Tai'asha.

Esta noción, en el mismo sentido, refiere a un estado de malestar, a la presencia de algún dolor, al sufrimiento, a la imposibilidad de desarrollar los quehaceres de la vida cotidiana. Así es como los niños/niñas que no juegan es porque están enfermos. A su vez, también está vinculado a estados de ánimo como la tristeza. La noción de salud y enfermedad en los nivaçle no hace diferenciación entre estados emocionales o corporales. Por ejemplo, la expresión más cercana, que encontraban en el castellano para referirse a enfermedad, era el “decaimiento” o el “desánimo”, es decir, la “falta de ganas” para hacer las cosas. A su vez, esta noción refiere a la falta de trabajo y las dificultades de llevar una vida en el goce pleno de sus necesidades y de los que se quiere y desea para la familia.

Esta noción amplia de salud y enfermedad enmarca las distintas estrategias que fueron apareciendo en el diálogo con las familias. Si bien, aparece de manera relevante el mejoramiento del acceso al sistema de salud, la posibilidad de tener un agente sanitario para la comunidad, el mejoramiento de la atención en términos relacionales, la calidad de los medicamentos y de los servicios. A su vez, las comunidades entienden que el mejoramiento de los niveles de salud está relacionado fundamentalmente, con un mejoramiento en las condiciones socioeconómicas, el acceso a fuentes de trabajo, a una vivienda segura, a fuentes de agua segura, a la educación y al mejoramiento de su relación con el entorno social inmediato.

Al momento de demandar asistencia de salud, se pueden identificar ciertas dificultades en torno al vínculo entre los agentes sanitarios y profesionales de la salud y las familias indígenas, tomamos el concepto de “Accesibilidad cultural” (Comes y Stolkiner, 2005; Comes et al., 2007; Solitario, Garbus y Stolkiner, 2008). Esta hace referencia a los conocimientos locales, racionalidades y las representaciones que guían las prácticas saludables e influyen como

facilitadores o barreras de dicha accesibilidad, en relación con la salud pública, esta dificultad fue expresada en el 54% de los hogares, seguida del “mal trato” 18% el cual puede estar relacionado con la accesibilidad cultural o no. Otro 18% de los hogares señaló la falta de disponibilidad de algunos servicios.

Algunas personas vinculadas al sistema de salud nos manifiestan: “Caso de una paciente que no se podía comunicar por el idioma, y se tuvo que buscar alguien de la comunidad. El idioma es una barrera”. “Impresionante cuando le hablas dos o tres palabras en su idioma Y lograr la confianza lazos de confianza”. En este último punto, es importante resaltar la necesidad de incluir Agentes Sanitarios indígenas, ya que tienen un rol de facilitador y/o mediador entre la comunidad y el sistema de salud. Las familias indígenas lo manifiestan a la hora de identificar cuáles podrían ser los aspectos a mejorar en atención de la salud de su comunidad.

Dentro de los itinerarios que realizan las comunidades cuando buscan atención médica la mayor parte de los hogares expresó recurrir a la Sala de Emergencias o Centro de Salud de Atención Primaria (56%), seguido de la derivación a un Hospital Público con turno previo (32%), Hospital de Urgencias Médicas, sin turno previo (16%), Consultorio Privado (4%) y finalmente, la Consulta a un miembro de la comunidad que sabe curar (16% de los hogares encuestados). En todas las comunidades había hogares en las que las personas adultas no habían ido nunca a un centro de salud para la atención de la salud. También, ha sido importante la presencia de la práctica de autocuidado y del uso de la medicina propia (86% de los hogares). Si bien, no aparece de manera prevalente en la pregunta específica, que buscaba indagar los itinerarios en la atención de salud, luego se visibilizan al ser indagado de manera directa como “uso de planta o medicina tradicional”. Esto último, se sitúa además como una de las estrategias comunitarias más importantes en el acompañamiento de la salud y la enfermedad.

En relación a la salud sexual y reproductiva, coinciden tanto las familias indígenas como los agentes sanitarios y profesionales de la salud en los controles por fuera del embarazo son muy bajos. Es decir que las mujeres y varones de la comunidad no se realizan controles periódicos vinculados a la prevención enfermedades de

transmisión sexual, por ejemplo. Desde la percepción de los agentes sanitarios y profesionales de la salud consideran que se realizan estrategias de prevención y promoción vinculadas al cuidado de la salud sexual mediante la entrega de anticonceptivos (orales, inyectables y preservativos), sin embargo, desde el discurso de las familias indígenas podemos dar cuenta que el solo hecho de acceder a los diferentes métodos de cuidado no garantiza el acceso a la información: “Ellos algún método usan, ellos eligen. El que más se usa es preservativo, inyectable y pastillas. Prefieren inyectable porque venís una sola vez al mes”.

En las encuestas a hogares se relevó la información sobre su salud sexual reproductiva de 35 mujeres (11% de la población total de los hogares encuestados) y 20 hombres (7%). Si bien no hay identificación por parte de las familias respecto a enfermedades de transmisión sexual, esto se debe a que no se realizan los exámenes de diagnósticos correspondientes, más que a la ausencia en sí misma de síntomas, sobre todo en los varones. En el caso de las mujeres el 50% se realizó un examen diagnóstico, en su mayoría dijo haberse realizado un PAP, por lo menos en los últimos dos años. Los agentes sanitarios y profesionales de la salud resaltan la incidencia de enfermedades en el sistema reproductivo por la falta de detección temprana y/o tratamiento adecuado. Por ejemplo:

Ella tiene la creencia que el anticonceptivo tenía la responsabilidad del cáncer. Dejo el anticonceptivo ahora esta de 5 meses.

En el caso de las Etnias mucho más temprano en el tiempo las patologías cervicales son más propensas a las enfermedades.

Aparece alguien respecto a la prevención del cáncer del cuello uterino ya saben que solamente con el examen de pap solamente acá yo lo hago gratis.

Con respecto al uso de algún método anticonceptivo tanto como en hombres y mujeres representa casi el 50% de la población encuestada. Que a su vez se relaciona con el casi 50% que recibe información sobre el cuidado de la salud sexual reproductiva.

En el caso de los controles durante el embarazo, difiere la mirada desde las familias indígenas y los agentes sanitarios y profesionales de la salud. Estos, identifican algunas barreras entorno a la

atención durante el embarazo y parto, mientras que en las entrevistas y encuestas realizadas a los hogares lo que aparece con mayor nivel de atención es aquella que se encuentra dirigida a la salud materno infantil; concretamente se debe decir a la salud infantil más que a la de la mujer:

En el caso de las embarazadas hay reticencia sobre todo en las cesáreas programadas como la madre se siente bien se produce una reticencia.

Nuestras comunidades son bien abocadas al sistema de salud y a la ciencia. Tienen parteras tradicionales, pero son muy ancianas. Ya no hay gente preparada en ese sistema.

En el control de embarazo y al control de la mujer se ha trabajado muchísimo. En Formosa hay un programa que se trabaja mucho acá en la región del distrito sanitario 1 y mi experiencia de trabajo en las comunidades, si analizo 10 años atrás no se podía ni tocar a una mujer para el examen, no accedía ni a la consulta. Con el tiempo, con la visita programada se incorporó un enfermero de la comunidad y mejoró la accesibilidad.

La edad promedio de las mujeres de su primera menstruación es la de los 11 años. En promedio tiene una duración de 3,2 días. El 34% de las encuestadas manifestó tener algún malestar o problemas con su menstruación referidos al flujo irregular y dolores muy fuertes. Respecto de las pautas sociales de la organización nivaçle, este momento marca una iniciación de las mujeres en la vida social de la comunidad, es el inicio de un nuevo ciclo de la vida de estas personas dentro de la estructura social que las contiene, determina además cierta autonomía sobre las decisiones del proyecto de vida. Sin embargo, los cambios culturales sufridos por la colonización y la evangelización lograron una pérdida importante de estos sentidos que, sin embargo, permanecen de forma subterránea.

Aún resta realizar un trabajo de mayor profundidad acerca del sistema de saberes que están relacionados con el conocimiento del propio cuerpo y del autocuidado. La comprensión de este sistema de organización social y de conocimientos es importante para poder abordar aspectos como el embarazo en personas menores de 18 años y los embarazos y partos asistidos en el entorno natural de las mujeres. Es fundamental, dar cuenta que, si bien la institucionalización de los partos de las mujeres indígenas ha tenido una incidencia fuer-

te en el cambio de estos patrones, los partos en la comunidad asistidos por mujeres cercanas a las parturientas es una práctica todavía muy extendida en la población niva'che, así como aún están presentes los conocimientos relacionados con el cuidado de la salud sexual y el control de natalidad.

Un aspecto interesante que sobresale es que la totalidad de las mujeres encuestadas había tenido embarazos, en promedio tenía 5 embarazos, la mayoría había tenido asistencia o control de sus embarazos, pero no de todos. Por lo general, la asistencia médica en el parto se ha recibido en los últimos embarazos. El 71% de las mujeres encuestadas habían tenido algún parto en casa. Esto difiere mucho de la ubicación territorial y de la “accesibilidad geográfica”, también con la edad de las mujeres.

Por lo general, las mujeres jóvenes que han crecido con mayor relación con el sistema de salud se encuentran más familiarizadas con el desplazamiento hasta los centros hospitalarios para tener asistencia durante el parto. Sin embargo, estos todavía se viven como algo muy natural y cotidiano en la mayoría de las mujeres en las cuales aún no ha mediado la institucionalización del mismo “sí, siempre es normal a veces no hace falta ir a un hospital”. El 35% de las mujeres expresó haber tenido alguna dificultad con alguno de sus embarazos. En el 28% de los casos, las mujeres tuvieron un embarazo que no llegó a término. A su vez, 28% (10/35) de las mujeres encuestadas comentó que había muerto algún hijo al poco tiempo de haber nacido, salvo en 2 de los casos las mujeres no conocían el motivo o la causa de la muerte de su hijo.

Las mujeres amamantan a sus hijos, en promedio, hasta los 3,2 años de edad. Expresaron haber amamantado a la mayoría de sus hijos/hijas, en un 20% de los casos las mujeres comentaron haber tenido dificultades para amamantar, estas refieren a que las mujeres se encontraban enfermas y no podían continuar con dicha práctica. Como se mencionó anteriormente, los controles médicos de los recién nacidos y de los niños menores de 10 años está muy extendido en las niva'che. En la mayoría de los casos, la relación con el sistema de salud se restringe al control de los embarazos, el parto y el seguimiento de los primeros años. Sin embargo, pese a esta relación la salud integral de las mujeres no es atendida por el sistema de salud

–salud primaria. Al momento de la encuesta, nos encontrábamos con casos en los que las mujeres estaban padeciendo malestares y había acabado de llevar a sus hijos menores de un año al control de talla, peso y vacunas, no obstante no se habían sentido habilitadas para expresar dicho malestar.

## **Interseccionalidad**

En este sentido, consideramos relevante identificar cómo diferentes aspectos hallados en los resultados se interrelacionan. Y es aquí, donde el concepto de interseccionalidad aparece como una herramienta analítica para comprender los entrecruzamientos que pueden existir entre género/sexo con otras características/identidades y como estas intersecciones contribuyen a experiencias complejas y únicas de discriminación.

Tener en cuenta un análisis interseccional, en este y otros casos, permite visibilizar las múltiples capas y sus conjunciones en pos de una mirada multidimensional, compleja de la realidad. Entender el entrecruzamiento de las desigualdades aquí presentes, dan cuenta de la necesidad de pensar abordajes y políticas públicas acordes, situados, con perspectiva de género e intercultural.

Asimismo, esta mirada multidimensional nos invita a pensar en los distintos grupos sociales (clase social, grupos étnicos, etc.) y con las relaciones de poder que se dan a nivel político, religioso, y de género, entre otros (Jodelet, 2000). Es decir, no es posible pensar la desigualdad aisladamente. Hay que tener en cuenta el contexto socio histórico del cual esta intersección es resultado.

## **Políticas públicas**

Tomamos como punto de partida la definición de las políticas públicas como una toma de posición de parte de alguien que habla en nombre del Estado, frente a una cuestión que ha sido problematizada socialmente. El abordaje del estudio de las políticas públicas debería centrarse más en la naturaleza de las cuestiones sociales que plantean diferentes sectores de la sociedad y el propio Estado; y, a partir de allí, analizar cuáles son las vicisitudes del tratamiento de esa “cuestión” (Oszlak y O’Donnell, 1976).

En Argentina, en el contexto actual de emergencia sanitaria, alimentaria y económica, potenciado por la pandemia del COVID-19 desde marzo 2020, es un desafío garantizar la existencia y funcionamiento de políticas públicas que promuevan el acceso a derechos (salud, educación, alimentación, entre otros). Tal como se menciona en el Informe Covid-19 CEPAL-OPS, los efectos de la pandemia incrementarían la desigualdad y vulnerabilidad social en la población de América Latina ya empobrecida (CEPAL, 2020).

Por otro lado, aquí nos proponemos pensar las políticas públicas como conjunto de decisiones que se orientan a impactar en el ámbito social. Como acción gubernamental las políticas públicas, son un proceso de acciones interrelacionados que se corresponden a objetivos sustentados en el marco legal basados en un marco valorativo y sustentado en un marco racional de acciones, es un proceso lineal y secuencial en términos analíticos. Pero en la realidad aparece como un accionar dinámico sujeto a acciones y reacciones, a consensos y conflictos entre los diversos actores que intervienen (Zeller, 2007).

### **Algunos Aspectos Normativos**

Finalmente, nos parece necesario detallar algunos aspectos normativos, ya que el acceso a derechos (salud, educación, trabajo, vivienda digna, entre otros) para las Nivac'che no solo no está garantizado, sino que además se puede dar cuenta de una serie de situaciones en lo que se encuentran vulnerados. En la esfera internacional, la ONU en su declaración del derecho humano, expresa específicamente para los Pueblos Indígenas: “Las personas indígenas tienen derecho a disfrutar por igual del nivel más alto posible de salud física y mental. Los Estados tomarán las medidas que sean necesarias para lograr progresivamente la plena realización de este derecho” (art.24).

El Convenio N° 169 de la OIT sobre pueblos indígenas y tribales en países independientes, en 1989, y que se convirtió en el instrumento jurídico más usado por los PI; El Convenio sobre la Diversidad Biológica, establecido en 1992; en el año siguiente la Organización Panamericana de la Salud (OPS) emitió una importante Resolución CD37.R5 -también conocida como Resolución V.- sobre

Salud de los Pueblos Indígenas; finalmente, este derecho se ratificó en el 2006 en la Declaración Universal de Derechos de los Pueblos Indígenas

Asimismo, en los Objetivos para el Desarrollo Sostenible - ODS 2030, se establece como objetivo y meta “erradicar la pobreza, proteger el planeta y asegurar la prosperidad de todos”. Entre ellos, vamos a mencionar solo alguno de los objetivos que consideramos son imprescindibles para pensar las desigualdades de las Nivac’che: Fin a la pobreza (ODS 1), Hambre cero (ODS 2), Salud y Bienestar (ODS 3), Igualdad de género (ODS 5), Agua limpia y saneamiento (ODS 6), Trabajo decente y crecimiento económico (ODS 8). Solo por resaltar algunos aspectos que luego se verán identificados en los resultados del estudio de caso llevado a cabo con las Nivac’che. Sin embargo, cabe aclarar que todos los aspectos que hacen al medioambiente, calidad de vida, acceso a servicios son de suma relevancia para pensar políticas públicas acordes a las necesidades actuales de las comunidades.

En este marco internacional e intercultural se inscriben Ley nacional 23.302 sobre “política indígena y apoyo a las comunidades aborígenes” de 1985, que marcó la política general en asuntos indígenas en Argentina y que fue replicada por varias provincias, así como distintas iniciativas del Ministerio de Salud Nacional dirigidas hacia esta población: comenzando por la conformación del Área Salud Indígena – a finales de la década de los setenta – la reciente creación del Programa Nacional de Salud para los Pueblos Indígenas (2016), dentro de la estructura del Ministerio.

En relación a normativas de protección hacia las mujeres, en Argentina se sancionó la Ley de protección integral a las mujeres (Ley N°26.485). Esta Ley establece en su Artículo 2° — Objeto. La presente ley tiene por objeto promover y garantizar:

- a) La eliminación de la discriminación entre mujeres y varones en todos los órdenes de la vida;
- b) El derecho de las mujeres a vivir una vida sin violencia;
- c) Las condiciones aptas para sensibilizar y prevenir, sancionar y erradicar la discriminación y la violencia contra las mujeres en cualquiera de sus manifestaciones y ámbitos;
- d) El desarrollo de políticas públicas de carácter interinstitu-

cional sobre violencia contra las mujeres;

e) La remoción de patrones socioculturales que promueven y sostienen la desigualdad de género y las relaciones de poder sobre las mujeres;

f) El acceso a la justicia de las mujeres que padecen violencia;

g) La asistencia integral a las mujeres que padecen violencia en las áreas estatales y privadas que realicen actividades programáticas destinadas a las mujeres y/o en los servicios especializados de violencia.

Esta misma Ley, en su Artículo 3º establece, Derechos Protegidos. Esta ley garantiza todos los derechos reconocidos por la Convención para la Eliminación de todas las Formas de Discriminación contra la Mujer, la Convención Interamericana para Prevenir, Sancionar y Erradicar la Violencia contra la Mujer, la Convención sobre los Derechos de los Niños y la Ley 26.061 de Protección Integral de los derechos de las Niñas, Niños y Adolescentes y, en especial, los referidos a:

a) Una vida sin violencia y sin discriminaciones;

b) La salud, la educación y la seguridad personal;

c) La integridad física, psicológica, sexual, económica o patrimonial;

d) Que se respete su dignidad;

e) Decidir sobre la vida reproductiva, número de embarazos y cuándo tenerlos, de conformidad con la Ley 25.673 de Creación del Programa Nacional de Salud Sexual y Procreación Responsable;

f) La intimidad, la libertad de creencias y de pensamiento;

g) Recibir información y asesoramiento adecuado;

h) Gozar de medidas integrales de asistencia, protección y seguridad;

i) Gozar de acceso gratuito a la justicia en casos comprendidos en el ámbito de aplicación de la presente ley;

j) La igualdad real de derechos, oportunidades y de trato entre varones y mujeres;

k) Un trato respetuoso de las mujeres que padecen violencia, evitando toda conducta, acto u omisión que produzca revictimización.

Por otro lado, la Ley Nacional 25.673 crea el Programa Nacional de Salud Sexual y Procreación Responsable. En su Artículo 2º - Serán objetivos de este programa:

- a) Alcanzar para la población el nivel más elevado de salud sexual y procreación responsable con el fin de que pueda adoptar decisiones libres de discriminación, coacciones o violencia;
- b) Disminuir la morbimortalidad materno-infantil;
- c) Prevenir embarazos no deseados;
- d) Promover la salud sexual de los adolescentes;
- e) Contribuir a la prevención y detección precoz de enfermedades de transmisión sexual, de VIH/sida y patologías genital y mamarias;
- f) Garantizar a toda la población el acceso a la información, orientación, métodos y prestaciones de servicios referidos a la salud sexual y procreación responsable;
- g) Potenciar la participación femenina en la toma de decisiones relativas a su salud sexual y procreación responsable.

Y el Artículo 3º - El programa - está destinado a la población en general, sin discriminación alguna.

## **Análisis final**

A modo de cierre y apertura queremos dejar plasmadas algunas reflexiones: Les Nivaçle son un pueblo atrapado o atravesado por la frontera entre Argentina y Paraguay. Han sobrevivido a múltiples violencias, dentro de estas violencias se encuentran los distintos desplazamientos forzados a causa del despojo por parte de los estados nacionales a partir del ejercicio de la violencia armada en los mismos y la posterior colonización a través de la ocupación de sus territorios y la presencia de las misiones religiosas, evangelizadoras; esta situación crítica para los pueblos indígenas para los

cuales el territorio es el espacio fundamental para la reproducción de la vida y de su cultura, se profundiza con el empobrecimiento de la zona a causa de la alteración de la corriente natural de agua del río Pilcomayo y el abandono estatal por parte de los gobiernos del Paraguay y de Argentina. Los desplazamientos en búsqueda de mejores condiciones para la garantía de las necesidades básicas han procurado territorialidades emergentes que se sostienen alrededor de una situación de vulneración de derechos.

Este estudio tuvo como motivación principal presentar la realidad de los sistemas locales de salud, en términos de acciones y servicios, de los cuales las comunidades nivaçle son usuarias, las cuales demandan principalmente mayores condiciones de accesibilidad para sus poblaciones. El abordaje de este tema de estudio se debe a la debilidad de los indicadores sociales en esta región, marcada por altas tasas de desigualdad entre la población indígenas y no indígena, escasez de recursos de infraestructura y dificultades de acceso a los bienes y servicios que componen lo que el Mercosur ha denominado como “la ciudadanía social” en salud.

Quizá esto último sea uno de los mayores desafíos del Sistema de Salud Pública, el de garantizar el derecho a la salud de los pueblos de frontera. Desde la mirada del sistema de salud esto se identifica como un problema que debe ser resuelto por las comunidades y no como una responsabilidad del Estado.

El enfoque tomado para este análisis desde una perspectiva de género, intercultural e interseccional, nos llevo a focalizar en las desigualdades que atraviesan las nivaçle, con el objetivo y el desafío de aportar en la construcción de otras formas de políticas públicas. Y repensar qué sucede entre los discursos, las normas y las practicas. Hoy podemos ver que hay desencuentros entre estas tres instancias y en algunos casos contradicciones. En este sentido es importante el aporte que en ello puede hacer la psicología rural desde una mirada situada en la realidad de los pueblos, anclada en los procesos territoriales, rurales, interculturales y desde una perspectiva de género.

## Referencias

Asociación Para la Cultural y el Desarrollo - APCD (2019). *El pueblo nivaçle en Formosa ¡Estos Son!*. Autor.

Astaburuaga, P., Saborido, M., & Walker, E. (1987). Cooperación técnica. Una forma de trabajo conjunto de profesionales y pobladores. In *Planificación desde la comunidad. Ampliando el campo de lo posible Santiago de Chile* (pp. 43-49). CIPMA.

Comes, Y., & Stolkiner, A. (2005). “Si pudiera pagaría”: estudio sobre la accesibilidad simbólica de las mujeres usuarias pobres del AMBA a los servicios asistenciales estatales. *Anuario de Investigaciones*, 12, 137-143.

Comes, Y., Solitario, R., Garbus, P., Mauro, M., Czerniecki, S., Vázquez, A., Sotelo, R. & Stolkiner, A. (2007). El concepto de accesibilidad: perspectiva relacional entre población y servicios. *Anuario de investigaciones*, 14, 201-209.

De Lellis, M., & Mozobancyk, S.(2009). *El Proceso salud-enfermedad y sus emergentes desde una mirada compleja*. Catedra Salud Publica/ Salud Mental. Facultad de Psicología.

Fals-Borda, O. (1985). *Conocimiento y poder popular. Lecciones con campesinos de Nicaragua, México y Bogotá*. Siglo XXI.

Fals-Borda, O. (1999). Orígenes universales y retos actuales de la IAP (investigación acción participativa). *Peripecias*, 110.

Freire, P. (1970). *Pedagogía del oprimido*. Siglo XXI.

INDEC (2010). *Censo poblacional de la República Argentina*. Argentina.

Jodelet, D. (2006). *El otro, su construcción, su conocimiento. Representaciones sociales, alteridad, epistemología y movimientos sociales*. Maison des Sciences de L’Homme.

Ley N° 23.302 (1985). Comunidades Aborígenes. Senado y Cámara de Diputados de la Nación Argentina.

Ley N°26.485. Ley de protección integral a las mujeres. Senado y Cámara de Diputados de la Nación Argentina.

Ley 25.673. De Creación del Programa Nacional de Salud Sexual y Procreación Responsable. Senado y Cámara de Diputados de la Nación Argentina.

Lorenzetti, M. I. (2010). *La construcción de la “salud intercultural”*

como campo de intervención.

Ministerio de Salud de la Nación Argentina (2017). *Guía “Interculturalidad y Salud”*.

Montero, M. (2003). *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre comunidad y sociedad*. Paidós.

Montero, M. (2006). *Hacer para transformar: el método en la psicología comunitaria*. Paidós.

Morales Calatayud, F. (2009). *Introducción a la psicología de la salud*. In *Psicosocial^ies* (Vol. 3). Koyatún.

Naciones Unidas de Derechos Humanos (1948). *Concluding Observations of the Human Rights Committee: Canada* (7 de Abril de 1999) CCPR/C/79/Add, 105.

Sabroza, P. C. (1994). Salud Pública: Procurando los límites de la crisis. In I Conferencia Panamericana de Educación en Salud Pública. Escuela Nacional de Salud Pública. FIOCRUZ. Río de Janeiro-Brasil.

Saforcada, E. (1999). *Psicología Sanitaria: Análisis crítico de los sistemas de atención de la salud* (pp. 69-104). Paidós.

Siffredi, A. (1984). Los niveles semánticos de la cosmovisión Chorote. *Suplemento antropológico*, 19(2), 139-168.

Singer, M. (2004). The social origins and expressions of illness. *British Medical Bulletin*, 69(1), 9-16.

Walsh, C. (2002). Interculturalidad, reformas constitucionales y pluralismo jurídico. *Aportes andinos: revista de derechos humanos*, 2, 1-6. <https://repositorio.uasb.edu.ec/handle/10644/543>

**- SAÚDE E RURALIDADES -**

# SAÚDE COMUNITÁRIA EM SARANDIRA: PRÁTICAS POPULARES DE CUIDADO E SUAS INTERFACES COM AS RURALIDADES

Marcela Almeida Faria

Conrado Pável de Oliveira

## Introdução

O presente estudo trata-se da versão adaptada do trabalho de conclusão de curso em Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia) e foi realizado na comunidade rural de Sarandira, distrito de Juiz de Fora, Minas Gerais. O modo de fazer e pensar a saúde no local se destacou em meio a tantas temáticas e, por isso, surgiu o interesse de direcionar as lentes da pesquisa para as práticas populares de cuidado em saúde que são desenvolvidas no distrito e a constituição da mesma enquanto cultura popular e importante participação na produção de saúde do local.

Embora careça de dados oficiais, a população acredita que Sarandira é formada, hoje, por aproximadamente 250 pessoas, em sua maioria trabalhadores rurais e aposentados. Com o passar do tempo, grande parte dos moradores deslocaram-se para as cidades que circundam o território, fazendo com que a transmissão geracional dos saberes a respeito do cuidado em saúde se constituísse em um desafio para a comunidade. A pesquisa tem como principal objetivo compreender a relação da comunidade de Sarandira com as práticas de cuidado em saúde. Busca-se também analisar como o pertencimento na comunidade pode contribuir para uma saúde mais ampliada e melhores condições de vida.

Ao pensarmos o distrito de Sarandira, torna-se de fundamental importância considerar a dimensão racial deste território. Embora não tenham sido encontrado dados oficiais, existe uma identificação dos moradores enquanto pessoas de perfil raça/cor predominantemente preto e pardo, sendo esse atravessamento discutido em outros momentos durante a vivência junto ao campo. A população, em sua maioria formada por mulheres adultas e idosas, mães, trabalhadoras ou aposentadas, compõe o cenário no qual esse estudo se dedica. Dessa maneira, as práticas de cuidado realizadas no distrito são exer-

cidas, primordialmente, por mulheres negras e pardas que, de forma articulada com a maior parte da realidade brasileira, são historicamente responsáveis pela manutenção do cuidado e pela garantia de sobrevivência sua e de seus familiares.

Considerando a potência das práticas populares de cuidado, nos contextos familiares, comunitários e, inclusive, institucionais, é possível pensar que saúde é, portanto, uma construção. De acordo com Góis (2008), o sujeito deve participar ativamente desse fazer, uma vez que a participação social deve estar profundamente interligada a uma perspectiva profunda e subjetiva do morador. Por isso, o psicólogo deve atuar como um facilitador desse processo, um contribuinte para que essa autonomia seja construída e alcançada.

No livro *Práticas Populares de Cuidado, Ação Comunitária e Promoção da Saúde*, é relatada a atuação de Dona Palmira Lopes na saúde de comunidades na Paraíba, enquanto importante agente nas contribuições acerca de práticas de cuidado. Sobre essa atuação, Abílio (2019, p. 35) defende que:

É possível compreender a Cultura Popular como a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, ao longo de sua história, arraigados através de manifestações que preservam, ao menos no campo simbólico, consistentes valores das culturas tradicionais. Um dos maiores patrimônios culturais de um povo consiste nas práticas populares de saúde.

Nesse sentido, é um movimento coerente considerar as práticas de cuidado em saúde como manifestação de cultura popular. Embora esta seja frequentemente associada a termos pejorativos na sociedade, o entendimento dessa pesquisa vai na direção contrária a essa estrutura de pensamento, entendendo cultura como conjunto de práticas, atividades e modos de viver contra hegemônicos (Bosi, 1992). O conhecimento a respeito das práticas de cuidado em saúde em Sarandira é, além de uma manifestação de cultura popular, importante agente na atuação de saúde no local e pode ser considerado patrimônio imaterial da comunidade.

## **Método**

O processo foi fundamentado na observação participante como caminho para a produção de conhecimento crítico e socialmente relevante. A ferramenta de grupos focais foi escolhida para

a produção dos dados (Kitzinger, 2000). Foram realizados 3 grupos, formados por uma média de 6 pessoas, com duração de aproximadamente 2 horas. Os diários de campo também foram importantes elementos na construção da discussão da pesquisa.

A análise de dados foi realizada a partir da proposta metodológica de Núcleos de Significação, elaborada por Aguiar e Ozella (2006, 2013) e Aguiar, Aranha e Soares (2021) e partiu do princípio da inspiração nos pressupostos do materialismo histórico-dialético. Foi possível construir, a partir dos indicadores e conteúdos fundamentais para a finalidade do estudo, 4 núcleos que serão apresentados a seguir nas seções do próximo tópico.

### **Tipo De Pesquisa**

Pesquisa qualitativa e exploratória.

### **Participantes**

Os participantes totalizaram em 6 pessoas, moradoras da comunidade, acima de 30 anos de idade.

### **Resultados**

Durante a realização dos grupos focais, os moradores puderam encontrar um espaço aberto em que qualquer assunto trazido por eles relacionado ao entendimento de saúde, cuidado, bem-estar e afetos fosse extremamente relevante.

#### **Sarandira: Movimento de Enraizamento**

Ao iniciar o assunto sobre saúde, foi unânime a percepção de todos os moradores sobre o fato de que viver em Sarandira e conviver com os sarandirenses, é uma forma de fazer saúde e promover bem-estar. De acordo com a fala dos mesmos: “Aqui é muito bom gente, sem exagero! É isso que cê tá vendo aí: esse lindo Sol que Deus tá dando, nesse maravilhoso dia” (Valéria); “Depois que vim pra cá, estou no paraíso, tem 4 anos que moro aqui” (Ivo).

A ideia de enraizamento promove a articulação entre passado, presente e futuro, com a intenção da realização de projetos

coletivos e significativos para indivíduo e grupo. Dessa forma, enraizamento pode significar a existência de um forte vínculo entre a identidade psicossocial e o socioambiente (Massola, G. M. & Svartman, B.P., 2018). E, na comunidade de Sarandira, esse vínculo é fundamental para a qualidade de vida dos moradores.

### **Mina D'água: “Essa Água é de Graça, da Mãe Natureza!”**

Em Sarandira, só se toma água da mina, a água milagrosa. A fonte de Nossa Senhora do Livramento vai além do recurso natural de uso comum e ocupa um forte lugar na dimensão subjetiva e psicossocial dos processos que acontecem na comunidade, sendo fundamental na construção histórica de identidade dos moradores. A mina proporciona o resgate de memória relacionados aos ritos religiosos e das práticas e saberes populares. De acordo com a fala dos moradores:

Essa água aqui desde quando eu me entendo por gente ela existe. Ela praticamente criou esse pessoal aí tudo que cê conhece. Aí veio de geração em geração, e é assim até hoje! Ela sempre foi milagrosa, a gente sempre confiou nisso (...) é a água mais limpa que você pode imaginar! (Valéria).

A mina d'água foi responsável por realizar muitos desejos da população, sendo assim, uma das moradoras relatou que, durante o período mais crítico da pandemia do coronavírus, em 2020:

Eu falei: olha gente, põe uma coisa na cabeça! Se você não quiser rezar, fazer oração, ave maria, pai nosso, tudo bem! Só fala assim: senhor, coloca uma gota do seu sangue precioso no meio dessa água pra que a gente tenha essa vacina nessa água. que aí vocês vão estar protegidos! E Graças a Deus, quase não teve caso de covid aqui e eu acho que tem relação com a água sim. Enquanto não chega vacina, essa é a nossa vacina! Porque a gente tava todo ansioso, esperando a vacina, todo mundo desesperado. E aí eu falava: toma dessa água enquanto não chega vacina! E todo mundo confiou (Noemi).

Importante observar que a sabedoria dos cuidados populares não foi substituída dos saberes científicos, no sentido do negacionismo em relação às vacinas. A relação foi complementar e integrativa,

a população valorizou a água ao mesmo tempo que entendeu que a vacina é fundamental.

### **“Santa Jovina: Porque Ela Colocou Muita Criança no Mundo”**

Ressurgida a partir do trabalho de avivar a memória na comunidade, Jovina foi a maior referência na produção de cuidado e saúde comunitária. Responsável por fazer mais de 100 partos naturais na comunidade, dona Jovina aprendeu todas as práticas de cuidado com a sua mãe, que também exercia o mesmo trabalho. Sua filha e suas netas, que participaram dos encontros deste estudo, carregam um grande carinho por ela:

Vou contar da minha vó que era uma pessoa maravilhosa, ela é Santa Jovina, porque ela colocou muita criança no mundo. Deus deu uma sabedoria aquela senhorinha, era fora de série. Eu sinto um orgulho enorme da minha vó. Não tinha nada de chique na casa dela (...) mas ela vivia rindo, não era nem de reclamar (Valéria).

A filha de Dona Jovina relata com bastante entusiasmo que a mãe, quando a criança nascia por suas mãos, permanecia por dias na casa da família, auxiliando no cuidado com o bebê, mas principalmente no cuidado com a mãe que recém pariu:

Vou contar como que ela curava os umbiguin: os nenéns nascia, os primeiro dia que ele nascia ela curava com fumo (...) ela torrava ele até ficar fininho e depois ela coava pra ficar bem fininho mesmo. Ela já arrumava tudo direitinho, levava os paninhos tudo prontos e cortadinhos. Aí ela cortava e enrolava o neném, curava o umbigo com o pózinho de fumo e com azeite. Quando ele caía, aí ela já mudava, ela pegava a hortelã, torrava a hortelã, passava uma garrafa nele pra lá e pra cá moía, depois coava numa peneirinha e ficava fininho. Todos os dias botava um pouquinho de azeite e aquela hortelã e aí você não vê uma criança com o “imbigão” assim. Ela aprendia tudo com a minha vó (Geni).

Dessa forma, Dona Jovina, em Sarandira, a partir de um enorme conhecimento tradicional a respeito dos corpos, das dores e do tempo e do cuidado, fazia inúmeros trabalhos que envolviam, acima de tudo, afeto e solidariedade.

## Práticas Populares de Cuidado em Saúde

A partir dos encontros realizados, muitas práticas foram sendo resgatadas da memória. Para *o juízo*, por exemplo, a população acredita que o que pode contribuir é tomar chá de melissa, fazer uma caminhada até o umbigo de Sarandira<sup>1</sup>, conversar com as pessoas, tomar água milagrosa, estar em contato com a natureza, bom relacionamento com os vizinhos, gostar do local em que vive. Segundo o grupo, fazer esse resgate é uma prática que faz bem, atravessa campos subjetivos e afetivos e resgata memórias adormecidas, é um processo que deve ser contínuo, elaborado a várias mãos. As práticas de cuidado em saúde, mais do que auxiliar nos sintomas, são marcadas por ancestralidade, transmissão de conhecimento, desejo de fazer o bem e sabedoria tradicional (Lopes, 2019).

## Discussão

Com a importante utilização da “dimensão subjetiva da realidade”, categoria da psicologia sócio-histórica, é possível fazer a análise dos grupos focais orientada por recursos teóricos “capazes de explicitar e explicar a construção e a configuração de processos de significação, suas articulações, contradições e sínteses” (Aguiar, Aranha & Soares, 2021, p. 3) que permitem promover, neste trabalho uma dimensão subjetiva sobre o que é saúde para a população de Sarandira.

Com a intenção de compor o todo, é necessário articular os seguintes indicadores que foram construídos a partir do esforço de análise dos materiais dos grupos focais: “Viver em Sarandira e conviver com os sarandirenses, é uma forma de fazer saúde e promover bem estar”; “A água atua enquanto uma significativa prática de cuidado em saúde e é valorizada por toda a população, proporcionando um enorme senso de pertencimento entre a comunidade”; “Foi a maior referência na produção de cuidado e saúde comunitária, Aurélia Jovina, foi uma das figuras mais emblemáticas de Sarandira” e “As práticas de cuidado em saúde, mais do que auxiliar nos sintomas, são marcadas por ancestralidade, transmissão de conhecimento, desejo de fazer o bem e sabedoria tradicional”.

---

<sup>1</sup> Aberta para toda a sociedade, a escultura *Umbigo de Sarandira*, criada por Matheus de Simone e Washington da Selva, é uma peça relacional e propõe uma maneira especial de crianças e adultos interagirem com seus corpos e a paisagem.

Historicamente, pensando não de modo isolado, havia uma forte dinâmica de poder, de exploração, em que não existia liberdade para os trabalhadores do território decidirem sobre seus rumos e escolherem seus próprios destinos (Foscarini Neto, 2008). O que se percebe, a partir das conversas e trocas propiciadas pela vivência estendida ao território, é que existe uma nova história, uma nova narrativa, muito particular de Sarandira, no qual os moradores atuais se sentem pertencentes ao local onde habitam. É interessante identificar, como aponta Sott et al. (2020), em alguma medida, uma certa mudança de paradigma, onde o território, para aqueles moradores, passa de uma terra conquistada e utilizada até a sua saturação, para um lugar capaz de conquistar os afetos dos mesmos.

Já adentrando no caminho da mina d'água, das mesmas águas milagrosas que ainda fluem com vigor, hoje com objetivo principal de nutrir a comunidade, matar sede, hidratar e ser local de fazer pedidos e orações à Nossa Senhora do Livramento, em outros momentos foram as responsáveis por germinar à organização da vida e das relações em Sarandira, quando inúmeras mulheres se reuniam em volta da água para fins de trabalho. Muito relacionado ao contexto do local e do período marcado pelo apogeu da produção de café na região, os trabalhos realizados, sobretudo por mulheres, ao redor da mina, também não foram diferentes desse cenário, uma vez que muitas faziam o serviço de lavar também as roupas de famílias ricas fazendeiras que encabeçavam as plantações de café e, consequentemente, a exploração dos trabalhos no local.

Nesse sentido, é impensável desassociar Sarandira das relações surgidas a partir da mina d'água, uma vez que, embora esta tenha sido marcada também por trabalhos duros, foi, ao mesmo tempo, local de encontro e conversas de muitas mulheres, resultando em fortes vínculos sociais e relações interpessoais muito importantes. Hoje, ao conversar com a comunidade sobre Sarandira e também sobre saúde, a mina é uma das grandes centralidades dos diálogos, uma vez que ela proporciona lembranças, mas também é a responsável por pautar a rotina no distrito, participando ativamente do dia a dia dos moradores até os dias atuais.

Em Sarandira, discorrer sobre as práticas de cuidado, citar exemplos e pensar sobre a dimensão subjetiva pela maneira de como

esses feitos atravessam cada pessoa precisa ser relacionada às interfaces das ruralidades que atravessam o distrito. Dona Jovina, a parteira, tinha uma concepção de saúde ampliada, muito além do próprio nascimento das crianças. Esse cuidado que ela realizava, tanto com a saúde da mãe quanto em relação à saúde do bebê, ao nascer e nos primeiros dias de vida, através do fazer tradicional tem sido frequentemente substituído pelo modelo biomédico, centrado na doença e na medicalização dos corpos, muito típico da sociedade capitalista contemporânea (Silva, 2005).

Pensar as concepções de saúde e cuidado em Sarandira é considerar a territorialidade, a identidade, o senso de pertencimento, o vínculo entre os vizinhos, a memória, estar em contato com a natureza, poder beber da água milagrosa e sagrada todos os dias são componentes fundamentais na discussão sobre saúde e bem-estar. Por essa maneira, é possível considerar que saúde é, portanto, uma construção. A partir dos discursos apresentados pelos moradores de Sarandira, é necessário entender que saúde é um fazer diário a partir de vínculos, acessos, cidadania e, também, políticas públicas e que a contextualização histórica e social de um território não pode ser ignorada, considerando suas contradições e construções.

## **Conclusão**

A partir da realização dos grupos, foi possível entender que saúde é um fazer, uma construção, um modo de estar no mundo, um fluxo vivo, que é feita a partir de várias mãos e espaços. Importante ressaltar que a partir da fala dos moradores de Sarandira, saúde é uma união de ações que compõem o distrito e suas ruralidades. Foi possível perceber que a territorialidade e o sentimento de pertencimento na comunidade muito influenciam para uma melhor qualidade de vida. Além do fato que a troca de saberes e informações entre os participantes do grupo, segundo os mesmos, promove uma enorme sensação de prazer e bem-estar. Saúde, para o distrito, vai além das práticas de cuidado, além de remédios, além de instituições e caminha no sentido do afeto das relações pessoais com o território.

É um início de estudo que pode germinar em outros, uma porta aberta que leva para meio acadêmico uma discussão ampliada sobre o que pode ser saúde para além dos conceitos teóricos e

urbanocentrados. Como pontuou Martín-Baró (2011), é tarefa da Psicologia da Libertação, a construção de uma práxis que contribua e permita que sujeitos sejam os protagonistas de sua história e produzam ações transformadoras com a finalidade de construir uma sociedade latino-americana mais justa e mais humana. Nesse sentido, a saúde comunitária é, portanto, uma construção social e uma construção política que só se dá de forma participativa na cultura.

## Agradecimento

Agradeço à comunidade de Sarandira que abriu as portas do distrito e do coração para nosso grupo, à minha família pelo apoio, ao professor Conrado pela parceria. Texto adaptado de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, realizado a partir da pesquisa submetida a um Comitê de Ética em Pesquisa, com o parecer de aprovação na Plataforma Brasil sob o número CAE 12497019.0.0000.5334

## Referências

Abílio, I. S. (2019). Palmira: flor em terra seca. In S. P. Lopes (Ed.), *Práticas populares de cuidado, ação comunitária e promoção da saúde* (pp.25-30). Editora do CCTA/UFPB. <https://www.ufpb.br/redepop-saude/contents/biblioteca-1/praticas-populares-decuidado-acao-comunitaria-e-promocao-da-saude/livro-palmirasergiolopes.pdf>.

Aguiar, W. M. J., Aranha, E. M. G., & Soares, J. R. (2021). Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. *Cadernos de Pesquisa*, 51, 1-16. <https://doi.org/10.1590/198053147305>

Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299-322. <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNjKqq4zjP/abstract/?lang=pt>.

Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. <https://www.scielo.br/j/>

pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/?lang=pt

Bosi, A. (1992). Cultura brasileira e culturas brasileiras. In A. Bosi, *Dialética da Colonização* (pp.308-345). Companhia das Letras. <https://www.ufrgs.br/cdrom/bosi/bosi.pdf>.

Foscarini Neto, P. (2008). *O Distrito de Sarandira: mudanças e permanências na paisagem* [Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo]. Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11032010-153612/ptbr.php>.

Góis, C. W. L. (2008). *Saúde comunitária: pensar e fazer*. Hucitec.

Kitzinger, J. (2000). Focus groups with users and providers of health care. In C. Pope, & N. Mays (Eds.), *Qualitative research in health care* (2ª ed.). BMJ Books. <https://www.scienceopen.com/document?vid=a7b7ec99-1d98-44f5-a5d8-74e66753339d>.

Lopes, P. (2019). *Práticas populares de cuidado, ação comunitária e promoção da saúde: experiências e reflexões*. Editora do CCTA/ UFPB. <https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/praticaspopulares-de-cuidado-acao-comunitaria-e-promocao-da-saude/livropalmirasergiolopes.pdf>.

Martín-Baró, I. (2011). Desafios e perspectivas da Psicologia Latino-Americana. In R. Guzzo, & F. Lacerda Junior (Orgs.), *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (2ª ed.). Alínea. <https://psicologiasocialbasica.files.wordpress.com/2018/08/martin-baro-desafios-eperspectivas1.pdf>.

Massola, G. M., & Svartman, B. P. (2018). Enraizamento. In S. Cavalcante, & G. A. Elali (Orgs.), *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa ambiente* (pp. 75-88). Vozes. <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/11334>

Selva, W., & Simone, M. (2021). Umbigo de Sarandira [Escultura Pública]. Sarandira, MG, Brasil. <https://www.washingtondaselva.com/umbigodesarandira>.

Silva, A. N. (2005). *“Pegando vida nas mãos”: um olhar etnográfico sobre saberes e práticas das parteiras tradicionais nos circuitos do Amapá em mudanças* [Dissertação de Mestrado em Sociologia]. Universidade Federal do Ceará. <https://repositorio.ufc.br/bitstream/>

riufc/7736/1/2005-DIS-ANSILVA.pdf.

Sott, A. C. L., Oliveira, C. P., & Mota, D. C. B. (2020). Identidade e memória na comunidade rural de Sarandira: a dialética entre a extenuação e a lembrança teimosia. *Cadernos de Psicologia*, 2(4), 349-373. <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2845/1921>

# PSICOLOGIA EM MOVIMENTO: PROVOCAÇÕES E ALIANÇAS ENTRE PSICOLOGIA E MST PARA O CUIDADO INTEGRAL EM SAÚDE MENTAL DO CAMPO

Juliana Camargo de Faria Pirró

Saulo Luders Fernandes

## Introdução

A psicologia enquanto ciência e profissão na América Latina é eminentemente urbana, tendo suas origens e teorias embebidas nas fontes europeias, sendo configuradas desde uma perspectiva eurocentrada (Guimarães, 2017); e suas práticas ancoradas nos grandes centros (Ferreira Moura et al., 2019). No Brasil não é diferente: sua trajetória é marcada, principalmente, pela atuação e produção teórico-prática – com parâmetros coloniais que não alcançam a complexidade da nossa realidade - no contexto urbano, sendo mais recente a sua inserção no contexto rural. O surgimento da profissão no país ocorreu num contexto de urbanização nos grandes centros, se consolidando no período da ditadura militar (1964-1985) (Leite et. al, 2013).

É sob essa égide que a psicologia se desenvolve, aliada a psiquiatria, contribuindo com aparatos técnicos-científicos de cunho higienista e manicomial. A partir destes, contribui enquanto instrumento para formatar e adaptar sujeitos, tornando-os eficientes para a reprodução social vigente, por meio do controle da saúde e da vida das pessoas (Fernandes, 2014). Assim, a história da psicologia constitui-se como a história da ciência do controle da subjetividade por meio do ideário eurocentrado, baseado no expansionismo e na colonização (Guimarães, 2017).

Dimenstein (2001) aponta a importância do período de redemocratização do país para as profissões, já que contribuiu com o questionamento das práticas e atuações provocando-as à construção de uma nova sociedade, democrática e de direitos. Nesse sentido, a sociedade civil organizada e os movimentos sociais cooperaram para

a revisão e ampliação da psicologia para além daquela visão normatizadora e psicopatológica, apontando a garantia e a manutenção de direitos como novos caminhos possíveis para a profissão. Somado a isso, desde os anos 70, dentro da própria psicologia, ocorria um movimento ativo e contra-hegemônico da psicologia social crítica - de base marxista e sócio-histórica -, com o desenvolvimento de trabalhos comunitários e políticos, inspirados na educação popular, na teologia da libertação e na reforma psiquiátrica (Fernandes, 2014; Ferreira Moura et. al, 2019).

Com a retomada democrática foi dada a largada para a criação e implementação de políticas públicas nacionais como o Sistema Único de Saúde (SUS), em 1990, e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em 2005, abrindo novas possibilidades e frentes de atuação para a psicologia nos diversos serviços socioassistenciais, para além da saúde. Esse processo contribuiu tanto para interiorização quanto para popularização da psicologia, evidentes a partir dos anos 2000, com a ampliação efetiva do mercado de trabalho para a categoria nesse campo. Somado a isso, o movimento de interiorização das universidades colaborou para a inserção da psicologia em contextos rurais, já que inauguraram *campi* em cidades de médio e pequeno porte, com categorias rurais (Leite & Dimenstein, 2013; Ferreira Moura et. al, 2019).

Essa nova configuração colaborou para a extrapolação do cuidado para além do consultório e permitiu a aproximação de outros setores, populações e movimentos. No caso do campo, o conhecimento de programas sociais, territoriais e de povos e movimentos sociais camponeses. Segundo Carneiro (2012), o campo<sup>1</sup> conta com uma diversidade de elementos: simbólicos, culturais, sociais, ambientais e também produtivos, que influenciam as condições e os modos de vida das populações que lá vivem<sup>2</sup>.

---

1 Utiliza-se o termo 'Campo' em detrimento à 'Rural' respeitando as reivindicações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de outros Movimentos Sociais Camponeses que vêm debatendo os significados e ideologias que envolvem ambos os termos. Para aprofundamento no assunto vide o capítulo: "Saúde do Campo: reconstruindo as práticas de saúde junto aos movimentos sociais", no prelo.

2 As populações do campo, segundo a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, Floresta e Águas, são todos os povos e comunidades que têm seus modos de vida, produção e reprodução social, relacionados predominantemente com o campo, a agropecuária e o extrativismo: camponeses/as, agricultores/as familiares, trabalhadores/as rurais assalariados/as e temporários que residem ou não no campo, assentados/as e acampados/as, quilombolas, entre outros (Brasil, 2013).

Apesar da importante contribuição de estudos acadêmicos (Leite & Dimenstein, 2013; Leite et al, 2016) sobre saúde mental e condições de vida das populações que vivem no campo, ainda há uma carência expressiva dessa temática no universo acadêmico, além da necessidade de se pensar em como realizar práticas contextualizadas no campo. Nesse sentido, Leite et. al (2013) em seus estudos sobre a psicologia e contextos rurais, apresentam problemáticas e desafios ainda a serem superados pela categoria, sem deixar de reconhecer as contribuições e os avanços da profissão. Entre as questões apontadas, encontramos a atuação das/os psicólogas/os ainda pautada no modelo hegemônico da profissão (clínica privatista e psicodiagnóstico), independentemente do local, das populações e das demandas por estas apresentadas.

A Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, Floresta e Águas (PNSIPCF) denuncia as iniquidades e vulnerabilidades presentes no campo, apontando o considerável índice de analfabetos, a grave insegurança alimentar, a falta de saneamento básico e acesso a água potável e encanada. Além disso, aponta nesses territórios infraestrutura pública precária e a dificuldade de acesso aos serviços públicos; maior mortalidade infantil e a dependência dos programas de transferência de renda; transporte inadequado e escasso, a falta de espaços de lazer, além dos grandes riscos ambientais e as precárias condições de trabalho (Brasil, 2013).

Tal panorama tem produzido um alarmante quadro de sofrimento psíquico e adoecimentos e evidencia a complexidade e especificidade do contexto a que estão expostas as populações do campo, que se devem tanto aos fatores característicos desses territórios, quanto os relativos ao modelo de desenvolvimento extrativista e agrário do nosso país (Breilh, 2011). A exemplo deste último estão a concentração de terras, as desigualdades sociais e a consequente dificuldade que essas populações encontram na sua reprodução social, impactando seus modos de vida e, conseqüentemente, sua saúde (Sauer, 2010).

Como forma de combater essas iniquidades e vulnerabilidades presentes no campo brasileiro, Macedo e Silva (2017) e Dimenstein et al (2016) ressaltam a importância da articulação de serviços e projetos alternativos de vida e, conseqüentemente, de desenvolvi-

mento agrário, fundamentados na agricultura familiar e na reforma agrária. Para isso, é necessário contar com outros atores do território - superando a abordagem setorialista -, com o protagonismo dos movimentos sociais do campo e o suporte da sociedade.

A conjuntura de pandemia de covid-19, iniciada em 2020, escancarou as desigualdades sociais e estruturais e tornou mais nítida as contradições de raça, classe e do modelo de desenvolvimento vigente. Boaventura de Sousa Santos (2020) defende que a quarentena torna mais visíveis a discriminação, a exclusão social e o sofrimento, visto que foi dada a prioridade para a mercantilização da vida. No Brasil, esse processo coaduna com a legitimação da necropolítica (Mbembe, 2015) e do projeto genocida do (des)governo nacional que tem ameaçado a vida - e repercutido na morte - das populações do campo, floresta e água. A epidemia de COVID-19 deve ser entendida não enquanto causa aleatória, mas, ao contrário, enquanto sintoma/consequência desse modelo de desenvolvimento insustentável - ancorado no tripé Antropoceno/ Capitaloceno/ Plantationoceno (Haraway, 2016; Hacheocultural, 2021).

Em tempos pandêmicos, em que grande parte da humanidade ficou isolada, os coletivos e movimentos sociais do campo, como o MST, têm sido inspiração e exemplo no que diz respeito a ações potentes de (r)existência e solidariedade entre campo e cidade (Wedig & Ramos, 2020). Dentre essas, temos o surgimento da Rede de Saúde Mental do MST, que conta com um coletivo de psicólogas/os - e atualmente, outros atores - para o cuidado dos/as militantes do Movimento. De início, a mesma foi criada dentro da Rede de Combate à Violência Doméstica do MST do Estado de São Paulo, proposta do Setor de Gênero do Movimento direcionada às regionais, com o intuito de combater o aumento da violência doméstica e do sofrimento mental, consequentes da nova ordem social vigente de isolamento, inseguranças (econômica, política, territorial e alimentar) e medo. Sendo assim, marcam não apenas com uma perspectiva contra-hegemônica, mas também contra-insustentável.

Diante das potencialidades e dos desafios expostos, o recorte por nós efetuado visa melhor compreender as práticas e as alianças da psicologia com as populações e movimentos sociais do campo, objetivando pensar as contribuições da Rede de Saúde Mental do

MST para a produção dessa (outra) psicologia e a repercussão desta para o cuidado integral à saúde mental das populações do campo. Assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar as contribuições da Rede de Saúde Mental do MST para a psicologia e para o cuidado integral em saúde mental das populações do campo. Cabe salientar que esta pesquisa se encontra em andamento e que neste trabalho iremos apresentar resultados preliminares do que vem sendo desenvolvido no presente estudo.

## **Metodologia**

O presente estudo fundamenta-se na pesquisa qualitativa e tem como referência a noção de metodologias colaborativas não extrativistas (Santos, 2019). Estas têm como base “conhecer e construir conhecimento ‘com’ e não ‘sobre’ (...) e articulam-se fortemente com dimensões educacionais e pedagógicas da transformação social” (Fasanello et al., 2018, p.398/401). Apesar de apresentarem pontos similares às metodologias participativas, elas desdobram as segundas ao considerarem a participação mais que uma partilha e empoderamento dos sujeitos oprimidos, mas cocriação e corresponsabilidade entre os envolvidos no ato de pesquisar.

Sob a ótica da psicologia política latino-americana e do corpo teórico crítico das epistemologias do sul (Santos, 2019) “que propõe um pensamento alternativo para enfrentar o pensamento único da modernidade eurocêntrica” (Fasanello et al., 2018, p. 402) através da valorização de saberes, diálogo horizontal de conhecimentos, construção de pensamento pós-abissal e da arteficialidade das práticas, propomos nessa pesquisa a construção de conhecimento “co-labor-ativo”, ou seja, a partir de um trabalho coletivo, singular e artesanal, articulado com a luta social, entre militantes e parceiros/as do MST.

Estabelecido em 1984, hoje o MST está presente em 24 estados e nas cinco regiões do país; “são cerca de 350 mil famílias que conquistaram terra por meio da luta” (MST, 2021). Para o Movimento, que luta contra a concentração fundiária exacerbante do nosso país, “a reforma agrária significaria e necessitaria dialeticamente de uma profunda transformação social brasileira. Neste sentido, o Movimento traz a uma só vez a bandeira da reforma agrária, mas também de outra sociedade possível” (Rocha et al, 2020, p.1), ob-

jetivando a transformação social em suas entranhas; agrega outras pautas e frentes de trabalho, chamados “setores”, para o combate às relações de opressão e exploração subsidiando a organização interna do Movimento.

O campo da presente pesquisa é a Rede de Saúde Mental do MST: uma ramificação da Rede de Combate à violência doméstica do MST do estado de São Paulo. A mesma constitui-se hoje a partir de três frentes: de comunicação audiovisual (focada na produção de materiais para prevenção e promoção), assessoria jurídica, e de coletivo de profissionais, majoritariamente psicólogas/os, que ofertam cuidado em saúde mental (Rocha et al, 2020).

Com início em abril de 2020, conta, atualmente, com um coletivo de 20 profissionais ativos, em sua maioria psicólogas/os, com diferentes experiências práticas e linhas teóricas. Os cuidados em saúde mental são ofertados aos militantes do Movimento e estão organizados em duas frentes: de grupos, por meio da oferta de oficinas (arpilleras, escrita criativa, cuidado) e grupos terapêuticos (de mulheres, de acolhimento, de homens e estudantes de medicina na Venezuela) e de atendimento individual. Devido ao aumento das demandas - encaminhada pelo setor de saúde nacional e de relações internacionais do MST -, atualmente as ações da Rede extrapolam o estado de São Paulo, beneficiando não apenas militantes de outros estados brasileiros, mas também que estão em outros países da América Latina (Rocha et al., 2020).

A organicidade da Rede e, portanto, do coletivo de profissionais, se dá semanalmente, intercalando reuniões organizativas com interlocuções grupais de casos, se inspirando e refletindo a organicidade do Movimento. Fazendo jus a sua incompletude enquanto Rede, conta com o apoio de coletivos parceiros para acompanhamento psicoterápico por tempo indeterminado de casos encaminhados, como também para processos formativos específicos. Diante de sua potência, pela intersecção da psicologia com o MST e pela amplitude e singularidade das práticas de cuidado ofertadas à população do campo, almejamos analisar as contribuições da Rede de Saúde Mental do MST para uma outra psicologia, que adentre - e se constitua - às demandas populares.

Para compreender a contribuições da Rede de Saúde Mental do MST nos cuidados as populações do campo a presente pesquisa

utilizou como instrumentos metodológicos: o diário de campo e as entrevistas narrativas. Tais instrumentos foram utilizados como espaços para reflexão e produção coletiva de conhecimento e sentidos no que se refere às práticas desenvolvidas pela Rede de Saúde Mental do MST, transcendendo a limitação imposta pelas propostas analíticas. O diário de campo, como preconizado por Minayo (2010), permite o registro das atividades a partir da percepção de quem o constrói, admitindo-o enquanto prática reflexiva que visa delinear observações sobre o vivido.

O diário auxiliou no registro dos diálogos e discussões teórico-práticas, contribuindo enquanto memória coletiva e individual, mas também para uma pesquisa viva ao compor com notas sobre expressões, comportamentos, falas, indignações, desejos, além de fazeres e saberes vivenciados. Quanto às entrevistas narrativas, foram realizadas seis entrevistas de forma individual e virtual, por meio da plataforma google meet. As mesmas, de acordo com o TCLE foram gravadas com o consentimento das/os participantes e tiveram como objetivo central incentivar as/os sujeitos entrevistados a contar livremente suas experiências na Rede de Saúde Mental do MST e o contexto social, a partir de provocações iniciais.

A entrevistas narrativas convocam à construção de um ambiente de espontaneidade, colaborando para relatos mais vivos e significativos, que vem à tona por meio da narração – análoga à contação de histórias (Fasanello et al., 2018). Nesse sentido, as mesmas possibilitaram um levantamento da história da Rede, das atividades desenvolvidas até o momento e dos desafios enfrentados, além das alternativas e novos caminhos possíveis para a mesma.

Entendemos que o diário de campo está em consonância com as entrevistas narrativas, na medida em que as questões discutidas e anotadas no primeiro foram aprofundadas nas entrevistas individuais. Do mesmo modo, como as reuniões da Rede aconteceram concomitante às entrevistas, foi possível o inverso: as questões levantadas nas entrevistas suscitaram temas que foram refletidos coletivamente nas reuniões da Rede, coadunando para a construção coletiva de conhecimento.

As informações, observações e temáticas das reuniões, interlocuções e entrevistas individuais foram registradas no diário de

campo, respeitando e protegendo a identidade de cada participante. A análise do material está sendo realizada por meio de aportes teóricos decoloniais e dos núcleos de singularidade (Ghiso, 1998), que propõe a identificação de um conjunto de elementos – pessoas, ideias, coisas, relações –, por sua singularidade, destacando uma prática social de outras. Nesse sentido, a pesquisa já aponta para três eixos/categorias analíticas, que serão apresentados previamente nos resultados e discussão: 1) Educação Permanente em Saúde; 2) Educação Popular; 3) Permeabilidade entre psicologia e os Movimentos Sociais do Campo.

## **Resultados e discussão**

Diante do impacto dos riscos socioeconômicos e ambientais na qualidade de vida dessa população, com repercussões negativas para sua saúde mental, se mostra imprescindível não apenas a articulação de rede intra, mas também intersetorial – evidenciando a complexidade da saúde do campo – e a necessidade de várias mãos e pernas para garanti-la. As ofertas de cuidado multiprofissionais e interdisciplinares vão no sentido de acolher, ressignificar e elaborar o sofrimento e propor alternativas de enfrentamento às iniquidades e vulnerabilidades das populações do campo. Estrategicamente, corresponsabilizam os serviços de diversos setores, garantindo o acesso e os direitos dessas populações, ou seja, a universalidade, a integralidade e equidade, princípios do SUS, são pilares estruturais da Rede de Saúde Mental do MST (Brasil, 1990).

A Educação Permanente em Saúde se revelou ferramenta oportuna para trabalhar as especificidades da saúde do campo e diversas temáticas de saúde mental, repercutindo na ampliação do olhar do Movimento, da rede disponível e da oferta de cuidado pelos trabalhadores/as da saúde, melhorando a acessibilidade da população do campo. A interdisciplinaridade, juntamente com os espaços formativos ampliados foram essenciais, possibilitaram a desconstrução da formação fragmentada das disciplinas da saúde, nos desenvolvendo enquanto profissionais de saúde comprometidos com as políticas públicas e com a população do campo.

Outro desdobramento das ações da Rede foi a participação em formações e eventos do MST. Inicialmente participamos de for-

mações internas e análises de conjuntura do Movimento visando o desenvolvimento e alinhamento crítico e político, além do aprofundamento das questões de gênero. Num segundo momento, fomos convidados pelo MST a facilitar oficinas formativas sobre saúde mental dentro dos espaços formativos e eventos do Movimento. A capilarização do conhecimento, sensibilizando sobre saúde mental e cuidado político, territorializado e plural, provou que a educação permanente e a atuação junto aos movimentos sociais do campo são instrumentos potentes para se fazer uma psicologia da terra e caminhar na direção para o cuidado integral em saúde mental do campo.

A educação popular garante uma ampliação do cuidado em saúde mental, dando conta de compreender todas as práticas de saúde articuladas a um horizonte de transformação social. A partir desse olhar ampliado para a saúde mental, compreendemos a Educação Popular em Saúde como ferramenta que dialoga com essas práticas de cuidado, pois promove o cuidado com base na valorização dos saberes/práticas tradicionais, tendo como princípios o diálogo, a amorosidade, a construção coletiva do conhecimento, além da problematização e da promoção de autonomia (PNEPS-SUS, Brasil, 2013).

A ocupação dos espaços de controle social e a organização popular despontam como estratégias imprescindíveis para a atuação na macropolítica, já que visam garantir políticas públicas emancipatórias, de acordo com os interesses da sociedade, indo além da atuação sobre os determinantes sociais da saúde.

A cada encontro semanal ficava mais evidente que a saúde mental não é protagonismo da psicologia e da necessidade de combater a individualização do processo saúde-doença, resquícios de uma prática neoliberal. Para o cuidado psicossocial, a composição – e não sobreposição – de diversos saberes e setores apresentava-se como direção. Dessa forma, as oficinas, grupos e atendimentos, ações inicialmente ofertadas, abrem espaço para outros desdobramentos que surgem a partir do pé no chão, escuta aterrada, vínculo, confiança e diálogo de saberes, principalmente com o Movimento. Estes nos ensinam a desindividualizar o sofrimento e apostam na partilha enquanto ferramenta ético-política, subjetiva e objetiva, indo contra a ordem neoliberal especialista e segmentada. Campos

(2015) conceitua “comunidade psicossocial” o território de trocas, vínculos afetivos, identificações e compartilhamentos.

A atuação junto aos movimentos sociais permitiu uma maior permeabilidade entre psicologia, políticas públicas e o MST, possibilitando que o Movimento social se aproxime das pautas da Reforma Psiquiátrica. Por outro lado, a convivência junto ao MST contribuiu muito para a formação das/os psicólogas/os, uma vez que amplia as ferramentas de cuidado e organização política desses atores, ensinando práticas populares em saúde, novas metodologias e formação política. É nessa concepção de saúde mental e de cuidado psicossocial que a Rede está embasada; referenciado nos princípios do SUS e no modelo antimanicomial, ecoa no olhar integral para a pessoa em todas as suas dimensões e repercutindo na articulação de outras ações e instituições para garantir a saúde das/os militantes do MST.

Percebe-se a importância de outros atores e entes para a garantia do cuidado integral em saúde mental da população do campo, legitimado em parcerias com instituições da sociedade civil e órgãos públicos. Superar a fronteira de uma abordagem uniprofissional e individualista ainda é um desafio para a psicologia. Nesse sentido, as práticas psicossociais da Rede, ofertadas nos grupos e oficinas, e a articulação com outros serviços evidenciam a potência dessa transcendência, ainda mais quando alinhavada à educação popular, às práticas integrativas e à pedagogia do movimento. Enredar caminhos e afetos torna-se ferramenta fundamental para o cuidado em saúde mental dessas populações.

## **Conclusão**

A partir do encontro com a Rede de Saúde Mental do MST, foi possível contribuir para a produção de outros fazeres e saberes da psicologia, colaborando para a solidificação de práticas de cuidado em saúde mental críticas e contextualizadas. A aliança, confiança, agroecologia, participação popular, práticas comunitárias e espiritualidade se mostraram enquanto fatores de proteção e tecnologias importantes para as populações do campo.

Desconstruir o imaginário de uma psicologia ainda se faz necessário, principalmente em contextos rurais, para romper com

a realidade de insegurança e limitação da atuação da psicologia no campo. Tal visão impacta negativamente nas possibilidades de atuações e produções outras – que levem em conta as especificidades do campo, compreendam os processos coloniais e a repercussão nos processos de subjetivação - por serem questionadas ou não reconhecidas, até pelas/os próprias/os psicólogas/os que o fazem.

A Rede contribui para a ciência e profissão, mas também para os movimentos sociais do campo, enquanto modelo de aliança promissora e retaguarda assistencial solidária em tempos de crise política, econômica e sanitária, consequentes (quando não aprofundadas) pelo projeto de governo nacional genocida. Essa estratégia nos elucida para caminhos possíveis para o cuidado integral à saúde mental das populações do campo, a partir das TICS, práticas psicossociais e do fortalecimento das políticas públicas. Para além disso, a urgência da implementação da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, Floresta e Águas (PNSIPCAFA).

As alternativas lançadas pelas populações do campo, floresta e águas evocam outras experimentações de pensamento e de vida, que demonstram a comunhão com a terra e a descolonização dos modos de vida (Wedig & Ramos, 2020; Krenak; 2019). A parceria com os movimentos sociais e populações do campo pode contribuir para uma psicologia decolonial, politicamente territorializada e popular e, conseqüentemente, para o cuidado integral em saúde mental das populações do campo.

Diante do exposto, ressaltamos a importância da construção de cuidados em saúde mental baseadas na educação popular; levando em conta a dimensão ética, política, afetiva e responsável que este exige; desenvolvendo práticas territorializadas e comunitárias. Acreditamos que essas só poderão ser edificadas se tiverem como princípio a construção conjunta com a população do campo: além de dialogarem com a realidade de vida dessa população, valorizando os seus conhecimentos, contribuem para o princípio da integralidade e do fortalecimento dos laços sociais, indo contra a lógica hegemônica neoextrativista, medicalocêntrica e individualista. São essas práticas que permitirão também fazer frente aos determinantes e determinações sociais do campo e superar o cenário de vulnerabilidades psicossociais enfrentadas por essa população, repercutindo positivamente na saúde mental das populações do campo em diversos níveis.

## Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pelo financiamento da pesquisa e à Rede de Saúde Mental do MST pela confiança e parceria.

## Referências

Brasil. (2013). *Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, Floresta e Águas*. Ministério da Saúde.

Breilh, J. (2011). *Determinantes Sociais da Saúde: Entrevista com Jaime Breilh*. EPSJV/Fiocruz.

Carneiro, M. J. (2012). Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In M. J. Carneiro (Org.), *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira* (p. 23-50). Mauad X: Faperj.

Dimenstein, M. (2001). O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 57-63.

Dimenstein, M., Leite, J., Macedo, J. P., Dantas, C. (Org.). (2016). *Condições de Vida e Saúde Mental em Contextos Rurais*. Intermeios; Cnpq; UFRN; UFPI; Fapepi.

Fasanello, M. T., Nunes, J. A., & Porto, M. F. (2018). Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 12(4). <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i4.1527>

Fernandes, S. L. (2014). Revisitando os saberes psicológicos: reflexões por uma psicologia do campo. *Cadernos de Subjetividades*, 1(2), 85-102. <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernoss subjetividade/article/view/38537/26196>

Ferreira Moura, J., Barbosa, V. N. M., Martins, C. M. S. S., & Bomfim, Z. A. C. (2019). Psicologia e contextos rurais no Brasil: interlocuções com a psicologia comunitária. *Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology*, 53(2), 140-154.

Guimarães, R. S. (2017). Por uma Psicologia decolonial: (des)localizando conceitos. Rasera, E. F., Pereira, M. S., & Galindo, D. (Orgs.), *Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e en-*

*frentamentos em tempos de exceção* (pp. 263-276). ABRAPSO Editora.

Hackeocultural. (2021) *Estratégias Narrativas em Tiempos de covid-19*. Hackear la Pandemia v1.1.

Haraway, D. (2016). Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*, ano 3, 5.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.

Leite, J. F., Dimenstein, M. (Orgs.). (2013). *Psicologia e contextos rurais*. EDUFRN.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. N-1 edições.

Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (11a ed.). Hucitec.

Pirró, J. C. F. (2019). *Cuidado integral em saúde mental do campo: caminhos para um novo amanhecer* [Monografia Residência Multiprofissional em saúde da Família com ênfase no campo]. Universidade de Pernambuco (UPE).

Rocha, M. C., Tchalekian, B., Silva, L., Afonso, M., & Coelho, P. (2021). Cuidados em Movimento: experiências com o MST em Tempos de Pandemia. In *Fraturas Expostas pela Pandemia: conjugando juntas o verbo esperar*. *Revista da Universidade Federal do Piauí*. Faperj; Edufpi.

Rosa, L. A. (2017). Potencial terapêutico da participação em movimentos sociais: um estudo a partir de militantes do MST. *Saúde & Transformação Social*, 8(1), 72-83.

Rotolo, L., Dantas, A. C., Silva, E., Albuquerque, P., Silva, J., Knierim, G., Santos, F., & Gurgel, I. Saúde do Campo: reconstruindo as práticas de saúde junto aos movimentos sociais. *No prelo*.

Santos, B. S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica Editora.

Sauer, S. (2010). *Terra e modernidade: a reinvenção do campo brasi-*

*leiro*. Expressão Popular.

Wedig, J. C., & Ramos, J. D. D. (2020). Resistências camponesas em tempos de pandemia. *TESSITURAS*, 8(1), 41-47. <https://doi.org/10.15210/tes.v8isuplemento.18904>

# NOVOS POSSÍVEIS PARA ATENÇÃO À CRISE PSÍQUICA GRAVE NA ZONA RURAL

Ingryd Silva Costa  
João Paulo Macedo

## Introdução

A Reforma Psiquiátrica Brasileira nutriu, por meio da organização e manifestação popular, a partir do movimento de usuários, familiares, trabalhadores da saúde e apoiadores, o desejo de transformação das práticas de saúde mental e do modo de se relacionar da sociedade com a diferença. Como resultado houve inúmeros avanços do ponto de vista da estrutura de políticas de saúde mental com vistas a organização da assistência em saúde mental extra hospitalar e de base comunitária, além do estabelecimento de um aparato jurídico-político para a garantia de direitos e ações de inserção social. Porém, trata-se de um processo ainda em curso, permeado de avanços e recuos, especialmente vivido nos últimos quatro anos do Governo Jair Bolsonaro (2019-2022), para avançarmos em direção a uma sociedade sem manicômios.

Para Silva et al. (2015), a Reforma Psiquiátrica Brasileira introduz a mudança do paradigma do modelo asilar para o modelo psicossocial. Tal transformação implicou no crescente aumento e implantação dos serviços substitutivos por todo país. No entanto, a criação e implantação dos mesmos não é a garantia do fim de práticas manicomialistas. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) se tornaram o serviço de referência nessa mudança de paradigma. “Atualmente, o Brasil conta com 2.742 CAPS habilitados, distribuídos em 1.845 (um mil, oitocentos e quarenta e cinco) municípios em todos os Estados e no Distrito Federal” (Brasil, 2021, p.5).

Como nos aponta Delgado (2020), apesar da Lei n. 10.2016/2011, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira, buscar a garantia da reintegração da pessoa com transtorno mental a um ambiente saudável e comunitário, o cenário de sua aprovação não conseguiu prontamente uma mudança na prática de exclusão evidente em todas as camadas da sociedade, especialmente

no tocante a problemática da crise psiquiátrica ou a chamada crise psíquica grave.

Deste modo, é pertinente refletir sobre a questão da crise, pois esta sempre se configurou como um desafio para a saúde mental. Com a Reforma Psiquiátrica, e, portanto, na busca pela implantação de um modelo psicossocial que valorizasse a desinstitucionalização como estratégia de reinserção social, ainda assim, a crise psiquiátrica ou psíquica grave permanece presente no campo da saúde mental como uma problemática mobilizadora dos pacientes, familiares, trabalhadores e sociedade, enfim, da sociedade em geral. Assim, faz-se necessário alargar sua compreensão para além do mero enquadre da nosografia médica-psiquiátrica, para entendê-la diante da polissemia que representa, além da necessidade de compreendê-la de forma mais contextual em relação à onde e quando se apresenta.

A existência humana sempre foi atravessada por crises, períodos considerados desafiadores e mobilizadores de recursos para enfrentar dificuldades, situações limites etc. Em muitos casos, as crises humanas configuram um marco, inclusive, para emergir novas percepções e compreensões diante da situação viva, possibilitando a abertura para o indivíduo inaugurar uma nova etapa em sua vida. Evidentemente, as crises mobilizam também sofrimento e angústia. De acordo com Brasil (2013, p.100) “a palavra crise vem do grego *krísis*, que significava, na sua origem, momento de decisão, de mudança súbita; separar, decidir, julgar”. A definição dos chineses para o termo crise, com base no ideograma que representa a palavra, significa ao mesmo tempo “perigo” e “oportunidade” (Dubugras Sá et al., 2008). Assim, para Costa (2013, p.34), a crise é um “modo de decisão que pode tornar a vida melhor ou pior”.

Ora, se a crise psiquiátrica ou psíquica grave é mobilizadora de recursos pessoais, familiares e institucionais, e ainda assim continua sendo um desafio para a Reforma Psiquiátrica Brasileira, inclusive, nos grandes centros urbanos que contam com toda uma estrutura técnica-profissional e de serviços, quando olhamos para a realidade dos municípios pequenos e de áreas rurais, quais desafios estão postos?

No tocante as áreas rurais do país, pode-se observar que a crise psíquica grave vida nessas realidades aponta para uma série

de questões que precisam ganhar visibilidade no debate do processo de Reforma Psiquiátrica Brasileira, tais como: cobertura da rede assistencial, regionalização dos serviços de saúde, intersetorialidade das políticas públicas, dispositivo da regulação das redes de atenção, ações de monitoramento e continuidade do cuidado, relação familiar/usuário e familiar/serviço, função da internação psiquiátrica, etc. Certamente são aspectos que colocam em questão como o debate sobre a Reforma Psiquiátrica considera a realidade dos municípios pequenos e zona rural, no sentido de colocar em análise os avanços e entraves ainda percebidos nessas realidades.

Para Aruda et al. (2018), a população da zona rural conta com uma série de dificuldades que ao longo do tempo vão contribuindo com o surgimento de doenças e agravos da saúde de outras ordens. Tais dificuldades dizem respeito a questões socioeconômicas (renda e moradia), falta de infraestrutura de serviços, dificuldades de acesso e estruturação de políticas públicas, falta de transporte e comunicação, além de problemáticas relacionadas a insegurança fundiária, violência no campo, falta de apoio para a produção e apoio técnico para produção agrícola, seca etc. No caso das políticas de saúde, de acordo com Magalhães et al. (2022), as populações rurais contam em sua maioria apenas com os serviços de saúde que são disponibilizados nas Unidades Básicas de Saúde, com cuidados primários, o que em muitos casos não supre totalmente suas necessidades de saúde. No caso da saúde, tais fragilidades são ainda maiores considerando a inexistência muitas vezes de suporte e acompanhamento dos casos.

Ainda nesse contexto, Costa et al. (2021) discorrem que a Atenção Básica tem sim uma preocupação com as pessoas em sofrimento psíquico, todavia a intervenção se limita ao diagnóstico e ao tratamento medicamentoso, diminuindo as possibilidades de uma intervenção que levasse em consideração o território em que os usuários estão inseridos, e quais recursos podem ser acionados para cooperar com a criação de um projeto terapêutico singular.

Diante do apresentado é relevante lançar um olhar para como a Reforma Psiquiátrica tem refletido sobre o cuidado em saúde nos contextos rurais. Em particular trataremos sobre a realidade que temos vivido na cidade de Água Doce do Maranhão, em termos de como a assistência em saúde mental junto às localidades rurais

do município tem ocorrido, ressaltando potencialidades e entraves nesse contexto. Deste modo, conceberemos, nesta reflexão, a crise psíquica grave em contextos rurais como analisador do processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil e da regionalização da Política de Saúde Mental.

## **Método**

O caminho metodológico traçado ao longo desse estudo, ainda em curso, tem seus direcionamentos afinados com a Análise Institucional (AI). Para Martins (2017) houve uma abertura para as práticas *psi* no que se refere a novos espaços de atuação a partir da consolidação da análise institucional enquanto campo de investigação-intervenção. É imprescindível, ainda de acordo com o autor citado, entender que o movimento de Análise Institucional a que estamos nos referindo tem sua concretude na França, após a Segunda Guerra Mundial, e que Georges Lapassade e René Lourau, autores muito conhecidos, são dois nomes representativos desse movimento.

Assim, na Análise Institucional a intervenção não pode ser desvinculada de um caráter político, ou seja, da realidade em que o analista está inserido e passará por uma transformação, tendo como foco a instituição e as relações constituídas dentro dela. (Lourau, 2004). Para Martins (2017) as relações que serão estabelecidas no campo de pesquisa entre sujeito e objeto apresentam caráter intersubjetivo, e não estão simplesmente presas a questões teóricas e metodológicas. Dessa forma, a heterogeneidade presente nesse encontro terá papel fundamental para a produção do conhecimento.

Quanto à utilização de ferramentas de produção de dados, levamos em consideração a produção dos diários de campo e entrevistas com núcleo familiar com histórico de transtorno mental grave e persistente e que tenha passado por internação psiquiátrica. Em relação às entrevistas com o núcleo familiar, contamos com a presença concomitante dos familiares e usuários de saúde mental, todos moradores da área rural. Nossa busca consistiu em uma produção de dados que estivesse atenta ao que emerge do campo de pesquisa. Para Barros e Kastrup (2009) precisamos escolher dispositivos que façam sentido ao campo problemático e que cooperem para a produção de dados. Para Aragaki et al (2014) a utilização das entre-

vistas na pesquisa não se dá como uma mera coleta de informações, mas que esta é “coproduzida em ato, estando, portanto, a reflexividade presente desde o momento da escolha da entrevista como ferramenta” (p.58). Quanto ao local da realização das entrevistas, este foi pactuado com os próprios usuários. Dois deste afirmaram se sentir à vontade para a realização de nossas conversas em uma sala da unidade de saúde, sendo a terceira realizada na casa da usuária, pois o acesso da mesma até a unidade de saúde é algo bem difícil, devido à distância e a falta de transporte. Porém, ao todo foram realizadas entrevistas com nove participantes, sendo: três usuários (2 mulheres e 1 homem) e seis familiares (2 homens e 4 mulheres).

Todos os procedimentos éticos em pesquisa foram obedecidos, tendo a pesquisa contado com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, por meio do parecer nº5.498.876, logo em seguida iniciamos a pesquisa de campo.

## Resultados

Os resultados foram categorizados em três blocos temáticos a partir do que emergiu das falas durante os encontros, a saber: condições de vida na zona rural; cuidado em saúde mental; a experiência de usuário e de familiar da saúde mental em contexto de zona rural.

Em relação às *condições de vida na zona rural*, além da infraestrutura precária de vida e dificuldade de trabalho e renda, houve destaque para temas como o isolamento da vida em relação aos centros das cidades e a dificuldade de acesso a serviços e a garantia de direitos como o auxílio-doença.

As condições de vida e de trabalho, além do acesso às políticas públicas e direitos sociais estão diretamente relacionados à determinação social da saúde. Tal entendimento toma a concepção de que a saúde e o cuidado são uma produção social, portanto são dinâmicas multideterminadas que se objetivam na forma como pessoas e grupos populacionais de um determinado território desenvolvem suas necessidades de saúde, são acometidos por agravos e doenças/sufrimento, e são atendidas ou não em suas demandas (Souza, 2011). No caso da população que vive na zona rural, tal realidade é agravada pelo nível de vulnerabilidade, desassistência e falta de cobertura das políticas públicas, em especial, no âmbito da saúde mental. Assim, a

vida dos sujeitos moradores de realidades rurais, apesar de dura, percebe-se que estes acabam por desenvolver estratégias outras de cuidado, diante do cenário de desassistência que se encontram, a partir do apoio social que contam com familiares e vizinhança, ou das relações comunitárias potencializadas pelo trabalho coletivo realizado nas casas de farinha, permeado por trocas de saberes e convivência com a diferença de modo a diminuir a sobrecarga do cuidado da família junto ao paciente de saúde mental.

Em relação ao segundo bloco *Cuidado em saúde mental* ressaltam-se como temas que emergiram das entrevistas realizadas: a oferta de cuidado realizada pelos familiares e a pouca retaguarda dos serviços; a distância geográfica dos serviços especializados em saúde mental, o que limita a inserção desses usuários em atividades dos serviços especializados em saúde mental, a exemplo dos Centros de Atenção Psicossocial, como oficinas terapêuticas, ações de cuidado e acompanhamento psicossocial, além de ações de reabilitação psicossocial. Diante disso, os atendimentos acabam espaçados, sem previsão de continuidade, impelindo às famílias buscarem retaguarda junto ao setor privado, acarretando gastos não previstos em seu orçamento. Por outro lado, sem acompanhamento coordenado do cuidado e trabalho preventivo ou promocional em saúde mental, a internação psiquiátrica acaba sendo o único recurso encontrado pelos profissionais da Atenção Básica diante dos casos que se agravam diante da falta de assistência. Esta é uma questão recorrente, pois não há um plano de cuidado voltado para o acolhimento precoce às crises psíquicas graves, sendo a intervenção que resta: a internação psiquiátrica.

Apesar de a saúde mental ter alcançado avanços históricos com a garantia de políticas e mudança do modelo assistencial em direção a promover uma ruptura com o manicômio. Porém, é preciso ponderar que essa realidade não se coloca para aqueles que se encontram nos contextos rurais. A crise psíquica grave ainda se apresenta como um fenômeno desafiador para os serviços de saúde e para os sistemas familiares, nos grandes centros e também nos municípios menores, se acentuando nos contextos rurais. Dessa forma, entendemos a crise psíquica como um analisador do processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil, bem como da própria regionalização da Política de Saúde Mental, no sentido de dar visibilidade a uma série de

entraves que ainda precisam ser superados em nosso processo de Reforma Psiquiátrica e de redirecionamento de práticas psicossociais.

No último bloco *A experiência de usuário e de familiar da saúde mental em contexto de zona rural* foi possível constatar questões relacionadas ao início dos sintomas dos usuários, suas representações e conflitos nos sistemas familiares. Além disso, destaca-se a fragilização dos vínculos familiares diante situações de vulnerabilidade, exaltação e agressividade por parte do usuário, preconceito e exclusão em relação surgimento do sofrimento psíquico. A compreensão da internação psiquiátrica como grande solução para os sintomas também foi algo explorado, considerando que, se num primeiro momento havia uma esperança de que tal medida resolvesse a situação do sofrimento, quando do retorno do paciente para casa evidenciou-se a decepção com o tratamento ofertado pelos hospitais psiquiátricos devido ao aumento da carga de sofrimento vivido tanto pelos usuários quanto pelos familiares, além da culpa e sobrecarga física e emocional.

A culpabilização, bastante referida, foi acompanhada do entendimento de que os familiares não percebiam o início dos sintomas, ou até mesmo distinguiam quando este dava indícios de agravamento, para que, de forma precoce, pudessem recorrer aos serviços pedidos de acompanhamento e cuidado. Além disso, foi recorrente o relato de usuários ou mesmo de familiares terem enfrentado preconceito e rejeição por outro familiar ou vizinho, acompanhado ainda da referência de sobrecarga física e emocional.

A sobrecarga foi referida diante daquilo apontado por Lemos et al. (2022) ao sinalizarem que “os familiares apresentaram elevadas sobrecargas subjetiva relacionada à supervisão de comportamentos problemáticos (autoagressão, mudanças de comportamento/comportamento suicida), ao peso dos gastos financeiros e ao impacto das preocupações com seu familiar adoecido, principalmente em relação ao seu futuro” (p. 5612). Apesar de todas essas dificuldades e desafios, as famílias da zona rural seguem ofertando cuidado sem retaguarda dos serviços, e mesmo cansadas buscam estratégias para lidar com o usuário, que em algumas situações se nega a ir a uma consulta, se nega a tomar medicação, ou mesmo tomando, apresenta episódios de automutilação e ideação suicida o que geralmente preocupa a família ainda mais.

Nessas pequenas estratégias notamos como as famílias tercem por meio de forças instituintes um caminho mais confortável para seu familiar, seja através de atitudes de carinho e demonstração de amor, seja através dos atos concretos como ajudar na gestão da medicação, e no cuidado com a higiene. Também notamos estratégias em relação a promover cuidado pela parceria com outros familiares, com espaços religiosos como igrejas e terreiros de candomblé.

Dessa forma, as famílias da zona rural distantes dos serviços de saúde como de outros serviços públicos dispõem de pouca assistência. Para Guilherme (2016), a rede de atenção psicossocial, fundamental peça da Reforma Psiquiátrica precisa traçar um trabalho em corresponsabilidade com as famílias, uma vez que os usuários estão totalmente inseridos em seu contexto familiar e territorial. Muitos avanços aconteceram ao longo desses 30 anos de Reforma Psiquiátrica, no entanto os espaços de zona rural ainda vivenciam dificuldades em relação a oferta de saúde, que podem ser revistos tendo como base novos possíveis para ofertas de saúde que façam sentido e levem em consideração a territorialização destes espaços.

## **Conclusão**

As análises realizadas até aqui já nos despertam muitas reflexões de como a Reforma Psiquiátrica Brasileira ainda precisa avançar de formais mais bem estruturada e planejada nos espaços dos municípios pequenos e, em especial, junto a população que vivem em contextos rurais, considerando que ali, por diversas razões, diante do entendimento da determinação social do processo saúde-doença-sofrimento-cuidado, se requer adotar linhas de cuidado em saúde para acolher e dar suporte às diferentes necessidades em saúde mental, inclusive diante dos casos de sofrimento psíquico grave. A elaboração de políticas voltadas para tais realidades é urgente para estabelecer novos possíveis para o processo de desinstitucionalização psiquiátrica no país, considerando a diversidade geográfica e cultural.

## **Referências**

Arruda, N. M., Maia, A. G., & Alves, L. C. (2018). Desigualdade no acesso à saúde entre as áreas urbanas e rurais do Brasil: uma de-

composição de fatores entre 1998 a 2008. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(6), 1-14. <https://www.scielo.br/j/csp/a/zMLkvHhQzMQQHjqFt-3D534x/?format=pdf&lang=p>

Albuquerque, G. S. C., & Silva, M. J. S. (2014). Sobre a saúde, os determinantes da saúde e a determinação social da saúde. *Saúde Debate*, 38(103), 953-965. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Q4fVqRpm5X-fVnfq8HSCymkH/?lang=pt&format=pdf>

Brasil. (2013). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_atencao\\_basica\\_34\\_saude\\_mental.pdf](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf)

Brasil. (2021). Dados da rede de atenção psicossocial (raps) no sistema único de saúde (sus). [https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/caps/raps/arquivos/rede\\_raps\\_2021\\_modelo\\_saps\\_julho\\_2021.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/caps/raps/arquivos/rede_raps_2021_modelo_saps_julho_2021.pdf)

Costa, I. I. (2013) *Intervenção precoce a crise psíquica grave: fenomenologia do sofrimento psíquico*. Juruá.

Costa, K. M. O. P., Silva, J., Leal, L. F. M., & Morais, M. C. P. (2021). Atenção psicossocial na atenção básica: profissionais, serviços e intervenções em ruralidades paraibanas. *A Psicologia e Suas Interfaces na Saúde, Educação e Sociedade*. 66-81. <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/210102845.pdf>

Delgado, P. G. G. (2020) Voltando ao começo: desvelando os bastidores políticos da Lei Paulo Delgado. *Saúde Debate*, 44(3), 21-28. <https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2020.v44nspe3/21-28/pt>

Dubugras Sá. S., Werlang B. S. G., & Mariana Esteves Paranhos, M. E. (2008). Intervenção em crise. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(1). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872008000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872008000100008)

Fundação Oswaldo Cruz (2014). *A regionalização pode contribuir para o avanço do SUS?* <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/35859>

Gadelha, P., Gulbenkian, S., Saraceno, B., Almeida, J. M. C., Tyka-

norri, R., & Delgado, P. G. (2015). *Inovações e Desafios em Desinstitucionalização e Atenção Comunitária no Brasil*. Seminário Internacional de Saúde Mental: Documento Técnico Final. Fiocruz. Fundação Calouste Gulbenkian. <https://www.nuppsam.org/wp-content/uploads/2021/05/DESINSTITUCIONALIZACAO-E-ATENCAO-COMUNITARIA-FIOCRUZ-GULBENKIAN.pdf>

Guilherme, M. I. S. (2016). *Saúde da Família e saúde mental: possibilidade de articulação para o cuidado em um contexto de zona rural*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Rio Grande do Norte. [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/23477/1/MariaIsabelSilvaGuilherme\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/23477/1/MariaIsabelSilvaGuilherme_DISSERT.pdf)

Lemos, M, E. P., Silva, A, X., Silva, J. C. B., Leal, J. M. E., Silva, C. S., & Andreto, L. M. (2022). Sobrecarga familiar de pessoas com transtorno mental: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, 5(2), 5599-5615. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/45890/pdf>

Lourau, R. (2004). Pequeno manual de análise institucional. In S. Altoé (Org.), *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. Hucitec.

Martins, J. B. (2017). Análise Institucional e o processo de construção de conhecimento: a questão da implicação. *Psicologia em Revista*, 23(1), 488-499. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v23n1/v23n1a30.pdf>

Magalhães, D. L., Matos, R. S., Souza, A. O., Neves, R. F., Costa, M. M. B., Rodrigues, A. A., & Souza, C. L., (2022). Acesso à saúde e qualidade de vida na zona rural. *Research, Society and Development*, 11(3). <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26906>

Nepomuceno. C. (2012). Crise, o que é e como administrá-la melhor? *Netpôsts*. Rascunhos Compartilhados. <http://nepo.com.br/2012/01/17/crise-o-que-e-e-como-administra-la-melhor/>

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. (2012). [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)

Sevalho, G., & Dias. J. V. S. (2022). Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasilei-

ra. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(3), 937-946. <https://www.scielo.br/j/csc/a/QJ9zhYGmCNHWvTJpt5pR8dD/?format=pdf&lang=pt>

Silva G. M., Zanini D, S., Rabelo I. V. M., & Renata Fabiana Pegoraro, R. F. (2015). Concepções sobre o modo de atenção psicossocial de profissionais da saúde mental de um CAPS. *Revista Psicologia e Saúde*, 7(2). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2015000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2015000200010)

Souza, C. D. F. (2017). Determinantes Sociais da Saúde vs Determinação Social da Saúde: Uma aproximação conceitual. I Webcongresso Internacional de Direito Sanitário. [file:///C:/Users/Ingryd/Desktop/downloads/Determinantessociaisdasade%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ingryd/Desktop/downloads/Determinantessociaisdasade%20(1).pdf)

**- REFLEXÕES A PARTIR DO  
IV CLAPRU -**

# GT01. AÇÕES COLETIVAS, MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS EM CONTEXTOS RURAIS

Santiago Conti

Maria Laís dos Santos Leite

## Introdução

No Grupo de Trabalho 01 (GT 01) nos propusemos a abordar os movimentos sociais, as ações coletivas de grupos e organizações que vivem nos mais diversos contextos rurais, bem como o impacto das políticas públicas, ou a falta delas, nesses contextos. Compuseram o GT 01 trabalhos que enfatizaram as reivindicações sócio-históricas, as identidades coletivas e outras estratégias de resistência, a partir de analisar as formas de luta social em contextos rurais, as reivindicações por territórios e acesso à terra, a busca por direitos sociais e políticas públicas, as tensões com projetos de desenvolvimento econômico e modernização do campo, reconhecimento cultural, tradições e conhecimento, bem como processos psicossociais, políticos e rurais associados a identidades e ações coletivas.

Ao mesmo tempo, incorporou-se aos debates a discussão sobre os enfoques de intervenção desde o campo disciplinar da Psicologia a partir dos diálogos interdisciplinares e o papel da formação psicossocial no contexto universitário nas inserções territoriais de extensão, ensino e pesquisa.

Neste sentido, este texto objetiva: 1. Tecer considerações acerca dos trabalhos que compuseram o GT 01 *Ações coletivas, movimentos sociais e políticas públicas em contextos rurais*; 2. Sistematizar discussões e refletir sobre questões comuns e singulares da práxis psicossocial nas ruralidades a partir das apresentações realizadas.

## Métodos

O Grupo de Trabalho contou com quatro sessões durante o evento que englobou 17 apresentações presenciais e mais nove apresentações virtuais, totalizando 26 trabalhos apresentados. A partir da leitura dos trabalhos, participação na apresentação e apreciação

dos vídeos, foi possível destacar cinco categorias que abrangem os trabalhos que compuseram o eixo: I. Movimentos sociais, II. Agricultura familiar; III. Rural e ruralidades; IV. Mulheres rurais; V. Ações acadêmicas, Universidade e Formação em Psicologia, conforme se apresenta Figura 1.

Figura 1. Principais temas abordados pelos trabalhos do GT 01



## Resultados

Agrupamos no eixo I. **Movimentos Sociais** quatro (04) trabalhos que apontam abordagens, métodos, lugares, ações, pedagogias e outros elementos relacionados ao tema:

O trabalho *Possibilidades de (re)existência a partir da mobilização comunitária: uma reflexão a partir de uma experiência em um assentamento do MST* de Thamara Barbosa Teixeira Dias e Kíssila Teixeira Mendes que objetivou descrever e analisar a experiência do Plantio Solidário no Assentamento Denis Gonçalves do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, Brasil, na perspectiva de uma (re)construção da psicologia a partir da possibilidade da (re)existência pela mobilização comunitária.

Também relacionado aos movimentos sociais está a publicação *Movimento Rebelde: sangue, resistência e conquista* de autoria de Wellington da Rocha Almeida Juliana da Silva Nóbrega, a pesquisa bibliográfica teve como objetivo analisar conjuntamente os conflitos de terra junto a resistência dos povos do campo.

O trabalho *Movimentos Socioambientais do Vale do Acre - um mapeamento psicossocial* de Leandro Amorim Rosa, Joao Cardozo da Silva Junior, Thalia Yaritza Batista, Kétilla Ferreira, Ketlen Lima de Souza, Sara Jany da Cruz e Rodrigo de Paiva Soares cuja pesquisa objetiva realizar um mapeamento psicossocial de movimentos sociais com pautas socioambientais da mesorregião do Vale do Acre, no estado do Acre, Brasil.

Completa a lista de publicações relacionadas a este eixo o trabalho *O protagonismo dos movimentos sociais na luta pela educação do campo e o programa de apoio à formação superior em licenciatura em educação do campo - PROCAMPO* de autoria de Thayslla Araújo Falcão e José Eduardo Silva Azevedo que sublinha enquanto objetivo discutir a construção de políticas públicas educacionais voltadas para o campo e suas articulações com os movimentos sociais.

No eixo **Agricultura Familiar** foram inseridas 04 (quatro) apresentações que compuseram o GT 1, sobre modos de vida, produção, feiras, alimentação, identidade, acesso à reflexão dos camponeses, entre outros, a saber:

Integra este eixo o artigo “*Servindo a dois senhores*”: *as disputas de narrativas no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf* de autoria de Maria Laís dos Santos Leite, Jáder Ferreira Leite, Suely Salgueiro Chacon, Maria da Graça Silveira Gomes da Costa que teve como objetivo geral do estudo conhecer os sentidos produzidos sobre o Pronaf para agricultoras(es) familiares da Região do Cariri.

O trabalho *Configuração da Agricultura Familiar na Comunidade Rural Terranostra, Manaus/AM* de Maria Isabel de Araújo e Silas Garcia Aquino de Sousa também se encontra relacionado a este eixo e objetivou refletir a configuração socioespacial rural, a partir da tríade (natureza/terra, organização social e trabalho) na comunidade TerraNostra, inserida no Distrito Agropecuário da Zona Franca de Manaus (DAS).

Se insere também neste eixo o a publicação *O avanço das políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil: o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf* de Maria Alane Pereira de Brito e Suely Salgueiro Chacon cujo objetivo é fazer uma caminhada pelos períodos históricos da sociedade brasileira: o modelo econômico “nacional e autônomo” (1930 à 1964), o modelo econômico “associado e dependente” (1964 à 1990) e o modelo econômico “aberto à globalização” (1990 aos dias atuais), como indica Argemiro Brum (1991) em sua obra “O Desenvolvimento Econômico Brasileiro” e assim observar como se deu o avanço da pauta da agricultura familiar na agenda do Estado e a formulação de políticas públicas específicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) em 1996.

Finalizando esta categoria temos o trabalho *Consumo de produtos agroecológicos: entre o discurso neoliberal e populismo agroalimentar* de Ladjane de Fátima Ramos Caporal e Francisco Garrido Peña que fazem uma reflexão sobre o consumo, como sintoma social que se instala com a modernidade, sobre a possibilidade da decisão de consumo simbólico de produtos agroecológicos, proposto pelos teóricos da Agroecologia e retomar as proposições que apresenta o Populismo Agroalimentar, como alternativa e saída a crise civilizatória e ambiental.

Já o eixo sobre **Mulheres Rurais** concentrou quatro (04) trabalhos sobre a construção da agroecologia, estratégias de organização coletiva, identidade de mulheres camponesas entre outras temáticas.

Integrou o eixo a publicação *As mulheres rurais na construção da agroecologia no Brasil: percepções a respeito de participação social e cidadania* de Maria Alane Pereira de Brito e Suely Salgueiro Chacon que tem como objetivo analisar a contribuição dos movimentos sociais das mulheres rurais na construção da pauta e de políticas públicas relacionadas a agroecologia no Brasil, sob as lentes da participação social e da cidadania nesse percurso histórico, trazendo reflexões acerca do contexto atual do século XXI.

Também neste grupo está o trabalho *Mulheres camponesas e suas estratégias de organização coletiva: considerações a partir de um relato de experiência* de autoria de Alais Benedetti e Inês Hennigen que apresenta como objetivo tecer algumas reflexões a partir de um

processo de pesquisa em curso, cuja temática refere-se às mulheres camponesas e suas estratégias de organização coletiva em uma cidade de 2.130 habitantes do noroeste do Rio Grande do Sul/Brasil. Para tanto, parte-se de memórias afetivas da primeira autora, orientada pela segunda, de vivências tidas a partir da própria criação em território rural, cujo modelo de organização social se baseia na agricultura familiar.

E também a publicação *Ser - tão mulher: Superação de ser mulher no sertão do Ceará* de Roberta de Fátima Rocha Sousa, José Maria Nogueira Neto e Marcossuel Gomes Aciões que tem como objetivo discutir como os terreiros de umbanda se constituem em territórios epistemológicos e potencializam discursos curriculares interculturais e decoloniais que pensam educação e cuidado em saúde nas áreas rurais da cidade.

Finalizam os trabalhos que constituem este eixo o artigo *Mulheres do Vale Verde, as ipês-roxos do Cerrado: o grupo de mulheres na defesa da saúde da população do campo* de autoria de Luana Karoline Gonsaga e Francilene Menezes dos Santos que tem como propósito sistematizar a experiência de um grupo psicossocial de mulheres do campo moradoras da microárea Núcleo Rural (N. R.) Vale Verde, Planaltina - DF e sua relação com a mobilização social na defesa de políticas públicas.

No eixo **Dinâmicas rurais e das ruralidades** foram acolhidas sete (07) produções que abordam deslocamento e permanência, visibilidade das desigualdades, políticas públicas; transformações (migrações, conflito armado, megaprojeto produtivo-extrativista), etc.

Neste eixo se insere o trabalho *Sertões pelas(os) sertanejas(os): a representação da identidade por meio do trabalho e da natureza* de João Batista da Silva Dantas, Luan Silva Medeiros, Fernanda Fernandes Gurgel, Lariza Michaelichen de Medeiros Costa, Leonara Raquel da Silva Rebouças, Stefanny Aisha dos Santos Oliveira, o estudo que integra um mais abrangente, denominado “A seca e suas implicações psicossocioambientais na vida de agricultores da região do Trairi/RN” e tem por objetivo compreender a relação da vivência dos agricultores familiares frente à seca com o que, para eles, significa ser sertanejo.

Também se relaciona a este eixo o trabalho *Miradas, conflictos y convergencias sobre bienestar rural: Un estudio cualitativo en una*

*comunidad de Valparaíso* de Ma. Verónica Monreal-Álvarez, Felipe Valenzuela, Catalina Muñoz Hernández e Camila Cordeu o estudo qualitativo busca compreender a relação entre as visões de pessoas pertencentes a uma comunidade de uma localidade rural e tomadores de decisão e executores de políticas de abrangência territorial e setorial para o desenvolvimento rural daquela localidade.

A este grupo se integra também o trabalho *Construcción simbólica de ruralidad desde la transformación y potenciación comunitaria* de Shutther González Rosso, Suly Castro Molinares e Marcela Velásquez Herrera que objetivou identificar os processos de transformação e empoderamento comunitário dos camponeses vítimas do conflito armado, que, a partir de narrativas e memória histórica, destacam uma construção simbólica da ruralidade, que permite uma educação da paz a partir de novas realidades sociais, a partir de um foco na psicologia comunitária, destacando também a importância da solidariedade e da territorialidade.

O trabalho *Ruralidades antisistémicas: cultivo de otras psicologías desde el anarquismo agrario* de Donatto Daniel Badillo Cuevas também relacionado ao eixo em questão tem por objetivo problematizar três questões que provocam o diálogo: 1) Como o ambiente rural é entendido a partir do anarquismo? 2) O que o anarquismo diz sobre a psicologia? e 3) como essa psicologia está ligada à ruralidade antissistêmica?

Também a este grupo se soma a publicação *Ruralidades e desproteção social: um retrato da comunidade* do Ribeirão Chupé de autoria de Wysney Pereira Rocha e Juliana Biazze Feitosa que discute a interface entre as políticas sociais e as ruralidades e objetiva compreender como a naturalização da pobreza se configura como um fator de exclusão de acesso aos direitos sociais dos moradores da comunidade do Ribeirão Chupé.

Incluimos neste grupo a publicação *População de rua no sertão pernambucano: reverberações da indústria da seca no espaço citadino* de Lorena Silva Marques que busca olhar para a população de rua no sertão pernambucano, refletindo-se sobre como a realidade dessa região influencia na conformação desse público.

Encerram as publicações relacionadas a este eixo o trabalho *Ruralidades en tránsito: procesos migratorios y espacios socio ambien-*

*tales emergentes* de Ma. Verónica Monreal-Álvarez, Sofia Fonseca, Ma. Jesús Larraín e Felipe Valenzuela apontam como propósito da pesquisa investigar a dinâmica relacional, socioespacial e de integração comunitária entre a comunidade receptora e os migrantes por meio de uma localidade rural da Região de Valparaíso, Chile

O último eixo do GT 1 é intitulado **Ações acadêmicas/Universidade/Formação em Psicologia**, que teve um total de sete (07) trabalhos relacionados abordagens (IAP; comunidade; pesquisa-ensino-extensão; direitos humanos); institucionalizações (práticas formativas; extensivo); papéis e perspectivas (formação, ação pública; interdisciplinar, multidisciplinar).

Integra este eixo a publicação *Transposição do rio São Francisco: cenário de desapropriação de comunidades camponesas no Sertão Nordeste brasileiro* de autoria de Gabriel da Silva, Giselle Oliveira Santos, Suely Emilia de Barros Santos, Maria da Conceição Florêncio Monteiro Bezerra. O texto relata ações do TransVERgente, programa de extensão da Universidade de Pernambuco que conta com uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar (Psicologia, Direito, Medicina, Saúde Mental e Saúde Coletiva) em parceria com o Programa de Pós- Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (Brasil) que busca compreender e desenvolver ações de cuidado e garantia de saúde e outros direitos da população vulnerabilizada pela transposição do Velho Chico. Do TransVERgente também foi apresentado o trabalho *A extensão universitária como movimento decolonial de ação reparadora em contextos rurais vulnerabilizados* de Suely Emilia de Barros Santos, Clarissa Marques, Gabriel da Silva, Giselle Oliveira Santos, Maria Conceição Florencio Monteiro Bezerra, Wanessa da Silva Gomes.

Outra publicação relacionada a este eixo é o *Experiências formativas na interiorização do curso de Psicologia na Universidade Federal do Ceará: tensionamentos entre Capital e Interior* de Raquel Fernandes Pinheiro, Ana Beatriz Araújo Santiago, João Carlos Nóbrega Ramos, Natália Matos de Souza. O trabalho objetiva compreender as experiências de formação do psicólogo na Universidade Federal do Ceará, campus Sobral, a partir da perspectiva dos seus estudantes.

Outro trabalho apresentado cujas reflexões apontam para a formação em nossa ciência e profissão é o *Psicologia em Movi-*

*mento: provocações e alianças entre psicologia e MST para o cuidado integral em saúde mental do campo* de Juliana Camargo de Faria Pirró e Saulo Luders Fernandes cujo objetivo geral é analisar as contribuições da Rede de Saúde Mental do MST para a psicologia e, mais especificamente, identificar as práticas ofertadas pela Rede, compreendendo os desafios da psicologia para o cuidado integral em saúde mental do campo.

O trabalho *¿Qué Red Latinoamericana de Psicología Rural queremos? Reflexiones sobre la cancelación del IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural en Bolivia* de Fernando Landini e Alejandra Olivera-Méndez apresenta enquanto intento analisar o contexto e o processo decisório que levou ao cancelamento do 4º Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural na Bolívia; entender o impacto no perfil da Rede, analisar suas implicações éticas e práticas e discutir que tipo de Rede Latino-Americana de Psicologia Rural queremos; usar o caso para refletir sobre processos sociopolíticos mais amplos caracterizados pela radicalização de posições éticas que só podem ser resolvidas a partir de escolhas dicotômicas que invisibilizam a complexidade e a diversidade de eixos de interpretação, associados ao que vem sendo chamado de “cultura do cancelamento”.

O trabalho *Extensão, pesquisa e ensino em Psicologia Comunitária: as potencialidades das interações psicossociais na comunidade rural de Sarandira* de autoria de Conrado Pável de Oliveira, Andressa Camila Lenz Sott, Oetsia Vargas Smits, Roberta de Castro Moreira, Thamara Barbosa Teixeira Dias, Vinicius Farage Silva, Ricardo Lima de Almeida, Rafaella Carvalho de Souza também se encontra neste eixo e tem como intuito sistematizar os saberes e práticas construídas pelas interações psicossociais na comunidade rural de Sarandira, com enfoque na articulação entre extensão, pesquisa e ensino no campo da Psicologia Comunitária, bem como compreender e fomentar a construção da memória histórica junto à população do distrito, a fim de fortalecer o enraizamento e pertencimento da comunidade.

O último artigo listado neste eixo é o *Da pesca viva ao bem viver: a modelagem participativa como ferramenta de articulação entre a pesquisa e os movimentos sociais* de autoria de Maria Julia de Barros Almeida, Gustavo Mendes de Melo, Neriane da Hora e Marie-

-Paule Bonnet e Fabíola Dourado que tem como objetivo promover algumas reflexões sobre o processo de co-construção do jogo Pesca Viva, considerando o envolvimento do coletivo Guardiões do Bem Viver, ligados à Federação das Associações de Moradores e Comunidades do Assentamento Agroextrativista da Gleba Lago Grande (FEAGLE), que representa um movimento social organizado pelos jovens moradores da região que, luta em defesa de seu povo, seu território e seus modos de vida, atuando em prol da existência livre da ganância humana.

## **Discussão**

Desde uma intenção reflexiva e contributiva, identificamos e construímos alguns eixos centrais a partir dos tópicos que foram apresentados e discutidos nos trabalhos do GT, resgatando alguns elementos comuns e algumas particularidades.

Numerosas apresentações apoiam-se na relevância e papel dos **movimentos sociais (eixo 1)** nos processos de mobilização comunitária e de defesa territorial no campo. Os movimentos sociais intervêm na facilitação de processos comunitários da população camponesa: construção e fortalecimento da memória histórica e das identidades, promoção da saúde coletiva e mobilização social, pautados por dinâmicas de organização do trabalho, conflitos e lutas pelo reconhecimento. O *vetor cidadania* pode ser destacado na atuação dos movimentos sociais em torno da constituição de identidades e projetos que dão lugar à politicidade e à subjetivação política, no plano das disputas por reconhecimentos e direitos e de construção de políticas públicas. O *vetor sobrevivência* expressa-se em inúmeras ocasiões, mais orientado por processos de defesa territorial face às dinâmicas de expropriação e vulneração da vida (terra, recursos básicos como a água, violência).

As diferentes trajetórias dos diversos movimentos sociais são identificadas nas apresentações, recuperando mesmo em alguns casos o vínculo histórico com as ligas camponesas e a historicidade da evolução socio-organizativa de base rural. Numerosos trabalhos co-laboram e analisam experiências do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e suas diversas inserções territoriais, ou com o Sindicato de Trabalhadores Rurais ou a Marcha das Margari-

das, ou movimentos socioambientais e com organizações comunitárias de base municipal, entre outros.

Além de resgatar as filosofias e místicas que dinamizam esses movimentos sociais, os trabalhos identificam como principais campos de atuação 1) a formação e educação (Educação popular e Escolas do Campo), 2) o trabalho (principalmente a agricultura familiar voltada para o autoconsumo e feiras) e 3) saúde mental (redes de saúde e promoção comunitária), e 4) conscientização e protesto social (confrontando com projetos extrativistas).

O **segundo eixo** temático identificado refere-se à **Agricultura Familiar** como questão agrária e psicossocial. Assim, as apresentações analisaram diversos processos desenvolvidos ao redor do papel da Agricultura Familiar, quer como construção de políticas e sujeitos políticos, quer como processos de ressignificação das práticas, do trabalho e das pertencas.

Numa tensão complexa entre *institucionalização e ação coletiva*, as apresentações abordam as contribuições da mobilização social e a criação de novos sujeitos e mercados sociais e, ao mesmo tempo, se valorizam os sentidos e impactos nas significações sociais que são produto dos processos políticos de reconhecimento dos agricultores familiares ou pequenos agricultores como atores rurais.

A Agricultura Familiar se revela como categoria psicossocial que permite o acesso à discussão e ao reconhecimento sobre o campesinato e seus modos de vida. As apresentações apontam à valorização das atividades cotidianas e socioprodutivas das e dos agricultores, como a transmissão de saberes familiares y comunitários sobre conhecimentos específicos (sobre a natureza, a chuva, o manejo do ambiente y das plantas).

Desde o ponto de vista do tecido social e da subsistência, se aponta à relevância da criação de organizações de base comunitária, e a concretização da atividade nos encontros sociais-econômicos produzidos e comercializados em feiras de produtos agrícolas. Em termos de valores, as identidades valorizam-se como produtoras de alimentos tradicionais e saudáveis, sustentadas em práticas agroecológicas. E toda essa dinâmica complexa funcionaria como força social para discutir e enfrentar os preconceitos e estereótipos sobre a inferiorização do outro/a (“atrasado”, “pobre”, “ignorante”).

Neste movimento, as políticas públicas de Agricultura Familiar compreendem-se como resultado da mobilização e como condições de possibilidade para a emergência de um sujeito específico: o/a agricultor/a e sua família e as organizações sociais que protagonizam e dinamizam a questão agrária. Identificando distintos períodos, objetivos e impactos, algumas apresentações destacam o papel de diversas políticas para a Agricultura Familiar, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) ou Programa Nacional de Produção Orgânica (PNAPO) e o desinvestimento de Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Outras, apontam à criação de mercados ou compras de alimentos para as escolas, concebendo um conjunto de políticas orientadas à segurança alimentar e tomando medidas em direção à soberania alimentar.

Entre os Movimentos Sociais e a Agricultura Familiar, emergiu o **terceiro eixo** específico a partir da quantidade de trabalhos que analisaram o papel das *mulheres rurais na ação coletiva*. Assim, algumas apresentações permitiram visibilizar o rol ativo das mulheres na construção de práticas e políticas da agricultura e agroecologia, outras, atendendo a defesa e luta por políticas de saúde para a população do campo.

No contexto da preponderância da figura masculina no campo, a mobilização e ativação social impulsada por grupos de mulheres foi uma questão analisada no GT. No âmbito das comunidades ou dos sindicatos rurais e MST a participação das mulheres vem permitindo o reconhecimento e a visibilização de posições subjetivas relevantes para a subsistência e o futuro do campo. Algumas apresentações argumentam que se trata de um sujeito político específico, na ligação entre mulher e agroecologia. De outro lado, a revalorização das tarefas de cuidado e do papel importante nas transmissões de saberes camponeses, na esfera doméstica, política e social, por parte de mulheres rurais. Por isso, revela-se também o protagonismo da organização social de mulheres na defesa das políticas de saúde em contextos rurais. As apresentações recuperam uma perspectiva que permite compreender a desconstrução de funções e posições genéricas, para entender a discussão e emergência do reconhecimento da mulher, como mulher forte, resistente, protagonista, e também sensível. E essa revalorização no plano pessoal e coletivo possibilita

o fortalecimento das identidades das mulheres, e ao mesmo tempo, enfrentar e confrontar com posições e situações opressivas. Ao dizer de uma experiência, “ser-tão mulher” é rever a posição da mulher na identidade sertaneja.

O **quarto eixo** atende as *dinâmicas rurais e das ruralidades* caracterizadas por processos sociais, espaciais, políticos, econômicos, entre outros, que segundo as apresentações realizadas funcionam como marco de relacionamento ou que configuram formas de vida no meio rural.

Nas apresentações, nem todas feitas da mesma perspectiva, a questão rural poderia se compreender a partir de um paradoxo estabelecido entre a noção de mudança e de permanência (*vector temporalidade*). Algumas coisas mudam, outras não. A inercia nas desigualdades se apresenta como uma questão crítica (de crises). O rural encontra-se em transformação, mas se identifica a vigência de processos de vulnerabilização e dinâmicas de desigualdade configuradas pelas crises e mudanças locais e globais.

Por outro lado, desde uma leitura espacial (*vector espacial*), identificam-se tensões entre as ruralidades e urbanidades em termos de centro-periferia como moduladores de assimetrias históricas e vigentes, e como obstáculos e desafios a superar. Ao mesmo tempo, se reconhecem dinâmicas de coexistência, de tipo funcionais, entre o rural e o urbano (não dicotômicas), no sentido das dinâmicas de vida e organização social da população. Assim, a desigualdade não é um atributo exclusivo da ruralidade, e a tensão rural-urbano expressa-se também na diversidade das desigualdades que se configuram. Porém, muitas apresentações sublinham a vigência e preponderância de concepções de ruralidade baseadas em (históricos) preconceitos (*vector psicossocial*), associadas a noções de “atraso”, de inferiorização e discriminação dos outros/as. A questão crítica seria a normalização dos estereótipos como função legitimadora das desigualdades e das políticas.

A expressão de diferentes formas e configurações das ruralidades latino-americanas e modos de habitar os territórios, encontram similitudes em relação distintas questões. A questão da terra foi comentada nas dificuldades no acesso e processos de desapropriação e deslocamento, que contribuem ao despovoamento e à expulsão. A

ausência e inadequação das políticas orientadas aos serviços básicos (no des-cumprimento de direitos humanos), sejam serviços de saúde, assistenciais, de transporte, entre muitos outros, caracterizam os territórios rurais. A questão produtiva (grandes projetos produtivos) associada ao extrativismo da natureza gera problemáticas complexas, como comunidades e ecossistemas em contato com agrotóxicos, ou dificultando o acesso à água, ou pela alteração geográfica que muitos projetos realizam.

A questão da violência, empresarial ou paramilitar, foi também apontada, como outra dinâmica estabelecida nos territórios rurais, e que complica ainda mais a sustentabilidade da vida camponesa nas ruralidades. Então, os modelos de desenvolvimento (mudança & permanência) tendem a negar as formas e direitos da vida camponesa, mas ao mesmo tempo configuram novas ruralidades, estimulam novos estilos de povoamento ou ocupação: migrantes que procuram uma vida mais “natural”, formam parte do cenário das transformações.

As dinâmicas sociais mudam, quer entre novas(os) migrantes e povoadoras(es) históricas(os), quer entre movimentos socioambientais e os grandes projetos produtivos, ou quer entre comunidades que constroem territórios de paz, no contexto de violência e conflitos armados. As discussões ao redor dos modos de desenvolvimento têm lugar nas bases, nas comunidades ou nas regiões, e quando tentam configurar, como no caso de Chile e a Política Nacional Rural (elaborada no contexto do Plebiscito Constitucional), um amplo debate entre produção e conservação, bens comuns materiais e imateriais, não conseguem ter sucesso.

O **quinto eixo** *Ações acadêmicas-Universidade-Formação em Psicologia* refere a certas qualidades nas apresentações que permitem compartilhar e refletir sobre as perspectivas de trabalho adotadas, os enfoques disciplinares e as modalidades de inserção no desempenho psicossocial. E ainda sobre posições profissionais, como valores ou práticas recomendadas, bem como de decisões metodológicas ou estratégias de intervenção social.

Em termos de enfoques, identificam-se na maioria das apresentações a presença ou atenção à perspectiva psicossocial e comunitária da Psicologia. As temáticas, as abordagens e também as mo-

dalidades/decisões de apresentação de resultados, privilegiam como objeto de análises ou reflexão os processos grupais, organizativos, mais sobretudo comunitários. Assim, os enfoques teórico-metodológicos desenvolvidos apoiam-se na pesquisa qualitativa ou na pesquisa-ação-participativa, procurando uma intervenção ativa das equipes de trabalho junto à população e comunidades rurais.

Algumas apresentações apresentam abordagens interdisciplinares, abordando de modo complexo as problemáticas e nutrindo-se das aprendizagens mútuas. Quase a maioria indicaram que os processos de intervenção foram na colaboração de outras instituições, configurando abordagens interinstitucionais.

A diversidade e riqueza metodológica das apresentações é acompanhada por uma ampla variedade de recursos técnicos para estudar, problematizar as realidades das ruralidades. Entre as opções técnicas explicitadas se mencionaram a realização de visitas e rodas de conversas, de oficinas com grupos focais, assim como de entrevistas e a observação e registro das interações e dinâmicas sociais com diários de campo. Algumas apresentações explicitaram perspectivas de análises históricas (pesquisa histórica), e outras se apoiaram na revisão bibliográfica. Nas modalidades participativas de construção de narrativas identificaram-se as dinâmicas comunitárias, psicodrama e jogos a partir de cartas, de relatos e memórias, de murais ou recursos tecnológicos (ex. “padlet comunitário”), e ainda a utilização da perspectiva da cartografia social que teve muita ressonância nas apresentações.

Uma questão interessante das apresentações foi a atenção dada aos processos de ensino, de extensão e de pesquisa e sua integração no desempenho profissional e na formação de estudantes. Muitas apresentações surgiram de projetos de extensão ou da combinação deles com projetos de pesquisa; outros, da extensão em ligação com práticas de formação ou estágios supervisionados, hierarquizando os componentes de intervenção desde as universidades para a inserção nas problemáticas rurais.

Em termos dos princípios organizadores das relações com as comunidades rurais, algumas apresentações explicitaram tipos de ação e intervenção técnica ou pública no contexto de conflitos. Em geral, todas têm refletido uma valorização pelo compromisso éti-

co-político na práxis psicossocial, questão que implica o reconhecimento de diversas tensões e o desafio de atravessá-los. Outras, a partir do acompanhamento aos movimentos sociais, reivindicam as posições militantes dentro da práxis psicossocial.

No que respeito aos horizontes e valores da Psicologia Rural, foram explicitados objetivos de desenvolver práticas emancipatórias, atendendo as especificidades das ruralidades; de dialogar com perspectivas políticas, como o anarquismo agrário, para ampliar a base epistemológica das ações; de atravessar as dicotomias, em ocasiões invisibilizam a complexidade.

## **Conclusões**

Consideramos que os objetivos do GT 01 foram amplamente cumpridos em termos de geração de visibilidade e de discussões sobre uma importante diversidade de temáticas que ligam a Psicologia com as ruralidades. Entre elas, a vigência das problemáticas comuns - históricas e atuais -, assim como as temáticas emergentes que configuram inovações/novidades. Ao mesmo tempo, é relevante sublinhar a atenção dedicada nos trabalhos aos enfoques de intervenção e aos princípios ético-políticos da práxis psicossocial, como uma característica profissional e sensível da Psicologia Rural na América Latina. Finalmente, sustentamos que as discussões geradas e a possibilidade de compartilhar experiências de distintos países e regiões, é o caminho para continuar projetando uma Psicologia reflexiva e comprometida com as realidades rurais.

## GT02. AMBIENTE Y CAMBIO CLIMÁTICO

Shutther González Rosso

### **Introducción Al Eje Temático Ambiente Y Cambio Climático**

El Grupo de Trabajo 02 “Ambiente y Cambio Climático” fue coordinado por Concepción Sánchez Quintanar, Fernanda Fernandes Gurgel (Brasil) y Shutther González Rosso (Colombia). De acuerdo con las ponencia presenciales y virtuales llevadas a cabo en el 4º Encuentro Latinoamericano de Psicología Rural, se presentan investigaciones que aportan resultados frente a la realidad contextual.

El cambio climático impacta principalmente en la vida de las personas marginadas, ya sea por cuestiones de sequía o inundaciones, siendo este un factor de afectación en la vida de la población. Se toma igualmente en consideración que esto permite demandar la necesidad de actuación de la psicología que favorezcan la mediación y facilitación de procesos integradores de diferentes actores sociales y gubernamentales, atendiendo en especial las condiciones de salud básica de las comunidades, como también el trabajo psicosocial que se aborda en las mismas.

Bajo este contexto, la psicología en la gestión integral de riesgos, emergencias y desastres prevalece de la necesidad de un conocimiento claro en estas cuestiones para lo cual se debe tener una previa preparación. De acuerdo con lo anterior plantean Oliveira et al. (2022) la importancia de visualizar aspectos que se relacionan con dilemas éticos que enfrentan los profesionales que se encuentran con la necesidad de manejar situaciones de riesgos, emergencias y desastres en la actuación en políticas públicas. Esto representa igualmente lo fundamental de conocer una realidad contextual de la forma en la cual se abordan dichas temáticas en los programas académicos de psicología, que permitan fortalecer las competencias y habilidades para atender estas situaciones.

El desarrollo de este proceso no va sólo desde la atención o estudio del comportamiento y reacción que puedan tener los individuos, colectivos, o grupos de apoyo en situaciones de atención de

emergencias; sino también desde un proceso previo que permitan que los profesionales en psicología formen parte de las políticas públicas que se establezcan para la prevención y atención de estos acontecimientos y la forma de preparación y contenidos que se tengan en los programas de psicología, para que el aporte forme parte integral de las acciones a desarrollar.

De allí que se evidencia en la investigación de Oliveira et al. (2022) una falta de preparación de los profesionales debido a la poca discusión temática y capacitaciones a nivel interinstitucional. En este sentido fomentar un mayor conocimiento al respecto, siendo este un resultado que invita a plantear aspectos de mejora y seguir reconociéndose el psicólogo como actor fundamental en el aporte de políticas pública como relación de la responsabilidad social de la académica y proyección comunitaria.

Otra de las ponencias trata sobre la interrelación sujeto-ambiente y las transformaciones socioambientales forzadas por el desplazamiento territorial de familias que están a la ribera del río Madeira. Allí se toma como referencia eventos meteorológicos extremos, al igual que se aborda una concepción sociológica desde este acontecimiento.

Desde la psicología socio ambiental la relación sujeto-espacio establece un punto de partida de las necesidades del ser humano como sujeto activo en la cultura y los medios de vida, para este propósito Graña e Soares (2022) analizan los procesos de enraizamiento de las comunidades de la ribera frente a las transformaciones socioambientales derivadas del impacto de la inundación y desplazamiento territorial.

En este sentido la experiencia vivida, los procesos psicosociales en nuevos territorios y la comprensión de las dificultades y expectativas en un nuevo territorio, forman parte de la comprensión disciplinar desde la psicología. Con esta lectura socioambiental se da una reflexión desde los impactos materiales y simbólicos a partir de las inundaciones, y el valor dado a las narrativas de las comunidades en la recuperación y significación de su identidad cultural, y los cambios generados a nuevas relaciones generacionales.

La tierra como un lugar de transición y la importancia del factor dado al territorio y territorialidad, forman parte de estos nuevos

elementos que se instauran en las relaciones de sus integrantes, fortaleciendo con ello una nueva visión espacial y surgimiento de nuevas organizaciones que favorezcan su bienestar. De allí que lo material como simbólico genera una esperanza en la relación con su territorio de origen. Finalmente se tiene una relación que puede ser denominada de causa y efecto al considerar que una ruptura representa un recomienzo y se tiene una mirada siembre basada en el pasado, presente y futuro como forma de esperanza.

Se puede decir entonces que situaciones ambientales también son el resultado de la actuación del ser humano sobre su ecosistema, por ello para Ramírez e Higuera (2022) en su investigación brindan una reflexión dada desde la educación “normal” en el siglo XXI basado en la contaminación del río Atoyac den Tlaxcala en México. Esta reflexión aborda la necesidad de fortalecer el pensamiento complejo basado en la teoría de sistemas y la inter y transdisciplinariedad. Es responsabilidad en la relación Estado, empresa y universidad, esto implica que hoy en día en el mundo globalizado, no se aborde una realidad disciplinar alejada de la relación entre ellas.

Así como se avanza, se requiere también que el conocimiento desde la complejidad tenga elementos que se estructuren teorías, perspectivas y modelos interdisciplinarios, esto como un reto en el modelo de educación siendo necesario la motivación en el interés de la diversidad de la realidad social. Así como los problemas son complejos, se requiere igualmente tener una integración de trabajo transdisciplinar para que el intercambio de información e integración disciplinar sea un reto paradigmático que demuestre también una nueva perspectiva de estudio.

El estudio arroja que las investigaciones científicas han sido desde la ciencia normal lineal. El énfasis de los conflictos son los poderes prácticos que someten a los estados nacionales, y por ello la necesidad de comprensión de una articulación transdisciplinar que agrupe la realidad social, características y contextos de actuación de diferentes actores gubernamentales, sociales y académicos.

Lo anterior, permite ampliar una mirada a lo básico en la relación del individuo y la naturaleza y todo lo que se relaciona en medio de este binomio, es así que el buen vivir y la relación persona-ambiente permite generar un espacio de reflexión desde la articulación

y perspectiva de la psicología ambiental, tomando como actor principal la agroecología. Es este compromiso el que conlleva a transiciones y dinámicas familiares al igual que movimientos sociales quienes luchan y resisten a minimizar los impactos de un crecimiento desenfrenado que permea la agroecología en una función variante de fin económico hacia un agronegocio.

En coherencia con ello la ponencia e investigación de da Sousa et al. (2022) pretende comprender cuales son las conexiones entre la agroecología y los estudios sobre el buen vivir y la noción del compromiso ambiental. Se resalta que las experiencias previas permiten una reflexión frente a la forma cómo los grupos agroecológicos promueven acción que son revolucionarias frente al buen vivir, de tal forma que estimula en gran medida la participación social y cuestiona el modelo de desarrollo de copropiedades campesinas. Con esto lo que se impulsa es retomar la importancia de los saberes ancestrales respecto de la protección del medio ambiente y el surgimiento de un trabajo colectivo y comunitario.

De allí que algunas de las reflexiones de la investigación logra evidenciar que la agroecología surge como un movimiento de impacto estructural que posibilita cuestiones de orden estructural en una relación respetuosa de los agricultores familiares con el medio ambiente natural y promueven igualmente acciones en el contexto socioeconómico que puedan surgir en políticas públicas promoviendo cambios hacia principios fundamentales que sustenten nuevos paradigmas disciplinares de bases teóricas prácticas del buen vivir y de la psicología ambiental.

La presentación de este grupo de trabajo presenta igualmente un trabajo de investigación que se cuál es el lugar y la identidad en la relación afectiva persona-entorno desarrollado por Sousa e Esmeraldo (2022) integrado desde la expropiación de comunidades rurales y el surgimiento de resistencias a partir de los afectos que involucran la relación de los residentes de las comunidades afectadas, llevando con ello al surgimiento de lideranzas comunitarias donde predomina la pertenencia territorial y la memoria social hacia movimientos en defensa de sus territorios.

La organización termina siendo un elemento articulador para la reivindicación de derechos, solidaridad, afectividad y sobre todo

compromiso de favorecer el bienestar y equilibrio en el entorno que parte del compromiso personal, que minimicen los impactos negativos y se potencialice procesos de participación de los actores locales posicionándose a nivel comunitario en defensa de territorio.

Finalmente este grupo de trabajo reflexiona, plantea y actúa en la necesidad de seguir acompañando a las comunidades, visibilizando sus luchas y generando factores que promuevan cambios y perspectivas de articulación, desde una comprensión disciplinar y transdisciplinar, reconociendo con ello realidades emergentes, contextos y contribuyendo activamente en políticas públicas, resistencias y movilizaciones sociales en defensa de territorio y el medio ambiente, frente a una realidad que conlleva dinámicas psicosociales.

## Referencias

Graña, F., & Soares, A. (2022). *A inter-relação sujeito-ambiente e as transformações*

*socioambientais atreladas ao deslocamento territorial de famílias ribeirinhas do baixo rio Madeira* [Apresentação Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Oliveira, S., Mendocça, M., & Ferreira, M. (2022). *A psicologia na gestão integral de riscos, emergências e desastres: um estudo sobre a atuação no estado do Rio Grande do Norte* [Apresentação Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Ramírez, A., & Higuera, E. (2022). *Contaminación del río Atoyac en Tlaxcala, México; la educación “normal” en el siglo XXI* [Apresentação Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Sousa, C., Pessoa, H., & Cruz, Z. (2022). *Agroecologia, bem viver e relação pessoa-ambiente: articulações sob a perspectiva da psicologia ambiental* [Apresentação Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Sousa, C., Pessoa, Cruz, Z., & Esmeraldo, L. (2022). *Meu lugar, minha identidade: relação afetiva pessoa-ambiente e os processos de desapropriação em comunidades rurais do Ceará, Brasil* [Apresentação Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

## GT 03. CICLOS DE VIDA Y RURALIDADES

Krisna Tolentino-Toro

Silvia Pimentel-Aguilar

### Introducción

El grupo de trabajo TG 03, se planteó revisar diversas experiencias relacionadas al ciclo vital, siendo las niñeces, juventudes y adulteces mayores, los principales grupos de análisis.

En primer lugar, Beatriz Corsino-Pérez, y Amanda Thuns-Biazzzi, en *“Brincadeiras, narrativas e trocas intergeracionais: crianças e jovens como agentes na preservação da memória social”*, reflexionan sobre una experiencia de intervención psicosocial realizada en la comunidad negra rural de Cafuringa, en Campos dos Goytacazes, Brasil, y analizan cómo las leyendas y las narrativas contribuyen a la construcción de la memoria social, así como el papel de los niños en su mantenimiento; en el supuesto que, la memoria colectiva, no solo debe ser recuperada desde los propios agentes oprimidos, sino por el sentimiento de pertenencia e identificación socioafectiva que produce.

Por su parte, Guiomar Alegria Souza Silva Nobre, Denise Machado Duran Gutierrez, en *“Idosos dependentes ribeirinhos: conflitos geracionais manifestos no cuidar”* identifican los principales conflictos que afrontan los cuidadores de ancianos-as ribereños en situación de dependencia en la Ribera Amazónica, quienes al vivir en poblaciones con accesos limitados a los servicios de salud deben depositar en sus familiares sus cuidados.

Silvia Pimentel-Aguilar, Edgar Ramírez-González en *“Processos psicosociais de género y empoderamiento económico en la infancia rural, a través del aprendizaje musical en una comunidad de bosque mesófilo de niebla”* identifican los facilitadores y obstaculizadores de la educación musical infantil, sus oportunidades de resiliencia/empoderamiento y las repercusiones del acoso y el bullying en niñas y niños de una comunidad rural en Tepexilota, Veracruz, México.

El trabajo de Limber Santos Casaña y Mariana Mercadal Lema, *“Imágenes de las infancias rurales de mediados del siglo xx.”*

*miradas desde México y Uruguay*” abordan la construcción de la infancia Rural en México y Uruguay a partir de documentos del siglo pasado, desmitificando la creencia de ausencias de registros sobre la infancia rural.

Mientras que Beatriz Corsino Pérez, Juliana Thimóteo Nazareno Mendes, Leda Regina de Barros Silva en su preocupación por la ausencia de sistematizaciones en torno a las amenazas y violaciones a los derechos de niñas y niños en sectores rurales, se plantean en “*A construção do diagnóstico social sobre a primeira infância campista: o que dizem as crianças das áreas rurais?*” producir conocimiento sobre las diferentes infancias existentes en un municipio rural em Brasil, involucrando en el proceso a los propios niños.

Por su lado, Andressa Camila Lenz Sott, Thamara Barbosa Dias, Conrado Pavel de Oliveira en “*Da ciranda ao trabalho: reflexões sobre uma experiência no movimento dos trabalhadores rurais sem terra*”, reflexionan sobre el trabajo productivo en Cirandas, en las plantaciones Solidarias que distribuyen alimentos para familias vulnerables, en el marco de un proyecto de Movimiento de trabajadores rurales sin tierra en la Zona da Mata Mineira, Brasil. Se aborda la Ciranda como momento de formación, lúdico, que potencia la pertenencia de niñas y niños al movimiento, reflexiona críticamente sobre la realidad y los derechos de la niñez, y sitúa a les niñes como sujetos activos por la lucha social.

El trabajo, “*O meu biso passou pro vô, o vô passou pro pai e no caso o pai passaria pra nós: a sucessão rural e a saúde mental de jovens no processo sucessório*”, realizado por Luthiane Pisoni Godoy y Deise Lisboa Riquinho, se plantea el desafío de comprender las concepciones sobre la sucesión familiar de jóvenes que viven en áreas rurales y los factores de sufrimiento psíquico que este proceso implica, en la región de frontera noroeste de rio grande do sul.

Y finalmente, José Fernando Andrade Costa y Rebecca Jesús dos Santos en “*A vida na roça: um estudo psicossocial sobre construção da identidade em contextos rurais*” se plantean la necesidad de investigar la construcción de la identidad en contextos rurales comprendiendo cómo este proceso se relaciona con las concepciones de “roça”, término utilizado para referirse a las zonas rurales, que indica desde experiencias de trabajo/vivienda hasta contextos socioafectivos.

## **Tipos De Investigación**

El diseño metodológico principalmente utilizado fue el cualitativo por, tal y como plantea Pisoni Godoy y Lisboa Riquinho (2022), su preocupación por la dinámica relacional, los significados y el proceso de los fenómenos a estudiar; siendo un ejemplo de ello, el trabajo de Andrade Costa y Jesus dos Santos, (2022) que se sitúa desde la investigación participativa.

## **Estrategia De Producción De Datos**

Dentro de las estrategias de producción de información referenciadas en el grupo se mencionan, las entrevistas semiestructuradas (Corsino Pérez y Thuns Biazzi, 2022; Pisoni Godoy y Lisboa Riquinho, 2022; Souza Silva Nobre y Machado Duran Gutierrez, 2022), los talleres (Corsino Pérez y Thuns Biazzi, 2022; Corsino Pérez, Nazareno Mendes y de Barros Silva, 2022), el diario de campo (Lenz Sott, Thamara, Barbosa Dias y Pavel de Oliveira, 2022; Souza Silva Nobre; Machado Duran Gutierrez, 2022); la observación participante (Pimentel-Aguila y Ramirez-Gonzalez, 2022; Lenz Sott, Thamara, Barbosa Dias y Pavel de Oliveira, 2022); la metodología de la escucha a partir de investigaciones de intervención psicosocial (Machado, 2004 en Corsino Pérez, Nazareno Mendes, de Barros Silva, 2022); la construcción de corpus documentales como el elaborado por Santos Casaña y Mercadel Lema (2022), y el de datos de organismos municipales, estatales y federales del equipo Corsino Pérez, Nazareno Mendes y de Barros Silva (2022).

## **Métodos de Análisis**

Entre los métodos mencionados por la agrupación de ponentes se encuentra el análisis de contenido (Souza Silva Nobre y Machado Duran Gutierrez, 2022; Pisoni Godoy y Lisboa Riquinho, 2022), el análisis documental de textos ensayísticos (Santos Casaña y Mercadel Lema, 2022) y análisis de datos (Corsino Pérez, Nazareno Mendes y de Barros Silva, 2022).

## **Participantes**

El primer grupo de participantes son niños, niñas, niños y jóvenes. Dentro de estos, cerca de treinta niños y jóvenes de la co-

munidad negra rural de Cafuringa, en Campos dos Goytacazes, en el norte del estado de Río de Janeiro, Brasil (Corsino Pérez y Thuns Biazzi, 2022); dieciocho niños y ocho niñas de la comunidad de Tepexilotla, Veracruz, México (Pimentel-Aguilar y Ramírez-González, 2022); trescientos niños, del campo y la ciudad, con discapacidad, entre otros, y con edades entre 4 y 6 años, distribuidos en los trece territorios y en grupos específicos de comunidades tradicionales, barrios marginales, ocupaciones rurales del municipio de Campos dos Goytacazes, en el norte del estado de Río de Janeiro, Brasil (Corsino Pérez, Nazareno Mendes y de Barros Silva, 2022); niños y niñas de la Región de la Zona da Mata Mineira, en el Asentamiento Dé-nis Gonçalves, Brasil (Lenz Sott, Thamara, Barbosa Dias y Pavel de Oliveira, 2022); y 28 jóvenes, de entre 15 a 24 , de las ciudades de Porto Mauá, Horizontina y Tuparendi, Brasil (Pisoni Godoy, Lisboa Riquinho, 2022).

El segundo grupo son adultos y personas de la tercera edad como el trabajo de Souza Silva Nobre y Machado Duran Gutierrez (2022) quienes trabajaron junto a diez ancianos dependientes ribereños y ocho cuidadores familiares de dos comunidades ribereñas del estado de Amazonas, Brasil; o la entrevista realizada a una participante quien narró su historia de vida en el área rural de Jiquiriçá, Bahía, Brasil ( Andrade Costa y Jesus dos Santos, 2022)

En cuanto a los corpus documentales, uno de ellos, se organizó en torno a la investigación, periodística y literaria del segundo cuarto del siglo XX, que en México y Uruguay, consideraron la idea de la infancia rural (Santos Casaña y Mercadal Lema, 2022) y los datos provistos por organismos municipales, estatales y federales (Corsino Pérez, Nazareno Mendes y de Barros Silva, 2022) en el proyecto desarrollado por el equipo de investigación y la NIJUP/UFE, en alianza con el Consejo Municipal de Promoción y Defensa de los Derechos del Niño y del Adolescente - CMPDCA

## **Resultados**

Beatriz Corsino Pérez y Amanda Thuns Biazzi (2022) constatan que niños-as y jóvenes se vuelven agentes preservadores de memoria social al apropiarse y experimentar las leyendas, cuentos y narraciones; la infancia Cafuringa se apropia de la narrativa del árbol

de la Jaca manteniéndola como memoria local. Las autoras plantean que las narrativas que circulan por Cafuringa dan cuenta de cambios en las prácticas festivas como el abandono del candomblé con la llegada de la iglesia evangélica

Pimentel-Aguilar y Edgar Ramírez-González (2022), señalan que el aprendizaje musical en la población infantil de Tepexilotla fue mayor en niños que en niñas, a causa del bullying y el acoso sexual de sus compañeros que las llevaron a desertaron del proyecto. Tras el aprendizaje varios de los estudiantes aprendieron capacidades musicales que al ponerlas en práctica han fortalecido su empoderamiento económico y personal.

Lenz Sott, Thamara, Barbosa Dias, Pavel de Oliveira (2022) desde una apuesta la política de las niñeces, señalan cómo la Ciranda se vuelve un método formativo propicio de sensibilización a partir del trabajo de concientización de la productividad en los niños, creando una significación colectiva. Participar en actividades de siembra, planificación conjunta de cultivos, plantación de semillas, etc. y en medio de diálogos y problematizaciones, los niños fueron sumando una comprensión tanto de lo que vivían como de la realidad que se buscaba cambiar.

Por su parte Pisoni Godoy, Lisboa Riquinho (2022) evidencian que pocos jóvenes rurales tienen espacio para abordar sus sentimientos sobre la sucesión con sus padres, en consecuencia, la comprensión de la sucesión puede ayudar a entender y transitar el proceso contribuyendo a la salud mental de los jóvenes. Finalmente, Andrade Costa y Jesus dos Santos (2022) plantean la importancia de plantear interlocuciones entre el proceso identitario y los diferentes sentidos de la experiencia de vida en el medio rural, especialmente en relación a la noción de “roça”.

Desde otra línea, Santos Casaña y Mercadal Lema (2022), muestran el juego como una interesante unidad de observación/información para conocer la niñez rural en el siglo pasado. En el caso mexicano, la idea del niño rural gira en torno a las Casas del Pueblo (Fuentes, 1986 en Santos Casaña y Mercadal Lema, 2022) mientras que, en el caso uruguayo, en torno a la escuela rural (Castro, 1944 en Santos Casaña y Mercadal Lema 2022). Se abordan juegos infantiles, de construcción simbólica, donde los hijos de los peones vs los de

los patrones permitieron observar las diferencias de clase. A su vez, Corsino Pérez, Nazareno Mendes, de Barros Silva (2022) tras su análisis de datos institucionales y escucha a primera infancia rurales a través de metodología de juegos (roles, relatos), donde las niñas y los niños identificaron cambios, tensiones, necesidades y sus contextos, contribuyen a un diagnóstico social de las niñeces rurales del municipio de Campos dos Goytacazes, en el norte del estado de Río de Janeiro dando cuenta de situaciones desventajosas como confinamiento -pese a la presencia de amplios territorios para practicar deporte o jugar- ausencia de implementación del currículo educativo, dificultad de acceso a áreas de esparcimiento y servicios, entre otras.

Finalmente, Souza Silva Nobre y Machado Duran Gutierrez (2022) muestran los conflictos intergeneracionales como el principal problema de las familias cuidadoras de los ancianos ribereños dependientes del Amazonas.

## **Discusiones**

Beatriz Corsino Pérez y Amanda Thuns Biazzi (2022) plantean que tanto los diálogos intergeneracionales como intrageneracionales preservan la memoria, y estos, juntos a los juegos y las narrativas incitan a los niños a resistir opresiones al promover la conexión con el territorio. La intervención psicosocial, pueden contribuir a la valorización de la cultura local, fortaleciendo los lazos entre los diferentes grupos generacionales con el territorio, provocando la reflexión sobre el pasado, y promoviendo las interacciones de los niños con su historia.

Souza Silva Nobre y Machado Duran Gutierrez (2022) plantean desarrollar más estudios que escuchen a los ancianos dependientes y sus familias en el contexto ribereño, para orientar a los familiares sobre estos conflictos generacionales, su afrontamiento, disminuir la intensidad de los enfrentamientos y promover el cuidado de calidad.

Pimentel-Aguilar- Ramírez-González (2022) discuten en torno a los efectos del sistema patriarcal en las diferencias de género en perjuicio de las niñas; sin embargo, insisten en la formación musical rural como una herramienta educativa que brinda oportunidades de empoderamiento económico y cultural a niñeces y juventudes.

Santos Casaña y Mercadal Lema (2022) señalan cómo la lógica de la construcción simbólica sigue la lógica de los patrones y los peones, los ricos y los pobres que impacta también en las niñeces rurales.

Corsino Pérez, Nazareno Mendes, de Barros Silva (2022) tras su diagnóstico plantea un aumento en las condiciones de vulnerabilidad de las familias con niños pequeños, así como la limitada y precaria oferta de servicios públicos para este grupo etario y sus familias.

Lenz Sott, Thamara, Barbosa Dias, Pavel de Oliveira (2022) plantean las potencialidades de la “Ciranda productiva” para la construcción de una praxis educativa que aprehenda la realidad a través de un trabajo no alienado, donde los niños como sujetos participan de una reflexión sobre su lugar en el colectivo, desarrollando la capacidad de comprender la complejidad de las relaciones sociales

Finalmente, Pisoni Godoy, Lisboa Riquinho (2022) destacan la importancia de incorporar una mirada biopsicosocial, para ampliar la visión de la sucesión familiar y el momento de decisión de la juventud rural; mientras que Andrade Costa y Jesus dos Santos, (2022) discuten sobre la complejidad de la identidad en los contextos rurales.

## **Conclusiones**

En el grupo de trabajo se concluye que lo rural deja de presentarse como una variable para constituirse en una perspectiva desde donde abordar los diferentes fenómenos asociados al ciclo vital. Como un lugar de enunciación desde dónde comprender, articular y construir el conocimiento, se plantea en ineludible comunión con la perspectiva de los feminismos interseccionales (clase, etnia, género) y decoloniales dada las importantes opresiones de género, etnia, territorio que siguen activas en las ruralidades.

Se sostiene la potencia de los estudios de memoria en las ruralidades, desde las niñeces, como una forma de resistir las expresiones de opresión, en muchos casos de corte extractivista, a partir de la conexión con los territorios. Se discute sobre la importancia de desarrollar metodologías de investigación para las ruralidades y las niñeces, señalándose el arte como una alternativa de educación

en ruralidad. Se aborda el tensionar la categoría Ciclo vital desde las ruralidades las cuales no se organizan de acuerdo a la lógica hegemónica de los centros y se insiste en la importancia de visibilizar las experiencias rurales para fomentar la heterogeneidad territorial; poniendo ejemplo de recuperación de prácticas, como la Ciranda, para conectar a las niñeces y juventudes con las adulteces su saberes y territorios y advirtiendo sobre el riesgo de perpetuar la invisibilización de las infancias rurales en los imaginarios actuales.

Se problematiza la cuestión de los accesos a los servicios en las zonas aislada como las ribereñas y se insiste en la importancia de la intersectorialidad e interdisciplinariedad como lugar de transformación en base a prácticas colaborativas y comunitarias. Se plantea la importancia de abordar las identidades rurales, tradicionales y contemporáneas en el desafío de las nuevas migraciones ciudad campo.

## Referencias

Casaña, L. S., & Lema, M. M. (2022). *Imágenes de las infancias rurales de mediados del siglo xx. miradas desde México y Uruguay* [Presentación Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Corsino-Pérez, B., & Thuns-Biazzi, A. (2022). *Brincadeiras, narrativas e trocas intergeracionais: crianças e jovens como agentes na preservação da memória social* [Presentación Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Costa, J. F. A., & Santos, R. J. (2022). *A vida na roça: um estudo psicossocial sobre construção da identidade em contextos rurais* [Presentación Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Godoy, L. P., & Riquinho, D. L. (2022). *O meu biso passou pro vô, o vô passou pro pai e no caso o pai passaria pra nós”: a sucessão rural e a saúde mental de jovens no processo sucessório* [Presentación Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus, Brasil.

Nobre, G. A. S. S., & Gutierrez, D. M. D. (2022). *Idosos dependentes ribeirinhos: conflitos geracionais manifestos no cuidar* [Presentación Oral]. IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural, Manaus,

Brasil.

Pérez, B. C., Mendes, J. T. N., & Silva, L. R. B. (2022). *A construção do diagnóstico social sobre a primeira infância campista: o que dizem as crianças das áreas rurais?* [Presentación Oral]. IV Congresso Latinoamericano de Psicologia Rural, Manaus, Brasil.

Pimentel-Aguilar, S., & Ramírez-González, E. (2022). *Procesos psicosociales de género y empoderamiento económico en la infancia rural, a través del aprendizaje musical en una comunidad de bosque mesófilo de niebla* [Presentación Oral]. IV Congresso Latinoamericano de Psicologia Rural, Manaus, Brasil.

Sott, A. C. L., Dias, T. B., & Oliveira, C. P. (2022). *Da ciranda ao trabalho: reflexões sobre uma experiência no movimento dos trabalhadores rurais sem terra* [Presentación Oral]. IV Congresso Latinoamericano de Psicologia Rural, Manaus, Brasil.

## GT04. EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS RURAIS

Gabriel Rodrigues do Nascimento

Luiz Paulo Ribeiro

### Introdução

As discussões sobre as questões que envolvem a educação em territórios e contextos rurais na América Latina estão presentes desde a primeira edição do Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural. Tal presença marca a atuação de psicólogos e psicólogas a partir das demandas e possibilidades dos processos de ensino-aprendizagem com, para e dos sujeitos que estão em territórios e contextos rurais. Assim como, demonstra a pluralidade de atuações e questionamentos possíveis a partir das interlocuções para com a instituição escolar, referência em diversas comunidades rurais, e com a própria comunidade a partir da educação formal e não formal.

Neste tempo, desde 2013, identificamos que a nomenclatura deste Grupo de Trabalho deveria atender às especificidades de todos os sujeitos dos países participantes. O desafio era grande porque implicava em uma decisão conceitual. Assim, chamar somente “Educação rural” – como é chamada essa modalidade educativa em todos os países hispanos da América Latina – desprivilegiaria o movimento por uma educação do campo realizado no Brasil. Ao mesmo tempo, chama de “Educação do Campo” poderia não fazer sentido para os demais países. Assim, a proposta em chamar de “Educação em contextos rurais” surge para abarcar diferentes visões sobre a produção de sentidos e significados sobre o fenômeno educativo em territórios em que a ruralidade seja a referência para os sujeitos que frequentam tal espaço educativo/educacional. Sabemos que os conceitos de território (Haesbert, 1995; 1997) e contexto (Bertolin & Bohrz, 2020) são díspares, entretanto, demonstram cada um a sua forma, a vinculação possível do sujeito com o rural e, neste caso, com os processos psicossociais de ensino-aprendizagem formal e não formal.

Para além das questões conceituais, o Grupo de Trabalho tem sido um espaço de discussão, demonstração e questionamento de pontos a avançar em relação à própria educação nos contextos rurais latino-americanos, aqui elencamos alguns destes: (a) o direito a

educação é algo proposto como primordial na grande parte dos países que compõem a América Latina, entretanto, para as comunidades rurais, por vezes, o acesso a escola é precário, dependendo do bem querer de instâncias políticas; (b) não se pode deixar de lado a falta de estrutura das escolas rurais/do campo nestes países, ainda há o descaso e a sub valorização destes espaços e dos sujeitos que buscam nela uma educação de qualidade; (c) embora existam políticas de formação de professores específica para se trabalhar em escolas do campo, como é o caso exemplo do Brasil, com os cursos de Licenciatura em Educação do Campo, ainda há um déficit grande de formação de professores para atuar com especificidade nestes contextos; (d) o fechamento de escolas rurais também é uma realidade presente na América Latina, essa ação dos governos além de estar correlacionada com uma justificativa de redução de custos, acaba perfazendo com que crianças e adolescentes do campo tenham que e deslocar para os centros urbanos a fim de frequentar a escola; (e) isso incide na questão do transporte público escolar, que além de ser precário, por vezes, não acontece devido a chuvas ou outras adversidades que impedem o deslocamento e o acesso às comunidades e propriedades. Estes são algumas das problemáticas que podem ser vistas em diferentes contextos rurais latino-americanos. Para conhecer mais sobre esta atuação sugerimos o dossiê organizado pela Rede Latino-Americana de Psicologia Rural na Revista Brasileira de Educação do Campo (Ribeiro et al., 2021a) e o livro lá estas problemáticas são aprofundadas sob diferentes óticas e em diferentes países.

É a partir destas provocações históricas e contextuais que convidamos a vocês a conhecerem o que foi discutido e problematizado a partir dos trabalhos apresentados presencialmente no IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural, que ocorreu na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, no período de 28 de novembro a 01 de dezembro de 2022, no qual fomos coordenadores do Grupo de Trabalho 04: educação em contextos rurais.

## **Registros do GT**

No dia 29/11 pela manhã, as seguintes pesquisas foram apresentadas e discutidas: no trabalho intitulado “Educação em Contexto”

tos Rurais em Tempos de Pandemia: relatos Brasil-Argentina”, dos autores Luiz Paulo Ribeiro; Nayara Cristine Carneiro Carmo; Sandra Emilia Hoffman Martins, se propuseram a conhecer as repercussões das ações no enfrentamento à pandemia do coronavírus da educação em contextos rurais em duas regiões da América Latina, o estado de Minas Gerais (Brasil) e a província de Misiones (Argentina). Seus resultados mostraram que as ações dos professores suplantam as iniciativas dos governos, que por vezes realizam ações generalizantes apagando as especificidades e a identidade dos contextos rurais, entre outras constatações na pesquisa.

O trabalho intitulado “Questões Agrárias e Educação do Campo: Reforma Agrária Já”, dos autores Wellington da Rocha Almeida e Juliana da Silva Nóbrega buscam refletir sobre as questões agrárias em interface com as contribuições epistemológicas da Educação do campo. Suas considerações finais são de que A Reforma Agrária não se resume somente a luta por retoma de terra. Mas a luta por terra, escolas instaladas nos territórios, saúde e garantia de direitos.

No trabalho intitulado “Políticas Públicas de Formação Continuada de Professores/as das Escolas do Campo em Parintins-AM”, dos autores Érica de Souza e Souza, Gabriel Rodrigues do Nascimento e Heloísa da Silva Borges, foram analisadas as políticas públicas de formação continuada de professores/as de escolas do campo do município de Parintins-AM, especificamente na escola da Comunidade do Tracajá. Seus resultados mostraram que na cidade em Parintins, as políticas neoliberais estão representadas pela política da nucleação e do transporte escolar que nega às crianças, jovens e adultos do campo o direito de serem educados no seu local de origem.

No trabalho intitulado “Das Raízes aos Frutos: a Relação dos Movimentos Sociais e Sindicais com a Licenciatura em Educação do Campo da UFMG”, das autoras Nayara Cristine Carneiro Carmo, Cristhianne David Antunes Oliveira, se buscou investigar a relação dos movimentos sociais e sindicais com a Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Minas Gerais. Seus resultados identificaram que escolhas, que parecem “individuais”, estão ancoradas, mesmo que sem perceber inicialmente, dentro de um quadro que constitui uma rede de relações coletivas altamente complexas, ondem atuam os movimentos sociais.

Durante a tarde do dia 29, houve a apresentação das seguintes pesquisas: No trabalho intitulado “Psicologia nos Contextos de Educação Rural na América Latina”, dos autores Guilherme Salvino Signorini, Luiz Paulo Ribeiro, Rodrigo Miguel Rojas-Andrade, eles buscam estudar as diferentes práticas da Psicologia nos contextos educacionais rurais. Os resultados identificaram as dificuldades de locomoção para realização dos atendimentos psicopedagógicos; resistência inicial dos sujeitos camponeses quanto a intervenções psicológicas em função de desconhecimento e preconceitos relacionados à profissão; e falta de dispositivos públicos no meio rural promotores de saúde mental. Além disso identificaram que nos países pesquisados há duas formas de se ‘fazer’ psicologia em contextos educacionais rurais: uma em que se faz intervenções sobre a aprendizagem na escola e outro que utiliza a escola como espaço de intervenção comunitária.

No trabalho intitulado “Tecnologia Assistiva como Recurso Pedagógico para Ensino de Alunos Autistas em Escola de Assentamento”, das autoras Wania Ribeiro Fernandes e Máisa Lemos de Lima, é discutido como as tecnologias assistivas auxiliam o processo de inclusão dos estudantes em escolas de assentamento. Suas considerações indicam que incluir vai além do inserir o aluno no contexto escolar, e sim, ter acesso a todos os recursos disponíveis na escola, isso envolve recursos materiais e também conteúdos ministrados pelo professor em sala.

No trabalho intitulado “La Mentoría como Herramienta Clave para el Desarrollo de Capacidades para la Práctica: Aportes a partir un Estudio sobre Formación de Extensionistas Rurales Latinoamericanos”, do autor Fernando Landini, se investigou como a estratégia formativa chamada Mentoria auxilia na formação de profissionais de extensão rural na América Latina. Seus resultados indicam que a Mentoria seria uma ferramenta chave para o desenvolvimento de competências a nível institucional e comunitário.

Durante o dia 30, houve a apresentação das seguintes pesquisas:

No trabalho intitulado: “Projeto Gestão Social nas Escolas: Impactos na Educação a partir dos Conceitos da Gestão Social, Participação Social, Territorialidade e Protagonismo Jovem”, cujas auto-

ras são Hellen Alves de Oliveira, Eduardo Leite Alves, Cícera Mônica da Silva Sousa Martins, Waléria Maria Menezes de Moraes Alencar, se buscou estudar como o fomento ao protagonismo jovem, a conscientização ambiental e pertencimento e ambientação ao espaço escolar no contexto rural se estruturam num projeto de gestão social numa escola pública do interior do Estado do Ceará. Os resultados mostraram que para os facilitadores, ocorrem benefícios para a formação acadêmica e profissional, experiência em ambientes multidisciplinares e fora da academia e recorte nostálgico de agora estar em posição de facilitadores uma vez que já foram público-alvo.

No trabalho intitulado “Processos Formativos no Contexto Amazônico: Desafios Socioespaciais e Pandêmicos”, cuja autora é Dayse da Silva Albuquerque, se buscou refletir sobre os processos formativos no contexto amazônico e seus desafios, de modo a avançar na proposição de estratégias vinculadas às singularidades da região, especificamente durante as disciplinas no PARFOR/UFAM. Os resultados identificaram que alguns discentes necessitaram do suporte dos colegas para acompanhar as atividades, por não terem celular disponível ou acesso à internet que possibilitassem o envio do material ou o devido acompanhamento das discussões. Alguns prazos também precisaram ser estendidos e algumas propostas iniciais foram alteradas para facilitar os processos de ensino-aprendizagem.

No trabalho intitulado “Las Relaciones de Parentesco en La Escuela Rural: Los Alumnos Hermanos y Los Desafíos Desde la Enseñanza”, de autoria de Mariana Gabriela Mercadal Lema, se buscou indagar acerca das relações de parentesco de irmãos numa escola rural do Uruguai. Seus resultados mostraram que os aspectos presentes na invenção do fazer nas práticas escolares, o cuidado de si e dos outros, as relações de poder entre os alunos irmãos e as relações de gênero entre os alunos irmãos são pontos fortes em futuras pesquisas nessa temática.

No trabalho intitulado “Coeducación en la Ruralidad - Los Estereotipos de Género No Son Un Juego, Pero Pueden Eliminarsé Jugando”, do pesquisador Carlos Manuel Luna Maldonado, se buscou investigar como eliminar os estereótipos de gênero existentes em meninas e meninos presentes em populações rurais da Colômbia. Os resultados mostraram que a coeducação surge como uma resposta

pontual e efetiva contra as desigualdades nos processos de formação, assim como é importante reconhecer o valor da ruralidade nos países latino-americanos, valorizar a riqueza social e cultural que seus habitantes possuem.

Durante o dia 01, houve a apresentação das seguintes pesquisas: No trabalho intitulado “Estrategias de Investigación para Impulsar Procesos de Cambio e Innovación Socio-institucional en Contextos Rurales: Investigación Participativa y Co-innovación a Partir del Análisis de un Proyecto Implementado en Argentina”, cujos autores são Fernando Landini e Santiago Conti, o objetivo da pesquisa foi identificar características chave de uma proposta de investigação orientada a gerar processos de mudança e inovação socioinstitucional que podem ser úteis em outros contextos. Os resultados mostraram o potencial interesse de características da proposta apresentada, seus elementos e estratégias que podem se repetir em outros contextos.

No trabalho intitulado “Análisis del Vínculo entre Extensionistas y Productoras Rurales en el Contexto de Trabajo de Tres Organizaciones de Ferias Francas”, de autoria de Luciana Vargas, o objetivo da pesquisa foi abordar o vínculo extensionistas - produtoras no contexto de formação e trabalho de três organizações de feiras francas na província de Formosa, Argentina. Seus resultados mostram que, entre outros pontos, a importância de que os técnicos desenvolvam capacidades e habilidades pessoais e atitudinais que favoreçam o desenvolvimento de relações de confiança, diálogo e trato horizontal com os produtores.

## **Algumas considerações**

Nesta edição do Congresso de Psicologia Rural foram recebidos trabalhos de diferentes países da América Latina. Presencialmente tivemos a oportunidade de (re)conhecer os trabalhos oriundos do Brasil (de diferentes regiões que marcam a pluralidade do rural brasileiro), Argentina, Colômbia, Uruguai e Chile.

Um dos pontos evidenciados foi o reflexo da pandemia da Covid-19 na manutenção das atividades escolares rurais. O que se pode notar é que a pandemia trouxe à tona uma série de iniquidades que já existiam antes deste período e que já relatamos mais acima. Ou seja, os desafios de comunicação – que é apenas um de tantos desafios

– já estavam postos para as populações do campo antes mesmo do período de restrições sociais impostas pela pandemia. Ribeiro et al. (2021b) demonstram o reforçam as discussões feitas neste aspecto.

Por outro lado, foi ressaltado também nos trabalhos apresentados, que a luta pela educação pública, gratuita e de qualidades nos contextos rurais da América Latina também passa pela luta por terra. Isso quer dizer que o reconhecimento dos direitos dos povos do campo da América Latina perpassa pelo direito de ter e produzir em seu espaço de vida, ou seja, viver, plantar e estudar.

Outrossim, como evidenciado na introdução deste texto, os trabalhos apresentados indicaram os desafios e potencialidades para a formação de professores para atuarem em escolas em contextos rurais na América Latina. Desta vez, além da formação em nível de graduação, foram evidenciadas iniciativas governamentais para a formação de professores que já estão em atuação nas escolas do campo. As principais dificuldades apontam um caminho a ser trilhado, mas também que já existem iniciativas para superação das iniquidades: as universidades públicas estão imbricadas nestes processos.

A relação entre a Educação e Extensão rural também foi evidenciada e demonstra avanços no reconhecimento que os processos de ensino-aprendizagem com os povos do campo acontecem também em outros espaços e que demandam também a atenção de profissionais da educação e psicologia. Neste caminho, para finalizar, ressaltamos o papel dos profissionais da psicologia para com as juventudes e famílias rurais, elementos/sujeitos/instituições sociais que precisam de atenção para o câmbio social e valorização do rural como espaço de vida, desenvolvimento profissional, social e sustentável.

## **Agradecimento**

Agradecemos aos movimentos sociais e sindicais do campo e pelos sujeitos camponeses pela luta incansável em prol do direito a educação para, com e dos povos camponeses na América Latina: “Educação do campo, direito nosso e dever do Estado!”.

## Referências

- Bertolin, J. C. G., & Bohrz, R. (2020). Diálogo, contextualização do saber e autonomia em Paulo Freire e a semipresencialidade na Educação Superior. *Revista Diálogo Educacional*, 20(66), 1436-1461. <https://doi.org/10.7213/1981-416x.20.066.ao03>
- Haesbaert, R. (1995). Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In I. E. Castro, P. C. C. Gomes, & R. L. Corrêa (Eds.), *Geografia: conceitos e temas* (pp. 165-205). Bertrand Brasil.
- Haesbaert, R. (1997). *Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*. EDUFF.
- Ribeiro, L. P., Rojas-Andrade, R., & Olivera-Méndez, A. (2021). Educación en contextos rurales y la Psicología Rural: encuentros latinoamericanos. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, 6, e12605. <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e12605>
- Ribeiro, L. P., Leal, A. A. A., Oliveira, L., & Ribas, S. R. S. (2021). Educação, povos do campo e pandemia da COVID-19: reflexões a partir de um projeto de extensão de uma universidade pública brasileira. *Revista Ibero-Americana de Educação*, 86(1), 79-96. <https://doi.org/10.35362/rie8614259>

## GT06. GÊNERO E RURALIDADES

Luciana Vazquez

Maria da Graça Silveira Gomes da Costa

Rita de Cássia Maciazeki Gomes

### Introdução

Quais as contribuições da Psicologia Rural em relação a “gênero e ruralidades”? Foi buscando responder esta questão que iniciamos o debate do grupo de trabalho (GT) *Gênero e ruralidades* realizado no IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural (Manaus, Brasil). O GT contou com um total de 19 trabalhos, dos quais 6 foram expostos presencialmente durante o encontro e 13 enviaram suas apresentações virtuais, a partir de diversos países da América Latina.

Quando falamos de gênero podemos pensá-lo como um sistema, como uma rede de relações e desigualdades. O patriarcado e a cis-heteronormatividade promovem desigualdades e lacunas no acesso aos direitos fundamentais de mulheres, pessoas lgbtqi+ e pessoas dissidentes de gênero. Nesse sentido, a perspectiva de gênero é uma forma de olhar e analisar o mundo considerando disputas e relações de poder em contextos sociais específicos no que se refere aos aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos etc. Ao falarmos sobre as categorias “homens” e “mulheres”, não podemos pensar em sujeitos dados *a priori*, mas sim em construções discursivas a partir de uma determinada representação identitária, política e jurídica.

Segundo Marcela Lagarde (1994), gênero é mais que uma categoria, é uma teoria ampla que engloba categorias, hipóteses, interpretações e conhecimentos relacionados ao conjunto de fenômenos históricos construídos em torno do sexo. O gênero está presente no mundo, nas sociedades, nos sujeitos sociais, em suas relações, na política e na cultura.

É de extrema importância que no âmbito deste evento tenha sido criado um eixo específico que nos convide a pensar e questionar-nos não só em relação às mulheres, mas também como

olhar e observar as nossas ações e intervenções numa perspectiva de gênero. Historicamente, as mulheres, pessoas lgbtqia+, pessoas que fogem às normas hegemônicas de gênero, foram invisibilizadas em lugares instituídos de produção de conhecimento, concentrando-se em estudos e análises antropocêntricas. Esta escrita é também um convite a tornar visível a realidade das mulheres e pessoas dissidentes de gênero e sexualidade do meio rural.

Embora na América Latina tenha havido um importante avanço no que diz respeito aos direitos das mulheres e das diversidades, ainda existem grandes desafios em relação ao cumprimento dos mesmos, garantindo os mecanismos de implementação e, ainda, levando em consideração as interseções ali presentes. Por exemplo, é fundamental poder pensar as questões étnico-culturais, de classe e raciais que perpassam a questão de gênero.

A interseccionalidade surge, dessa forma, como uma ferramenta analítica para compreender as interseções que podem existir entre gênero/sexo com outras características/identidades e como essas interseções contribuem para experiências complexas e únicas de discriminação. Tomamos como referência, a “Antropologia Feminista” (Henrieta Moore, 1991) que toma as diferenças e interseções entre gênero e classe como dimensão para entender a evolução das relações de gênero. Expandindo-o para as interseções entre gênero, classe, raça, ideologia e situação econômica, Moore afirma que “esses fatores não podem ser analisados como se fossem simplesmente ‘aditivos’, suas interseções são sempre complexas e exclusivas de um período histórico, portanto devem ser examinados do ponto de vista empírico” (p. 156).

Quando olhamos para as questões de gênero e ruralidades a partir de uma leitura interseccional, vemos que as questões atravessam os diferentes corpos e realidades são múltiplas e se relacionam, em grande medida, com os contextos territoriais específicos em que cada pessoa e coletivo está inserido. Alguns dos temas presentes nas apresentações nos chamam atenção para essa diversidade e para as suas singularidades: Povos indígenas, povo quilombola, campesinato, políticas públicas, relacionamento com o meio ambiente, participação de mulheres em processos cooperativos, processos organizacionais, violência, interseccionalidade, movimentos sociais, acesso a

direitos, vulnerabilidade, saúde, sexualidade, gênero e trabalho no campo, estereótipos, feminismos, representações sociais, trabalhadores rurais, mulheres de associações, reforma agrária, desigualdade.

Identificamos, a partir dos debates, alguns eixos/questões que consideramos importante desenvolver, os quais detalharemos a seguir a partir dos trabalhos apresentados no GT.

### **Trabalhos apresentados no GT “gênero e ruralidades”**

Os temas, abordagens teóricas e relatos de experiências abrangidos no GT apontam para a diversidade de atravessamentos que permeiam os contextos rurais na América Latina. São diversas ruralidades e vivências relativas à gênero e suas interseccionalidades.

Uma das questões que nos chama atenção diz respeito a como o impacto da pandemia de covid-19 evidenciou e agravou o processo de vulnerabilidade nos cenários rurais. O trabalho de Ana Leticia Cordeiro e Suely Emilia Barros aborda como as mulheres no Sertão de Pernambuco (Brasil) lidaram com a pandemia e mostra como os megaempreendimentos na região atingem mais fortemente às mulheres, que foram ainda mais precarizadas e sobrecarregadas nesse cenário. No mesmo sentido, o estudo de Fernanda Gurgel, Amanda Klicya Jales, Ana Beatriz de Oliveira Chagas e Évilla Karielly Fernandes, aponta que um dos impactos percebidos pelas mulheres durante a pandemia foi o aumento da sobrecarga do trabalho doméstico e da violência de gênero.

Esses agravos têm relação direta com a saúde das mulheres, em especial, na saúde mental, como nos mostra o trabalho de Francisca Furtado, Victor Hugo Farias da Silva, Josevânia da Silva e Ana Alayde Werba Saldanha, sobre o sofrimento mental feminino em cidades rurais do estado da Paraíba (Brasil). As autoras apontam que sofrimento é influenciado a partir das experiências vividas e do lugar que essas mulheres ocupam nesse meio social, as relações afetivas e conjugais, com destaque para os papéis de gênero e a divisão sexual do trabalho, violência doméstica; o cuidado restrito às figuras femininas, como a maternagem e conflitos geracionais.

A divisão sexual do trabalho, a violência de gênero, a dificuldade de acesso à serviços públicos, a não garantia à terra e a pandemia, aparecem como os principais fatores de adoecimento mental na

pesquisa de Flávia Cunha e Eliane Domingues sobre o ser mulher no Movimento de Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Resultados semelhantes foram identificados por Luciana Vazquez e Joice Becerra sobre os sentidos sobre a saúde e o apoio social comunitário na comunidade tradicional Nivac'che (Argentina), onde as autoras identificaram que as mulheres têm dificuldades de acesso aos serviços básicos de atenção à saúde, pouca informação em saúde e o não reconhecimento de práticas autônomas de cuidado por parte dos profissionais. Assim, as autoras defendem que haja um diálogo entre os profissionais e a comunidade no sentido da revalorização de práticas tradicionais de cuidado no território.

Em relação à divisão sexual do trabalho, o estudo de Mariana Bonomo e Adolfo Pizzinato entre famílias rurais do Espírito Santos (Brasil) identificou que as mulheres utilizam muitas mais horas dos seus dias para o trabalho doméstico quando comparado ao tempo gasto pelos homens. O estudo também aponta que os homens são os maiores responsáveis pelo cultivo de culturas que têm maior valor de mercado, enquanto as mulheres são responsáveis pelas roças e quintais produtivos que são essenciais para a subsistência das famílias. Marília Alves, Cesar Silva e Sebastião Lima discutem como a divisão sexual do trabalho afeta diretamente o trabalho do cuidado e paternidade exercidos pelos homens.

Em paralelo, vários trabalhos vão focar nas estratégias de resistência, cuidado e luta que são empreendidas pelas ações coletivas levadas a cabo pelas mulheres. O trabalho de Maria Fernanda Jaimes e Ginny Luna apresenta como a participação política na associação de trabalhadoras rurais representa uma importante rede de apoio social em relação à saúde mental das mulheres campesinas. No mesmo sentido, o trabalho de Renata Pereira e Suely Emília sobre a prática de futebol por mulheres no Sertão pode contribuir para a construção política, incidência política no território e para a promoção da saúde das mulheres e suas famílias.

Amanda Sá e Dara Felipe também tratam da relação entre participação política e promoção de saúde no contexto de comunidades quilombolas na zona rural, com destaque para a organização das mulheres.

A agroecologia é discutida em muitos trabalhos não só como estratégia produtiva, mas como um modo de desenvolver relações

mais simétricas com a natureza, como discutido por Camila Bortoloni, e de relações de gênero menos desiguais no contexto das ruralidades, como mostra o trabalho de Ana Carolina Ibarra, Adolfo Pizzinato e Manoela Oliveira, a partir da experiência das feiras agroecológicas, ou ainda, como ferramenta pedagógica e de mobilização política, como apresentado no trabalho de Ana Carolina Ibarra, Natalia Ramos e Manoela Oliveira, a partir da experiência da elaboração da cartilha *Mulheres na agroecologia*.

Chama-nos atenção também a multiplicidade de compreensões sobre os feminismos, tal como abordado no trabalho de Míria Moraes Dantas e Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento sobre as representações sociais dos feminismos em contextos de ruralidades no Sertão da Bahia (Brasil).

Percebemos nos trabalhos que diferentes perspectivas feministas são mobilizadas tanto como ferramentas teóricas e de práxis política e de intervenção social. Identificamos singularidades do que podemos compreender como o que a pesquisadora boliviana Astrid Ulloa (2016) nomeou como feminismos territorializados ou territoriais na América Latina para descrever algumas dessas dinâmicas políticas, enfocadas na circulação e defesa da vida, do corpo, do território e da natureza, e na crítica aos processos de desenvolvimento capitalista e extrativista.

## **Quais as contribuições da Psicologia Rural em relação a “gênero e ruralidades”?**

Retomamos então a nossa questão inicial sobre as contribuições da Psicologia rural em relação a gênero e ruralidades. Nos trabalhos apresentados durante o congresso, podemos identificar várias intersecções e como isso nos desafia a pensar o nosso papel a partir da psicologia rural.

Pensar as contribuições da Psicologia Rural em relação a “gênero e ruralidade” passa por interseccionar uma gama de dimensões que compõem os distintos modos de vida das mulheres em contextos rurais, levando em conta sua diversidade, singularidade e localização. Compõem-se assim fazeres que dialogam com outras áreas do conhecimento, posicionados diante das situações de vulnerabilidades, violências e iniquidades sociais, e que levam em conta as es-

pecificidades presentes nas ruralidades latinoamericanas. A partir daí, volta-se a compor práticas ligadas a essas distintas realidades que atravessam as mulheres que habitam, trabalham e se relacionam com as águas, florestas, campos, cerrado e sertões. É imprescindível também considerar os coletivos, as organizações sociais e políticas que as mulheres se associam, se organizam na luta por direitos. Tendo em conta essas dimensões encontramos uma diversidade de possibilidades teóricas e metodológicas expressas nos trabalhos compartilhados no GT Gênero e Ruralidades.

## **Referências**

- Lagarde, M. (1994). Perspectiva de género. *Diakonia*, 71, 23-29.
- Moore, H. L. (1991). *Antropología y feminismo* (Vol. 3). Universitat de Valencia.
- Ulloa, A. (2016). Feminismos territoriales en América Latina: defensas de la vida frente a los extractivismos. *Revista Nómadas*, 45 (1), 123-139.

# GT 07. GRUPOS ÉTNICOS, POVOS ORIGINÁRIOS E RURALIDADES

Lucrecia Petit  
Geana Baniwa

## Introdução

O GT 07 traz a discussão da Psicologia considerando a diversidade de povos que habitam a América Latina, com o objetivo de protagonizar os estudos, pesquisas e epistemologias baseado nos métodos científicos, experiências e vivências de atores e pesquisadores de modo técnico, que reúnem o arcabouço teórico e prático do amplo conhecimento acerca das populações, no contexto rural e territorial na Psicologia e em outras ciências.

Através destas discussões podemos ampliar nossos olhares e perspectiva acerca desta Psicologia que não é somente para as populações, e sim uma Psicologia com as populações, no sentido do protagonismo, do reconhecimento da alteridade, como forma de resistência e perpetuação de luta e de história, numa nação pluriétnica e multicultural, de maneira a ampliar os olhares para estudos que privilegiam os diversos povos, bem como seus modos de vida, seus desafios, aspectos políticos, sociais e culturais.

## Discussão

Sendo assim, durante a realização do GT 07, propusemos um diálogo sobre os trabalhos trazidos e apresentados, interligando uns com os outros, de maneira a refletir e discutir sobre os aspectos estudados. Para isso, na primeira sessão, houve três apresentações: Gercy de Lima Costa (Brasil) apresentou “Suicídio indígena: considerações a partir da revisão da literatura”; Felipe Valenzuela Levi (Chile) Rumo às autonomias em Abya Yala: (Re)pensando o fortalecimento a partir de uma Psicologia Comunitária com abordagem decolonial”, e Luciana Vázquez (Argentina) apresentou “Rumo a um INTA intercultural. Propostas, tensões e desafios”.

Houve um debate sobre as tensões das populações em relação às instituições técnicas ou acadêmicas/científicas que aprovam

ou habilitam (às vezes da ética e outras vezes da burocracia). Eles comentaram sobre a importância de rever conceitos e serem encorajados a reconceituar conceitos-chave da Psicologia Comunitária a partir da dimensão da decolonialidade. No sentido de repensar as práticas coloniais e reconhecer que elas existem, para assim pensar e trabalhar a decolonialidade. Importante ressaltar as singularidades dos estudos trazidos, e observar que cada trabalho trás discussões profundas, como a do suicídio indígena trazido por Gercy, no sentido de pensar as características que compõe o fenômeno na população e a partir desta discutir as causas, efeitos e a prevenção do suicídio naquele e em outros povos indígenas. Existe um Manual que a Luciana compartilhou o QR code por e-mail. Este manual mostra o trabalho de inclusão da perspectiva intercultural em uma instituição técnica agrícola de extensão nacional na Argentina.

No segundo dia, pela manhã, houve as apresentações de Brisana Índio do Brasil de Macêdo Silva (Brasil, doutoranda em Psicologia) sobre: “Processos de indianização e de fortalecimento da indianidade a partir das produções estéticos-literárias de autoras indígenas”; Thais de Negreiros Sales (Brasil) apresentou: Rupturas e enfrentamentos na trajetória de estudantes indígenas para permanecerem na pós-graduação. E à tarde, Kássia Pereira Lopes (Brasil) apresentou “O sentimento de pertença de comunitários indígenas e não indígenas em uma comunidade pluriétnica na cidade de Manaus”, Joice Barbosa (Argentina) compartilhou seu estudo: “Trabalho como política de submissão dos povos indígenas do Chaco argentino”.

Nessas experiências surgiu a ideia de “comunidade” e algumas dimensões como relações, lugar, origem, sentimentos. Uma peculiaridade, que levou a uma noção local que não costuma ser utilizada em outros contextos é a ideia de “comunitários” em referência à pessoa da comunidade. Isso retoma a revisão conceitual da Psicologia Sócio-Comunitária que, por vezes, generaliza conceitos sem compreender as dimensões dos povos indígenas e seus modos de organização. Em sentido semelhante, Joice analisa como se dão as configurações do “povo do rio”, sem rio. Isso gera um debate sobre as denominações históricas, as formas de nomeação que fazem a identidade ou o pertencimento de um povo, mas também como o contexto territorial está mudando por decisões dos estados nacionais

e lógicas extrativistas, retirando bens naturais e, portanto, relações centrais com os territórios, como o acesso e ligação com o rio.

Brisana traz o estudo sobre indianidade, como forma de pertença, de reconhecimento que se atrela ao estudo de Kássia, que trás essa noção de produção, de cravar um lugar, como modo de resistência, reconhecimento e valorização. Kássia, dialoga sobre o sentimento de pertença entre comunitários indígenas e não-indígenas, o “comunitário” nesse sentido sendo pensado como resultado da interação, do sentimento, do lugar, do pertencimento naquele território com aquela população. Thais, por outro lado, apresenta desafios que estudantes indígenas perpassam na universidade, no sentido de refletir sobre as políticas de acesso e principalmente de permanência de indígenas na pós-graduação, apresentando as rupturas existentes e fazendo-se pensar a abertura de diálogos para a criação e execução de políticas de permanência, como forma de defender a presença e refletir sobre a importância dos estudantes indígenas na universidade.

As coordenadoras do GT também compartilharam suas experiências com as seguintes obras: Lucrecia Petit e Luciana Vazquez, “Experiências Entrelaçadas (na tradução para o português foi escrito como lúdico) da Rede de Psicologia e Povos Indígenas (Argentina)” e Geana Baniwa (Brasil) “Considerações sobre “saúde mental” na perspectiva indígena.” Este último trabalho também trouxe para o GT a dimensão de identidade e inserção da juventude indígena, com os efeitos que isso implica, além de apresentar a discussão sobre o termo “saúde mental indígena”, uma vez que esta possui significado próprio para os povos indígenas, ressaltando o protagonismo destes na discussão do que seria “saúde mental” para os povos, seus entendimentos dentro de suas óticas.

No caso de Lucrecia, esta compartilhou um dos capítulos do livro editado por Marcelo Calegare, responsável por compilar as experiências de diferentes países. Na Argentina, começaram a rastrear aqueles trabalhos que articulam Psicologia e comunidades, povos indígenas ou grupos com propostas interculturais. Nesta primeira análise, foram apresentadas 3 tensões: a Psicologia na perspectiva sócio-comunitária em tensão com os trabalhos territoriais participativo; o vínculo direto com comunidades indígenas ou povos originários em tensão com vivências populares, culturais e comunitá-

rias; e a sistematização, categorização, análise e redação de projetos com povos indígenas ou com questões decoloniais/interculturais em tensão com experiências, ações e trabalhos territoriais sem reflexões escritas mais ou menos acadêmicas.

Já as apresentações virtuais, contaram com a apresentação de trabalho: Apego e identidade de lugar na condição de refugiados(as): um estudo sobre venezuelanos(as) indígenas Warao em Natal/RN, com autoria de Stenio Stephanio Santos de Oliveira e Raquel Diniz; Raquel Diniz e Leandro Durazzo apresentaram dois trabalhos: Território indígena, conhecimentos tradicionais e educação intergeracional entre os Tuxá de Rodelas/BA; Psicologia e Antropologia: contribuições interdisciplinares para a crítica dos estudos pessoa-ambiente em contextos rurais; A Ayahuasca na aldeia e na cidade: a prática do Kahunti na família Manchineri de Mariana Seno Flores e José Francisco Miguel Henriques Bairrão e por fim, o trabalho, Comunidade indígena pluriétnica Sol Nascente: um relato de experiência de Janaina Leia Passos Da Silva e Marcelo Gustavo Aguiar Calegare.

As apresentações se deram inicialmente com o de Stenio, através do diálogo sobre a ancestralidade sofrer ofuscamento quando indígenas Warao migram de seu território para outro, bem como a apropriação no novo lugar, as vulnerabilidades sociais e os impactos que estes aspectos resultam na vida destes. Leandro Durazzo segue, discorrendo sobre o enfraquecimento nos modos tradicionais de vida, dos indígenas Tuxás de Rodelas / BA, em decorrência da barragem e inundações, os tuxás perderam o seu contato com a água e a terra, pertencidos a estes há muito tempo.

Para os povos indígenas a terra, a água, a natureza e outros elementos naturais possuem cosmologia, simbologias, significações e rituais próprios, sobre a maneira de lidar, cuidar e entender. Debruça-se o diálogo então em volta das restrições territoriais, e os impactos que a barragem ocasionou sobre a educação intergeracional e os processos de manejo e resistência cultural dos elementos que compõe a vida do povo Tuxá, bem como a sua relação com o ambiente. Por outro lado, a resistência do povo na reocupação de seu território e de preservar seus costumes e conhecimentos ancestrais, denota retomada coletiva e fortalecimento de sua história.

Estes últimos autores, também discutiram sobre a organização e modos de pensar próprio dos povos indígenas, atrelado a ques-

tão da territorialidade, sob um olhar não hegemônico, que ultrapassa as reflexões instituídas. Já Mariana apresenta um estudo de caso, que discute sobre a relação saúde-doença e a concepção de cura do povo indígena Manchineri, o kahunti, que privilegia a utilização das plantas medicinais como método de cura e ou tratamento, assim como a utilização de bebidas amazônicas e o tabaco. E por fim, Janaína trás o relato de experiência na Comunidade indígena pluriétnica Sol Nascente, discorrendo sobre as dificuldades encontradas, a falta de acesso aos direitos básicos, que culminou em um encontro com todos da comunidade, de maneira festiva, mas que privilegiou o diálogo sobre as necessidades da comunidade e as soluções para tais.

## **Conclusão**

Nos debates, foi proposto pensar os próximos passos do GT a partir do que essas apresentações nos propõem e emergiram os seguintes eixos: não reduzir a um único povo indígena quando se trata de “povos indígenas”, reconhecer o país como multiétnico e multicultural, pensar COM os povos indígenas e sempre favorecendo a construção coletiva, revisar as metodologias utilizadas nas comunidades indígenas ou por psicólogos, ou seja, quando sai da academia e quando sai do conhecimento das comunidades, continuação do debate sobre nação ou plurinacionalidade e continuar investigando o que permite que a comunidade resista e se restaure.

Como avanços temos: pensar na diversidade e não na lógica do um, evitar a homogeneização dos indígenas, a sensibilização de outras populações, abrir o olhar para a diversidade, diminuir privilégios, posicionamento político, localizar o problema do etnocentrismo, identificar semelhanças na diferença, passar da episteme da diferença para a episteme da semelhança, pensar e incluir a vida espiritual e a vida na natureza e estar atento às modas estabelecidas de pachamamismo que depois não votam a favor de políticas de reconhecimento dos povos indígenas. Por fim, uma troca de livros ou textos de referência em cada contexto foi proposta e compartilhada via Drive. E nos reencontramos no próximo Congresso para continuar com os debates e conhecimentos voltados a diversidade dos povos no contexto rural.

## GT 08. SAÚDE EM CONTEXTOS RURAIS

Liana de Andrade Esmeraldo Pereira

Saulo Luders Fernandes

Rodrigo Miguel Rojas-Andrade

### Introdução

Ao iniciar o debate sobre a discussão sobre a atuação da Psicologia na promoção de saúde e prevenção de agravos no meio rural, é importante se deter aos modos de produção de vida no campo. De acordo com Dimenstein e colaboradores (2017), os profissionais que atuam em comunidades rurais devem se atentar e conhecer os modos de vida e produção de sentido a partir de uma visão singular, objetivando a valorização dos saberes e cultura local e respeitando as peculiaridades locais.

Questões como mudanças na produção agrícola, migração, exposição aos agrotóxicos, adoecimentos relacionados à rotina de trabalho no campo, exposição às condições laborais desfavoráveis e surgimento de doenças endêmicas também devem ser observadas nesse processo. Seguindo a ótica biopsicossocial de atenção à saúde, é possível afirmar que somente a partir de práticas de saúde que respeitem o princípio da equidade podem diminuir o abismo existente entre os serviços de saúde e a população rural (Brasil, 2015).

Mesmo com o surgimento da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta no Brasil (Brasil, 2013), é visível a necessidade de fortalecimento dessa estratégia nos três níveis de atenção em saúde, atuando de forma transversal com as demais políticas públicas de saúde coletiva. Partindo desse cenário, as reflexões sobre a dimensão saúde no ambiente rural têm ganhado força nas últimas décadas, porém é visível a necessidade de ampliar as discussões acerca dessa temática. E assim surgiu a proposição de criação do Grupo de Trabalho Saúde e Contextos Rurais no IV Congresso Latino-americano de Psicologia Rural (CLAPRU).

Foram selecionados e aprovados trinta e sete trabalhos, sendo 24 apresentados presencialmente no evento, realizado na cidade de Manaus, Amazonas, e 13 apresentados a partir de painéis virtuais,

com acesso disponível no canal do Youtube. O presente trabalho objetiva apresentar a síntese das apresentações realizadas durante o congresso no GT Saúde e Contextos Rurais, trazendo ao debate as principais temáticas trabalhadas ao longo do evento.

## **Síntese dos trabalhos presenciais e virtuais apresentados no GT Saúde e Contextos rurais do IV CLAPRU**

A primeira rodada de apresentações dos trabalhos aprovados iniciou-se no dia 29 de dezembro, no turno da manhã, na sala 006 do bloco da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Com a mediação dos professores coordenadores, foram apresentados quatro trabalhos. O primeiro, intitulado “*Implicancias del fatalismo latinoamericano en la construcción del cuidado en poblaciones rurales*”, sob a autoria de Juan Nicolás Escudero e Hugo Adrián Morales versou sobre a necessidade de abordar a categoria fatalismo ao pensar em linhas de cuidado em populações rurais latinas em estado de vulnerabilidade social.

Trabalho esse que se aproximou das discussões realizadas na apresentação “*Saúde mental de populações rurais: estratégias de resistência e criação*”, das autoras Olivia T. de Oliveira Rossoni e Irme Salete Bonamigo que versou sobre a necessidade de pensar no fortalecimento das estratégias de saúde mental para as populações do campo a partir de uma atuação contextualizada com a realidade local.

A apresentação do trabalho “*Caminhos para uma ação coletiva em saúde no contexto da transposição do rio São Francisco*”, de autoria de Giselle Oliveira Santos, Gabriel da Silva, Maria da Conceição Florêncio Monteiro Bezerra e Suely Emilia de Barros Santos, elucidou os desafios para implementação de ações de saúde no contexto da construção e instalação das obras do Projeto de Integração do Rio São Francisco.

Por fim, no trabalho intitulado “*Atenção à saúde mental de populações tradicionais em três estados nordestinos*”, escrito por Brisana Índio do Brasil de Macêdo Silva, Magda Dimenstein e João Paulo Macedo, foram apresentados os resultados de uma pesquisa de pós-graduação realizada com foco no mapeamento de estratégias voltadas para o suporte de populações rurais que precisam de serviço especializado em saúde mental.

À tarde, na sala 004 da mesma instituição, foi realizada a segunda rodada de apresentações. A primeira apresentação, “*Saúde mental das populações indígenas: um panorama das discussões presentes nas conferências de saúde indígena*”, de autoria de Erika Carla de Sousa Ramos, Lizandra de Sousa Paixão, Pedro Victor Sousa dos Santos, Luana Alves de Araujo, Brisana Índio do Brasil de Macêdo Silva e João Paulo Macêdo; demonstra os resultados de uma pesquisa documental voltada para refletir sobre os avanços e pontos à melhorar na implementação de políticas públicas voltadas à pauta da saúde indígena.

O estudo apresentado a seguir, intitulado “*Impactos psicossociais da pandemia da Covid-19 na Comunidade São Sebastião do Saracá, AM*”, dos autores Jhanine Magalhães Cabral e Marcelo Gustavo Aguilar Calegare, traz pertinentes reflexões sobre os agravantes da pandemia reverberaram em uma comunidade rural amazônica. Logo após foi apresentado o escrito “*Vivências pedagógicas em encruzilhadas interseccionais*”, de autoria de Esmael Alves de Oliveira e Conrado Neves Sathler, trazendo a relevante discussão sobre o papel dos estudos interseccionais na atuação em Educação em Saúde.

Finalizando as apresentações do dia 29 de novembro, temos o trabalho “*Práticas de cuidado à saúde e transmissão de saberes: vozes de re-existência de mulheres quilombolas*”, dos autores Lara de Araújo Miranda, Narciso Barrera Bassols e Ladjane de Fátima Ramos Caporal, relata experiências de articulação com a medicina popular e transmissão de cuidado a partir do contexto dos quilombos.

Na quarta pela manhã, dia 30 de novembro, na sala 006 do bloco da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, o grupo de professores avaliadores retornou para o segundo dia de apresentações orais. O primeiro trabalho apresentado, intitulado “*Espiritualidade nos cuidados da vida – psicossociologia dos afetos e produção de saber ancestral*”, das autoras Margareth Alves Pontes, Samira Lima da Costa, ilustrou como aspectos como a ancestralidade e os afetos produzidos na histórias de vidas do sujeito são fatores protetivo na prevenção de agravo a saúde de populações originárias.

O segundo estudo apresentado, “*Redes vivas produtoras do cuidado: cenas, teçumes e conexões em um território “longe muito*

*longe” na Amazônia”* de autoria de Josiane de Souza Medeiros e **Júlio César Schweickardt** demonstra a necessidade de aprofundamento da relação entre territorialidade e produção de cuidado em comunidades ribeirinhas. Em seguida, foi apresentado o trabalho “*O contexto de influência da produção de normativas na política de Saúde Indígena*”, das autoras Roberta Aguiar Cerri e Luiza Garnelo, que trouxe contribuições acerca de como se estruturou o marco normativo para a formulação de políticas públicas de saúde voltadas à população indígena.

A manhã de apresentações foi finalizada com o trabalho “*Dados preliminares sobre a atuação dos Psicólogos em Contextos Rurais na América Latina*”, de autoria de Letícia Lopes de Souza, Telmo Mota Ronzani, Mateus Vitor dos Reis e Weverton Corrêa Netto que traz os primeiros dados coletados pela pesquisa nacional “*A atuação dos Psicólogos em contexto Rurais na América Latina*”, coletado a partir de um questionário virtual aplicado por pesquisadores do Centro de Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Outras Drogas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

À tarde ocorreram duas sessões simultâneas de apresentação. Os professores avaliadores se dividiram para organização e mediação das oito apresentações alocadas nesse horário. Na sessão 21, localizada na sala 003 da UFAM, o primeiro trabalho, “*O contexto biopsicossocial dos povos originários e tradicionais: um olhar para a saúde mental dos mestres da cultura popular no Estado do Ceará*”, da autora Marianne Silva Freire, reflete os aspectos psicossociais envolvidos no cuidado em saúde mental dos mestres de cultura cearenses, figuras consideradas guardiãs da memória cultural do estado.

Em seguida, foi apresentado “*A produção artesanal em fibra de buriti em São Luís-MA: um enfoque no processo saúde-doença de artesãs ludovicenses*”, das autoras Katyuscia Karla Mendes Arouche e Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa, que aborda questões acerca da atenção à saúde dos trabalhadores rurais, focando nos processos produtivos do artesanato. Na apresentação do estudo “*Saúde das comunidades tradicionais em reservas de desenvolvimento sustentável no Amazonas: revisão sistemática*” de autoria de Sérgio de Luna Silva Júnior, Socorro de Fátima Moraes Nina, Letícia Souza Reis, Taciana Lemos Barbosa, Beatriz Naarah Sarah Alves Reis e

**Sâmia Feitosa Miguez**; foi observadas contribuições para o avanço da discussão teórica sobre os serviços de saúde em comunidades radicadas em reservas ambientais, em especial, no contexto da Amazônia.

A quarta e **última** apresentação, intitulada “*Educação em Saúde: prevenção e promoção de saúde da mulher ribeirinha*” das autoras Beatriz Naarah Sarah Alves Reis, Socorro de Fátima Moraes Nina e Taciana Lemos Barbosa traz reflexões sobre a importância do investimento em práticas de Educação Popular em Saúde para articular estratégias de prevenção de agravos à saúde, práticas essas contextualizadas com a realidade vivenciada pelas ribeirinhas.

A sessão 22, realizada na sala 004 da UFAM, foi iniciada com o trabalho “*Vivências de prazer e sofrimento: um estudo com profissionais de saúde do campo na pandemia*” da autora Pamela Arruda Vasconcellos, que ilustra os desafios vivenciados pelos trabalhadores de saúde durante um período tão desafiador como a pandemia do COVID-19, onde foi preciso pensar em estratégias de cuidado específicas à uma realidade desconhecida.

A segunda apresentação, intitulada “*Desafios de atuação no Programa Mais Médicos em uma comunidade ribeirinha na Amazônia sob perspectiva da Psicologia Comunitária*”, com a autoria Leticia Souza Reis, Socorro de Fátima Moraes Nina e Brenna Elizandra Pantoja de Souza, discutiu sobre o impacto da chegada, e posterior desmonte, do programa na Amazônia, tendo visto que esta política pública possibilitou, nos seus anos de atuação, um aumento na cobertura médica de áreas populares com dificuldade de acesso a esse serviço.

Em seguida, ocorreu a apresentação do estudo “*Associação de Apoio às Mulheres com Câncer Lar das Marias e a atenção à saúde oncológica da mulher do Amazonas*”, de autoria de Maria Da Conceição Felix Dos Santos, Sâmia Feitosa Miguez e Socorro De Fátima Moraes Nina, mostrando o papel de uma entidade do terceiro setor no suporte aos cuidados de saúde e apoio psicossocial de pacientes oncológicas. Finalizado a rodada de apresentações do dia 30, foi apresentado o trabalho “*Vivências subjetivas do trabalhador ribeirinho em uma comunidade rural no município de Anori-Amazonas*”, das autoras Josiane da Silva Maciel, Rosângela Dutra de

Moraes, Socorro de Fátima Moraes Nina, Angelina Paiva Pereira, focado no entendimento da construção dos modos de vida e subjetivação dos trabalhadores que vivem no contexto ribeirinho.

A última rodada de apresentação ocorreu na manhã do dia 01 de dezembro, na sala 002 do bloco da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. O primeiro trabalho apresentado “*Contextos rurais como possibilidades de discussões e formação em Psicologia*” das autoras Clarice Regina Catelan Ferreira e Cláudia Lopes Perpétuo, trazendo a discussão sobre a necessidade de ampliar o debate acerca da atuação do psicólogo em contextos rurais nas formações em Psicologia.

A seguir, foi apresentado o estudo “*O rural amazônico como um “problema” na visão de gestores e profissionais de saúde*”, de autoria de Amandia Braga Lima Sousa e Aylene Bousquat, onde foi pautada a necessidade de se ter um olhar contextualizado nos processos de gestão de saúde do contexto amazônico, visto as especificidades das populações rurais que habitam neste.

O próximo trabalho, intitulado “*A singularidade da atuação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em comunidades rurais do município de Manaus/Amazonas*”, das autoras Mariana Balduino e Maria Luiza Garnelo Pereira se aproxima das discussões da apresentação anterior sobre as peculiaridades da atuação dos profissionais inseridos em políticas públicas de saúde no contexto do estado do Amazonas. Finalizado a sessão, foi apresentado o trabalho “*Saberes de cura y cuidado en palenques y quilombos, Colombia – Brasil*”, de autoria de Liliana Parra-Valencia e Saulo Fernandes, onde foi exposto o diálogo entre o saber popular dos quilombos e em comunidades originárias da Colômbia e do Brasil.

Nas apresentações virtuais, disponíveis na plataforma Youtube e na página do evento, foram exibidas temáticas voltadas para a discussão acerca da saúde mental em contextos rurais, como observado nos trabalhos “O consumo do álcool no meio rural: uma revisão da literatura”, da autora Brunna de Oliveira Freitas; “Novos possíveis para atenção a crise psíquica grave na zona rural”, de autoria de Ingrid Silva Costa e João Paulo Macedo; e “Um estudo sobre a saúde mental de agricultores (as) familiares do município de Irineópolis – SC” da autora Roberta Senff.

Também foram apresentados trabalhos que abordaram aspectos acerca das vivências em saúde, vulnerabilidade social e situações de risco e emergência, como o trabalho “Pobreza e Subjetividade: uma análise dos impactos da pobreza no homem sertanejo a partir da ótica freud-lacanianana”, das autoras, Amanda Cristina da Silva Rocha, Ladjane de Fátima Ramos Caporal; “Obstáculos y facilitadores psicosociales y culturales en el acceso a la salud sexual y reproductiva de pobladores rurales de bajos ingresos” dos autores Valeria Laura González Cowes e Fernando Pablo Landini; e “Um olhar sobre como a pandemia COVID-19 afetou as mulheres rurais desde Sant’ana Do Livramento/RS a Carbonita/MG, das autoras Maria Sirlene da Cruz e Rosemeri Madrid.

Questões relacionadas à trabalho e ambiente rural também tiveram destaque, como o observado no trabalho “Sembrando prácticas de cuidado integrales en los procesos de transición agroecológica”, da autoria de Maria Julia Sabez, Mariela Muñoz Rodriguez, Eduardo David Rosales; “Psicologia e ruralidades: o que a produção de psicólogos nos mostra?”, das autoras Clarice Regina Catelan Ferreira, Luani Akemi Fuyama, Mariana Duarte Milani de Holanda, Isabela Santos Mendonça; e “Projeto Agricultoras em Ação - intervenções na Região Noroeste do RS”, de autoria de Luthiane Pisoni Godoy, Cleia dos Santos Moraes, Lissandra Baggio, Bruna da Rosa Ramos.

Por fim, foram apresentados estudos com foco nas Políticas públicas de saúde para os povos do campo, dos rios e das florestas, como no trabalho “Saúde e cidadania nas ruralidades: uma análise acerca dos equipamentos públicos e sociais”, dos autores César Bismac de Oliveira Silva, Marília Almeida Alves, Sebastião Elan dos Santos Lima; “Saúde no campo e o campo da Saúde: um relato de experiências interdisciplinares”, dos autores Mariana Souza Batista, Fernanda Raquel Nunes da Costa Araújo Jadhe Louise Soares da Penha, Alex Reinecke de Alverga, Fernanda Fernandes Gurgel, Catarina Santos da Silva, Dimitri Taurino Guedes; “Análise da Literatura sobre a Saúde Indígena no Brasil”, de autoria de Ryanne Wenecha da Silva Gomes, Brisana Índio do Brasil de Macêdo Silva, João Paulo Sales Macedo; e “Saúde Comunitária em Sarandira: um olhar para as práticas de cuidado”, dos autores Marcela Almeida Faria, Conrado Pável de Oliveira, Rafaella Carvalho de Souza, Ricardo Lima de Almeida, Oetsia Vargas Smits.

Partindo da catalogação e apresentação dos trabalhos aqui expostos, pode-se afirmar que as contribuições verificadas nos trinta e sete trabalhos aprovados e apresentados são de suma importância para o desenvolvimento de práticas contextualizadas em prol da saúde dos povos do campo, das águas e das florestas. Temáticas emergentes como a interseccionalidade, saúde indígena e modos de promoção de saúde em ambientes rurais e ribeirinhos mostram que ampliar o escopo das pesquisas e trazer as especificidades de demandas de cada grupo populacional atendido é deveras importante para o avanço desse campo de pesquisa e intervenção em saúde coletiva.

## Referências

Dimenstein, M., Leite, J., Macedo, J. P., & Dantas, C. (2018). Condições de vida e saúde mental em contextos rurais. *Serviço Social E Saúde*, 16(1), 151–158. <https://doi.org/10.20396/sss.v16i1.8651478>

Brasil (2013). *Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta*. Ministério da Saúde.

Brasil (2015). *Tecendo a saúde das mulheres do campo, da floresta e das águas: direitos e participação social*. Ministério da Saúde.

# GT09. TRABAJO, DESARROLLO Y EXTENSIÓN RURAL

Arlex Angarita Leiton  
Sandra Hoffman Martins

## Introducción

Bajo los lineamientos propuestos para la estructuración de resúmenes de trabajos de investigación y experiencias, se realizan las presentaciones bajo el marco de transformaciones económicas y sociales enfocadas a mejorar las condiciones de vida de las familias y comunidades habitantes de las zonas rurales. Aunque en este grupo de trabajo algunos resúmenes que fueron postulados para ser presentados mediante ponencia oral no se presentaron al momento de exponer sus trabajos. La mayoría de los resúmenes fueron presentados siguiendo los protocolos propuestos para dicho ejercicio.

Se realiza la presentación de trabajos de muy diversos tipos, relacionados con las actividades de producción agropecuaria, extensión rural, la organización y gestión de los procesos familiares y comunitarios enfocados a mejorar las condiciones de vida de los habitantes rurales. Se realiza un análisis desde la perspectiva psicosocial tratando de visibilizar aquellos elementos representativos para el desarrollo y la extensión rural y la importancia de la psicología en el ámbito rural.

## Método

El ejercicio se desarrollo desde la perspectiva crítica social, toda vez que se pretende analizar una realidad concreta, que para este caso corresponde al análisis de la información y el discurso empleado por las personas que realizan las presentaciones de sus trabajos y experiencias relacionadas el desarrollo y la extensión rural. Por lo tanto, se recurre al análisis del discurso, así como de las imágenes o figuras, tablas y representaciones que sean empleadas por los autores durante sus intervenciones. No se trata de hacer un resumen de las presentaciones, sino de extraer de éstas aquellos aspectos que, para los autores de este escrito, estiman conveniente o relevante para ser exaltados por su relevancia desde la perspectiva psicosocial.

## **Resultados**

La visión reduccionista de los procesos de desarrollo y extensión rural no han permitido comprender la integralidad y complejidad de la vida social, natural, económica y psicosocial de la ruralidad. Bajo dicha perspectiva reduccionista se ha venido ligando la función de profesionales a lo exclusivamente agropecuario, situación que permite identificar que los aspectos relacionados con la subjetividad de las personas habitantes rurales principalmente de los agricultores campesinos, familiares y comunitarios quienes no tienen acceso a servicios privados, como si lo pueden hacer los actores agropecuarios del agronegocio. Esta situación genera una marcada diferencia entre los agricultores étnicos y tradicionales de los productores agropecuarios.

Se hace referencia a los procesos productivos agropecuarios como un aspecto en el que las personas trabajadoras rurales ligan su quehacer, pero que es un catalizador a través del cual se configura su sentido de vida, pero que es necesario comprenderlo más allá de lo productivo, ya que la subjetividad está allí presente, y finalmente es la que permite comprender realmente la función de lo agropecuario en su vida.

Los procesos psicosociales de los agricultores familiares están directamente ligados, además de lo agropecuario, a lo organizativo comunitario y la gestión familiar en lo cual se generan funciones y propósitos subjetivos como el tipo de relaciones y vínculos que se establecen, la participación e inclusión en la toma de decisiones, y la organización para el disfrute de acciones colectivas de recreación y goce de la vida.

## **Discusión y Conclusión**

El rol de los profesionales en psicología todavía sigue siendo muy ajustado al ámbito urbano, si bien se ha producido avances que permite que las y los psicólogos estén en el contexto rural y se preocupen por el contexto rural aún queda mucho por hacer (Conti et al, 2020). La ausencia de programas de formación en las facultades de psicología hace que esta tarea sea aún más difícil no pudiendo orientar a las nuevas generaciones de psicólogos y psicólogas que desde su formación puedan tener una visión desde lo psicosocial en los

ámbitos rurales. Esto serviría mucho porque ampliaría los espacios de aplicación de la psicología, pero también ayudaría a que los sujetos que necesitan de esta disciplina puedan contar con ella.

Desde el extensionismo rural, donde las y los extensionistas afirman la importancia de la psicología en su labor. Aportando aspectos que no son contemplados por ellos y ellas a la hora de vincular con el y la productora incluso con sus propios compañeros, o al momento de implementar alguna técnica grupal (Landini, 2012). Asimismo, la psicología es central para poner en discusión la importancia de la agroecología, como influyen los actores sociales y las relaciones al momento de la implementación de los modelos de producción. Del mismo modo en la organización de las cooperativas o ferias francas. Estos son ámbitos que son y fueron pensados por las y los ponentes pero que sin embargo falta articulación entre pares y otros saberes para hacer que la construcción del conocimiento no sea solo eso, conocimiento sin aplicación.

El desafío que se presenta entonces es el de pensar como articularnos entre pares y como hacer que estos conocimientos generados se lleguen aplicar en los diferentes ámbitos, pero sobre todo en el rural.

## Referencias

Conti, S., Olivera Méndez, A., Landini, F. P., & Monteiro, R. (2020). Psicología rural en América Latina: proceso de institucionalización, reflexiones epistemológicas y desafíos. In M. Calegare, & A. S. C. Mezzalira (Eds.), *Processos psicossociais vol. 1: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política* (pp. 159-169). Alexa cultural; Edua.

Landini, F. P. (2012). Expectativas de los agentes de desarrollo rural argentinos sobre la Psicología y sobre la inserción profesional de los psicólogos en el ámbito de la extensión rural. *Interdisciplinaria*, 29(2), 271-286.

# AGORA VALE A ALEGRIA QUE SE CONSTRÓI DIA A DIA FEITA DE CANTO E DE PÃO<sup>1</sup>: ENCONTROS E PARTILHAS NA ASSEMBLEIA DA REDE LATINO-AMERICANA DE PSICOLOGIA RURAL EM MANAUS, BRASIL

Maria Laís dos Santos Leite  
Sandra Emilia Hoffman Martins  
Conrado Pável de Oliveira  
Arlex Angarita Leiton

## Introdução

As assembleias têm se tornado um dos espaços de encontro mais esperados pelas(os) participantes da Rede Latino-Americana de Psicologia Rural (RedPsiRural), pois além de ser um espaço para o diálogo, a reflexão e a construção, também permite a aproximação e o fortalecimento de vínculos.

Este trabalho visa sistematizar o que foi feito por quatro das(os) integrantes do primeiro Grupo Impulsor (GI) da Rede, além de descrever e refletir o que foi compartilhado nos dois dias de assembleia, 29 e 30 de novembro de 2022, que se desenvolveram no IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural, do qual surge este livro.

O Grupo Impulsor foi formado a partir da aclamação de várias(os) participantes durante as reuniões previstas na programação do III Congresso que se realizou em Bogotá, contando com participantes de distintos países com o compromisso de “contribuir com a difusão de informações, a organização de eventos e pesquisas e a articulação entre as(os) integrantes desta rede e de outras organizações que nos auxiliem no alcance de nossos objetivos coletivos” (RedPsiRural, 2022, n.p.)

No contexto do III Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural, realizado na Colômbia, realizou-se a primeira assembleia, organizada em dois momentos, com uma potente e diversificada

---

<sup>1</sup> Versos de Thiago de Mello, poeta amazonense.

participação. Tal espaço permitiu identificar a maneira como as pessoas participantes do evento manifestaram suas ideias, propostas e questões relacionadas aos contextos rurais a partir do *quefazer* de profissionais da Psicologia, bem como de outras disciplinas e saberes não acadêmicos. A partir deste evento foi formalizada a constituição da Rede Latino-Americana de Psicologia Rural, no dia 11 de setembro de 2019. Apesar de se reunir desde muito antes, é a partir deste encontro que se estabelece uma estrutura de organização.

Três anos depois nos reunimos novamente, dessa vez no Brasil, na cidade de Manaus. O desejo pelo reencontro e de unir forças diante do desafio de visibilizar os saberes e práticas nos contextos rurais e a interlocução da Psicologia com estas(es) sujeitas(os) e territórios nos convocou a pensar quais eram as demandas mais prementes para os momentos da programação destinados a Assembleia.

Entre as necessidades levantadas destacamos a de conhecer melhor as pessoas que se agregaram à RedPsiRural, dialogar sobre possíveis configurações do Grupo Impulsor, receber as candidaturas de integrantes para a nova composição do GI, possibilitar um espaço de compartilhamento entre os integrantes, entre outros. Diante das possibilidades decidimos focar na perspectiva de ampliar o pertencimento à RedPsiRural e a aproximação entre as e os membros, além de retomar o processo percorrido até aquele momento.

Neste sentido, o presente relato de experiência tem como objetivo apresentar e analisar o processo de planejamento e o desenvolvimento da assembleia ordinária da RedPsiRural por ocasião do IV Congresso de Psicologia Rural.

## **Método**

Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo, de reflexão sobre o processo baseado em notas de diário de campo, sínteses e demais registros de memória sobre a assembleia.

### **Assembleia da RedPsiRural**

A assembleia da Rede em 2022 foi dividida em dois dias e quatro integrantes do Grupo Impulsor se encarregaram de construir as atividades, levando em consideração diferentes objetivos para cada

momento. No primeiro dia coordenaram Laís (Brasil) e Arlex (Colômbia) e no segundo dia Sandra (Argentina) e Conrado (Brasil), contando em cada dia com o apoio da outra dupla. Dessa forma, garantiu-se tanto a paridade de gênero quanto a possibilidade de uma pessoa com fala no idioma português e espanhol.

Para o desenvolvimento de cada um dos momentos foram utilizadas metodologias e técnicas que permitiram a participação, reflexão e apresentação de ideias e argumentos. Dentre as técnicas podemos citar o diálogo de conhecimentos e experiências, toró de ideias (*brainstorming*), árvores de ideias, místicas, danças, entre outras.

No primeiro dia a programação prevista foi organizada em três momentos: 1. Rodada de apresentação, 2. Contextualização e Reflexões; 3. Elaboração da Árvore dos sonhos, cujos resultados serão detalhados na seção Resultados e discussão. Cada participante foi convidado a se apresentar, destacando as potencialidades e expectativas em relação à rede. A partir disso, foi impulsionado um espaço para o levantamento e projeção de ações para o fortalecimento do trabalho em rede na perspectiva das ruralidades.

O segundo dia teve como objetivo: 1. Reconhecer as articulações entre membros e instituições; 2. Levantamento de quem faria parte do Grupo Impulsor; 3 Apresentação de propostas de sede para o próximo congresso. Para isso, diferentes estratégias foram implementadas, entre elas: apresentação de respostas de um formulário com informações obtidas anteriormente sobre possíveis modos de articulação, questões disparadoras para o diálogo, dinâmicas.

Durante os meses que antecederam o evento nós - que compusemos o grupo facilitador dos encontros e ora retratamos seus resultados - refletimos sobre os objetivos dos encontros da Assembleia da RedPsiRural e as metodologias para a facilitação dos momentos.

Foram traçados como objetivos da presente assembleia.

- Contextualizar sobre os avanços, conquistas e/ou dificuldades vivenciadas como Rede nos últimos três anos, buscando um espaço de diálogo para que as pessoas participantes do IV Congresso tenham um panorama do funcionamento da RedPsiRural;
- Promover um encontro de reflexão com as pessoas participantes sobre a maneira como deve continuar funcionando a

Rede, depois de compartilhar a experiência da estrutura operativa que foi acordada na assembleia do III Congresso realizada na Colômbia.

- Promover a participação das pessoas participantes com suas ideias e propostas para continuar fortalecendo o trabalho da rede e da sua estrutura de funcionamento.

## Resultados e discussão

Como fruto da convocatória, participaram 42 pessoas no primeiro dia de assembleia e 45 no segundo dia, de diversos países da América Latina: Brasil, Chile, Uruguai, México, Colômbia, Argentina.

A seguir, serão apresentadas, de forma mais detalhada, as metodologias e os principais desdobramentos para cada um dos dois dias.

Figura 1. Reunião presencial da equipe facilitadora da Assembleia no VI CLAPRU



### **Primeiro Dia: Como Estamos Hoje? O Que Nos Une? Quais São Nossos Princípios?**

Para o primeiro momento foi apresentado um vídeo elaborado pelas atuais coordenadoras com um histórico dos encontros que estiveram no “gestar” da nossa Rede, bem como as principais ações

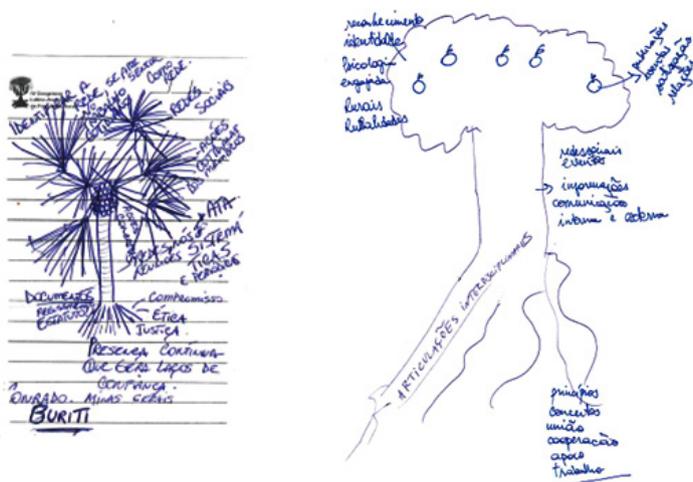
realizadas pelo Grupo Impulsor da RedPsiRural atualmente organizada em três coordenações: Coordenação de articulação interna e externa, Coordenação de eventos e fomento às publicações e Coordenação de comunicação. O objetivo deste vídeo foi apresentar o que é a RedPsiRural, como ela funciona e sua história para quem ainda não a conhecia.

Seguimos fazendo uma Contextualização sobre momentos marcantes para a Rede, partindo das perguntas geradoras que mobilizaram o diálogo: Como estamos hoje? O que nos une? Quais são nossos princípios?

Relembramos a ocorrência dos Congressos Latino-Americanos realizados em Posadas, Argentina (2013), em Seropédica, Brasil (2016), em Bogotá, Colômbia (2019) e o atual evento, Manaus, Brasil (2022) e rememoramos outros momentos relevantes na trajetória da Rede: formalização da RedPsiRural e constituição do Grupo Impulsor (2019), ações desenvolvidas pelo Grupo ao longo do período (2019-2022) e quais os passos que planejamos seguir de agora em diante. A partir disso foram problematizados os conceitos de rural, ruralidades e Psicologia Rural em que nos embasamos, por meio do diálogo entre os presentes.

Seguimos então com a construção (individual ou grupal) de árvores do conhecimento, refletindo como cada elemento da árvore se relacionava à RedPsiRural. Na explicação salientamos que nas raízes fosse apontado o que a Rede precisa para se fortalecer, quais nossos princípios; no caule como conduzir, o que precisa e como precisa ser comunicado, como estes elementos de nossas raízes podem ser levados às demais pessoas; nas folhas - parte mais visível da árvore - o que nos representa, qual nossa identidade. Já os frutos são os produtos que já obtivemos ou desejamos obter, o que “sai” desta árvore e se reverbera para o externo.

Figura 2. Árvores do conhecimento.



As palavras mais mencionadas pelas(os) participantes para a constituição das raízes de nossa RedPsiRural foram: compromisso, cooperação, solidariedade, ética, articulação, conhecimento, educação, história, justiça, respeito, trabalho, união, vínculos. No caule os termos mais lembrados pelas pessoas presentes foram: Comunicação, Redes Sociais, trabalho, compromisso. Nas folhas os elementos apontados sobre nossa identidade foram coletividade, rede e presença, já para simbolizar os frutos que nossa Rede gera ou pode gerar: conhecimento, amizade, eventos, publicações e *podcast*.

Foram construídas, assim, diferentes representações sobre os diferentes elementos que cada integrante da rede considera como importantes para o fortalecimento da rede, desde aquilo que está nas raízes, passando pelo que está no tronco, seguindo por suas folhas e por fim, chegando aos seus frutos. Durante a reflexão sobre a atividade foi destacado como tal diversidade de representações por meio das árvores se assemelha a um Sistema Agroflorestal, cada vez mais presentes na agricultura familiar.

Para finalizar o dia, todas as árvores foram fixadas no quadro, formando algo como um *sistema agroflorestal humano*.

Figura 3. As árvores sendo fixadas no quadro.



### **Segundo Dia: Como Queremos e Podemos Continuar? Como Posso Contribuir com a Rede A Partir do Meu Lugar e da Minha Condição?**

No segundo dia da assembleia, após relembrarmos o que foi feito no dia anterior, foram apresentados os resultados obtidos em um formulário virtual que havia sido respondido anteriormente e com a finalidade de mapear como poderíamos nos articular em rede. Com essas informações como ponto de partida, nos propusemos a pensar nos elementos que as e os integrantes da Rede já haviam fornecido e que serviriam para organizar uma futura articulação entre nós.

A partir de resultados gerais do formulário, foi possível destacar que a demanda por articulação das e dos integrantes da rede se dá mais em relação à organização por eixos temáticos do que por países ou regiões. Foi apontado também a diversidade de instituições - ainda que basicamente acadêmicas - representadas por cada integrante da rede e as possibilidades de construção de parcerias e articulações.

Após esta apresentação, colocaram-se as seguintes questões para discussão: Como queremos/podemos continuar? E como posso

contribuir de onde estou com a Rede? Com isso, pretendeu-se continuar com o objetivo de identificar como queremos trabalhar juntos e como cada pessoa pode contribuir e se sentir parte considerando a sua condição. Além disso, com a realização da segunda questão, pretendeu-se estabelecer conjuntamente a estrutura funcional da rede e como continuamos a trabalhar. Foi identificado, então, que as e os participantes de assembleia reconheceram e validaram a estrutura de funcionamento atual da rede: a coordenação de comunicação, a coordenação de articulação interna e externa e a coordenação de eventos e publicações. Além disso, foi proposta a criação de uma coordenação geral que possa articular melhor e dar continuidade a cada uma das coordenações. Foram também propostas diferentes atividades e horizontes futuros para serem analisados e construídos, entre eles:

- » Eixos temáticos para o trabalho em grupos, coordenados por uma ou mais pessoas interessadas.;
- » Consolidação da rede como uma organização da sociedade civil;
- » Jornadas e demais eventos durante o período entre os congressos;
- » Maior frequência das assembleias gerais, que atualmente acontecem apenas uma vez por ano;
- » Fortalecer o compromisso com ações viáveis de comunicação;
- » Divulgar posicionamentos éticos diante de fatos sociais relevantes em diferentes países;
- » Articular a partir da rede com outros grupos, especialmente com movimentos sociais e organizações, inclusive para a construção de encontros e jornadas regionais;
- » Manter e fortalecer a paridade e equidade de países, gênero e a horizontalidade das relações;
- » Estabelecer atividades para as e os integrantes da rede;
- » Produzir conteúdo para ser postado em redes sociais;
- » Cursos online para fortalecer as bases interdisciplinares;
- » Elaborar um plano de trabalho para cada coordenação;

» Reorganização gradual das e dos participantes após os congressos e realização das assembleias.

Essas reflexões e propostas realizadas compuseram um roteiro a partir do qual podemos dar continuidade ao caminho que vinha sendo percorrido bem como novas propostas, fortalecendo o trabalho em equipe e a articulação entre as pessoas e a Psicologia Rural. Foi possível, portanto, identificar quem se disponibilizou a continuar e também novas pessoas para passar a fazer parte do Grupo Impulsor, além de rever o funcionamento atual e gerar novas propostas.

Para dinamizar a assembleia e, principalmente, catalisar os afetos de pertencimento e fortalecer a identidade grupal, propomos uma atividade inspirada nas tradicionais trocas de sementes entre camponeses e também na mística dos movimentos sociais do campo e suas formas afetivas de expressão artística e cultural que promovem a formação dos valores e identidade coletiva (Groff & Maheirie, 2011). Foi solicitado a cada participante da assembleia que escolhesse alguma semente: no cesto de palha havia sementes com toda a diversidade de cores, tamanhos, formas e texturas, trazidas de Belém do Pará e do assentamento Denis Gonçalves em Minas Gerais.

Arlex nos explicou o importante trabalho das famílias camponesas guardiãs de sementes crioulas que, ao preservarem os saberes e práticas agroecológicas, resistem na produção sem uso de agrotóxicos para a garantia da saúde, bem viver e soberania alimentar de suas comunidades. De fato, as sementes crioulas, além de todo o patrimônio genético, carregam os saberes e as memórias ancestrais das comunidades tradicionais (Mota, 2020). Trocar sementes representa para nós da RedPsiRural o cuidado, a partilha, a semente e o compromisso com os saberes construídos e acumulados pela Psicologia Rural Latino-Americana.

Figura 4. Troca de sementes.



Enquanto cada um escolhia e trocava a sua semente, cantamos a canção *Cio da Terra* de Milton Nascimento e Chico Buarque, um clássico da música popular brasileira, inspirada nos cantos de trabalho de mulheres camponesas na colheita de algodão no vale do Rio Doce em Minas Gerais.

(...)

*Afagar a terra*

*Conhecer os desejos da terra*

*Cio da terra, a propícia estação*

de fecundar o chão...

A canção torna-se, nesse sentido, uma linguagem psicossocial mobilizadora de afetos e mediadora de sujeitos e contextos, podendo desvelar as questões sociais, políticas e culturais candentes do nosso tempo. Há, portanto, expressiva produção de sentidos e reflexões que podem ser provocadas pela música, essa linguagem estética e afetiva que nos leva a permanecermos atentos aos imperativos éticos e políticos que mobilizam nosso compromisso. Conhecer cada vez mais os

desejos da terra - essa expressão que desvela a relação dialética entre subjetividade e objetividade própria dos processos psicossociais que emergem das ruralidades - para de forma singular e coletiva, fecundar o chão com os nossos saberes e fazeres.

A seguir, foi apresentada por Rodrigo Rojas Andrade a proposta de organização do V Congresso Latino-americano de Psicologia Rural no Chile em 2025. Com uma riqueza de detalhes, Rodrigo surpreendeu a todos com uma carta compromisso da Universidade Santiago de Chile e de uma rede de colaboradoras(es) de diversas universidades. A proposta foi aceita por aclamação pela assembleia reunida. Até lá, cada participante foi convidado simbolicamente a ser um guardião das sementes da Psicologia Rural Latino-Americana.

Para concluir os trabalhos da assembleia, fizemos uma necessária memória de Thiago de Mello, conhecido como o poeta da floresta, que faleceu em Manaus no dia 14 de janeiro de 2022, aos 95 anos. Recitamos a poesia *Madrugada Camponesa* à quatro vozes: femininas e masculinas, hispanohablantes e lusófonas, de distintos sotaques e regiões de *Nuestramérica*.

(...)

*Madrugada camponesa.*

*Faz escuro (já nem tanto),*

*vale a pena trabalhar.*

*Faz escuro mas eu canto*

*porque a manhã vai chegar.*

*Madrugada campesina.*

*Está oscuro (ya no tanto),*

*vale la pena trabajar.*

*Está oscuro, pero canto:*

*la mañana va a llegar.*

Sim, vale a pena trabalhar, construindo dia a dia a Rede Latino-americana de Psicologia Rural.

Ao fim, foi solicitado que as pessoas se deslocassem para outra sala de aula para a realização de uma sessão de dançaterapia coordenada por Silvia Pimentel, também integrante do Grupo Impulsor, com o objetivo de interiorizar tudo o que foi trabalhado na assembleia e conectar com as emoções que cada pessoa vivenciou. Então, Silvia Pimentel começou a orientar as ações, desde caminhar pela sala de aula e reconhecer o espaço, continuar respirando e mudar a forma de respirar, até fazer formas e movimentos diferentes com o corpo. Isso emocionou muitas pessoas presentes.

Figura 5. Iniciando a dançaterapia



Para encerrar a atividade, Silvia nos orientou a expressarmos as palavras que havíamos pensado enquanto caminhávamos pelo espaço para outra pessoa que não conhecíamos e abraçá-la. Depois daquele momento emocionante voltamos a rodar e as palavras que surgiram foram ainda mais mobilizadoras. Um momento marcante foi quando Silvia olhou nos olhos de Rodrigo Rojas, futuro presidente do próximo Congresso Latino-americano de Psicologia, e disse: “esse grupo vai com você”. Tal afirmativa provocou muitos sorrisos e novamente muita emoção.

De fato, espaços como esse são valorizados como fundamentais para o encontro e reencontro entre colegas, nessa pausa necessá-

ria entre a academia, o humano, entre as memórias e o racional, que permitem o fortalecimento de laços e o desejo de seguirmos adiante em rede, escolhendo sempre o trabalho coletivo.

### ***Seguimos nos encontrando***

Para retomar os trabalhos, propusemo-nos reunir em assembleia em março de 2023 com as pessoas integrantes da Rede, com a finalidade de começar a trabalhar com os elementos levantados na presente assembleia e, assim, dar consistência e continuidade à RedPsiRural.

### **Considerações finais**

A partir do trabalho realizado nos dois dias da assembleia, foram gerados diferentes indicadores de como estamos como Rede e como podemos continuar. Isso nos permite encontrar pistas de como podemos continuar trabalhando e o que devemos modificar e incluir no trabalho.

Consideramos que o espaço da assembleia é fundamental para abrir a discussão a respeito de tudo relacionado à Rede e ao trabalho que nela é realizado. Para além de ser um espaço de encontro, é um momento em que cada pessoa pode expressar as suas ideias e possamos entre todas e todos contribuir para melhorar o nosso trabalho em equipe, em rede, mas também o nosso trabalho com a comunidade com quem trabalhamos e para quem trabalhamos, as comunidades rurais.

A assembleia mais uma vez aponta para a importância da comunicação entre pares, seja para a troca de saberes e conhecimentos, como também para estabelecer quais são os compromissos com a Rede e até que ponto podemos comprometer-nos a trabalhar coletivamente. Isso também dá visibilidade à importância do trabalho em conjunto à necessidade de compartilhar o que cada companheira e companheiro está fazendo. Nesse sentido, a assembleia e o diálogo entre pares permitem atualizar as concepções sobre o que se entende por psicologia rural.

## **Agradecimento**

Agradecemos a cada integrante que fortalece a Rede Latino-americana de Psicologia Rural.

## **Referências**

Groff, A. R., & Maheirie, K. (2011). A mediação da música na construção da identidade coletiva do MST. *Política & Sociedade*, 10 (18), 351-370. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2011v10n18p351>

Mello, T. (1978). *Faz escuro mas eu canto: porque a manhã vai chegar* (4. ed.). Civilização brasileira.

Mota, M. S. (2020). Guardiões de sementes e memória biocultural. *Cadernos de Agroecologia*. 15 (2), 1-5 <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/4117/2760>

## SOBRE OS AUTORES

**Agacy Vieira de Melo Neto.** Brasil. Estudante de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Participante do projeto de pesquisa “A seca e suas implicações psicossocioambientais na vida de agricultores da região do Trairi-RN” e do Núcleo de Estudos Ambientais e Interações com as Ruralidades (NAIR). E-mail: agacyvmneto@hotmail.com

**Agna Clara Cândido dos Santos.** Brasil. Técnica em Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e estudante de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Participante do projeto de pesquisa “A seca e suas implicações psicossocioambientais na vida de agricultores da região do Trairi-RN” e dos projetos de extensão “Envelhecimento ativo: intervenções multiprofissionais no cuidado à pessoa idosa” e “Divulgação Científica: aproximando ciência e comunidade”. Participa do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos sobre Fome, Saúde e Sociedade. E-mail: agnaclaracandido@gmail.com

**Alais Benedetti.** Brasil. Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Compõe o grupo de pesquisa LECOPSU – Leituras do Contemporâneo & Processos de Subjetivação. E-mail: alaisbndtti@gmail.com

**Aldana Yisel Oliva.** Argentina (Misiones). Estudante avanzada de la Licenciatura en Psicología por la Universidad de la Cuenca del Plata (UCP). Miembro del Centro de Psicoanálisis de Misiones (CePMi). Participante en el proyecto de investigación “Capacitaciones y aprendizajes no formales en la formación de extensionistas rurales y su potencialidad para generar innovaciones en las prácticas” en la UCP. E-mail: aldanaoliva01@gmail.com

**Alejandra Olivera-Méndez.** México. Licenciatura en psicología (Universidad Iberoamericana). Maestría y doctorado en Desarrollo Social (Universidad de Reading). Profesora investigadora asociada en el Colegio de Postgraduados, Campus San Luis Potosí. Miembro fundador de la Red Latinoamericana de Psicología Rural, y Co-coordinadora General ad honórem y Coordinadora de Eventos y publicaciones de esta misma red de septiembre 2019 a diciembre 2022. E-mail: aleolivera@colpos.mx

**Amanda Thuns Biazzi.** Brasil. Psicóloga formada pela Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. Foi bolsista de extensão vinculada ao NIJUP- Núcleo de Pesquisa sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas. E-mail: amandabiazzi@id.uff.br

**Andressa Camila Lenz Sott.** Brasil. Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Monitora em Horta Escolar e Agroecológica na Escola Estadual Presidente Costa e Silva (Polivalente) em Juiz de Fora-MG. Doula formada pelo Gerando e membro da Associação de Doulas de Juiz de Fora (ADJF), atuando principalmente nos cuidados puerperais. Mobilizadora do projeto Plantio Solidário do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) da Zona da Mata de Minas Gerais. E-mail: acs.lenz@gmail.com

**Beatriz Corsino Pérez.** Brasil. Psicóloga. Graduação e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Docente do curso de Psicologia de Campos da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do NIJUP- Núcleo de Pesquisa sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas. E-mail: beatrizcorsino@id.uff.br

**Brisana Índio do Brasil de Macêdo Silva.** Brasil. Psicóloga. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: brisanaindio@gmail.com

**Camila Belén Soler.** Argentina, Misiones. Estudiante avanzada de la Lic. en Psicología por la Universidad de la Cuenca del Plata (UCP). Adscripta en Fundamentos en Filosofía (2020). Miembro del Centro de Psicoanálisis de Misiones (CePMi). Participante en el proyecto de investigación “Capacitaciones y aprendizajes no formales en la formación de extensionistas rurales y su potencialidad para generar innovaciones en las prácticas” en la UCP. E-mail: camilabelensoler@gmail.com

**Carlos Manuel Luna Maldonado.** Colombia. Diseñador Industrial. Especialista en Pedagogía Universitaria. Magíster en Desarrollo Sustentable. Cursa estudios de doctorado en Ciencias de la Educación. Docente categoría titular en la Universidad de Pamplona, Colombia. Investigador Junior en la categorización Colciencias – MinCiencias de Colombia. Expresidente de la Asociación Colombiana Red Académica de Diseño RAD; investigador principal de la Red de Conocimiento Especializado en Diseño & Política Pública RAD. Representante y secretario ejecutivo de la Comisión Profesional Colombiana de Diseño Industrial. E-mail: cmluna@unipamplona.edu.co

**Catalina Ayelén Zapponi.** Argentina, Misiones. Estudiante avanzada de la Lic. en Psicología por la Universidad de la Cuenca del Plata (UCP). Participante en el proyecto de investigación “Capacitaciones y aprendizajes no formales en la formación de extensionistas rurales y su potencialidad para generar innovaciones en las prácticas” en la UCP. E-mail: zapponicatalina@gmail.com

**Cícera Mônica da Silva Sousa Martins.** Brasil. Psicóloga. Mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico- Funcap. Pesquisadora Vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus, UFC), Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS/UFCA) e Núcleo de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Cariri (NUGEP/UFCA). Membro da Red de Psicologia Rural. E-mail: monicamartins\_sousa@hotmail.com

**Clarice Regina Catelan Ferreira.** Brasil. Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes pela Universidade Estadual de São Paulo – USP. Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – Umuarama-Pr. Email: claricercf@gmail.com

**Claudia Lopes Perpétuo.** Brasil. Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC-RS). Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – Umuarama-Pr. Email: clauperpetuo@gmail.com

**Concepción Sánchez Quintanar.** México. Psicóloga Facultad de Psicología UNAM, MC Divulgación Agrícola CP, Mtra. y Dra. Orientación y Desarrollo Humano UIA. Directora Fundadora Escuela de Psicología U Pedro-Gante Texcoco Méx. Profesora Investigadora Titular, desde 1984, Especialidad de Desarrollo Rural- CP Mex. Miembro del Sistema Nacional de Investigación Méx. E-mail: csq@colpos.mx

**Conrado Pavel de Oliveira.** Brasil. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cursando doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPG-PSI) da UFJF. Docente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). Membro do GT de Psicologia Comunitária da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) e da Rede Latino-Americana de Psicologia Rural. E-mail: conradopavel@yahoo.com.br

**Donatto Daniel Badillo Cuevas.** México. Licenciado en Psicología Social por la Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), maestro y candidato a doctor en Estudios Latinoamericanos en el

Programa de Posgrado em Estudos Latinoamericanos de la Universidad Nacional Autónoma de México (PPELA-UNAM). Obtuvo el Premio en Antropología Arturo Warman 2018. E-mail: donatto.baddillo.cuevas@gmail.com

**Fátima Santa Clara.** Argentina, Misiones. Licenciada en Psicología por la Universidad de la Cuenca del Plata. Adscripta de la cátedra Prácticas Profesionales Supervisadas por orientación en Laboral (UCP). Especializando en Psicología Clínica de la Discapacidad en la Universidad de Buenos Aires (UBA). Psicóloga educacional para personas con discapacidad en el Centro Integral de Atención Especializada (CIAE). Participante en el proyecto de investigación “Capacitaciones y aprendizajes no formales en la formación de extensionistas rurales y su potencialidad para generar innovaciones en las prácticas” en la UCP. Correo electrónico: psicologa.fatimasantaclara@gmail.com

**Felipe Andrés Valenzuela Levi.** Chile. Terapeuta Ayurveda, Instructor de Kundalini Yoga y Psicólogo Social Comunitario. Director y Coordinador Académico en AyurSattva. Gestor de Piuke Mapu, un espacio para el desarrollo e integración entre la permacultura, el saber de los pueblos originarios y tribales y las medicinas naturales. Investigador en Psicología Rural y en Psicología con enfoque decolonial. E-mail: felipe.valenzuela@uc.cl

**Fernanda Fernandes Gurgel.** Brasil. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1999), com Doutorado em Psicologia Social pela UFRN / UFPB, e estágio doutoral na Universidade Complutense de Madri (Espanha). Professora Adjunta da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairí (FACISA/UFRN). Coordenadora do Núcleo de Estudos Ambientais e Interação com as Ruralidades (NAIR). Participante do GT Psicologia Ambiental da ANPEPP. Sócia fundadora da Associação Brasileira de Psicologia Ambiental e Relações Pessoa-Ambiente (ABRAPA). E-mail: fernandafurgel@hotmail.com

**Fernando Landini.** Argentina. Licenciado en psicología (Universidad de Buenos Aires), magíster en Desarrollo Rural (Universidad Politécnica de Madrid) y doctor en psicología (Universidad de Buenos Aires). Investigador categoría Independiente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Profesor de postgrado de la Universidad de la Cuenca del Plata, la Universidad de Buenos Aires y la Universidad Nacional de Entre Ríos. Especializado en el estudio de procesos de extensión e innovación agropecuaria desde una perspectiva psicosocial. E-mail: landini\_fer@hotmail.com

**Florencia Lance.** Argentina. Editora (Facultad de Filosofía y Letras, UBA), licenciada en Ciencias Sociales y Humanidades (Universidad Nacional de Quilmes) y magister en Estudios Sociales Latinoamericanos (Facultad de Ciencias Sociales, UBA). Actualmente coordina la Red de abordaje institucional con pueblos indígenas del INTA y forma parte del equipo de la Dirección Nacional Asistente de Transferencia y Extensión. Tiene a su cargo el convenio entre el INTA y el Ministerio de Trabajo, Empleo y Seguridad Social de la Nación. E-mail: lance.florencia@inta.gob.ar

**Francimara Souza da Costa.** Brasil. Engenheira agrônoma. Doutora em Ciências Socioambientais. Professora na Universidade Federal do Amazonas. Atua no ensino, pesquisa e extensão nas áreas de agricultura familiar, sustentabilidade, desenvolvimento rural e socioambiental, socioeconomia rural e cooperativismo. E-mail: francimaracosta@yahoo.com.br

**Gabriel Rodrigues do Nascimento.** Brasil. Engenheiro de Pesca e Pedagogo. Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas e Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Docente na Secretaria Municipal de Educação de Manaus. E-mail: gabriel.nascimento@semed.manaus.am.gov.br

**Geana Batista Luciano.** Brasil. Indígena da etnia Baniwa. Psicóloga. Graduação em Psicologia no Centro Universitário Famepro. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Psicóloga no Projeto de Abordagem Social Reajudari Se Kérupe – Ajude-me a sonhar. E-mail: geanabaniwa@gmail.com

**Ginny Rocio Luna Rodríguez.** Colombiana, residente en el municipio de Pamplona, departamento Norte de Santander. Psicóloga por la Universidad Santo Tomás, especialista en investigación social por la Universidad Industrial de Santander, magíster en Psicología Social Comunitaria, por la Pontificia Universidad Católica de Chile y estudiante del doctorado en Psicología Social y de las Organizaciones de la Universidad de Barcelona. Docente de la Maestría en Psicología Comunitaria de la Universidad Nacional Abierta y a Distancia – UNAD. Feminista e investigadora de procesos de empoderamiento de mujeres campesinas. E-mail: ginny.luna@unad.edu.co

**Halaine Cristina Pessoa Bento.** Brasil. Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora Vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus, UFC). E-mail: halaine\_cristini@hotmail.com

**Haydelín Rosa Rodríguez Chávez.** Cuba. Residente en Argentina. Licenciada en Psicología (Cuba). Doctoranda en Psicología (Universidad de Buenos Aires). Universidad de la Cuenca del Plata (Misiones). Becaria del Consejo de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) (Argentina). Investigadora. Instituto de Investigaciones Agropecuarias “Jorge Dimitrov” (Cuba). E-mail: hrdchavez@gmail.com

**Inês Hennigen.** Brasil. Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do grupo de pesquisa LECOPSU – Leituras do con-

temporâneo & Processos de subjetivação. E-mail: ineshennigen@gmail.com

**Ingrid Jonária da Silva Santos.** Brasil. Técnica em Agroecologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Estudante de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Participante do Núcleo de Estudos Ambientais e Interações com as Ruralidades (NAIR), do projeto de pesquisa “A seca e suas implicações psicossocioambientais na vida de agricultores da região do Trairi/RN” e do projeto de extensão “Compreendendo a realidade e construindo saídas: uma ação com os trabalhadores rurais do município de Santa Cruz/RN”. Email: ingridjonaria@gmail.com

**Ingridy Silva Costa.** Brasil. Psicólogo. Especialização em Saúde Mental (FLATED), Especialização em Saúde da Família e Comunidade (UFPI), Mestranda em Psicologia (UFDPAr). Formação em Gestalt-Terapia com crianças e adolescentes (Centro Gestáltico de Fortaleza). Psicóloga do Núcleo Ampliado de Saúde da Família da cidade de Água Doce do Maranhão. E-mail: ingryd.delta@hotmail.com

**Isabela Santos Mendonça.** Brasil. Acadêmica do Curso de Psicologia – Universidade Paranaense – UNIPAR. isabela.mendonca@edu.unipar.br

**Jáder Ferreira Leite.** Brasil. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1998); mestrado (2003) e doutorado (2008) em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; estágio pós-doutoral junto ao NUCOM-UFC (2014) e ao GEMA-UFPE (2020). É professor associado II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Presidente da ABPP (Gestão 2017 - 2018), coordenador e membro do GT Saúde Comunitária da ANPEPP (2017-2018). Membro da diretoria da ANPEPP (2021/2022). E-mail: jaderfleite@gmail.com

**Janaína Léia Passos da Silva.** Brasil. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (2022). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: janainaleiapassos@gmail.com

**Joice Barbosa Becerra.** Argentina. Psicóloga. Magister en Ciencias Sociales. Doctoranda en Antropología Social de la Universidad de Buenos Aires (UBA). Personal técnico de Instituto de Ciencias Antropológicas de la UBA. Docente de postgrado de la Universidad Nacional Tres de Febrero (UNTREF) y la Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES). Tutora de la capacitación de la Ley Micaela en Acción del Ministerio de las Mujeres, Género y Diversidad. Miembro de la Red de Psicología y Pueblos Indígenas Originarios. E-mail: joicebarbosa@gmail.com

**João Paulo Sales Macedo.** Brasil. Psicólogo. Mestre (2007) e Doutor (2011) em Psicologia pela UFRN. Professor Associado 2 da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr. Está vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) e da Universidade Federal do Ceará (UFC). É membro do GT/ANPEPP “Políticas de subjetivação e invenção do cotidiano”. Fez parte da Diretoria da Associação Brasileira de Psicologia Política (Biênios 2017-2018 e 2019-2020), no cargo de vice-presidente da Regional Nordeste. Bolsista PQ 2 do CNPq. E-mail: jpmacedo@ufpi.edu.br

**Juliana Camargo de Faria Pirró.** Brasil. Graduada em Psicologia pela UNESP. Especialista em Saúde Mental e Saúde Pública pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento Regional de Saúde DRS-IX Marília/SP na modalidade Aprimoramento Profissional. Especialista em Saúde das Populações do Campo pelo Programa de Pós-Graduação da UPE na modalidade Residência Multiprofissional em Saúde da Família com ênfase em Saúde do Campo (RMS-FC). Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação da UFAL. E-mail: juliana.pirro.opd@gmail.com

**Juliana Thimóteo Nazareno Mendes.** Brasil. Assistente Social. Graduação e mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (PosGeo/UFF). Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social e do Curso de Serviço Social, da Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Pesquisa sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas (NIJUP). E-mail: juliana\_mendes@id.uff.br

**Kássia Pereira Lopes.** Brasil. Graduação em Administração de Recursos Humanos no Centro Universitário do Norte, Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Amazonas, Pós-Graduação Lato Sensu em Psicologia Hospitalar no Instituto de Ciência, Educação e Tecnologia de Votuporanga, Mestranda em Processos Psicossociais do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Psicóloga Clínica. E-mail: kassiapsy@gmail.com

**Kátia Antunes Zephiro.** Brasil, Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Licenciada em História (Uerj), Especialista em Gênero e Diversidade Sexual (Uerj), Mestre e Doutora em Educação na linha de Relações Étnico-raciais (UFRRJ). Professora Substituta na Licenciatura em Educação do Campo na UFRRJ e docente no Ensino Fundamental do Município de Angra dos Reis. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Movimentos Sociais, Política e Cultura (GPMC). E-mail: katiazephiro@ufrj.br

**Kíssila Teixeira Mendes.** Brasil. Psicóloga e Cientista Social, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: kissilamm@hotmail.com

**Krisna Tolentino Toro.** Chile. Psicóloga Universidad de Santiago de Chile. Psicoterapeuta sistémica en niñas, niños y adolescentes y diplomada en intervención en crisis de la Pontificia Univer-

sidad Católica de Chile. Master en Investigación Social y Doctora en Psicología de la Universidad Autónoma de Barcelona. Académica Universidad SEK. E-mail: Tolentinokrisna@gmail.com

**Ladjane de Fátima Ramos Caporal.** Brasil. Licenciatura em Psicologia. Especialização em psicologia clínica de abordagem analítica (Unicap). Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (UFRPE). MBA em gestão de Pessoas (Fundação Getúlio Vargas, Brasília). Doutoranda em Sociedad e Medio Ambiente (Universidad Pablo de Olavide). Psicóloga/Psicanalista. Atua junto a projetos de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente e Desenvolvimento de Capacidades no âmbito da cooperação internacional no Brasil. Professora da graduação e pós-graduação em psicologia e supervisora em clínica psicológica. Email: ladjane.caporal@gmail.com

**Lara de Araújo Miranda.** Brasil. Graduação em Psicologia. Especialização em Psicologia Clínica de Abordagem Psicanalítica (FM). Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Jurídicas da Universidad Internacional de Andalucía (UNIA) e Universidad Pablo de Olavide (UPO). Atuo como Psicóloga Clínica no acompanhamento a adolescentes, adultos e idosos; supervisora em clínica psicológica; e no contexto da Psicologia Rural, junto a projetos de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, com agricultoras (es), populações ribeirinhas e quilombolas. Pesquisadora na área de gênero e populações quilombolas. Email: laramirandapsi@gmail.com

**Leda Regina de Barros Silva.** Brasil. Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF/SSC/Campos). Mestre e Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS/UERJ). Docente Associada do curso de graduação em Serviço Social da UFF, em Campos dos Goytacazes. Membro do Núcleo de Pesquisa sobre Dinâmica Capitalista e Ação Política (NETRAD) e do Núcleo de Pesquisa sobre Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas (NIJUP). E-mail: ledabarro@id.uff.br.

**Letícia Lopes de Souza.** Brasil. Psicóloga. Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lleticialds@gmail.com

**Liana de Andrade Esmeraldo Pereira.** Brasil. Psicóloga. Doutora em Desenvolvimento Sustentável com ênfase em Política e Gestão da Sustentabilidade pelo Doutorado Interdisciplinar (DINTER)/PPGCDS-UnB/UFCA. Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Coordenadora do Projeto Resistência na Comunidade Baixio das Palmeiras: Psicologia, Saúde e Meio Ambiente e do Núcleo em Gestão de Pessoas (NUGEP UFCA). Membro do Grupo Impulsor da Red Latinoamericana de Psicología Rural. E-mail: liana.esmeraldo@ufca.edu.br

**Lorena Silva Marques.** Brasil. Psicóloga e Especialista em Saúde Mental pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgPsi/UFRN). Residente em Psicologia pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade da Secretária Municipal de Saúde de João Pessoa/PB. Email: lorenasmrqs@gmail.com

**Luani Akemi Furyama.** Brasil. Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Residência Integrada Multiprofissional na Atenção à Urgência e Emergência - HU/UEM. Psicóloga. E-mail: luani.furyama@gmail.com

**Lucas Nascimento de Almeida.** Brasil. Atualmente cursando agronomia pela Universidade Federal do Amazonas. Foi bolsista pelo Laboratório de Bioativos de Origem Microbiana desta mesma universidade. Também atuou como monitor voluntario da disciplina de Entomologia Agrícola por três vezes, e por uma vez nas disciplinas de Morfologia e Anatomia Vegetal e também da disciplina de Fertilidade do Solo. E-mail: lucasalmeida.ll72@gmail.com

**Luciana Vazquez.** Argentina. Licenciada en Psicología (Universidad de Buenos Aires – Argentina). Cursando Especialización en Desarrollo Rural (Universidad de Buenos Aires). Trabaja actualmente en el Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA) en el área de Género -Personal de Orientación en Género y en la Red de Abordaje Institucional con Pueblos Indígenas. Investigadora en temáticas de salud, género y pueblos indígenas en el ámbito rural. Miembro de la Red de Psicología Rural Latinoamericana. E-mail: luciana\_vazquez@hotmail.com

**Lucrecia Petit.** Argentina. Licenciada en Psicología. Doctora en Psicología por la Universidad de Buenos Aires (UBA). Docente-investigadora en materias sociales y de salud comunitaria en la UBA y profesorado de nivel terciario. Docente en Posgrado en Salud Comunitaria (Universidad Favaloro) y del curso “Comunidades nustramericanas: territorios, memorias y otredad” (Universidad Nacional de Quilmes). Integra la Red de Psicología y Pueblos Originarios de Argentina. Trabaja como psicóloga comunitaria en atención primaria de la salud en el Municipio de La Matanza. Coordina talleres y espacios de formación en interculturalidad con el equipo La Garúa. E-mail: lucretpetit@gmail.com

**Luiz Paulo Ribeiro.** Brasil. Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FM-UFMG). Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (FaE-UFMG). É Professor Adjunto no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da FaE-UFMG e docente permanente do PPGCI-SE-UFMG e do PGGPSPV-UFMG. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luizribeiro@live.com

**Luz Vallejos.** Argentina, Chaco. Licenciada en Antropología Social y Cultural (Universidad Nacional de Misiones). Diplomada en Educación Ambiental y el Pensamiento Ambiental Latinoameri-

cano (Universidad Nacional de Santiago del Estero). Hice distintos cursos de postgrado. Desempeño funciones como técnica de terreno del INTA (Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria; Agencia de Desarrollo Rural J. J. Castelli y Unidad Operativa ProHuerta Villa Río Bermejito), acompañando procesos socio-culturales autogestivos iniciados por asociaciones comunitarias Qom y Criollas. E-mail: vallejos.maria@inta.gob.ar

**Maísa Lemos de Lima.** Brasil. Pedagoga pela Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED), licenciada em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pós-graduada a nível *lato senso* em Psicopedagogia pelo Instituto Superior de Educação do Amazonas (ISEAMA), educação especial e PROEJA, pelo Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas (IFAM), especialista em Docência do Ensino Superior e Coordenação Pedagógica pela, Universidade Católica Dom Bosco. Membro do Conselho Municipal de Educação de Presidente Figueiredo-AM, e mestranda em educação (UFAM). E-mail: lemosnaisa2009@hotmail.com

**Manuela Rocío Martinez.** Argentina. Lic. en Psicología. Maestranda de Desarrollo Rural en la Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de las Misiones. Doctoranda de Psicología, Universidad Nacional de Córdoba. Docente de las cátedras de Psicología Institucional y Comunitaria y Problemáticas Socioculturales Contemporáneas en la carrera de Psicología, Universidad de la Cuenca del Plata. Docente de Psicología Social y de los grupos en la carrera de Psicología, Universidad Católica de las Misiones. Coordinadora general y de Comunicación de la Red Latinoamericana de Psicología Rural. E-mail: manuelamartinez.r@outlook.com.ar

**Marcela Almeida Faria.** Brasil. Graduação em Psicologia (CRP 04/71205) pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: marcelafariacontato@gmail.com

**Marcelo Calegare.** Brasil. Graduação em Psicologia, mestrado e doutorado em Psicologia Social (IP-USP). Pesquisador visitante no Lapsea/INPA (2011-2014). Pós-doutorado no PGPDE/UnB (2020-2021). Professor adjunto da Faculdade de Psicologia e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Coordenador do laboratório Yandê Kaá Pura (nós da floresta, em nheengatu) e do grupo de pesquisa “Pessoa, Sociedade e Ambiente na Amazônia”. Membro do GT Etnopsicologia da ANPEPP. E-mail: mcalegare@ufam.edu.br

**Maria Alane Pereira de Brito.** Brasil. Administradora Pública. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: alanebrito95@gmail.com

**Maria da Graça Silveira Gomes da Costa.** Brasil. Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com período de estágio junto ao Departamento de Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha. Atualmente realiza estágio pós-doutoral em Psicologia no PPGpsi (UFRN). Coordena o projeto Travessias - descolonizar a clínica. Participa dos grupos de pesquisa Modos de Subjetivação, Políticas Públicas e Contextos de Vulnerabilidades; Corpo, gênero e sexualidade; LAICOS-IAPSI (Espanha) e Núcleo de Psicologia Política da UFAL (NPP-UFAL). E-mail: mariaggomes@gmail.com

**Maria do Perpetuo Socorro Rodrigues Chaves.** Brasil. Assistente Social. Mestrado em Sociologia Rural. Doutora em Política Científica e Tecnológica (interdisciplinar) - UNICAMP e em Processus d'Innovation Changements Organisationnel no Centre International de Recherche Sur l'Environnement et le Devellopment (CI-RED), Paris/França. Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas, vinculada ao Programa de Pós-graduação Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia e ao Programa de Pós-graduação em Biotecnologia. E-mail: socorro.chaves@outlook.pt; socorro.chaves@pq.cnpq.br

**María Guadalupe Candia Gomez.** Argentina (Misiones). Estudiante avanzada de la Licenciatura en Psicología por la Universidad de la Cuenca del Plata (UCP). Participante en el proyecto de investigación “Capacitaciones y aprendizajes no formales en la formación de extensionistas rurales y su potencialidad para generar innovaciones en las prácticas” en la UCP. Adscripta a las cátedras Psicología Social, Familia y Sistemas y Salud Pública-Salud Mental. E-mail: [guadalupecg94@gmail.com](mailto:guadalupecg94@gmail.com)

**Maria Inês Gasparetto Higuchi.** Brasil. Psicóloga, Mestre em Ecologia Humana e Desenvolvimento Infantil pela Michigan State University-EUA; Doutora em Antropologia Social pela Brunel University-UK. Pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, responsável pelo Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental- LAPSEA/INPA. Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia-PPG-CASA/UFAM. Atuação em pesquisas sobre comportamento socioambiental e educação ambiental. E-mail: [higuchi.mig@gmail.com](mailto:higuchi.mig@gmail.com)

**Maria Ivonete Barbosa Tamboril.** Brasil. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (1996), mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2000), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2005) e pós-doutorado pela Universidade Federal do Oeste do Pará (2017). E-mail: [ivonetetamboril@unir.br](mailto:ivonetetamboril@unir.br)

**Maria Laís dos Santos Leite.** Brasil. Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Servidora técnico-administrativa da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos em Políticas Públicas, Territorialidade e Diferenças-Uné (UFCA/CNPq). Membro do Grupo Impulsor e integrante da Coordenação de Comunicação da Red Latinoamericana de Psicología Rural - RedPsiRural. E-mail: [mlaisleite@gmail.com](mailto:mlaisleite@gmail.com)

**Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa.** Brasil. Psicóloga. Graduada e Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: mariapedrosapsi@gmail.com

**Mariana Duarte Milani de Holanda.** Brasil. Psicóloga. Universidade Paranaense – UNIPAR. mariana.holanda@edu.unipar.br

**Mateus Vitor dos Reis.** Brasil. Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: mateus.reis@estudante.ufjf.br

**Narciso Barrera Bassols.** México. Graduação em Geografia. Doutorado em Faculdade de Ciências pela Universidade de Gent, Bélgica (2002). Docente na Universidad Autónoma de Querétaro, México. Tem experiência na área de Geociências. Professor na Faculdade de Filosofia da Universidad Autónoma de Querétaro (México). Professor convidado nas Universidades de Andalucía (Espanha) e de Cauca (Colômbia). Membro do Comitê Técnico Acadêmico da Rede Temática de Etnoecología y Patrimonio Cultural do CONACYT (México). Email: nbarrerabassols@icloud.com

**Nathalia Pereira da silva.** Brasil, Seropédica, Rio de Janeiro. Discente do curso Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Discente do curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: nhaliapereira@gmail.com

**Oetsia Vargas Smits.** Brasil. Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (FCM/UPE). Especialização em Psicologia Social e Comunidades pela Faculdade de Tecnologia de Curitiba (FATEC PR) em parceria com Instituto Cooperativo Parentes (CE). E-mail: oetsia@gmail.com

**Paloma Leandra Garcia Melo.** Brasil. Bacharel em Zootecnia pela Universidade Federal do Amazonas, Mestranda em Ciência Animal na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Atualmente é pesquisadora no projeto Amazônidas, subsidiado pela FAPEAM em conjunto com a Universidade Federal do Amazonas, fazendo parte do Grupo COOPBIO que atua nas áreas de bioeconomia, extensão rural e cooperativismo. E-mail: palomaleandrag@gmail.com

**Priscila Cristina Correia da Silva.** Brasil, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Discente do curso de Licenciatura em Educação do Campos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: priscilacristinasilva1997@gmail.com

**Rafael Silva dos Santos.** Brasil. Graduado em Psicologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Especialista em Arte Educação: cultura brasileira e linguagens artísticas contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Psicologia, linha de pesquisa Psicologia e Processos Psicossociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Psicólogo Clínico, Terapeuta Integrativo e Educador Popular. E-mail: rrafaelssilva.santos@gmail.com.

**Rafaella Carvalho de Souza.** Brasil. Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: rafacarvaihojf150@gmail.com

**Rita de Cássia Barros Nunes.** Brasil. Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: ritab205@gmail.com

**Rita de Cássia Maciazeki-Gomes.** Brasil. Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Universidade do Porto (UP) em cotutela com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do curso de Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) e da Residência Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Cofundadora do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Cos-

teiros e Marítimos (GESCEM-FURG). Coordenadora do Núcleo Sul da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). E-mail: ritamaciazeki@gmail.com

**Roberta de Castro Moreira.** Brasil. Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: rocastromoreira@gmail.com

**Rodrigo Rojas Andrade.** Chile. Licenciado en Psicología por la Universidad de Tarapacá, Magister en Gestión Educacional por la Universidad Andrés Bello, Magister en Psicología Comunitaria y Doctor en Psicología por la Universidad de Chile. Profesor asociado de la Universidad de Santiago. Consultor en ciencias de implementación y director de la Comisión de Investigación del Núcleo Latinoamericano de Global Society Implementation. Investigador del FONDECYT “Estudio mixto de determinantes psicológicos de la Fidelidad de la Implementación en profesionales vinculados a la Salud Mental Escolar en Educación Pública”. E-mail: rodrigo.rojas.a@usach.cl

**Ryanne Wenecha da Silva Gomes.** Brasil. Graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar). E-mail: ryannewenecha@hotmail.com

**Sandra Emilia Hoffman Martins.** Argentina. Lic. en Psicología. Maestranda de Desarrollo Rural en la Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de las Misiones. Doctoranda de Psicología, Universidad de Buenos Aires. Docente de la cátedra de Psicología social, familia y sistemas en la carrera de Psicología, Universidad de la Cuenca del Plata. Coordinadora general y de articulación externa de la Red Latinoamericana de Psicología Rural. Correo: martins-sand@hotmail.com

**Sandra Forero Salazar.** Colombia. Diseñadora Industrial. Especialista en Gestión de Proyectos. Magister en Educación. Cursó estudios de doctorado en Ciencias de la Educación. Docente categoría asociado en la Universidad de Pamplona. Investigadora Junior en

la categorización Colciencias – MinCiencias de Colombia. E-mail: sforero@unipamplona.edu.co

**Santiago Conti.** Argentina. Licenciado en Psicología por la Universidad de Buenos Aires-UBA. Diplomado en Desarrollo Local y Economía Social por FLACSO-Argentina. Magíster en Psicología Comunitaria por la Universidad de Chile. Doctor en Psicología por la UBA. Investigador del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Profesor de la Universidad Nacional de Río Negro (UNRN). Presidente del III Congreso Latinoamericano de Psicología Rural (Bogotá, Colombia, 2019). Reside en Bariloche, Río Negro, Argentina. E-mail: santiago.conti@gmail.com

**Saulo Luders Fernandes.** Brasil. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2002-2007). Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2002-2007). Doutor em psicologia pela Universidade de São Paulo (2014-2016). Realiza pesquisas e projetos de extensão na área de psicologia social com ênfase na luta e garantia de direitos de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e movimentos de luta pela terra. Professor do programa de pós-graduação de psicologia nível mestrado na UFAL. E-mail: saupsico@gmail.com

**Silvia Pimentel.** México. Psicóloga (Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM); especialidad en Psicooncología (Instituto Nacional de Cancerología – INCAN); Maestría en Desarrollo Rural con perspectiva de Género; Doctorado en la University of Sheffield en Resiliencia, imaginación y trauma por abuso infantil. Profesora Investigadora del Colegio de Postgraduados en Ciencias Agrícolas. Docente de las materias: Infancia rural e indígena, Psicología rural en el **género e** interculturalidad, Teoría y técnica de la entrevista rural. E-mail: silviapimentel@colpos.mx

**Shutther González Rosso.** Colombia. Psicólogo social comunitario. Máster en salud mental itinerario clínica social. Magíster en psicología comunitaria. Doctorando en Psicología en la Universi-

dad de Palermo. Actualmente docente e investigador en el programa de psicología en la Universidad Nacional Abierta y a Distancia (UNAD). Líder Grupo de investigación Cuchavira. Investigador en temas de memoria histórica, conflicto armado, ruralidad y salud mental comunitaria. E-mail: shutther.gonzalez@unad.edu.co

**Socorro de Fátima Moraes Nina.** Brasil. Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário do Norte (UniNorte), Bacharel em Serviço Social (UFAM). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM). Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Professora-Adjunta da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA/UEA) e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFAM) e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC/UEA). Líder do Grupo de pesquisa NISA/UEA- Núcleo Interdisciplinar Saúde e Ambiente (Cnpq). E-mail: snina@uea.edu.br

**Suely Salgueiro Chacon.** Brasil. Economista. Mestra em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), Pós-Doutora em Economia do Desenvolvimento na Universidad Autónoma de Madrid. Docente da Universidade Federal do Ceará (UFC), atuando nos cursos de Graduação de Gestão de Políticas Públicas e de Economia Ecológica, e no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP). E-mail: suelychacon@ufc.br

**Telmo Mota Ronzani.** Brasil. Psicólogo. Especialista em Saúde Coletiva. Mestre em Psicologia Social (UFMG), Doutor em Ciências da Saúde (UNIFESP), Pós-Doutorado em Saúde Pública (Uconn Health Center) e Saúde Mental (USP). Pós-doutorando em Psicologia Social (UFRN). Professor Titular do Departamento de Psicologia da UFJF. Editor Chefe do International Journal of Mental Health and Addictions. Bolsista de Produtividade 1 D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: tm.ronzani@gmail.com

**Thamara Barbosa Teixeira Dias.** Brasil. Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Coordenadora desde 2022 do Núcleo Juiz de Fora da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Mobilizadora do projeto Plantio Solidário do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) da Zona da Mata de Minas Gerais. E-mail: thamaradias84@yahoo.com.br

**Thayslla Araújo Falcão.** Brasil. Acadêmica em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Integrante do Grupo Amazônico de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação (GAEPPE), onde participa do Programa de Iniciação Científica PIBIC/UNIR. Participante da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO/RO). E-mail: thaysllafalcao@gmail.com

**Thais de Negreiros Sales.** Brasil. Estudante de Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pesquisadora pelo Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário (LABINS) na linha de pesquisa de processos psicossociais: identidade e movimentos coletivos. Experiência nas temáticas de permanência estudantil, ações afirmativas e decolonização. E-mail: thaisnsales-negreiros@outlook.com

**Vinicius Farage Silva.** Brasil. Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Acadêmico do curso de Ciências Sociais da UFJF e de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: vinicius\_farage@hotmail.com

**Wania Ribeiro Fernandes.** Brasil. Graduação em Psicologia pela Faculdade de Biologia e Psicologia Maria Thereza. Especialização em Gerontologia e Geriatria Interdisciplinar pela UFF. Mestrado em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde pela UFRJ. Doutorado em Educação em Ciências e Saúde pela UFRJ. Pós-Doutora em Saúde Coletiva, pelo Departamento de Saúde Coletiva (DSC)

da Faculdade de Ciências da Saúde (FS) da Universidade de Brasília (UnB). Professora Adjunta da FACED-UFAM e colaboradora do PPGE. Líder no grupo do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia Diferencial. E-mail: waniafer@gmail.com

**Wladson de Jesus Souza.** Brasil. Administrador. Mestre em Ciência e Tecnologia para Recursos Amazônicos da Universidade Federal do Amazonas. Pesquisador no projeto de pesquisa Amazônidas, fazendo parte do Grupo COOPBIO, uma parceria entre a UFAM e FAPEAM, atuando nas áreas de governança, bioeconomia, cooperativismo, extensão rural e ciências ambientais. E-mail: wladsonsouza@hotmail.com

**Weverton Corrêa Netto.** Brasil. Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: weverton.correa@estudante.ufjf.br

**Yoná Ingrid Trajano de Moraes.** Brasil. Técnica em Edificações pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Estudante de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Participante do projeto de pesquisa “A seca e suas implicações psicossocioambientais na vida de agricultores da região do Trairi-RN” e do projeto de extensão “Envelhecimento ativo: intervenções multiprofissionais no cuidado à pessoa idosa”. E-mail: yona.ingrid@gmail.com

**Zulmira Áurea Cruz Bomfim.** Brasil. Psicóloga. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, desenvolvendo Pesquisas na linha de vulnerabilidade social e processos psicossociais. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus, UFC). E-mail: zulaurea@gmail.com

¿Qué es y qué hace la Psicología Rural? Este campo de acción de la Psicología se propone en respuesta a una falta de métodos, enfoques, herramientas y estrategias diseñados o adaptados específicamente al contexto rural. El presente volumen es una recopilación de trabajos completos y reflexiones realizadas a partir del IV Congreso Latinoamericano de Psicología Rural (CLAPRU), realizado en la Universidade Federal do Amazonas (UFAM) en Manaus, Brasil, del 28 de noviembre al 1º de diciembre de 2022 y organizado en conjunto con la Red Latinoamericana de Psicología Rural (RedPsiRural). El libro se divide en diez temáticas importantes dentro del campo de acción de la Psicología Rural, iniciando con un tópico general, seguido por ambiente, ciclos de vida, educación, extensión rural, movimientos sociales, políticas públicas, pueblos originarios y salud, finalizando con reflexiones de todas las presentaciones realizadas en las mesas de trabajo del IV CLAPRU. Se presentan trabajos realizados en diferentes países latinoamericanos, entre ellos Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Cuba, México y Uruguay, siendo un total de 55 capítulos presentados en el idioma original de los autores.

O que é e para que serve a Psicologia Rural? Este campo de atuação da Psicologia é proposto em resposta à carência de métodos, abordagens, ferramentas e estratégias especificamente desenhadas ou adaptadas ao contexto rural. Este volume é uma compilação de trabalhos completos e reflexões feitas a partir do IV Congresso Latino-Americano de Psicologia Rural (CLAPRU), realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Manaus, Brasil, de 28 de novembro a 01 de dezembro de 2022, e organizado em conjunto com a Rede Latino-Americana de Psicologia Rural (RedPsiRural). O livro está dividido em dez temas importantes dentro do campo de atuação da Psicologia Rural, começando com um tema geral, passando por meio ambiente, ciclos de vida, educação, extensão rural, movimentos sociais, políticas públicas, povos indígenas e saúde, finalizando com reflexões de todas as apresentações feitas nas mesas de trabalho do IV CLAPRU. São apresentados trabalhos realizados em diferentes países da América Latina, incluindo Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, México e Uruguai, com um total de 55 capítulos apresentados no idioma original dos autores.